

INSTITUTO SUPERIOR DE PSICOLOGIA APLICADA
MESTRADO EM PSICOPATOLOGIA E PSICOLOGIA CLÍNICA

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Percursos do Casamento: uma abordagem psicodinâmica da
evolução do casal

Patrícia Teixeira - N° 14150

2009

INSTITUTO SUPERIOR DE PSICOLOGIA APLICADA
MESTRADO EM PSICOPATOLOGIA E PSICOLOGIA CLÍNICA

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Percursos do Casamento: uma abordagem psicodinâmica da
evolução do casal

Patrícia Teixeira - Nº 14150

DISSERTAÇÃO ORIENTADA POR: Prof.^a Doutora Ângela Vila-Real

Instituto Superior de Psicologia Aplicada

2009

Queria agradecer a todos aqueles que me acompanharam nesta viagem:

Nas ondas, os casais que se disponibilizaram a partilhar a sua experiência no casamento e tornaram este trabalho possível,

No leme, a Professora Doutora Ângela Vila Real, por ter aceite acompanhar-me nesta aventura, orientando-me com as suas críticas e sugestões sempre enriquecedoras,

Na vigia, a Dr.^a Maria de Jesus Girão, incansável na sua procura de casais para este estudo. A seu lado, a minha colega e amiga Iva do Carmo, por todo o apoio e disponibilidade dentro e fora dos seminários de orientação.

Nas velas, as minhas irmãs, pelas horas intermináveis que passámos a falar acerca destas coisas das relações e que me despertaram o interesse por estes assuntos,

Na bússola, os meus pais, que sempre me apoiaram nas minhas escolhas e que me inspiraram com o seu casamento de 39 anos,

No farol, o Filipe, com quem partilhei este trabalho e com também eu vivo a minha história de amor.

RESUMO

O presente trabalho teve como objectivo construir um modelo compreensivo da evolução da relação do casal e explicitar as diferenças existentes entre homens e mulheres neste percurso, à luz da perspectiva psicodinâmica do casal.

Para tal, realizaram-se entrevistas semi-estruturadas a sete casais, sendo cada homem e cada mulher entrevistados separadamente. Os casais seleccionados têm um tempo de casamento que varia entre os 26 e os 48 anos e as idades dos participantes variam entre os 47 e os 68 anos. Os dados recolhidos foram sujeitos ao processo de análise de conteúdo, que pretendeu, simultaneamente, aceder aos conteúdos manifestos e latentes dos seus discursos. A análise efectuada destacou o papel determinante dos conflitos do casal neste percurso. Assim, foi possível identificar quatro estilos de evolução dos casais: “Os Gémeos”, “Os Pais e Filhos”, “Os Idealizados” e “Os Desiludidos”. Estes estilos foram definidos pela natureza do conflito dominante, pela angústia que este desencadeia e pelas defesas que o casal activa face a esta. Homens e mulheres parecem ter papéis diferenciados na constituição dos diferentes estilos de evolução. As mulheres parecem ser mais determinantes na constituição do conflito dominante e os homens mais determinantes na escolha dos mecanismos de defesa perante esse conflitos. Foram ainda encontradas diferenças nos géneros contrárias aos estereótipos tradicionais dos seus papéis no casamento, resultantes das transformações sociais desta geração de participantes.

Palavras-Chave: Casal, Casamento, Evolução, Mudança, Relação de Objecto, Ciclo de Vida.

ABSTRACT

This work aimed to build a comprehensive model of the couple's relationship evolution and clarify the existing differences between men and women over this process, in light of couple's psychodynamic perspective. Semi-structured interviews were conducted at seven couples, where each man and woman was interviewed separately. The selected couples have been married between 26 and 48 years, aged 47 to 68. The gathered data have been subjected to content analysis which simultaneously intended to gain access to their speech manifest and latent contents. This analysis emphasized the determining role of the couple's conflict in this process. Therefore, it was possible to identify four styles of couples' evolution: "The Twins", "The Parents and Sons", "The Idealized" and "The Disappointed". These styles were defined by the nature of the dominant conflict, by the unlashd anguish and the couple's defences towards it. Men and women seem to have differentiated roles when establishing the several evolution styles. Women seem to be more determining on the establishment of the dominant conflict and men in the choice of the defence mechanisms when facing it. Differences between genders, contrary to traditional stereotypes of the marriage roles, were found as a result of the social changes related to the participants' generation.

Keywords: Couple, Marriage, Evolution, Change, Object Relations, Life Cycle

Introdução.....	1
Perspectiva Histórica.....	2
Evolução da Terapia de Casal.....	4
Bases Teóricas.....	6
W. R. D. Fairbairn e M. Balint.....	6
M. Klein e W. Bion.....	7
H. Dicks.....	8
J. Bowlby.....	9
O Édipo.....	9
M. Morgan.....	10
O. F. Kernberg.....	12
J. P. Caillot e G. Decherf.....	14
O Ciclo de Vida.....	16
Evolução e Mudança da Relação de Casal.....	19
Método.....	26
Participantes.....	26
Instrumento.....	26
Procedimento.....	30
Análise Resultados.....	31
Resultados.....	33
Homens e Mulheres.....	33
Casais “Os Gémeos”.....	43
Casal 2.....	43
Casais “Os Pais e Filhos”.....	47
Casal 1.....	47
Casal 3.....	51
Casais “Os Idealizados”.....	56
Casal 4.....	56
Casal 5.....	59
Casal 6.....	62

Casais “Os Desiludidos”.....	65
Casal 7.....	65
Discussão.....	69
Referências.....	74
Anexos (Volume 2)	
Anexo A: Carta aos Casais.....	1
Anexo B: Entrevistas e Cotação.....	3
Anexo C: Sequências de discurso.....	154
Anexo D: Contra-transferências.....	201
Anexo E: Descrição Categorias.....	211
Anexo F: Exemplo tabela de análise casal (casal 6).....	265
Anexo G: Resumo tabela análise comparativa homens e mulheres.....	271
Anexo H: Tabela análise casais.....	CD
Anexo I: Tabela análise comparativa homens e mulheres.....	CD

Lista de Tabelas

TABELA 1: Exemplo tabela de análise casal (casal 6).....	265 (Vol. 2)
TABELA 2: Resumo tabela análise comparativa homens e mulheres.....	271 (Vol. 2)
TABELA 3: Tabela análise casais.....	CD (Vol. 2)
TABELA 4: Tabela análise comparativa homens e mulheres.....	CD (Vol. 2)

*Espaço sem portas, sem estradas, o do amor.
O primeiro desejo dos amantes
é serem velhos amantes.
E comecem assim
o amor pelo fim.*

Regina Guimarães, O do Amor

INSTITUTO SUPERIOR DE PSICOLOGIA APLICADA
MESTRADO EM PSICOPATOLOGIA E PSICOLOGIA CLÍNICA

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Percursos do Casamento: uma abordagem psicodinâmica da
evolução do casal
(Volume 2)

Patrícia Teixeira - N° 14150

2009

INSTITUTO SUPERIOR DE PSICOLOGIA APLICADA
MESTRADO EM PSICOPATOLOGIA E PSICOLOGIA CLÍNICA

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Percursos do Casamento: uma abordagem psicodinâmica da
evolução do casal
(Volume 2)

Patrícia Teixeira - Nº 14150

DISSERTAÇÃO ORIENTADA POR: Prof.^a Doutora Ângela Vila-Real

Instituto Superior de Psicologia Aplicada

2009

INTRODUÇÃO

As relações dos casais não representam uma unidade estável, mas sim um organismo que está em constante mudança e desenvolvimento no decorrer da vida em comum. Por outro lado, estas relações são passíveis de constituir, por si, uma unidade de análise, semelhante ao indivíduo singular.

Deste modo, o presente trabalho tem como objectivo construir um modelo compreensivo da evolução da relação do casal e explicitar as diferenças existentes entre homens e mulheres neste percurso. Não se pretende que este modelo seja passível de ser generalizado a todos os casais, mas sim que descreva de um modo fiel o percurso dos casais que foram entrevistados neste estudo.

Estudar a evolução do casal, os mecanismos que estão por detrás das suas transformações e o modo como estas são vivenciadas pelos sujeitos que o constituem, parece ser importante para a compreensão daquilo que une duas pessoas e as mantém juntas ao longo da vida. Permite-nos igualmente perceber as suas dificuldades e identificar os seus momentos de crise nesta evolução.

Por outro lado, nesta tentativa de compreender o percurso da relação de casal, parece ser importante distinguir o modo como esta evolução é percebida e vivenciada por homens e por mulheres, dadas as diferenças de papéis que, biológica e culturalmente estão associadas às diferenças de géneros.

Assim, espera-se que um estudo aprofundado desta evolução possa contribuir para uma melhor compreensão do funcionamento do casal e, conseqüentemente, possibilitar uma intervenção terapêutica mais adequada nesta área. Espera-se igualmente, que os resultados aqui apresentados possam fornecer novas direcções ao nível da investigação na área da Psicologia do Casal.

Um casal constitui a menor entidade sociológica existente e tem como função formar uma só família, a partir de duas famílias de origem. Enquanto agente do campo social, o conceito de casal é fundamental para a perpetuação da espécie (Valtier, 2004).

Originários de duas culturas familiares diferentes, os membros do casal podem, assim, possuir culturas complementares ou mesmo antagónicas. A memória da relação com os seus pais, registada durante a infância, influencia a maneira de um sujeito estabelecer relações no futuro. Esta operação é então constituída por recordações conscientes destas relações e, simultaneamente, por conteúdos reprimidos ou esquecidos. Deste modo, a maneira de estar com o outro actua como uma instância psíquica inconsciente e a repetição de experiências anteriores constitui um dos mecanismos elementares do modo de estar na relação (Valtier, 2004).

O casal representa, assim, uma série de antagonismos: o eu e o outro, o plural e o singular, o feminino e o masculino, sendo a contradição uma parte intrínseca da vida partilhada. É a forma como se tenta superar esses antagonismos que indica a qualidade dos vínculos interpessoais (Valtier, 2004).

Perspectiva Histórica

O conceito de casal é mais recente que o conceito de família, de clã ou de tribo. A família distinguiu-se da tribo na passagem da Pré-História para a História, enquanto o casal só se isolou da família com o advento da eleição do companheiro e, consequentemente, com a introdução de elementos puramente psíquicos na constituição dessas alianças.

Assim, ao longo da História, tem-se assistido a um movimento de privatização da vida conjugal e familiar, resultante de alterações da própria sociedade. A este movimento estão associadas mudanças das formas de conjugalidade, dos seus objectivos e dos sentimentos associados a esta união.

Até ao início do século XX, o casamento era visto como uma instituição. As células familiares eram formadas com o objectivo de alargamento ou manutenção de património nas classes burguesas, ou pelas necessidades de sobrevivência

económicas dos sectores mais desfavorecido, estando a escolha do cônjuge a cargo do pai de família. A vida conjugal era então desprovida de romance e erotismo, existindo este para os homens fora de casa, já que as relações extra-conjugais eram socialmente aceites. As assimetrias entre homens e mulheres eram acentuadas e havia uma total divisão de papéis. O casal partilhava o seu espaço com a família alargada, devido à descontinuidade entre socialização primária (aprendizagem das crianças dos seus papéis e atitudes) e secundária dos indivíduos (aquisição de conhecimento de funções específicas) (Russo & Santos, 1981; Torres, 2002).

Com a Revolução Industrial, houve uma partilha do papel socializador entre a família e as instituições externas, passando a existir uma diferenciação clara entre socialização primária e secundária. Esta diferenciação permitiu um isolamento da área privada da existência do indivíduo e do casal. Esta reorganização da família implicou uma reorganização arquitectónica do próprio lar: começou a haver distinção entre espaço público e privado da casa e separação dos quartos segundo idades e sexos (Russo & Santos, 1981).

No início do século XX, surge a concepção do casamento romântico, motivado pela escolha amorosa. O amor é visto como um “estado” que vence todos os males, havendo sobreposição entre este e a paixão, atracção física e erotismo. Porém, as assimetrias entre homens e mulheres mantêm-se, já que estas são consideradas como estando mais vocacionadas para emoções, domesticidade e relações familiares. No entanto, este tipo de motivação para o casamento não se mostrou suficiente, já que novas expectativas e representações foram responsáveis pelo aumento do número de divórcios nos anos 60.

Assim, surge o casamento como uma construção, em que o amor e a paixão constituem os pretextos iniciais, mas procura-se que se transformem num sentimento mais estável e construído. O outro é então menos idealizado, tornando-se mais falível, menos entusiasmante e mais previsível, o que poderá provocar distância, conflitos e tensões. Este modelo implica maior paridade entre homens e mulheres, mas conserva ainda assimetrias (Torres, 2002).

Actualmente, em Portugal, verifica-se uma tendência para a convivência de vários modelos de organização familiar, que estão baseados no bem-estar emocional, autonomia individual e paridade entre géneros. A adopção destes modelos é visível na diminuição dos casamentos católicos, no aumento da coabitação prévia ao

casamento e da taxa de divórcio (Aboim, 2005). No entanto, um estudo de Anália Torres (2002) sugere que as mudanças no sentido da simetria entre géneros ocorreram mais ao nível dos valores que regem o modelo ideal de família, e não tanto nas práticas.

Os motivos que estão na base do casamento actual parecem então incluir motivos pragmáticos em relação ao tabu da sexualidade, motivos de alcance de estabilidade, estatuto e respeitabilidade social, motivos ritualistas ou motivos espiritualista (no caso do casamento católico por convicção) (Torres, 2002). A escolha do parceiro procura responder a critérios de proximidade social, geográfica e etária (Rosa, 2005).

Evolução da Terapia de Casal

Na procura das perspectivas teóricas que influenciaram as actuais concepções da psicologia do casal, parece inevitável olhar para o desenvolvimento do próprio conceito e prática da terapia de casal.

A terapia do casal encontra as suas origens principalmente na psicanálise britânica e na teoria de sistemas familiares americana.

Nos seus primórdios, a teoria psicanalítica centrava-se quase exclusivamente na vida interior do indivíduo. Esta teoria enfatizou o carácter inato das tendências para a sexualidade e agressão (Freud, 1905) e a importância da infância e dos pais na formação das estruturas psíquicas. No entanto, o modo como as características dos pais afectavam o comportamento dos filhos foi descrito em termos de fantasias dos filhos de romance e agressão ao rival, e não em termos do efeito real da personalidade e estilos de paternidade dos pais (Freud, 1923).

O enfoque no interior do indivíduo constituiu assim as limitações da teoria e técnica da psicanálise clássica, que impossibilitava os psicanalistas de pensarem o casal como uma unidade de tratamento (Scharff & Scharff, 2007).

Por outro lado, nos Estados Unidos, a teoria de sistemas familiares entendia o casal como parte constituinte do sistema familiar, e não como sistema isolado. Esse sistema familiar inclui não só os seus filhos, como também as famílias de origem de

cada membro do casal. Estes sistemas são limitados por regras e, quando se dá a formação de um casal, há uma colisão das regras de cada família de origem. Assim, o casal terá de fazer uma síntese que governe o sistema do casal e da nova família que está a formar. A relação entre os membros do casal é caracterizada segundo a simetria ou complementaridade e hierarquia ou equilíbrio. Os seus comportamentos são estáveis e previsíveis, conferidos pelo sistema de regras (Dring & Kingston, 1992). Sem um entendimento da influência do inconsciente no comportamento dos indivíduos, esta teoria parecia encontrar as suas limitações na incompreensão das forças irracionais que direccionam o sistema (Scharff & Scharff, 2007).

Foi com a emergência da teoria das relações de objecto, na Grã-bretanha, que foi possível a aplicação da Psicanálise ao casal.

Inicialmente, a Teoria das Relações de Objecto emergia igualmente como terapia individual, mas a forma como lidava com as questões relacionadas com a relação entre o analista e analisando, possibilitou a sua aplicação no domínio do casal. (Scharff & Scharff, 2007).

A evolução anterior encontrou a sua conceptualização, em 1957, com a publicação do texto de Henry Dicks “Marital tensions”. Neste texto, Dicks integra a estrutura endopsíquica de Fairbairn (1944/1952) e o conceito de identificação projectiva de Klein (1955/1975), desenvolvendo as bases teóricas de uma terapia de casal clinicamente útil. Nesta concepção, dois terapeutas tratavam os membros do casal separadamente e, posteriormente, comentavam entre si as sessões, na presença de um supervisor, de modo a conseguirem ver de que forma as estruturas psíquicas individuais do casal os afectava. Dicks conclui assim que estas estruturas interagem ao nível consciente e inconsciente através do mecanismo da identificação projectiva, de modo a formar uma personalidade conjugal, que funciona como unidade de tratamento. Posteriormente, considerou que seria mais eficiente um único terapeuta a experienciar a interacção do casal (Scharff & Scharff, 2007).

Bases Teóricas

A perspectiva psicodinâmica encara a relação amorosa como sendo decorrente da primeira relação de amor: a relação da mãe com o seu bebé. Defende que a cristalização dos desenvolvimentos precoces torna-se parte da estrutura psíquica do sujeito e ajuda a sustê-lo na relação de casal (Morgan, 2005)

Parece assim ser importante resumir o contributo dado por alguns autores desta área na conceptualização da influência que as relações precoces têm na relação amorosa.

W. R. D. Fairbairn e H. Balint

No seu modelo de estrutura psíquica, Fairbairn (1944/1952) defende que o indivíduo é organizado pela sua necessidade fundamental de se relacionar com o outro, ao longo da vida, renunciando desta forma à teoria das pulsões freudiana (Greenberg & Mitchell, 2003). Fairbairn (1944/1952) defende que, quando o bebé procura a mãe, inevitavelmente irá encontrar situações de desapontamento. Assim, a mãe consegue ser receptiva sem ser abertamente sedutora, que estabelece limites sem ser opressora, irá provocar no seu bebé sentimentos de segurança, plenitude, amor e satisfação. Simultaneamente, pode ser uma mãe torturante, insegura e superprotectora, excessivamente cuidadosa ou sexualmente sedutora, que irá oprimir a criança e imprimir-lhe sentimentos de carência e ansiedade. Esta mãe surge igualmente como deprimida, esgotada, ou zangada quando tem de responder às necessidades do bebé, provocando neste sensações de rejeição, zanga e abandono. (Scharff & Scharff, 2007).

Numa experiência frustrante, o bebé introjecta a imagem da mãe como objecto interno insatisfatório, por rejeição ou por excitação. O bebé separa os aspectos insatisfatórios e que são insuportáveis para si do objecto interno e recalca-os por serem demasiado dolorosos. Porém, quando essa separação ocorre, as partes do Eu que estão relacionadas com esses aspectos são também separadas e reprimidas. Na ligação entre a parte do Eu e o objecto interno, encontra-se associado um afecto: ao objecto de rejeição são associados afectos de tristeza e raiva; ao objecto de excitação estão associados sentimentos de ansiedade e desejo. Na consciência permanece o objecto ideal, que está ligado ao Eu central e que se associa a

sentimentos de satisfação. Estes movimentos estarão assim na base da estruturação psíquica em três partes do Eu: relação com objectos internos centrais, relação com objectos de excitação; relação com objectos de rejeição (Greenberg & Mitchell, 2003). Em estados de saúde, estes elementos encontram-se de forma equilibrada no fluxo dinâmico interno. Nos estados patológicos, um elemento torna-se preponderante. Assim, podemos ver um sujeito fixado numa postura de rejeição zangada ou um sujeito fixado numa posição excitada, sedutora e sexualizada na relação com os outros (Scharff & Scharff, 2007).

Michael Balint (1951/1965), seguidor de Fairbairn e de Ferenczi, defende que a procura de “amor de objecto primário” está virtualmente subjacente a qualquer outro fenómeno psíquico e que as relações de objecto estão presentes desde o começo da vida. A primeira relação de objecto constitui um “amor de objecto passivo” e que a procura de amor primário é a primeira e mais básica forma de relação de objecto, estando subjacente a todas as outras. Deste modo, rejeita a noção de narcisismo primário, afirmando que este surge como compensatório pelo fracasso em obter amor primário. É também como reacção a este fracasso que surge a agressividade e as gratificações sexuais. No entanto, ao contrário de Fairbairn (1944/1952), Balint (1951/1965) não renuncia totalmente à teoria pulsional, mas constitui um modelo misto, já que a libido apresenta duas tendências: a procura do prazer e a procura do objecto (Greenberg & Mitchell, 2003).

Finalmente, a genitalidade, caracterizada por Balint (1951/1965) como “amor de objecto activo”, representa uma tentativa de proteger o amor passivo, amando-se o outro para, em retorno, ser-se total e incondicionalmente amado (Greenberg & Mitchell, 2003)

M. Klein e W. Bion

Na sua teoria, Klein (1955/1975) argumenta que todos os relacionamentos íntimos se caracterizam pelo uso inconsciente do mecanismo da projecção. Este está presente desde a primeira relação mãe e bebé e prolonga-se pelas relações que sujeito vai tendo ao longo da sua vida. Através da identificação projectiva, o sujeito transmite parte do seu Eu para o interior do objecto, onde ressoa como a organização

inconsciente desse receptor. Através do mecanismo de identificação introjectiva, o receptor de uma identificação projectiva capta aspectos do outro (Scharff & Scharff, 2007).

Outro contributo importante de Klein (1928/1985) nesta área diz respeito ao conceito de “pais combinados”. A experiência da criança é, assim, influenciada não só pelos pais externos, reais, como pelo seu mundo de fantasia e da sua imagem combinada dos pais como um casal (Rosenthal, 2005).

Bion (1967/2003) descreve o ciclo contínuo de identificações projectivas e introjectivas que ocorre entre a mãe/pai e o bebé, mutuamente. Assim, no processo de holding, a mente do pai/mãe acolhe as ansiedades não estruturadas da criança e estas vão ressoar inconscientemente na estrutura mental dos pais. Estes reagem com um entendimento mais estruturado e desintoxicado, estruturando assim a mente da criança. A mente da criança é, então, produto das interacções afectivas e cognitivas com os pais. O mesmo ocorre na relação do casal: um ciclo contínuo de identificações projectivas e introjectivas que serve como uma forma de comunicação inconsciente que está na base dos relacionamentos primários profundos (Scharff & Scharff, 2007).

Bion (1961/1999) fala ainda do conceito de “valência”, que descreve como uma reacção de aproximação espontânea entre dois estranhos num contexto de grupo, motivada pelo ajuste entre as suas necessidades inconscientes. Um casal é duas pessoas, inicialmente estranhas, que optam por se juntar numa relação íntima, devido às suas necessidades inconscientes (Scharff & Scharff, 2007).

H. Dicks

Como já foi referido, Dicks (1967) construiu a sua teoria acerca do funcionamento dos casais integrando os elementos das teorias de Fairbairn e de Klein acima explicitados. Deste modo, definiu o casamento como um estado de identificação projectiva contínua, em que as interacções podem ser compreendidas em termos de necessidades conscientes e em termos de suposições inconscientes partilhadas e acordos de funcionamento. Na base da decisão do casamento, os determinantes culturais são os mais óbvios e incluem aspectos como partilha de

origens ou valores, consciente para os sujeitos. No entanto, Dicks salienta que o que determina a qualidade a longo prazo de um casamento é este ser motivado pelo ajuste inconsciente entre os conjuntos de relações objectais internas de cada parceiro.

J. Bowlby

Utilizando uma abordagem etológica, baseada nas teorias da evolução de Darwin, Bowlby explorou as concepções de Fairbairn (1944/1952) de que é a relação com os outros que direcciona a motivação humana. Deste modo, Bowlby considera que estas relações estão inerentes à própria sobrevivência da espécie.

Na infância, a criança apresenta um sistema comportamental instintivo com o objectivo de garantir a protecção, proximidade e conexão emocional à mãe, de modo a garantir a sua sobrevivência. Este sistema seria seleccionado durante a evolução primitiva da espécie humana e constituiria os laços de vinculação à mãe (Greenberg & Mitchel, 2003; Scharff & Scharff, 2007). Estes laços representam, então, uma dimensão importante do funcionamento psíquico, que é pertinente do nascimento até à morte (Mintz, 2004).

No seguimento das teorias propostas por Bowlby, a teoria da vinculação actual considera que a idade adulta é caracterizada pela estabilidade dos comportamentos de vinculação, que se baseiam nos modelos construídos na infância. Nos adultos, assiste-se a uma reactualização das relações de vinculação através das relações amorosas e do acesso ao papel de progenitor. Nesta fase, porém, a função do laço de vinculação não está relacionada com a necessidade de sobrevivência, mas sim com a sobrevivência da espécie, dado o seu contributo para a educação dos bebés. A vinculação adulta difere ainda da infantil pela qualidade simétrica e pela dimensão sexual da relação (Mintz, 2004).

O Édipo

Segundo a perspectiva psicodinâmica, o estabelecimento das relações amorosas só será possível após a experiência edipiana, já que esta irá permitir a estruturação triangular do aparelho psíquico. A resolução do conflito edipiano

implica não só a renúncia dos primeiros objectos de amor, como a constatação da sua imaturidade biológica, o que inibe a pulsão sexual (Gonçalves, 1986).

A psicanálise utiliza o mito de Édipo para mostrar a relação triangular complexa que se estabelece entre a mãe, o pai e a criança. Os padrões que a criança irá experienciar nesta situação irão ser determinantes para a sua estruturação psíquica e poderão influenciar todas as relações subsequentes, que irá estabelecer ao longo da sua vida (Morgan, 2005).

A situação edipiana e a sua resolução parece assim ter um papel fundamental na estruturação das relações amorosas adultas. Numa tentativa de perceber o modo como decorre esta influência, parece necessário olhar para as teorias de alguns autores que se debruçaram sobre esse assunto.

M. Morgan

No seu texto “A importância do Casal Criativo na vida psíquica” (2005), M. Morgan baseia-se nas concepções de Klein e Bion para demonstrar a importância da situação edipiana no estabelecimento das relações de casal adultas.

A criança está envolvida numa relação de prestação de cuidados com o seu pai e com a sua mãe. A sua relação com estes inclui necessariamente aspectos da relação que se estabelece entre os pais, como a sua relação sexual e a sua capacidade de produzir vida. Numa situação de desenvolvimento saudável, em que a criança é capaz de tolerar a relação especial estabelecida entre os seus pais, a criança irá tomar consciência da experiência de ser incluída ou excluída e da existência de diferentes tipos de natureza de relacionamento entre os sujeitos. Simultaneamente, este confronto irá permitir-lhe o reconhecimento das diferenças geracionais e das barreiras que estas lhe impõem. Estas aprendizagens têm, assim, um papel determinante na estruturação da personalidade da criança.

Lidar com as vicissitudes da relação triangular representa um desafio ao narcisismo e à onnipotência da criança.. Esta terá de renunciar à sua fantasia onnipotente de se tornar parte do casal sexual formado pelos seus pais e reconhecer e tolerar que esta é uma relação especial que lhe está vedada. Só assim é que a criança será capaz de introjectar os seus pais como um casal e este casal como um

objecto psíquico único. Este objecto introjectado estará então na origem da possibilidade de, no futuro, a criança ser capaz de estabelecer o seu próprio casal sexual como adulto. Deste modo, a situação edipiana não só influencia a capacidade de estabelecer uma relação de casal, como contribui de uma forma essencial para o conhecimento intrínseco do que significa fazer parte de um casal.

A situação edipiana requer capacidade de lidar com a perda, aquando da renúncia da onnipotência, de modo a ser resolvida. Se tal não for alcançado, no futuro, será impossível investir totalmente numa relação de casal íntima. Nas relações em que os parceiros estão demasiado envolvidos numa relação com os objectos primários ou edipianos, verifica-se uma falta de investimento emocional no parceiro e uma tendência para estabelecer relações com os seus próprios filhos em que estes têm o papel de suporte ou de confidentes. Tais atitudes não só minam o próprio casamento, como põem em causa o próprio desenvolvimento edipiano dos seus filhos. Por outro lado, se a situação edipiana for bem resolvida, ou seja, se a criança for capaz de reconhecer a diferença existente entre a relação dos seus pais entre si e a relação destes consigo, na adultícia, esta situação será reconfigurada e já lhe é suportável excluir os seus próprios filhos dos aspectos da sua relação de casal.

A consciência de que a mãe é um objecto separado e que esta possui relações que excluem a criança, permite a esta o desenvolvimento do pensamento tridimensional. Assim como a criança se reconhece como observadora de um casal de que está excluída, pode igualmente desenvolver uma ideia de si numa relação em que há um terceiro excluído e que a observa. Eventualmente, esse terceiro será internalizado como um aspecto de si e representar a sua capacidade para observar-se a si própria na sua relação e, assim compreender-se como parte do casal. Em situações de crise conjugal, o outro membro do casal poderá assumir esta função de observador de si na relação. Desta forma, a perspectiva diferente do outro não será sentido como destrutora da sua, mas como sendo capaz de entrar na sua psique e encaixar no seu pensamento. A qualidade da situação edipiana contribui, desta forma, para um desenvolvimento contínuo da psique do sujeito, durante a relação de casal adulta e criativa.

O. F. Kernberg

Kernberg (1991) considera que é a capacidade que cada um tem para se apaixonar que é o pilar básico da relação do casal. Esta capacidade implica estabelecer uma ligação entre a idealização e o erotismo e, implicitamente, estabelecer uma relação de objecto profunda. Implica ainda, segundo este autor, a capacidade de recrutar a agressão ao serviço do amor. O desafio do casal consistirá no domínio das proibições edipianas em relação ao envolvimento sexual com um objecto amado e idealizado do sexo oposto, impostas durante a situação edipiana.

Deste modo, Kernberg considera que o homem se encontra numa procura inconsciente da mãe ideal e de uma mulher com a qual poderá replicar a sua relação com esta, mas onde o sexo e a ternura poderão coexistir. A mulher, por seu lado, procura inconscientemente um homem que represente o pai edipiano e que lhe permita reencontrar-se com a sua genitalidade vaginal. Simultaneamente, este homem irá representar para a mulher a mãe pré-edipiana, satisfazendo as suas necessidades de dependência, ao mesmo tempo que expressa tolerância à intimidade sexual.

O estabelecimento de triangulações por parte do casal constitui um cenário comum e típico que pode tanto reforçar a intimidade do casal, como conduzir à sua destruição. Quando a triangulação é directa, há a fantasia de uma terceira parte excluída, um membro idealizado do mesmo sexo do sujeito e que representa um rival. Esta fantasia permite a repetição da rivalidade da situação edipiana e está na origem da insegurança na intimidade sexual e do ciúme, e que poderão funcionar como sinais de alarme que protegem a integridade do casal. Quando a triangulação é inversa, há uma fantasia compensatória e vingadora do envolvimento do sujeito com um membro idealizado do sexo oposto, que não é o seu parceiro. Assim, a triangulação é estabelecida de modo a permitir ao sujeito ser cortejado por dois membros do sexo oposto, em vez de ter de competir com o rival edipiano.

Para além da relação entre a situação edipiana e a formação e funcionamento do casal, outra contribuição importante de Kernberg para esta temática prende-se com a formação do Superego na fase edipiana e a sua influência na relação adulta.

Kernberg (1993) considera que os casais funcionam como receptáculos de fantasias e desejos sexuais dos seus parceiros e, simultaneamente, das suas relações de

objecto, activando assim as funções conscientes e inconscientes dos superegos dos seus parceiros. É o conjunto destas funções num novo sistema superegógico próprio, que Kernberg denomina de “Superego do Casal”.

A maturidade deste novo superego, depende da maturidade dos superegos individuais de cada parceiro. Um superego primitivo, dominado pela patologia, activa os seus precursores sádicos e estes têm o potencial de destruir a relação. Por outro lado, um superego maduro, expresso na preocupação pelo parceiro e por si, protege as relações objectais do casal, promovendo o amor e o compromisso. No entanto, como o superego inclui sempre reminiscências dos conflitos edipianos, pode ameaçar a capacidade para o amor sexual por inibição ou proibição das expressões de ternura e desejo sexual pelo objecto. Deste modo, o superego deve reforçar a capacidade de fazer perdurar a paixão sexual do casal. Da mesma forma, o superego maduro deverá ser capaz de proteger a relação contra as activações inevitável da agressão, resultante da ambivalência associada a qualquer relação íntima.

As funções do superego do casal incluem ainda a criação de um sistema de valores comum, que delimita o funcionamento do mesmo. Esta função permite que ambos os membros do casal contribuam criativamente para a resolução dos seus conflitos. A transgressão ao sistema de valores construído pelo casal funciona como um alarme que o protege de uma possível ruptura.

Finalmente, Kernberg considera que a construção do Ideal do Eu surge no desenvolvimento do sujeito como uma subestrutura do superego. Esta construção é indispensável à capacidade de se enamorar. Enamorar-se, tal como Freud (1914/1983) explicitou, implica idealização do outro, e esta não é mais que a projecção no outro do seu ideal do eu próprio. Esta valorização irá implicar um escoamento da libido narcísica do sujeito para o objecto, havendo uma diminuição no investimento próprio. O objectivo do estado amoroso é constituir uma unidade fusional. Assim, quando o amor é retribuído, o Eu vai recuperar parte dos valores atribuídos ao objecto e reintegrá-los em si próprio (Luzes, 1986). Mas Kernberg (1993) considera que a projecção do ideal do eu no outro não enfraquece a sua auto-estima, mas sim incrementa-a, já que as aspirações do Eu Ideal encontraram assim a sua realização.

J. P. Caillot e G. Decherf

A referência ao trabalho de Caillot e Decherf (1989) parece ser fundamental quando se pretende uma perspectiva psicodinâmica das relações de casal. Apesar das suas concepções ultrapassarem as influências da situação edipiana, esta apresenta-se como central na sua teoria.

Caillot e Decherf (1989) consideram que, quando olhamos o indivíduo e investigamos os meios de que ele se serve para obter a satisfação das suas moções pulsionais, não nos podemos abstrair das relações que se estabelecem entre este e os outros. Deste modo, estes autores identificam três modos de funcionamento fundamentais: o individual; o grupal e familiar; e o funcionamento do casal. O seu conceito de “objecto casal” tem como base a concepção de Klein (1928/1985) de pais combinados e consiste numa representação unitária do casal que tem um corpo e uma psique comuns e imaginários.

Cada modo de funcionamento fundamental segue duas tendências: a diferenciação ou a indiferenciação entre o sujeito e o objecto em questão. A diferenciação entre o indivíduo e o objecto casal, origina um espaço comum fantasmático, intermediário e ambíguo, onde se articulam os “casais internos” de cada parceiro e onde os membros do casal podem ser elaborados. A indiferenciação entre indivíduo e objecto casal, pelo contrário, origina uma relação de objecto casal narcísica e uma consequente indiferenciação entre os seus membros, não havendo espaço psíquico próprio.

O fantasma originário dos pais combinados, a representação imaginária da cena primitiva, assume uma grande importância nesta teoria já que, por um lado, reúne em si as três grandes categorias da identidade, a família, o casal e o indivíduo, e, por outro lado, as suas características alteram-se no decorrer do processo edípiano, de acordo com as características próprias de cada posição psíquica. As características que este fantasma irá manter na relação de casal adulta, irão determinar a sua natureza.

Na posição narcísica paradoxal, a cena primitiva é representada pela mãe sendo simultaneamente penetrante e penetrada, o que irá constituir um objecto paradoxal. Nesta posição predominam as pulsões de dominação, angústias catastróficas, identificações narcísicas adesivas e defesas que oscilam entre o narcisismo e o anti-narcisismo. O sujeito e o objecto são simultaneamente continente e conteúdo e a ausência do objecto é vivenciada como vazio. Nos casais

caracterizados por esta posição, a visão dos seus membros como gémeos reproduz a experiência especular primitiva. O seu investimento principal é no casal como objecto, impossibilitando o investimento na família ou no indivíduo.

Na posição esquizo-paranóide, a imagem dos pais combinados é percebida como persecutória. Há um predomínio das pulsões orais, anais e genitais, de angústia paranóide e de defesas como a clivagem do Objecto e do Eu e a idealização. Os objectos são parciais e a ausência destes é vivida como persecutória. No casal, esta posição refere-se à situação do bom casal que se sente ameaçado pela má família.

Na posição narcísica-fálica, a mãe fálica é representada pelos pais combinados, ou seja, numa representação onipotente da bissexualidade psíquica primária infantil. Neste funcionamento, há uma repartição entre o poder fálico e a castração da onipotência fálica. Há uma procura da posse do falo onipotente e da bissexualidade psíquica.

A posição depressiva representa um processo de unificação conjunta do Eu e do objecto, caracterizada pela ambivalência (amor e ódio pelo mesmo objecto) e a possibilidade de coexistência entre o casal, a família e o indivíduo. A representação do casal parental torna-se mais realista e inclui uma atitude ambivalente de desejo de juntar e de separar os pais e família. O objecto torna-se total e as pulsões evoluem para um domínio genital. A angústia dominante é a da castração e a defesa principal o recalque. A ausência do objecto provoca angústia depressiva e culpabilidade, mas também desejo de reparação do objecto, reconhecimento da dependência deste e gratidão.

A posição depressiva marca o declínio da onipotência e o desenvolvimento do Édipo. A organização edipiana supõe o reconhecimento da diferenciação de sexos, de gerações e de ser, bem como da realidade externa e interna, conduzindo o indivíduo para a indiferenciação entre si e os objectos. Mas, por outro lado, se houver uma ausência do recalque, da integração das grandes diferenças, do estabelecimento do interdito de incesto e do reconhecimento da dependência dos pais, o sujeito permanece indiferenciado do objecto, o que poderá provocar o anti-narcisismo patológico ou mesmo o desaparecimento do objecto.

Após a resolução da situação edipiana, e tal como já referimos, há um recalque da pulsão sexual. Esta, sujeita a um processo de recalque que se

instala no princípio do período de latência, irá ter dois fins: uma parte será desviada e irá constituir a base para o aparecimento e desenvolvimento de novos interesses na área cognitiva e de socialização, através de mecanismos de defesa como sublimações, deslocamentos, formações reactivas e contra-investimentos; outra parte mantém-se inconsciente e submetida ao primado do princípio do prazer, e a sua não satisfação irá promover os processos de mentalização, estabelecendo uma relação privilegiada com a vida fantasmática inconsciente e promovendo um aumento da participação psíquica (Gonçalves, 1986). Segundo Freud (1905), o verdadeiro objecto de amor só será então encontrado na puberdade, quando há um predomínio da genitalidade, já que só nesta fase será possível ao sujeito formar um ideal total da pessoa que dá a satisfação amorosa.

O Ciclo de Vida

Após uma abordagem das teorias do desenvolvimento precoce e do seu contributo para a compreensão do funcionamento das relações de casal adultas, parece necessário perceber de que forma é que os desenvolvimentos subsequentes vão também influenciar o seu funcionamento. Partindo do pressuposto de que a relação de casal duradoura evolui com o desenvolvimento dos próprios sujeitos (Fingerman & Lang, 2004), parece ser importante olhar para as teorias do ciclo de vida e perceber de que forma esta relação ocorre.

A perspectiva do ciclo de vida surge com Jung e entende que o ciclo de vida é mais do que a infância, a adolescência e a idade adulta, ou seja, é o estudo de todo o desenvolvimento humano desde o nascimento até à morte (Jung, 1933/1971; Baltes, 1987). Para Jung (1933/1971) existem duas tendências fundamentais que determinam a evolução da vida adulta: a extroversão/introversão e a personalidade feminina/masculina. Considera que a juventude se caracteriza pela predominância da extroversão mas que, a partir da meia idade, vai havendo um predomínio gradual da introversão, que irá permitir a análise dos sentimentos, o balanço da vida e a tomada de consciência do inevitável encontro com a morte. Por outro lado, durante a infância, a personalidade é desenvolvida no sentido de um pólo feminino ou

masculino. Na idade adulta, porém, o pólo que foi reprimido é libertado, permitindo a conquista de um equilíbrio entre o Eu real e os estereótipos sociais.

Erik Erikson (1980), considera que o desenvolvimento ao longo do ciclo de vida é o resultado de uma intensa interação entre instintos inatos e exigências sociais. Assim, a emergência do sentido de identidade será um processo gradual, ao longo do qual o indivíduo deverá resolver oito crises, correspondentes a oito estádios de desenvolvimento: primeira infância – confiança vs. desconfiança; infância – autonomia vs. dependência; idade do jogo – iniciativa vs. culpabilidade; idade escolar – produtividade vs. inferioridade; adolescência – identidade vs. confusão de identidade; jovem adulto – intimidade vs. isolamento; adulto – geração vs. estagnação; velhice – desespero vs. integridade. Estes conflitos, ou tarefas, são cumulativos ao longo da vida.

Tendo em conta que o presente trabalho se centra nas relações de casal adultas, parece ser relevante centrar esta abordagem do ciclo de vida na meia-idade.

Não existe uma demarcação clara da meia-idade como fase de vida. Apesar se poder considerar os 30 anos como um marco cultural da meia-idade, esta parece diferir de acordo com os grupos sociais. Assim, a teoria do ciclo de vida abstrai-se da idade cronológica e centra-se nas especificidades próprias desta fase da vida. É que, ao contrário do desenvolvimento precoce, em que as questões biológicas têm um papel preponderante no progresso individual, na adultícia, apesar de se verificar algumas questões biológicas determinantes, há um predomínio dos constrangimentos sociais, culturais e ambientais. No entanto, em relação a estes, parece ser útil distinguir entre meia idade precoce e meia idade tardia (Staudinger & Bluck, 2001).

Segundo Neugarten (1996), com a idade adulta surge um novo conceito de tempo e este desempenha uma nova função. Assim, gradualmente, o adulto deixa de medir a vida desde o nascimento, mas sim em termos de tempo que falta para a sua morte. Deste modo, a conjugação do passado, presente e futuro torna-se numa realidade psicológica, que permite ao adulto consolidar o seu sentido do Eu, bem como o seu sentido no seu ciclo de vida. A consciência do ciclo de vida tem consequências na escolha dos objectivos e das prioridades pessoais e permite a comparação com os outros em termos do que é esperado ou do momento em que

ocorrem os eventos principais e as transições. Esta autora considera que as transições principais, como o aumento da responsabilidade em ter filhos, a consciência de si como parte entre gerações, a necessidade de estabelecer casamento ou ser avô, traduzem uma alteração entre o papel socializado do indivíduo para um papel socializador.

Tal com Erikson, também Havighurst (1972) considera todas as fases da vida como um tempo para executar várias tarefas desenvolvimentais, enfatizando o papel das aprendizagens. O desenvolvimento individual do adulto é influenciado e ocorre num contexto alargado às instituições sociais que o rodeiam. O indivíduo é assim desafiado a contribuir não só para o bem-estar próprio e da família, como também para o da comunidade que o envolve. Deste modo, terá como tarefas principais o alcance e a manutenção de um nível de carreira satisfatório e a manutenção de relações positivas, nomeadamente com o parceiro, os filhos e os pais. Simultaneamente, deverá procurar aceitar as mudanças psicológicas próprias da meia-idade, alcançar responsabilidade social e civil e desenvolver actividades de tempo livre satisfatórias para si.

Tal como já foi referido, Erikson (1980) considera que o conflito entre a geração e a estagnação é próprio desta fase da vida, entendendo por geração qualquer actividade que seja motivada pela preocupação com a geração seguinte.

Staudinger e Bluck (2001) distinguem as tarefas que estão subjacentes às duas subdivisões da meia idade. Assim, consideram que a meia idade precoce envolve maior crescimento e construção de recursos, sendo a tarefa principal a de consolidar a família e a carreira. A meia idade tardia, por seu lado, envolve menos crescimento e elaboração de perdas e a tarefa principal será a de procurar uma forma de lidar com a vida apesar destas.

No entanto, outros autores distinguem estas tarefas consoante os géneros (Levinson, 1978; Frieze, 1978). Levinson (1978), na sua teoria do desenvolvimento do homem adulto, entende a adultícia precoce como uma fase em que os homens estabelecem a sua identidade adulta, aceitam os desafios profissionais, desenvolvem uma relação íntima e constituem uma família. Na adultícia média, alcançados os objectivos anteriores, os homens procuram um sentido mais geral para a vida,

revedendo o seu passado e reorganizando as suas prioridades, geralmente privilegiando a família em detrimento da vida profissional. O grande desafio desta fase será assim o alcance do equilíbrio entre o amor e o trabalho. As mulheres, pelo contrário, sendo habitualmente prestadoras de cuidados dos filhos ou dos pais envelhecidos, já demonstraram o alcance desse equilíbrio (Frieze, 1978).

De uma forma geral, a adultícia surge como uma fase em que os indivíduos tentam encontrar o equilíbrio de diversas formas: entre o passado e o futuro, entre a carreira e a família ou, em termos de personalidade, entre a extroversão e a introversão ou o pólo feminino e o masculino (Staudinger & Bluck, 2001).

Evolução e Mudança da Relação de Casal

As relações de casal não são estanques. Ao longo de uma vida partilhada, vão-se verificando mudanças provocadas pelo desenvolvimento pessoal de cada um dos seus membros, pelas alterações que se verificam ao nível do contexto e da rede social alargada e pelas mudanças inerentes ao desenvolvimento da própria relação (Fingerman & Lang, 2004).

Numa tentativa de explicar a evolução comum à maioria dos casais, Gameiro (2007) distingue estádios de evolução do casal. Após uma fase de enamoramento, os parceiros decidem iniciar uma relação, motivados por necessidades de pertença e de auto-estima. No início da relação, assiste-se assim a uma fase de fusão entre os membros do casal. As fronteiras entre o “Eu” e o “Tu” são ténues, em benefício da construção de um “Nós” integrativo. Nesta fase, dá-se o confronto entre os respectivos modelos familiares herdados. Cada membro do casal terá assim de seleccionar o que vai adoptar e rejeitar desses modelos e, simultaneamente, é-lhe exigida a independência emocional da família de origem. O casal poderá então criar, conjuntamente, um modelo familiar próprio, regido por um sistema de regras explícitas e implícitas comuns aos seus membros. Por volta dos 7 anos, o casal encontra-se numa situação de fusão definitiva. O território está finalmente definido em termos de zonas de simetria e de complementaridade e os modos de resolução de

conflitos estão estabelecidos. Entre os 10 e os 15 anos de relação, verifica-se um movimento de retorno ao “Eu” e ao “Tu”. O casal faz um balanço da sua relação e assiste-se a um predomínio dos fantasmas e desejos de separação. Esta é uma fase de reflexão que permite ao casal, após a sua resolução, reencontrar-se e reorganizar-se num novo “Nós”. Este será então mais maduro e irá permitir que cada um dos parceiros desenvolva, simultaneamente, a sua autonomia e independência.

O estudo realizado por A. Torres (2002) parece confirmar este percurso, presente nas várias formas de conjugalidade analisadas. Durante o tempo de instalação, correspondente aos primeiros 10 anos do casamento, o casal é confrontado com uma série de desafios: o nascimento dos filhos, os primeiros conflitos do casal ou os primeiros embates e exigências profissionais. Tais desafios irão pôr em evidência as diferentes expectativas e realidades dos membros do casal, exigindo movimentos de adaptação e reformulações identitárias e de papéis, e permitindo aos seus membros adiar ou desenvolver os seus projectos pessoais. Comum às várias formas de conjugalidade é então a percepção dos processos de transformação que ocorrem nesta fase. Ao nível dos sentimentos, as mudanças parecem ser decisivas, já que o casal se depara com novas formas de afecto não experimentadas anteriormente, como o amor pelos filhos, e experimenta um sentimento mais tranquilo e menos idealizado pelo cônjuge, numa perspectiva construtiva da relação. Entre os 10 e os 20 anos de casamento, assiste-se a um movimento de autonomia e realização pessoal, possibilitado por mudanças de contexto, nomeadamente pelo crescimento e autonomização dos filhos. Nesta fase, parece ser o bem estar individual que determina o bem estar conjunto e verifica-se uma centralização nos projectos profissionais como forma de realização pessoal. No entanto, esta prevalência do “Eu” parece dizer mais respeito aos homens do que às mulheres. A partir dos 20 anos, assiste-se então à estabilização da relação e da vida profissional. A saída dos filhos de casa permite aos casais a redefinição da sua relação. As diferenças entre homens e mulheres parecem esbater-se, resultantes das mudanças sociais que se verificaram na sociedade portuguesa.

Valtier (2004) segue a mesma linha de raciocínio dos autores anteriores, mas descreve as fases como sendo vários estados pelos quais o casal tem capacidade de fazer passar os seus membros. Estes estados são descritos não só em termos de funcionamento da relação, mas também em termos dos sentimentos que

lhes estão associados. O estado de enamoramento corresponde à fusão de dois num só. Cada um entrega-se ao outro com total despreocupação e com uma sensação de ligeireza. O mundo é visto sob o olhar do outro. Geralmente ocorre no início da relação, de início súbito e constitui o momento mais favorável para se dar a conhecer ao outro, visto que a auto-imagem tem tendência para melhorar. Quando os sentidos arrefecem e a racionalidade ganha terreno, geralmente é o momento de se contar a sua história e, deste modo, libertar-se da tutela paterna. Este estado favorece a proximidade corporal e as palavras servem para expressar as sensações. A sexualidade serve de meio de comunicação e determina a palavra. Quando este estado termina, geralmente os membros do casal sentem-se amargurados e ressentidos, visto que se sentem enganados pelo outro e não conseguem distinguir-se deste. No estado de guerra, o conflito surge devido à noção de território. A palavra e a sexualidade dissociam-se e contribuem para a separação. Geralmente os homens procuram no sexo aquilo que as mulheres procuram nas palavras. Este estado termina quando o casal é capaz de integrar a agressividade na co-existência. Finalmente, no estado da procura da indiferença, os membros do casal convivem lado a lado sem se relacionarem ou separarem, numa atmosfera de evitamento e de ódio latente, resultante do amor sem desejo. Geralmente surge como resultado do impacto das diferenças familiares.

A teoria da vinculação centra-se nos primeiros anos do estabelecimento da relação de casal. Zeifan e Hazan (1997) definiram várias fases através das quais o laço de vinculação se desenvolve entre os membros do casal. A fase da pré-vinculação corresponde ao período inicial de “flirt”, motivado pela atracção sexual. Assim, esta irá favorecer a construção e manutenção do laço de vinculação. Se o objectivo do flirt não for exclusivamente o de satisfação sexual, mas também a procura de intimidade mais geral com o outro e de uma fonte de segurança neste, os parceiros passam para a fase de constituição da vinculação, correspondente à fase de enamoramento. As trocas incluem emoções e cada parceiro revela os seus sentimentos em relação ao outro e dá a conhecer a sua história, incluindo experiências dolorosas e medos. Estas trocas permitem testar a resposta do outro e avaliar a sua capacidade de suporte emocional. Na fase da vinculação, em que os sentimentos passionais já estão consolidados, as trocas emocionais parecem assumir uma maior importância que a atracção sexual. Através da repetição de experiências

que buscam o conforto e a segurança, o vínculo amoroso é redução do stress, no sentido biológico. As reacções de aflição à separação do outro são indicadoras do estabelecimento da vinculação. Na fase pós-romance, estando o laço de vinculação garantido numa profunda interdependência emocional, a energia psíquica do casal volta-se de novo para o exterior, verificando-se uma diminuição da proximidade física e dos comportamentos que favorecem a constituição do laço de vinculação. O casal procura assim encontrar um equilíbrio entre o sistema de vinculação e o sistema exploratório.

Lee (1973) considera que, ao longo da vida do casal, o tipo de amor que une os seus membros vai sofrendo alterações. Distingue o amor passionai de companheirismo. O amor passionai inclui: o amor romântico (Eros), que representa a atracção imediata à pessoa amada e em que a beleza física e a paixão sexual desempenham um papel primordial; o amor lúdico (Ludus), em que a sedução, a liberdade e a aventura sexual têm lugar e que tende a ser evitado pelos casais de longo termo; e o amor possessivo (Mania), em que a idealização e possessão se relacionam, de forma positiva, com o desejo de alcançar a fusão com o parceiro ou, de fome negativa, com sentimentos de ciúme. O companheirismo, por seu lado, inclui como tipos de amor: o amor de melhores amigos (Starge), que corresponde ao desenvolvimento de uma amizade prévia e em que os interesses mútuos, a confiança e a tolerância entre os parceiros prevalecem nas relação interpessoais; o amor pragmático (Pragma), em que a relação pretende criar condições de vida desejáveis ou servir determinados fins; e, finalmente, o amor altruístico (Agape), em que os parceiros estão dispostos a desistir dos seus objectivos e desejos pessoais se isso contribuir para o bem estar do outro. Segundo Lee, os casais tendem a passar por diferentes tipos de amor ao longo da vida, mas tendem a permanecer em cada um durante um longo período de tempo. De uma forma geral, os casais tendem a passar de tipos de amor passionais para tipos de companheirismo.

A evolução do casal, na perspectiva de Kernberg (1991), parece estar relacionada com as suas descontinuidades. A capacidade de descontinuidade do casal encontra as suas raízes na descontinuidade da relação entre a mãe e a criança. Quando a mãe se torna indisponível para o seu bebé, porque regressou à actividade sexual com o seu marido, o bebé toma consciência desse facto. A mãe passa então a

alternar entre a mãe carinhosa, afectuosa e subtilmente erótica com o seu bebé e uma mulher eroticamente adulta. Esta capacidade de descontinuidade encontra a sua expressão na vida adulta, especialmente nas relações amorosas. A prática comum dos homens que se afastam das mulheres após a gratificação sexual, representa uma reivindicação desta autonomia. Nas mulheres, a descontinuidade é geralmente activada pelo seu envolvimento com os filhos e o consequente abandono ou afastamento do parceiro. As descontinuidades poderão assim ser activadas por motivos externos ou internos da relação.

Indissociável do conceito de evolução, está o conceito de mudança. Para entender o modo como esta é vivenciada pelos membros do casal, parece ser importante recorrer ao conceito de “mudança catastrófica” de Bion (1965/2004), já que este conceito não se refere exclusivamente ao indivíduo, mas também é aplicável a grupos (Dias, 1994).

A mudança na forma como o sujeito pensa ou se relaciona com alguém implica uma subversão do sistema internamente estruturado de visões ou teorias prévias. Esta mudança é classificada como “catastrófica” devido ao seu carácter brusco e violento, implicando uma destruturação que é vivenciada como uma catástrofe psíquica. Esta destruturação é seguida de uma reestruturação que permite a integração de elementos não significativos ou com significações deslocadas, transformando-os em elementos significativos. É esta mudança que permite o crescimento do indivíduo ou do grupo. Neste processo há sempre elementos que permanecem inalteráveis e que permitem o reconhecer o original no produto final. A turbulência psicológica provocada por este processo, irá provocar nos sujeitos um temor à novidade. O objecto presente passa ser visto como contendo a sombra do objecto ausente, mas que está presente como um perseguidor. (Bion, 1965/2004).

Grier (2005) aplicou o conceito de mudança catastrófica aos casais que evitam resolver as suas questões edipianas. Nesta perspectiva, Grier considera que a parte saudável do Ego conjunto do casal deseja desenvolver-se mas, simultaneamente, teme a mudança. Quando este medo se torna suficientemente forte, verifica-se uma prevalência da parte psicótica da personalidade conjunta do casal, que activamente rejeita a verdade e a realidade psíquica. Descobri-la implicaria assim correr o risco do desafio da mudança e do desenvolvimento. No entanto, a mentira é preferida, já que o passo na direcção desconhecido poderá conduzir o casal

à catástrofe inevitável. Procurar a mudança conduz à necessidade de trabalhar novamente a compreensão dos parceiros deles mesmos na relação que estabelecem entre si, e na relação entre o casal e o mundo.

A revisão de literatura apresentada permite a constituição de dois pressupostos teóricos que norteiam o presente trabalho. Por um lado, sugere ser possível a análise do casal como unidade. Por outro, põe em evidência a importância do conceito de mudança na evolução do casal.

O estudo da evolução da relação de casal põe em evidência três dimensões em simultâneo: Passado, no sentido em que representa uma actualização das relações entre os parceiros e as suas figuras parentais; Presente, que diz respeito às vicissitudes próprias da união entre duas pessoas; e Futuro, na medida em que o casal presente estará reflectido nas relações futuras dos seus próprios filhos. A evolução da relação do casal parece sofrer a influência consciente ou inconsciente destas três dimensões.

Por outro lado, as alterações na vida externa, nas relações com os outros e as mudanças inerentes ao ciclo de vida dos membros do casal, parecem ser determinantes para a evolução da relação.

Apesar de não termos encontrado, nesta revisão de literatura, uma teoria psicodinâmica específica da evolução do casal, esta abordagem, concretamente a teoria das relações objectais, aliada à teoria do ciclo de vida, parece ser a que melhor se adequa à construção de um modelo compreensivo completo do percurso das relações de casal e das diferenças existentes entre homens e mulheres no mesmo.

MÉTODO

Participantes

Neste estudo, participaram sete casais, oficialmente casados e residentes no distrito de Lisboa. A selecção dos participantes seguiu dois critérios: estarem casados há mais de 25 anos e os seus membros terem menos de 70 anos. Para se ter acesso à evolução da relação do casal através da análise da sua história, era necessário entrevistar casais de longo termo. O facto de estarem casados há mais de 25 anos foi o critério escolhido visto que a literatura revista sugere que, com este tempo, o casal já terá passado por todas as fases principais do seu desenvolvimento. Por outro lado, o critério do limite de idade foi necessário no sentido de assegurar que os sujeitos entrevistados se encontrariam plenos das suas capacidades narrativas, sem sofrerem com as problemáticas inerentes à idade.

Os casais seleccionados neste trabalho têm um tempo de casamento que varia entre os 26 e os 48 anos e tiveram um período de namoro entre 10 meses e os 8 anos. A média de número de filhos destes casais é de 2 filhos e quatro dos sete casais entrevistados têm netos.

O intervalo de idades dos participantes masculinos está compreendido entre os 50 e os 68 anos. As mulheres têm idades que se situam entre os 47 e os 68 anos.

Instrumento

Para aceder à evolução da relação dos casais, procurou-se recolher as narrativas dos sujeitos acerca da história da sua vida a dois. Para tal, foi utilizada a entrevista semi-directiva aos membros do casal, em separado. Os temas a abordar foram definidos através da revisão da literatura desta área, podendo ser incluídos novos temas ou questões, dependendo dos conteúdos abordados pelos sujeitos no decorrer da entrevista.

A escolha deste instrumento teve assim como base o objectivo do estudo e a orientação teórica que era pretendida nesta abordagem. Segundo Leal (2000), esta orientação determina as técnicas de entrevista a serem utilizadas, tais como, a observação, a postura, o clima emocional ou a importância dada às dimensões verbais e não verbais. Numa abordagem psicodinâmica, procurou-se estar atento não só aos conteúdos manifestos pelo sujeito, como também à sua postura e formas de comunicação não verbal, com o objectivo de aceder, de igual modo, aos conteúdos latentes do seu discurso e aos fenómenos transferenciais que, segundo Leal (2000), ocorrem em qualquer relação interpessoal, mas são facilitados pela situação da entrevista.

Kahn e Putnam (2003) defendem a utilização de métodos qualitativos já que estes fornecem meios para desenvolver uma descrição vasta e uma compreensão aprofundada do fenómeno, através da compreensão do seu contexto e do significado que este tem para o sujeito. Ruthellen Josselson (1993), defende o uso de entrevistas semi-directivas para a recolha de narrativas de vida, exactamente por este carácter holístico e pela riqueza dos dados obtidos através deste instrumento, quando comparado com os dados obtidos através de escalas psicométricas pré-concebidas. No entanto, a utilização deste instrumento será mais eficaz se o ponto de partida for colocar questões e não estabelecer hipóteses (Kahn & Putnam, 2003).

A entrevista semi-estruturada é utilizada em situações em que o entrevistador procura obter uma compreensão mais aprofundada da percepção que os indivíduos têm de um fenómeno em particular, explorando alguns tópicos gerais que os ajudem a descobrir o significado que este fenómeno tem para si. A utilização deste tipo de entrevista requer, por parte do entrevistador, algum conhecimento prévio acerca do fenómeno em causa. A utilização de questões abertas permite que o entrevistado descreva as suas experiências sem qualquer restrição e a possibilidade que o entrevistador tem de incluir novas questões, no decorrer da entrevista, permite-lhe esclarecer algumas respostas. Deste modo, é um processo de influências em que o papel do entrevistador e o contexto em que decorre a própria entrevista influenciam as respostas dadas pelo entrevistado (Kahn & Putnam, 2003).

Conscientes desta influência, a atitude que o entrevistador deve ter quando recolhe uma história de vida tornou-se uma questão de reflexão central para vários autores. Algumas equipas americanas seguem as directivas da American Sociological Association, que determinam que o entrevistador deve ser um presente “ausente”, simples apêndice do instrumento de registo, e que a transcrição deve ser feita sob a forma de biograma, neutra e despojada de subjectividade. No entanto, para outros autores, a narrativa é uma construção comum, que se constitui no acto da entrevista. Assim, este implica o entrevistado e o seu envolvente social, bem como o entrevistador e o seu meio sócio-cultural (Kavle, 1996).

A recolha de narrativas não pode, então, ser feita sem que se instalem algumas barreiras deformantes ou cegantes, que põem em evidência o relativismo da “verdade”, no sentido mais positivista do termo

Uma primeira questão diz respeito àquilo que Daniel Bertaux (citado por Poirier, Clapier-Valladon & Raybaut, 1983) designou por “ideologia autobiográfica”. O narrador é tentado a re-arranjar a sua existência, privilegiando os factores de coerência, ou seja, a unidade da vida, em detrimento da ausência de coerência, da diversidade e das eventuais contradições. Ao compreender a lógica de vida existente e o seu subjectivismo, o entrevistador poderá conduzir a entrevista a uma certa objectividade, levando o entrevistado a “corrigir” este desvio.

Outra questão que se coloca neste processo diz respeito ao facto da recolha das narrativas ser entendida como uma cooperação entre os dois sujeitos. Esta cooperação pressupõe uma intercompreensão entre as duas partes, o que nem sempre acontece. O entrevistador terá, assim, de estar alertado para as diferenças de linguagem, de valores, de épocas e de culturas (Poirier, Clapier-Valladon & Raybaut, 1983).

Quando alguém conta a sua história de vida, faz actuar diferentes instâncias do psiquismo e várias facetas da pessoa. Dentro da vida vivida, podemos distinguir a realidade manifesta, da realidade não aparente e da realidade secreta. Porém, certas formas de pensamento inconsciente só poderão ser encontradas quando procuradas a um nível diferente: o da vida sonhada.

O real parece ser simultaneamente vivido pelo “eu”, o ser que se assume como tal e que se descreve na sua verdade, sendo um produto de racionalizações que excluem o que é incómodo, o “tu”, que é o ser em diálogo consigo próprio e que representa o ideal para o qual o sujeito tende, e o “ele”, que é o ser tal como surge na percepção dos outros membros do seu grupo.

Deste modo, pode-se considerar que é no diálogo entre o “eu”, o “tu” e o “ele” que se encontra a verdade do ser, sendo esta inatingível até para o próprio. (Poirier, Clapier-Valladon & Raybaut, 1983)

Para Holstein e Gubrium (1995), o significado da experiência é sempre socialmente constituído e todo o conhecimento é criado na acção de o obter. As entrevistas são vistas como interacções sociais, activas na interpretação por parte do entrevistador e do entrevistado. Assim, o que é central na investigação não é só o significado das experiências que é produzido, mas também o seu processo de produção, que é interactivo.

A forma como a entrevista se processa, é igualmente influenciada pela abordagem do entrevistador ao modelo de sujeito entrevistado. No presente trabalho pretende-se uma abordagem activa do sujeito. Nesta perspectiva, o sujeito não detém os factos e detalhes da experiência. É no processo de formação da resposta que este, construtivamente, acrescenta, exclui ou transforma esses factos e detalhes, descobrindo novas formas de auto-conhecimento. As respostas, em constante mudança, não poderão ser avaliadas em termos de veracidade ou replicação, mas sim segundo critérios que dizem respeito ao processo em que este significado foi construído, às circunstância e através de que articulações o sujeito, em colaboração com o entrevistador igualmente activo, produz e transmite as suas experiências, em circunstâncias interpretativas. Assim, a validade das respostas deriva da sua capacidade de comunicar realidades e o seu significado (Holstein e Gubrium, 1995; Kvale, 1996).

Esta abordagem metodológica distingue-se das abordagens convencionais, em que os sujeitos são concebidos como recipientes passivos de respostas, que serão descobertas através das questões colocadas pelo entrevistador, não sendo contaminadas por este. Os factos e significados são purificados na passagem da forma oral à forma escrita e, através da sua análise, são moldados à sua forma

definitiva. O valor do produto é determinado pela sua correlação com o mundo real e experiências autênticas, seguindo o critério da fiabilidade que possibilita a reprodução dos resultados (Kavle, 1996).

Em conclusão, o que se pretende neste trabalho, com a utilização da entrevista semi-directiva, não é aceder à realidade dos factos da experiência do sujeito, mas sim ao significado que esta tem para si e que é construído na interacção que ocorre na situação da entrevista.

Procedimento

Numa primeira fase, os casais foram contactados através de uma carta ou de um e-mail explicativos dos objectivos do trabalho e das questões relacionadas com a confidencialidade da sua participação (Anexo A). Em seguida, os casais que se mostraram disponíveis para participar neste estudo foram seleccionados segundo o critério da duração do casamento e da idade dos participantes. Foram ainda excluídos casais que apresentaram características que poderiam pôr em causa a homogeneidade do grupo, tais como a vivência constante do casal com os filhos de um dos membros, resultantes de um casamento anterior.

Os casais seleccionados foram contactados telefonicamente, no sentido de se combinar uma data e um local para a realização das entrevistas, de acordo com a sua disponibilidade e conveniência.

As entrevistas foram, então, realizadas com os membros do casal em separado, procurando-se manter uma atitude neutra na segunda entrevista em relação às informação já recolhidas na entrevista com o primeiro membro do casal.

Antes da entrevista, os sujeitos puderam esclarecer algumas questões relacionadas com o objectivo do estudo e, novamente, foi reforçada a garantia de confidencialidade dos dados recolhidos.

As entrevistas foram gravadas directamente num computador portátil, através de um pequeno microfone de lapela, pousado no tampo de uma mesa ou de uma secretária. A sua duração foi variável de caso para caso, já que esta dependia do curso de cada entrevista e da quantidade de informação relevante que os participantes estivessem dispostos a fornecer.

Após cada entrevista, foram ainda registados os aspectos contra-transferenciais activados por aquela situação em particular (Anexo D).

As entrevistas foram posteriormente transcritas na sua totalidade, sendo os nomes e os locais alterados para garantir o anonimato dos participantes (Anexo B).

Análise de Resultados

Na análise das entrevistas recolhidas, teve-se em conta não só o seu conteúdo, mas também a sequência do discurso dos participantes (Anexo C) e os aspectos contra-transferenciais suscitados por cada entrevista (Anexo D), com o objectivo de aceder tanto aos conteúdos manifestos, como aos conteúdos latentes do seu discurso.

As informações recolhidas foram sujeitas ao processo de análise de conteúdo, já que este método não permite apenas a testagem de hipóteses, mas permite, igualmente, alcançar o objectivo exploratório que esteve na base deste trabalho. Através da utilização da dedução, este método permite realizar um conjunto de inferências sobre os dados obtidos, conduzindo à sua interpretação (Bardin, 2006).

No caso do presente trabalho, não havia um sistema de categorias fornecido à priori. Procurou-se, então, construir um sistema de classificação com base no material recolhido e que fosse aplicável aos vários participantes.

Após uma primeira leitura das entrevistas recolhidas, foi possível levantar algumas hipóteses e objectivos do sentido da análise. Assim, definiram-se as categorias, de acordo com as temáticas referidas pelos sujeitos, como “Caracterização da Relação: Passado”, “Papel dos Filhos” ou “Marcos da Relação”, entre outras.

Em seguida, procurou-se identificar as subcategorias que constituíam as maiores, no sentido de explicitar os conteúdos identificados. Procurou-se que tanto as categorias identificadas, como as subcategorias, obedecessem às regras de codificação definidas por Bardin (2006). Assim, pretendeu-se que as categorias e subcategorias encontradas fossem homogêneas, que se excluíssem mutuamente, que

fossem pertinentes de acordo com o material analisado e com o quadro teórico definido, que fossem definidas objectivamente e que fossem produtivas em termos de fornecimento de resultados férteis. Todo o processo de categorização foi determinado pelo uso de comparações sistemáticas entre as categorias e subcategorias definidas, de forma a obedecer a este conjunto de regras.

Finalmente, dentro de cada categoria, agruparam-se as suas subcategorias segundo o seu sentido, de forma a facilitar a posterior interpretação, dada a diversidade de subcategorias encontradas.

Na análise dos casais em separado (Tabela 3, Anexo H, e exemplo de um casal: Tabela 1, Anexo F), construiu-se um quadro de análise para cada casal, como base na entrevista da mulher e na entrevista do homem. Este quadro contém as categorias, as subcategorias agrupadas de acordo com o seu sentido, os exemplos do próprio discurso para ilustrar cada subcategoria e registo do número de ocorrências verificadas em cada entrevista (n.o.). Utilizou-se ainda um sistema de cores que permitisse distinguir os elementos resultantes do discurso da mulher (rosa), do discurso do homem (azul) e os elementos comuns a ambos (roxo).

Na análise comparativa entre homens e mulheres (Tabela 4, Anexo I e resumo da tabela: Tabela 2, Anexo G), construiu-se um quadro com os mesmos elementos que os anteriores, mas onde estes se encontram separados em colunas consoante o género. Os elementos comuns foram integrados em ambas as colunas e os exemplos do discurso foram excluídos. Acrescentou-se uma coluna referente ao número em bruto de participantes femininos ou masculinos que referiram aquela subcategoria (n.p.). Para cada categoria calculou-se o número total de ocorrências de cada género e foram elaboradas percentagens para cada agrupamento de subcategorias com base nesse total. A decisão de não incluir os valores ponderados destas percentagens é justificada pelo objectivo desta análise. O objectivo não era comparar as respostas dos homens e das mulheres, mas sim perceber o que é cada um destes grupos destaca no seu discurso.

RESULTADOS

Homens e Mulheres

Na análise das tabela 4 (Anexo I, tabela resumida em Anexo G), é possível, desde logo, observar a diferença existente entre os homens e as mulheres entrevistados no que respeita ao número de ocorrências identificadas (Mulheres: 1205; Homens: 540). Esta diferença vai ao encontro da concordância existente entre as mulheres entrevistadas relativamente ao carácter reservado dos seus maridos (4 em 7 mulheres) e entre os homens em relação ao carácter comunicativo das suas mulheres (4 em 7 homens).

Na caracterização da relação na sua fase inicial, homens e mulheres parecem ser discordantes quanto aos aspectos que destacam no seu discurso. Os homens salientam o movimento de **aproximação** inicial entre os membros do casal e consideram que este resulta de uma **construção** levada a cabo por ambos (36%). Assim, parecem valorizar esta fase da sua história mas demonstram uma tendência para a racionalização desta, salientando aspectos como a Amizade, a Empatia ou a coincidência de objectivos entre ambos. Quando se referem a aspectos impulsivos responsáveis por este movimento, os homens tendem a valorizar a atracção física (3/7).

As mulheres centram o seu discurso nos aspectos **internos** da relação, responsáveis pelo **afastamento** inicial do casal (32%), o que pode ser indicador de uma desvalorização desta fase. Salientam assim o reconhecimento da assimetria entre os membros do casal (ex.: "*ele sabia muito mais que eu*" – 5M), a falta de intimidade na relação e sentimentos ambivalentes (ex.: "*se calhar não era aquilo que eu queria*"- 7M). Estes aspectos poderão estar relacionados com as normas sociais vigentes nesta época e que seriam mais repressivas para as mulheres. No entanto, quando se referem à aproximação inicial entre os membros do casal, as mulheres tendem a atribuí-la a factores mais impulsivos, sendo concordantes entre si na identificação do encantamento como factor principal da aproximação (5/7), o que poderá ser indicador do carácter mais emotivo deste género.

Na caracterização da relação presente, homens e mulheres parecem mais concordantes. Ambos destacam os aspectos positivos da relação actual, realçando aqueles que sugerem uma **indiferenciação** entre os membros do casal (mulheres: 49%; homens: 55%). As mulheres são mais concordantes entre si na identificação das subcategorias Auto-suficientes (4/7, ex.: "*podemos estar perfeitamente os dois sozinhos (...) não nos aborrecemos*" – 2M) e Preservação da Imagem (4/7, ex.: "*a gente nem nunca discutiu à frente dos filhos*" – 7M), ambas relacionadas com a relação entre o casal e o mundo exterior e a percepção dos outros como **ameaçadores à relação**. Os homens salientam as subcategorias Divisão de Tarefas (4/7) e Relação Especial (4/7), o que sugere, por um lado, a percepção da **complementaridade** dentro do casal e, por outro, a **idealização da relação**. Esta tendência é ainda confirmada pelo facto de nenhum homem referir a subcategoria Desidealização, reconhecida por algumas mulheres.

A projecção da relação no futuro é pouco referida pelos casais e não se verificam diferenças significativas entre homens e mulheres. Os casais entrevistados parecem assim mais centrados no passado e no presente da relação. No entanto, o facto de não terem sido feitas questões directas acerca deste assunto nas entrevistas realizadas pode, igualmente, ser explicativo dos dados obtidos.

Quando se referem ao momento do casamento, homens e mulheres são concordantes na identificação do **Amor** como motivo principal desta união (M: 6/7; H: 5/7). Porém, verificam-se diferenças nos aspectos valorizados por ambos os géneros.

No seu discurso, as mulheres destacam os **motivos afectivos** (24%, ex.: "*eu estava muito apaixonada e sei que ele também*" – 1M) e **impostos** (21%, "*era um uso que estava na família*" – 3M) que estiveram na base da sua decisão, o que sugere, novamente, o seu carácter mais emotivo e o reconhecimento de pressões sociais sobre este género. Ao referirem as condições que dificultaram esta união, as mulheres parecem igualmente percepcionar o carácter ameaçador dos outros exteriores à relação.

Os homens, mais uma vez, centram o seu discurso nos aspectos positivos, não identificando sequer a existência de condições dificultadoras do casamento e destacando as **condições facilitadoras** desta união (29%, ex.: "*havia possibilidades*

económicas na altura" – 4H). A sua tendência para a racionalização está novamente presente, já que este grupo destaca no seu discurso a identificação de **motivos racionais** (29%, ex.. *"já nos conhecíamos suficientemente bem"* – 3H) que estiveram na base da sua tomada de decisão, como a sua necessidade de contenção através do casamento (3/7) ou o facto desta ter sido uma decisão conjunta entre os membros do casal (3/7).

A identificação dos pontos de contacto entre os membros dos casal foi a categoria a que homens e mulheres se referiram mais (M:151; H:93). Os dois grupos são concordantes na identificação do **Amor** como ponto de contacto afectivo principal (M:6/7; H:6/7). Simultaneamente, homens e mulheres destacam aspectos da **vivência interna** do casal como promotores da união entre os seus membros (M: 61%; H: 54%), como o **entendimento** (M:5/7; H:6/7, ex.: *"funcionarmos muito bem a todos os níveis"* – 2H) ou a partilha entre ambos (M:5/7; H:4/7, ex.: *"o Rui foi uma pessoa que engravidou comigo e isso foi muito bom"* – 2M). A escassez de referências de ambos os grupos às semelhanças de características pessoais entre os membros do casal (M: 15%; H: 9%), sugere que este entendimento é resultante do carácter complementar das suas diferenças.

Dentro da vivência interna, as mulheres destacam ainda o **apoio** entre os membros do casal (6/7), o que sugere uma valorização das relações de assimetria e de dependência entre o casal. As mulheres destacam ainda os esforços do casal para preservar a sua relação (5/7) e tendem a desvalorizar a vivência externa como responsável pela união do casal (9%). Assim, as mulheres parecem percepcionar como ameaçadores à relação, não só os outros exteriores a esta, mas também as actividades e decisões externas ao casal (ex:).

A identificação dos pontos de divergência do casal foi igualmente muito referida pelas mulheres (140). No seu discurso, as mulheres salientam aos aspectos relacionados com a **vivência interna** do casal (39%). A identificação de falhas de comunicação entre o casal (4//) e o facto de se sentirem ignoradas pelo outro (4/7) parecem sugerir o reconhecimento da passividade nos homens nas questões relacionadas com o casal. As mulheres destacam ainda o reconhecimento da dependência dos homens em relação a si e um consequente sentimento de falta de apoio destes. As mulheres realçam igualmente aspectos da **vivência externa**

responsáveis pelo afastamento entre o casal, relacionados não só com as actividades externas de cada membro do casal (ex.: "*até traz os problemas cá para casa e até trabalho*" – 1H), como também com a relação entre este e os outro, como os filhos (5/7) ou com os sogros (4/7), surgindo estes, novamente, como ameaçadores ao bom funcionamento do casal.

Os homens, por seu lado, referem-se pouco aos pontos de divergência entre o casal (39). Quando o fazem, centram o seu discurso nos **aspectos externos à relação** (41%), como a gestão da casa (3/7), as prioridades (3/7) ou os projectos (3/7). Assim, os homens reforçam a sua tendência para preservar os aspectos positivos da relação, mantendo a sua idealização. Esta idealização parece ainda ser reforçada pelo facto dos homens nunca reconhecerem a discrepância entre o outro e o seu ideal. Os aspectos negativos são assim atribuídos à relação entre o casal e a vida exterior. No entanto, parecem igualmente preservar os outros, externos ao casal, desta responsabilidade, não referindo sequer a relação entre o outro e os pais ou sogros nesta identificação. Os homens tendem, assim, para a preservação das boas qualidades dos objectos com que se relacionam: o casal, a mulher, os pais ou os sogros, o que poderá estar relacionado com a sua tendência para a passividade e evitamento do conflito, bem como para a idealização das relações significativas.

Na identificação de reacções do casal ao conflito, homens e mulheres parecem ser concordantes na identificação dos mecanismos mais comuns. Ambos destacam a utilização de mecanismos que traduzem **passividade** perante o conflito (M: 54%; H: 52%). As mulheres são consensuais na identificação da Análise do Conflito (6/7), Cedência do Outro (5/7) e Desculpabilização do Outro (5/7), valorizando, assim, os mecanismos que traduzem resolução do conflito e sugerindo uma atitude maternal perante o outro. Esta atitude parece ter só um sentido, já que os homens nunca a referem. Os homens são consensuais na identificação da Cedência do Outro (5/7) e na Desvalorização do Conflito (5/7) como reacção a este, o que poderá sugerir passividade e demissão na resolução activa do conflito.

Homens e mulheres referem-se pouco às suas reacções à separação (M:36; H:15), o que também pode ser explicado por não terem sido feitas perguntas directas acerca desta temática. Ambos os grupos, porém, destacaram a activação de reacções de **dependência** perante situações de separação real ou imaginada (M:53%; H:53%).

No reconhecimento de marcos importantes da história e da evolução do casal, ambos os grupos destacaram marcos **exteriores** relacionados com terceiros (M:47%; H:42%), realçando o momento **nascimento dos filhos** (M: 4/7; H: 5/7). As mulheres destacam ainda a **perda de familiares** (4/7), o que poderá ser explicado por uma maior proximidade referida entre o casal e os pais das mulheres, resultante de uma maior dependência destas em relação à família de origem. Estes resultados sugerem que os casais entrevistados têm maior facilidade em identificar momentos que provocaram mudanças que se relacionam com a adição ou subtracção de membros da família do que momentos relacionados com mudanças pessoais, da relação ou das condições de vivência do próprio casal. Deste modo, verifica-se uma tendência de ambos os géneros de perceberem o casal como indissociável do sistema familiar. Os filhos parecem provocar as mudanças mais significativas e visíveis do seu funcionamento. Por outro lado, a identificação deste marco poderá ser indicadora de um pensamento mais concreto e objectivo por parte de homens e mulheres quando analisam a evolução da sua história.

A evolução da relação é percebida, maioritariamente, por ambos os grupos como sendo no sentido de um **relacionamento mais próximo** entre os seus membros (M:34%; H:25%). Ambos os grupos parecem ainda ser concordantes no reconhecimento de um movimento de **isolamento social** do casal (M:3/7; H:3/7). Os homens destacam ainda alterações na vivência do casal que não tiveram uma influência explícita no sentido da aproximação ou no afastamento do casal (27%), como a alteração de rotinas ou mudanças de preocupações, ambas provocadas pelo nascimento dos filhos. Salientam ainda a evolução do casal no sentido de um maior conhecimento entre os seus membros (4/7) e uma diminuição de conflitos (4/7), o que parece ser concordante com a atitude de racionalização da relação e valorização do entendimento entre o casal.

As mulheres são mais concordantes na identificação de um movimento de **adaptação** (5/7) entre os membros do casal, o que pressupõe o reconhecimento de diferenças ou incompatibilidades iniciais entre os dois membros e que foram sendo atenuadas ao longo do tempo. Apesar destas não serem directamente relacionadas com marcos identificados por si na sua história, pressupõem a existência de

mudanças pessoais e graduais nos membros do casal no sentido de uma uniformização ou complementaridade dos comportamentos.

O papel dos filhos na relação é significativamente mais referido pelas mulheres do que pelos homens (M:91; H:31), apesar de ambos destacarem o seu **papel dificultador** na vivência do casal (M:23%; H:35%). Mais uma vez verifica-se a tendência das mulheres para percepcionar a influência de terceiros na relação. Estes resultados parecem ainda ir ao encontro do papel tradicional de homens e mulheres na família. Apesar do nascimento dos filhos provocar alterações nas rotinas e na disponibilidade de ambos os membros do casal, as mulheres entrevistadas parecem ser mais sobrecarregadas com as tarefas de prestação de cuidados aos filhos, o que, novamente, sugere uma atitude de passividade dos homens nesta área. Deste modo, as mulheres salientam subcategorias como os filhos serem limitadores (4/7) ou fonte de preocupações (4/7). As mulheres reconhecem ainda a interferência igualmente dificultadora dos filhos nos conflitos do casal (21%, ex.: "*é capaz de haver uma certa ciúmeira do casal*" – 1M), e reconhecem nestes um papel revelador dos aspectos negativos do outro (4/7), salientando o seu carácter ameaçador à relação do casal. Os homens, por seu lado, desvalorizam o papel dos filhos como interferindo na relação do casal e nem referem o seu papel revelador das falhas do outro. Novamente, os resultados dos homens sugerem uma valorização dos aspectos positivos e uma preservação das qualidades dos outros exteriores à relação.

Homens e mulheres parecem ainda percepcionar, maioritariamente, os netos como **equivalentes a filhos** (M:47%; H: 64%), na procura de uma correspondência entre os netos e os seus ideais que os filhos não alcançaram.

O número de referências das mulheres aos seus pais é muito superior ao dos homens (M:63; H:9), o que poderá ser explicado pela proximidade dos pais das mulheres com o casal e que não se verifica com os pais dos homens. Parece igualmente haver grandes diferenças entre os géneros na percepção do seu papel.

Os homens destacam a sua interferência individual **positiva** (44%, ex.: "*eu tinha o exemplo da minha mãe*" – 4H) e **facilitadora** da vivência do casal (33%, ex.: "*tivemos a ajuda dos nossos pais*" – 1H) e não reconhecem a sua interferência dificultadora na relação e no individual, revelando novamente uma atitude de preservação das relações com os outros significantes para si.

As mulheres destacam essa interferência **negativa e dificultadora** dos seus pais na relação (37%) e no individual (24%, ex.: "*as nossas mães eram muito repressivas*" – 7M). As mulheres parecem ser consensuais na identificação dos papéis de modelo (4/7), apoio filhos (4/7) e controladores (5/7) dos seus pais. Assim, as mulheres parecem oscilar entre o reconhecimento do aspectos positivos e ameaçadores da proximidade com os pais.

A mesma interferência **dificultadora** da relação é destacada pelas mulheres quando se referem ao papel dos seus sogros na relação (42%, ex.: "*cortavam-nos um bocado a nossa privacidade*" – 4M). Estas revelam ainda ambivalência (4/7) e rivalidade (4/7) em relação a estes. Os homens referem-se mais aos sogros do que aos seus pais, o que poderá ser explicado pela identificação da proximidade dos primeiros. Os homens parecem centrar o seu discurso novamente na interferência individual, sendo esta, no entanto, negativa quando se referem aos sogros (35%). Porém, ao contrário das mulheres, não reconhecem estes como Controladores, Intrusivos ou Rivals.

Estes resultados sugerem, novamente, uma maior tendência das mulheres para percepcionar os outros como **ameaçadores da relação**, enquanto que os homens tendem a não reconhecer essa ameaça. No entanto, quando se fala dos amigos, homens e mulheres parecem ser concordantes na valorização do seu carácter ameaçador (M:70%; H:60%). Tal poderá ser explicado pela tendência dos casais para desenvolverem relações assimétricas em que as mulheres maternalizam os maridos. Desta forma, parece ser natural que as mulheres rivalizem este tipo de relação com os outros que poderão ter esse papel na vida do outro, já que com este tipo de relação as mulheres parecem assegurar a dependência do outro e o seu poder sobre este. Os homens, por seu lado, parecem rivalizar com aqueles que podem substituí-los no seu papel de amante.

Apesar dos participantes não terem sido directamente questionados acerca das suas características pessoais, estas foram bastante referidas, especialmente pelas mulheres, ao longo das entrevistas (M:89; H:32). O reconhecimento de mudanças pessoais, porém, foi pouco referido por ambos os géneros (M:13; H:9).

Quando se caracterizam, os homens tendem a fazê-lo através dos aspectos **rígidos** de personalidade (31%), centrando-se naqueles que dificultam a relação com

o outro (22%, ex.: "*Sempre fui uma pessoa muito metódica, muito arrumadinho*" – 1H). Os aspectos que traduzem **sociabilidade** (28%, ex.: "*sou uma pessoa que não gosto de ficar em casa (...) sair, beber copos*" – 5H) e **passividade** (25%, ex.: "*sou capaz de engolir em seco*" – 4H)), ambos dificultadores da relação, são igualmente destacados pelos homens. As características que traduzem actividade ou idealização são pouco referidas. Os homens identificam ainda mudanças em si no sentido do **isolamento** (78%) e não reconhecem mudanças no sentido de uma maior fragilidade.

As mulheres, por seu lado, centram-se nos aspectos que traduzem uma **desvalorização** própria (20%, ex.: "*Há pessoas mais forte e eu, nesse aspecto*" – 3M) e **actividade** (19%, ex.: "*sou uma pessoa muito activa*" – 4M). Referem poucos aspectos indicadores de passividade ou idealização. As mulheres destacam mudanças pessoais no sentido do crescimento (69%), sendo especialmente concordantes no reconhecimento da valorização pessoal (3/7, ex.: "*achei que devia ter algum tempo para mim, para zelar pela minha saúde*" – 1M), o que poderá estar relacionado com a evolução dos papéis sociais deste género, ao longo do tempo do casamento.

Quando se referem às características do outro, homens e mulheres centram-se nas suas características rígidas (M:35; H:26%). As mulheres tendem a percepcionar estas características dos homens como fundamentalmente dificultadoras da relação (29%, ex.: "*estilo mandão*" – 7M). Salientam ainda as características igualmente dificultadoras dos homens que traduzem passividade (24%, ex.: "*é amorfo*" – 7M) e fragilidade (17%, ex.: "*tem 55, às vezes parece que tem 15 anos*" – 5M) e fazem poucas referências a características indicadoras de actividade (2%). As mulheres destacam ainda o reconhecimento de mudanças positivas na vivência dos homens (63%, ex.: "*ele agora também é mais comunicativo*" – 2M).

Os homens percepcionam as mulheres fundamentalmente como sociáveis (21%, ex.: "*a minha mulher conversa muito bem*" – 7H) e afectivas (21%, ex.: "*é uma mulher meiga*" – 6H), destacando o carácter facilitador (17%) destas características. Os homens reconhecem ainda pouca passividade nas mulheres (4%). No que se refere à percepção de mudanças no outro, os homens **não referiram qualquer alteração nas mulheres**, o que sugere uma preservação das suas características iniciais.

Os resultados apresentados, referentes aos casais participantes neste estudo, sugerem a existência de diferenças entre homens e mulheres na percepção da relação de casal e da sua evolução.

Na sua descrição do casamento, as mulheres valorizam os aspectos mais emotivos da relação. No entanto, as mulheres parecem ser mais realistas que os homens na caracterização da sua relação, oscilando entre referências a aspectos positivos e negativos da mesma e do outro. Conscientes das fragilidades da relação, as mulheres revelam-se assim mais activas na manutenção do casamento e na resolução dos conflitos, o que sugere uma alteração no papel tradicional da mulher no casamento.

As mulheres parecem valorizar ainda as relações de dependência dos homens em relação a si, numa atitude de maternalização destes. A semelhança de género entre a mulher e a figura de vinculação primária, a mãe, parece facilitar a projecção, por parte dos homens, da figura materna na mulher. As mulheres, por seu lado, parecem garantir, com esta relação assimétrica, a manutenção da relação e o seu poder sobre o outro. Mas a falta de apoio sentida pelas mulheres parece ser responsável pela manutenção de relações de dependência em relação aos seus próprios pais. A projecção da figura paterna no marido, porém, parece activar nas mulheres sentimentos de rivalidade com o exterior, já que a figura tradicional do pai desta geração seria o homem que estaria mais centrado na vivência externa à família, como forma de garantir a sua subsistência, enquanto que a mãe seria a figura mais constante. Assim, as mulheres tendem a perceber terceiros como ameaçadores à relação, sejam eles amigos, filhos, pais ou sogros.

As mulheres percebem ainda a relação como provocadora de mudanças positivas em si e no outro, já que nas mulheres desta geração o casamento parece significar uma abertura ao mundo exterior e uma libertação à repressão dos pais.

Os homens parecem valorizar os aspectos mais racionais da relação, mas tendem a percebê-la de uma forma idealizada. Assim, os homens parecem centrar-se nos aspectos positivos da relação, atribuir os seus aspectos negativos à vivência exterior do casal e perceber as diferenças entre os membros do casal como complementaridades. Da mesma forma, a percepção do outro é focalizada nas suas qualidades e na constância destas. Esta tendência para a preservação das

qualidades dos objectos estende-se ainda aos outros que são significativos para si, nomeadamente filhos, pais ou sogros, sendo desvalorizada a sua interferência negativa na relação do casal.

Ao mesmo tempo que idealizam a relação, os homens parecem assim não reconhecer as suas fragilidades, o que justifica a sua atitude passiva no sentido do evitamento do conflito e da demissão das tarefas de prestação de cuidados. Esta atitude parece ainda ser reforçar e ser reforçada pelo estabelecimento da relação de dependência dos homens em relação às mulheres.

Ao longo da relação, os homens consideram que se tem isolado socialmente, sendo o casamento percebido com uma perda de liberdade.

Em conclusão, os casais entrevistados parecem possuir características complementares entre géneros, nomeadamente o facto das mulheres serem mais comunicativas e os homens mais reservados, as mulheres serem mais activas e os homens mais passivos na relação e as mulheres valorizarem os aspectos mais emotivos da relação e os homens os mais racionais. Assim, apesar das semelhanças, homens e mulheres têm diferentes contributos na evolução do casal e na constituição deste como unidade de análise.

Casais “Os Gémeos”

Casal 2

O casal 2 parece ser concordante na identificação de interesses comuns (CRPIC) como sendo motivo da sua aproximação e da reprovação exterior (CRPRE) como dificultador dessa aproximação. Tendo em conta a natureza dos interesses referidos, nomeadamente relacionados com ideologias políticas e actividades de subversão, o início desta relação parece estar relacionado com atitudes de contestação, não só em relação ao mundo exterior, como em relação à própria família de origem da mulher. A forma como esta aproximação é vivida parece, no entanto, ser ligeiramente diferente. Enquanto apenas a mulher (M2) refere impulsividade (CRAF), ambos se referem a factores mais construídos neste movimento (CRPS; CRPAM).

Relativamente à decisão de casar, mantém-se a atitude de contestação do casal. A reprovação exterior (CREX) é agora alargada por M2 à família do marido, suscitando sentimentos de rivalidade (SR). Ambos falam de libertação (CL) como motivo principal desta tomada de decisão. O facto dos sogros não aprovarem a união e de se terem tornado distantes (SD) depois desta, representa para M2 a sua vitória sobre os rivais. O conservadorismo reconhecido por ambos nas famílias de origem (PCO; SCO) parece ter tido igualmente um papel determinante na forma como a união entre o casal se processou (CVO). Ambos referem ainda condições facilitadoras desta união, mas resultantes das suas características pessoais e das suas capacidades, e não exteriores (CCF; CM).

O início da relação é então considerado pelo casal 2 como um marco decisivo (MI). M2, seguindo a mesma lógica, inclui ainda o momento em que o casal iniciou a sua vida em conjunto (MVJ). A gravidez (MG) e o nascimento dos filhos (MNF) são descritos por M2 como momentos em que ambos vivenciaram as experiências da mesma forma, numa atitude de indiferenciação entre os dois.

A evolução da relação é descrita pelo casal 2 como sendo um movimento de adaptação (ERA) e maior conhecimento entre os dois (ERMCN). M2 considera que, com o tempo e a vivência, a relação encontrou o seu equilíbrio (ERE). No entanto,

M2 refere que houve um agravamento do conflito entre o casal (ERAC), relacionado com a morte do seu pai (MPFA). Este conflito estará relacionado com a forma pouco tolerante como o seu marido se relacionava com a sua mãe e que piorou nesta altura (PDROP). M2 alterna entre o reconhecimento de qualidades e de defeitos na sua mãe (PA), e entre interferências positivas e negativas na vivência e na relação do casal. Com a morte do pai, a mãe de M2 foi ainda considerada tóxica para os filhos do casal (PT), já que estes ficavam em sua casa (PAF). A psicoterapia (MP) que fez parece ter sido responsável por uma maior tolerância da sua parte em relação à mãe e ao marido (ERMT), num movimento de aceitação das diferenças deste. Simultaneamente, M2 refere que houve um afastamento entre ambos no que se refere aos pontos de contacto iniciais (ERAPC). Mas o movimento contrário também é reconhecido quando se refere ao facto do marido se ter tornado mais comunicativo e activo (OMCO; OMR), as mesmas características que reconhece em si mesma (ECM; EAV), como se este se estivesse a tornar cada vez mais parecido consigo.

O homem (H1), por seu lado, considera que a relação está menos conflituosa (ERMNC), como resultado do esforço de adaptação entre os dois. A evolução da relação, para si, parece ser indissociável do desenvolvimento dos seus filhos, sendo esta interferência positiva e negativa. Esta perspectiva dos filhos não parece coincidir com a de M2, já que a desta vai no sentido de considerar os filhos como exteriores ao casal (FA) e dificultadores da sua vivência (FL; FPR). M2 parece ainda reconhecer o papel revelador destes, utilizando-o, no entanto, de uma forma narcísica, já que estes mostram as suas qualidades (FMQ), mas mostram os defeitos do outro (FMFO) e da família de origem deste. Os sogros são percebidos por M2 como modelos de paternidade negativos para o seu marido (SM), devido à sua rigidez de carácter ou à sua falta de apoio financeiro ao filho e ao casal (SFA).

Após este percurso, o casal 2 parece ser discordante quanto ao seu resultado actual. M2 centra o seu discurso em características da relação que remetem para a indiferenciação entre os membros do casal, numa atitude de idealização da relação (CRAS) e de protecção desta do exterior (CRPI). Este perigo também parece ser reconhecido por H2 em relação aos amigos da sua mulher (ADAO). Porém, no seu discurso predominam aspectos positivos mas que remetem para a diferenciação entre os membros do casal (CRDT; CRPIN; CRNC).

Ambos os membros do casal parecem reconhecer a existência de diferenças entre si ao nível das características pessoais. Apesar destas serem identificadas como pontos de divergência entre o casal, parece que este é capaz de usá-las como ponto de contacto. Ambos consideram que são complementares entre si (PCC) e que a tolerância (PCT) é uma virtude da sua relação, destacando o entendimento (PCE) que conseguiram obter entre si. O amor (PCA) e o planeamento familiar (PCPF) é igualmente referido pelo casal como pontos de contacto. M2 enfatiza ainda a sua responsabilidade na união do casal, resultante do seu investimento na relação (PCIN) e dos seus esforços de preservação do casal (PCPC). No entanto, refere sentir-se ignorada pelo outro (PDIO). H2 reconhece a existência de problemas de comunicação entre o casal (PDFC) e de situações de assimetria que o desfavorecem (PDAS). Os membros do casal são ainda concordantes na existência de conflitos relacionados com a gestão da casa e das tarefas domésticas (PDGC).

Perante o conflito, o casal 2 procura a sua resolução através da sua análise (RCAC) e de cedências mútuas (RCC; RCCO), apesar destas parecerem ser mais comuns da parte de H2. Devido à necessidade expressa de M2 de analisar o conflito de forma detalhada, parece que, por vezes, esta não representa para um mecanismo de resolução, mas sim de exercer controlo através da racionalização. Aliás, os mecanismos de controlo parecem ser predominantes em M2 (RCPE; RCU) e a sua influência é reconhecida por H2 (PDNIO). Ambos parecem utilizar ainda os outros como forma de atenuar o conflito (RCB; RCDO) e referem mecanismos que traduzem passividade (PCA; PCAO). M2 refere ainda que ambos utilizam mecanismos indicadores de impulsividade (RCE; RCCC), apesar dos aspectos rígidos de personalidade reconhecidos por ambos em H2 (ORE; OS).

Em relação ao futuro, o casal 2 parece ter dúvidas quanto à direcção que a relação irá tomar. M2 refere esta incerteza directamente (CRFI), enquanto que H2 considera que a saída dos filhos poderá influenciar a vivência do casal (MSF). No entanto, a hipótese de separação parece ser inconcebível (RSIC).

De uma forma geral, o casal 2 é concordante na forma como descreve o seu percurso no sentido da diferenciação. Sendo mais comunicativa que o seu marido, M2 descreve-o de uma forma mais completa.

O casal parece ser discordante na descrição da relação actual. H2 considera que o casal, através da adaptação, conseguiu alcançar um equilíbrio das suas diferenças individuais, permitindo que o casal mantenha um bom entendimento e, simultaneamente, preserve a individualidade de ambos. No entanto, a sua individualidade parece ser preservada devido à rigidez do seu carácter, já que H2 reconhece o esforço de M2 em exercer controlo e mudança na sua maneira de ser. H2 parece reagir a este confronto através da racionalização ou evitando-o.

M2, por seu lado, parece não reconhecer solidez suficiente na relação, que permita a individualização dos seus membros. Considera que a união do casal se deveu à comunhão ideológica do início da relação, bem como a contestação conjunta do exterior traduzida na atitude “nós contra o mundo” e procura que estas perdurem na relação, através da identificação projectiva. No entanto, quando esta falha, e face à evidências de que o outro é diferente de si, M2 adopta mecanismos de racionalização que visam o controlo do outro e a desvalorização das suas diferenças, de modo a retomar as identificações projectivas. De igual modo, ao colocar os filhos como exteriores ao casal, M2 evita que estes perturbem a relação, dado o seu papel como reveladores das suas diferenças.

Em conclusão, neste casal podemos identificar a existência de um conflito predominante entre a diferenciação e a indiferenciação, desencadeante de angústias catastróficas. Perante o conflito, o casal parece mobilizar fundamentalmente mecanismos de racionalização do conflito que visam o controlo de um dos seus membros sobre o outro, no sentido de atenuar as diferenças entre ambos.

No entanto, o que parece manter este casal unido é a existência dessas diferenças, que parecem funcionar no sentido da complementaridade entre ambos.

Casais “Os Pais e Filhos”

Casal 1

O casal 1 parece ser discordante no que diz respeito à caracterização da sua relação no passado. Enquanto a mulher (M1) centra o seu discurso na descrição da fase do namoro, o homem (H1) centra o seu discurso na fase inicial do casamento, desvalorizando assim a fase anterior a este. Esta diferença poderá explicar as discrepâncias encontradas ao nível da natureza dos aspectos referidos por ambos. Apenas a M1 refere a existência de afectos impulsivos na aproximação dos membros do casal (CRPE) ou a existência de aspectos que os afastam e que são internos à relação (CRPSI e CRPA). H1, por seu lado, faz uma descrição mais racional do início da relação, referindo a existência de objectivos e prioridades comuns ao casal no início da sua vida em conjunto (CRPOB), valorizando assim a relação estabelecida entre o casal e os aspectos exteriores a si, como os filhos (CRPCF) ou a vida profissional. A única referência que M1 faz a esta fase da sua relação, e que é coincidente com o seu marido, é a existência de dificuldades financeiras no início do casamento (CRPDF) e o colmatar dessas necessidades pelos pais de ambos (CRPAE).

Relativamente à decisão de casar, o casal 1 é concordante na identificação do amor como sendo um dos motivos (CA). O H1 ainda acrescenta um motivo de ordem racional que diz respeito à sua necessidade de “organizar” a vida (CNC). Tendo-se descrito com uma personalidade com traços obsessivos (EOB) e tendo descrito a sua mulher como uma pessoa rigorosa (OR), H1 parece ter encontrado aqui um ponto de complementaridade que o conduziu à tomada de decisão de se casar.

O casal 1 é ainda concordante na valorização da aprovação exterior como condição facilitadora desta tomada de decisão (CAE). Ambos revelam ainda sentimentos ambivalentes (CAM) em relação a este ponto: M1 revelou ter dúvidas do sucesso desta união e H1 refere alguma precipitação ou impulsividade nesta decisão, o que pode ser explicado pela evolução posterior da relação.

M1 fala da evolução da sua relação como um processo que alterna entre fases positivas e negativas (ERF; ERI). Do seu percurso realça o momento em que o casal

mudou de casa (MMC) como provocador de mudança no sentido de ter aproximado o casal (ERMU). Esta mudança significou igualmente um afastamento da mãe do seu marido, que era sentida por ela como tendo uma interferência negativa na relação (SI, SR; PDROS) e na vivência do casal (SFA). Deste modo, a mudança de casa significou para si uma vitória sobre o rival. No entanto, esta vitória parece não ter sido suficiente, já que M1 identifica um marco mais actual da relação, a reforma do marido (MR), que considera provocador de afastamento (ERAF). O facto do marido ter mais tempo para se dedicar às suas actividades (EML), parece ter posto em evidência a diferença existente entre os dois ao nível de interesses (PDI). Esta diferença parece até ser maior actualmente, já que ambos reconheceram que a relação evoluiu no sentido de haver uma menor partilha de interesses e actividades (ERMNP). A menor tolerância (ERMNT), também reconhecida por ambos, poderá ter agravado a reacção do casal ao reconhecimento dessas diferenças.

O afastamento entre o casal parece ainda ter reflexo na sua vida social. M1 considera que se tem isolado (ERIS) e sente-se excluída do grupo de amigos do marido (AE), desenvolvendo em relação a estes sentimentos de rivalidade (AR). H1 confirma esta exclusão, como se a proximidade entre os seus amigos e a sua mulher fosse ameaçadora. No entanto, parece valorizar e dedicar-se a esses convívios, valorizando as relações de amizade em detrimento das amorosas (ESO; PDDR).

Ao nível pessoal, M1 reconhece a importância que teve para si o casamento do filho (MSF), que despoletou reacções de depressão e de dependência (RSD; RSDE). Refere igualmente a doença da mãe (MDFA) e a morte do pai (MPFA) como marcos significativos do seu percurso, já que estes funcionaram como modelos de identificação para si (PM), e cujo conservadorismo e controlo (PCO; PC) parecem ter sido responsáveis pelas características rígidas de personalidade que reconhece em si (ER; EVM). O nascimento da neta (MN) é então referido como reparador da sua angústia de abandono (NR) por perda ou afastamento do filho, pai e marido. Para fazer face ao afastamento do marido, M1 parece procurar actividades que a valorizem (EMVP), provavelmente com o objectivo de recuperar o interesse do outro, nas quais procura o acompanhamento do filho numa tentativa de substituir o outro (FAL).

H1, por seu lado, fala de uma evolução constante na relação (ERC), apesar de reconhecer que esta se deu no sentido do afastamento do casal (ERAF). Reconhece como marcos da sua relação aspectos que não têm a ver directamente com a relação, mas sim com terceiros (MPFA; MCF). Tal como a sua mulher, H1 refere-se a morte dos seus pais como um marco significativo do seu percurso. Neste ponto M1 é concordante, já que refere a morte da sua sogra como responsável pelo crescimento do seu marido (OMC).

Apesar do nascimento dos filhos não ter sido referido pelo casal 1 como marco da relação, é visível a interferência que estes tiveram ou têm nesta. É comum a ambos o reconhecimento de sentimentos de rivalidade com os filhos em relação ao outro (FR), sendo estes percepcionados como ameaçadores da relação. Parece também ser concordante entre ambos a correspondência entre os filhos reais e os filhos idealizados pelo casal (FI) mas, no caso de M1, esta correspondência parece ter deixado de existir à medida que estes foram crescendo (FD). Tal mudança poderá dever-se ao facto de estes funcionarem para si como espelhos de identificações projectivas fundamentalmente de aspectos negativos seus e do outro (FE; FMFC; FMFO; FMFS), pondo em evidência as divergências que existem entre o casal. Deste modo, tendo tais atributos, os filhos revelam-se como fonte de ansiedade para ambos os pais (FPR), motivo de conflito entre o casal (PDEF) e desvalorização própria de M1 (EIS; ECL).

Após este percurso, e no que respeita à descrição da relação actual, o casal 1 apresenta fortes divergências. H1 centra o seu discurso nas características positivas que atribui à relação e de onde se destaca a idealização da mesma (CRRES), mesmo em situações de dificuldade (CRR). Acredita, tal como a sua mulher, que o amor entre si os tem mantido juntos (PCA), mas considera os aspectos de vivência exterior passada (PCH; PCPF) como igualmente determinantes. Da sua caracterização da relação actual parece ainda realçar a percepção da rivalidade existente entre si e a sua mulher, especialmente no que respeita à vida profissional de ambos (CRS;ADAO;OIC).

Por outro lado, M1 centra a descrição da relação actual nas suas características negativas, realçando a desidealização (CRD) que foi sendo feita por si da relação e que é reflexo do afastamento percebido entre ambos. M1 realça assim

como pontos de divergência aqueles que estão relacionados com a vivência interna da relação (PDFC; PDIO; PDVS), pondo em evidência a sua angústia de abandono. Como pontos de contacto destaca aqueles que visam colmatar essa angústia (PCDA; PCAP; PCIN).

O casal 1 é concordante no reconhecimento da actual diferença de interesses dos membros do casal como ponto de divergência principal (PDI). Estas diferenças, aliadas ao individualismo de H1 (PDIN) e às prioridades de M1 (PDPR), resultam no reconhecimento do ambos da falta de momentos a dois (PDFM). O casal parece fazer face a essa lacuna, procurando ceder nos seus interesses (RSCE; CRNC) de modo a preservar esses momentos (PCPC) e a atenuar o afastamento. M1 refere ainda o reconhecimento de diferenças entre si e o seu marido, que conduzem a uma maternalização deste (CRM), pondo em evidência as características de afectividade e rigidez que reconheceu possuir (EM; ER).

Perante o conflito, o casal 1 é concordante na activação de mecanismos que traduzem impulsividade (RCRR) e passividade (RCEO), no sentido de evitar o confronto entre si. As tentativas de resolução do conflito através da sua análise (RCAC), parecem ocorrer apenas devido à iniciativa de M1. Ambos parecem reconhecer em H1 mecanismos passivos neste processo (RCAO; RCDE) e a tentativa de resolução do conflito através de comunicação corporal (RCCC) parece estar relacionada com a afectuosidade (OAF) que lhe é reconhecida pela sua mulher. M1 reage também com passividade, pondo em evidência a sua tendência para a desvalorização de si (RCH) ou atenuando o conflito através da comparação com os outros (RCDO).

De uma forma geral, o casal 1 é discordante na forma como caracteriza a sua relação e o seu percurso, apesar de serem concordantes no reconhecimento do movimento de afastamento entre si.

M1 parece percepção a relação como sendo semelhante à relação mãe e filho, reagindo com uma forte angústia de abandono ao movimento de autonomia do marido. O percurso da relação parece então ter sido no sentido da desidealização da

relação, mas havendo uma tentativa de preservar as boas qualidades do objecto e, assim, investir na sua recuperação.

H1, por seu lado, parece realçar na caracterização da sua relação situações semelhantes à rivalidade fraterna. No entanto, reconhece o seu movimento de autonomia e individualização do outro ao longo do seu percurso. Deste modo, H1 reconhece o afastamento do casal, mas nega as suas consequências negativas na relação e no outro. O uso de um discurso fortemente racional durante a entrevista reforça este mecanismo de negação.

Em conclusão, neste casal podemos identificar a existência de um conflito predominante entre a autonomia e a dependência, desencadeante de angústia de separação. Perante o conflito, o casal parece mobilizar fundamentalmente mecanismos que visam o evitamento do confronto, no sentido de preservar a relação. Esta preservação é ainda reforçada pela rivalidade estabelecida entre o casal e todos os que são exteriores a ele, numa atitude de natureza paranóide em que tudo o que é exterior à relação é ameaçador a esta.

Dado o movimento de afastamento verificado entre o casal, o que parece manter este casal unido é a preservação da relação passada e da sua história, o que sugere a existência de racionalizações.

Casal 3

O casal 3 não parece ser homogéneo quanto à natureza dos aspectos que os aproximou no início da sua relação. Enquanto a mulher (M3) faz uma descrição deste movimento como impulsivo, o homem (H3) descreve-o como uma construção racional. Porém, este casal é concordante quanto à natureza do seu afastamento na fase inicial. Ambos referem a ausência de intimidade entre o casal (CRPSI), provocado pela reprovação (CRPRE) e controlo dos pais (PCO) na fase do namoro e pela necessidade, por motivos externos, de se separarem efectivamente nesta fase (CRPSE). Os aspectos de afastamento externos parecem ser responsáveis pelo afastamento interno do casal.

Em relação à decisão de casar, o casal é concordante no reconhecimento do amor como motivo desta união (CA), sendo no entanto destacado por M3. Ambos referem ainda motivos racionais (CF; CDC; CPC) e M3 considera que o facto do casamento ser um costume na sua família (CC) foi determinante para a forma como esta união se processou. H3 salienta a existência de condições facilitadoras a esta união, de onde destaca o conhecimento mútuo dos membros do casal (CCM), racionalizando novamente este processo. M3 avalia o resultado do casamento como positivo para si, no sentido em que este significou novas oportunidades e experiências (CO), apenas possíveis após o movimento de autonomização dos pais.

Relativamente ao seu percurso, o casal 3 é concordante na descrição de um movimento gradual (ERCO) no sentido da estabilização do casal (ERE), devido ao maior conhecimento entre os seus membros (ERMCN) e, como H3 refere, e uma maior maturidade destes (ERMM). Esta estabilização traduz-se, para H3, pela redução dos conflitos entre o casal (ERMNC). Na identificação do movimento simultâneo de afastamento, ambos considera que este se deu ao nível dos afectos (ERES) e H3 considera que se tem tornado mais autónomo em relação a M3 (ERMND). M3 refere ainda a existência de um movimento de isolamento social do casal (ERIS), apesar da valorização da amizade de H3 (EVA) ou de M3 se considerar sociável (ESO). A verdade é que as relações entre o casal e os amigos nunca são referidas.

A identificação dos marcos da relação, internos ou do casal, mas possibilitados por condições exteriores, parece só influenciar este percurso quando dizem respeito a situações que provocaram a sua aproximação (MRE; MMS). A referência de M3 ao casamento (MC) e de H3 à notícia da gravidez da mulher (MNG) parecem ser mais determinantes no percurso individual de cada membro. De igual forma, para M3, os problemas individuais de cada um parecem influenciar a própria relação (MPS; MPSO). Ambos são ainda concordantes em relação à influência de terceiros neste percurso (MNF; MPFA).

Para M3, o casamento parece assim ser um marco, não da história do casal, mas sim do seu processo de autonomização dos seus pais. No entanto, este processo não parece ter sido concluído nesta fase, dadas as dificuldades de separação referidas por M3 (RSDIS) e traduzidas na manutenção de relações de dependência a estes

(RSRA; RSDE). Esta parece ser reforçada pelas suas características pessoais (ESE; EN), pela proximidade dos pais na vivência do casal (PPS), sentida por M3 como facilitadora (PAF; PPC; PAFI) e, simultaneamente, dificultadora desta (PP; PRF), ou provocadora de conflito (PRO). O momento da morte dos seus pais, parece assim ter precipitado a sua autonomização, desencadeando reacções de depressão (RSD) e de mudanças pessoais no sentido da fragilidade (EMD; EMS; EMA). Estas mudanças parecem sustentar a situação actual da relação do casal, descrita por M3 como sendo de dependência anaclítica (CRRRA). O casal é concordante na idealização da relação (CRRES) e na sua caracterização como relação em espelho (CRRE), reforçadas no discurso de H3. De facto, os membros do casal apresenta características pessoais semelhantes, tais como a nostalgia e o sentimentalismo (ON; OSE). Apesar desta indiferenciação, M3 refere ter necessidade de preservar a sua individualidade (CRPIN), reforçada pela sua característica pessoal de necessidade de mudança (ENM). Esta ambivalência traduz-se na descrição que M3 faz da sua reacção à separação real ou imaginária do outro, em que alterna entre sentimentos de libertação (RSL) e de dependência (RSDE). H3, por seu lado, considera-se dependente da sua mulher (CRDEO), reconhecendo, no entanto, que o percurso da relação o conduz a uma menor dependência desta (ERMND). Estas perspectivas parecer justificar o modo como ambos projectam a relação no futuro: M3 vê o futuro com incerteza (CRFI) e H3 espera que este seja uma continuidade da situação actual (CRFC).

O nascimento da filha (MNF), referido pelo casal como outro marco da sua relação, é percebido por M3 como ameaçador da relação do casal, desenvolvendo sentimentos de rivalidade com esta (FR) ou reconhecendo esses sentimentos por parte do marido (FRO). Ambos são concordantes no reconhecimento da interferência da filha na vivência do casal, sentida como dificultadora da mesma (FII; FP). H3 reconhece que houve uma alteração das rotinas (ERAR) e das preocupações do casal (ERMPPR) após o nascimento desta. H3 parece perceber a filha como reveladora das suas qualidades pessoais (FMQ), de uma forma narcísica, e concordar com M3 na caracterização desta como insuficiente (FIS). A divergência no planeamento familiar (PDPF) reconhecida por H3 é atribuída pelo casal à mãe de M3 (SRF; PRF), apesar do seu papel de prestação de cuidados da neta (SAF; PAF). O neto surge então como um equivalente do filho que não tiveram. M3 utiliza-o como reparador da sua angústia de separação dos pais (NR) e como motivo de

reforço da rivalidade com a filha (NRF). H3, por seu lado, utiliza-o de uma perspectiva narcísica, percebendo-o como admirador de si (NAS).

O casal 3 realça o entendimento (PCE) entre os seus membros como ponto de contacto entre si. Este parece ser resultante da sua concordância em termos de afectos (PCA; PCAM) e de características pessoais (PCG; PCV), dos seus momentos de partilha (PCP) e dos seus esforços no sentido de preservação do casal (PCPC). H3 acrescenta ainda, racionalizando, a transparência (PCTR) e o respeito (PCR) e tolerância (PCT) pelas suas diferenças. Refere ainda a união do casal devido à partilha da história passada (PCH) e dos projectos futuros (PCPR).

M3 considera que o que afasta o casal são as suas diferenças pessoais (PDP) e as dinâmicas que se instalaram entre si. M3 refere a discrepância entre o marido e o seu ideal do outro (PDONI), responsável pela dependência deste em relação a si (PDDOE) e pelas assimetrias entre o casal (PDAS). Ambos reconhecem a monotonia (PDM) como igualmente responsável pelo seu afastamento, relacionada com as características rígidas e passivas da personalidade de ambos, que M3 considera como dificultadoras da relação. As prioridades de H3 (PDPR) são ainda provocadoras de conflitos entre o casal. Estas, aliadas à proximidade dos outros familiares, parecem ser reconhecidas por H3 como responsáveis pela falta de momentos a dois (PDFM).

Na reacção aos conflitos, o casal reconhece a predominância dos mecanismos passivos de evitamento do confronto (RCDE; RCB). M3 parece ser mais activa e impulsiva na procura da resolução do conflito (RCRR; RCE), o que é concordante com a descrição que faz de si (EAC). H3, por seu lado, distorce a realidade (RCTO), de modo a evitar o conflito, apesar de referir as suas qualidades (ET) como responsáveis pela união do casal, o que também parece ser concordante com a idealização revelada na sua descrição da sua personalidade (EES). M3 refere ainda uma mudança na sua reacção ao conflito, no sentido da responsabilização do outro pelo conflito (ERRO), o que parece ir de encontro à lógica da sua tentativa de individualização e autonomia.

Os membros do casal 3 parecem, assim, ser concordantes na identificação da dependência como característica fundamental da sua relação e do seu percurso. No entanto, ambos parecem vivenciar esta característica de forma distinta.

M3 parece ter deslocado a sua dependência narcísica das figuras parentais para o seu marido, após a morte dos seus pais. Perante o confronto entre as características do marido real e as características do seu ideal, o marido revelou-se insuficiente como reparador da sua falha narcísica. Deste modo, M3 oscila entre mecanismos que visam a manutenção e o incremento da situação da dependência, nomeadamente as suas mudanças no sentido de uma maior fragilidade, e sentimentos de claustrofobia, revelados nas suas tentativas de autonomização.

H3, por seu lado, mantém a relação de dependência da sua mulher ao longo deste percurso, apesar de reconhecer que esta, actualmente, estará mais atenuada. A sua idealização de si, do outro e da relação, bem como a sua passividade e a racionalização, parecem ser mecanismos usados na manutenção desta situação de dependência. A utilização massiva de identificações projectivas no outro, é ainda responsável pela indiferenciação entre os membros do casal, percebida por H3.

Em conclusão, neste casal podemos identificar a existência de um conflito dominante entre os movimentos de dependência e de autonomia, responsável pela activação de angústias de separação ou por sensações claustrofóbicas. Perante o conflito, e para fazer face à angústia de separação, o casal parece mobilizar mecanismos que evitam o confronto e a separação, no sentido de preservar a relação. Esta parece ser ainda preservada pelo casal, através da rivalidade que os seus membros parecem ter com tudo o que é exterior ao casal, numa atitude de natureza paranóide. No entanto, quando as sensações claustrofóbicas são dominantes, o casal parece mobilizar mecanismos de carácter mais impulsivo e que visam o confronto e a resolução do conflito.

Assim, o que parece sustentar a união deste casal são as dificuldades de separação de ambos os membros resultantes das suas falhas narcísicas.

*Casais “Os Idealizados”**Casal 4*

O casal 4 descreve a sua aproximação inicial como sendo motivada por factores impulsivos (CRPE, CRPAF). A mulher (M4) considera ainda que houve factores construídos e mais racionais nesta aproximação (CRPIO; CRPM) e reconhece sentimentos de ambivalência (CRPAB) e a existência de assimetrias entre os dois membros do casal (CRPA) nesta fase inicial da relação. O homem (H4) banaliza este início, por comparação com os outros casais (CRPB). Refere ainda influências exteriores, no sentido da aprovação por parte dos seus sogros (CRPAE) e desaprovação por parte dos seus pais (CRPRE).

Em relação à decisão de casar, ambos identificam motivos afectivos e de carácter impulsivo (CA; CI). M4 considera que esta decisão partiu da iniciativa do seu marido e das suas necessidades (CNO) e reconhece a reprovação da família de origem do outro nesta tomada de decisão (CREX). H4 percepção o casamento como uma forma de se libertar da sua família de origem (CL). No entanto considera que a decisão foi conjunta (CDC). Acrescenta ainda que a consolidação da relação (CCO) e a situação financeira do casal nesse momento (CCF) facilitaram a tomada desta decisão.

De facto, desde logo, a família de H4 surge como ameaçadora do bom funcionamento da relação. Apesar do apoio financeiro reconhecido por ambos (PAFI; SDF), M4 considera que este resultou numa dependência que provocou em comportamentos controladores (SC) e intrusivos (SI) por parte dos seus sogros, estabelecendo com estes uma relação de rivalidade (SR), dominada por sentimentos ambivalentes (SA). Já os pais de M4 são reconhecidamente distantes do casal (SD).

O percurso da relação é descrito pelo casal 4 como gradual e com elementos constantes (ERC). O maior conhecimento entre si (ERMCN) parece ter permitido a adaptação do casal (ERA) e a consequente redução dos conflitos (ERMNC). No entanto, M4 reconhece alguma intermitência neste percurso (ERF) e a relação do casal com os pais do seu marido parece ser determinante das suas fases. M4 descreve

um movimento de autonomia do casal em relação aos seus sogros (ERAE), salientando momentos como a mudança de casa (MMC) ou as dificuldades financeiras do casal e dos seus sogros (MDF) como determinantes desse processo. Ao longo da sua evolução, M4 refere ainda que houve alterações em termos de afectos (ERMA) e de preocupações (ERMPR), bem como mudanças pessoais no sentido de uma maior maturidade (EMA) e de uma diminuição da sua dependência em relação ao seu marido (ERMND). Em termos de vivência do casal, M4 reconhece que, actualmente, tem menos disponibilidade para a relação (ERMDI). Esta falta de tempo é igualmente referida por si com o nascimento dos filhos (MNF), e este marco parece ser vivenciado por M4 como uma perda para a sua relação (FPE). O reconhecimento da responsabilidade de ter filhos (FRE) é incrementado pela demissão do seu marido deste campo (FDMO), o que resulta num aumento da sua ansiedade (FPR). H4, por seu lado, considera que o percurso do casal se deu no sentido de uma maior união entre os seus membros (ERMU) e num isolamento social do casal (ERIS). Os amigos são assim percepcionados por si como ameaçadores do bom funcionamento da relação (AS; ARAO). Os filhos, dado o seu carácter limitador (FL), parecem, igualmente, ser ameaçadores a esta.

Através da descrição que o casal 4 faz da sua relação actual, podemos considerar que há uma diferenciação clara entre os seus membros. Cada um parece ter um papel definido na relação, havendo, no entanto, o reconhecimento de assimetrias (PDAS), resultantes das suas diferenças pessoais (PDP). Deste modo, M4 surge como líder da família, dadas as suas características de personalidade que indicam rigidez (EL; EA) e actividade (EAC; EPO; OPR). H4, por outro lado, é caracterizado pela sua passividade (OPA; EPA) e fragilidade (ONE; OSI; OMQ; OIF). Assim, ambos são concordantes em descrever a sua relação actual como um processo de maternalização de M4 em relação a H4 (CRM), do qual resulta uma relação de dependência (PDDOE). Face a esta relação, M4 procura preservar a sua individualidade (CRPIN), enquanto reconhece em H4 a existência de sentimentos de ciúme (PDCOE) e mecanismos de controlo em relação a si (RCCT). Desta assimetria parecem ainda resultar sentimentos de M4 de falta de apoio do seu marido (PDFA).

Por outro lado, parece ser clara a idealização que ambos fazem da sua relação actual. Ambos reconhecem o seu carácter especial (CRRES) e consideram que esta se baseia fundamentalmente no amor (PCA) e na cumplicidade (PCCU), de onde

resulta um bom entendimento entre o casal (PCE). M4 inclui ainda o compromisso (PCCP), a transparência (PCTR) e a confiança (PCCF) como pontos de contacto entre ambos. Apesar de se considerarem auto-suficientes (CRAS), o casal 4 parece utilizar os outros como reforço da sua idealização da relação e da idealização que M4 faz dos seus membros (PCI; EES; OES). Assim, amigos e filhos são percebidos por M4 como admiradores da relação (FAR; AA), podendo ser parte integrante do casamento (FPC), sem o ameaçar. Ambos reconhecem o papel dos filhos como reveladores das qualidades dos membros do casal (FMQ; FMQO). Estes procuram assim preservar a imagem do casal (CRPI) para este servir de exemplo aos seus admiradores (CRE). Apenas os pais de H4 parecem não fazer parte deste grupo e a relação entre H4 e estes é, segundo M4, responsável pelos conflitos entre o casal (PDROS). As suas diferenças de personalidade (PDP) e a monotonia (PDM) percebida na relação parecem igualmente ser motivo de divergências entre ambos. H4 acrescenta ainda a existência de conflito quando não corresponde ao ideal de M4 (PDNIO) e a sua insatisfação resultante da falta de tempo para o casal (PDFM; PDPR).

Perante o conflito, o casal 4 parece mobilizar, fundamentalmente, mecanismos que indicam passividade, no sentido do evitamento do conflito ou mecanismos que visam o controlo do outro. M4, dadas as suas características de personalidade (OEX), parece ainda mobilizar defesas do tipo impulsivo, no sentido de precipitar a resolução (ou não resolução) do conflito.

De uma forma geral, o casal 4 parece concordante do reconhecimento do conflito entre o casal e o exterior como determinante do seu percurso, no sentido da autonomização do casal. Ambos parecem ainda perceber a relação estabelecida entre si, como semelhante à relação entre mãe e filho, em que cada um dos membros do casal desempenha e reforça um papel bem determinado.

Para fazer face ao conflito com o exterior, ambos parecem idealizar a relação e utilizar os outros como reforço desta idealização, de modo a torná-los inofensivos relativamente a esta.

Casal 5

Na descrição do início da relação, o casal 5 parece ser concordante no reconhecimento da impulsividade na sua aproximação (CRPE; CRPAF). A mulher (M5) acrescenta ainda o bom entendimento do casal nesta fase (CRPEN). Considera, no entanto, que a sua diferença de idades e de experiências resultaram em assimetrias que caracterizaram a fase inicial da relação (CRPA). No entanto, essas mesmas assimetrias foram responsáveis pela percepção de M5 do início da relação como oportunidade de novas experiências (CRPO). M5 refere ainda a reprovação por parte da sua mãe e dos seus sogros deste início (CRPRE).

A figura da mãe de M5 parece ser determinante nesta fase da relação, devido à sua oposição (POR), repressão (PR) e tentativa de manipulação no sentido de afastar o casal (PC). Assim, a libertação da mãe surge como motivo principal da tomada de decisão de M5 se casar (CL). M5 acrescenta ainda os afectos (CA) a esta decisão e ambos reconhecem o seu carácter racional (CDC). No entanto, a reprovação exterior desta decisão (CREX) parece estar na base dos sentimentos ambivalentes revelados por M5 quando faz uma avaliação deste passo (CAM). Apesar da reprovação, o apoio na educação dos filhos e a ajuda financeira prestados pela mãe de M5 (PAF; PDF) facilitou a vivência do casal, de modo que M5 considera que o casal é dependente financeiramente desta. Esta situação faz com que ambos revelem sentimentos ambivalentes em relação à mãe de M5 (PA; SA).

Relativamente ao percurso da relação, o casal 5 reconhece o seu movimento cíclico (ERCI), no sentido da aproximação e adaptação (ERA) dos seus membros. Simultaneamente, ambos referem o isolamento social do mesmo (ERIS; EMMB). M5 considera que o movimento de adaptação resultou numa estabilização do casal (ERE), e que foi acompanhado por um esfriamento dos afectos (ERES) e por uma menor dependência sua em relação ao seu marido (ERMND). O homem (H5), por seu lado, reconhece um movimento de afastamento entre si, considerando que houve um aumento dos conflitos (ERMCO) e uma diminuição da disponibilidade que ambos têm para o casal (ERMNDI). Considera que o nascimento dos filhos foi um marco importante neste percurso (MNF), no sentido da sua interferência temporal (FIT), na alteração das rotinas (ERAR) e na mudança de preocupações (ERMPR).

M5 é concordante na interferência dificultante dos filhos na vivência do casal (FL), realçando a demissão do marido nesta área (FDO).

A relação actual é descrita por M5 como uma relação de dependência em dois sentidos. Por um lado, M5 refere a necessidade de ser “mãe” do seu marido (CRM), resultante das características imaturas e passivas da personalidade de H5 (OAL; OIF) e das características rígidas de M5 (EL; EI), que resultam numa assimetria entre ambos no que diz respeito à gestão da casa (PDAS). Esta dependência põe em evidência o reconhecimento das diferenças individuais dos membros do casal (PDP) e parece ocorrer fundamentalmente ao nível da vida quotidiana. Por outro lado, M5 descreve-se também como imatura e revela a sua dependência em relação a H5 (CRDEO), reagindo de um modo emotivo à sua separação (RSAS; RSDI; RSC). Esta dependência parece ser mais no sentido da dependência anaclítica (RSRA) do que a dependência que o marido tem de si.

A relação actual é também percebida por M5 na sua relação com o exterior. A relação é vista como sendo auto-suficiente (CRAS) e exemplar (CRE), havendo, no entanto, necessidade de preservar a sua imagem para o exterior (CRPI). M5 parece perceber, não só a sua mãe, mas também os seus sogros, como opostos à relação (SOR) e dificultadores da vivência (SNC; SRF) e da relação do casal (SC). A relação entre H5 e os seus pais é considerada como responsável pelos principais conflitos entre o casal (PDROS). Assim, M5 percebe os seus sogros como rivais (SR). Os filhos, por outro lado, sendo correspondentes aos ideais do casal (FI) e reveladores das suas qualidades (FMQ; FMQO), estão integrados, por M5, no casamento. Esta integração é explícita quando M5 refere como marco da relação os momentos passados em família (MMF), ou seja, o casal com os seus filhos. No entanto, a filha de H5, resultante de um casamento anterior, apesar de não residir com o casal, é considerada por M5 como um motivo de conflito (PDEF), já que é reveladora das falhas de H5 como pai (FMFO). H5 não se refere a esta filha e parece fazer um isolamento do casamento anterior em relação ao actual (RSI).

O casal 5 é ainda concordante na identificação do amor (PCA) e da semelhança das suas características pessoais (PCFE; PCG) como responsáveis pelo actual entendimento entre os dois (PCE). M5 considera que estas se complementam (PCC). Acrescenta ainda a atracção física (PCAF), a partilha (PCP), o apoio (PCAP)

e a educação dos filhos comuns (PCEF) como pontos de contacto. H5, por seu lado, considera que são essas mesmas características de personalidade que os afastam (PDP), bem como os projectos futuros (PDPI). Para M5, as divergências são igualmente resultantes de diferenças de interesses entre os membros do casal (PDI) e do individualismo de H5 (PDIN). A vivência externa (PDPR; PDPI) e os ciúmes de M5 em relação ao marido (PDCEO) são igualmente reconhecidos como pontos de divergência do casal.

Perante o conflito, o casal parece mobilizar fundamentalmente mecanismos de controlo do outro (RCU; RCCT; RCCP) e de evitamento do conflito (RCEV). Quando o controlo falha, M5 parece mobilizar mecanismos de distorção da realidade (RCCL), como o objectivo de preservar a relação. H5, por seu lado, procura precipitar a resolução do conflito (RCRR), de modo a evitar o confronto.

De uma forma geral, o casal 5 parece ter como conflito predominante, o conflito entre o casal e o exterior. O casal é ainda concordante no reconhecimento das diferenças entre si e da sua dependência mútua, tendo esta diferentes funções para os membros do casal.

H5 parece procurar estabelecer com M5 uma relação semelhante a um filho com uma mãe, demitindo-se das suas funções na gestão da casa e da família. Tal como um adolescente, vê esta “mãe” como impeditiva da sua vida social e vivencia os conflitos com esta de forma competitiva.

Para M5, a sua dependência do marido parece tomar a forma de dependência anaclítica. A separação do objecto provoca angústia de separação e até mesmo angústias catastróficas. Face aos aspectos do objecto considerado por M5 como ameaçadores da relação, esta realiza clivagens no objecto, de modo a não ter de se confrontar com os seus aspectos negativos, preservando e, consequentemente, preservando-se.

Casal 6

O casal 6 parece ser discordante na forma como descreve a sua relação inicial. Enquanto que o homem (H6) destaca o carácter impulsivo da aproximação do casal (CRPAF; CRPI), a mulher (M6) destaca os aspectos que os afastaram inicialmente, nomeadamente a assimetria (CRPA), a ambivalência (CRPAB) e a falta de intimidade nesta fase (CRPFI). Ambos identificam aspectos exteriores que colaboraram na sua aproximação, como a aprovação dos seus pais da relação (CRPAE), e referem a imposição de um afastamento real por motivos exteriores (CRPSE).

A decisão de casar, para ambos, foi baseada no amor (CA). H6 refere ainda motivos de ordem racional, relacionados com as suas necessidades de contenção (CNC) e de prestação de cuidados (CTD). A ideia de casar para ter alguém que seja responsável pelas tarefas domésticas parece estar relacionada com as suas características de personalidade conservadoras (ECS) e com a percepção de fragilidade que M6 (OFD) tem de si. Implica ainda o reconhecimento de H6 de características em M6 que sustentem esta divisão de papéis (OI; OM; OPR). No entanto, ambos avaliam a sua tomada de decisão de casar como sendo precipitada (CAM).

Em relação ao percurso da relação, ambos parecem percepcionar um movimento de aproximação entre os membros do casal, resultante de um processo gradual de adaptação (ERA). Ambos identificam como marcos relevantes da sua história momentos que contribuíram para esta aproximação, como o reencontro (MRE) ou o casamento (MC). Segundo M6, a resolução do conflito entre o casal (ERRC) devido à relação de H6 e a sua mãe (PDROS), parece ter contribuído para esta união (ERMU), bem como a saída dos filhos de casa. De facto, estes eram percepcionados por M6 como limitadores da vivência do casal (FL), considerando o seu nascimento como outro momento marcante do seu percurso (MNF). M6 reconhece ainda que o casal se tem tornado mais dependente (ERMD), como reflexo das circunstâncias da idade. H6 partilha estas preocupações, reconhecendo a importância que os problemas de saúde da sua mulher tiveram na sua história (MPSO) e revelando dificuldades em lidar com o seu próprio envelhecimento (EDE).

Estas preocupações alargam-se ainda aos outros membros da família (FPR; NPR), sendo vivenciados por H6 com grande ansiedade.

M6 considera que este percurso conduziu o casal a uma situação de interdependência entre ambos (CRI). No entanto, a percepção da fragilidade no outro parece estar a ser vivida com alguma desilusão (PDDOE), no sentido de não corresponder ao seu ideal. Esta dependência parece provocar em ambos fortes dificuldades de separação (RSDIS) e, quando esta é inevitável, desencadear de angústias (RSAS). H6 parece ainda activar mecanismos que traduzem a racionalização no sentido de preservar a união do casal (RSDS). Neste sentido, o casal parece ainda percepcionar os amigos como ameaçadores (AD).

Para H6, a relação de dependência parece desencadear confusões de identidade entre si e a sua mulher (CRCI), sugerindo a sua indiferenciação. No entanto, ambos concordam que a sua relação actual é caracterizada por uma diferenciação clara de papéis relativamente à prestação de cuidados (CRDT). H6 considera assim que os membros do casal correspondem ao ideal do outro (PCI) e avalia a relação actual como exemplar (CRE). Refere o bom entendimento entre o casal (PCE), bem como a partilha (PCP) e o apoio mútuo (PCAP), como pontos de contacto entre si. A amizade (PCAM) e a concordância acerca da educação dos filhos (PCEF) parece contribuir para este entendimento. M6, por seu lado, não parece ser concordante com esta avaliação. Considera que esta divisão de papéis resulta num sentimento de falta de apoio do marido (PDFA) e refere as suas discordâncias acerca da educação dos filhos (PDEF), em que M6 é aliada destes (FALF), ou mesmo das suas prioridades (PDPR) que, apesar de H6 se considerar dedicado à família (EVF), M6 nem sempre partilha desta opinião. Ambos são concordantes na identificação das questões relacionadas com a gestão da casa como pontos de divergência entre o casal (PDGC). O mesmo acontece em relação às questões do planeamento familiar (PDPF), nomeadamente em relação ao número de filhos. Para H6 este foi insuficiente (FIS) e ambos referem a não correspondência destes aos seus ideais (FD). O nascimento dos netos, do género masculino, parece então ser vivenciado pelo casal como a concretização dos seus ideais (NI), sendo percepcionados pelo casal como equivalente aos seus próprios filhos (NEF).

No entanto, o ponto em que este casal parece divergir com maior intensidade, e que é concordante na sua identificação, diz respeito aos seus projectos de vida (PDPJ). Discordantes acerca do seu país de residência, este conflito parece ter-se alargado aos outros membros da família. Se, por um lado, H6 justifica a sua opinião com a preocupação com a sua mãe (PPR), e por isso querer estar ao pé dela, M6 parece ter sentimentos ambivalentes em relação à sogra (SA) e sentir-se preterida nesta decisão. M6 parece assim tomar as decisões relativas ao planeamento familiar como forma de impor a sua vontade (FIV), ou perceber os seus filhos como aliados neste conflito (FAL). O mesmo parece ser feito em relação aos seus pais (PAL).

Perante o conflito, o casal é concordante na mobilização de mecanismos de culpabilização do outro (RCCUO) e evitamento do confronto (RCEV). H6 parece ser mais activo na procura da resolução do conflito (RCC; RCP). Quando esta falha, H6 recorre à imposição da sua vontade (RCIM) e a mecanismos que traduzem impulsividade (RCRR), o que é concordante com a caracterização que M6 fez de si como sendo impaciente (OIP). Em M6 parece ter havido uma alteração nos mecanismos activados perante o conflito. Se no passado, estes seriam mais passivos, actualmente estes parecem visar o controlo do outro (RCU), bem como a sua responsabilização (ERRO). Ao nível pessoal, M6 considera que tem evoluído no sentido de uma maior valorização (EMVP).

De uma forma geral, o percurso deste casal parece ter sido feito no sentido de uma aproximação entre ambos. Esta aproximação parece ser resultante das suas sucessivas resoluções de conflitos provocados pela relação entre o casal e a sua vivência externa à relação.

Neste casal, o papel dos membros como prestadores de cuidados parece ser central. H6 justifica o movimento de aproximação entre o casal no passado devido a este tipo de necessidades e parece centrar-se nas partes boas da relação actual, valorizando-as, no sentido de preservá-las. M6, por seu lado, parece focar-se mais nos aspectos negativos da relação do passado, justificando a aproximação actual como resultante das suas necessidades mútuas como prestadores de cuidados.

Os outros, externos à relação, são percebidos pelo casal como ameaçadores ao casal, mas M6 parece conseguir torná-lo inofensivos a esta através das alianças que estabelece com eles no confronto com o outro.

Em conclusão, o percurso deste casal parece ter sido determinado pelo conflito entre o casal e o exterior a ele. Este conflito parece desencadear fundamentalmente angústias do tipo paranóide, bem como a existência de rivalidade nesta triangulação. Estas angústias activam no casal defesas que traduzem essencialmente evitamento e controlo do outro. O que parece manter este casal unido é a dependência entre os seus membros, ao nível do quotidiano e da prestação de cuidados.

Casais “Os Desiludidos”

Casal 7

O casal 7 parece ser discordante na sua descrição da relação na sua fase inicial. Apesar de ambos salientarem a separação do casal por motivos externos nesta fase (CRPSE), o homem (H7) considera que esta separação afastava o casal e que a relação era fortalecida quando estavam novamente juntos (CRPFP). A mulher (M7), por seu lado, considera que era esta distância que fortalecia a união do casal (CRPFS), o que sugere um processo de idealização do outro. Desta forma, o seu discurso parece mais centrado nas questões da relação que afastavam o casal, como a falta de intimidade (CRPSI), a assimetria (CRPA) e a ambivalência (CRPAB), enquanto que o seu marido parece centrar-se especialmente nos aspectos mais racionais da relação que aproximavam o casal nesta fase (CRPS; CRPAM).

Em relação à tomada de decisão de casar, o casal 7 parece ser mais concordante. Ambos reconhecem o amor como a base desta decisão (CA). H7 refere ainda as suas necessidades pessoais, ao nível da contenção (CNC) e dos afectos (CNA), e M7 reconhece estas necessidades como determinantes neste processo (CNO). A aprovação dos seus pais, é referida por M7 como condição facilitadora

desta união (CAE). No entanto, o facto do casal ter ficado a viver em casa dos seus pais (PPS), segundo M7 devido às necessidades do marido, foi vivenciado por si como interferência negativa na vivência (PNC) e na relação do casal, sendo inclusivamente motivo de conflito entre este (PDROP), dadas a repressão (PR) e a manipulação (PC) da sua mãe.

No percurso da relação, o casal descreve uma tendência para a autonomização em relação aos pais de M7 (ERAE). H7 considera o momento do nascimento do filho como marcante (MNF) pois este significou a saída de casa dos sogros, na sequência de um conflito com estes (SCF). No entanto, o facto do casal estar isolado da família (ERIS) é percebido por H7 como provocador de uma saturação dos membros do casal (ERS). Ambos identificam a morte dos pais de M7 como determinante neste percurso (MPFA), não só no sentido da autonomização como, no caso de H7, significativa de um maior isolamento social do mesmo. Para M7, a morte do pai surge associada aos problemas de saúde do marido (MPSO) que resultaram num afastamento do casal ao nível da vida sexual. Porém, M7 desvaloriza esta mudança, desvalorizando a vida sexual anterior do casal (PDVS). O seu pai permanece idealizado, representando um modelo de identificação para si (PM), em contraste com a sua mãe que é descrita negativamente por M7, sendo assim considerada um modelo por contraste (PMC). A relação conflituosa entre M7 e a sua mãe, é justificada por si também como resultante da sua passividade (EPA), numa atitude de culpabilização própria.

Relativamente à relação em si, M7 identifica um movimento de desencanto da sua parte em relação ao outro e ao casamento (ERD; PDONI), desde o momento em que o casal iniciou a sua vida em conjunto. As divergências entre o casal parecem estar associadas por M7 não só à sua própria vivência, como também às suas diferenças individuais de personalidade. Assim, o reconhecimento de uma vida sexual insatisfatória (PDVS), os sentimentos de falta de reconhecimento por parte do outro (PDFR) ou por este ignorar as suas necessidades (PDIO), associados às falhas de comunicação reconhecidas por ambos (PDFC), parece ter sido determinante do desencanto de M7. Por outro lado, a percepção de características rígidas no outro (OA; OAU; OPS) e de uma mudança neste no sentido do isolamento (OMMS; OMMB), fragilidade (OMD) e consequente dependência, associada às características

românticas de M7 (ERO), parecem ser igualmente determinantes na percepção desta do outro como não correspondente ao seu ideal. Num movimento projectivo, M7 considera, de igual forma, que ela própria não corresponderá ao ideal do outro (PDNIO). As diferenças reconhecidas por ambos em relação aos seus interesses (PDI) parecem ser agora percebidas por H7 de uma forma mais atenuada, já que a sua reforma (MR) possibilitou uma maior partilha de actividades (PCP) e de construção de interesses comuns aos casal (ERCPC).

M7 considera assim que um dos principais pontos de contacto do casal, é o facto de se sentir amada pelo outro (PCSA). Ambos consideram haver um bom entendimento na vivência do casal (PCE), baseado no apoio mútuo (PCP). H7 acrescenta ainda aspectos afectivos que unem o casal, bem como os gostos comuns (PCG), a cumplicidade (PCCU) e o respeito (PCR). M7 refere ainda a confiança mútua (PCCF) e a fidelidade do casal (PCF) como pontos de contacto, apesar de H7 referir a existência de sentimentos de ciúme de M7 em relação a si (PDCOE). De facto, os amigos parecem ser ameaçadores à relação, na perspectiva desta (AE). Já para H7, estes parecem significar uma oportunidade de libertação da relação opressora (AL), onde predomina o automatismo (CRAU) e sentimentos de saturação (ERS).

Apesar das qualidades reconhecidas por ambos na relação, esta parece ser insuficiente para os membros do casal. Porém, ambos parecem esforçar-se para manter uma imagem da relação intacta para o exterior (CRPI). Desta forma, amigos e filhos são reconhecidos como admiradores de uma relação exemplar (AA; FA; CRE), apesar de, na verdade, M7 considerá-la como resistente às dificuldades (CRR), e das qualidades do seu marido, que M7 reconhece como sendo valorizantes de si (OAD; OCV).

Os filhos, para M7, parecem ainda ser reveladores das suas falhas (FMFS) e, por comparação (FC), das falhas do outro (FMFO). Dada a demissão de H7 desta área (FDO), são também percebidos por M7 como limitadores da vivência do casal (FL), tal como os netos (FP). Para H7, os filhos reforçam a contenção da sua tendência para a vida social nocturna (FCT), igualmente responsáveis pelo seu isolamento.

Neste percurso, M7 destaca um factor que parece ter sido determinante para a aproximação do casal e que diz respeito a uma mudança nos mecanismos de resolução dos conflitos do casal, provocada pelo facto de M7 ter passado por um processo de psicoterapia (MP). Este processo parece ter sido responsável por M7 se ter tornado mais comunicativa das suas necessidades (EMC) e dos aspectos negativos que reconhece na relação. Anteriormente, M7 mobilizava essencialmente mecanismos de evitamento do conflito e de controlo do outro. Os movimentos de culpabilização e desculpabilização (RCCU; RCDO; RCDP), bem como as ameaças de separação (RCHR) ou mesmo a separação efectiva do casal (RCS), resultantes das características rígidas (ERN; EO; OO) e passivas (EEQ; ECD; EPA; OAM) da personalidade de ambos, não eram eficazes na resolução dos conflitos. Através da mudança pessoal de M7, parece então ser possível ao casal confrontar-se com as suas divergências de modo a resolver activamente os seus conflitos (MCO) provocando, igualmente, mudanças no marido no sentido do crescimento pessoal (OMAT; OMCO). O incremento da comunicação do casal (ERMC) e das demonstrações de afectividade (ERMAC) parecem ser assim responsáveis pelo actual movimento de aproximação do casal.

De uma forma geral, o percurso deste casal parece estar relacionado com os confrontos entre o casal real e o casal ideal dos seus membros, provocadas essencialmente por mudanças pessoais. A mudança inicial de H7, logo após o casamento, parece estar na génese da insatisfação do casal com a sua relação. Para M7, esta mudança foi vivenciada como perda do objecto idealizado, provocando angústias de separação e de vazio. Por outro lado, esta mudança parece activar em H7 angústias do tipo claustrofóbico. Face às suas angústias, o casal parece ter activado mecanismos de evitamento do confronto e que se traduziram num afastamento entre si. Porém, a recente mudança pessoal de M7 parece estar a contribuir para a utilização de mecanismos mais eficazes face a estas angústias, contribuindo para uma maior união do casal actual.

No entanto, o que manteve este casal junto parece ter sido a racionalização das suas necessidades e a preservação da sua imagem exterior.

DISCUSSÃO

O presente trabalho procurou ser uma abordagem explicativa e compreensiva do processo de evolução das relações de casal e dos contributos de homens e mulheres neste percurso. Para tal, recorreu-se à análise de entrevistas realizadas a casais de longo termo, sob uma perspectiva que englobava a teoria das relações de objecto e as teorias do ciclo de vida, que permitiram a constituição do casal como unidade de análise.

A análise comparativa entre homens e mulheres sugere a existência de diferenças entre os dois géneros na percepção da relação de casal e da sua evolução e que são complementares entre si.

Assim, as mulheres, apesar de serem mais emotivas, revelam-se mais realista na caracterização da relação e mais activas na manutenção do casamento e na resolução dos conflitos. Os homens, por seu lado, apesar de serem mais racionais, tendem a idealizar a relação e a manter uma atitude passiva perante os conflitos. Estas características parecem ser resultantes das relações de dependência estabelecidas entre ambos os géneros, em que o homem surge como dependente da mulher. Estas evidências, no entanto, são divergentes dos papéis tradicionalmente atribuídos a ambos os géneros no casamento. A figura do homem dominante e autoritário e da mulher romântica, passiva e dependente, não surgiu neste estudo, o que poderá estar relacionado com o facto da geração dos sujeitos entrevistados ter sido responsável pelos movimentos de alteração dos papéis dos géneros e da emancipação das mulheres.

As relações de dependência estabelecidas entre os membros do casal parecem, no entanto, relacionar-se com as relações maternas e paternas vividas no seio de uma família tradicional. A semelhança de género parece facilitar a projecção da mãe, como prestadora de cuidados, na figura da mulher. Por outro lado, a projecção no marido da figura do pai parece pôr em evidência a rivalidade sentida precocemente em relação ao mundo exterior, já que o pai tradicional seria responsável por estes contactos. Assim, esta rivalidade reflecte-se na percepção das mulheres do exterior da relação como ameaçador à mesma.

Os resultados obtidos da análise dos casais permitiram identificar estilos de evolução dos casais, definidos pela natureza do conflito dominante, pelas angústias que desencadeia e pelas defesas que o casal activa face a estas. Procurou-se, igualmente identificar o que mantém o casal junto, apesar da existência desses conflitos. Neste aspecto, os resultados analisados sugerem que todos os casais entrevistados demonstraram estabelecer entre si relações de dependência. A natureza desta, no entanto, parece ser variável, de uma dependência mais narcísica a uma dependência ao nível das tarefas quotidianas. A análise das diferenças entre géneros na caracterização da relação e da sua evolução, sugere ainda que homens e mulheres podem ter contributos diferentes na constituição da unidade de análise. A influência das suas diferenças parece ainda ter diferentes pesos na formação dos estilos de evolução e funcionamento dos casais apresentados.

Tendo em conta os aspectos referidos, foi então possível agrupar os casais entrevistados em estilos de evolução e consequente funcionamento.

Os Gémeos – O primeiro grupo (casal 2) caracteriza-se pela predominância de um conflito entre a diferenciação e a indiferenciação dos seus membros. Este conflito desencadeia no casal angústias fundamentalmente catastróficas da relação. Perante o conflito, o casal parece mobilizar fundamentalmente mecanismos de racionalização do mesmo que visam o controlo de um dos seus membros sobre o outro, no sentido de atenuar as diferenças entre ambos. No entanto, o que parece manter este casal unido é o reconhecimento do carácter complementar dessas diferenças entre ambos. Neste estilo, homens e mulheres parecem contribuir de igual forma para o estabelecimento do conflito central. No entanto, a mobilização do mecanismo de racionalização parece ser resultante da influência masculina.

Os Pais e Filhos - O segundo grupo (casal 1 e casal 3) caracteriza-se pela predominância do conflito entre a autonomia e a dependência entre os seus membros, o que pressupõe um reconhecimento das suas diferenças. No entanto, enquanto o casal 1 apresenta um movimento gradual no sentido da autonomia dos seus membros, o casal 3 parece alternar entre momentos em que a autonomia ou a dependência são dominantes. Em ambos, o movimento de autonomização de um dos membros ou de

ambos desencadeia angústias de separação, que activam mecanismos de evitamento do confronto entre o casal. Por outro lado, os movimentos de dependência parecem provocar angústias do tipo claustrofóbico, desencadeando mecanismos mais impulsivos. Verifica-se ainda uma preservação destes casais da sua história passada, num movimento que traduz racionalização no sentido de preservar a relação e manter a relação de dependência. Neste estilo, as mulheres parecem ser mais dominantes na manutenção das relações assimétricas e de dependência, contribuindo de forma mais determinante para o conflito entre a autonomia e dependência. Os mecanismos de evitamento parecem ser resultantes da influência de ambos os géneros, apesar da tendência para a preservação da história da relação parecer estar mais relacionada com o papel masculino.

Os Idealizados – O terceiro grupo (casal 4, casal 5 e casal 6) apresenta como conflito dominante a relação entre o casal e o mundo exterior, o que pressupõe não só um reconhecimento das diferenças, mas também da integração de um novo elemento, a vida exterior. Este conflito parece desencadear angústias do tipo paranóide, perante as quais os casais mobilizam defesas do tipo do evitamento e do controlo, no sentido de preservar a relação das ameaças externas. Estes casais parecem manter-se unidos pelo reconhecimento da complementaridade entre si e pela idealização da relação, que mantêm a dependência entre ambos. Neste estilo, a percepção das mulheres do exterior como ameaçador parece ser determinante da constituição do conflito entre o casal e o mundo exterior. Os homens, por seu lado, parecem ser mais responsáveis pela manutenção da idealização da relação.

Os Desiludidos – Finalmente, o quarto grupo caracteriza-se pelo conflito entre o casal real e o casal idealizado, o que pressupõe, tal como no casal anterior, o reconhecimento da triangulação, mas agora entre os membros do casal e uma terceira instância: o ideal do casal. Este conflito desencadeia angústias de separação e de vazio, que activam mecanismos que visam o evitamento do confronto e o controlo do outro com o objectivo de o aproximar do outro ideal, o que provoca neste angústias do tipo claustrofóbico. Os casais parecem manter-se unidos, apesar do conflito, devido à dependência pelo objecto ideal e pela preservação da imagem exterior. Neste estilo, as mulheres parecem ter um papel mais determinante no confronto do casal com a relação real e com os seus aspectos negativos, contribuindo de uma

forma mais activa para a constituição do conflito entre o casal ideal e o casal idealizado e para a activação dos seus mecanismos de defesa.

De uma forma geral, os resultados sugerem-nos que as mulheres entrevistadas parecem ter um papel mais determinante na constituição dos diferentes tipos de conflito. Os homens entrevistados, por outro lado, parecem ter um papel mais determinante na activação das defesas do casal. Deste modo, ambos os géneros parecem contribuir de forma activa para a constituição do casal como unidade de análise.

Estes resultados ainda demonstram que os estilos “Os Pais e Filhos” e “Os Idealizados” são os mais frequentes nas relações de longa duração, o que sugere a sua eficácia na manutenção da mesma. O que distingue estes estilos será assim o reconhecimento da complementaridade entre os membros do casal e que está na base da dependência estabelecida entre si.

A análise da evolução dos casais destacou o papel determinante dos conflitos do casal neste percurso. Assim, parece ter ficado claro que esta evolução se dá num movimento que oscila entre o confronto do casal com um determinado conflito dominante da sua relação e a activação de mecanismos de defesa do casal face às angústias que estes provocam. Este movimento parece ir ao encontro da concepção de mudança catastrófica de Bion (1965/2004) e ao seu papel no desenvolvimento individual. No mesmo sentido, parece ir ao encontro das concepções de Erikson de crise como sendo igualmente impulsionadora de desenvolvimento. Parece assim que é no confronto com o conflito que os casais de longo termo encontraram mecanismos que permitiram a sua união ao longo do tempo.

De igual forma, os resultados obtidos permitiram identificar estilos de evolução dos casais, definidos pela natureza do seu conflito dominante, pela angústia que este desencadeia e pelas defesas que o casal activa face a estas. Parece ainda haver um paralelismo entre os estilos encontrados e teorias psicanalíticas do desenvolvimento, descritas por Caillot e Decherf (1989). Os casais “Os Gémeos” apresentam assim uma indiferenciação entre os sujeitos, e uma consequente angústia catastrófica, sugerindo a predominância dos elementos orais na relação. Estas características são igualmente descritas por Caillot e Decherf (1989) quando

descrevem o funcionamento da posição narcísica paradoxal. Os mecanismos activados de controlo do outro parecem igualmente ser semelhantes às pulsões de dominação referidas por estes autores como características desta posição. O estilo “Os Pais e Filhos” pressupõe o reconhecimento das diferenças entre os membros do casal e implica um confronto entre movimentos de autonomia e de dependência, tais como foram descritos por Erikson (1980). Estas relações parecem assim ser dominadas pela presença de elementos anais. Finalmente, os estilos “Os Idealizados” e “Os Desiludidos” põem em evidência o reconhecimento de um terceiro elemento, semelhante à triangulação edipiana. A constituição do Ideal do Eu, característica deste período, poderá estar igualmente na origem da construção do Ideal do Casal (Kernberg, 1993), que irá determinar a idealização e a desilusão do casal. As angústias e defesas deste estilo parecem assim integrar os elementos dos tipos anteriores e introduzir os elementos fálicos na relação. O estilo “Os Idealizados” parece coincidir ainda com a descrição de Caillot e Decherf (1989) da posição esquizo-paranóide no casal, em que o bom casal se sente ameaçado pela má família.

Dado o tamanho da amostra, os resultados apresentados não são passíveis de ser generalizados a todos os casais. O modelo compreensivo da evolução dos casais apresentado apenas diz respeito aos casais participantes neste trabalho. No entanto, estes resultados parecem ser relevantes para o fornecimento de pistas para um melhoramento das abordagens terapêuticas nesta área e para o desenvolvimento de estudos posteriores. Pretende igualmente ser um contributo para o desenvolvimento das abordagens psicodinâmicas do casal que, pela revisão da literatura efectuada, parecem ser escassas.

Parece ser interessante aprofundar em futuras investigações as relações entre a evolução da relação do casal e o desenvolvimento infantil que este trabalho sugere. A constituição dos estilos de evolução dos casais foi feita em linhas gerais, dada a complexidade e diversidade dos dados obtidos. Em futuros trabalhos, poderá assim construir-se guiões de entrevistas mais focalizados na procura destes elementos. Por outro lado, os estilos de evolução aqui apresentados representam um sistema de classificação aberto, pelo que seria interessante introduzir mais casais neste estudo, com o objectivo de encontrar estilos que não foram identificados nos casais participantes.

Referências

Aboim, S. (2005). Orientações normativas da conjugalidade. In K. Wall (Ed.), *Famílias em Portugal* (pp. 169-229). Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.

Balint, M. (1951/1965). On love and hate. In *Primary love and psycho-analytic technique* (pp. 121-135). London: Tavistock.

Baltes, P. B. (1987). Theoretical propositions on life-span development psychology: on the dynamics between growth and decline. *Developmental Psychology*, 23, 611-626.

Bardin, L. (2006, trad.). Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70. (Original publicado em 1977)

Bion, W. R. (1965/2004, trad.). *As transformações*. Rio de Janeiro: Imago Editora.

Bion, W. R. (1961/1999). *Experiences in groups and other papers*. London: Routledge.

Bion, W. R. (1967/2003). *Second thoughts*: Selected papers on psycho-analysis. London: Karnac.

Caillot, J.-P., & Decherf, G. (1989). *Psychanalyse du couple et de la famille*. Paris : A. PSY. G Editions.

Dias, C. A. (1994). La fonction contenant de l'analiste. *Revue Française de Psychanalyse*, 58, 1391-1477.

Dicks, H. V. (1967). *Marital tensions: Clinical studies towards psychoanalytic theory of interaction*. London: Routledge & Kegan Paul.

Dring, G., & Kingston, B. (1992). Couples and sexual problems. In L. A. Champion & M. J. Power (Eds.), *Adult psychological problems* (pp. 130-149). Bristol: Falmer Press.

Erikson, E. H. (1980). *Identity and the life cycle*. New York: Norton.

Fairbairn, W. R. D. (1944/1952). Endopsychic structure considered in terms of object-relationships. In *Psychological studies of the personality* (pp. 82-136). London: Tavistock.

Fingerman, K. L., & Lang, F. R. (2004). *Growing together: Personal relationships across the lifespan*. Cambridge: Cambridge University Press.

Freud, S. (1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In A. Freud (Ed.), *Textos essenciais da psicanálise* (traduç. portuguesa, Vol. 2), (pp. 13-52). Mem Martins: Publicações Europa América.

Freud, S. (1923). O ego e o id. In A. Freud (Ed.), *Textos essenciais da psicanálise* (traduç. portuguesa, Vol. 3), (pp. 10-68). Mem Martins: Publicações Europa América.

Freud, S. (1914/1983) On narcissism: an introduction. In A. P. Morrison (Ed.), *Essential papers on narcissism* (pp. 17-43). New York: New York University.

Frieze, I. (1978). *Women and sex roles*. New York: Norton.

Gameiro, J. (2007). *Entre marido e mulher...terapia de casal*. Lisboa: Trilhos Editora.

Gonçalves, M. J. (1986). Relação amorosa e relação de objecto. *Revista Portuguesa de Psicanálise*, 4, 57-63.

Greenberg, J., & Mitchell, S. (2003). *Relações de objecto na teoria psicanalítica*. Lisboa: Climepsi. (Original publicado em 1983)

Grier, F. (2005). No sex couples, catastrophic change, and the primal scene. In F. Grier (Ed.) *Oedipus and the couple* (pp. 200-219). London: Karnac.

Havinghurst, R. J. (1972). *Developmental tasks and education*. New York: David McKay.

Holstein, J. & Gubrium, J. (1995). *The active interview*. Thousand Oakes: Sage.

Josselson, R. (1993). A narrative introduction. In R. Josselson & A. Lieblich (Eds.), *The narrative study of lives* (pp. ix-xv). Thousand Oakes: Sage.

Jung, C. G. (1933/1971). *The portable Jung*. New York: Viking Press.

Kahn, G. & Putnam, M. (2003). Qualitative methods in psychological research. In M. Roberts & S. Ilardi (Eds.), *Handbook of research methods in clinical psychology* (pp. 176-192). Malden, MA: Blackwell Publishing.

Kernberg, O. F. (1991). Aggression and love in the relationship of the couple. In G. Fogel & W. Myers (Eds.), *Perversions & near-perversions in clinical practice: New psychoanalytic perspectives* (pp. 153-175). New Haven: Yale University Press.

Kernberg, O. F. (1993). The couple's constructive and destructive superego functions. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 41, (3), 653-677.

Klein, M. (1928/1985). Early stages of the Oedipus conflict. In *Love, guilt and reparation and other works* (pp. 186-198). London: The Hogarth Press.

Klein, M. (1955/1975). On identification. In *Envy, gratitude and other works 1946-1963* (pp. 141-175). New York: Delacorte.

Kvale, S. (1996). *InterViews*. Thousand Oakes: Sage.

Leal, I. P. (2000). *Entrevista clínica e psicoterapia de apoio* (2ª Ed.). Lisboa: Instituto Superior de Psicologia Aplicada.

Lee, J. H. (1973). *The colours of love*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall.

Levinson, D. J. (1978). *The season of a man's life*. New York: Kopf.

Luzes, P. (1986). Psicologia do casal: Realidade e fantasia. *Revista Portuguesa de Psicanálise*, 4, 5-19.

Mintz, A. -S. (2004). Vinculação, casal e família. In N Guedeney & A. Guedeney (Eds.), *Vinculação: Conceitos e aplicações* (pp. 183-191). Lisboa: Climepsi Editores. (Original publicado em 2002)

Morgan, M. (2005). On being able to be a couple: The importance of a creative couple in psychic life. In F. Grier (Ed.) *Oedipus and the couple* (pp. 9-30). London: Karnac.

Neugarten, B. L. (1996) The middle years. In D. A. Neugarten (Ed.), *The meanings of age: selected papers of Bernice L. Neugarten* (pp. 135-159). Chicago: University of Chicago Press.

Poirier, J., Clapier-Valladon, S. & Raybaut, P. (1983, trad.) *Histórias de vida : Teoria e prática*. Oeiras: Celta Editora.

Rosa, R. (2005). A Escolha do Cônjuge. In K. Wall (Ed.), *Famílias em Portugal* (pp. 117-168). Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.

Rosenthal, J. (2005). Oedipus gets married: an investigation of a couple's shared oedipal drama. In F. Grier (Ed.) *Oedipus and the couple* (pp. 181-200). London: Karnac.

Russo, J., & Santos, T. C. (1981). Psicanálise e casamento. In G. Velho & S. A. Figueira (Eds.), *Família, Psicologia e Sociedade* (pp. 277-303). Rio de Janeiro: Editora Campus.

Scharff, D. E., & Scharff, J. S. (2007). Terapia psicodinâmica de casal. In G. Gabbard, J. S. Beck & J. Holmes (Eds.), *Compêndio de Psicoterapia de Oxford*. Porto Alegre: ArtMed.

Staudinger, U., & Bluck, S. (2001). A view on midlife development from life-span theory. In M. Lachman (Ed.), *Handbook of midlife development* (pp. 3-39). New York: John Wiley & Sons.

Torre, A. C. (2002). *Casamento em Portugal: uma análise sociológica*. Oeiras: Celta Editora.

Valtier, A. (2004). *La soledad en pareja: Islas del sentimiento amoroso*. Barcelona : Ediciones Paidós. (Original publicado em 2003).

Zeifman, D., & Hazan, C. (1997). Attachment: The bond in pair-bonds. In J. Simpson & D. Kenrick (Eds.), *Evolutionary social psychology* (pp. 237-263). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum.

ANEXO A

Carta aos casais

Exmos. Senhores,

O meu nome é Patrícia Teixeira, sou psicóloga clínica e estou, neste momento, a frequentar o Mestrado em Psicopatologia e Psicologia Clínica no Instituto Superior de Psicologia Aplicada (ISPA).

No âmbito deste mestrado, e sob a orientação da Prof. Doutora Ângela Vila-Real, estou a elaborar uma dissertação na área da Psicologia da Família, mais concretamente acerca da história de vida do casal.

Neste sentido, gostaria de pedir a vossa colaboração para a realização deste trabalho. Esta colaboração consiste na realização de uma entrevista a cada membro do casal, em separado. Esta entrevista terá a duração aproximada de 40 minutos e será gravada e posteriormente transcrita, sendo garantidos o anonimato e a confidencialidade dos dados recolhidos.

Atenciosamente,

Patrícia Teixeira

ANEXO B

Entrevistas e cotação

Casal 1

1-M

Nome: Helena

Idade: 59 anos

Tempo Casamento: 35 anos

Tempo Namoro: 10 meses

Filhos: 2 (30 e 34 anos)

Como é que se conheceram?

Olhe, foi muito engraçado o meu início. Foi, eu estudava, enfim, eu vim de Coimbra no terceiro ano e encontrei, portanto, já um grupo mais ou menos constituído. Depois, passei a estudar com alguns colegas, lá em Coimbra era muito vulgar, aqui em Lisboa nem tanto, ir estudar em cafés, etc., etc. E aconteceu que mesmo aqui perto, ali no café, não sei se conhece, eu estava a estudar com a irmã do meu marido (risos). Ele apareceu, ela era muito, como é que hei-de dizer, muito apaixonada pelos irmãos, se se pode dizer essa palavra, ela falava sempre muito neles nas, enfim, nas conversas de pausa que nós tínhamos, e apresentou-nos e eu acho que foi mais ou menos assim uma faísca, um amor quase à primeira vista. Nesta altura, isto foi...eu estava a iniciar, estava no quinto ano, estava, parece-me que estava a fazer Farmacologia ou qualquer coisa assim, e depois ele aproveitou logo a deixa e convidou-me para ir tomar chá ou não sei quê (risos), nessa altura até fomos para outro café e foi engraçado, e olhe, começou assim e passados nove meses casámos (risos). Ainda não tinha terminado o curso, os meus pais um bocadinho conservadores e somos originários, enfim, de uma aldeia na zona de Santarém, e tem piada que eles não me puseram resistência ao facto de eu não ter acabado o curso, disseram que me ajudavam e tal no estudo, enfim, nalgum dinheiro. Nós vivemos, o meu marido nessa altura já estava empregado mas era...pronto, digamos, ganhava pouco, francamente, mas lembro-me (risos) que era tudo tão barato! Um quilo de carne dava-nos para não sei quanto tempo e custava baratíssimo, cem escudos ou sei lá o quê, era assim uma coisa e, sei lá, os transportes também eram muito baratos, nós comíamos na cantina, muitas vezes, e o primeiro ano passou-se num instante. Eu, nesse ano, eu casei em Dezembro, e nesse ano em Julho acabei as cadeiras todas e a maior parte dos meus colegas só fizeram em Janeiro (risos) e não sei quando e eu acabei o curso logo! E, na verdade, pronto, foi assim um percurso de... como é que hei-de dizer, talvez o que posso caracterizar seja muita tolerância, de, realmente de, era francamente um amor a sério, e acho que isso se mantém, e interagudávamo-nos bastante, depois o meu marido não tinha ainda acabado o curso, ele estava a fazer Económicas mas estava a fazer à noite, ele acabou depois mais dois anos depois ou coisa assim, eu penso até que o meu filho Filipe

CRPE

CRPIO

PCO

CAE

PAFI

CRPDF

PCT

PCA

PCAP

já tinha nascido quando ele acabou, lembro-me que eu tinha uma vez ali um acidente (risos) ali naquela estrada, nós vínhamos, ah, e a minha casa de solteira era aqui nesta rua, ali mais à frente, e nós morávamos noutra sítio e continuávamos a estudar à noite, e nós vínhamos de um estudo qualquer à noite e no cruzamento um indivíduo faz marcha-atrás e vem-nos bater (risos) e, portanto, nós estudávamos sempre muito ainda e lembro-me sempre disso a propósito de quê? Ah, foi o primeiro carro do meu marido que o meu marido também tinha e que os pais lhe dado já velhote, ele já trabalhava em seguros e o indivíduo que nos bateu nem sequer acabou por pagar (risos), quer dizer, eu estava grávida e até me podia ter acontecido alguma coisa! Felizmente que não, ele deu as indicações que não... depois acabou por não ser viável aquilo que ele disse. Bom, e portanto disso tudo, eu não queria divergir, mas o nosso percurso, tivemos algumas... quer que eu seja espontânea, não quer perguntar nada?

OIC

Pode continuar.

O nosso percurso... Eu devo dizer que não é fácil conjugar a Medicina com outras profissões, eu acho, e então, quer dizer, eu optei, eu gostava de Pediatria, gostava de várias especialidades, cheguei a gostar de Psiquiatria mas depois desisti logo em pouco tempo quando comecei a ver as variâncias das pessoas (risos) com problemas psicológicos, pronto, e optei por Reabilitação, é engraçado, porquê? Porque eu fiz, quando acabei o curso, estava a fazer o estágio, e tive conhecimento que havia umas pós-graduações e eu e várias colegas, por acaso uma ou duas que estávamos no mesmo serviço a fazer o estágio, inscrevemo-nos e o que me fez sensibilizar mais para a reabilitação foi o facto de nós contactarmos com muitos doentes que, sob o ponto de vista de medicamentos, não era a solução, ficavam deficientes, ficavam... E então nessa altura, nessa pós-graduação, optei por Saúde Ocupacional, não sei, porque já me tinha desviado da Pediatria e porque era uma área que eu, pronto, também achava interessante, um complemento da Medicina, tudo a ver com a prevenção, eu sempre achei que a Medicina deve ser muito preventiva. Bom, e durante o curso, que foi um ano lectivo, que eles fizeram uma selecção apertada, fizeram entrevistas para saber se as pessoas estavam motivadas ou não para, enfim, para se complementarem nos estudos, eu, deram-nos muitas cadeiras em comum com Administração Hospitalar, curiosamente eram três cadeiras em comum, e nós nessa altura, portanto tínhamos cadeiras várias de Economia, Estatística, uma série delas que sob o ponto de vista prático eram só noções e só depois é que deram mais prática de Saúde Ocupacional. Achei também muito interessante a parte de, enfim, de observação dos postos de trabalho e tudo o que nós podíamos fazer, enfim, para melhorar, os planos de prevenção dos acidentes, das vacinações disto e daquilo. Eu depois, inclusivamente, comecei a exercer a seguir a acabar, tive possibilidade de ir para uma empresa que contratava médicos para fazer a Saúde Ocupacional e trabalhei com algumas empresas com interesse até (risos), ainda uns anos. E, ao mesmo tempo, escolhi a Reabilitação também pelas noções que me pareceram, achei interessante também algumas perspectivas que deram durante esses cursos de prevenção, desse complemento da pós-graduação e então fui para a Reabilitação e o internato todo e, quando chegou ao fim do internato, eu pensei, e continuei a exercer a Saúde Ocupacional da parte da tarde, de modo que eu adquiri aquela experiência, achei muito interessante, mas optei então pela Reabilitação. O facto de trabalhar muito, digamos assim, fez-me sempre sentir que, gostava das crianças, fui tendo sempre as crianças de uma maneira, enfim, o primeiro filho tive com 25 anos, mais ou menos normal, o segundo, o Ricardo, eu já estava na especialidade e senti que tinha pouco

tempo, quer dizer, é sempre pouco tempo. Tentei e quando eles eram pequeninos tive uma empregada interna, depois tive lá, enfim, um problema com uma que traiu a nossa confiança e eu, a partir daí depois não tive mais, mas era muito difícil. O meu marido ajudava sempre porque, mas eu também fazia assim... optei muito por umas vez ou duas por semana trabalhar até mais tarde e ele estava, depois nos outros compensava, fazíamos vice-versa. A minha sogra, que nessa altura já estava viúva, também deu uma certa ajuda, consegui até fazer, coisa que eu hoje em dia até digo aos meus internos, aos meus internos por causa da posição que eu acho em dia ocupo lá no serviço, que se querem ir, inclusive também disse a colegas que orientava para estágio, e não querem, hoje em dia é difícil, que as pessoas têm uma vida talvez mais complicada ainda e eu fui, deixei tudo e fui um mês, por exemplo, para Inglaterra, a minha sogra até me pôs a empregada na rua (risos), por isso quando eu voltei já não tinha empregada, que ela vários dias faltou e ela “Ah, não a quero cá!”. Mas ela era querida por acaso, embora, a partir de uma certa altura, foi um bocadinho... presente, muito presente. Eu por acaso, e alguma coisa me pesou, de tal maneira que o meu marido às vezes demitia-se disso, digamos, talvez fosse a primeira crise do casal, demitia-se um bocadinho porque a mãe estava, sobretudo no apoio afectivo, talvez. Lembro-me que eu, uma vez, tive uma lombalgia, estava aflita, é evidente que eu própria devia saber tratar a lombalgia mas o repouso era fundamental e ele “Ah, vou já chamar a minha mãe” e eu aí zanguei-me muito (risos), que não podia ser a mãe, eu queria que ele, que ele... Bom, pronto, tivemos algumas fases que eu acho que, sobretudo aos 7 anos, por acaso ainda no outro dia li isso escrito e achei graça, dos 7 anos, e achei coincidência, é engraçado porque se calhar acontece a muitos casais. E então eu agarrei e disse “Não, eu penso que a grande coisa que nos falta é diálogo e estarmos os dois sozinhos” e então agarrávamos num caderno, íamos para um hotel e púnhamos alguém a tomar conta das crianças, ou os meus pais ou não sei quem, e a gente discutia a sério e tentava ver o que estava desequilibrado. Eu acho que isso foi muito o segredo de estarmos aqui ainda porque, se não, não chegávamos cá. Também, com certeza, por muito honestidade e sobretudo também cultivar um bocadinho os aniversários e em todas as oportunidades de estimular, digamos assim, as demonstrações de carinho e de afectividade e saíamos também um bocadinho os dois, que eu acho que muitos casais acabam por pecar nisso porque não estão nunca sozinhos ou também englobam-se em muitos amigos, amigos, amigos e depois não estão com eles próprios. Eu tenho duas sobrinhas que se divorciaram e eu quase que diria de certeza que foi dessas viagens a tanta, digamos assim, participação da vida que não pode ser, temos de ter a nossa privacidade própria. Olhe, tivemos altos e baixos, muitos, mas, quer dizer, quando há vontade sempre a sério de que as coisas não se desorganizem, que sejamos humildes... Eu devo dizer uma coisa, na minha experiência como mulher, aqui para si que você também é, as mulheres têm que se humilhar muitas vezes, é assim. (risos) Porque os homens, eu digo muitas vezes aos meus doentes, converso muito com os doentes e digo, porque os homens, de um modo geral, sentem, às vezes reconhecem mas não são capazes de dar o braço a torcer e nós é que temos de dizer e ir dar um beijinho. Eu adoptei esta máxima, e tenho dito a muita gente e digo à minha nora, a minha mãe disse-me assim “Filha, nunca te deites com o teu marido zangada, procura fazer sempre as pazes” (risos). Eu, por acaso, até há pouco tempo, talvez há pouco tempo, tentei sempre fazer isso, mas custa um bocadinho, quer dizer, mas por fim a pessoa ultrapassa, não é? Mas custa porque não vê retribuição sobretudo, não é para estar a acusar o meu marido porque quase todos são iguais, percebe? Eu sei que quase todos são iguais, é difícil, tenho conversado, sei lá, com amigas, não tenho muitas amigas sob o ponto de vista íntimo, não sou capaz, assim mesmo dos problemas íntimos...nem sequer com a minha irmã, com as minha cunhadas,

PCAP
CRDT
SAF
EM

PDPR
SR
SA
SI
PDROS

PDIO
ERF

RCI
PDFC
PDFM
RCAC
PAF
PCHO

PCDA
PCPC

ERI
PCIN

RCH
RCDO
RCI
RCCC
EM
PM
RCRR
PDFR
RCDO
ACO
CRPCA

por acaso tenho uma relação de proximidade muito grande com a irmã do meu marido, como sabe ele tem uma só que é da minha idade, e depois são três rapazes e ele é o mais novo dos três rapazes, mas têm as idades quase todas assim, e nós damo-nos muito bem, de tal maneira que há uma cumplicidade tão grande, sobretudo entre os irmãos, que, por exemplo, passamos sempre o Natal juntos, no dia de Natal. Este ano, por exemplo, até vão estar todos aqui, não sei se o meu marido já falou nisso, se calhar não deu para falar nisso, não sei, não faço ideia., que esta entrevista, eu pensava que você fazia perguntas e eu respondia! (risos). Se calhar o percurso é mesmo este. Depois, quando se chega à decisão com os filhos, eu própria dizia assim, eu acho que nós fomos muito brandos com os nossos filhos,... o meu marido nunca se impôs muito como pai... Quase que me penalizo por vê-lo, por exemplo, o meu Filipe nunca ter tirado um curso superior porque... permiti, por exemplo, que ele fundasse uma empresa quando não devia, antes de acabar o curso, por exemplo, e ajudei-o e deu para o torto e nós tivemos de pagar muita coisa que, por exemplo.... mas sei lá, os bens materiais... Mas porquê? Eu sempre achei que nós tínhamos de estimular os nossos filhos a serem auto-suficientes e a terem confiança em si próprios e na sua capacidade de fazer as coisas. Por exemplo, o meu Filipe pedia-me ajuda em muitas coisa, o meu Ricardo já não, quer dizer, o Ricardo era completamente...(risos) mais independente, ajuda quando eram pequenitos, na escola e não sei quê, ele era muito mais independente e talvez bem mais rebelde, quer dizer, não tem comparação... Ele não parece nada que seja mais rebelde mas para nós, quer dizer, de não aceitar e não sei quê, eu acho que ele... Mas os dois, muito engraçado, tinham, estimulavam muito a relação dos amigos e o meu marido também, quer dizer, para ele os amigos... de tal maneira que eu, às vezes, me sinto preterida pelos amigos, quer dizer (risos) porque eu, por exemplo, há coisas que eu tento dizer, o fim-de-semana é para nós, amanhã vai com os amigos não sei para onde. Sei, vai para um almoço, não sei quantos. Não é muito frequente mas eu sinto isso e sinto muito, tem piada, desde que ele está reformado, sinto-me muito mais só porque se isola e porque... Agora, há pouco tempo, que ele fez anos há um mês, fui comprar um taco ou não sei o quê, que ele queria, e o senhor que mo vendeu perguntou-me se eu era a viúva do golfe (risos). Eu achei aquilo uma coisa incrível! Viúva do golfe! Tem graça que é isso que eu sinto e, a partir daí, senti-me muito pior, sabe lá! Agora há pouco, há quinze dias, estive com irmã dele e ela teve a mesma expressão. Também acontece que o marido da minha cunhada, aquela que tem a mesma idade que eu, também já está reformado e também se dedicou ao golfe. Bem, portanto olhe, só lhe digo, sinto-me realmente um bocadinho viúva, de tal maneira que até resolvi começar a ir aos concertos sozinha, sozinha ou com amigos porque... ou às vezes vou sozinha mesmo, não tenho medo. É porque nós partilhávamos quase tudo, mesmo nas horas de menos..., de ócio, não é? Quer dizer, sobretudo essas. Eu, muitas vezes, fui a coisas que não me interessavam muito só para lhe fazer companhia, ele também terá ido a algumas mas não tantas de certeza, e até também por companhia... Tem graça, nós tínhamos, ele tem um grupo enorme, é muito difícil que as mulheres mantenham os seus próprios grupos, eu acho, é capaz de haver... bem, depende dos casais, mas pronto... depende dos casais, mas depois há aqueles grupos, como por exemplo um grande grupo que ele tem de contrerrâneos que, por sua vez, também levavam as mulheres e nós convivíamos todos e não sei quê, às vezes íamos a espectáculos, sei lá, uma ópera, um bailado, uma coisa qualquer. Ultimamente, já nada disso acontece, quer dizer (risos), nem as mulheres vão, nem nós vamos a casa deles, até chegámos a fazer algumas coisas engraçadas que era, por exemplo, fazer uma sardinhada em casa de um e, no outro, outra comida qualquer de retribuição ou coisa assim, até isso está tudo a acabar. É que está de tal maneira mudada a nossa sociedade actual, que eu acho que até estimula, digamos assim, que origina que as pessoas se afastem, mesmo

FMFC
FMFO
ECL

FD

FE
AR

ERAF

PDI

ACO

PDI
ERMNP

RSCE

ERIS
AE

RCDO

entre os casais. No outro dia também, agora também, até eu comecei a embirrar um bocadinho com o computador. Imagine que eu, muitas vezes, dou com o meu marido, se não estiver aqui, está no computador a ver mensagens que eu às vezes entro e vejo que é uma nojeira, aquilo é lixo que mandam, mas passam horas! Ainda no outro dia ouvi, quando vinha no carro, que há, fizeram um inquérito nos Estados Unidos, por exemplo, não sei a validade, se calhar era dessas perguntas sob o ponto de vista científico, mas é capaz de ter, é como qualquer inquérito que a gente faça, é que 60% dos americanos disseram que passavam mais tempo ao computador que com os próprios parceiros, então já viu isto? Eu até tenho receio, por exemplo, até em relação ao Ricardo, eu não sei qual é a mulher que pode aturar isto, que eu nem sei se ele tem algumas amigas ou algumas namorada, que ele também não se abre (risos), ele é muito reservado para nós, provavelmente por ele ter tido algum desaire amoroso... teve! Ele vai, de certeza, não sei, vai ser muito difícil partilhar as tarefas, porque ele passa tantas horas, que eu digo assim “Oh filho, devias ter outros interesses, exercício físico, por exemplo”. Ele depois disse-me que tinha feito... já paguei aí duas ou três inscrições, que ele depois não continua, não é? Foi no outro onde eu vou, que eu achei que devia ter algum tempo para mim, para zelar pela minha saúde, e foi depois a outro um bocadinho mais perto, mas não, foi só assim naquele dia. Mas às vezes não recebe bem, e eu tenho de lhe dar assim outras vez outro lamiré para ver se entra porque eu acho que faz mal, que ele até tem um problemazito na coluna e está todo o dia, absolutamente, sempre, sempre ali. Se não estiver ali, está aqui na sala a ver televisão. E depois é um perigo que ele joga, joga muito no computador, é um stress e ele até já começou a perder o cabelo, eu não lhe digo nada, mas nota-se. Portanto, a sociedade mudou de tal maneira que as pessoas já não se encontram em casa, encontram-se a correr num restaurante ou não sei o quê, deixámos de receber as pessoas, é raríssimo, e tudo isso, mesmo até amizades mais próximas ou estarmos assim um fim-de-semana com um, visitarmos, até isso nos últimos anos deixei de ter, é fantástico. Isto está a degradar, acho eu, as relações interpessoais ou, pelo menos, alterar, modificar. As pessoas já não têm com quem falar, já não falam, muitas vezes falarão até com um médico e depois começam a haver os problemas de chamar a atenção e viram-se para os médicos. Tenho muitos doentes assim, que sabemos que em casa não têm apoio nenhum, ou é um AVC que não é ou que até pode ter sido mas que depois é super valorizado, é um chamar de atenção frequentíssimo. E o que é que eu lhe queria dizer mais? Há uma coisa que eu tenho que lhe dizer, que é, a partir de determinada altura, os casais, portanto depois dos 25 anos, o que é a ordem natural é que os filhos se casem, ou que saiam de casa ou que acabem o curso ou qualquer coisa assim, e quando o meu filho casou, o Filipe, ele é muito afectuoso, o Ricardo também é, mas são de uma maneira diferente, e eu, quando soube aquilo, eu fiquei realmente um bocadinho de rastos, quer dizer, foi ao mesmo tempo que o meu director reformou-se, perguntaram-me se eu queria ser directora de serviço e eu disse que ia pensar, eu nunca mais dei resposta nenhuma mas, enquanto eu não dei, nomearam-me e eu depois não tive coragem de para dizer que não (risos), foi um caso sério. Depois, ao mesmo tempo, o meu filho disse-me que se ia casar, olhe, até me deu para ficar deprimida, perdi não sei quantos quilos, não fiz dieta nenhuma, mas realmente perdi de tal maneira que, nas fotografias do casamento do meu filho, até pareço outra, que eu tinha aí 60 e poucos quilos. Depois do filho estar casado eu penso assim “Se calhar vou ter um neto”, e quando surgiu o neto, a mim aconteceu-me e alguns amigos já me têm dito, é como se fosse um renascer. Alguma coisa que estivesse numa fase às vezes difícil de aceitação, a tolerância a ser menor e, sobretudo, também por alguma impaciência, pelo stress da vida, talvez, e pela tolerância a não ser já tão vice-versa, isso tudo fez-me renascer, pensei assim “bem, na verdade, nós vamo-nos unir” e realmente foi, preparar, digamos assim, a

ERAF
PDI

RCDO

FE

EM

FAL
EMVP

ERIS

MSF

RSDIS

EIS
RSDNR
ERMNT

ERMU

receptividade a uma nova filha também foi giro porque ela, graças a Deus, também é muito, muito querida, é muito minha amiga, é muito companheira, é capaz também de me dar razão, até às vezes contra... Mas é giro, foi uma felicidade, porque o meu marido, às vezes, é um bocadinho agressivo e ela consegue dar uma resposta e põe-o na ordem (risos) e não tem nenhum medo, quer dizer, porque tem o *savoir-faire*, como eu digo, da resposta certa no tempo certo, é engraçado, mas na brincadeira e não há assim choques. E tenho a impressão que a namorada do meu outro filho, aquela que ele teve, a rapariga quando vinha quase que tinha medo de mim, quer dizer, mas não era uma rapariga que tivesse à-vontade com ninguém e acho que isso não é benéfico, as pessoas têm de ter um bocadinho de auto-confiança, não é? E ela não tinha, coitadinha, eu achava-a simpática e tudo, mas foi pouco tempo que eu a vi, duas ou três vezes, portanto passou. Mas, provavelmente, ela magoou-o muito, que ele chorou muito, naquela altura, os rapazes chorarem, eu nunca tinha visto chorar, mas depois, mais ou menos arrumou. E agora temos uma felicidade completamente diferente e estamos sempre na perspectiva de a ter, é o fim-de-semana que nunca mais chega, essa expectativa de estar mais tempo com ela, de ver o desenvolvimento, que também é muito giro, é muito complementar, digamos, da vida agora na parte final. Final, quer dizer, vamos a caminho da parte final, quer dizer, não sei como é que isto está, eu estou a caminho mas nunca mais vejo... Por um lado, gostava de ter a reforma e tenho um bocado de receio, por outro lado, tenho pena dos doentes porque, afectivamente, quase que são muito amigos porque nós estabelecemos uma relação diferente porque o facto de estar num serviço que presta cuidados continuados, o doente vem, depois volta passado uns tempos, quer dizer, estabelece-se uma relação de proximidade e de amizade. Ele vêm porque precisam e nós também damos, por isso é uma compensação também para nós, investimos. Mas o que é que quer saber mais?

OAG

Por exemplo, quando casou, acha que houve alguma mudança na relação?

Na relação? É assim, eu vou-lhe dizer uma coisa, dantes era tudo diferente, era absolutamente diferente porque os namorados não tinham dormido os dois (risos), quer dizer, eu era virgem completamente. É evidente que o meu marido já tinha tido algumas experiências de namoro e eu nem sequer, por acaso, nunca tinha tido um namoro a sério e este foi tão rápido que... Durou algum tempo, o meu marido, por exemplo, veja só, isto é engraçado, custou-me um bocado, pensei assim “Como é que eu vou casar com este indivíduo?!”, imagina que ele tinha planeado com os amigos, os amigos planeavam ir fazer viagens longas à Europa e não sei quê, dois ou três, e naquele ano que ele já tinha assumido o compromisso comigo e até com os meus pais, na altura que nós íamos casar e tal, foi na mesma na viagem! E eu fiquei, quer dizer, passei as férias com os meus pais, por acaso, como era costume, nesse ano nem saí para fora, fui só à praia, não saímos como era habitual já porque o casamento se aproximava, etc., olhe, pensei seriamente nalgumas coisas que tinha de abdicar, talvez, com este tipo de marido de muitas coisas. Mas eu estava muito apaixonada e sei que ele também, e pensei que tinha de negociar muito com ele porque ele iria puxar sempre para ele e não tanto para mim, quer dizer, isto aqui como... Não sei se isto tem muito interesse divulgar, mas como já o entrevistou a ele, não sei como é que depois você conjuga isto (risos), conjugue como achar melhor! Eu também não sei nada como é que foi a entrevista dele porque eu ontem cheguei tarde e ele estava um bocadinho amuado, tarde não era, eram onze e pouco, mas depois tive um telefonema da minha nora a dizer que o meu filho estava doente, resolvi ir à farmácia comprar-lhe os remédios com ela e depois deitamo-nos um bocadinho mais tarde. E

CRPSI
CRPA
CAMCAM
AR

PDIO

CRNC
CA
PDINRCAO
EM

depois é assim, no dia em que ele vai ao golfe, no outro dia quer-se deitar cedo, por isso é que ele não vai comigo, quer dizer, também, é esta historia, quer dizer, depois no dia que vem está muito cansado, depois não lhe apetece porque lhe apetece é dormir a sesta, quer dizer (risos), e eu estou nisto. De modo que, portanto, mudou no aspecto, quer dizer, era realmente toda a experiência, digamos, de uma vida sexual vivida em comum, mudou porque... bem, eu já era muito responsável, devo dizer que ainda ontem dei comigo a pensar assim, eu era quase a mãe da minha irmã porque foi assim a minha infância, os meus pais, pronto, enfim, nenhum tinha curso superior, eu era, enfim, de uma classe média, puseram-me num colégio interno porque acharam que era a melhor educação que eu podia ter, embora o colégio não fosse muito longe da nossa casa, eram 23 quilómetros, e eu lá estava. Depois, entretanto, eu tenho três anos a mais que a minha irmã, quando chegou a altura dela entrar acharam que, se calhar, talvez não fosse o colégio ideal ou que era muito dinheiro, então resolveram alugar uma casa e, portanto, como era perto, era fácil nessa altura pôr lá meia dúzia de coisas e arranjar uma empregada para estar connosco, até foram uns familiares mais velhos e tal que ficaram connosco, as empregadas foram passando, e lá, nessa altura, era muito fácil ter-se empregadas internas. Portanto, puseram a minha irmã noutro, não puseram a minha irmã no mesmo que eu, noutro colégio que era assim, este era ligado à religião, o outro não tinha nada a ver com religião, leigo, digamos assim, até eu acabar o liceu. Depois, resolveram pôr-me liceu, digamos, no liceu lá da cidade, e o meu pai, falo mais dele, talvez, do que na minha mãe porque ele foi mais determinante, sempre teve também a ideia de que nos devia dar responsabilidade e o facto de eu estar sozinha, era a mais velha, com a minha irmã, tornou-me logo um bocadinho mamã dela, quer dizer, se ela saísse com este ou com aquele, eu tinha de saber, e ela era assim muito mais vivaça do que eu assim para os convívios, ou se as coisas corriam ou não corriam. Entretanto, eu estava no liceu, mas ela continuou no outro colégio, que era um colégio talvez de meninas mais bem, o outro era mais ligado à igreja, pronto, mas como era externa era mais barato, também, e eles não me quiseram tirar do outro e eu tinha razoáveis notas, nunca fui assim uma aluna muito muito brilhante, muito brilhante no sentido de ter notas muito altas porque não marrava muito, quer dizer, era a mediania, pronto. E depois, dei comigo a pensar nisso. Ah, e depois, quando acabámos o liceu, eu e uma colega, que por acaso ainda ontem fui com ela a um concerto, combinámos que havíamos de ir para Coimbra porque eu lia muito, passava todo o tempo a ler e talvez por isso nunca convivi muito com rapazes. Ah, e o meu pai até me ia fazer uma coisa, ia-me ver à saída do liceu para ver se eu tinha ou não algum namorado e depois, um dia, lembrou-se de me vir dizer isso, veja só, e eu fiquei muito zangada com ele, e inclusive, por exemplo, quando foi para me matricular na faculdade, ele não foi, mandou-me lá a mim sozinha, eu é que tive de o fazer. Acho que isso foi bom para mim, o facto de eu me tornar independente. Com a minha irmã, ele se calhar protegia-a um bocado mais. Lembro-me até que um dia fui pedir a um padre para ela ter uma nota não sei quê, veja só onde eu cheguei, até onde vai a parvoeira! Hoje nunca faria isso. Mas, com os meus filhos, tentei mas acho que não consegui, também. O meu marido nunca foi, nesse aspecto eu era, aí é que nós entrávamos muito em divergência, ele apontava, apontava os erros e nunca estimulava no sentido da positividade. Bom, apesar de tudo, moralmente eles são bem estruturados. E uma vez, o Filipe, que é o mais velho, perguntou, que ele estava ali num colégio também de padres, aliás, eu às tantas apanhei uma certa fatura de padres e não sei quê e afastei-me da Igreja (risos) e até achei que não iria nunca voltar ou qualquer coisa, mas depois várias condicionantes da vida, bom, acabei por achar que era o melhor porque era perto de casa e, além disso, davam uma educação moralmente melhor, e lembro-me que ele me disse, aqui há pouco tempo, se calhar não era tão pouco assim, aí há uns 10 anos,

PDIO
PDVS

CRPSI
ER
EM

EM

EME

PC

ECL

PDEF
EVM

EVM

e disse à frente de um colega, sócio dele da tal fatídica empresa, que não tinha ido para Medicina porque quando perguntou à mãe “Oh mãe, e se eu fosse para Medicina?”, porque os testes de Psicologia davam para tudo, e eu disse “Mas, filho, tu tens de estudar muito” e ele, que não estudava muito, porque também já gostava muito de computadores, nessa altura estavam a começar, e jogos e não sei quê, e eu própria também não devia ter dado essa resposta, agora penalizo-me imenso, e também estava um bocadinho desencantada com a Medicina nessa altura, mas pronto. Bom, disto tudo, o meu filho disse-me isso e eu fiquei triste e nunca mais me esqueci que ele me disse isso. Ele foi para uma área que gosta, que ele também gostava e, portanto, não terminou exactamente porque aquilo deu para o torto e depois achou que devia ir trabalhar porque nós tínhamos gasto muito dinheiro e não sei quê, e depois de ir trabalhar, não deu para... Depois conheceu a mulher dele, que o ajudou imenso, eu pensei até que ele ficasse doente da cabeça depois daquilo tudo, pensei que lhe ia dar uma depressão e ela ajudou-o imenso, inclusive todas as tarefas, tudo, esteve sempre ao lado dele e, aliás, como ajuda acho que eles se complementam muito bem. E, pronto, e por isso é a minha mágoa de eles não terem o curso, mas estes percursos da vida com os filhos e também com as exigências dos empregos, não é? Porque nós temos que fazer imensos exames, que é uma coisa terrível, quer dizer, o que nós passamos para chegar... e depois a responsabilidade que temos porque, efectivamente, a responsabilidade é sempre nossa, de quem está à frente, e a obrigação da actualização.

ECL

E como foi quando teve filhos? Achas que houve alteração no casamento?

É assim, aí vou-lhe dizer, também depende muito dos casais. É assim, o meu primeiro filho foi muito desejado, foi planeado e tudo, bom, foi cerca de dois anos depois de termos casado. Eu engravidei, pensava que tinha engravidado, foi engraçado, pensava que tinha engravidado quando estava a fazer os últimos exames porque deixei de tomar a pílula e passou a haver um atraso muito grande de menstruação, eu tinha tido a cadeira de Obstetrícia, o que era engraçado, e tinha estado a estudar com uma colega que nessa altura soube que ela tinha tido rubéola, “Isto agora! Então não é que engravidei...”, eu convencidíssima que estava grávida, não me aparecia a menstruação (risos) e era um risco grande de mal-formação fetal e fui logo falar com a senhora que nos tinha dado a cadeira e sabe que ela virou as costas, quer dizer, para ela, mesmo que eu tivesse algum riso, não fazia nada, e eu própria também estava muito assustada, mas pronto. Não engravidei nesse mês, foi no outro a seguir ou coisa assim, foi nas férias que eu engravidei e, portanto, já tinha acabado o curso. Passei... O que é que modificou? Modificou um bocadinho nesse sentido, quer dizer, eu acho que, sob o ponto de vista afectivo, é capaz de haver uma certa ciúmeira do casal porque já há outra pessoa em casa ou para quem dar a atenção, não é? E eu senti um bocadinho o toque talvez de uma certa depressão que existe muito pós-parto, mas foi uma coisa ligeira em que eu me lembro de ter chorado a pensar que não tinha capacidade, se calhar, para criar os filhos. Mas isso acontece a muitas mulheres e eu própria até podia ser mais esclarecida que as outras e não me acontecer a mim, mas aconteceu, mas depois, rapidamente isso é ultrapassado. Também é difícil, depende muito da vida do casal, haver um certo tempo de abstinência eu acho que é um bocadinho difícil, para mim também foi difícil, para o meu marido também. Mas depois, no meu caso, nessa altura só tínhamos um mês de licença de parto, eu gostava de amamentar o meu filho e só amamentei três semanas porque comecei logo a ter menos leite, e portanto isso tudo foi ultrapassado muito rapidamente e depois houve uma partilha grande de tarefas mas não muito..., por exemplo, o meu marido nunca

FPR

FR

RSD

FMFS

EIS

ERAF

CRDT

mudou uma fralda a uma criança (risos) e naquela altura não se usavam fraldas descartáveis, eram fraldas de pano, não é? De modo que... embora ele partilhasse, era extremamente afectuoso, um pai dedicado, muito companheiro e que partilhava muito comigo as minhas tarefas, mas que, quando chegava àquela coisa de mudar, é que não dava (risos), mas de resto... E depois também passámos a ter empregada interna. Eu ainda tentei pôr, ainda teve um tempo num infantário, lembra-me que o primeiro infantário que foi, chegou lá, coitadinho, era lá perto da nossa casa, bateu logo com a cabeça e eu fiquei... Mal a gente o pôs lá naquele, e a pessoa sai de lá com o coração apertadinho, pronto. Depois, pu-lo numa outra e já não me lembro porque é que ele saiu de lá, francamente já não me lembro. Mas havia um com muito nome, também só lá esteve seis meses, e eu um dia cheguei lá mais tarde e dei com uma empregada a pregar uma grande estalada ao menino porque ele não queria comer e eu não o consegui lá ter muito tempo. Depois o meu pai, que era muito atento, arranjou uma empregadita, uma rapariga, e depois eu tinha uma empregada a dias também, e depois tive algumas, essa nem teve cá muito tempo. Depois arranjei outra que esteve cá até ao Ricardo nascer, até ele ter um anito e tal e ela era francamente muito boa, mas depois arranjou um namorico e depois acabou por ter de se ir embora, e depois ainda tive outra, mas que lhe deu para a maluqueira e desviou-me algumas coisas de casa, e eu até tinha alguma confiança nela, mas também arranjou aí um namorico. Mas, pronto, foi muito companheiro sempre, muitíssimo afectuoso, não muito no sentido de impor regras, mas felizmente eles também nunca desviaram muito, graças a Deus, e portanto nunca houve..., sou uma felizarda nisso, a nossa família é porque sabemos de tantas desgraças que há por aí, não é? Enfim, é assim.

FMQO
PCAP

RSDIS

OAF
FMFO
FI

Quais foram os momentos que considera mais marcantes da vossa vida de casal, em que sentiu que houve mudança?

Mudança para a melhoria foi o nascimento da minha neta. Também o facto dos filhos casarem e... pronto. Mudança, mudança franca foi o facto, isso é que eu sinto, com a reforma do meu marido, considero que foi uma mudança bastante e que se tem vindo a agravar e não sou capaz de dar a volta ou, pelo menos, é difícil, mas acho que ser capaz sou, mas...quase que já estou cansada (risos). Mas depois tenho a minha neta que me ajuda a dar mesmo a volta. E, sei lá, o facto da minha mãe estar doente também tem sido muito determinante. Há mais de dez anos, quer dizer, todo o meu esforço suplementar, digamos assim, de algum tempo livre, estou sempre com aquele peso na consciência que tenho que estar perto dela e que tenho de ver como é que ela está e que não fique pior e, se vou passear para algum sítio, várias vezes já tem acontecido, é quando acaba por se enterrar outra vez porque eu não estou cá e porque há não sei quê e a minha irmã desequilibra logo, porque também largou todas as coisas para mim, mas agora ultimamente acha que, deu-lhe uma coisa qualquer que, pronto, também casou as filhas e tem mais tempo livre e, portanto, que queria algum mais protagonismo nisso mas, pronto, houve outro problema que nos afastou. Bom, e isso também tem sido difícil de gerir. E fizemos uma opção grande de mudar, por exemplo, para esta casa, que foi, aí foi um tempo difícil, um marco difícil. Cheguei à conclusão de que trabalhava, trabalhava imenso, não éramos muito de aforrar, digamos assim, mas que efectivamente eu não tinha a casa compatível com aquilo que achava que era melhor para os meus filhos, quer era uma casa de três assoalhadas, inclusive tiveram lá as empregadas a viver na nossa casa, dormiam no quarto com eles, realmente eram grandes mas de qualquer modo... e que era tempo de, bom... E foi difícil, eu quase que tive de me impor, de certa maneira,

MN

MSF
MRNR
MDFA

ECL

PP

MMC

porque acho que o meu marido nunca se preocupou muito com isso, nem com muitas outras coisas. E foi numa altura em que eu o acusei um bocadinho de que, efectivamente, algumas coisas que se passavam eram por causa da presença da mãe na nossa casa, de certa maneira, porque era assim, a minha sogra estava viúva, ela gostava muito de mim, gostava muito, imensamente do filho porque era o seu filho talvez predilecto, embora ela gostasse de todos, não é? Como éramos os únicos que morávamos em Lisboa, ela morava aqui, e, portanto, ele chamava-a para a gente ir jantar fora porque não tínhamos já empregada interna, a mãe ficava cá em casa, ou para não sei quê, e a gente nunca ia lá para casa dela, que ela vinha sempre cá passar os fins-de-semana, e eu saturei e disse “Olha, isto...”. De tal maneira que eu depois disse-lhe, como tinha uma relação tão aberta, disse-lhe “Olhe, disse ao seu filho que até já tinha ciúmes de si”, assim uma coisa, disse-lhe, pronto. Eu acho que ela teve um desgosto tão grande que para mim também foi, depois, um imenso desgosto. Ela ficou doente, com febre, mas depois alguém me terá dito, ou ele próprio me disse, ou ela disse, que ninguém me quis dizer que ela estava com febre, veja só! Por causa daquilo, foi muito sentido, não sei porque... eu própria fiquei com imenso remorso, ainda hoje tenho, de ter dito porque acho que a magoei muito sem querer. Eu não tinha de lhe dizer a ela que sentia isso, eu tinha era que... enfim, eu tinha era de só me governar com ele, quer dizer, de certa maneira, mas pronto. De qualquer modo, às vezes ainda me penalizo, mas ela acho que compreendeu e só foi um tempo, depois voltou e pronto. De qualquer modo, ela era uma mulher com letra grande, um bocado matriarca mas francamente deu uma, sei lá, uma educação aos filhos e um suporte à família e tudo fantástico, tenho imensa admiração por ela. E, portanto, isso deteriorou um bocadinho as relações durante um tempo porque não fazíamos a opção certa e, quando nós viemos para aqui, de tal maneira que o Ricardo achou que gostava mais de estar lá no quarto com o mano (risos), quer dizer, e tinha um quarto sozinho aqui. E lembro-me que foi uma alegria enorme que eu tive esta construção, digamos assim, o planejar da casa foi como se casássemos outra vez, uniu-nos de tal maneira, foi de tal maneira bom para a nossa relação de casal, até para os filhos e para a vivência a seguir, que acho que foi outro casamento que eu tive, que acho que melhorou muito.

E sentiu que isso resolveu....

Resolveu completamente. Até a minha sogra depois, coitadinha, ela também estava muito doente, ela não viveu muito tempo depois disso porque ela tinha diabetes e já tinha muitas complicações e depois teve até algum tempo aqui em casa mas ficou muito zangada um dia, lembro-me ela achava que era tudo modernices porque queria ligar a televisão e ligava o vídeo e ela não era capaz e zangava-se. Coitada, mas já não tinha muita paciência e depois faleceu passado uns tempos. Foi uma sensação de perda que ele teve, por acaso foi um ano ou dois que ela faleceu logo a seguir, e que, de certo modo, também foi um crescer para ele, de certo modo depois, acho que foi crescer porque é mau a gente proteger demasiado os filhos. Ainda ontem eu fiz quase de propósito para não vir aqui dar comida ao Ricardo, que ele disse que fazia um bife, então faz (risos), que ele é muito dependente, é muito dependente! Não é capaz de..., o Filipe nunca foi tanto, por exemplo, em arrumar as suas coisas. Você um dia vai-se lembrar, quando for mãe, que isto também é uma boa experiência para si ouvir estas coisas, que isto é muito difícil. É que ele era também muito protegido depois pela avó porque era o seu menino mais pequenino, porque era um rapaz e não teve mais nenhum neto, foram só raparigas, foram só os meus dois e outro, que é dois ou três meses mais novo que o Filipe, que são

os três rapazes, depois tem uma data de raparigas que são, eu sei lá, umas nove ou não sei quê. De modo que ele era muito protegidinho e o meu marido também, super protegido também, até que um dia eu lhe disse “Não pode ser, o menino é muito protegido”. E então, pronto, esse foi o maior marco talvez do nosso casamento. Lembro-me que a alegria foi tão grande, que eu cheguei aqui... Ah, nós depois planeámos muita coisa, por exemplo, o chão fomos nós que escolhemos, que era igual ao da cozinha, veja lá. É claro que isto teve um preço muito aceitável para aquela tempo, que nós também tivemos uma grande felicidade que foi conseguimos vender a nossa casa muitíssimo bem, tendo em conta, naquele tempo, não é? Foi uma boa entrada para esta. E depois foi antes do grande boom que as casas tiveram. E depois planeámos algumas coisas, planeámos, por exemplo, as casas de banho, nós é que fizemos a escolha e comprámos os materiais, o hall também mudámos completamente, os dois, a cozinha também, e, portanto, tudo isso foi como se... De tal maneira que vieram, os meus cunhados vieram ver, o meu pai também faleceu nessa altura, nós ficámos os dois órfãos, eu do meu pai, que era um grande suporte também, foi o primeiro a morrer, e a minha sogra... ele nem veio aqui, o meu pai, morreu a seguir depois a minha sogra. Ela também gostava imenso do meu pai. E, portanto, esse planeamento, essa execução, fiquei sem dinheiro nenhum, até cheguei a passar um ou dois cheques sem cobertura (risos), quer dizer, uma coisa que eu zanguei-me também com ela porque sabia que ela tinha dinheiro e nunca nos quis emprestar e depois quando morreu, uma coisa espantosa, porque achava que nós éramos de depois os irmãos não dizerem que nós fizemos alguma coisa à custa do dinheiro deles, eu acho que ela hesitou porque, quando se veio a ver, ela tinha deixado dinheiro que era como se fosse para dividir por três e faltava o quarto, e até que depois, ao procurar mais coisas, é que se viu que ela tinha o dinheiro noutra sítio, quer dizer, exactamente, penso que ela deve ter hesitado muito porque via que nós tínhamos alguma dificuldade mas ela também sentiu que eu achava que aquilo era importante para a nossa vida de casal, eu acho que ela também sentiu isso porque ela era extremamente inteligente. Pronto, olhe, e foi assim.

MPFA

SFA

SAFI
SA

E como é que fazem essas tomadas de decisão?

Esta foi partilhada, foi, foi. Isso acho que é fundamental, a gente pode ter mais ideia para um ou para outro mas depois, quer dizer, mesmo até em todas as coisas que aqui fizemos. Isso tentamos sempre partilhar e eu acho que isso é que equilibra, quer dizer, se não...se não há muita ruptura depois. Ninguém pode impor nada, quer dizer, eu própria se vou ou não pergunto, se vou a um concerto pergunto, digo que vou. Agora disse duas ou três vezes ou quatro, faz de conta que não ouviu, mas depois toma uma atitude assim muito carinhosa, assim excessivamente que é para eu me esquecer (risos), mas depois não pode ser sempre assim, quer dizer... depois acabo por tomar a decisão mas sem conhecimento, se efectivamente não há uma partilha, aí sinto-me triste, não é? Mas acho que também não posso continuar a deixar de crescer alguma coisa neste... se é viúva, pronto, que seja de uma maneira não triste, disparatada, não é? (risos) Pronto, e depois às tantas não me sabe tão bem, sabe, porque eu vou, vou, luto, luto e parece que não me sabe tão bem, que depois não estou habituada, ou porque acho que isto deve ser partilhado, porque se é uma coisa que pode ser prazer ou pode ser hobbie ou pode ser uma coisa não sei quê, também tem outro sabor, acho eu. Deixamos de ser um só, acho eu, ou somos os dois um, que é um bocadinho isso que eu acho que o casamento deve ser, o que é muito difícil, temos de estar sempre, sempre a negociar. Às vezes negociamos com os filhos e devemos de negociar mais, eu acho. Eu acho engraçado que,

PCIN

PDIO
RCCC

RCEO

PDI

CRD

CRNC

estou a achar gira a maneira como estão a educar a minha neta porque acho que eles negociam muito mais com ela, pelo menos agora já em pequenina, que eu não me lembro dessa fase, francamente, dos meus filhos já não me lembro muito bem. É pena é que a gente se esquece e não escreva tanto, devia ter escrito mais, não me lembro tão bem. Acho que não tinha... pois é, talvez por ter uma empregada interna, quando se está, partilha-se de uma forma diferente, não é? Não é tão...a educação só os dois, é um bocadinho com um terceiro, que às vezes até pode ser pernicioso, que a gente nem sabe sequer em quem delega completamente, pronto. Depois, também, eles delegam agora no infantário, não é? Quer dizer, numa outra fase, é sempre uma partilha e com o risco de haver muito mais doenças! Portanto, olhe, a gente nunca sabe. Gostava, por exemplo, de tê-la mais tempo comigo, por exemplo agora, se estivesse doente ou não sei quê, mas a minha profissão... para eu faltar, quer dizer, é um caso sério, eu acho que tenho sempre de dar o exemplo e, pronto, é um caso sério. Sempre tive essa mania, mesmo quando os miúdos eram pequenos, havia colegas que faltavam por dá cá aquela palha e mantinham só os que podiam, mas faltavam, e eu nunca fiz tanto isso, e se calhar foi isso que foi somando para eu ter esta posição. É exactamente por isso, acho que sim, porque as pessoas também observam a nossa dedicação, a nossa maneira de ser e de estar, talvez. Se calhar nunca defendi muito a privada e defendi muito mais os doentes de lá. Se calhar por isso é que nunca fui rica e nunca ganhei para ter uns carros não sei quantos, tenho esta casa e um carrinho com uma série de anos (risos), portanto... Pronto, se calhar é por isso mas não me sinto mal por isso, quer dizer, é assim... Os meus filhos é que, olha, dei-lhes aquilo que pude dar, quer dizer, de certa maneira, também tentei viajar sempre um bocadinho. O meu marido é que tem sempre este, quer dizer, faz-me aligeirar a vida, digamos assim, sob o ponto de vista de planeamento de férias e de viagens, isso então ele adora! Eu própria demito-me um bocadinho que é para ele sentir essa importância. Mas depois há coisas que agora nos desunem um bocadinho, que é o planeamento do fim-de-semana, que é um caso sério. Isso também é uma das coisas que os casais podem ter muitas divergências e isso não é bom. E isso é que tem sido difícil, mas enfim, por causa da história do golfe e depois a minha mãe...mas pronto.

RSDIS

PDPR
ECLODC
PCPC
CRM

PDI

1-H

Nome: José

Idade: 68 anos

Tempo Casamento: 35 anos

Tempo Namoro: 10 meses

Filhos: 2 (30 e 34 anos)

Como é que se conheceram?

Então vá, isso é fácil. Então é assim, deixa lá ver bem como é que a gente começou... Foi... Eu andava a estudar Económicas e ia para aqui estudar para um café, com um colega meu, e, nessa altura, a minha mulher também andava em Medicina e era amiga da minha irmã, que a minha irmã também é médica, que é da idade dela, e, portanto, ela... Deixe lá ver como é que foi a coisa correcta... Eu sei que foi um contacto por estudo, não é? Eu ia estudar para ali e ela foi lá ou foi a minha irmã, que era colega dela, que foi uma vez ter comigo. Foi assim um encontro que nós tivemos, portanto, eu já me casei em 71, vai fazer 36 anos em Dezembro, e, portanto, foi assim um conhecimento como colegas, ela colega da minha irmã, e depois, também, o primo dela ia também ali ao café beber café. Enfim, foi assim uma relação de encontro casual, vamos lá ver, mas depois, pronto, nós conhecemo-nos, isto foi por volta do Carnaval, salvo o erro em Fevereiro ou coisa assim, em 71 e casámos em Dezembro de 71. Foi uma coisa rápida (risos). Depois o namoro foi assim... eu acabei em 74, ela também, não sei quem é que acabou primeiro, se foi ela se fui eu, já não estou bem certo. Ela é capaz de ser mais certa nestas coisas que eu. E pronto, depois as coisas andaram ali, porque apanhámos o período, ela já estava no serviço à periferia quando se deu o 25 de Abril, até foi chamada para fora, para a zona comunista, e que acabei o curso e, quando acabei o curso, já estava a trabalhar. Eu estive na tropa 27 meses e, quando vim, só depois é que eu acabei o curso, já a trabalhar, portanto, meti-me nisto dos seguros. Primeiro não fui para os seguros, mas meti-me nos seguros e nunca mais larguei os seguros. E ainda agora estava aqui um a telefonar-me por causa de um seguro automóvel, mas isto é só para me entreter porque já não faço vida dos seguros, como deve calcular. E, pronto, começou assim a nossa relação, casámos em 71... Não sei o que é que pretende saber mais.

CAM

OR

MR

E como é que foi essa passagem, do namoro para o casamento?

Quer dizer, ao princípio, foi difícil porque ela ainda estava a estudar, não é? Eu é que já estava a trabalhar, exactamente, já ganhava alguma coisa. Depois, tivemos a ajuda dos nossos pais, fomos viver para uma casa que alugámos aqui em Lisboa, alugamos ali uma

CRPDF

PAFI

casa e tivemos a ajuda dos pais, como é normal, não é? E depois, pronto, o Filipe, o nosso filho mais velho, nasceu em 73, foi um período difícil e tal, como deve calcular, foi no pós 25 de Abril. Depois nasceu o Ricardo em 74, não o Ricardo nasceu em 77, ele fez agora 30. Bem, depois, eu estava a trabalhar e fomos para lá para uma casa, entretanto fiz um negócio da China porque tinha a casa alugada, pedi ao tipo se me quisesse vender a casa, como eu tinha direito de preferência, e ele vendeu-me a casa por uma coisa, sei lá, 650 contos, que na altura era já muito dinheiro. Mas depois eu queria era já vir embora para aqui, e já estou aqui há 18 anos, e na altura vendi a casa por 7500, fiz um negócio da China! E foi com um tipo que estava emigrante mas que a filha vinha para cá estudar, e depois mudámos para aqui. Entretanto, houve toda essa evolução, quer na minha formação profissional, quer também na dela, e, portanto, hoje vivemos razoavelmente bem, quer dizer, bem, dentro da média. E a nossa vida tem decorrido assim, portanto, mais ou menos estável, dentro de um casal com um filho, o outro já se foi embora, e agora só falta o Ricardo, que é a nossa maior preocupação é agora com este, não é? Nunca mais arranja uma coisa definitiva, nunca mais se vai embora (risos). Não, eu casei também, eu casei com 31, a Lena é que é mais nova 8 anos que eu, ela fez agora os 60 e eu já fiz 68 no mês passado. Não parece, pois não? (risos) Portanto, foi assim.

ERC
FPR

E como é que viveram o nascimento dos filhos?

O nascimento dos filhos... Olhe, o nascimento do Filipe foi mais coiso porque ele nasceu em 73, em Abril, e no dia em que ele fez ano foi o 25 de Abril, portanto, um ano depois, dois ou três dias antes. Estávamos nós a querer comemorar as coisas, o aniversário, e dá-se o 25 de Abril, foi um pandemónio aqui, que foi uma coisa séria. Eu já não fui para lá, tive de ficar em casa, acho que era uma sexta-feira, bom, mas eu estava a trabalhar mas, depois disso, já não podia ir porque a Lena tinha sido chamada para o Hospital por causa de algumas perturbações, dessas coisas que houve, e ela foi e eu tive que ficar cá em casa, portanto, foi depois o primeiro ano de trabalho dela. Nós tivemos foi sempre a sorte de ou era a minha mãe ou a minha sogra. Depois tínhamos uma empregada, lá, uma empregada doméstica também arranjada lá na terra do meu sogro, ficava ali em casa, e isso valeu-nos um bocado. Valeu-nos mais a minha sogra e a minha mãe, que nos ajudavam muito a ficar com o miúdo em casa, enquanto eu ia... depois, quando nasceu o Ricardo, já o outro tinha 3 anos, foram para o Colégio que era ali ao pé, começaram a aprender Inglês logo desde pequeninos, por isso é que eles sabem muito de Inglês. E foi assim, foi uma fase um bocado difícil, mas pronto, ultrapassou-se tudo e a gente... Faz parte da vida, não é?

PAF
SAF

E como é que receberam a notícia de que iam ser pais?

Ah, pois, isso foi uma coisa programada, não é? Foi uma coisa programada porque nós... aliás, nós até programámos para que fosse um rapaz, uns métodos para aí científicos, médico-científicos (risos), e realmente saiu um rapaz. Era aquela coisa da ovulação e uns dias e espera e não sei que mais, e realmente saiu um rapaz. O Ricardo já não foi bem...já foi mais espontâneo, também queríamos outra criança. Aliás, antes de termos o Ricardo, houve assim uns... a minha mulher teve de fazer dois ou três abortos por causa de uns problemas porque tomou uns medicamentos e depois nunca se sabia se aquilo ia fazer reacção no feto, de modo que na altura até se fez um ou dois abortos, ou o que é

PCPF
FI

que foi, e até nem sei se ela vai falar nisso, que é uma coisa que ela não gosta muito. Nós íamos sempre ter outro filho, quisemos sempre ter dois filhos, e, portanto, foi o que aconteceu. O primeiro foi programado, o segundo não tanto, pronto. Foi assim (risos).

PCPF

E acha que houve alterações na vossa relação depois do nascimento dos filhos?

Não... quer dizer, não se alterou assim muito. Há sempre aquelas coisas dos miúdos mas nós tivemos sempre ajuda. O meu irmão mais velho é médico, é pediatra, e portanto era ele que, sempre que havia algum problema com os miúdos e não sei quê, doenças e coisas assim, era ele... aliás, numa casa destas, assim, ou era a minha irmã, ou era ela, ou era o meu irmão! Mas a minha irmã estava lá para o Norte, e com ela não podíamos contar neste aspecto, mas com ele foi sempre, ainda hoje é ele que ajuda a minha neta e ajuda os netos dos meus irmãos. Enfim, tivemos sempre um apoio mais ou menos bom no aspecto de ajuda médica, de qualquer problema que tivesse com os miúdos. No outro aspecto, quer dizer, no outro aspecto faz parte da vida do casal, nunca houve assim..., há sempre aqueles atritos “O miúdo quer isto, o miúdo não sei quê, vai para a escola, para onde é que há-de ir, para onde é que não há-de ir”. Nós demos-lhes sempre liberdade de eles escolherem para onde é que queriam ir, mais tarde, nunca tivemos... O mais velho, ainda há coisa de um ano ou dois, veio aí dizer “Eu não fui para Medicina porque a mãe estava a dizer que era um curso muito difícil” e ele acabou por não acabar o curso, mas está bem agora, foi para a parte de Informática, tirou o curso de Matemática Aplicada, ligada à parte dos computadores, depois montou uma empresa com um amigo que depois foi um insucesso, que o outro abandonou-o e nós é que tivemos de entrar com umas massas por causa disso, mas ele, entretanto, está num emprego bom, estável, ligado também a uma coisa de software. E está bem, pronto, já temos uma neta, já vai fazer 3 anos em Janeiro.

PDEF

E ser avô, como é que foi?

Oh! (risos) É engraçado, é engraçado. Ela gosta muito de mim e gosta também da avó, cada vez que vem cá a casa, isto é logo aqui um pandemónio! Depois vem connosco e vem sempre com o “Avô, anda para ali para o jardim”, que há aqui um jardim que é muito giro. Nós, às vezes, temos ido para ali para uma casa que era dos pais da minha mulher e ela gosta muito de ir para lá. Não está a ver, ela aqui no Carnaval (apontou para a fotografia da neta), não, quando foi o México, no Campeonato Europeu, que ela pintava a cara com a bandeira. Quer dizer, agora é a menina cá da casa, nós agora parece que temos mais cuidado com ela do que tínhamos com os filhos. Mas realmente ela é muita gira. E pronto, agora é a menina cá de casa. Senta-se à mesa connosco, porta-se lindamente, come sozinha, e fala! Então ao telefone! Agora, às vezes, vou lá buscá-la, que ela está li num infantário, acho que é às terças-feiras, vou lá buscá-la e, na última semana levei-a no eléctrico e depois vim de autocarro. Fez uma festa! Já tinha andado de comboio, mas de eléctrico ainda não. De modo que, assim que me vê, quer logo é ir para o jardim. Enfim, a gente vai-se entretendo.

NPC

E, voltando ao seu casamento, quais é que considera que foram os momentos mais marcantes?

Ah... Temos um momento assim um bocado negativo, agora ultimamente, por causa das partilhas. Mas isto é assim...enfim. Foi quando o meu outro cunhado, elas são duas irmãs, o meu outro cunhado é advogado e a irmã dela é professora de desenho, artes plásticas, não sei como é que agora se diz. E chegaram a uma altura, como a mãe dela tem Alzheimer e o pai já morreu, e a mãe até está num lar aqui perto, que ela arranjou por intermédio da minha mulher, que ela, eu já disse, se não fosse médica era freira, que ela é muito católica e assim, muito ligada a estas coisas, pronto, é uma pessoa benemérita demais e hoje em dia já não se usa muito isso, já não se pratica muito... quer dizer, eu não estou a criticar, estou a criticar apenas a parte do exagero que ela às vezes dá a certas coisas. Mas nisto, passaram as coisas para o nome das duas, em nome das duas, quer dizer, mas quem está sempre a dar a cara pelas coisas sou eu, porque é que vou porque é preciso qualquer coisa, porque é preciso pedir qualquer coisa, porque é preciso lavar qualquer coisa porque há lá uns terrenos que não sei quê, e eu é que vou sempre lá em benefício das duas porque aquilo está em nome das duas, mas eu é que dou sempre a cara por estas coisas e isso chateia-me, chateia-me um bocado porque já fizemos uma avaliação das coisas todas, duas avaliações ela já fez, e nunca mais se decidem. Estão à espera, se calhar, que a mãe que morra, mas a mãe, ela estar viva ou estar morta praticamente, para decisão, não conta nada, está a ver? Mas, não sei... Ainda hoje veio aqui uma filha dela, quando nós apresentámos um parecer para as partilhas, veio cá uma filha e disse para aqui coisas indignas e ela é que andou num curso de Teologia e ela é que foi a pior, o que normalmente é sempre assim, quem anda nestas coisas de padres e não sei quê, são às vezes os piores nas relações humanas, mas enfim. E isso chocou-me um bocado e ela ficou também um bocado abalada com a atitude da irmã. Depois a irmã afastou, quer dizer, as relações são só “Estás boa? Vou ver a minha mãe. Vais tu, vou eu?” e coisas assim, mas pronto, já não houve mais Natal em conjunto. Nós, aliás, no dia de Natal, nós aqui na minha família de 4 em 4 anos, todos os anos no dia de Natal, no dia 25, reunimo-nos em casa de cada um e este ano vai-me tocar a mim. No dia 25 tenho aqui trinta e tal pessoas, com filhos e netos e não sei quê, e já de segundos maridos e não sei que mais, enfim, uma salganhada! E, no dia 24, nós normalmente íamos para casa dela ou ela vinha para cá, para nossa casa, revezávamo-nos assim. Mas a partir da altura que houve isto, e aproveitando o casamento do meu filho, vou passar o dia 24 em casa dele e, no dia 25, ou vou para casa dos meus irmãos, como é todos os anos, e neste ano calha-me a mim. Mas isso foi um aspecto que... Quanto ao resto, há sempre aquelas coisas, a morte das pessoas, dos pais, mas isso, isso faz parte da família, dos acontecimentos da vida, não é?

E lidaram com esses acontecimentos em conjunto?

Quer dizer, esta das partilhas foi em conjunto, mas há muitas coisas que não. Por exemplo, na parte profissional, ela vive muito as coisas, também, a às vezes até traz os problemas cá para casa e até trabalho cá para casa, mas isso... Eu também às vezes trazia, mas agora já não (risos). Mas ela vive muito os problemas das outras pessoas e os médicos, normalmente, eu acho, é uma classe que não é tão próxima, as amizades não são tão profundas nos médicos como é, por exemplo, noutras profissões, como é na minha. Eu também estava ao mesmo nível dela, era director de serviços e tinha aí umas cento e tal pessoas ao meu cargo, desde Coimbra até ao Algarve, e ela tem ali o Hospital, mas também são os médicos, os colegas e isso, também são muitos. Mas eu acho que as relações entre as mulheres não são tão francas como é entre os homens, dá-me a ideia disso. Aliás, na camaradagem, por exemplo, amanhã eu vou almoçar, amanhã não, no

Sábado, vou almoçar com uns colegas, uns da minha companhia, outros de outra companhia, mas, portanto, temos um grupo que jogamos no Totoloto todas as semanas, eu até é que faço as contas daquilo tudo, e eu acho que há uma camaradagem mais franca entre os homens do que entre as mulheres. Pelo menos, é o que eu penso. Mas a minha irmã já é ao contrário, bom, mas a minha irmã, o convívio lá no Norte também é diferente, não é? Ela vive lá no Norte e o meu cunhado também é um bom vivant, também já se reformou, que ele trabalhava num Banco, e ele, tal como eu, jogamos golfe. Ele é todo benfiquista e ele agora vem cá a baixo, já combinámos uma partida, que eu sou sócio de um campo e amanhã vou jogar, e depois tenho um almoço logo a seguir e chego cá não sei a que horas (risos). Um almoço de caça!

Há quanto tempo é que está reformado?

Há 5 anos. Eu entrei na pré-reforma com 62, estive 3 anos na pré-reforma, até aos 65, e depois reformei-me. MR

E como é que foi essa mudança?

Uma maravilha! (risos) Ainda hoje estive lá, estive lá de manhã. Eh, Jesus, o que eles me disseram! “Eh pá, foste mesmo na boa altura e não sei quê, não sei que mais. Eh, você está com um aspecto, até parece que está mais novo!”, aquelas coisas. Se bem que eu às vezes enervo-me um bocado, às vezes perco aqui a paciência, por exemplo, com a miúda ou coisa assim. Não sei, parece que estou... Eu sempre fui uma pessoa muito activa, não é? Eu não gosto de ver nada desarrumado, também, eu aqui embirro com toda a gente, quando é esta coisa das arrumações, porque o Ricardo, então, acaba de almoçar e deixa as coisas aqui e eu não, eu acabo de almoçar e vou pôr as coisas na máquina. Ele é assim, ele no quarto levanta-se, deixa o lenço de banho húmido em cima da cama, deixa o pijama na casa de banho, e eu não sou nada assim, eu sou uma pessoa... Bem, eu sempre fui assim, não é? Eu, já quando era jovem, o meu pai tinha uma pastelaria e tinha lá um escritório, uma representação de um Banco, e eu lembro-me que, quando eu era jovem, eu é que fazia lá as contas e tal, já tinha aquela coisa para ir para Económicas, e sempre fui uma pessoa muito metódica, muito arrumadinha e não sei quê nestas coisas todas. E, às vezes, isso choca-me, pronto, eu às vezes digo assim “Pronto, eu hoje não vou arrumar nada!”, mas depois não sou capaz e vou arrumar as coisas que os outros deixaram desarrumadas, está a ver? Bom, mas isso, pronto, já faz parte do feitio. E como estou mais tempo em casa, ainda abusam (risos). Mas, pronto, o que nos vale é que nós temos cá uma funcionária, que só não vem à quinta, o resto vem sempre, umas vezes de manhã, outras de tarde, pronto, vem aí duas ou três horas, isto também não há muito para fazer, é só a roupa praticamente e dar uma limpeza de vez em quando a isto. ERMNT EOB ECO ERMS

E o que é que considera que, na relação, mudou com a sua reforma?

Quer dizer, eu acho é que abusam um bocado da minha reforma (risos). Ah, mas eu também gosto de ter sempre o meu lugar, eu nestas coisas gosto de ter sempre a minha vida privada e a minha coisa de ter o meu espaço e ter a minha liberdade de ir para isto, de ir para aqueloutro. Também não.... Por exemplo, a Lena gosta agora, meteu-se nestas coisas de música e não sei o quê da Gulbenkian, e ela diz assim “Ah, pois, isto são as ERMS PDIN

chamadas as viúvas do golfe”, agora é chamada a mania das viúvas do golfe. Os maridos vão para o golfe e depois vêm cansados, já não querem fazer nada e, aos fins-de-semana, querem não sei quê... Mas eu, aos fins-de-semana, nunca vou para o golfe. Eu só vou jogar, sou sócio só de semana, normalmente é só segundas, quartas e sextas. Mas depois, nesse dia que eu vou para o golfe, claro, eu levanto-me às 7 da manhã, começo aí a jogar às 8 e picos, e depois aquilo são 4 horas a andar, depois é o almoço, depois são mais 2 horas, e depois apareço cá por voltas das 3 e tal, 4 horas, e às vezes já cansado, não é? Apetece-me é estender-me aqui, ligo a televisão e passo logo pelas brasas (risos). Mas eu, nestas coisas, não prescindo de ter a minha... Se eu me reformo, é porque tenho direito a uma reforma, não é para estar agora a trabalhar como se fosse... Ainda hoje me perguntaram “Tens feito seguros?” e eu “Eu seguros não. Mas se quiserem que eu faça, eu faço”, têm é que vir ter comigo, que eu não vou à procura das pessoas. Não, não, eu nunca tive essa coisa de estar à procura de... Eu tenho a minha reforma, a minha reforma é boa, não estou para me estar a aborrecer com essas coisas.

PDI
PDFM

O que acha que vos une, enquanto casal?

O que é que nos une... portanto... Une-nos amor, não é? Nós gostamos um do outro, se bem que às vezes temos aqueles atritos, mas isto é normal, porque eu ajudo-a muito até a fazer relatórios, relatórios então, eu é que os faço no computador porque ela não se ajeita muito no computador e eu é que lhe faço os relatórios. O que nos une... O que nos une é os filhos, é a neta, é a casa, é o ambiente, é os amigos, é a família. Pronto, é isso. Nós vivemos momentos também agradáveis, saímos, normalmente saímos muito, eu agora ando num curso de História de Arte, nós saímos muito, vamos ver museus, vamos ver exposições de pintura, vamos ver palácios. Ainda agora estivemos, na semana passada, nos Prazeres, que é o Palácio Teles de Menezes, agora vamos a Évora para a próxima semana, para a outra temos mais não sei quê em Óbidos, depois para a outra vamos para Londres, vamos a Oxford e não sei quê, no ano passado fomos a Siena e mais não sei onde. Quer dizer, temos estas coisas em comum. Ela agora está mais virada para a música, mas eu não estou muito virado para essas coisas. Às sextas-feiras vamos ao cinema, normalmente, vamos jantar fora, normalmente, e depois vamos ao cinema, que ela gosta muito de cinema. Eu também gosto, se bem que às vezes, à sexta-feira, já esteja um bocado cansado, mas enfim, mas lá faço, lá vou ao cinema. E agora, aos fins-de-semana, temos ido mais é para a aldeia, que é lá a outra casa que temos, que está ainda em comum mas, em princípio, fica para nós, que isto foi assumido por ela e nós fizemos lá muitas obras e gastei algum 40 mil euros só em obras lá, para ter a casa para eles e para a neta e tal, temos lá uma casa já gira.

PCA
RCDE
PCAE0

PCH
PCPC

ERMNP
PDI

RSCE

E acha que sempre partilharam esses interesses? Como é que era no início?

Bem, quer dizer, no início, nós vivíamos mais para os filhos e para a vida... Agora eu já tenho mais liberdade, ela é que não tem tanta liberdade porque ela ainda tem de trabalhar. Vamos lá ver se é para o ano, não sei se ela consegue reformar-se para o ano, se calhar não. Portanto, os interesses comuns era praticamente a família, a casa, tentar melhorar sempre as condições de vida, as condições sociais, e ter uma vida mais ou menos desafogada e estável, era isso o interesse. Depois também a valorização profissional, ela também, nós temos ido a muitos congressos, mesmo com ela. Eu também ia, quando estava a trabalhar, ia muitas vezes à Alemanha, quando estava numa

CRPCF
EML

CRPOB

empresa alemã, ia 2 ou 3 vezes por ano à Alemanha. Acho que também a levei lá, ela também ficou um bocadinho ligada por causa de umas coisas de uns seguros de vida, de riscos agravados de vida e tal, fazer lá umas análises a uns clientes, e eu ia lá muito em formação. E agora, também aqui nesta empresa, ia para França, para Paris. Às vezes também ia com ela, às vezes proporcionava-se eu levá-la e ela, quando ia a congressos... Nós já fomos a muito lado, também, em congressos com ela, praticamente já fomos a muito sítio, desde Austrália, até ao Canadá, Brasil, já conhecemos assim muita coisa. E aproveitamos esses congressos para termos assim também um bocado de férias. Ela, portanto, junta as duas coisas. E é assim, eu tento acompanhar, ela também tentou acompanhar-me a mim sempre. Tem sido mais ou menos isso.

PCP

E sente que tiveram de fazer muitos acertos para se adaptarem um ao outro?

(...) Não sei se eu tive de me adaptar mais a ela do que ela a mim (risos). Não sei... Quer dizer, isto... ao longo da vida, às vezes, a gente tem de... Eu sou uma pessoa que, hoje podemos estar aqui a discutir ou coisa assim, mas no outro dia... as coisas passam e pronto. Não sou... aliás, nunca fui. Só quando me toca fundo, é que fico cá a... Aliás, tive uma coisa aí com um tipo que eu considerava meu amigo e esse cortei-o perfeitamente e custou-me também, mas foi uma coisa cá do... Escreveu umas coisas num site, num blog, a meu respeito, que eu escrevo para um jornal lá minha terra e faço parte da assembleia municipal, disse mentiras até, e eu depois respondi-lhe, disse-lhe que nunca esperava que uma pessoa fosse capaz de dizer aquilo e, portanto, a partir daí, eu cortei isso. Custou-me um bocado porque pensava que ele era meu amigo e, afinal, eu verifiquei que não era, se não, se fosse meu amigo, não tinha escrito aquilo que escreveu. Se ele dissesse, ainda pronto, mas ele escreveu e houve pessoas que leram e chocou-me um bocado. São momentos que eu não admito porque se há uma qualidade que eu prezo é a amizade. Eu faço amigos em qualquer lado, sou uma pessoa realmente aberta para cobiadas, para coisas assim, está sempre tudo a convidar-me, já sabem que podem contar comigo, mesmo para ir para aí para a noite e não sei quê, estou sempre... Às vezes há coisas que ela nem sabe, não é? Mas já quando estava na Guerra, ou na Alemanha e tudo e em Francas, portanto, naquela reuniões que há com os outros, quer dizer, todos os países. Por exemplo, quando estava na Alemanha, estava naquela empresa alemã, íamos convidados, iam mexicanos, venezuelanos, espanhóis, franceses, italianos e não sei quê, juntávamo-nos, naqueles cursos que eles faziam e era um meio engraçado. A gente juntava-se e, portanto, vivíamos, os latinos, “Eh, lá vêm os latinos, e tal”, depois a metermo-nos com as miúdas e não sei quê. Aquilo era uma barracada. E eu gostava, gostava e gosto de conviver com as pessoas. Nós temos o grupo lá do Totoloto, somos seis, e aquilo é engraçado. Às vezes vamos, aos Sábados, com o dinheiro dos prémios, que há sempre qualquer coisa que sai, e depois juntamos o dinheiro e fazemos sempre grande almoçaradas. Vamos para Évora, vamos para Elvas, vamos para Estremoz, vamos aqui para Lisboa, fazemos aqueles almoços e é tudo a fartazana (risos). E é assim.

RCRR

ESO

RCEO

E esses amigos são comuns ao casal?

Não, é só homens (risos). Ah, tenho outros amigos, os meus amigos lá da terra, às vezes juntamo-nos e vai um, que a mulher era colega da minha mulher, era enfermeira mas já está reformada, e esses eram para aí uns oito. Mas esses ainda nos damos com alguns, amanhã vão lá aparecer e tal. Às vezes aparecem as mulheres, já temos feito umas coisas

AE

em vários locais. Mas estávamos a falar do quê? Das coisas que nos aproximam?

Exacto, e que separam, e nos acertos que têm de ser feitos.

Pois, isso claro. Acertos só na parte da... quer dizer, eu, a partir da altura que me reformei, praticamente não... Eu tenho tentado ajudar aqui, conciliar todas as coisas, quer aqui em casa, quer com a minha vida de lazer, quer algumas coisas de trabalho, quando há assembleia municipal gosto de me preparar e normalmente somos só nós que vamos lá dar para trás aos tipos, que eu sou independente e aquilo é comunista, e os gajos do PS nem abrem a boca, coitados, enfim. Mas isso também estimula, e depois temos lá umas reuniões antes, prévias e tal, e fazemos também contactos lá e é sempre agradável a gente discutir os problemas que vão acontecendo lá, ligados aos tipos que lá estão e que se querem sempre fazer valer da sua posição e da sua maioria que têm lá na assembleia e também na câmara, mas nós temos lá um tipo que é também muito bom, que ainda ontem me mandou um e-mail por causa de uma alteração ao PDM que querem fazer por causa de um supermercado. Mas isto são outras coisas, não é? Não sei o que é que lhe hei-de dizer mais...

De uma forma geral, como é que se definem como casal?

(...) Vamos sobrevivendo (risos) Não, não (risos). Como é que definiria... Eu acho que somos um casal normal, portanto, um casal já com 35 anos ou 36 de casados. Já há poucos, não é? Já há poucos. Temos aguentado muita coisa, não é? Um ao outro mas, quer dizer, não são coisas assim muito profundas, quer dizer, ela também é uma pessoa com bom carácter e mais depressa se vai, às vezes, aceitando as coisas menos boas que poderão surgir, mas... Eu não vejo assim nada de relevante, nada de relevante que possa contribuir para uma má vivência, quer dizer, às vezes há aquelas coisas que ela... ela, às vezes, exalta-se um bocado, às vezes exalta-se, mas eu entra por aqui e sai por aqui, não ligo nenhuma. Ela às vezes até diz que eu tenho disto ou daqueloutro e eu nem lhe passo cartão, nem sei se ela está a falar alguma coisa. É a melhor maneira de a gente se dar bem, é isso, é eu não valorizar muito as coisas, não é? E a gente assim vai vivendo e vai tendo uns bons bocadinhos, vamos saindo de vez em quando e tal, e... Ela anda é sempre de volta do Ricardo, sempre a deixar a comida para o Ricardo e mais não sei quê e não sei que mais, ainda há aquela preocupação como se o menino tivesse não sei quantos anos, e ele também abusa um bocado, não é? (risos) Ele também abusa um bocado, isso agora aqui só para a gente, ele abusa um bocado. Eu acho que ele já devia ter um outro comportamento e um outro... Ele devia ter saído, mas é sempre a coisa dos computadores e dos jogos e não sei quê, assim com aquele grupo de amigos que ele tem. Nunca mais arranja uma rapariga para... Desde que teve lá um dissabor lá com uma rapariga, nunca mais ele se endireitou. Na altura, eu até lhe escrevi uma coisa a dizer “Eh pá, mulheres há muitas, vai-te é divertir com os amigos e depois arranja é outra rapariga”, mas eu não sei, não sei o que é que se passa com ele, também precisava de ter uma rapariga para, para... enfim. E depois é a questão do emprego também, que ele nunca mais se endireita. Houve para aí umas situações mas parece que não estavam virados para ele e tal, ando a ver uns anúncios, mas aquilo está muito difícil. É que o curso dele, que é Urbanismo, não é assim grande coisa e isto não está nada fácil, nada fácil mesmo... Olhe, eu comecei a trabalhar assim que vim da Guiné, passado um ano, fui para uma companhia de seguros porque já não aguentava aquilo. Eu vinha de lá, também vinha assim um bocado

CRR

CRRES

CRR

RCDE

OBP

RCP

RCE

RCDE

FR

FPR

PDDR

FPR

traumatizado, ouvia qualquer coisa e atirava-me logo para o chão, que eu ainda tive lá uns maus bocados, ainda tive lá umas emboscadas e tal e não fiquei lá por sorte. E comecei a trabalhar ali numa companhia de seguros mas, eh pá, eu não aguentava o tipo, que o gajo era não sei quê, eu aquela coisa de tratar a pessoa por “Sua Excelência” e não sei quê, portanto, já lá vão, sei lá, 40 e tal anos, mas eu, eu não estava habituado àquilo. Depois, fui para outra coisa, que não tinha nada a ver com aquilo que eu queria fazer, fui para uma empresa de automóveis e aquilo era engraçado e estive lá um ano e picos. Mas só depois é que fui para os seguros e nunca mais saí de lá, acabei o curso nos seguros e acabei em 73/74. Depois foi o Abril e os tipos queriam fechar aquilo e eu digo assim “Eh, logo agora que eu vim para aqui!”. Eu já lá estava há um ano ou dois, e mandámos um fax para os tipos a dizer que não senhor, que aquilo não se justificava e não sei quê, não sei que mais. E eu saí dessa empresa em 85 e em 86 aquilo fechou. Ah, eu também tive uma sorte! 85 ou 86 que aquilo fechou. Mas eu também era o braço direito deles todos, aquilo o dinheiro passava todo por mim, eu tinha aí relações com todo o mercado, com os administradores de todas as companhias de seguros, ainda hoje os conheço, a maior parte deles, e aquilo era um negócio muito engraçado. Era muito giro, ia muitas vezes à Alemanha, aprendi muito, aprendi muito com eles. E fui aí que eu depois consegui sair e ir para a outra empresa, que depois fui como director, enfim. E a Lena, a Lena por outro lado, ela teve um período muito mau quando foi o 25 de Abril, era chamado o serviço à periferia, ia de jipe, vinham buscá-la de jipe da Tropa para ir para lá para aquelas terras todas, andava de um lado para o outro com mais dois ou três, mas depois passou. Depois pronto, foi para o Hospital e dali nunca mais... Depois ainda andou por aí nos hospitais civis, já dentro da especialidade, que ela é Fisiatra. E foi assim, agora é lá chefe daquilo tudo, pronto. Está farta daquilo tudo, também, porque as coisas não são fáceis por causa dos cortes no orçamento, precisam de próteses e não há dinheiro para as próteses e ela vive muito isso, que ela vive muito os problemas dos doentes e, portanto, leva as coisas muito a peito e isso... às vezes traz cá para casa essas coisas todas, também. Eu já disse a ela, às vezes tem lá problemas com outros médicos ou enfermeiras, e eu digo “Tu tens de dizer é que para a próxima levantas um processo”, e ela “Ah, mas não posso”, que ela é incapaz de fazer uma coisa dessas.

PDPR

OIC

O que é que acha que, na altura, os motivou a tomarem a decisão de se casarem?

Oh, também já estava com 31 anos! (risos) Não, queria organizar a minha vida, portanto, achava que... Eu fui...acho que fui o último...não, foi a minha irmã a seguir... pois, então eu já estava com 32 anos, já tinha mais ou menos o emprego estável, quer dizer, ela também já tinha acabado o curso e, portanto, gostámos um do outro e pronto, tivemos a ajuda dos pais e casámos, quer dizer, não há nada de anormal. Acho que isso, quando as pessoas têm a vida mais ou menos estabilizada e pensam, portanto, tornar-se independentes e viverem, portanto, a sua vida em comum, nada mais coiso que as pessoas se casarem, não é? Agora vive-se muito, não é? Agora não se casam, mas na altura ainda não era assim, quer dizer, na altura as pessoas não viviam em comum, não namoravam, ou lá como é que se chama agora, viverem em comum, não é? Nós, na altura, não era assim, quer dizer, já lá vão 36 anos, já houve muita evolução na parte social e na maneira de pensar das pessoas, tudo isto houve uma grande evolução e, portanto, levou a que..., aliás, isso não foi só em Portugal, foi também noutros países lá fora, em França, viver em comum já havia muito antes que em Portugal. E também os divórcios e isso tudo, tudo isso foi uma evolução que se deu, que há 30 anos, ninguém pensava assim, as pessoas casavam quase todas pela Igreja, e agora já ninguém casa

CNC

CCF

CA

CAE

CC

praticamente... Mas também houve a separação do Estado da Igreja, portanto, as pessoas casam pela Igreja mas podem-se, na mesma, separar, não há nada impeditivo, e na altura não, não se pensava assim. E as pessoas viviam mais fechadas, não havia nada destas coisas.

Alguma vez pensaram em separar-se?

Não, há sempre aquelas coisas momentâneas, mas depois passa. Nunca houve, assim, umas coisas assim de carácter assim mais... Bem, eu também sabia disfarçar bem, não é? (risos) Bem, veja lá se quer perguntar mais algumas coisa, não sei se estou a ir na direcção. Eu acho que já disse praticamente tudo.

RCDE
RCEO

Casal 2

2-M

Nome: Cristina

Idade: 55 anos

Tempo Casamento: 33 anos

Tempo Namoro: 1 ano e meio

Filhos: 2 (27 e 30 anos)

Como é que se conheceram?

Olhe, como é que nos conhecemos, deixe-me cá pensar... Nós conhecemo-nos numa vinda, pêra lá, como é que foi, portanto, acho que foi numa vinda dele cá a Lisboa, porque ele é do Porto, numa vinda cá a Lisboa para um concerto, uns concertos que houve. Eu agora estou com dificuldade em ver se foi mesmo aí ou se já o tinha conhecido antes num acampamento que havia de grupos, do grupo de que ele fazia parte e de algumas pessoas das quais eu era amiga, na aldeia onde eu passava férias, por ser a terra dos meus pais. Mas foi por aí. Aliás, as duas coisas foram muito próximas no tempo.

E como foi a passagem para o namoro?

Ah, isso foi muito mais tarde, porque isto foi eu ainda andava...portanto, esse conhecimento lá no acampamento, eles acampavam lá, houve lá uma festa, e teria uns dezoito ou dezanove anos, ele é mais novo que eu aí uns dois anos. E aí foi, pronto, eu simpatizei com ele mas ficou por aí. Depois mais tarde, portanto, eu já estava a estudar, estava na faculdade, estava no terceiro ano, e há um amigo comum, esse sim que eu já conhecia há mais anos, de quem era amiga, que me escreveu a pedir para o inscrever no curso, lá na faculdade, porque ele estava em Economia e não estava a gostar daquilo. E eu inscrevi-o e foi aí depois o conhecimento maior. Depois veio para as aulas e rapidamente começámos a andar juntos (risos). Foi assim.

CRPS

E como foram esses primeiros tempos de namoro?

Ah, foi ótimo, porque, portanto, naquela altura eu era muito activamente...trabalhava muito na associação de estudantes e era politicamente activa, ele também era lá no Porto e os grupos aos quais nós pertencíamos eram muito próximos em termos de ideologia e de prática, na altura era a chamada extrema esquerda, isto antes do 25 de Abril. E, portanto houve logo ali uma ligação muito grande porque ele, quando veio, também começou logo a trabalhar na associação e, portanto, houve logo uma proximidade muito grande em termos ideológicos. Eu lembro-me que nós na altura estudávamos muito

CRPIC

aqueles livros que havia na altura, do marxismo e essas coisas todas e discutíamos, e do maoísmo, e daquelas coisas todas. E, portanto, havia muito, por um lado era o namoro, mas era também muito este activismo que nós tínhamos.

CRPIC

E acha que esse foi o primeiro aspecto que reparou que tinham em comum?

Não, se calhar houve uma atracção grande, e depois também não começámos logo a namorar. Eu recordo-me que a primeira vez que nós demos, por exemplo, a mão, que foi assim um marco, que foi a fugir da polícia numa manifestação e, portanto, aí foi perfeitamente instintivo. Não quer dizer que não houvesse já um sentimento anterior mas, pronto, ainda sem nada de manifestações nem de um lado nem de outro, mas de facto, naquela altura... Isto foi uma manifestação que houve em Dezembro, uma manifestação anti-colonial, e, de facto, depois a polícia apareceu e, pronto, claro que ele corria mais do que eu (risos), e demos a mão e, olhe, continuamos com a mão dada. Nesse dia, por acaso, se não tivéssemos conseguido fugir, ia ser muito complicado porque tínhamos estado na Cidade Universitária e tínhamos apanhado uns comunicados, na altura, do MRPP e nenhum de nós tinha qualquer simpatia pelo MRPP, mas... Não sei se sabe mas, antigamente, os estudantes deixavam comunicados, jornalinhos e não sei o quê onde era possível, normalmente nas casas de banho, não é? Portanto, eu tinha ido à casa de banho, estavam lá e eu trouxe uma molhada, que a gente trazia sempre. E eu estava com isso na carteira. Quer dizer, isto foi uma perfeita irresponsabilidade e parvoíce porque, embora eu não fosse do MRPP, se eu fosse apanhada com aqueles comunicados na carteira, estava tramada. Mas, pronto, correu tudo bem. Isto, portanto, foi em Dezembro, depois namorámos o ano a seguir e depois casámos em Maio do ano seguinte, em 75.

CRPAF

MI

E o que é que os levou a tomar a decisão de casar?

Na altura, o casar ali foi muito...pronto, decidir casar e isso tudo... Vamos lá ver, nós estaríamos disponíveis para ir viver juntos sem nos casarmos mas, naquela altura, pais e não sei o quê, era muito complicado, de maneira que resolvemos casar. É que era uma altura de grande contestação em relação aos casamentos e aquilo tudo mas, pronto, nós resolvemos realmente casar, embora não tenhamos ido de vestidos de noivos, não é? Portanto, foi assim uma coisa muito informal da nossa parte. Nem sequer foi pela Igreja porque não nos fazia sentido, embora da parte da família houvesse uma grande pressão nesse sentido, mas isso não nos fazia sentido porque nós tínhamos, e continuamos a ter, uma posição um bocadinho crítica e de não crença em relação aos valores e à posição da Igreja. Portanto, até hoje, nunca casámos pela Igreja e nunca pensámos fazê-lo e os nossos filhos também não são baptizados.

CVO

E depois do casamento, sente que houve alteração na relação?

Ah, alterou-se muita coisa. Eu acho que foi óptimo porque, repare, naquela altura, e sobretudo em 74 e sobretudo para as raparigas, eu estava cá sozinha, portanto, tinha a liberdade toda, não é? Mas não era assim, eu passava o tempo a aldrabar, a dizer que fui para aqui ou fui para ali sem ter ido e isto tudo, embora eu fizesse sempre, nesse aspecto, o que achava que devia fazer e o que me apetecia fazer, mas tudo muito escondido doa

CRPRE

meus pais, não é? E isto dá muita culpabilidade e muito mau estar. E, portanto, quando depois fomos viver juntos, foi ótimo porque, pronto, não era preciso aldrabar, portanto, foi divertidíssimo. Ainda estávamos a estudar, eu estava a acabar o curso e ele estava no segundo ano. Portanto, houve uma parte que ainda fizemos a estudar, eu depois acabei e depois foi assim, exactamente, eu acho que acabei em 75. Mas foi um período... Íamos juntos para a faculdade, vínhamos para casa... Era muito mais o ter deixado de mentir, para mim foi um alívio. E, pronto, nós sempre nos demos bem em termos do convívio, dávamo-nos bem, portanto foi muito bom.

CL

PCE

Mas sente que tiveram de fazer adaptações?

Sim, há uma descoberta do outro de uma maneira diferente e aí começou a haver as primeiras pegadas, das arrumações, daquelas coisas, mas coisas sem significado. Aliás, os nossos desentendimentos tinham muito a ver com isso, não é que houvesse assim ou que tivesse de haver aquela partilha muito matemática “Tu fazes isto, tu fazes aquilo”, não é? Mas os homens, alguns homens, se calhar não posso generalizar, mas têm uma visão, de facto, do trabalho doméstico assim um bocadinho diferente. Era do género, era preciso aspirar, até se dispunha a aspirar, mas depois aspirava o quarto e ia ver um bocadinho de televisão ou ia ler o jornal. Aquilo irritava-me imenso porque para mim aspirava logo tudo e arrumava o que fosse preciso. Portanto, isso ali deu inicialmente algumas...pronto, discutíamos às vezes por causa disso, mas coisas sem significado porque eram, de facto, coisas sem importância. Mas, pronto, a nossa principal dificuldade acho que foi por aí porque, de resto, sempre nos entendemos bem, o convívio sempre foi fácil.

PDGC

RCDO

RCE

PCE

E quais é que acha que são os momentos mais marcantes da vossa história?

Olhe, eu acho que foi de facto esse fugir à polícia, para mim foi muito marcante. Foi depois o começarmos a viver juntos e, de facto, o podermos estar à vontade e não haver pressão de ninguém. Foi o nascimento dos nossos filhos, não é? E, pronto, coisas que temos vivido ao longo da vida. Mas, de facto, esses são assim momentos muito marcantes porque nós investimos muito. Quando os nossos filhos nasceram, estávamos casados há dois anos e foi numa altura em que nós, pronto... Ah, isto eu queria dizer que nós fomos viver juntos e pensamos casar tão cedo porquê? Porque nós trabalhávamos os dois, portanto já não estávamos, quer dizer, o que ganhávamos já nos permitia ter alguma autonomia em relação aos pais, embora os meus pais tenham ajudado com uma casa que nos deram, mas de resto, para viver, nós éramos autónomos financeiramente e, portanto, isso permitiu-nos... Em relação depois ao planeamento dos filhos, o primeiro foi de facto muito investido, e os outros também. Foi decidido numa altura em que eu já não estava a estudar, portanto só estava a trabalhar, já havia mais tempo, já estávamos mais estabilizados também como casal, porque também nisso há muitas aprendizagens que têm de se fazer e muitos acertos, não é? E já estávamos mais estabilizados e, de facto, fazia-nos muito sentido naquela altura e, pronto, foi assim um período muito, muito bom. E também o período da gravidez, que eu acho que o Rui foi uma pessoa que engravidou comigo e isso foi muito bom. Na altura não havia as coisas que há gora, pronto, não havia as ecografias nem nada dessas coisas que vinculam muito as pessoas também, mas foi muito bom porque fiz sempre preparação do parto porque acreditava e continuo a acreditar muito nisso, no parto psicoprofilático. E ele assistiu sempre ao

MI

MVJ

MNF

PCIN

CCF

PCPF

ERE

MG

PCP

nascimento dos filhos, aliás, eu costumo dizer até que não assistiu, que ajudou a nascer, não é? Porque eu acho que é muito importante para as mães, para o casal, e para a vinculação dos pais aos filhos também. Eu não sou pai, mas acho que dá uma vinculação muito grande o estar ali e o ajudar a nascer. Portanto, isso foi assim muito marcante para mim, para mim e para nós, não é?

PCP

E considera que houve mudança na relação com o nascimento dos filhos?

Ah certamente. Houve alteração no sentido até da...vamos lá ver, nós íamos para onde queríamos a qualquer hora, a qualquer momento, não havia limitação nenhuma. O nascimento de uma criança limita muito, sobretudo os primeiros tempos em que os bebés estão muito dependentes da mãe, sobretudo, por causa das mamas e isso tudo, e embora nós fôssemos um casal que levávamos os miúdos sempre que podíamos, sei lá, para coisas que eles podiam ir, mas, quer dizer, houve muitas coisas que deixámos de fazer nesse período em que eles eram muito pequenos, não é? Depois, quando eu já me sentia segura, quando nós sentimos seguros para os deixar com os avós, já continuávamos novamente a fazer as coisas. Mas é completamente diferente ir, por exemplo, passar um fim-de-semana e não estarmos preocupados rigorosamente com nada e saber que o bebé ficou ou se está bem, se está mal, se está constipado, aquelas coisas, não é? Portanto, a vida muda completamente, mas eu acho que muda para melhor.

FL

PAF

FPR

Mesmo em termos de casal?

Eu acho que nós, vamos lá ver, eu acho que uma coisa que desde o início era muito clara é que, vamos lá ver, os nossos filhos iam ser um acrescento muito grande à nossa vida, mas que nós íamos continuar a existir como casal. E, portanto, desde o início demos muita atenção a isso. Nós retomámos a nossa vida sexual logo que foi possível e sem problemas e isso eu acho que também é muito importante para os casais, e para nós foi seguramente muito importante. E mesmo durante a gravidez, portanto, tivemos vida sexual praticamente até ao bebé nascer, isto porque a gravidez correu sempre lindamente, portanto nunca houve nada que fizesse pensar... E isto eu acho que também liga os casais, não é? Nós, a esse nível, tivemos sempre uma vida muito gratificante e fácil. Houve momentos que...vamos lá ver, o que é que foi mais difícil na nossa relação... Foi, vamos lá ver, eu sou muito faladora e preciso muito de esclarecer as coisas e ter as coisas muito claras na minha cabeça e tudo isso e o Rui, não sei se é só ele, eu penso que os homens são um bocadinho mais assim também, é mais contido, mais reservado e, portanto, às vezes eu estava ali a tentar ter tempo de antena e ele não achava aquilo nada necessário e, muitas vezes, pronto, eu sentia que estava um bocado ali a falar sozinha e claro que me irritava muito. Hoje em dia é diferente porque isto já são tantos anos, que a gente vai modelando e ele agora também já é mais comunicativo. Mas isso foi, se quiser, das coisas mais... Foi sendo moldada, não é? Porque eu de facto não consigo estar bem se não tiver as coisas muito claras, preciso de ir falando sobre as coisas e esta foi a nossa maior dificuldade. E, repare, enquanto que para o Rui, e depois isto também é uma coisa que vamos aprendendo, há uma linguagem muito do corpo, sei lá, por exemplo, houve um problema qualquer, uma dificuldade qualquer, que há sempre dificuldades, e depois ou dá uma festa, ou faz não sei o quê e aquilo já está bem. Mas, para mim, ainda não, ainda preciso de “Mas não sei o quê...”, aquelas coisas, não é? Claro que eu depois, com o tempo, também vou percebendo, também fui percebendo o que é que é uma linguagem

FA

PCPC

PCIN

PCE

ECM

RCAC

RCDO

ORE

PDIO

RCE

ERA

OMCO

RCAC

ERMCN

RCCC

ERMCN

e o que é que é outra linguagem. E, de facto, há muitas linguagens, não é só a linguagem verbal e isso vai-se percebendo e eu fui percebendo com o tempo também. E, portanto, o ir percebendo isso, que havia outro tipo de linguagem também, porque uma coisa é saber teoricamente, e claro que a gente com a formação que tem sabe isso, outra coisa é na prática ser capaz de valorizar a outra linguagem e sequer dar por ela. Portanto, isso também é uma aprendizagem que o facto de irmos estando juntos vai...

E houve mais aspectos em que sente que tiveram de fazer esses acertos?

Sim, eu acho que esse foi um acerto que foi sendo feito ao longo da vida e também outras coisas porque claro que nós somos pessoas diferentes, não é? Outra coisa que eu penso que foi sendo importante ao longo do tempo foi respeitar o tempo do outro e a maneira de ser do outro. Eu sou uma pessoa mais voluntariosa, tenho muitas ideias, às vezes ideias até um bocadinho demais (risos), mas, portanto, e ele é, se quiser, uma pessoa mais realista, mais sensata do que eu às vezes e, portanto... Claro que eu, inicialmente, não via a coisa muito assim, via mais “Está este gajo aqui a chatear-me...” e hoje em dia eu sei que, pronto, nos fomos completando nisso, não é? Portanto, isso são as tais coisas que a gente vai moldando com o tempo também. E eu perceber de facto..., vamos lá ver, enquanto...como é que eu vejo as coisas? Eu tenho uma ideia, faço logo um filme e nem acho que seja completamente insensata, de certeza que não, mas vejo, tenho alguma capacidade de antecipar as coisas e o Rui é uma pessoa, porque é mais racional ou porque, se calhar, é mais sensato do que eu, tem que ter um pé já muito bem sedimentado para depois dar o outro e eu arrisco mais, não é? Portanto, às vezes aquilo irritava-me um bocado porque eu já estava a ver...Claro que ele depois acaba por chegar lá, só que eu tive de aprender a respeitar o tempo dele e isto também é uma aprendizagem. Claro que quando nós estamos nestas fases, quer dizer, claro que há frustração, não é? Agora, nunca foi, vamos lá ver, estas frustrações que eu senti nunca foram suficientes para pôr em causa o casamento e a minha relação com ele porque de facto gostava muito dele e portanto não era isso que punha em causa. Fazia era que eu às vezes fosse muito melga (risos). E continuo a ser, mas já sou muito menos porque ele também já..., se calhar já não precisa tanto tempo como precisava, se calhar já foi vendo... Porque é assim, as coisas que eu queria ou que eu dizia “Nós isto e se fizéssemos...”, ele depois até via que afinal é bom e, portanto, foi ganhando alguma confiança, penso eu, na minha rapidez (risos). Portanto houve aqui, eu por um lado percebi também o tempo dele e ele também percebeu que afinal as coisas não davam... Repare, as coisas que eu propus de mais relevantes, até projectos, arranjar isto, arranjar aquilo, nunca houve nada que tivesse assim corrido mal, não é? Portanto, isto também foi dando uma segurança que afinal... Portanto, é a tal aprendizagem que se faz com um e com o outro.

E sente que essa aprendizagem foi contínua ou houve fases em que tiveram de aprender mais?

Eu acho que é contínua. Claro que agora já é diferente, agora se calhar já estamos assim um bocadinho a colher os benefícios desse esforço e desse trabalho que houve. Mas claro que é, nós estamos sempre a crescer e a mudar, não é?

PDP
ERMT
PDRD
EP
ECR
OS
ERMCN
PCC
ERA

OS
EAV
RCE
PDRD
ERMCN
ERF

PCA
RCAC
RCPE
ERMT
OMR

ERGC

ERCO
ERE

E em termos de projectos para o futuro?

Estamos em sintonia. Mas às vezes, como lhe digo, por exemplo, olhe, coisas tão simples como comprar uma casa ou mudar de casa ou tudo isso, eu sou de facto mais rápida a desejar as coisas e ele tem o tempo dele. Mas, quer dizer, com projectos comuns, não é? Em termos profissionais também, temo-nos apoiado muito também. Portanto, os projectos têm sido comuns. Vamos lá ver, e isto também tem a ver com...até em relação aos filhos, por exemplo, eles têm a ver com as nossas origens e com as experiências que nós tivemos na família de origem, não é? Por exemplo, na minha família de origem, eu sou filha única e os meus pais, sempre embora muito conservadores nalguns aspectos, mas sempre foram muito generosos, por exemplo, em relação a dar e a facilitar as coisas, não é? Embora às vezes depois, sobretudo da parte da minha mãe, com alguma cobrança, mas pronto, fui aprendendo também a lidar com isso. Da parte da família do Rui, são pessoas igualmente conservadoras mas não tão de facilitar ou de..., vamos lá ver, de dar coisas aos filhos, ele tem duas irmãs. E isto fez com que, por exemplo, em relação aos nossos filhos, eu estou sempre pronta no ir, no dar, no facilitar se eles precisarem, de maneira nenhuma invadi-los e inundá-los com coisas que eles não queiram, mas, quer dizer, se eu percebo que estão numa fase que precisam de, sei lá, qualquer coisa... Por exemplo, olhe, uma coisa tão simples quando começaram a trabalhar, não é? Começaram a trabalhar e é preciso os fatinhos e aquelas coisas todas e é um investimento muito grande, é quase um enxoval, e eu digo “Sim senhora, é oferta de começarem a trabalhar” e vamos e compramos. E o Rui começa logo “Achas que sim? Não deviam esforçar-se por...?”, quer dizer, e eu isso, como de facto não tive tanto essa vivência e não correu nada mal, eu acho que sim, agora que eles precisam, agora é que, não é? Portanto, nisso se calhar o Rui é mais no sentido de “Sim senhora, nós até podíamos emprestar e eles depois pagam”, está a ver? Porque a família de origem foi muito assim, portanto, nós transportamos muito aquilo, as nossas experiências. Mas depois não é pessoa de...quer dizer, aceita, aceita e não aceita contrariado, até porque felizmente com..., nós temos dois filhos, as coisas têm corrido bem e são pessoas que também, vamos lá, não são abusadoras nem são irresponsáveis, portanto... Claro que isto são diferenças que nós temos. Eu, de facto, estou sempre pronta para dar e para não sei o quê. Ele é um bocadinho mais retraído mas, quer dizer, depois acaba por concordar.

PCPR

PDRD

PCAP

PCO

PAFI

PC

SCO

SFA

PM

PDEF

SMO

RCCO

PDP

FMQ

FMFO

E em relação à educação dos filhos?

Ah, isso aí também... Vamos lá ver, claro que houve muitos acertos, não é? Também houve coisas em que não estávamos de acordo. É assim, no essencial estivemos sempre de acordo. Agora, na maneira, no dia-a-dia, havia sempre desacordos, não é? Por exemplo, como é que eu hei de dizer, ele bastante mais ríspido, às vezes rígido e ríspido, e que também tem a ver com as vivências, com o conhecimento que eu tenho das vivências dos pais, e sobretudo do meu sogro, e eu se calhar mais..., se calhar por ser mãe, não sei, mas mais compreensiva em relação às coisas deles. Mas isso foi algo que..., vamos lá ver, houve uma coisa que nós desde o início concordámos, é que de facto, quando houvesse que chamar a atenção um do outro, não estarmos de acordo com o que um ou o outro fazia, não falávamos à frente dos filhos, falávamos depois, pronto. Porque eu acho que é importante para os filhos sentirem que os pais estão na mesma onda, não é? Acho que é securizante para eles e leva a que haja menos jogos da parte

ERA

PDEF

FMFO

SMO

FMQ

CRPI

deles também. E muitas vezes não concordava com coisas, do género de algumas proibições ou de chamar a atenção de uma determinada maneira ou de ser muito crítico em relação a alguns comportamentos que eles tinham, sei lá, ou de serem desorganizados. Por exemplo, sobretudo o mais velho, eles sempre foram bons alunos mas o mais velho era mais desorganizado na escola, às vezes a gente tinha de ver onde é que andavam os cadernos, que ele era um bocadinho assim... E aquilo passava-se. E, portanto, na maneira de chamar a atenção, eu às vezes não concordava de todo. Mas também foi aprendendo e também foi... Aliás, ele tem óptima relação com os filhos. Mas sobretudo com o mais velho, o mais velho é mais parecido comigo, é mais emotivo, mais impulsivo, e, portanto, às vezes pegavam-se um bocado, não é? Mas, pronto, as coisas depois foram evoluindo bem e hoje têm uma óptima relação os dois. Portanto, a dificuldade maior que nós tivemos com os nossos filhos foi isto, tem a ver com as nossas personalidades diferentes.

FMFO

PDEF

FE

PDP

E como é que é a vossa vida social, têm os mesmos amigos ou...?

É assim, nós temos..., não, há amigos que são só meus amigos e ele também tem amigos, sobretudo colegas de trabalho e isso com quem tem relações próximas, que... Quer dizer, eu conheço alguns, ele os meus não conhece todos, e depois temos amigos comuns. E as coisas correram sempre bem.

E em relação às famílias um do outro?

Vamos lá ver, isso é sempre um bocadinho difícil, porquê? Há aqui um aspecto que é importante, a família do Rui vive no Norte, toda lá, portanto, a relação sempre foi maior com os meus pais por eles estarem cá, não é? Eu era filha única e, portanto, a minha mãe, como já lhe disse, uma pessoa um bocadinho controladora e muito um bocadinho a personalidade daquelas mulheres portuguesas daquela geração, que ela tem 80, um bocadinho de se vitimizar, não é? E, portanto, isto inicialmente com o Rui não foi fácil porque eu acho que ele sempre teve alguma dificuldade de se relacionar com ela, de perceber algumas coisas dela. Até eu às vezes, tenho de lhe dizer, mas, pronto, mas a mim... Depois houve aqui um aspecto que foi também importante, o meu pai morreu nos anos 80, no início, eu tinha 32, e isso foi complicado. O meu pai era um homem de melhor feitio do que a minha mãe, bastante mais, e, repare, a minha mãe ter ficado sozinha foi muito complicado. E o Rui nem sempre percebia aqueles comportamentos dela, ser muito manipuladora às vezes até. Até mesmo em relação aos netos porque na altura, quando os miúdos nasceram, até irem para o jardim infantil, ficaram em casa dela, em casa dela, quer dizer, ficavam lá durante o dia. Quando eu comecei a trabalhar, ia pô-los e depois ia buscá-los ao fim do dia, quando saía do trabalho. Ficaram lá até aos dois anos e meio, foi a altura em que foram para a escola. O mais novo, portanto, foi um bocadinho mais novo para o jardim infantil porque apanhou, ele tinha um ano e meio quando o meu pai morreu, e a minha mãe, naquela altura, eu acho que ela teve muita dificuldade em lidar com a morte do meu pai e também teve dificuldade em perceber que tinha uma criança lá em casa e que não podia passar o tempo todo a chorar e a lamentar-se e a vitimizar-se. E, portanto, nessa altura eu achei por bem, embora goste muito da minha mãe, mas tinha que proteger o meu filho e tirei o miúdo naquela altura, o mais velho já estava na escola, portanto foi para o jardim infantil. Isto porque precisamente achei que aquele ambiente, o meu pai morreu em Junho, e o Filipe foi logo em

PPS
PC

PDROP

MPFA
PA

Setembro. Mas aquele período ali foi péssimo e eu não queria de maneira nenhuma que o miúdo ficasse mais um ano, que era o que era suposto ficar lá, naquele ambiente que estava muito terrível. E ela não achou bem e isso foi muito complicado porque achou que a criança lhe ia dar ânimo e... Eu, do lado dela, acho que sim, do lado dele, achei que ia ser mau para ele. E de facto nisto, é assim, eu às vezes, ainda hoje, penso se terá sido uma boa decisão ou não, mas continuo, pronto, acho que para ele, para o miúdo, foi francamente melhor e isso sempre estive à frente de tudo. Embora para a minha mãe possa ter sido mau para ela, mas de facto eu aqui, pronto, quis proteger o meu filho e acho que fiz bem em relação a ele. Eu acho que ela na altura teve muita dificuldade em lidar com isto e cobrou-nos sempre muito isto, “Quer dizer, numa altura tão difícil é que me tiras o menino!”, pronto. Hoje em dia não sei se percebe, por acaso nunca falámos muito nisso, mas pronto. Mas isto a propósito da relação com as famílias, portanto, eu acho que da parte do Rui em relação à minha família, aos meus pais, sempre foi um bocadinho..., pronto, acho que ele nunca teve muita sintonia, embora as coisas também com o tempo, quer dizer, ele foi percebendo que as coisas...que me magoava também o facto de não haver grande ligação e grande... Porque a minha mãe às vezes é mesmo chatinha, mas pronto. Em relação à família dele, eu nunca tive de facto esse tipo de problemas porque vivemos tão longe, que essas questões nunca se puseram. Para além de que a minha sogra é uma mulher muito diferente, a minha sogra é uma mulher que não é muito afectiva, tanto com os filhos como com os netos. Pronto, é assim, é uma mulher simpática, disponível, mas que é pouco afectiva e, portanto, também estes aspectos também nunca se põem muito. Mesmo em relação às duas filhas que estão lá em cima, ela é muito independente, muito autónoma, e portanto estas questões nunca se colocam muito. O meu sogro era um homem de quem eu gostava mais, era mais afectivo, era um homem mais sensível do que a minha sogra, mas morreu já há uns anos, mas... Pronto, eu nunca tive de facto problemas de relacionamento com eles, mas eu não sei se estivesse perto, com a proximidade que nós temos aqui, se seria assim ou se não. A distância também..., quer dizer, nós acabamos por nos ver em períodos de Natal, nas férias, numa visita ou outra, mas é um contacto muito...não é estreito. Portanto, isso também não dá para haver chatices, não é? E quando as pessoas estão, procura-se que o ambiente seja agradável, portanto não há desgaste, é diferente.

PT

PC

PDRP

SD

E como foi esse contacto no início?

É assim, com os meus pais o Rui foi logo no início, quando começámos a namorar, porque como ele estava cá sozinho, não tinha cá a família, ele vivia num quarto, portanto, ele ia muito lá para minha casa. Aliás, muitas vezes saíamos das aulas e jantávamos os dois, ia estudar lá para casa também, portanto, acabou por ir fazendo muito vida lá em casa. Mas foi logo muito desde o início. Depois a notícia do casamento para os meus pais, como já estavam muito habituados com ele, pronto, foi normal, embora... É assim, eu acho que os meus pais não acharam muita graça quando eu comecei a namorar com o Rui, quando perceberam que era namoro, porque a principio, e até para não me controlarem muito, eu devo dizer, e fui uma das aldrabices, nós já namorávamos e eu dizia que era um colega, não é? Porque lá em minha casa os meus colegas sempre foram lá muito a casa, estudávamos lá, que na altura nós fazíamos muitas noites para estudar, estudar e não só, pronto, fazia tudo parte, e até reuniões às vezes para programar as actividades políticas e tal e nisso eles sempre foram muito abertos. Eles pensavam que a gente estava a estudar mas às vezes não estávamos, estávamos a programar coisas, mas pronto. Mas sempre houve muitos amigos lá em casa e, portanto,

CRPRE

quando o Rui apareceu na minha vida, também era um daqueles. Depois, portanto, houve uma altura em que eles começaram a perceber ali qualquer coisa e eu abri o jogo e disse. Mas eles aí não acharam muita graça, sobretudo a minha mãe, porquê? Embora não tivesse assim nada contra ele e até o achasse simpático e tudo. Porque a minha mãe é natural de uma aldeia, os meus pais, e ali havia alguns amigos deles que tinham filhos rapazes e houve sempre ali algumas fantasias de eu casar com alguém dali da zona e era tudo ali da zona, aqueles amigos, e ficava tudo em casa, não é? Eu acho que ela ficou um bocadinho desiludida nessa altura. Nunca manifestou muito porque eu também nunca lhe dei muito tempo de antena para isso, mas eu senti sempre que ela ficou ali um bocadinho...pronto. Da parte dos meus sogros a coisa foi um bocadinho mais complicada porque eles não me conheciam (risos), acho que só me tinham visto uma vez, não, mentira, não foi nada. Foi uma altura em que a mãe do Rui veio cá a Lisboa e eu já não sei se ele forçou para ela vir para lhe comunicar, não sei, sei que ela veio cá e que almoçou com ela e que lhe disse que, pronto, que namorava e que pensava casar. Aí é que eu a conheci e aí é que eu acho que ela também caiu um bocadinho das nuvens porque eu acho que, para já, ele era muito novo e provavelmente também tinha lá as fantasias dela com alguém lá da zona dela. E isto porquê? Porque evidentemente, e eu percebo isso muito bem, casando ele com uma pessoa daqui, dificilmente iria lá para cima. Embora, quer dizer, nós ainda pusemos vagamente a hipótese de irmos lá para cima mas o Rui gostou muito de vir para cá e gosta muito da via de cá, portanto, a partir do momento em que veio, não pôs mais a hipótese de ir lá para cima. E claro que ela aí, eu percebo, eu tenho dois filhos também e percebo lindamente, o que ela sentiu foi “Este agora fica já ali”, não é? E por outro lado também não me conhecia de lado nenhum, portanto acho que teve um baque grande. Depois, a seguir, eu fui lá acima num aniversário de um cunhado e lá conheci a família, acho que eles simpatizaram comigo, eu gostei deles também, mas, pronto, acho que naturalmente deve ter havido ali um...percebo que tenham sentido que não era exactamente a escolha que quereriam para o filho. E dos meus pais também a mesma coisa por estas fantasias que os pais fazem, que são tonteiras, mas fazem-se.

PC

CREX

SC

SR

Quais é que considera que são os aspecto que os unem?

Olhe, eu acho que nós nos damos bem como pessoas, acho que temos muitos pontos em comum como pessoas, acho que somos pessoas tranquilas, acho que temos os mesmos valores, apesar de... Olhe, mesmo em termos de ideologia, nós hoje em dia temos visões diferentes das coisas nalguns aspectos. O Rui é uma pessoa que é talvez um bocadinho mais conservador do que eu mas, quer dizer, não são coisas essenciais, porque no essencial continuamos a acreditar nas mesmas coisas. Em relação à vida, vemos a vida da mesma maneira, portanto, em relação aos valores, em relação às coisas que acreditamos, etc. Isso eu acho que é muito importante. E em termos de temperamento, eu acho que nós jogamos bem um com o outro, acho que nos divertimos juntos, acho que...por exemplo, quando viajamos, nós podemos estar perfeitamente, quer dizer, é muito agradável estar com outras pessoas, mas podemos estar perfeitamente só os dois, percebe? Já fizemos várias viagens só os dois e estamos lindamente, quer dizer, não nos aborrecemos um com o outro, longe disso. E depois, como lhe disse, sempre tivemos um bom relacionamento sexual e acho que isso nos une também. E acho que, vamos lá ver, temos objectivos comuns em relação à vida, ao longo do tempo fomos construindo coisas...por exemplo, agora estamos com um projecto de mudar de casa, quer dizer, há coisas que fomos fazendo ao longo da vida e que unem também as pessoas, não é? Mas

PCE

PCV
ERAPCPCC
PCE
CRASPCE
PCPR

sobretudo isso, eu acho que nós nos respeitamos como pessoas, quer dizer, fomos aprendendo, porque isto também se vai moldando ao longo da vida, a perceber o outro e a aceita-lo tal como ele é, porque foi um processo mesmo de aceitação. E eu acho que é isso, quer dizer, de aceitar e de uma base de tolerância e respeito. Há coisas que eu, hoje em dia, não valorizo e não ligo e que se calhar nos primeiro tempos de casada ou nos primeiros anos, aquilo chateava-me e irritava-me, não é? E hoje em dia..., quer dizer, naquela altura era assim, depois com o tempo há coisas hoje...

PCT
ERMT
ERMCN
ERMT

E acha que foi havendo alteração no modo como reagem aos momentos de conflito?

Eu acho que sim. Ao princípio, quando nós tínhamos as nossas coisas, eu ficava muito amuada e aquilo às vezes custava-me um bocadinho a passar. Eu acho que a ele passou sempre mais depressa. Hoje em dia já não.

RCA

E como é que costumam resolver esses conflitos hoje em dia?

Falamos, falamos. Às vezes é uma fala animada, não é? Não quer dizer que seja sempre assim num tom de voz muito...pronto. Mas falamos e tentamos clarificar as coisas. Nem sempre chegamos muito a acordo nalgumas coisas, mas já aprendemos que, pronto, se não são coisas essenciais...se são coisas essenciais, claros que procuramos chegar a um acordo, agora, por exemplo, se é em relação a uma coisa, sei lá, a um aspecto social da vida, de alguma coisa em relação às políticas, que nós às vezes não estamos de acordo em relação às coisas, quer dizer, cada um fica na sua. Olhe, por exemplo, em relação às votações quando há eleições, nem sempre votamos na mesma pessoa e hoje respeitamos isso. Claro que na altura em que nós nos casámos, naqueles anos quentes, isso era logo motivo... Mas nem nunca se pôs a questão porque estivemos sempre muito de acordo durante esse tempo, mas isso era impensável, naquela altura era impensável se houvesse diferenças a esse nível. Hoje não, não tem importância nenhuma.

RCAC

PCT

E o que é que considera que os separa?

É um boa pergunta...não sei. Há coisas que nos separam, por exemplo em relação às políticas, se calhar em relação à maneira como vemos algumas coisas, mas não é assim determinante, de maneira nenhuma. E até tenho alguma dificuldade em pensar nisso, não sei, não sei o que é que nos separa assim tanto. Eu acho que fomos criando ao longo do tempo uma tolerância grande e uma aceitação grande de facto das diferenças, portanto não é uma coisa que seja complicada.

PDV

ERMT

Algumas vez pôs a hipótese de se separar?

Não, não. Mesmo quando estava, é como lhe digo, inicialmente houve alturas em que, nas tais conversas que eu tinha e, como lhe digo, sempre tive necessidade de falar das coisas e que ele não tinha e às vezes sentia que estava um bocadinho a falar sozinha, eu às vezes cheguei a dizer “Mas eu assim não quero viver”, mas aquilo, quer dizer, depois pensando, eu acho que não me queria ir embora, longe disso. Aqui também há outra coisa que é nós fizemos, em termos profissionais, há aqui um aspecto que eu penso que foi importante para mim que foi, portanto, eu fiz análise durante dez anos e isso também

RCAC
PDIO
RCU

MP

me ajudou a crescer nalgumas coisas e a, vamos lá ver, a ser mais tolerante e a ser mais aceiteante em relação a muita coisa, não é? Eu na altura tive muita pena que o Rui não fosse fazer também, já estávamos casados aí há uns 6 anos quando eu comecei. Eu fiz porque trabalhava na via de Clínica e queria enveredar pela psicoterapia e, portanto, fiz a formação toda nessa área e tive pena que ele não fizesse. Ainda houve umas tentativas da parte dele, mas depois aquilo não correu muito bem. Mas eu acho que me deu de facto aí uma capacidade diferente para lidar com as coisas, acho que me ajudou muito e nomeadamente na relação com a minha família. Inicialmente fui com o objectivo profissional porque eu sentia-me bem, ia muito naquela de fazer uma análise didáctica, mas de facto depois a gente vê que de facto não é tão didáctica assim, pronto. E acho que foi uma ajuda muito grande para mim, nomeadamente na relação com os meus pais, particularmente com a minha mãe. E isso também fez com que, vamos lá ver, porque eu inicialmente também tinha muito mais dificuldade em lidar com a tal não relação muito fácil ou com a pouca empatia que havia da parte do Rui em relação à minha mãe, sobretudo depois da morte do meu pai e eu aprendi a lidar com isso e a perceber e até a perceber a minha ambivalência às vezes em relação a ela. Portanto, ajudou-me muito e acho que também foi muito facilitador da nossa relação porque se não, estou convencida que agudizaria mais algumas coisas que se passaram.

ERMT

PDROP
MPFA
ERAC
PA

Não sei se quer acrescentar alguma coisa sobre o seu casamento que considere importante...

Não, assim de repente não. Há uma coisa que, vamos lá ver, isto também tem a ver com a evolução que as pessoas vão fazendo juntas e isto tem aspectos positivos e negativos, que é nós vamos criando em relação ao outro, nestes casamentos longos, penso eu, um certo...a atitude...vamos lá ver, há dependências e quase que a pessoa às vezes não se imagina a viver sem. Isto acaba por ser um bocadinho negativo também porque de facto, quer dizer, pode acontecer muita coisa e as pessoas podem...um pode morrer, as pessoas podem separar-se. Vamos lá ver, apesar de tudo, há uma coisa que puxo sempre, nunca dei nada como adquirido e como certo e em relação ao casamento também. Vamos lá ver, há uma coisa que eu procurei sempre no casamento que foi não me acomodar e não ter a coisa como “ele está aqui...”, portanto pôr-me de pantufas. Nunca pus porque acho que de facto, sim senhora, o casamento, nós temos 33 anos de casamento, nada me faz pensar neste momento que a coisa vá mudar, mas é assim, não tenho a certeza. E isso faz com que procure, pronto, investir, cuidar mais..., percebe? Há aspectos até de sedução e de valorização, tanto pessoal como do outro, precisamente por isso, porque eu de facto... Isto tem a ver comigo, não tomar nada como certo, definitivo, portanto, não me instalar no bem bom que isto é e que vai ficar assim.

CRFI

PCIN

E sempre teve essa noção?

Eu acho que sim. Acho que na relação tem de se ser muito exigente connosco e com o outro na relação e não nos podemos pôr de pantufas, ficar ali naquele...não, é enquanto dura. Agora é assim, depois não sei, daqui a cinco anos, para o ano, não sei como é que é. E isto também pode ter a ver quase com uma deformação profissional porque de facto nós, quer dizer, há coisas que nós aprendemos também e que nada é definitivo porque nos deparamos com muitas situações em que parece que estava tudo não sei o quê e depois, de repente, pronto, as coisas mudam porque uma pessoa se envolve com outra,

CRFI

porque...Pronto, pode acontecer. Portanto, isso tem-me feito também investir um bocadinho sempre tanto em mim como, como lhe digo, nos aspectos da sedução, da criatividade até, de fazer coisas diferentes, coisas novas. Para já, porque eu também sou um bocadinho assim, e depois porque acho que para a relação também é bom. E é como eu me sinto bem, não sou uma pessoa acomodada (risos) PCIN

2-H

Nome: Rui

Idade: 53 anos

Tempo Casamento: 33 anos

Tempo Namoro: 1 ano e meio

Filhos: 2 (27 e 30 anos)

Como é que se conheceram?

Havia um grupo de amigos meus, havia um amigo meu que veio estudar, eu sou do Norte, que veio estudar engenharia para Lisboa e conheceu uma rapariga, umas raparigas, que entretanto começaram...acho que ele começou a namorar com uma delas, esses pormenores já não me lembro, já foi há uma série de anos, e um grupo de amigos meus começou a ir acampar à aldeia originária desse grupo de raparigas, que eram todas primas ou amigas ou isso. Quando eu decidi pôr a hipótese de vir estudar para Lisboa, não havia o meu curso no Porto, um desses meus amigos falou com uma amiga desse grupo a dizer que tinha um amigo que vinha estudar e tal, ou que punha essa hipótese e foi nesse contexto que nos conhecemos. Portanto, eu vim estudar para cá em 73, a minha mulher já estava, ou a minha actual mulher já estava na mesma faculdade e portanto foi a pessoa que eu inicialmente conheci em Lisboa, com quem falamos sobre o curso. Entretanto fomos conhecendo no Verão anterior e isso acabou por resultar no namoro e mais tarde no casamento.

E como foi essa fase do namoro?

É assim, nós conhecemo-nos razoavelmente bem nas férias anteriores mas éramos só amigos, pronto, só que entretanto começámos a sair juntos, a ir ao cinema, ir ao teatro, depois tínhamos alguns interesses políticos similares, era uma altura complicada também na faculdade, em 73, participámos no boicote activo às aulas nessa altura e... bem, isso levou-nos a algumas manifestações. Bem, e naturalmente depois aproximámo-nos tanto, começámos a namorar entretanto. Lembro-me perfeitamente de um dia, a fugir à polícia, e eu agarrei na mão, coisa que nunca tinha feito, por mero acaso, mas pronto, e acho que isso desencadeou mais rapidamente o namoro e o facto de até agora estarmos juntos.

CRPAM

CRPIC

MI

E como tomaram a decisão do casamento?

Nessa altura nós pensámos em começar a viver juntos, só que...porque entretanto, necessariamente, isto há 30 e não sei quantos anos atrás, eu vivia num quarto alugado numa casa, mas tinha uma entrada independente, às vezes ela ficava lá, só que isso é um bocadinho complicado porque tinha que ir para casa de uma amiga, compreende, com uns pais muito conservadores, e era sempre muito complicado. Entretanto, pusemos a hipótese de começarmos a viver juntos, mas depois tivemos, digamos, uma decisão politicamente correcta e resolvemos casar por causa do conservadorismo nomeadamente dos pais dela, eu estava-me um bocadinho a marimbar para o que os meus pais pensassem mas, pronto, decidimos casar, portanto, casámos em 75.

CRPRE
SCO
CL

CVO

E como foi essa passagem do namoro para o casamento?

Vamos lá a ver, não houve muitas alterações, apesar de sermos novos, portanto eu tinha 21 anos, a minha mulher ligeiramente mais velha, portanto, estando na idade em que normalmente agora as pessoas não se casam, não é? Mas éramos acho que suficientemente maduros e não houve muitas alterações porque a ideia que eu tenho, não sei se realmente foi assim, é porque, pensámos as coisa, porque discutíamos aquele tipo de coisas que às vezes, acho eu, que se calhar muitas vezes as pessoas que se casam não discutem as trivialidades do dia a dias, isto é, dividir as tarefas de casa e esse tipo de coisas que são banalidades, mas que muitas vezes implicam que os casamentos corram menos bem, começando por aí, não é? E portanto, depois há sempre uma dose de pouca tolerância, de pouca flexibilidade das pessoas, o que permite que depois um pequeno detalhe, uma pequena coisa possa, digamos, de facto trazer problemas aos casamentos. Portanto, eu acho que de alguma forma pensámos bem as coisas e conhecemo-nos bem, temos maneiras de ser um bocadinho diferentes mas que se encaixaram uma na outra e, portanto, a mudança foi pacífica, não notámos muita diferença. Por outro lado, também o tipo de vida que fazíamos, porque não tínhamos dinheiro, também não mudámos muito o estilo de vida e, portanto, as coisas correram muito suave.

CM

PDGC
RCBRCAC
ERMNC
PCC

CRDF

Mas sente que tiveram de fazer alguns acertos?

Sim, com certeza, porque viver sozinho ou viver com os pais é uma coisa, viver com outra pessoa, com a mulher ou com o marido, quer dizer, há coisas que se têm de mudar, há rotinas que se têm de mudar, há algumas cedências que se têm de fazer porque as pessoas, se querem construir uma vida em comum, têm que se ajustar um ao outro, não é? É evidente que não perdendo a minha individualidade, ajustar-se um ao outro. Necessariamente, acho que, quer da minha parte, quer da parte da minha mulher, houve cedências, não é? E houve alterações comportamento, houve coisas que mudaram para viver pacificamente e alegremente com outra pessoa.

CRNC
ERA

CRPIN

RCCM

Sente que ainda têm de fazer esses acertos hoje em dia?

Necessariamente foram maiores no início, mas há sempre coisas que se alteram e que se ajustam em função do outro, não é? Eu gosto muito da minha mulher, a minha mulher gosta muito de mim, acho eu (risos), mas eu falo por mim, e necessariamente há coisas que se calhar não me agradam muito mas que se aprende a viver com, portanto, ou

RCMNC
ERA
PCA

PCT

discutimos isso... É evidente que o discutir as coisas de uma forma muito... “Agora vamos discutir isto”, não fazemos, fazemos naturalmente. Portanto, as pessoas ajustam-se. Há sempre, sei lá, mesmo coisas em casa, coisas banais. Eu gosto muito de ver futebol, os meus filhos também e a minha mulher não gosta, e, às vezes, quer dizer, até junto dos filhos, quando eles estão em casa, agora um já não está ou pelo menos temporariamente não está, quer dizer, há ali um papel, vamos lá a ver, a mãe não sei quê, mas é perfeitamente natural que haja sempre... E em tudo, nas pequenas coisas do dia a dia e nas grandes coisas, nas grandes decisões, sei lá, mudar de casa, quer dizer, é um exemplo, mudar de casa. Nós vivemos na mesma casa há 27 anos, vivemos inicialmente noutra durante 5 anos, depois mudámos, e a minha mulher, há uma série de anos, não sei quantos, falava em mudar de casa, ir para uma casa maior por causa dos rapazes e isto e eu achei que não queria mudar porque o esforço financeiro era muito grande, pronto, e a minha mulher adormeceu essa pretensão, pronto. É uma adaptação que teve de fazer, quer dizer, pronto, eu dizer não acho que não há hipótese, não é viável porque não é dizer um não porque não, um não porque uma série de coisas. E agora, há poucos meses, porque um dos meus filhos comprou uma casa, outro está a comprar, também vai ter uma casa que lhe saiu num sorteio da EPUL mas que, pronto, está a ser construída, esse problema voltou à carga e eu acabei por dizer “Olha, então vai tu procurar que eu vou depois rematar as coisas. Não me faças é ir ver casas a monte” e vamos mudar de casa. Portanto, também neste tipo de coisas, acho que a vida dos casais faz-se de pequenas coisas, não é de grandes coisas, também de grandes coisas mas sobretudo de pequenas coisas, também houve uma adaptação, quer dizer, a minha mulher esqueceu essa ideia durante tempos, isso não causou atrito nenhum, não causou problemas nenhuns.

RCAC
ERA

PDI

PDPJ

RCCO
ERA

RCCO

Quais é que acha que foram os momentos mais marcantes da vossa relação?

É difícil (risos). Bem, quando começámos a andar um com outro, se calhar na altura em que decidimos ter filhos ou em que nasceram os nossos filhos, e se calhar agora que é uma altura em que estamos a preparar para deixar de ter filhos em casa, que é uma mudança muito grande, os nossos filhos são adultos, trabalham, mas é uma mudança muito grande não é? Passa-se de uma vida a quatro para uma vida a três, para uma vida a dois, há grandes mudanças nas rotinas, naquilo que se faz, naquilo que não se faz, no tempo livre que se tem, no tempo que temos exclusivamente para nós, há mudanças muito grandes, não é? E acho que é uma altura também muito importante na nossa vida.

MI
MNF
MSF

ERAR

Como foi a decisão de terem filhos?

Foi uma decisão em conjunto, foi uma decisão em conjunto, programada porque entretanto nós casámos ainda estávamos a estudar e decidimos ter filhos só na altura em que a minha mulher estivesse a acabar o curso e, portanto, no último ano ficou grávida. Acho que foi, isso é imperdoável não saber, mas, ora, 77...eu acho que sim, foi no último ano do curso. Porque eu lembro-me que tínhamos aulas à noite...não, talvez já tivesse acabado o curso, mas se não tinha acabado o curso, foi ali rés-vés Campo de Ourique. Não sei exactamente em que ano a minha mulher acabou o curso, sei que muitas vezes ela estava comigo na faculdade grávida, lembro-me da imagem. Mas assim já... Estava a acabar o curso, não tinha acabado o curso, estava a acabar o curso. Mas foi decidido por ser naquela altura que teria mais condições para ter a criança e

PCPF

isso, portanto, foi pensado e pensado a dois.

E como receberam a notícia da gravidez?

Foi, foi um momento muito marcante da nossa vida porque de facto estávamos a esperar. Não foi, não houve uma ansiedade muito forte porque foi, perdoe-me a expressão, tiro e queda, não é? (risos) Portanto, foi à primeira tentativa. Mas de facto ficámos muito contentes com o facto de, pronto, irmos ter um filho.

MNG

Depois do nascimento, acha que houve alterações na relação?

Ah, sim. Por um lado, haver uma terceira pessoa em casa, quer dizer, as rotinas alteraram-se e com um miúdo tão pequeno, não é? Lembro-me perfeitamente que nessa altura... Eu sempre tive muita dificuldade, agora nem tanto, mas nessa altura tinha muita dificuldade em acordar e não acordava, mas mesmo assim fazíamos divisão de tarefas e eu acordava ao abanão e na altura em que ele, não quando mamava necessariamente mas depois, eu participava nas tarefas do alimentar e dessas coisas. Nas fraldas nem tanto (risos), não tinha muito jeito, mas mesmo assim, digamos, também o fazia, sempre dividimos as tarefas, nomeadamente com os filhos, com a educação dos filhos.

ERAR

CRDT

E como casal, sente que houve alguma alteração nessa altura?

Vamos lá a ver, sempre tivemos o nosso tempo muito controlado porque eu trabalhava, enquanto estudante trabalhava, e, portanto, tinha aulas à noite, as coisas tinham de ser bem divididas, e bem geridas. Portanto, o Miguel nasceu e ficou uns meses em casa e depois o nosso filho ia para casa da mãe dela, onde ficou até ir para o infantário. Mas houve modificações porque tínhamos... Nessa altura, já tínhamos carro mas a minha mulher não guiava e, portanto, tínhamos que organizar muito bem o nosso tempo e de facto houve grandes modificações. De início morávamos fora de Lisboa, tínhamos que vir cedo para Lisboa com filho, pronto, não era fácil, embora não houvesse tanto trânsito como há agora (risos), mas houve modificações significativas. Não, não me parece que tenham perturbado a vida do casal, o entendimento, mas tivemos que nos adaptar, mais facilmente, menos facilmente, mais empurrão daqui ou dali, tivemos que nos adaptar com o nascimento do primeiro. Depois com o nascimento do segundo, entretanto mudámos para Lisboa quando nasceu o nosso segundo filho, e portanto as coisas...

CRDT

SAF

ERAR

PCE

FAD

Também foi planeado o segundo filho?

Também, também. Também foi planeado. Dois anos de diferença, e não mais, para o segundo filho.

PCPF

E sente que houve menos mudanças?

Como não consigo responder à questão, provavelmente houve menos mudanças, houve menos mudanças.. Embora dois não é um mais um, dão mais trabalho em determinadas circunstâncias, houve menos mudanças. Até ter tido a experiência de ter tido um primeiro acho que ajuda muito ao segundo.

Tendo os dois a mesma profissão, alguma vez trabalharam juntos?

Não. Não porque trabalhamos em áreas diferentes e, portanto, nunca trabalhámos juntos. Temos, em termos profissionais, relativamente poucas afinidades naquilo que fazemos. A minha mulher veio aqui meia dúzia de vezes, se calhar nem tanto, e portanto não temos... Nunca trabalhámos juntos.

E em casa, conseguem separar o trabalho da família?

Conversamos sobre o trabalho. Se calhar porque somos diferentes e vivemos as coisas de uma forma diferente, eu sou um bocadinho mais reservado que a minha mulher e falo menos das coisas do que ela, ela de facto fala, falamos muito mais sobre as coisas do hospital do que do meu trabalho aqui. Também falamos muito, mas sobretudo falamos mais do hospital.

ERE
OC

PDAS

E como é que está a ser vivida a situação de um dos filhos ter saído de casa?

É, vamos lá a ver, com normalidade, mas de facto as rotinas modificam-se muito porque não há tanta gente em casa, não há... E, portanto, estamos mais entregues, se calhar há mais silêncio em casa porque estamos a fazer uma coisa sozinhos e não há... E depois o outro está sozinho não conversa. Se eu estou a trabalhar, e eu trabalho muito em casa também, estou a trabalhar não estou para conversar, não estou para... Portanto, o clima em casa é muito mais, digamos, há menos gente, menos conversas, menos barulho, o que provavelmente a algum tipo de pessoas pode causar algumas dificuldades. Nós estamos habituados assim, não é? Quando não temos que falar, não falamos, não sentimos obrigação de ter que estar a produzir conversa porque não há que falar. Não há que falar, não há, pronto.

ERAR

PCE

E como é que fazem os projectos para o futuro?

Vamos lá a ver, há alguns projectos mas que quando, nomeadamente, quando começar, sei lá... Já tentámos várias vezes, tem sido difícil deixar de trabalhar tanto e fazer mais coisas mas tem sido difícil... Começamos a fazer projectos, o que vamos fazer quando começarmos a deixar de trabalhar, não é? Mas como isso ainda não se verificou (risos), ainda de facto não levámos nada à prática.

O que considera que os une como casal?

O que nos mantém juntos é sentirmo-nos bem um com o outro a todos os níveis não é? Depois, acho que, se calhar, algumas das coisas que temos em comum, de sermos

PCE

tolerantes, de sermos flexíveis, não procurámos mudar por mudar, isso são coisas que nos unem, que nos fazem... Há tempos, a namorada de um dos meus filhos, porque a casa dela, com certeza, o exemplo não é o mesmo, porque a mãe entretanto separou-se e divorciou-se do pai, perguntava qual é o segredo para estarmos 33 anos casados e bem casados. E nós tivemos dificuldade em responder à questão porque, para já, não é uma questão que nos puséssemos e é difícil, não há uma fórmula, não há... Se calhar o dar-mo-nos muito bem, o funcionarmos muito bem a todos os níveis, isso ajuda muito, não é? Depois acho que, com certeza, ao longo de 33 anos há coisas que a minha mulher não gosta em mim, há coisas que eu não gosto na minha mulher. Às vezes ela fica chateada porque eu faço ou não faço isto ou aquilo, é capaz de estar umas horas ou um dia sem falar comigo, depois passa naturalmente.

PCT

CRE

PCE

RCAO

E que tipo de coisas acha que os separam?

Não lhe sei dizer quando foi a última vez que isso aconteceu. Mas, francamente, não estou...não identifico uma razão. Mas sei que isso às vezes acontece e acontece agora com muito menos frequência do que acontecia que é..., não sei exactamente. Eu às vezes posso ser um bocadinho menos sensível com determinadas coisas e a minha mulher ser mais sensível e eu reagir de forma e ela achar que eu devia ter reagido de outra e fica muito chateada comigo. E às vezes já aconteceu não perceber porque é que ela está chateada, mas pronto.

ERMNC

PDNIO

PDFC

E alguma vez pensaram em separar-se?

Não. Pelo menos eu nunca pus essa hipótese (risos). Não sei se alguma vez passou pela cabeça da minha mulher. Não sabendo eu, mas acho que não, nunca pusemos essa hipótese

RSIC

E como é a vossa vida social? Partilham os mesmos amigos, cada um tem os seus...

È evidente que nós temos amigos que não são comuns mas normalmente a maior parte dos amigos são comuns. Sei lá, por exemplo, os meus amigos de infância e do liceu, alguns a minha mulher conhecia alguns não conhecia mas, sei lá, muitas vezes fazíamos férias juntos e portanto tornaram-se amigos dela, eu tornei-me amigo dos amigos dela. É evidente que há depois uma ou outra pessoa com quem a minha mulher sempre teve mais contacto e que eu não conheço, com quem se encontra de vez em quando, se calhar já jantei com essas pessoas e achei uma chatice. Mas, pronto, a maior parte dos amigos são comuns.

ADAO

E em relação à família um do outro, como é que é o relacionamento?

A minha mulher é de uma família... É filha única e já não tem pai há mais de vinte anos, o pai dela morreu relativamente novo e, portanto, por exemplo no Natal, que é um período em que as pessoas se juntam, às vezes não se juntam, os meus sogros e depois a minha sogra sempre estiveram connosco e ou íamos ao Norte, e agora mais recentemente, depois do meu pai morrer, eles vêm cá. Portanto, não é uma relação

SP

muito próxima porque estamos distantes fisicamente, não é? Mas sempre houve muitos, ou alguns, contactos da família da minha mulher e da minha, nunca houve separação como às vezes acontece.

PD

E foi assim desde o início?

Sim, sim nunca houve muita...nunca houve atritos, nunca houve problemas. As pessoas são diferentes e têm que se aceitar como diferentes que são e portanto nunca houve qualquer tipo de problema.

ST

Não sei se quer acrescentar alguma coisa que ache importante?

Não, acho que está tudo (risos).

Casal 3

3-M

Nome: Gabriela

Idade: 59 anos

Tempo Casamento: 37 anos

Tempo Namoro: 8 anos

Filhos: 1 (35 anos)

(A propósito da casa) (...) Eu sou muito agarrada às coisas, muito agarrada às coisas. Não sou nada daquelas pessoas estilo...não sei, parece que ganho logo muito amor aos cantinhos, está a perceber? Eu nunca mudei de casa, há 37 anos. Estamos ali, pronto, nem sequer é uma casa grande, mas pronto, depois temos é outra lá no Norte, mas sou muito agarrada. Às vezes penso mudar e assim, mas depois começo a pensar, mas as casas têm tantas recordações, têm tanta coisa... Eu agora quando foi para entregar a casa do meu pai, ai Meu Deus, custou-me tanto, tanto, custou-me tanto, tanto, tanto que nem ninguém faz ideia. Foi uma vida inteira ali, uma vida inteira quer dizer, uma grande parte da vida, até aos 22 anos sempre ali, até depois do falecimento da minha mãe nunca me desliguei. E agora entregar aquilo tudo...ai. Que a casa era de renda, claro que se teve de entregar ao senhorio. Eu fui para lá com 5 anos. Ai, custou-me tanto, tanto. Aí está, se calhar se eu não fosse uma pessoa tão sentimental e tão agarrada às coisas, se calhar não me custava. Não vê as pessoas agora? Os casais agora mudam de casa assim, mudam para uma, depois mudam para outra, depois mudam para outra. A minha filha já vai na segunda, vá lá. Mas mudam com muito mais facilidade, mas nós na nossa geração somos muito agarrados às coisas, não sei. Eu sou, particularmente, e o meu marido também é um bocado assim, somos um bocado assim agarrados a sentimentalismos, às recordações e a não sei quê. Então eu nunca mais lá...eu nem consigo lá ir, que eu tinha umas coisas lá para a vizinha do meu pai, que são uma pessoas muito amigas dele, e nem consigo lá ir. Foi a Carla lá buscar umas coisas, que tinha lá umas coisas para ela, que ela me tinha pedido, e sou muito agarrada, muito. Sou muito de guardar assim recordações e viveu-se isto e aquilo e viveu-se aquilo, tantas festas de aniversário, tantos natais, custou-me tanto... Aliás, eu ainda ando assim um bocadinho... ainda ando um bocadinho em depressão... também ainda só fez agora um ano. Custou-me muito, muito, muito, muito. Éramos muito agarrados, eu sou filha única e daí, não é que as pessoas gostem mais do que os outros que têm irmãos, não é isso, mas há um elo de ligação muito mais forte aos pais, eu acho, e os meus pais comigo e eu com eles, sempre um elo muito... muito ligados, férias juntos, sempre tudo juntos, sempre não havia nada que eu não soubesse, o que se comprava, o que se fazia, de parte a parte, ou da minha parte ou da parte dos meus pais. A minha mãe era tudo sempre connosco, connosco, e o meu pai a mesma coisa, mas as mães então... E foi uma coisa que eu, de há 4 anos para cá, até me fui muito a baixo, muito, fisicamente, mentalmente, fui-me muito, muito a baixo. É uma coisa que a

EN

RSDIS

MPFA

ESE

FC

OSE

ON

EN

RSD

RSDE

RSD

gente sabe que um dia vai acontecer, mas a gente nunca está preparados, não, não, nem pouco mais ou menos. (choro) Fiquei muito sensível, muito, muito... custou muito. A gente vai fazendo a vida, tem de ser, as coisas têm que ir para a frente e eu ter ficado com o Zé Pedro também, pronto, elevou-me assim um bocadinho, que aqueles 3 anos que estive com ele fazia-me, esquecer não, mas fazia-me atenuar um bocadinho e... Mas foi um...parece que foi um bocado de mim que desapareceu também, acredita? (choro) Olhe, mas eu não vim aqui para chorar... Veio tudo a propósito de eu estar agarrada às coisas... É assim, é assim... E quando uma pessoa parece que está a começar a ficar um bocadinho mais refeita, eu depois agarrei-me muito ao meu pai agora, estes 3 anos que ele viveu sem a minha mãe, agarrei-me muito a ele, agarrei-me muito a ele e custou-me muito. Ele, apesar de tudo, coitadinho, apesar de estar sozinho por opção dele porque queria estar na casa dele, tinha a empregada, eu estava a par de tudo, já se sabe, e aos fins-de-semana ia sempre connosco sair e passear, mas eu agarrei-me muito a ele. E uma coisa, ele, apesar das dificuldades e tudo, era uma pessoa que gostava de viver, coitadinho, gostava de viver, gostava daquela rotina dele, todos os dias, a seguir ao almoço, lá ia ele ao café tomar um carioaca, depois ia para o jardim e lá se encontrava com as pessoas amigas. Ai, isto são coisas que custam tanto! Porque era uma vivência muito íntima, muito agarrados uns aos outros. E sempre foi assim. Eu dizia, quando casei, eu casei aos 22 anos, quando casei eu dizia sempre que eu só mudei de casa, é quase como se vivêssemos juntos porque continuávamos a ter uma ligação muito grande. E íamos de férias sempre para o Algarve juntos, íamos para Espanha, íamos para vários sítios e sempre muito... Eles também não tinham mais ninguém, também não tinham mais ninguém de família cá. As irmãs da minha mãe, que entretanto também já faleceu quase tudo, e os irmãos do meu pai também já faleceram, agora foram os outros dois logo a seguir a ele também, mas a família que eles cá têm, como eu sou sozinha, éramos nós e era a neta, pronto, e a minha mãe, coitadinha, ainda assistiu ao primeiro aninho do bisneto. E éramos muito ligados, muito, muito, e nós só vivemos em casa separadas porque sabemos o que cada um vai fazer para o almoço, o que vai comer ao jantar, o que vai comer ao almoço, onde vai, o que comprou, e não sei quê. É bom, é bom, mas é mau também, porque depois quando acontece, quando acontece eles partirem, dói muito, muito, muito, muito. Eu fui-me muito, muito a baixo, muito a baixo, mesmo na questão da alegria, percebe, acho que perdi parte da alegria que tinha e de... não sei, não sei explicar. Andei a tomar também umas coisas mas também, pronto, achei que já andava um bocadinho melhor, deixei de tomar. Se calhar precisaria de outro auxílio, não sei. Eu sou uma pessoa também muito sensível, percebe? Há pessoas mais forte e eu, nesse aspecto, não sou assim muito. É assim. E o que é que queria então perguntar sobre o meu casamento?

NR

RSRA

PPS

RSDE

RSDIS

MPFA

RSDIS

RSD

EF

Podemos começar então pelo início, como é que se conheceram?

Como é que nos conhecemos? Foi assim, os meus sogros eram do Norte também, mas viviam cá em Lisboa na mesma zona que eu. E foi uma coisa assim, ele andava a estudar, eu andava a estudar, começámos, pronto, a conversar, a encontrar-nos, ele ia-me esperar ao liceu e começámos muito jovens, tínhamos para aí...eu tinha 15 anos, entre os 14 e os 15, aqueles namoricos. Às vezes a minha mãe ia-me esperar e ele... porque antigamente era assim, éramos muito jovens ainda, ele ia-me esperar e assim que via que a minha mãe me ia buscar, pronto, ele ia-se embora e escondia-se. Nessa altura os meus pais ainda não sabia, porque até era uma coisa que ainda não era considerada, com 14 ou 15 anos, não é? E antigamente era muito diferente. E depois começámos, começámos a

PC

CRPRE

namorar, começámos a encontrarmo-nos mais e namorámos, portanto, vá lá, eu tinha 15 anos, o meu marido tinha à volta de 17... Depois, entretanto, ele começou a trabalhar e ia estudar à noite e depois, a pouco e pouco, aí com 18, 19 anos, começava a lá ir a casa e, entretanto, veio o serviço militar, veio a tropa, ele foi mobilizado para ir para o Ultramar e esteve lá 2 anos e 4 meses, parece-me. Parte do namoro até foi muito por correspondência, muito por carta, essa parte do namoro. Antes, até ali, vamos lá, eram encontros mas ele ia lá a casa, mas não era assim uma coisa, nada como é agora, nem pouco mais ou menos, era um namoro diferente. Depois ele veio, veio após esses 2 anos e 4 meses, e nesse mesmo ano casámos, portanto tinha eu 22 anos, tinha ele à volta de 25. Casámos, ele veio em Março e em Agosto casámos. E estamos casados há 37 anos. É assim, olhe, e cá estamos. Pronto, entendemo-nos, há crises, não há ninguém que não tenha, toda a gente tem os seus problemas, todos nós temos os nossos dias, mas são coisas que, como acho que há amor, claro que a paixão já se sabe que é uma coisa... a paixão não dura toda a vida, mas há um amor muito grande e uma grande amizade, uma amizade muito grande que é, que acho que é a estrutura do casal e que também vem muito do querer muito bem um ao outro. Conhecemo-nos muito bem e há um enraizamento muito grande entre um e outro porque ele nem precisa de abrir a boca e eu sei o que é que ele está a pensar, quase que adivinho o pensamento, e ele a mesma coisa. E, pronto, claro que há dias em que a gente já tem tido os nossos aborrecimento, como é normal, como todas as pessoas têm, não é? Mas são coisas que é... se dizem alguma coisa é da boca para fora e aquilo não passa dali, aquilo não vai para outro dia, aquilo passa. Eu não sou nada pessoa de amuar, não sou, até mesmo que a razão esteja do meu lado, que eu ache que a razão esteja do meu lado, não sou pessoa... sou pessoa de quebrar muito o silêncio. Já o meu marido não é tanto, ele não é tanto assim, não é tanto. Se por acaso eu às vezes, pronto, há um aborrecimento qualquer, se eu não quebro um bocadinho, às vezes eu, porque aquilo passou e eu já não ligo nada ao que se passou, uma coisa qualquer que se disse ou um aborrecimento ou que ele veio mais aborrecido do emprego e às vezes se calhar não reagi da melhor maneira, eu sou... aquilo dali a uma hora para mim passa-me e ele às vezes não é tanto assim, mas como eu não sou, pronto, a coisa acaba logo por ali, fica logo por ali. E, pronto, e como digo, estamos casados fez 37 anos em Agosto, tivemos só a Carla, não é que fosse uma opção, não foi uma opção, vai-se adiando, vai-se adiando...vai-se adiando porque agora ainda é pequenina, porque, porque pronto a casa também não é assim uma casa muito grande, teria que se mudar de casa, embora haja muitos casais que vivam numa casa até mais pequena, mas pronto, foi-se adiando e os anos passam mais depressa do que aquilo que nós pensamos, passam depressa. Depois, a minha mãe ficou-me com a Carla até aos 4 anos, aos 4 anos a Carla foi para o colégio e vinha todos os dias, a minha mãe também não tinha muita saúde e não estava muito, muito virada e tinha-me dito mesmo que tomar conta de outro neto que não, não, ela não podia, não tinha saúde. E o meu marido, naquela altura, tinha aquela coisa por um filho, porque não era como é agora, que há muito mais oportunidades e muito mais opções de pôr os miúdos em sítios bons, era muito contra os infantários, pronto, aquilo que havia era muito pouco e não seria de muito boa qualidade e o meu marido era muito contra os infantários, “Ai, ter outro filho para o pôr num infantário, não quero e não sei quê”. E pronto, é como lhe digo, os anos vão passando e quando olhamos para nós estamos com 40 e tal anos, embora as mães agora com 40 e tal anos tenham filhos, mas antigamente não era assim, era já um bocado arriscado, e fiquei, pronto, ficámos só com a Carla, olha, paciência.

Mas considera que foi uma opção dos dois?

CRPSE

PCE
RCB
ERES
PCA
PCAM
PCE

PCCM

RCB
RCDE
RCRR

RCI

RCRR
RCAO

PDPF

PAF

PRF

PDPF

Acabou por ser uma opção dos dois, até talvez, o meu marido, até talvez se tivesse convencido até mais do que eu, que eu em várias situações até, pronto, achava que não deveria ser assim, que havia de se arranjar solução e não sei quê. Mas ele não, “ter um filho para um infantário, não quero”. Dá-me a impressão que ele até se convenceu melhor até do que eu. Mas pronto, olhe, ela é uma boa filha, não tenho problemas nenhuns, claro que também, às vezes, podemos não concordar com tudo, mas isto é mesmo assim, da discussão é que nasce a luz, não é? Mas tem sido uma miúda também muito agarrada a nós, também, também vivemos muito em função uns dos outros, eu posso contar com ela, ela pode contar connosco e, pronto, olhe, aconteceu ficarmos assim...com algum...com um bocadinho de pena, pronto, se calhar, se fosse agora, era capaz de não ficar só com um filho, mas pronto, aconteceu. E não sei o que é que quer que eu....

PDPF

RSDE

FIS

Quando houve essa passagem do namoro para o casamento, acha que houve mudança na relação?

Uma mudança para melhor, eu acho que foi para melhor porque até ali nós também não nos conhecíamos também, vamos lá, é como lhe digo, isso eram namoros à moda antiga e parte dele por correspondência, antigamente era as cartas, eram cartas diárias, ele escrevia-me todos os dias, eu escrevia-lhe todos os dias. Às vezes, se havia um atraso no correio, recebíamos uma série de cartas seguidas e as datas eram seguidinhas, era cada dia um. E até havia umas cartinhas mais pequenas que era serviço gratuito nos Correios, que era os aerogramas, que havia antigamente, que eu tenho tudo guardado ainda. E, pronto, mas conhecíamos-nos e, pronto, e depois...Sabe que os namoros antigamente não eram nada como é agora,? Eu casei-me virgem, eu casei virgem. Pronto, lá tínhamos as nossas coisas mas, pronto, também era...também não havia aquelas oportunidades como há dos casais agora irem de férias para aqui e para acolá juntos, não era nada disso. E eu ia de férias, eu ainda, eu já namoriscava, e os meus pais entendiam que eu ia para o Norte, para a casa dos meus avós, e eu ia, não dizia “Não, não, eu não quero ir”, não, não, eram outros tempos, não tem nada a ver. Isto há 30 e tal anos, que não parecem tantos assim, mas a vida mudou tanto, isto o estilo de vida mudou tanto! E pronto, e os meus pais, meu Deus, aquilo já se sabe, eles é que mandavam, eles é que mandavam. E, portanto, o casal, num determinado aspecto, quase que a gente não se conhecia mas, felizmente, sempre nos entendemos muito bem e acho que somos felizes nesse aspecto, tanto eu como ele, acho que sim. E pronto, e tínhamos...e éramos um casal que saíamos, olhe, saía até mais do que saio agora, a gente não havia... tivemos ainda, ora, tivemos dois anos e pouco sem filhos, nós nesses dois anos, meu Deus, nós saíamos imenso, a gente não havia...nós chegávamos a ir aos filmes ver aquelas sessões contínuas que havia antigamente, dois filmes seguidos, saíamos muito e vivamos, pronto, tempos muito felizes e que recordo com uma certa saudade, porque a idade era outra, claro, a idade era outra, não tem nada a ver, e a pessoas, pronto, depois vai ficando um bocadinho mais ansiosa, como lhe digo, com tudo o que nos vai acontecendo, com a perda dos familiares e entes queridos, a pessoa vai-se modificando um bocadinho, a idade também, o meu marido já tem 62, eu vou fazer 60 brevemente, e o tempo vai passando. Mas acho que, olhando para trás, acho que tivemos, e temos ainda, se bem que agora com outra idade, mas tivemos acho que uma vida muito feliz e saíamos e... também não havia o que há agora, nem pouco mais ou menos, não havia mas também não nos privávamos Naquela altura os ordenados eram muito mais pequenos mas as coisas também eram muito mais baratas, meu Deus, eu quando comecei a trabalhar, eu tirei o curso de Industrial e depois

CRPSI
ERMEN
CRPSE

CRPSI

PC

PCE
ERIS

FPE

EMA
MPFA

empreguei-me, e ainda estive um anos e tal em casa, e empreguei-me e fui para um escritório e depois fui logo para este emprego, e eu ganhava na altura, quando casei, eu ganhava pela moeda antiga 1300 escudos, era o meu vencimento, e casámos e o meu marido também pouco mais, agora não me recordo bem quanto é que era o vencimento dele, casámos, comprámos casa, íamos, como lhe digo, todas as semanas se ia ao cinema, não havia uma única semana, às vezes até íamos ao Sábado e ao Domingo, que a diversão de antigamente era ir ao cinema e ao teatro, mas nós nunca fomos assim muito de teatro, cinema, ir almoçar fora ou jantar, vínhamos do cinema àquelas sessões da meia-noite e íamos sempre jantar, mas isto com os tais mil e tal escudos! E ele pouco mais era do que eu também, era um bocadito mais, para aí, sei lá, agora não me recordo bem, mas para aí à volta de uns 4 mil escudos. E tínhamos a casa mobilada, mobilámos a casa logo toda, pronto, mobilámos tudo, as máquinas todas, tudo, e começámos assim logo a vida com casa própria, logo com carro, que ele veio do Ultramar e comprou logo carro, e tínhamos uma vida, acho que tivemos uma vida dentro daquilo que era possível na altura e do que havia naquela época, acho que tivemos uma vida bastante agradável. E sempre tivemos um relacionamento muito bom com os meus pais, os meus sogros, SE
entretanto nós casámos, e como eles tinham coisas no Norte, tinham cá um negócio, deixaram o negócio e foram para o Norte e nós visitávamo-los, claro, íamos lá sempre nas férias, no Verão, na Páscoa, e pronto, e tínhamos uma vida familiar agradável em todos os aspectos, e tanto com os meus pais como com os dele, nunca houve assim nada de especial.

E como é que era o relacionamento do seu marido com os seus pais, que estavam mais próximos?

Sempre foi bastante amigo deles, sempre muito amigo deles. As coisas depois, claro, a minha mãe depois teve há 14 anos, ela fez agora... 14 não, há mais, que a minha mãe fez 4 anos em Julho que faleceu, ela esteve 12 anos quando lhe deu o primeiro AVC, portanto, há 16 anos, mais ou menos, a minha mãe teve o primeiro AVC e a vida dela modificou-se um bocadinho, ele ficou um bocadinho mais limitada em determinadas coisas, fazer a vida mais ou menos dentro do que fazia com algumas limitações. Aí começou a ter empregada, coisas que até ali não tinha, e alguma dificuldade em fazer algumas coisas e uma pessoa muito mais revoltada, muito revoltada, porque a minha mãe, o primeiro AVC que teve, tinha 68 anos e era uma mulher muito activa, uma mulher que gostava de fazer muitas coisas, e ficou aí. E o meu marido, naqueles 12 anos antes do falecimento da minha mãe, naqueles 12 anos, pronto, eu ainda tinha mais pena da minha mãe e era muito ligada a ela, a gente, vamos lá, os fins-de-semana, eram poucos aqueles que tínhamos para nós, eram muito os fins-de-semana em que íamos levar a minha mãe aqui, levar o meu pai acolá, que dava-me pena deles os dois e, pronto, íamos sempre. E o meu marido, embora nunca me, vamos lá, nunca me disse abertamente “Estou saturado disto” ou “Estou cansado”, mas notava às vezes nele um bocadinho, que é natural que ele gostasse de ir comigo a qualquer lado e não irmos sempre os quatro. Mas nunca houve desavenças por isso. Podias haver, às vezes, um desabafo ou que a minha mãe às vezes também, pronto, tinha assim...às vezes era um bocadinho ríspida para o meu pai, era um bocadinho ríspida para ele, e às vezes eu vinha um bocadinho aborrecida lá de casa e a conversa depois era na base daquilo e às vezes notava que o meu marido já lhe faltava um bocadinho às vezes a paciência, pronto, mais até nestes últimos anos. Mas nunca negou nada, sempre foi amigo deles, eles gostavam muito dele, sempre foi amigo deles, não tenho nada a dizer. Claro que as pessoas há uma

SE

PDFC
PDROP

OMMPA

altura em que podem estar um bocadinho, um bocadinho mais saturadas daquela situação, em vez de irmos sempre juntos, claro que ele às vezes gostaria mais de ter outra liberdade “Olhe, vou com a minha mulher para outro lado qualquer, sem ir com o pai, com o sogro e com a sogra atrás”. Mas nunca me disse “Olha, não vou, este fim-de-semana não vou aos teus pais”, nunca, nunca, nunca. E eu sempre fui muito amiga dos pais dele também, embora os pais estivessem lá no Norte, sempre, e quando a minha sogra adoecia, cheguei a meter baixa por mais do que uma vez, que ela esteve uma vez bastante doente com uma pneumonia e ela era doente do coração, ia para lá para ao pé dela, portanto, vamos lá, nunca houve...tomara muitos casais de agora haver o entendimento que têm de parte a parte, com sogros e com pais, como nós tivemos. Não sei, talvez da forma também como fomos educados, não com tanta, vamos lá, com muita obediência aos pais, talvez isso esteja também na base, éramos muito obedientes, tanto ele aos pais dele como aos meus, pronto, éramos assim bastante obedientes, coisa que os miúdos agora também já não são tanto, não é? Os miúdos agora, até mais pequeninos, começam a ser logo mais autoritários. E sempre tivemos um bom relacionamento e sei que o meu marido teve muita pena também tanto do meu pai como da minha mãe, teve muita pena e sofreu também com eles. E eu sofri com o falecimento dos pais dele também. A minha sogra ainda esteve cá uns tempos, mas depois gostava de estar lá em casa... a minha sogra também foi primeiro e o meu sogro foi passados 9 meses (choro). Mas sempre nos entendemos, nunca houve assim problemas de maior. Uma crise ou outras, isso é normal, eu acho que isso é normal, não há ninguém que não tenha, não é? Uma palavra, uma coisa às vezes, pronto, há sempre alguma coisa que não cai tão bem, mas fazendo o saldo é mais positivo do que negativo. E acho que ele pensa o mesmo.

PP

SNC

CRRES

PCE

PC

MPFA

PCE

RCB

E o que a levou a tomar a decisão de se casar?

Porque é que a tomei? Porque gostávamos um do outro e antigamente não era hábito as pessoas irem viver juntas sem oficializarem a relação, pronto, era um uso, pronto, era um uso que estava na família, na família toda e se eu fizesse o contrário...nem sequer nunca me passou isso pela cabeça e ao meu marido também não, acho que seria um grande desgosto para os meus pais e para os pais dele a mesma coisa. Fazer vida juntos mas a partir do momento em que casámos, pelo civil. Nós até fizemos assim: como comprámos a casa e éramos solteiros, o empréstimo, foi através de empréstimo, um empréstimo que havia da Segurança Social, pagava-se uma entrada e os juros eram mais baixos, mas para isso as pessoas tinham de ser casadas, não se contraía empréstimo a pessoas que não estivessem casadas, oficializada a relação, então nós casámos pelo civil primeiro, isto só para ver como era antigamente, casámos pelo civil em Junho, não posso precisar já o dia, em Junho, o meu marido trabalhava, eu trabalhava, não é? Casámos numa conservatória, estávamos casados para todos os efeitos, casados no civil, pronto, estávamos casados, tudo ali, prontinho, e eu fui para o meu trabalho, ele foi para o dele e continuámos a viver cada um na casa dos pais. E só depois em Agosto é que casámos pela igreja e, pronto, aí é que começámos a fazer a vida juntos. Era assim. O meu marido às vezes na brincadeira até dizia “Nós já somos marido e mulher”, mas pronto, mas o que é que quer? Continuámos, eu continuei na casa dos meus pais de Junho até Agosto, também não foi muito, continuámos a fazer o mesmo tipo de namoro que fazíamos e já éramos marido e mulher para todos os efeitos. Mas era assim, nós nem sequer púnhamos essa hipótese de ir viver juntos sem casar. É o que eu lhe digo, isto em 30 e tal anos mudou muito e a Carla, vamos lá, a Carla ainda foi, embora claro, o namoro também já era outro, já foi noutra época, mas também talvez por aquilo que eu dizia e por aquilo que

CA

CC

FC

nós fizemos, ela também, aí está, também veio para a casa dela também a partir do momento em que casou. Também não, pronto, claro que também já havia outra intimidade porque isto é mesmo assim, os tempos são outros, não é? De certeza, tenho a certeza absoluta que a intimidade era muito superior àquela que eu tinha com o meu marido quando namorámos. Mas também começaram a fazer vida de casados só depois de casarem. Eles casaram também pela igreja, embora o Paulo não ligue assim muito a essas coisas, mas pronto, mas casaram pela igreja. É que nós nem sequer, no nosso horizonte, nem sequer havia esse pensamento de ir viver um com o outro, pronto, não sei, ou a forma como fomos educados, nem sequer pus essa hipótese nunca. Mas claro, quisemos foi logo casar, logo que ele veio do Ultramar, pronto, comprou-se a casa, na altura ajudaram, claro, eu tinha o meu mealheiro, mas que mealheiro é que uma pessoa podia ter com aquilo que ganhava? Era muito pouco. Os pais ajudaram metade cada um dos pais e entrou-se com aquilo que era exigido para a entrada do andar e pronto. Depois, passado pouco tempo, fizemos auto-liquidação do andar e até fizemos numa altura em que andávamos com ideias de mudar para uma maior, mas depois acabámos por ficar na mesma. Mas isto em relação ao porque é que é achámos que queríamos casar... porque queríamos, pronto, era a finalidade, naquela altura, namorávamos, era para casar.

CRPDF
PAFI
SAFI
CF

E o que é que gostava no seu marido? Que características...

As características? As características era assim, a gente é assim, a gente nunca pode dizer, antigamente havia muito, não sei se agora, as pessoas dizerem ah, o homem ideal, a mulher ideal. Nós, ao fim e ao cabo, acabamos por nos apaixonar e por gostar de pessoas que, se calhar, não foi aquele nosso ideal, tanto eu como ele, possivelmente outros casais, aquele ideal... pronto, porque a parte...vamos lá, a pessoa tem aquela forma de idealizar, quer um homem assim, quer moreno, quer louro, quer de olhos azuis, quer não sei o quê, e isso deixa de fazer sentido quando a pessoa começa a gostar, a gente...pronto, não faz sentido lá o ideal de homem. Desde o momento que ele é uma pessoa que a gente vê que gosta, gostamos dele, estamos apaixonados, quando o meu marido veio do Ultramar então, nós estávamos completamente apaixonados e desejosos era de casar porque o namoro já vinha desde os 15 anos. E, pronto, acho que poderá haver uma divergência ou outra, eu às vezes sou um bocadinho mais, eu acho que sou um bocadinho mais de, vamos lá, de deitar para fora aquilo que sinto e o meu marido é um bocadinho mais introvertido. Eu sou mais, posso barafustar na altura, mas aí está, mas passa-me logo também, não sou de ficar de rancores. Mas isso nem é só com ele, é mesmo com pessoas, mesmo lá no emprego com as minha colegas, havia qualquer coisa e tudo, mas eu não sou pessoa de ficar com rancor por aquela pessoa ou de ficar zangada, não gosto, não sou capaz. Mas sou muito mais, posso às vezes, vamos lá, posso às vezes magoar a pessoa na altura, mas aquilo que acho que devo dizer, digo logo, não sou de guardar, de ficar a pensar e não sei quê, não, eu sou uma pessoa mais extrovertida, e o meu marido não é tanto, o meu marido é um bocadinho mais introvertido. Mas aí está, o ideal, quando somos adolescentes e não sei quê idealizamos quero um marido moreno, quero alto, quero não sei quê, quero olhas azuis, isso não tem nada a ver, a gente vai gostar das pessoas como elas são, é o interior da pessoa é que conta, não é nada lá o aspecto físico, que acho que não somos nenhum monstro, nem um nem outro. Mas pronto, acho que o interior, o gostar mesmo a sério, o gostar a sério e aquela grande amizade e o grande amor do início e a paixão, acho que isso é que conta. E, pronto, e temo-nos entendido, e temos normalmente os gostos quase que são iguais,

PDONI
CA
CRPE
EE
ORE
RCRR
EE
ORE
PDONI
PCA
PCAM
CRPE

normalmente o meu marido é uma pessoa que gosta muito de...não é uma pessoa, vamos lá, de gostar muito de andar...ir para um lado qualquer, ir fazer um passeio, ir assim aqueles casais todos, não. O meu marido então diz “Eu não há dúvida nenhuma que gosto muito de sair mas gostamos muito de ir os dois”. Isto é um bom sintoma, é um bom sintoma, não é? Há casais que, pronto, gostam muito de...e até, não é que seja em todos os casos, mas há casamentos, e eu tenho conhecimento de um ou dois, que as pessoas vão-se mantendo às vezes porque andam sempre muito em conjunto, sempre muito em conjunto e às vezes vão-se apagando determinadas coisas, e há casais que se às vezes fizessem certos passeios sozinhos, eu não sei se ainda se teriam aguentado. Eu conheço dois casos, não vale a pena agora mencionar. Mas isto é sinal que temos os mesmos gostos e gostamos muito. Gostamos de ir com as pessoas e não temos problema nenhum, mas também não...como é que hei-de dizer, não...basta-nos a presença de um e de outro e irmos para aqui ou para acolá só os dois, a gente entende-se, os gostos são os mesmos, gostarmos de ir ao mesmo tipo de restaurantes, gostarmos de ver o mesmo tipo de coisas, de conhecer quando vamos a um país ou a um sítio qualquer, conhecer as mesmas coisas, damos quase valor às mesmas coisas, está a ver? Não quer dizer que seja aquela coisa que dizem de alma gémea, mas anda por aí, está a perceber? Não é que seja a alma gémea, mas os gostos são muito idênticos, acho que nos entendemos.

PCE
PCG
CRAS
PCG
CRAS
PCG
PCV
CRRE
PCE

E foram sempre assim, essas afinidades?

Pois, isso agora já nem sei bem se seria mesmo da própria convivência mas, como lhe digo, os namoros não eram aqueles namoros assíduos como agora, ele ia lá a casa mas não era aquela coisa assim. Havia muito que a gente nem sequer as vivia naquela altura, a gente nem as vivia porque não saímos muito juntos, lá íamos ao cinema à tarde, às vezes aos Domingos à tarde, mas pronto. Eu acho que muitas coisas também se vão adquirindo depois na vida conjugal e acabamos por ver que realmente ele gosta daquilo, eu realmente também gosto bastante. Depois também há uma, não digo uma habituação, não é que a pessoa se habitue, mas chegamos à conclusão que de facto os gostos, as ideias, que são praticamente idênticas, lá poderá haver uma divergência ou outra mas isso...costuma-se dizer cada cabeça, sua sentença, numa coisa ou noutra, mas comungamos quase sempre e concordamos “Não achas que é melhor fazer isto ou aquilo” “Está bem, está bem, não me importo, não há problema” e se eu disser, a mesma coisa, nunca há assim...não há assim coisas de maior.

CRPSI
ERMEN
PCG

E depois do casamento, sente que tiveram de fazer acertos?

Não, eu acho que foi tudo naturalmente. Eu acho que aquilo vai fluindo, acho que foi fluindo. Por exemplo, uma coisa que eu não fazia, na casa da minha mãe eu não fazia comida, não fazia, o que é que eu fazia? Nada, pois estava a minha em casa, que a minha mãe não era empregada e na altura também vivia uma tia connosco, que também já faleceu, ora elas estavam as duas ali em casa, eu não fazia nada, eu andava a estudar, chegava a casa e eu não fazia nada. E não sabia, muitas coisas não sabia. Mas olhe, as coisas vão fluindo, vão acontecendo normalmente, vão saindo, nunca...o meu marido também nunca foi pessoa de dizer algumas coisa que pudesse, naqueles primeiros anos, por falta de prática sair um bocado mal, gostava sempre de tudo, nunca foi pessoa de dizer “Isto está uma porcaria”, não, nem pouco mais ou menos. E não é uma pessoa, e continua a não ser, uma pessoa assim muito exigente no aspecto... Para ele as coisas que

ERCO
OPE

eu faço também estão sempre bem. Não, eu acho que as coisas vão acontecendo tão naturalmente que eu nem lhe sei explicar! (risos) Está a perceber? As coisas vão fluindo à medida que o tempo vai passando e como os dias vão passando, os meses e os anos, que não..nem sei explicar. Na adaptação, a questão das finanças, de dinheiro, quer dizer, o que é de um é do outro, não há problemas, já se sabe. Ele sempre ganhou mais do que eu, eu não ganhava muito. E depois há sempre aquela coisa das despesas, as coisas da casa é o meu marido que paga mas, quer dizer, ser ele ou ser eu, o dinheiro tanto é dele como é meu, é igual. Quando, pronto, a gente gosta sempre de ter a sua independência e agora tenho a pensão, que me aposentei há 4 anos, mas pronto, as pensões já se sabe que são pequenas... Pronto, quando acaba o meu, tenho o dele, não há problema nenhum, as coisas vão acontecendo. Fomo-nos adaptando. E a questão de vir para a minha casa e estar sempre muito habituada a estar com os meus pais, como não ia para lado nenhum sem eles, vim para minha casa e adaptei-me. Adaptei-me bem à vida de casa, de dona de casa e empregada ao mesmo tempo, praticamente fiz quase sempre tudo. Tive duas mulheres-a-dias no início mas não foi também muito tempo, a segunda acho que já tinha a Carla que era bebé. Mas a minha mãe também ia colaborando comigo nalgumas coisas e sempre praticamente fiz tudo, tive as máquinas logo desde o início e assim. Fui-me adaptando à vida de... E gostava. E gostei, vamos lá, eu dizia até muitas vezes, eu melhorei, pronto, melhorei até no aspecto de com os meus pais eu estava muito mais limitada. Com os meus pais, as férias deles eram sempre no Norte e eu não conhecia mais nada, não ia a lado nenhum. Eu comecei a passear e a conhecer coisas depois de casada. Portanto, eu melhorei de vida nesse aspecto e até em conhecer coisas foi depois de casada porque até aí foi sempre com os meus pais. As férias eram em casa dos meus avós e não ia a mais lado nenhum. E depois de casada comecei a ter outras possibilidades também económicas e comecei a ter uma vida diferente. Ia muito com o meu marido, o meu marido ia de serviço para o Porto, ia de serviço para aqui, ia para Aveiro, ia de serviço para a Madeira e eu ia sempre com ele, até uma das vezes que fomos para a Madeira já tínhamos a Carla, tinha 3 anos e tal e até foi connosco, e acompanhava-o sempre, ia sempre. Agora por acaso, nestes últimos anos, já não tem acontecido porque a empresa também está muito mais...como é que hei-de dizer, muito mais exigente na questão...por exemplo, antigamente, eu ia com o meu marido e ele ia passar uma semana ao Porto, eu metia férias e ia com ele, ele tinha as despesas dele que a empresa pagava e eu pagava a minha, mas agora aquilo complicou-se muito. Ainda fui duas vezes com o meu marido à Alemanha e ele tinha sempre viagem em executiva e, quando eu ia com ele, ele prescindia da viagem em executiva e então comprava com a viagem de executiva duas viagens normais e havia possibilidade de se fazer isso com a empresa e agora, de há uns anos para cá, é impossível porque aquilo é de uma exigência. E nunca mais, por acaso já há muito tempo que não vou com ele a lado nenhum, ele até esteve agora na Alemanha há pouco tempo e já foi a Praga várias vezes e era um sítio onde eu gostava de ir, mas na altura também estava empregada, pronto. Mas também foi porque as coisas na firma também se complicaram e o meu marido não queria complicações. Naqueles primeiros anos de casados, aí, eu ia com ele para todo o lado! Ele ia de serviço para Faro, já com a Carla, ele ia para Faro em serviço, lá íamos nós. Passávamos o dia na praia, ia com ela, tinha ela mais ou menos a idade que o Zé Pedro tem agora, entre os 5 e os 6 anitos, e mais tarde também. E fazíamos isso. Se o casal gosta da presença do outro e se quer que o outro vá, acho que é bom sinal, não é? E pronto, olhe, já lá vão 37 anos (risos).

ERCO

PCP
CRPIN

ERA

CO

PCP

PCP

PCPC

Quais é que acha que foram os momentos mais marcantes da vossa vida de casal?

As coisas mais marcantes...olhe, foi, bem, aí não é o casamento ainda, mas foi a grande alegria que tive quando o meu marido veio do Ultramar porque também custou-me muito, custou-me muito, muito. Eles iam para lá e a gente não sabia se vinham ou não. Mas aí não estava casada ainda, mas pronto, mas se andarmos um bocadinho para trás, foi um dos momentos marcantes, foi o regresso dele naquele barco onde vinham tantos, coitadinhos, lá no meio de tábuas e ele, graças a Deus, veio bem. Foi o casamento, foi o nascimento da Carla, pronto, como qualquer pai e mãe, foi uma alegria. E temos tido vários, nem sei assim outros momentos... Houve um período também que passei ali, porque naquela altura também há 20 e tal anos atrás ainda era uma coisa arriscada, uma operação à coluna, e o meu marido fez, tinha 40 anos, e fez uma operação à coluna. Naquela altura, a medicina não estava tão evoluída com está agora e ainda era um bocadinho uma carta fechada e a pessoa, pronto, o meu marido é um mau doente, quando tem qualquer coisa também é uma pessoa um bocadinho...mas já foi mais, também já foi mais pessimista. Mas nessa altura era muito pessimista e meteu na cabeça que aquilo ia correr mal e que ele ficava numa cadeira de rodas e eu passei ali um período muito mau também, nessa altura. Ele ainda andou também com vários tratamentos e com fisioterapia, experimentou-se tudo e mais alguma coisa, só que cada vez pior e teve mesmo que ir para a operação, e aquele antes, aqueles dois meses antes da operação foram muito complicados, eu estava a trabalhar, depois ainda meti baixa e depois o meu marido foi... É assim, nós tínhamos um relacionamento tão grande com os meus pais que, por exemplo, o meu marido, em certas alturas que eu não podia ir, ia de serviço para fora, lá ia eu de armas e bagagens com a Carla para a casa da minha mãe porque, pronto, ficava mais perto do trabalho e era mais fácil e mais cómodo e a escola da Carla também era lá ao pé. E quando o meu marido adoeceu nessa altura, quando foi da coluna, lá fomos nós, como eu já não podia, que eu estive muito tempo de baixa, lá foi o meu marido para a casa dos meus pais, isto também vem a propósito do relacionamento que ele tinha, e a minha mãe é que cuidava dele. O meu marido era da cama para a cadeira, da cadeira para a cama, depois não queria comer porque andava numa depressão de tal maneira, ele foi-se a baixo, fomo-nos todos naquela altura, porque, aí está, porque a pessoa não tinha certezas ainda de que a operação ia ser um sucesso, embora o médico dissesse isso. Mas a pessoa estava sempre com medo e foi uma fase assim um bocado complicada da nossa vida, para mim também, em questão de despesa, que a Segurança Social não contribuiu nada e naquela altura já foi muito caro, foi um período um bocado complicado. Isso no aspecto da doença. Depois eu, agora há uns 6 anos, vai fazer agora 7, não, a primeira operação...pronto, foi uma coisa que me apareceu no útero, eu já tinha 48 anos na altura, não ia ter bebés naquela altura, e como já havia umas coisitas nos ovários e tudo, e tinha feito ecografias há pouco tempo e estava tudo normal e de repente deu-me uma cólica, uma coisa horrível, e fui ser operada de urgência, também foi um período, também... Mas pronto, a vida é mesmo assim, isto são coisas que acontecem, não é? Aconteceu e ele sofreu também com isso porque depois aquilo que me tiraram foi para análise e a pessoa está sempre com aquela coisa do o que é que será. Graças a Deus, não era nada maligno, nada mesmo. Depois, agora há coisa de 6 anos, foi uma apendicite. Tive mal, bastante mal, porque fui operada, a coisa parece que tinha corrido bem, estive uma semana no hospital, fui para casa e continuava a não estar bem. Febre, eu estava amarela, diarreias, vou novamente ao médico ele, quando me viu, manda-me imediatamente para o hospital e fui operada novamente, uma semana depois da primeira. E depois estive um mês hospitalizada porque aquilo deu quase uma septicemia. Também foi outro período muito mau, o meu marido também se foi muito a baixo, até emagreceu imenso e foi-se muito a baixo. Mas o meu marido ficava lá comigo todas as noites,

MRE
CRPSEMC
MNF

MPSO

OMMP

RSDIS

PPC

CRRA

MPS

CRRA

gastámos bastante naquela altura. Depois já no fim, naquela última semana, eu já estava melhor e era um transtorno ele estar ali, já não se justificava. Mas sempre me acompanhou, sempre. E pronto, tivemos esses períodos um bocado complicados... e depois complicados com a perda das famílias. Mas não houve assim mais nada, não tivemos assim mais nada, nunca assim uma crise de outro tipo. Houve essas situações um bocadinho difíceis de ultrapassar... é assim, é um percurso de vida que acho que tem sido positivo.

PCAP

MPFA

E sente que esses momentos provocaram alguma mudança na relação?

Não, não notei nada, eu não notei nada.

Nem o nascimento da filha?

Não, não. Eu era muito jovem também, éramos muito jovens também e não houve, não houve na relação, na parte mais íntima ou no relacionamento, não, não notei nada. Sabe, é assim, os pais às vezes há uma altura em que com o nascimento dos filhos parece que passam para segundo lugar porque, pronto, as atenções... Mas é lógico, eu acho que um homem que não compreende isso, quer dizer, também não é assim muito inteligente porque é natural que uma criança precise de outro apoio, de outra vigilância e às vezes, pronto. Olhe, é o que a Carla está agora a passar com o Paulo, com o dormir do Zé Pedro, que não quer dormir no quarto dele e que não quer adormecer sozinho. A Carla também já foi assim, é como lhe digo “Olha, vocês tenham calma que isto são crises que os miúdos têm, são fases, não é crises, são fases que as crianças têm e tu também tiveste e se calhar o Paulo também teve, não sei”. Ela também só, eu é que adormecia com ela, eu tinha de me deitar com ela...Quer dizer, isso às vezes pode trazer ali um bocadinho de..., vamos lá, como é que hei-de dizer, não é crise propriamente, mas pode às vezes trazer um aspecto de agora é tudo ela e vais para cama com ela e nunca mais dali saís, e às vezes era o meu marido que adormecia com ela. Pode às vezes haver...mas eu acho que são coisas que...isso não é nada, é ultrapassado, não é nada, porque são fases que as crianças têm e quem tem filhos é assim, é mesmo assim, e nós foi só ela. Pronto, porque os miúdos têm esta fase, o Zé Pedro está agora a ter essa fase, só quer ir para a cama dos pais. Acho que ele começa logo a seguir ao almoço a pensar como é que vai ser a noite. E a minha não era tanto assim, mas pronto, aí por volta das 6 da manhã lá vinha ela meter-se na cama connosco. Mas não notei nada que a nossa relação tivesse mudado ou que tivesse...não, não, eu não notei nada, sinceramente. O meu marido era uma paixão pela filha. Não, não notei assim nada. Continuámos, éramos muito jovens, eu tive a Carla muito nova, com 24 anos, e não notei que a nossa relação ficasse diferente, não me recordo de nenhum episódio que isso tivesse mudado.

FRO

FC

FRO

FR

FII

FR

E como é que tomam as decisões lá em casa?

Vamos lá, muitas coisas eu sou mais de iniciativa, a iniciativa parte mais de mim, eu sou um bocadinho mais de iniciativa do que o meu marido. O meu marido vai muito porque, pronto, ou porque ache ou não sei, que realmente eu não pense mal ou a ideia que eu dou

EAC

não é má, ele concorda. Nunca houve divergências, nem na questão dos colégios para onde a Carla foi, nem nas opções que ela tomou depois, do curso que tirou, nunca houve assim divergências, sinceramente. Eu acho que nós essas coisas têm fluido muito normalmente, nunca tive... Para lhe dizer com toda a sinceridade, nunca notei que houvesse um “Acho que não devias ir para ali, devias ir para ali”, não. Mas eu tomo muito mais iniciativa das coisas do que o meu marido, sou muito mais... Mas acho que talvez não seja eu, acho que as mulheres são um bocadinho mais matriarcas. Eu acho que sim, acho que os homens... Eu não sei se, talvez pela educação que tive porque antigamente, como lhe digo, era um bocadinho mais rígida, sempre fui, como é que hei-de dizer, sempre pensei muito com os pés assentes na terra, está a perceber? Nunca fui assim de grandes aventuras, de me atirar assim, e acho que amadureci bastante cedo, acho que amadureci cedo, nunca fui assim muito... Se calhar terá vantagens, terá desvantagens, não sei. E responsável, por exemplo, na escola fui chefe de turma durante dois anos seguidos, acharam que eu era muito sensata e que era ajuizada. Pronto, não sei, ou é já dos meus genes ou é da educação que tive, não sei. E talvez por isso eu tomo muito a iniciativa, tomo muito o começo das coisas, digo mesmo...nem que seja coisas para a casa, a ideia parte quase sempre de mim. Não sei se ele...eu acho que ele não desgostará, acho eu, pelo menos nunca se manifestou da iniciativa partir sempre mais de mim. Claro que às vezes pode não concordar com certas coisas, pode dizer “Ai, não, não vamos fazer isso agora” ou “Tira isso da ideia”, mas pronto. Eu posso às vezes não concordar logo na altura, mas depois às vezes ponho-me a pensar “Ele não deixa de ter razão, provavelmente se fizemos isso noutra altura”. Mas sou muito mais de iniciativa e talvez um bocadinho mais de mudanças do que o meu marido. Nesse aspecto, uma divergência que haverá entre nós, na nossa maneira de ser, é o meu marido é uma pessoa que, como é que hei-de dizer, gosta muito de sair e tudo, mas é uma pessoa que, como é que eu hei-de explicar, é capaz de não se saturar tanto de uma vida um bocadinho mais rotineira eu, ele é um bocadinho mais de rotinas. Por exemplo, na firma onde ele trabalha, não tem nada a ver com o que era antigamente, que era uma firma humana e é coisa que agora não é há muitos anos, eles ali parece que cada empregado é um número. E o marido já tem uma posição um bocadinho diferente e como foi habituado sempre com um tratamento diferente e vê que agora tanto faz ter os anos que tem, que tem 40 e tais de serviço, parece que tanta coisa fazem a um indivíduo que tem 40 e tal como a um que tem 4 anos. E o meu marido é uma pessoa muito sensível nesse aspecto, sente-se muito e não sei quê, e é uma pessoa que, apesar disso tudo, ele de manhã levanta-se sempre com aquela coisa, e apesar de haver tanta coisa do desagrado dele, ainda vai de bom grado porque gosta do que faz e eu não sei se seria capaz, não sei se teria pachorra para aguentar aquela rotina e às vezes ainda levar trabalho para casa. Eu não sei, o meu marido talvez, nesse aspecto, eu acho que ele é um bocadinho mais equilibrado do que eu, está a perceber? Ele é um bocadinho mais equilibrado no aspecto de aguentar as coisas e aquela rotina de ir todos os dias. E às vezes conta-me “Eu hoje venho farto, eu hoje venho não sei quê” e eu agora também lhe digo “Mas eu há tantos anos que te oiço dizer a mesma coisa todos os dias, deixa lá, agora também é por pouco”, que ele está a pensar reformar-se agora no fim do ano. Mas o meu marido mesmo noutro aspecto, por exemplo, eu falo às vezes de mudar qualquer coisa e ele, para ele, acha que as coisas...“Mas para quê mudar, não está tão bem assim?” e eu “Não, não está, que eu estou cansada!”, que eu sou um bocadinho mais inconstante, está a perceber? Ele é mais rotineiro. Mas pronto, mas encontrámos o equilíbrio, não há problemas por causa disso. Até que eu sozinha até às vezes penso “Ele não deixa de ter razão. Ainda agora mudámos isto há tão pouco tempo, para quê...”. Parece que me saturo um bocadinho mais da rotina das coisas. E... já nem sei o que é que me tinha perguntado. Começo a

OPA
PCEF

PDAS

PC
EC
EMPER
ES

OPA

ENM
PDP

ORO

OPA
PDPR
OE

ORO

PDM
ENM
ERE

falar, a falar...

ENM

Estávamos a falar do nascimento da filha...

Ah, se tinha havido mudança. Não, isso não notei, não notei que nos tivesse afectado a relação. Claro que, como eu estava a dizer, os homens quase todos às vezes dizem, e se não dizem pensam, “Pronto, agora já estou em segundo lugar”. Mas isso quase todos os homens, quando há um filho... E às vezes há casais que passam problemas, por isso é que há muitas mulheres que têm as depressões pós-parto, eu isso nunca senti que tive nada disso, porque o homem sente-se um bocadinho parece que em segundo lugar. Mas pronto, também é o que eu digo, só se for estúpido é que não compreende que uma criança precisa das atenções e de outros cuidados.

RCB
FRO

E como é que foi para vocês serem avós?

Oh, isso foi uma alegria que não há palavras. Isso, digo-lhe, não há palavras. Eu digo-lhe, é uma felicidade muito grande quando nascem os filhos, e eu só tive a Carla, foi uma felicidade... mas olhe, meu Deus, tenho um amor pela minha filha que nem se fala, mas não sei se, talvez por nos apanhar noutra idade, se a paixão pelos netos não é maior, eu acho que é maior. Eu acho que é uma coisa, parece que é a dobrar, é uma coisa que eu digo-lhe, eu quando às vezes ouvia colegas minhas que eram mais velhas e que já eram avós, que se punham a falar e a dizer da paixão que sentiam, eu pensava, eu nem dizia nada, mas eu pensava “Eu acho que às vezes as pessoas também exageram. Filhos são nossos, pronto, os netos já há um outro interveniente, ou o genro ou a nora, não sei...”. Mas olhe que realmente é verdade, é uma paixão que eu digo-lhe, não sei, é uma paixão que eu tenho por esta criança, que eu não sei, uma coisa que...eu acho que é superior até aos filhos. Eu vivo numa preocupação, e depois como sou uma pessoa um bocado preocupada, é esse o meu defeito e o meu marido às vezes diz que eu tenho de me desconstrair mais. Mas eu, neste últimos anos, até acho que ando um bocado mais angustiada pelo que já lhe contei. Mas vivo às vezes demasiado preocupada e, graças a Deus, eles são uns bons pais para ele. Mas pronto, como a paixão que eu tenho por esta criança é tão grande, tão grande, eu tenho, isto é um defeito mesmo meu mas eu vou-lhe ser o mais sincera possível, eu acho que eu parece que cuida sempre melhor do menino. Meu Deus, e a Carla é extremamente preocupada com ele e não lhe falta com nada, e o Paulo a mesma coisa, mas eles também têm outra idade e às vezes simplificam as coisas, estilo “Não sei quê, não ligo a isso”. E eu não, eu fico preocupada, será que ele lá come como deve ser... Não é que ela lhe falte com nada, meu Deus, mas como a paixão por este garoto é de tal maneira, eu não, se me faltasse este menino, eu acho que ia logo a seguir, imediatamente. Eu própria, não sei, parece que a comida que eu faço, faço melhor, não me importo de, quando ele anda a comer pior, de lhe fazer montes de coisas, quero é que ele coma. Mas a Carla está muitas vezes contra mim “Mas tu não podes ser assim, mãe, ele tem de comer pela mão dele”. E eu digo-lhe assim “Mas ele, quando vem cá a casa...”, que ele fica muitas vezes connosco em nossa casa, mesmo durante a semana, se eles vão para qualquer lado, e ele fica na maior, nem nunca pergunta pelo pai ou pela mãe. Gosta muito deles mas eu acho que ele está tão bem connosco como está com os pais. Ainda este verão foi de férias connosco, impecável! Às vezes ainda se porta melhor só connosco do que quando estamos os quatro. Quando estamos os quatro, às vezes há guerras, não é guerras, pronto, os pais entendem que deve ser de uma maneira e

NF
NPR
EPR
EMA

NRF

NF

depois eu, muitas vezes, digo que eu não sou aquela avó de fim-de-semana, eu não sou a avó de visita, eu quase que sou mais que mãe dele. O menino fica muito connosco, vai connosco para todo o lado, temos uma relação muito chegada. Eu não sou aquela avó que o vem visitar de vez em quando ou aquela avó que o vê, sei lá, de mês a mês ou mais até. Eu sinto-me... Estive com ele três anos ali seguidos, mais durante o dia, à noite ele vinha para casa, mas às vezes ficava, de dia, ali sozinha sempre com ele. Eu sinto, não é autoridade, mas sinto um bocadinho, sim, até posso dizer autoridade, acho que também tenho que dar às vezes a minha opinião e isso às vezes pode não lhes cair muito bem a eles. Mas como eu tenho uma relação muito chegada e como realmente tenho contribuído muito e não sei quê, eu acho que às vezes procederia de outra maneira, por exemplo, às vezes pô-lo de castigo, ou gritarem com ele, ou darem-lhe uma palmada, e às vezes aquilo custa-me... custa-me imenso. Porque é uma paixão. Parece que a alegria quando temos os filhos é muito grande, mas como temos outra idade, aí está, nós tornamo-nos muito mais sensíveis e sentimentais com a idade, eu acho, eu tenho-me tornado assim mais sentimental, mais agarrada a determinadas coisas, não sei, e se calhar, quando 20 e tal ou 30 e tal, se calhar também era assim, se calhar não ligava tanto a determinadas coisas. Quem desabafa muito comigo, a minha mãe também, mas a minha sogra desabafava muito comigo porque o marido tinha um feitio, era uma pessoa que conversava pouco... O meu marido também não é uma pessoa de conversar muito, já lhe tenho dito muitas vezes “Estou para ver agora...”, que o meu marido, como está a dar formação, está a falar o dia inteiro, e às vezes chega a casa e é aquele estilo, está aquelas horas todas a falar e chega a casa e às vezes não há... parece que só lhe apetece estar sossegado no canto dele e não conversar muito, e às vezes tenho-me chocado um bocadinho com ele nesse aspecto, e digo-lhe “Eu estou para ver agora, quando te reformar, ver se conversas mais, que depois já não tens a formação e não sei quê”. Pronto, e o meu sogro era um bocadinho esse feitio assim, era uma pessoa de poucas falas e a minha sogra lamentava-se um bocado por causa disso. E na altura, quando ela se lamentava, eu tinha os meus 20 e tais, e eu dizia, agora não se usa tanto chamar às sogras mãe, mas pronto, “Mas tome a mãe a iniciativa, converse”. Eu na altura dizia isso, mas se calhar agora sou capaz de já não ter a mesma reacção, achar que eles também têm de ter a mesma iniciativa. Mas com o Zé Pedro, pronto, eu dediquei-me muito a ele. Eu, se calhar, se eu não tivesse vindo para casa quando..., que eu reformei-me na altura quando ele tinha um ano e tal, não, foi logo, depois da Carla estar com ele os quatro meses, foi isso, e fiquei desde essa altura até ele entrar para a escola aos 3 anos, talvez, não sei, talvez por eu ser responsável por ele, não sei, as outras avós também dizem a mesma coisa, acho que a alegria parece que é maior ainda. E o meu marido diz a mesma coisa, o meu marido, se lhe falam no neto, os olhos dele enchem-se logo de lágrimas. E ele por ele. Eu ainda o contrario um bocadinho, exijo um bocado e refilo com ele, e o avô vem do trabalho e é só brincadeira. Eu também digo “Pois, contigo é só o bem bom, é a parte boa, mas comigo é que é...”, não quer ir para o banho, e já vou, e agora não vou, e às vezes enervo-me, não é? E o Avô é mais para a brincadeira.

NRF

NPX

EMS

SMO

ORE

PDPR

ERRO

NRO

E acha que com a Carla também foi assim, essa divisão de papéis?

O meu marido sempre teve, ele tem muita paciência para brincar e eu sou muito, vamos lá, da parte...o bem-estar, eu sou muito assim e o Zé Pedro nota isso. Eu sou muito o bem-estar, eu não quero que falte nada, a refeição deve ser a horas, devem fazer isto, têm que se alimentar como deve ser, têm que tomar banho, têm que ir para a cama cedo, eu

sou muito das regras e do bem-estar e o meu marido é muito da brincadeira. E eu com a Carla, acho eu que também seria assim, mas como era mais nova, há muitas coisas que já nem me lembro, e o meu marido sempre foi muito mais também da brincadeira. Eu também tinha as outras coisas para fazer, não é? Tinha que fazer as coisas todas, vinha do emprego e tinha de as fazer. E o pai era muito mais a parte lúdica e eu era mais a parte da exigência, dos trabalhos da escola, a comida, as roupas, isto e aquilo. Acho que ele como avô e ele como pai, acho que ele foi sempre mais a parte do lazer. E teve sempre um bom relacionamento com a filha, muito bom. Mesmo, por exemplo, aos Sábados, que eu não tinha empregada, como lhe digo, era do estilo, ia ele para o parque infantil com a Carla ou para outro sítio qualquer, e eu ficava em casa e o pai é que andava sempre com ela.

EM

CRDT

FR

E como é que reagiram à saída da Carla de casa?

Isso custou um bocadinho, não é? Mas também fui-me mentalizando porque é assim, eu tinha feito a mesma coisa, eu até saí mais nova, e era tão chegada aos meus pais e também saí. Mas, lá está, como ficámos a dar-nos sempre bem e sempre com uma relação muito grande, sempre quase tipo diária, que a Carla ia e vai lá a casa todos os dias. A pessoa nota e não nota porque não deixei de a ver, estive sempre praticamente com ela. Se havia um dia que não a via, falávamos sei lá quantas vezes ao telefone e com os meus pais era a mesma coisa. Mas aceitei plenamente, eu tinha feito o mesmo, tem que tratar da vida dela e casou, pronto. Gostamos do Paulo, não houve nenhuma contrariedade e aceitei e o meu marido também aceitou bem. E como lhe digo, cada um tem a sua vida, mas é tudo sempre em conjunto. Eu digo sempre, eu com os meus pais e eu com a minha filha, somos uma família pequena, porque somos, a minha família é muito pequena, era os meus pais, eu e o meu marido, a minha filha, mas sempre muito unidos. Claro que era bom ter mais irmãos e, se fosse agora, era capaz de não ficar só com uma filha, mas às vezes vejo grandes famílias com muitos irmãos e às vezes são tão desunidos e dão-se tão mal. E nós somos mesmo muito chegados, até, pronto, nos problemas que tive, na doença, quando tive aquele problema, a mãe do Paulo até veio para cá para ficar com o Zé Pedro, nunca houve assim... E com os pais dele também nos damos bem e eles connosco, sempre nos respeitámos. Até agora, daqui para a frente a gente não sabe, mas até agora sempre houve uma boa harmonia entre nós. Mas é como lhe digo, toda a gente tem os seus dia. Não há ninguém que nunca se tenha irritado ou com uma filha, ou com o marido, mas é da boca para fora, passa.

RSDE

RSDIS

RSDE

FIS

RCB
RCE
RCRR

Alguma vez pensou em separar-se?

Não, não, nunca. Às vezes já me tem acontecido, mas pronto, acho que há alturas em que a pessoa anda mais stressada, precisamente há quatro anos para cá que eu ando assim um bocadinho mais triste, mais triste com a vida, que me custou muito, que isto é, estou a ser o mais franca possível, mas custou-me tanto o desaparecimento dos meus pais, que só eu sei. E durante aqueles 3 anos que fiquei com o Zé Pedro, claro que, meu Deus, a paixão que eu tenho por este menino, mas como eu estava sozinha em casa com ele todo o dia, e ele sempre foi muito vivaço, muito desgastante porque ele é um miúdo muito activo, muito activo, eu não digo que ele seja hiperactivo porque acho que os hiperactivos ainda são piores, mas é muito activo e exige muito, muito de uma pessoa e depois era muito mau para dormir, e às vezes tinha alturas que chagava ao fim do dia...eu

EMD
MPFAM

chegava ao fim do dia estoirada e cansada, era um desespero. O meu marido às vezes vinha também aborrecido lá do trabalho e às vezes também não compreendia certas coisas e dizia “Eh pá, eu hoje estou...” “Então não me digas nada que eu também estou cansada. E qualquer dia vou lá para cima um mês seguido sozinha!”. Isso disse várias vezes, isso é a pura da verdade. Mas separação nunca me passou pela cabeça, nunca. Era aquele estilo de me apetecer ir para um sítio qualquer onde não visse ninguém, onde estivesse sozinha em paz e sossego. E o meu marido dizia “Então mas porque é que não fazes isso? Mas vai!” “Achas? Vou, vou, e depois tu?” “Vai, que eu cá me oriento, eu não tenho problema nenhum, há restaurantes!” (risos). Mas é como lhe digo, é naquele momento e depois, no dia seguinte, a pessoa já, pronto, aquilo acabou. Mas nunca pensámos...eu nunca pensei! Para o futuro a gente não sabe, não é? Mas a mim nunca me passou pela cabeça e acho que ao meu marido também não. Aliás, o meu marido é muito, é muito...eu acho que ele é muito agarrado a mim. Ele às vezes dizia na brincadeira “És uma chata! Sempre a falares no mesmo, sempre a não sei quê...”, uma qualquer situação, qualquer coisa, que eu não sou uma pessoa calma, sou um bocadinho mais para o nervoso e às vezes exalto-me um bocadinho, ferve um bocadinho em pouca água e, como sou extrovertida, digo as coisas logo todas. E às vezes dizia-lhe assim “Deixa lá, qualquer dia dá-me uma coisa qualquer e já ficas aí sozinho” “Oh, deixa lá que passado um mês ou dois vou eu atrás, vou logo ter contigo”. É este estilo assim, percebe? Acho que é uma pessoa bastante agarrada a mim e é uma pessoa de gostar das coisinhas... é todo muito arrumado, muito limpo, gosta da mesa muito bem posta, é uma pessoa muito... é muito pela família, pela casa, pelo lar, pelo seu conforto, pelo seu sossego. Acho que gosta das coisas que eu faço, embora às vezes possa não concordar, como lhe digo, com a alteração disto ou daquilo, mas eu sei do que ele gosta. Às vezes até se pode considerar, se fosse analisado por outro tipo de mulheres diziam “Também, é um esquisito!”, mas não é, ele gosta das coisinhas..., as coisas no seu sítio, sempre foi muito metódico, muito orientado com as coisas dele, com as contas dele, uma pessoa muito orientada e muito equilibrada, muito. Até é mais equilibrado, talvez, até do que eu. Eu sou um bocadinho mais... gostava de às vezes dar assim uma lufada, uma coisa diferente. E ele não, é mais da rotina. Mas pronto, acho que encontrámos o equilíbrio. É assim.

PDPR
PDIO

RSL

PDDOE

CRFI

PDDOE

RCE

CRRA
PDDOE
OOB

OE
ENM
ORO
ERE

3-H

Nome: Alberto

Idade: 62 anos

Tempo Casamento: 37 anos

Tempo Namoro: 8 anos

Filhos: 1 (35 anos)

Como é que se conheceram?

Bem, então é assim: começámos em 1962, repare bem, portanto eu sou casado há 37 anos mas conhecemo-nos sete, oito anos, quer dizer que já nos conhecemos há 45 anos... uma vida, não é? Bem, de qualquer forma, vamos considerar casamento, perdão, vamos considerar namoro, vamos considerar namoro efectivo, muito provavelmente, se lhe quisermos chamar namoro rígido, a partir de uma altura em que eu já tinha os meus 20, 21 anos, 22, talvez 21, porque até ali não era um namoro, era uma amizade, embora já fôssemos namorados, mas não era aquele namoro que se vive hoje, era um namoro de janela, de janela, muitas vezes de janela, se calhar a maior parte das vezes de janela e pequenas fugas que fazíamos, mas sempre num... sem haver assim uma intimidade profunda, está a ver? Bem, isto quer dizer que a coisa ficou solidificada, se quisermos considerar assim, já estava no Ultramar, já estava na tropa, já estava no Ultramar, isto é, quando eu vim cá passar férias no primeiro ano, naquele mês, aí sim, alicerçámos aquilo que já vinha de trás. Quer dizer que durante estes 5, 6 anos, se quisermos considerar 5, 6 anos antes de ir para o Ultramar, já havia uma empatia forte entre nós, já havia um compromisso, não havia todavia aquela liberdade que hoje existe, é lógico, estamos a andar para trás quarenta e tal anos, se quisermos, portanto já havia ali realmente um respeito mútuo e já havia ali um objectivo, havia ali um objectivo, já estava mais ou menos delineado, estava já com parâmetros e tal, mas não era uma coisa profunda, profunda entenda-se liberdade de acção, etc., etc. E, portanto, quando eu estive no Ultramar e vim cá passar férias um mês, aí sim, tivemos oportunidade de dizer sim senhor, é isto que queremos, sim senhor, ok, vamos para frente. Depois fui para o Ultramar outra vez, estive lá mais um ano e quando chego, chego em Março, e prova provada do que acabo de dizer é que, quando chego em Março, passado um mês, um mês de lua-de-mel antecipada, lua-de-mel entenda-se ainda na fase de namoro, etc., foi já marcar datas e objectivo e etc., tanto mais que eu chego em Março e caso logo imediatamente em Agosto, portanto, já nos conhecíamos suficientemente bem, já havia realmente bases bastante sólidas para avançarmos. E pronto.

CRPAM

CRPRE

CRPSI

CRPSE

CRPEM

CRPRS

CRPOB

CRPSI

CRPVM

CCM

CCO

E quem é que tomou essa iniciativa do casamento?

Eu acho que foi uma parceria, aquilo foi... não sei, não fui eu que marquei, não foi ela que marcou, marcámos, acertámos, não houve imposições, não houve nada, nem me pergunte como é que saiu aquela data, a data foi ela que escolheu, provavelmente, o mês fui eu, não sei, não faço ideia. As coisas aconteceram assim, normalmente sem problemas.

CDC

E o que é que acha que o motivou a tomar essa decisão?

Bem, o que me levou foi que, para já, já nos conhecíamos razoavelmente bem, se eu não quisesse dizer bem, já nos conhecíamos bem, já tínhamos gostos comuns, objectivos comuns, havia muita coisa em comum, e depois realmente porque gostávamos imenso um do outro e, portanto, acho que os passos mais importantes estavam ultrapassados e pronto, e eu queria casar com ela e ela queria casar comigo. Foi assim e mais nada. Não houve assim... não houve outrem, outrem, que nos influenciasse. Por amor de Deus, havia liberdade de acção quer da parte dos pais dela, quer da parte dos meus, que se conheciam, porque eles já se conheciam, e portanto a coisas havia que ir, acabar com o namoro e oficializar. E pronto, e mais nada, foi isso.

CCM

CPC

CA

CAE

E como é que viveram esse tempo que esteve nos Ultramar?

Muito mal, muito mal. Eu era conhecido no Ultramar, estive lá portanto 26 meses, durante 26 meses vim cá só uma vez passar férias, 30 dias, os outros 30 dias do segundo ano passei-os lá, passei-os lá numa pensão, numa pensão residencial, portanto, para não estar a viver naquele ambiente de quartel, eu e um amigo meu que já faleceu, alugámos um quarto e passámos os 30 dias ali os dois, íamos até à praia, ali e acolá, etc. Mas em amargura, claro. Dei comigo muitas vezes, dei comigo muitas vezes a chorar sozinho, umas vezes porque eram os meus pais que me tocavam mais profundamente ao sentimento, outras vezes era ela, era a Gabriela que..., era nostalgia, muitas vezes, dei por mim a chorar muitas vezes. Mas foi com uma grande amargura, isso é verdade que sim, são anos muito bons da nossa vida para estarmos ali a viver uma causa perdida porque aquilo eu entendo que a guerra no Ultramar era uma causa perdida, não é? E, portanto, eu estava ali a desperdiçar um pouco da minha vida, da parte útil da vida, estava ali a desperdiçá-la. Estava eu e estavam todos os meus colegas que ali estavam, camaradas, como se dizia na altura. Eu era feliz, por outro lado, porque tinha a grande vantagem, podemos chamar vantagem, de que recebia diariamente correspondência, eu era a pessoa que mais correspondência recebia no meu batalhão, e éramos 600 pessoas, não é? E eu sabia quando tinha correspondência porque eu recebia cartas cor-de-rosa (risos), que ainda hoje as guardo religiosamente, tenho-as guardadas na minha casa. A Carla nunca as viu, o Zé Pedro nunca as viu, é porque estão devidamente guardadas. E eram cartas cor-de-rosa, mas eram cartas cor-de-rosa com três, quatro, cinco folhas. Eu já sabia (risos), quando vinha um indivíduo distribuir correio, que era uma montanha de correio diariamente, era tanta gente, e já sabia que tinha correspondência (risos), já sabia, nem valia a pena chamar por mim, porque aquilo era chamamento em termos de parada, e, pronto, eu sabia que estava ali correspondência para mim. E noutras vezes, quando não eram cartas cor-de-rosa, eram mesmo cor-de-rosa e eu tenho-as a todas em casa,

CRPSE

RSC

PCPC

eram aquilo a que nós na altura vulgarmente chamávamos de aerogramas, coisa simples, sintética, bem e isso eram carradas daquilo, uma coisa impressionante! E eu escrevia também, todos os dias, tinha tempo suficiente, o que é que nós tínhamos lá para fazer no Ultramar? Que actividade é que tínhamos? Eu não andava nos tiros porque eu era administrativo e não andava nos tiros, portanto tinha tempo de sobra para escrever e escrever poemas e sei lá o quê. E era assim, namorámos assim durante muito tempo.

E como é que foi, depois, o reencontro?

(suspiro) Bem, o reencontro é qualquer coisa fora do normal, sabe? Há coisas que ficam gravadas na nossa memória e esta é uma delas, das várias que já tive na minha vida, esta foi realmente uma coisa... Só o sentir a pele, só o sentir o contacto, só o sentir o cheiro, só... só isso foi uma coisa estonteante, é evidente, não é? Estou-me a lembrar perfeitamente bem que o barco está a atracar ali no cais e eu estava ali próximo, porque o barco estava a atracar, e aquela gente estava toda ali à nossa espera, tanta gente, mas eu, por acaso, com uns binóculos, com uns binóculos consegui detectar logo a família, consegui detectar a família, portanto já a tinha visto e ainda não tinha desembarcado (risos) e assim que saí, eu localizei, focalizei o meu caminho para aquele sentido porque sabia que era para ali que estava, e pronto, e ela também me viu e, portanto, foi uma abraço ali os dois (risos), no meio da parada! Os dois, tudo a olhar para nós, mas enfim. Mas é uma coisa que fica gravada na nossa memória. Quando vamos, não temos a certeza se chegamos, não é? Embora fosse administrativo, ainda fui à zona de perigo algumas vezes, umas vezes fui solicitado para lá, ia fazer os reabastecimentos de materiais e armamento e etc., eu é que levava aquele material todo comigo, e companhias e colunas militares e, portanto, uma emboscada ou qualquer coisa que pudesse acontecer, estava sujeito, não é? Felizmente que não, felizmente que não. Perdi lá alguns amigos, perdi alguns amigos... Pronto, é sempre um risco, é sempre um risco, não é? De maneira que nós sabermos que estamos a horas de largar a farda, a horas de passar à nossa vida, à nossa vida privada, regressar com saúde e regressar vivo, magro, magro mas vivo, que estive catorze dias e treze noites, ou catorze noites e treze dias, já não me recordo bem, quase sem me alimentar porque apanhámos tempestade no mar, de maneira que, está a ver, ninguém comia, 13 dias sem comer e sem dormir, de maneira que quando eu cheguei ali era uma farda e umas botas que iam caminhando, sei lá quantos quilos eu perdi! Ainda hoje sou uma pessoa magra, imagine estar tanto tempo sem comer, não é? Mas, pronto, foi uma coisa que não tenho palavras, uma pessoa saber que vai passar à sua vida normal, à sua vida privada, que vai abandonar o serviço militar, que se vai ver livre de uma guerra onde perdeu muitos amigos, onde ganhou também muitos amigos, que o Ultramar solidifica amizades porque estamos todos com o mesmo compromisso, com a mesma ansiedade e com o mesmo problema e, portanto, unem-se ali e criam-se ali grandes amizades. Chegar ali e ver a nossa mulher ali, não é, aquela que realmente..., com quem nós entabulamos diálogos e que realmente não se faz com ninguém, é com ela, é com ela, lógico, estar a vê-la ali em carne e osso, imagine a euforia e a alegria.

MRE

CRPSE

PCE
OES

E depois como é que foi passar do namoro para o casamento? Houve alterações?

Olhe, em termos de conhecimento da personalidade, nada porque eu acho que a conhecia suficientemente bem. E depois, pronto, foi viver aquela vida, aquela vida fresca, nova,

CCM

que cada um de nós vive naquele momento e tirar partido dela nos meses mais próximos. É evidente que depois, quer dizer, não tenhamos ilusões que, passados uns meses, há uma rotina que se cria, há qualquer coisa que se cria e, portanto, já não há aquela loucura que existe quando, enfim, a pessoa está recentemente casada, é evidente, não é? Chega-se a casa e é uma festa enorme, qualquer momento é momento de festa, mas depois tudo isso, passados uns meses, isso esbate-se, gradualmente vai-se esbatendo, é lógico, mas fica sempre o compromisso da amizade e do amor e do respeito e isso até hoje, que depois vai-se alicerçando em termos de mais, se quisermos, de maior maturidade ao longo da vida, ao ponto de chegar ao ponto em que cheguei hoje, somos casados há 37 anos, basta-me olhar para ela ou ela olhar para mim, que eu sei o que é que ela quer, o que é que ela me quer dizer, é evidente. É um sócio do sexo oposto (risos), são aquelas coisas que se vão criando.

E sente que tiveram de fazer adaptações um ao outro nessa fase?

Não, nunca tive, sinceramente, nunca tive nenhuma contrariedade. É evidente que há arrufos, que há opiniões distintas das pessoas... Eu acho que os nossos problemas, comigo e com a minha mulher, residem sempre em coisas sem importância, tem a ver com a decoração da casa. De resto, em termos de respeito e de tolerância, etc., isso nunca, felizmente até hoje não. Os nossos problemas são os problemas da casa, ela põe ali e eu gosto mais naquele lado e não sei que mais, ela diz que eu não tenho jeito nenhum para decoração (risos), são as nossas questões. É evidente que outras existem e existiram com certeza ao longo destes anos todos, que implicou ali um relacionamento mais, mais cinzento durante dois dias ou três, mas alguém tem de ceder, alguém tem de ceder e normalmente é ela que cede, ela cede bem, com facilidade mas, quer dizer, de qualquer forma, nesses dois ou três dias, andamos assim mais... E isto aconteceu há muitos anos, aconteceu naquela fase até aos quinze anos de casados. Depois não, depois a partir daí nada. Mas aconteceu, qual é o casal que não tem, de vez em quando, por uma questão ou outra que agora não me recordo, às vezes são coisas tão básicas, tão sem importância nenhuma? Mas aconteceu, é evidente que aconteceu, acontece a todos os casais e alguém tem que ceder, e o ceder é telefonar uma vez ou duas e quebrar ali um bocado aquele gelo porque aquele ambiente é chato e aborrecido, mas isso passou-se com facilidade. Mas quem é que não tem problemas, ou porque chega mais tarde, ou porque não disse nada, ou porque fez uma compra e não disse nada? São coisas que se complicam às vezes, não é? Mas isso... eu entendo que isso não são aborrecimentos, eu acredito que isso são as pessoas, para se gostarem tanto, porque por vezes fogem um bocadinho do trilha e é o quanto basta para a outra dizer “Eh pá, mas afinal não fizeste isto, não pediste a minha opinião e não sei o quê”. E depois isso em cima de uma situação, se quisermos, de stress, percebe, e de rotina porque, enfim, quando tínhamos trinta e tal anos, não tínhamos a vida tão pacífica e tranquila e sossegada como temos hoje, é verdade. Eu trabalhava muitíssimo mais do que trabalho hoje, tinha outras preocupações, a Carla era pequena, enfim, com toda a carga de trabalhos que envolve uma criança pequena, ela também tinha stress de andar nos transportes públicos, de ir para o trabalho e tal, e depois quer dizer que a paciência e a tolerância reduzem-se ligeiramente e, por vezes, criam-se ali focos de diálogos que depois nós dizem “Afinal agora não estiveste bem. Amanhã, se calhar mais tranquilo, não dizia aquilo que acabei de dizer agora”. Mas eu acho que o sucesso do meu casamento, e de todos os outros que existem com certeza, e há tantos, milhares, e ainda bem que há, tem a ver, sobretudo, com uma coisa: tem a ver sobretudo com a tolerância, acho que é a tolerância. O meu

PDM
ERESERCO
PCAM
PCA
PCR
ERMM
ERMEN
PCE
CRRERCDE
PCR
PCT
PDGC

RCCO

ERF
ERMNO
RCB
RCDE

RCB

RCTO

ERAR
PDPR
ERMPR

FMT

PCT

falecido pai já dizia que, e eu ouvia quando era miúdo, há frases do eu pai, quando eu era miúdo, que me marcaram, o meu pai dizia-me, na brincadeira, que a tolerância ainda não estava escrita no dicionário do Francisco Torrinha e já ele a praticava (risos), dizia ele muitas vezes isso. Portanto, eu acho que vou um bocadinho na cena do meu pai, eu sou uma pessoa extremamente tolerante e respeito a opinião de cada um, acho que é assim que devemos saber viver uns com os outros, não é? Se eu sei viver com os outros que estão fora da minha casa, depois na minha casa, melhor ainda, sou extremamente tolerante e, portanto, é assim, o sucesso tem de ser assim. Respeito, muito, gostar da pessoa é lógico, isso é fundamental, se a pessoa diz, às páginas tantas, esta não é a minha mulher ou este não é o meu marido, já temos aí um pontapé de partida para uma coisa menos feliz a médio prazo. Não, é gostar, é respeitar, é tolerar, é assim, acho que o casamento é isso mesmo, não é?

PM

ET

PCR

PCA

PCA

PCR

PCT

E quais é que considera que foram os momentos mais marcantes da sua história de casal?

Olhe, os momentos mais marcantes da minha vida, sei lá, o nascimento da minha filha. Antes disso, ela a anunciar-me que estava grávida da minha filha Carla, e única filha que tenho. Aqueles que vão marcando, essencialmente, eu não punha isto no passado, eu punha isto no presente e posso pôr, se Deus me der saúde, posso pôr isto no futuro. As coisas mais marcantes, ainda hoje as vivo, ainda hoje as vivo, ao fim de trinta e tal anos, ainda hoje as vivo. É um fim-de-semana a dois, é um passeio a dois, é não sei o quê... Ainda encaro isso, hoje, da mesma forma e com a mesma alegria que encarava quando era jovem, quando era mais novo. Portanto, está a ver, uma pessoa que chega ao fim de trinta e tal anos e que ambiciona estar com a mulher a sós, num fim-de-semana, algures, isto é salutar, não é? Eu acho (risos). Há momentos marcantes muito bonitos, muito bonitos mesmo. E pronto.

MNF

MNG

CRFC

MMS

PCPC

CRRES

E quando a sua filha nasceu, sente que houve alteração na relação?

Não, não. Posso dizer-lhe uma coisa, eu noto hoje, noto hoje isso e se esta conversa que estamos a ter é para um estudo, pode tirar partido disso e deve tirar partido disso, a diferença que existe, por exemplo, da minha maneira de estar e de ser e da minha mulher, e que vejo hoje na minha filha é tão somente isto, no aspecto de haver uma criança dentro de casa, no meio de uma família, de um casal: eu não me incomodei nunca, nunca me aborreci pelo facto da minha filha, quando era pequena, vir dormir para a nossa cama ou nunca mais se libertar, no sentido de ficar na cama dela. Depois, mais tarde, a Carla começou a querer dormir o primeiro sono sempre com a mãe, nós passámos semanas, semanas da nossa vida, meses se quisermos, em que eu... em que a minha mulher vinha para a cama às quatro horas da manhã, porque dormia o primeiro sono com a Carla, e também houve muitas alturas em que ela passava a noite com a Carla. Hoje a minha filha, mãe, custa-lhe a encarar este problema. Ela, às vezes, desabafa com a minha mulher “Isto é um problema que não pode continuar, o Zé Pedro não consegue estar na cama dele, todas as noites vem para a nossa cama, não consigo encostar-me com o meu marido”, eu ouço essas coisas, não faço rigorosamente comentário algum, mas lembro-me do meu tempo que era completamente oposto a esta situação, nunca me incomodei com o facto da Carla puxar a mãe para ela e passar lá o primeiro sono, nunca, nem nunca fui pessoa de... Eu acho que tudo na vida tem o seu

FII

FC

tempo, tudo na vida tem o seu tempo, e a Carla também teve o tempo dela, a partir de uma determinada altura, começou a ficar sozinha na cama dela e ficou tudo bem. Tudo tem o seu tempo e nós temos de lidar com isso, não há que precipitar as coisas. Eu é assim que entendo, que interpreto.

EPC

E como é que têm gerido a vossa vida de casal, com os amigos, ou com os outros familiares?

Olhe, eu tenho gerido muito bem toda a minha vida com a minha família, que gradualmente se vai reduzindo, é evidente, perdi os meus pais recentemente, recentemente entenda-se há quatro, cinco anos, com a velocidade do tempo a passar, para mim é recentemente, e perdi-os num espaço temporal de seis meses e para mim foi, foi uma coisa impressionante. Eu sei que não me conhece, mas eu sou uma pessoa muito sentimental, sou sentimental, eu choro a ver uma coisa na televisão que me magoe, choro mas choro, não consigo controlar-me, e quando a minha mãe faleceu, depois faleceu o meu pai, eu dei comigo muitas vezes, lá vem o choro do Ultramar. Eu acho que é uma maneira de eu me expressar interiormente, de libertar, pronto, fico bem comigo mesmo. Eu dei comigo a chorar n vezes na auto-estrada, a conduzir o automóvel e a chorar, lembrava-me do meu pai, etc., aquilo era qualquer coisa que me apertava, que não era capaz de dominar e portanto chorava, extravasava cá para fora, e dei comigo a chorar n vezes na auto-estrada, no caminho para o trabalho. Isto para lhe dizer o quê? Para lhe dizer que eu sou uma pessoa sentimental. Gosto muito da família, dedico-me à família, eu vou lá acima ao Norte periodicamente, vou visitar uns tios meus, irmãos do meu pai, velhotes, gosto de estar com eles, gosto de conversar, gosto de recordar. Se calhar muitos não teriam a paciência para isso, eu tenho paciência, eu tenho muita paciência para os idosos e tenho muita paciência para crianças, gosto de crianças, adoro crianças, sempre, toda a minha vida tive muita paciência para crianças. E sou muito amigo do meu amigo. Tenho amigos de quarenta e tal anos, de cinquenta, que nos conhecemos quando tínhamos, sei lá, dezasseis, dezassete, dezoito anos, e que depois continuámos amigos. Não me lembro de ter inimigos na minha vida, não me lembro. Aliás, eu evito diálogos mais ríspidos ou mais ácidos, evito, evito porque... evito, evito, eu não faço nada para que eles aconteçam, mas de qualquer forma, a existirem, a existirem, eu tento imediatamente remediar a situação, não gosto de ter de estar aborrecido com ninguém. Eu tenho para mim uma coisa que é um dos pontos de honra da minha amizade ou, se quisermos, dois. Um deles foi quando eu vim do Ultramar. Provavelmente terei sido, se calhar fui o único membro de uma batalhão de seiscentas pessoas que, quando nos despedimos de todos uns dos outros, e isso foi quando fomos entregar as fardas, eu devo ter sido a única pessoa que cumprimentei de mão e abracei todos. Uma pessoa que está 26 meses lá fora, ou 25 se quisermos, é impossível não criar aborrecimentos e eu vi lá coisas muito feias de uns e de outros, o cansaço, o esgotamento, o estar fora do seu ambiente, depois mais um bocadinho de álcool que se bebe e não sei quê, portanto é impossível não haver alguém que traga problemas para os outros. Eu estou convencido que devo ter sido o único membro do batalhão que cumprimentei e abracei todos, portanto, as amizades que eu criei, fiz. Por outro lado, na minha vida profissional, lido com muita gente, repare, eu dou aulas há 37 anos, há 37 anos que dou aulas, imagine a população que já me passou pelas mãos! E tenho amizades com pessoas que já não são meus alunos há mais de dez, se calhar há mais de quinze anos, que fazem o favor de me telefonar no dia do meu aniversário e que me telefonam no Natal, antigos colaboradores que estão espalhados por este país todo porque eu conheço uns milhares de pessoas largo

MPFA

ESE

RSC

EVF

EPC

EVA

RCEV

EVA

que me passaram pelas mãos. Portanto, são amizades que ficam, que ficam, porque eu dedico-me muito às pessoas e isso há pouco. Se me dedico muito às pessoas, obrigatoriamente dedico-me muito aos meus alunos, os meus alunos são os meus filhos, alguns até são mais velhos do que eu. Gradualmente não, comecei a dar aulas a gente muito mais jovem e hoje, como eu vou evoluindo na idade, agora a maior parte dos alunos são muito mais novos do que eu, de maneira que já vou numa terceira ou quarta geração de pessoas que trabalham na rede. Mas dedico-me muito às pessoas, dedico-me muito às pessoas e pronto, crio amizades, não sei, isto não é nenhum carisma, não tenho nada comigo, tenho simplesmente a minha, por um lado, humildade, modéstia à parte, por outro lado, simplicidade e depois, de outro lado, o voluntarismo que eu tenho em mim para ajudar, para ajudar. E, como estou numa profissão que gosto e faço uma coisa que adoro e que gosto, crio com facilidade muitas amizades porque sou prestável, porque gosto, e não devia ser eu a dizer isto, mas mal seria se eu com esta idade não me reconhecesse os suficiente e, tirando a falta de modéstia, é assim.

EVA

EVA

EH

EP

EVA

EP

E como é que conjugou essas amizades com o casamento?

Eu sempre consegui conjugar. Eu, durante vinte anos da minha vida, trouxe sempre trabalho para casa. Aquilo que eu não podia fazer no trabalho, trazia para casa e fazia à noite depois de jantar. Fiz sempre, sendo que nunca descurei o facto de acompanhar a Carla de perto, saber quem eram os amigos dela, com quem andava, quando andou na escola, acompanhei-a, ajudava-a, eu encadernava os livros, eu forrava os livros, eu ensinei-a a ler, ensinei-a a escrever, ensinei-a a andar de patins, ensinei-a a andar de bicicleta, aproveitava todos os bocadinhos, sobretudo o Sábado, o Sábado era o meu dia para dedicar à Carla, o Sábado era dela. Também é verdade que era o dia mãe fazer as limpezas da casa e era salutar para a mãe não ter a filha nem o marido em casa, e eu saía com a Carla, ia com ela andar de bicicleta, ou andar de patins, ou ia para a natação, ou fosse para onde for, e almoçava com ela em qualquer lado e lanchava. Estava todo o dia por minha conta. Saíamos de manhã e vínhamos à noite. A mãe, durante o dia, estava sossegada e tranquila em casa, só a resolver os problemas da casa, portanto não tinha aquela aborrecimento do lanche e do almoço porque eu tratava disso, durante três, quatro horas. Eu saía com a Carla de manhã ao Sábado e ela ia almoçar comigo e fazíamos a vida assim. Fomos sempre muito próximos. Tentei sempre fazer uma boa gestão do tempo.

PDPR

FMQ

CRDT

FPX

E tempo para o casal, também foi conseguindo ter?

Sim, não. É evidente que não havia o tempo de que havia necessidade, mas as pessoas optimistas têm sempre esperança que vão viver muito tempo e que, portanto, vem aí mais tempo. Se não for hoje, há para a semana, se não há para a semana, há para a outra. Para isso há sempre tempo, se assim quisermos. Temos de saber gerir bem o tempo e dar prioridade àquilo que é mais importante, não é? E foi sempre o que eu fiz. Eu não tenho hobbies especiais que não sejam todos ligados à minha profissão, portanto, é documentos, é livros, é técnica, é arquivos, é não sei quê, o que me apaixona. Não sou pessoa de cafés, não sou pessoa de esplanada, não sou pessoa de gastar tempo em coisas que, enfim, também são importantes mas que eu... mas que a mim não me dizem nada, a mim não me dizem nada.

PDFM

E como é que foi ser avô?

Ai, isso, aí, minha filha, tocou no ponto mais importante (risos). Olhe, parafraseando um amigo meu, que um dia destes se cruzou comigo... Eu recordo que há coisa de um mês ou dois, ou três, nós estávamos numa reunião num hotel e encontrámo-nos na casa de banho e eu estava a lavar as mãos e ele entrou e “Olá Alberto, então?” “Então, tudo bem consigo? A saúde?” “A saúde e tal... Então e o seu netinho?” E eu disse-lhe aquilo que lhe vou dizer agora “Senhor Doutor, não há nada mais gratificante do que ser avô”, disse-lhe eu aquilo. Bem, esse senhor encontrei-o agora recentemente, há 15 dias, três semanas, e diz-me ele assim: “Alberto, tenho-me lembrado muito de si.” “Então porquê?” “Eh pá, não há dúvida nenhuma que ser avô é gratificante, muito gratificante. E eu vou-lhe dizer mais, não sei se não teria sido melhor para nós, avós, termos sido primeiro avós e depois pais”. Portanto, isto diz qualquer coisa, não é? O Zé Pedro realmente excedeu todas as expectativas. Repare, tudo na vida tem um tempo e tem um pensamento e tem uma vivência própria. Eu, quando era mais novo e ouvia pessoas mais idosas a falarem dos netos, eu achava que aquela conversa não era comigo. Estamos a falar de gente já idosa, não é? Hoje que tenho a camisola vestida, digo-lhe sinceramente, é realmente gratificante, apaixonante ser avô, ser avô. Eu, se estiver um dia sem ver o meu neto, é uma coisa... Repare, quando era a Carla, eu sabia que a mãe a acompanhava de perto e sei que a Carla e o meu genro o acompanham e os meus sogros e etc., mas eu andava absorvido com outras coisas, havia outros projectos de vida profissional, havia outra, enfim, outra ambição e quem não tem ambição sujeita-se a ficar parado. Mas, portanto, preocupava-me com a educação dela, é evidente, e com a postura dela e com a conduta dela, é evidente que me preocupava, e ia à Alemanha muitas vezes, aliás ainda hoje vou, só que ia de ânimo leve. A Alemanha para mim era como quem ia ali ao lado porque eu ia à Alemanha n vezes durante o mês. Hoje vou, não vou tanto como ia, mas eu peço encarecidamente que não me mandem para a Alemanha porque eu não tolero estar quatro ou cinco dias sem ver o meu neto (risos). E isto é assim, é a pura realidade. Eu vou-me reformar dentro de dois meses e tal, vou-me reformar, portanto, já meti os papéis, já falei com a Administração e vou-me reformar, e eu não sei como é que vai ser o meu futuro a partir de Janeiro porque tenho uma casa no Norte e eu gostava de tirar partido daquela casa mas não sei se consigo lá estar mais de uma semana de cada vez (risos), esta é a realidade. É evidente que o miúdo vai crescendo e depois, a partir de uma determinada altura, vai ter outras companhias e outras amizades, outro diálogo que hoje não tem, é evidente, e gradualmente se vai afastando e eu estou preparado para isso e nessa altura já posso estar mais tempo lá em cima, mas agora não sei. Aqui, ainda por cima, tenho... o Zé Pedro adora-me e eu adoro o Zé Pedro e ele passa imenso tempo em minha casa, passa lá muito tempo e dorme lá muitas vezes. Ele é uma paixão pelo avô, ele adora-me e anda sempre comigo porque eu brinco muito com ele, sou eu que tomo a iniciativa de brincar com ele e tenho uma forma de falar com ele muito minha, mais calma, a idade também já vai sendo outra. Quando se é mais jovem, o meu genro, a minha filha e todos aqueles que são pais mais jovens, acho que de vez em quando gritam demasiado e as crianças talvez com uma voz mais branda, mais calma, com mais traquejo de vida, entenda-se maturidade de vida e tal, leva-se a água ao nosso moinho, e criámos aqui uma empatia, uma grande amizade. Portanto, está a ver, repare bem, diga-me quantos avós, eu não conheço nenhum, digo-lhe já, quantos avós são solicitados para dar banho ao neto, para lhe cortar as unhas, para lhe secar o cabelo com o secador, penteá-lo bem penteadinho, vestidinho e tal, diga-me lá quantos avós há? Eu não conheço e nem conheço muitos netos a quererem que sejam os avós a fazer isso. Se estivermos todos juntos, e quando vamos de férias todos juntos, quem dá banho ao Zé

PDPR

RSDIS

NAS

NRF

EES

Pedro sou eu, quem lhe seca o cabelo sou eu, quem lhe corta as unhas sou eu, na mesa de refeição, ao lado dele, sou eu, eu é que tenho de ficar ao lado dele, vamos a um restaurante “Este lugar é para o meu avô”, está a ver? E eu quero tirar partido disso. Daqui a uns anos, ou da parte dele porque ele vai crescer, ou da minha parte por questões de saúde ou coisa assim... Por isso quero tirar partido disso. Sou um avô feliz, muito feliz, e ser avô é gratificante, muito gratificante.

E como é que projecta a sua reforma em termos de casal?

Olhe, tenho para já para primeiro projecto viver a vida de aposentado debaixo de duas directrizes: primeira, ajudar a minha filha. Ajudá-la como? Podendo ir levar o Zé Pedro ao colégio, podendo ir buscá-lo, podendo ir levá-lo à piscina, acho que isso é ajudá-la. Acho que isso é importante e acho que estou a ajudar a minha filha e, simultaneamente, estou também a ajudar a criar e educar, se quisermos, o meu neto. Acho que isso é importante e não vou abdicar disso, assim eles queiram e com certeza que vão querer que eu colabore nessa área, portanto, levá-lo, buscá-lo, levá-lo à piscina, levá-lo ali, levá-lo acolá e etc., portanto, para ele criar...para os deixar um bocadinho mais soltos nessa área. E por outro lado, tirar partido tal casa, do tal ambiente que tenho lá em cima no Norte. Eu adoro aquela paisagem. Eu não sou de lá, não nasci lá, mas os meus pais, que eram oriundos de lá e que viveram uma vida inteira em Lisboa, numa altura da vida deles, foi quando eu casei mais ou menos, regressaram às origens e eu que nas férias e sempre que podia estava com eles, fui criando uma grande amizade àquela terra e, portanto, acho que tem tudo aquilo que tem a ver com a minha maneira de ser, prefiro uma paisagem, um sossego, a tranquilidade, bosque, a mata, a verdura e sobretudo o granito, as casas em pedra, o chão em pedra, aquilo encanta-me. Sou um apaixonado daquela zona. Onde houver história, onde houver cultura, onde houver presença cultural, e onde houver granito e pedra, sossego e tranquilidade e respeito pelas pessoas e etc., e isso ainda se vai encontrando muito lá, sem o turbilhão, sem a azáfama das pessoas lá a correr, sem trânsito, sem nada, isso contem comigo. Prefiro ao Algarve. O Algarve é o encanto da água e do mar e do bom tempo, mas acho que andei muitos anos seguidos a passar férias no Algarve, mas eu vinha sempre muito cansado do Algarve. Ir à praia todos os dias acho que não era muito saudável, era esgotante, todos os dias aquele ritmo, a água, o sol, praia e ambiente de praia, cansa-me. Não quer dizer que eu não vá, só que hoje era incapaz de estar quinze dias e três semanas e um mês no Algarve como estava antigamente. Vou passar três ou quatro dias e chega. Lá em cima é que eu estou bem e no Inverno também, à lareira e tal.

E sente que a sua mulher partilha esses projectos?

Ela partilha absolutamente. Para já, porque ela é de lá, ela nasceu lá, embora tivesse vindo para Lisboa muito pequenina, porque os pais dela também eram de lá. Portanto, os meus pais conheciam os pais dela e eu diria que, embora ela fosse de lá e fosse lá passar férias também, ela estava na mesma linha que eu, indo lá passar férias e os pais também tinham lá as suas raízes e tal, e vivíamos muito perto um do outro em Lisboa, muito perto mas eu não a conhecia, não a conhecia e vivíamos pertíssimo e andávamos a estudar mesmo ao pé um do outro, mas não nos conhecíamos, perdão, não nos conhecíamos não, eu não a conhecia, ela é que me conhecia, conhecia-me de me ver passar lá na rua e sabia o meu horário, sem querer sabia o meu horário de ir para escola,

que eu andava a estudar à noite, que eu andava a trabalhar de dia. Foi um projecto meu, eu quis ir trabalhar e ir estudar à noite. De maneira que ela via-me passar, portanto já havia qualquer inclinação, via-me passar à Segunda ou à Terça ou à Quarta àquela hora e via-me passar outra vez à hora que eu vinha para casa, portanto, ela sabia já o meu horário. E, a páginas tantas, comecei-me a aperceber que aquilo saía fora do comum, uma pessoa que vai a passar ali a uma determinada hora e há uma janela que se abre e há uma pessoa que espreita, hoje, amanhã e depois e na semana que vem e na outra e não sei quê, não se que mais, há qualquer coisa aqui... E comecei a passar e a dar as boas-noites e não sei quê e foi assim que começou. Mas ela já me conhecia, eu é que não a conhecia a ela (risos). Mas foi este o início. Está a ver, e depois casámos, tivemos uma filha...

CRPIO

E como é que tomaram essa decisão de ter filhos?

Foi uma decisão em conjunto, isto é, combinámos que realmente haveria um tempo sem filhos e foi, portanto, dois anos e tal sem filhos, e pronto, decidimos que era altura de realmente solicitar o filho ou a filha. Portanto, estivemos um tempo que foi mesmo combinado que não tivemos, enfim, para gozarmos um pouco a nossa vida e orientarmos a nossa vida, etc., que éramos novos, não é? Repare bem, eu casei com 25 anos, se calhar hoje casa-se muito mais tarde, a minha mulher tinha 22, se calhar hoje casa-se mais tarde, portanto, tínhamos um projecto de vida longo à nossa frente, portanto, dois anos ou três sem filhos acho que isso não... E isso foi combinado, foi combinado, foi tudo previsto. Só tenho pena que tivesse ficado só por aí... Gostava de ter tido, gostava de ter tido outro filho, eu gostava de ter tido outro filho... E gostava de ter tido tanto outro filho que, hoje não porque hoje já era uma responsabilidade acrescida, uma responsabilidade grande, mas há uns anos atrás eu andei com vontade de ficar com uma criança, de adoptar uma criança. Hoje já não, mas não foi há muito tempo, não foi há muito tempo que eu andei com esta ideia na cabeça e, enfim, e fazia-o, fazia-o... Mas, pronto, depois veio o Zé Pedro e não sei o quê, portanto, está a ver.

PCPF

FPE

FIS

NF

E o facto de não terem tido outro filho foi também uma decisão conjunta ou...?

Olhe, se quer que eu lhe diga com toda a sinceridade e é por isso que eu aqui estou, não tive outro filho e a minha sogra com todas as boas qualidades que tinha e tinha muito boas qualidades, ela ajudou-me imenso a criar a Carla, foi ela em parte que fez com que eu não tivesse outro filho porque ela disse-nos que, que não contassem com ela para criar outra criança ou para ajudar a criar outra criança. Sei lá, por questões de saúde, por coisas que eu respeito. Eu tive sempre um medo terrível aos infantários e às creches. Para mim isso... Eu acho que, acho, não sei, ter um filho numa creche ou num infantário...eu não ficava bem comigo mesmo. E foi isso que me assustou, não sei, se calhar estou a dizer um disparate. Mas foi ela, em parte, posso dizer que foi ela em parte, que eu não estou a culpá-la, não estou a culpabilizá-la, mas ela tinha muito boas qualidades, ela dedicava-se à neta, como todas as avós que adoram os netos se dedicam, mas depois de ter dito aquilo eu refreei o meu pensamento, lá está, pelo tal receio de ter uma criança com três, quatro meses e ir colocá-la em casa de alguém que eu não conheço, embora tivesse muito carinho pela criança, mas enfim, entendia sempre aquilo como um depósito de crianças. Mas isso é a minha maneira de ser e, pronto, e foi isso que mexeu comigo um pouco. Portanto, a situação vai andando, vai avançando, o tempo

SAF

SRF

RSDIS

não pára e depois olhamos para trás e pensamos que agora já é tarde, já é tarde. Mas digo-lhe sinceramente, gostava de ter tido outro, gostava de ter tido outro filho. Aliás, farto-me de dizer à minha filha que era bom que tivesse outra criança porque, vou buscar outra vez a minha mãe, a minha mãe dizia muitas vezes à minha mulher, dizia-lhe frequentemente isto “Gabriela, olha que quem tem um, não tem nenhum”, dizia a minha mãe muitas vezes à minha mulher. E acho que sim, os miúdos nascem, crescem, saem de casa e depois cria-se ali qualquer coisa... Eu não tenho irmãos e a minha mulher não tem irmãos e a Carla não tem irmãos, de maneira que eu gostava que o Zé Pedro tivesse um irmãozinho ou uma irmã, porque senão pára aqui a árvore (risos), fica por aqui, está a ver? Mas eu gostava de ter tido mais, acho que era simpático, e eu agora gosto de ver dois irmãos que partilham ideias e segredos e coisas, eu gosto, eu gosto de ver, gosto de ver dois irmãos que se dão bem, acho que sim.

FIS

PM

Voltando ao seu casamento, o que é que considera que os une?

Olhe, as coisas são estas que eu já citei há pouco, é o respeito, é o gostar, claro, é o amor que existe entre duas pessoas que se conhecem e que imaginaram um dia viver em conjunto, é o respeito, mas é sobretudo, acima de tudo, a tolerância. Nós temos de respeitar muito a pessoa que está connosco e que dorme connosco e que convive connosco e que se senta à mesa connosco e que partilha todo o dia-a-dia connosco. Nós não somos iguais, não há duas pessoas iguais, é evidente, um pode gostar de uma coisa, o outro pode gostar de outra, mas tem que haver a tolerância. Eu acho que a maior parte das pessoas que não se entendem, não se entendem no sentido de não conseguirem conviver mais do que determinado tempo, acho, não sei se estou errado, acho que é um pouco falta de tolerância umas com as outras, acho, porque tem de haver muita tolerância. Uma pessoa não concorda, pode chamar a atenção, diz isto ou aquilo, outro, mas se não conseguir vencer ou, pelo menos, equilibrar os pensamentos e as formas de ser e de estar, pelo menos, para não molestar a outra pessoa, também não é fazer isto por compaixão ou seja o que for... tem, sobretudo, de tolerar. Eu posso não gostar de uma coisa mas a minha mulher gosta, eu posso dizer “Eh pá, mas atenção, vamos fazer isto, vamos...” mas coisas simples, pequenas, se dá felicidade à outra pessoa porquê pôr entraves? Tolerar. E é respeito, respeito e haver realmente, sabermos de antemão que é tudo límpido e transparente entre nós e que nós não estamos a esconder rigorosamente nada, e pronto. É a alma gémea que está do outro lado. Claro que existem às vezes contrariedades de parte a parte, não é?

PCR

PCA

PCT

PCP

ERE

PCT

PCR

PCTR

CRRE

E o que é que acha que os separa?

Não há assim nada, não há assim nada forte. Haverá, como haverá em todos os casais, coisas que realmente não são comuns, não são gémeas, mas não vejo, sinceramente não vejo comigo e com a minha mulher coisas que realmente....

RCB

Nunca pensou em separar-se?

Nunca, nunca pensei nisso. Isto é assim, há um sentimento que nos une muito, há um ir para a cama e basta ter a mão na mão dela, há qualquer coisa, sei lá... não sei... Vamos lá ver, eu também sou de uma geração que se calhar não é, não é se calhar, não é mesmo a

PCE

geração de hoje, uma geração em que damos mais... há valores, há valores de família que estão lá considerados, não é? E, portanto, não, não me passou pela cabeça coisa...nem tive razões para isso, nunca tive, nunca tive nada. Tive os meus arrufos, tivemos, é verdade, quem é que não os tem? Mas não, nunca me passou pela cabeça nada disso. Respeito, transparência e tolerância, muita tolerância. É um sucesso para um casamento. Não é nada de especial. Temos muitos projectos em comum, gostamos praticamente das mesmas coisas, o facto de irmos lá acima ao Norte ela adora ir, anda ali entretida, decora a casa à maneira dela, ela gosta daquilo, gosta do ambiente, gosta do sossego, nós gostamos muito de paz, gostamos muito da família, gostamos muito dos amigos.

RSDS

PCR
PCTR
PCT
PCPR
PCG
PCV

Sente que houve sempre essa partilha de interesses?

Sim, quase sempre, quase sempre. Isto começou quando ela tinha 14 anos, o que é 14 anos? E eu tinha 16 ou 17. Primeiro uma amizade que se foi criando, não passava disso, depois a oficialização do namoro entre os dois, “O.K., sim senhora, namoro contigo”, também não passou para além daquilo que já era antes, portanto, está a ver? E, pronto, fomos solidificando uma amizade e, pronto, foi-se alicerçando, passámos já tudo isto, casámos, tivemos a Carla que hoje já tem 35 anos, agora o neto e são coisas que nos unem. Hoje damos valor, por exemplo, à vida de família, ao nosso neto, preocupamo-nos hoje com o neto, hoje já não estou preocupado se a minha mulher não foi ao cabeleireiro, eu estou preocupado, se calhar, se o meu neto está constipado e anda a tossir, isso é que me preocupa, se ela não foi ao cabeleireiro hoje, vai amanhã ou vai depois de amanhã, está a ver? E ela é a mesma coisa, preocupamo-nos muito com aqueles que nos rodeiam, damos valor e essas coisas. Preocupámo-nos sempre com os meus sogros, preocupámo-nos sempre com os meus pais enquanto eram vivos e pronto. E temos o mesmo nível de ligação à família, e aqui quero chamar a atenção aqueles que já não existem. Vamos ao cemitério, vou a cemitério com ela ver os pais, eu ajudo-a a arranjar as campas, ela vem comigo quando estamos lá em cima, que os meus pais estão sepultados lá em cima no cemitério, não abdicamos de ir, é naquele dia, é naquele dia.

CRPAM

PCH

ERMPR

PCV

PCV

E como era a sua relação com os seus sogros?

Era uma relação ótima, era uma relação muito boa com eles. Aliás, os meus pais já os conheciam em solteiros, conheciam-nos porque era um meio pequeno e conheciam-se, não é? E quando a minha mãe ou o meu pai, já não me recordo, teve conhecimento que nós nos namorávamos, eu disse quem era e o meu pai disse “Eu conheço bem o pai dela”. E os meus sogros aceitaram-me muito bem pelo facto de eles já se conhecerem. Não eram família, claro, mas conheciam-se, não se conheciam de ouvir falar, que as pessoas da província vêm para Lisboa mas depois gostam de se recordar das coisas que lá deixaram ficar, amigos e tal, quem era a família de quem e não sei quê, portanto, foi simpático para eles, foi simpático para eles nós... Nós nem sabíamos, não fazia a mínima ideia que ela era de lá, não fazia a mínima ideia que tinha raízes lá, não fazia ideia disso. Mas estava escrito que era assim. Foi simpático (risos). Não, gostava que todas as pessoas que estão dentro da minha faixa etária que tivessem realmente a solidez que temos hoje no nosso casamento e no viver em comum ao fim de tanto anos. É pena é que ela, às vezes, tenha os problemas de saúde que tem, isso é que me preocupa, porque é enxaquecas daquelas crónicas, aquilo é cíclico, claro. De vez em quando, atira-a para a cama dois ou três dias e aí é que eu me vejo um bocado mais atrapalhado. E porque é

CRPAE

CRDE

CRE
OSF

que me vejo um bocado mais atrapalhado? Porque eu não tenho jeito nenhum para fazer comida, nenhum! Eu sou pior que um elefante numa casa de loiça, aquilo é um disparate autêntico. Aí é que eu me vejo um bocado atrapalhado (risos). Mas também é uma coisa que me habituei a viver assim, percebe? Porque ela de vez em quando está de cama, é raro o mês que não esteja um dia ou dois de cama, aquilo são dores de cabeça fortíssimas. Mas olhe, até nisto nós... até nisto eu já sei viver assim e ela também já sabe viver com aquilo, já sabe que não há hipótese e eu também já sei que é assim, já sei que é assim e portanto... O que é que hei-de fazer? Já não fíco “Ai, Meu Deus!”, não, é assim que encaramos a coisa, com naturalidade, não há outra forma de encarar as coisas, não vale a pena, se não, envelhecemos prematuramente.

CRDEO

ERMND

Casal 4

4-M

Nome: Teresa

Idade: 47 anos

Tempo Casamento: 26 anos

Tempo Namoro: 2 anos

Filhos: 3 (21, 24 e 25 anos)

Como é que se conheceram?

Isso é uma história! (risos). Eu conheci o meu marido através de um amigo meu que é o padrinho da minha filha. Esse meu amigo era meu amigo de infância, portanto vivíamos no mesmo sítio, e tinha eu para uns 18... não sei bem o que é que depois ele diz, mas deve ser isso, sou um bocado trapalhona nas datas, 18 para 19 anos quando o conheci à porta da Maternidade Alfredo da Costa, porque uma amiga nossa tinha tido um bebé e esse meu amigo queria namorar com a madrinha da Joana, eram vizinhos, “E vamos, vamos, que eu tenho um amigo meu que depois nos dá boleia para trás, para casa”, e eu “Então, eu não me interessa o amigo para nada”, que eu queria ir ver a minha amiga e depois ir com a madrinha da Joana. E assim foi, quer dizer, encontrámo-nos. Ele estava lá à porta da maternidade, (risos) ele namorava, eu não, e foi mesmo assim, foi mesmo tipo amor à primeira vista. Pronto, foi uma coisa assim...e ficou, foi muito giro. Foi amor à primeira vista mesmo. Isto tem outra história, mas depois eu digo... (sussurro) É que eu acho que sou alma gémea dele, mesmo. Mas isso depois há outra, tem outra componente. Isto é muito bonito, o nosso relacionamento, a nossa amizade e o nosso amor, foi assim uma coisa muito especial, até hoje, graças a Deus.

CRPE

CRRE
PCAM
PCA
ERC
CRRES

E como é que decidiram começar a namorar?

Olhe, eu conheci o Vasco no dia 26 de Abril, ele diz que foi uma conquista após o 25 de Abril (risos), e depois, quer dizer, oficializámos o nosso namoro em Junho. Como é que foi, basicamente? Foi... Olhe, de Abril até Junho, começámos ali assim nos encontros. Eu andava a estudar, andava a ver se conseguia tirar o 7º ano, portanto, o que é hoje o 11º anos do liceu, não é? Andava em exames com o tal meu compadre, o amigo do Vasco porque eles é que andavam sempre os dois também no mesmo liceu. E ele namorava com uma moça daí e, desde Abril até Junho, ele gostava dessa moça, segundo a intenção dele, e nós andávamos, portanto, eu andava nos meus exames, a tentar estudar, que não fiz nada, não acabei nada, mas pronto. E depois chegou a uma altura que ele dizia que não porque namorava com a outra, eu já andava chateada com aquilo, até que, olhe, foi mesmo assim, ele ia para Espanha ver a Fórmula 1 com o tal meu compadre, que era o único amigo na altura em comum, e depois despedimo-nos e, não sei porquê, demos um beijo na boca e a partir oficializámos tudo (risos). Foi uma coisa assim, “Então, até amanhã!” (risos) Eu conto-lhe os pormenores todos! Ele depois pegou

CRPIO

CRPAB

no carrito, isto foi depois de jantar que nos tínhamos encontrado, que tínhamos ido a casa do meu compadre buscar umas tendas para eles levarem para Espanha, e ele diz que entre me ir pôr a casa e chegar à casa dele, que era um espaço curto, que se sentiu tão mal disposto que teve de parar o carro e vomitar (risos). E depois, olhe, foi até hoje, realmente, foi realmente assim. Depois oficializámos no dia 27 de Junho desse ano e pronto, até hoje, casámos... porque ele disse que não, que não namorava mais, namorámos 2 anos e ele disse “Ou casamos já ou deixo-te”, porque o meu marido não tinha paciência para namorar muito tempo, que ele teve muitas namoradas, aliás, ainda tenho aí as cartas todas das namoradas dele guardadas ainda, que eu sou uma pessoa assim muito... Eu não tenho porque eu não ligo nada a isso (risos), mas ele tem e realmente ele nunca se interessou por aquilo mas eu achei piada e porque não guardar? Eu acho que são coisas giras e está para aí tudo guardado. E pronto, quer dizer, foi assim.

ONE

CNO

CI

CRPA

CRPIN

E como é que foram os primeiros tempos do casamento?

Foram muito bons porque nós éramos assim dois miúdos, portanto eu tenho em mente, até parece que foi ontem, portanto eu costumo dizer isto: foi tudo tão bom e continua a ser, evidentemente que a vida agora é mais complicada e tem outras situações, sempre cada época e cada etapa tem as suas dificuldades, tem o bom e o mau, o que eu acho é que foi sempre tudo tão bom que até as coisas más que ainda hoje estamos realmente a passar, mas isso são coisas derivadas da vida de hoje que todas as pessoas têm, dificuldades e problemas não propriamente do nosso foro...vamos lá ver, na relação, mas da vida em si que nos proporciona, que até essas coisas de hoje conseguimos ultrapassar. Como eu costumo dizer, e ainda há pouco estava a falar com o meu marido sobre isso, acho que o nosso amor foi uma coisa tão sincera ou foi um relacionamento, mesmo ao princípio de casada, eu tinha 21 anos quando casei, ele tinha 24, que ele tem mais 3 anos que eu, de maneira que... Éramos muito maduros, para já, se é isso que quer saber e que interessa. Éramos muito maduros e pronto, quer dizer, tivemos uma responsabilidade muito grande logo na altura. Fomos ajudados, isso também tem muita importância, na parte de termos logo carro, casa, tivemos. Ele trabalhava com o pai até há pouco tempo, depois vieram os miúdos. Veio a Joana logo porque eu casei com 21 anos e passados 5 meses eu fiquei grávida da Joana. A Joana nasce, passados 5 meses da Joana nascer, quando a Joana tem 5 meses, fico grávida do segundo (risos). Portanto, o outro eu já tinha... ele tem uma diferença de 4 anos para a Joana e de 3 para o João, mais ou menos isso. E como entretanto fiquei logo ali, aos 27 anos já era mãe de três filhos, e fiquei sempre, lá está, dedicada às crianças porque não compensava realmente estar a sair para estar... O meu objectivo e o nosso princípio de casamento foi sempre, foi assim tudo muito rápido e quase não deu tempo para mais, para mais coisas, mas sempre, se é isso que realmente interessa e que eu vejo e que sinto em mim no meu casamento até hoje, é que houve sempre muita compreensão, muito amor e muita cumplicidade... e até hoje.

ERC

ERF

MDF

PCA

CRPM

FRE

SAFI

FO

CRPAB

FPE

PCE

PCA

E quando passou do namoro para o casamento, sente que houve alterações na relação?

Não, muito pelo contrário, alterações, quer dizer, eu estava a pensar na parte negativa. Não, não, foi tudo muito bom, foi positivo. Acho que o objectivo nessa altura, portanto

estou a falar de há uns anos atrás, há 26 anos atrás, exacto, que realmente era mesmo nós termos a nossa casa, a pessoa gostar um do outro e casar, pronto, totalmente diferente do que é hoje, não tem nada a ver. A mim faz-me um bocado de confusão mas os tempos mudaram, evidentemente, e temos de acompanhar os tempos, mas faz-me imensa confusão ter três filhos em casa com a idade que têm e eu costumo dizer à Joana que com 25 anos já tinha dois e essa história. Faz-me um bocado de confusão porque realmente não. A minha relação com o meu marido sempre foi assim uma coisa... Eu só tenho uma coisa a dizer nisto tudo, não sei quais são as perguntas que me vai fazer a seguir mas só tenho uma coisa a dizer, a minha relação comigo e com o meu marido acho que é uma coisa muito especial e foi. Deve haver evidentemente pessoas, e penso que sim e Deus queira que sim, da nossa geração ou não...nós às vezes até nos interrogamos se será toda a gente assim, que eu acho que isto é muito especial até ao dia de hoje. Quer dizer, nunca tive problemas, nunca tive..., nunca senti, portanto, falta de mãe, de pai, ou de avós, que eu também fui criada pelos avós e era uma menina muito mimada, eu, falando de mim, não é? Nunca tive, portanto, essa necessidade de me chatear ou de ir para casa dos meus pais ou de voltar ou... Não porque tinha..., estava sempre bem, tinha sempre afecto e eu acho que a base principal do nosso casamento até hoje, que existe mesmo, é o amor. Se é isso que a pessoa realmente quer, se é esse o objectivo quando se casa ou namoramos para casar, tem que haver isso, não é? E, portanto, isso ainda prevalece até hoje e foi isso, o alicerce estava lá e veio, veio, veio. Portanto, eu nunca estranhei nada.

CA

CRRES

CRAS

PCA

PCE

Não sentiu que tivessem de fazer adaptações um ao outro no início?

Não, mas eu sou muito especial nessas coisas, não o que é que ele vai dizer mas eu sou muito especial. Não porque, lá está, nós entendemos que nós os dois, e eu ainda hoje digo essa frase, ainda hoje a disse por acaso, nós os dois somos um. Eu sei que isto é muito difícil de entender, compreenda, porque eu tive dificuldade ao longo da minha vida, com amizades que eu tenho com casais, amigos e não sei que mais, de explicar isto porque eu cheguei a uma altura em que eu até dizia que não queria dizer mais porque as pessoas julgavam possivelmente que eu, “Olha, esta está aqui para...”. Mas não é, que a minha relação com o meu marido é mesmo assim. Portanto, nós os dois ainda hoje, e os filhos sabem isso perfeitamente e entendem e têm orgulho, porque eu sei que eles todos têm muito orgulho e ele então... E também nos chateamos, também nos zangamos, atenção! Porque isto, vamos lá ver, não é só rosas. Mas, quer dizer, é o que eu acabo por dizer, o que prevalece acima de tudo é sempre aquela parte boa, positiva. Nunca consegui estar uma noite zangada e sem dormir, aliás, a dormir zangada com o meu marido nem ele comigo, quer dizer, nós não... Chateamo-nos mas logo a seguir... por culpa de um ou de outro, às vezes não é culpa de ninguém, coisinhas mesquinhas. Olhe, ainda agora, por exemplo, andamos numa fase difícil, fases difíceis nestas idades (risos), mas pronto, a gente resolve o problema, é que nem se chega já a discussões nem nada. Amuamos, mas logo a seguir...

EES

CRRA

AA

FAR

RCRR

RCDE

ERF

RCEV

RCA

Como é que costumam resolver essas questões?

Olhe, eu normalmente quando acontece, agora não tanto, mas aconteceu-me realmente. O meu marido é também uma pessoa muito especial para mim, e sempre foi, não é só para mim, é para toda a gente, como eu digo, ele é uma pessoa muito especial, tem um

OES

feitio...não existe, eu costumo dizer, ele não existe. Também tem o feitio dele, também tem, nós todos temos defeitos, nós todos temos qualidades, ele tem muitas qualidades, tem defeitos, evidentemente, assim como nós todos, mas ele tem um feitio que aquilo não existe, pronto. Eu quando sinto que sou eu que provoquei a situação e ele fica, ele é muito sensível, não discute, nunca discutiu na vida dele, mais eu até que gostava de abanar, isto quando era mais nova, tinha mais sangue na guelra, não é? Quando havia assim uma discussão, um amuo, ele amuava mesmo e eu gostava de o abanar, “Mas porque é que tu não reages?!” e ele, pronto. E quando eu sentia que era eu a culpada, ou muitas das vezes até não sabia se era eu ou não era, era normalmente eu que ateia e que pedia desculpa “Olha, desculpa, provoquei a situação”, beijinho, um abraço. Na cama, se é isso que quer saber, eu digo tudo, nunca gostei de resolver essa tipo de situações, nem pensar nisso. Ainda hoje isso não porque... Por acaso sei que há alguns casais que fazem isso, sei evidentemente porque nós temos amigos, não é? E temos muita abertura também com os amigos e tudo, e sei como é que é. Mas eu sempre detestei, portanto isso não, comigo não. A gente tem de resolver as coisas fora da cama e estamos aqui, estamos chateados, como é que é? Mas nunca... Aliás, aliás, isto é comigo, é com ele, mas se perguntar aos meus filhos quantas vezes viram o pai e a mãe a discutir ou zangados, eles também dizem que nunca, nem se lembram, porque nós até as nossas birras e as nossas pequenas chatices, os filhos ou quem estivesse connosco nunca davam por isso porque nós sempre falávamos na mesma perante as pessoas. Mesmo em férias, tivemos muitas vezes de férias com os meus sogros e também nos aborrecíamos, chateávamo-nos quando era necessário, mas nunca, nunca ninguém dava por isso. E ainda hoje é muito assim. Eu hoje já não me chateio (risos), então desde que entrei nestes caminhos... Mas isso é outra história. Ele também é uma pessoa muito espiritual. Eu tive de aprender mas ele já sabia que a espiritualidade estava dentro dele. É uma pessoa muito especial, portanto eu não sei se isto vai servir para alguma coisa porque nós, eu tenho de lhe dizer a verdade, nós somos mesmo um casal muito à parte, eu sinto mesmo isso e ele também. A gente fala muito sobre isso, comunicamos muito um com o outro, até com os filhos ele não é tão comunicativo, ele escreve mais, é mais reservado. Aí está uma grande diferença entre mim e ele nessa parte, mas pronto, nós somos diferentes aí, o que é muito bom também. Mas ele comunica mais, e se precisa de transmitir uma coisa mais séria aos filhos, escreve, por exemplo, desabafa mais assim e eu, realmente, tenho mais o poder, o dom como eu digo, de falar, gosto de falar, as palavras saem-me, as coisas saem-me e isso é muito bom porque ele aí sente que tem aqui uma bengala nessa parte, tem aí uma bengala que ele volta e meia telefones e isso, situações mais...é logo “Fala lá tu. Diz lá tu”, o que às vezes também é chato (risos), mas pronto. É como eu costumo dizer, eu faço de boa e de má. É que, pronto, quando é preciso dizer as coisas, eu digo, quando é preciso ser boazinha, eu sou boazinha e eu às vezes digo-lhe assim “Tu estás sempre caladinho com esse teu feitio e eu é que...”. Mas não, mas ninguém se chateia, pronto, está sempre tudo bem.

E sente que houve alguma fase em que tivessem mais conflitos?

Eu sinto. Tive, tive. Eu vou falar por mim porque, possivelmente, se lhe fizer esta pergunta a ele, ele é capaz de não ir por aí, mas ele sabe. Sinto porque tive muito, muito, mas isso é mais com ele, o apego dos meus sogros...uma mãe muito...são excepcionais,

OSI
RCEV
OPA
RCPR
RCA
RCCU
RCC
RCCC

RCPI

ERMNC
OEP

OES
CRRES
PCCO
ORE

ECM

PDDOE
CRM

OPA

mas uma mãe muito, portanto, ansiosa da parte do meu marido e tive realmente aí uns anos no meio do nosso casamento que, isso sim, fez bem falar nisso, que realmente abanava um bocadinho porque... a senhora não faz por mal, ainda hoje, a minha sogra gosto imenso dela e do meu sogro, mas, quer dizer, cortava-nos um bocado a nossa privacidade, embora vivêssemos sempre separados, vivemos sempre sozinhos, mas havia sempre aquela coisa de ir almoçar à mãe ou ao pai aos fins-de-semana, com os dois, que eram os dois, e já fizeram 50 anos de casados, graças a Deus. Mas também, quer dizer, havia aí um poder e eu senti-me muito mal, senti-me muito mal até que cheguei, penso eu, aí há uns 7 anos atrás a ter tipo uma depressão, que teve umas coisinhas por trás, que eu estava um bocado dividida e dizia-lhe a ele, mas ele não queria ficar mal com os pais, aquela tal história. Quer dizer, ele chegou à conclusão de que eu estava certa, que cada um tem o seu sítio, o seu lugar. E eu aí senti realmente essa relação nesses anos, ainda foram alguns anos, um bocado incomodada mas levava tudo com...lá está, o amor sobreviveu a tudo, percebe? Porque, eu costumo dizer e é verdade, até costumo dizer às vezes aos filhos, à Joana especialmente, que eu falo muito com ela, não sei se também é por ser mulher, e digo-lhe muitas vezes que realmente não sei como é que eu suportei porque o pai com o feitio dele não queria magoar os pais porque ajudavam, porque estava a trabalhar com o pai, porque não sei quê. Eu até costumo dizer mais, mas eu não gosto desta palavra, compravam, compravam-nos e eu nunca gostei muito disso, eu gostava de ser independente e era ali forçada a passar férias, a ir para a terra, quer dizer, andávamos sempre todos em carreirinho e eu queria espaço e muitas das vezes não tinha, pronto. Porque é que não havia de ir eu para a terra sozinha com eles ou porque é que não havia de ir só de férias para o Algarve? Isso depois aconteceu, começou a acontecer para aí desde que vim para aqui, para aí há uns 11 ou 12 anos, para esta casa porque...por muitas razões.... O poder do dinheiro faz muita coisa e depois ele começou a acabar e eu comecei a ter paz (risos). Mas entretanto nessa fase, que é isso que quer saber, eu sempre me dominei muito bem porque...eu penso que foi o amor que nós os dois sempre tínhamos porque nunca houve assim discussões, nunca houve bateres de portas, nunca houve... Às vezes havia uma alteração, porque não? Também me chateava e também era capaz de, pronto, dar um grito mas, quer dizer, nunca nada..., nunca me deitava zangada, aborrecida, tinha sempre de resolver a situação porque se isso não fosse resolvido, havia aqui um bloqueio que não dava. Pronto, e houve, mas suportámos. Agora estamos a suportar outra, uma fase mais difícil ainda, se calhar. Eu não sei, eu até esqueço, está ver? É porque é assim, no nosso relacionamento, como existe uma relação muito forte mesmo, aquelas coisas más..., agora se não me falasse nisso, já estava apagado, estava esquecido. É muito bom até porque eu aprendo frequentemente a o passado foi-se embora porque eu fiquei muito agarrada numa certa altura da minha vida e a minha depressão também começou por aí, agarrei-me ao passado, e entendi, estudei isto tudo, ando a aprender e a fazer e ajudou-me imenso. Porque o passado já lá vai e o futuro a Deus pertence, como se diz, e o aqui e agora é que é muito importante. Eu aprendi a gerir as coisas assim na minha vida e ele também e, pronto, o amor sobrevive, continua a sobreviver sempre. É isso, eu penso que é só isso. Uma relação para mim, homem e mulher, para durar, não é eterna porque eu também costumo dizer que essa história da eternidade os jovens hoje dizem “Ah, ninguém é de ninguém!” e é completamente verdade. Só que, pronto, a nossa tem sido assim, tem dado certo, pronto, e não me lembro de crises, as crises dos sete, dos não sei quantos e dos não sei o quê, não me lembro dessas crises. Acho muito giro, mas isso a mim não me aconteceu assim muito, não. Agora estou numa fase muito gira porque ele fez 50 anos no mês passado, eu estou com os 47 e agora a gente sente o amor sempre a existir, mas depois aquela ternura, aquele conhecimento, é muito bom. Agora há uns afectos diferentes, há preocupações

SA

SI

RCD

SR

PDROS

RCCO

PCA

FAL

PDROS

SDF

SC

SI

MMC

SDF

ERA

ERMNC

PCA

RCEV

RCE

RCRR

RCDE

RCD

ERMPR

PCA

CRPIN

ERF

PCA

ERC

diferentes um com o outro porque nós também vivemos muito intensamente aquela parte dos miúdos serem todos muito pequenos e isso também nos tirou um bocadinho de tempo para nós. E, pronto, eles agora já estão crescidos e as preocupações existem na mesma porque está tudo em casa, ninguém se decide (risos) mas, quer dizer, agora temos outra maneira... temos preocupações, realmente existem, não há dúvida nenhuma e é mesmo preocupante a questão de vida que está, mas temos mais um tempo mais para nós, já vamos, a Joana acha muita graça, vamos os dois fazer caminhadas, deixámos os dois de fumar, que é uma cumplicidade imensa, há 3 meses os dois ao mesmo tempo. Nós andávamos para deixar de fumar há muito tempo, isto também foi outra história muito gira. Isto foi tipo é hoje, é amanhã? Isto já farto de tabaco, ele fuma 40 anos de tabaco, o meu marido começou a fumar com 10 anos. Eu não, eu não? Eu fui com 14, para aí 15, andava no liceu. Mas, pronto, eu não fumei nunca tanto como ele, até porque eu tive sempre três interrupções, como eu costumo dizer, de dois anos e tal cada uma, que foi gravidez e os miúdos, os rapazes, a Joana não, mas os rapazes mamaram até aos 2 anos e eu nunca... Mas, pronto, depois lá vinha outra vez a bodega do cigarro. Aqui com o reiki faz-se mentalizações para deixar muita coisa e eu pedi muita ajuda ao universo e ao reiki. Pronto, isto já é outro caminho, mas eu pedia para mim e para ele, que isto, lá está, também tem a parte psicológica e o querer é poder, e andei nisto aí uns 2 anos, e eu sabia que ele também queria deixar. E, olhe, foi agora, no dia 27 de Agosto, foi muito giro. As nossas datas têm sempre muito a ver com os setes. Ele chega a casa e diz assim, ele é que faz o cafezinho depois de jantar, sentámo-nos ali os dois assim a beber o café e ele diz assim “Tenho aqui um cigarro só e vamos fumar este cigarro os dois”, porque eu nunca comprei tabaco na minha vida, o meu marido é que comprava e trazia para casa dois maços de tabaco, ele levava um e depois os filhos..., ficava por ali. E eu digo assim “Só tens um cigarro? Mas eles têm, a gente vai buscar.” E ele “Não, não, não, este vai ser para os dois!”, e assim foi. “E é o último.” E eu digo assim “Deve ser verdade...” e foi. Eu não sei, não me pergunte porquê, não tivemos adesivos, nem pastilhas, nem nada (risos) e a coisa resultou porque a cumplicidade é tão grande, é aí que eu quero chegar. E eles continuam a fumar, os meus filhos, menos, o que também é muito interessante, já não fumam à nossa frente, não sei porquê, mas sou eu que despejo os cinzeiros (risos). E foi tudo tão engraçado que nunca mais, pronto, há uma cumplicidade e depois ele vai-se embora, vai à vida dele e eu digo assim “Então eu tenho aqui um cigarro, porque é que eu não hei-de fumar? Ai, não fumo, coitadinho, então vou atraí-lo-á-lo?!” e ele diz o mesmo, os colegas às vezes oferecem-lhe cigarros e ele diz o mesmo. Quer dizer, isto há aqui uma transmissão muito grande de pensamentos e de cumplicidade que nós... Nós somos daquelas pessoas que mesmo que estejamos em grupo, nós não precisamos de falar, nós olhamos e..., a gente sabe o que é que quer dizer e muitas das vezes dizemos as palavras ao mesmo tempo, portanto, isto, como eu digo, olhe, eu nem sei explicar! (risos) Isto é um bocado assim. Mas olhe, mas isso também já lhe disse, isto não é tudo..., já lhe contei, não é? Porque há aí... Uma relação tem mesmo que ser assim.

Quais é que acha que foram os momentos mais marcantes da vossa relação? Positivos e negativos.

Olhe, eu para mim é o nascimento dos meus filhos. Quando há filhos, e os filhos estão, portanto, incutidos, estão englobados no casamento, não é? Porque o meu marido

assistiu ao parto dos rapazes, portanto da Joana não porque foi a primeira filha e ela nasceu na maternidade, ela também se sente um bocado rejeitada por isso (risos). Mas não, mas era a primeira filha e a minha médica aconselhou-me a ir para a maternidade. Os rapazes já foi na clínica só por um motivo, e depois ela já se sente compensada por essa parte, como eu já tinha a Joana e na altura não deixavam crianças entrar na maternidade, e a Joana tinha 14 meses quando nasceu o João e eu não era capaz de estar sem a minha filha e na clínica já podia estar com ela. Mas foi realmente, pela positiva, um dos momentos mais marcantes foi ter os meus filhos. Ele assistiu ao parto do João e do Pedro, esteve sempre comigo e foi uma pessoa incrível, deu-me muito apoio a mim e, aliás, eu também lhe dava muito a ele porque eu acho que estava numa situações em que lhe estava a dar mais a ele (risos) do que ele a mim, que eu não queria que ele se fosse embora e ele olhava para mim e eu “Espera aí que isto é mesmo assim. Fica aqui”, que eu sabia. E ele, realmente, quando os filhos nasceram foi, foi maravilhoso. Então o do meio, que foi o primeiro que ele viu nascer, também ele assim que nasceu fez logo xixi para cima do pai (risos) e o pai afasta-se.... Mas foi, eu lembro-me que foi muito bonito aquele momento de nos agarrarmos um ao outro a chorar, ainda com a placenta, ainda com o cordão. Pronto, são momentos inesquecíveis da nossa vida que vamos levar para muitas vidas se elas existirem, não é? E pronto. Assim pela negativa... Ah, e brincadeiras com os filhos, ele sempre foi um pai muito presente. Aliás, sempre tivemos uma comunhão todos, sempre imbuídos da mesma comunhão, portanto, muito presente, sempre a passear com eles, sempre a dar atenção em casa. Eu costumo dizer, bom filho, bom marido, bom pai, no fundo um bocadinho de tudo de bom. Pela negativa, sou sincera, não, não... Eu tenho de falar é dele, não é? O casamento é com ele, tem de ser dele (risos). Não tenho, tirando assim... Porque é assim, o meu marido tem um feitio para mim que isto é muito difícil de explicar, só mesmo quem o conhece na vida e os amigos e tudo mais sabem, é muito difícil de explicar porque ele tudo o que possa fazer de mal, que não faz, mas nunca é com a intenção do mal, portanto, eu não... Ainda ontem estava a dar este exemplo, eu estou na cozinha, ele quer ajudar, às vezes eu digo cá para mim “Ele está a querer ajudar-me mas ele não consegue. Estou desertinha que ele saia dali” mas eu não consigo porque a boa vontade é tanta que eu nem consigo dizer “Sai daqui” (risos) porque ele fica triste. Portanto, não encontro... Talvez um bocadinho de teimosia, porque isso também é um defeito, vá, teimoso, muito calado, prejudica-se a ele muitas das vezes e eu aí vou contra, eu costumo dizer-lhe “És masoquista, já tens idade para pensar” porque prejudica-se a ele até em relação a muita gente, beneficia os outros e prejudica-se a ele e toda a vida foi um bocado assim e isso aí é que jogou sempre um bocadinho a meu...embora, eu costumo dizer, nós somos assim e ainda hoje ele dizia “Nós merecemos o que estamos a passar” na vida, em certas coisas, e eu só dizia “Sabemos lá se não, se merecemos ou não”, não é? Porque realmente...porquê? Ele pensa assim porque ele sabe que fez tanto bem e que sempre fez bem e eu também e os filhos e tudo mais e estamos a passar, se calhar na ideia dele, ele diz-me constantemente isso em cartas e tudo, que eu não merece e eu digo “Mas sabes lá tu se eu mereço isso ou não, sei lá eu o que é que eu fiz”, também às vezes me interrogo, não sei (risos). Mas pronto, não é nada de grave, isto tudo passa. Isto é a situação da vida, que nós estávamos muito bem e, de repente, pronto, como muitas famílias, perdemos tudo. É assim (risos). Quer saber mais alguma coisa?

Como é que tomaram a decisão de ter filhos?

Ah, a Joana foi muito desejada. Eu estive, portanto, os 5 meses sem ter filhos mas o objectivo era casar e ter filhos, foi logo assim. Antigamente era muito assim. Tanto eu

como o meu marido. Aliás, se quer pormenores, eu até sei, o dia não, mas a altura em que ela foi feita, que eu disse “Vamos fazer” e foi mesmo! (risos) Foi muito engraçado que eu fiquei logo grávida naquele dia, naquela altura. O João e os outros, pronto, nós sempre quisemos ter muitos, tanto eu como ele, nós era uma carreirinha deles, só que depois aquilo começou a vir tão seguidinho que eu disse “Espera aí, deixa-me...” (risos). Já não foi tão desejado como a Joana. Vamos ver, coitado do meu filho, vamos ver se eu me explico, ela foi mesmo desejada porque..., os outros como nós queríamos ter, que viessem, ou seja, apareciam...apareceram de outra maneira, está a perceber? Não foram mesmo planeados, era aí que eu queria chegar, não foram planeados mas, de qualquer das formas, nós sempre tivemos ideias de ter até aos cinco, seis filhos, só que ficámos pelos três. Mas eu digo-lhe uma coisa, eu ainda andei há muito pouco tempo, mas depois digo assim, a Joana ria-se e eu volta e meia digo-lhe “Olha, nunca mais te decides a ter, tenho eu outra vez.”. A sério, até aos 40 anos eu dizia que ainda havia de ser outra vez mãe, que eu adorava ter outra menina. Então o meu marido ofereceu-me um bebé lindo em...um bebe chorão como eu brincava quando era miúda, quando estávamos de férias no Algarve, eu passei numa montra e eu adorei o bebé chorão e ele comprou-mo e é uma menina, está lá no meu quarto, e eu digo “Olha, esta é a minha quarta filha, que é uma menina” (risos). Portanto está a ver que... Mas foi sempre tudo muito em conjunto, sempre tudo. Aliás, as nossas decisões, se calhar ia-me perguntar isso, pergunte, pergunte, que eu ponho-me a falar...

FO

PCPF

PCPF

PDPF

PCDC

Pode continuar.

As nossas decisões de tudo na vida, de tudo desde que nos conhecemos, portanto, até ao casar, até ao ter filhos, até mudar de casa, já mudámos três vezes de casa, foi sempre tudo, tudo, tudo em comum. Nunca houve nada em desacordo. Houve aquela pequena..., mas ele aí estava dividido, quando era os pais e não sei quê e eu, eu tive, portanto, lá está, com o meu amor próprio, a minha cabeça e o meu amor por ele e o amor aos filhos, tentar conjugar e tentar entender o porquê, porque é que ele era assim uma pessoa tão especial. Pronto, e depois isso ele acabou por... Porque é assim, ele nem sequer é muito agarrado aos pais, ele não é capaz de dizer não a nada nem a ninguém. É uma coisa muito diferente e sofre-se por isso e eu, ao saber que isso estava a acontecer, também tive sempre que, lá está, tive que compreender e perceber, mas também derivado ao tal amor que existe porque se não há, repare, se não há aquele alicerce muito forte num casamento, portanto se as coisas não são tão fortes, tão..., há certos pormenores que nós hoje vimos que acontecem e eu fico a pensar “Mas só por aquilo?!”, não é? Faz-me uma confusão imensa. Portanto, a coisa tem de estar muito bem construída e... Por isso é que nós dizemos e não sabemos o dia de amanhã e, pronto, e tudo o mais, e eu não sou ninguém de excepcional nem ele, eu digo que somos excepcionais porque realmente nós, a ver o que se vê hoje, é um bocado difícil, 26 anos de casamento hoje equivale a 50 ou a 60, porque as nossas famílias também são um bocado assim, não sei se isso tem alguma coisa a ver, mas acho que não, acho que não é genético (risos). Isto é muito pessoal, não é? Mas, por exemplo, eu tenho uma tia casada, que eles estão os dois vivos, há 65 anos e os meus sogros já estão há 50 e os meus pais tiveram de se separar mesmo, mas ainda estiveram quase 43, mas isso foi por outras coisas, agora os meus avós a mesma coisa, maternos, quer dizer, não sei se ainda vimos também, mas eu penso que não, que isso não tem nada a ver, se as pessoas tiverem de se chatear, que não é pela família estar ou não estar. Pronto, é o que eu digo, isto não é genético, que eu saiba.

PCDC

SR

PDROS

PCA

RCAC

OES

OPA

PCA

CRRES

EFD

E sente que houve mudanças na relação com o nascimento dos filhos?

Eu recordo-me que, quando estava grávida dela, eu por acaso recordo-me muitas vezes disso, por acaso até foi neste sofá, que foi o primeiro que tive, recordo-me de estar aqui deitada com a barriguinha muito grande e dizer “Ah, vai acabar agora”, porque nós tínhamos aquela relação os dois, “Agora vem aí uma criança e isto vai ser diferente, vai ocupar mais tempo” mas não, não. Não notei nem ciúmes, nunca notei, que eu oiço muitas amigas minhas e muitas mulheres a dizerem, é banal, que os maridos têm ciúmes dos filhos, não, não notei porque acho que é tudo tão comum entre nós todos que aquilo que eu sinto ele também sente... Eu, por exemplo, ainda na semana passada, e fiz isto a minha vida inteira e acho que se eles estiverem em casa e tiverem algum problema que faço, passo da minha cama para a cama deles com a maior das facilidades se eles estão doentes e o pai fica e não chateia, não diz nada. Isso ainda aconteceu há quinze dias com o Pedro, com o mais novo, que estava com falta de ar e fica muito aflito e lá vou eu “Dorme filho, que a mãe fica a vigiar o sono” e fico. Mas sempre isto durante o tempo que a Joana também precisou, o João, ainda hoje. E as coisas não mudam, nunca mudaram, não. Pelo contrário, é o que eu digo, somos todos muito unidos, muito unidos. Claro que havia menos disponibilidade naquela parte em que eles eram mais pequenos, mas por exemplo...também, vamos lá ver, eu vou-lhe dizer como é que era, era assim: o meu marido trabalhava, eu estava em casa com os miúdos pequenitos, sei lá, até antes de irem para a escola, mas o tempo que eles estavam comigo em casa, o pai estava fora, portanto, no trabalho dele, não é? O pai vinha almoçar, estávamos todos, ainda hoje se mantém o ritmo na minha casa, ao almoço todos e ao jantar, só se agora alguém está a estudar ou está a trabalhar, mas ainda se reúne ali tudo e sempre foi assim, portanto, havia essa vantagem. Depois à noite também havia uns horários que não existem hoje, que os meninos às nove e meia ou dez horas é que vão para a cama, sei de casos assim, e os meus filhos às oito horas, jantavam cedo, até mais cedo às vezes, se o pai vinha mais tarde, até iam brincar um bocadinho e iam para a cama, o tempo em que eles estavam a brincar, eu estava com o pai a jantar, se fosse o caso deles terem jantado mais cedo, o que era difícil, como eu digo, que nós sempre estivemos todos juntos, que nisso acho que há um padrão que eu acho que se devia ter modificado mas infelizmente modificou-se tudo nas outras família, na minha ainda bem... que nós éramos conhecidos na escola dos miúdos precisamente por sermos assim, porque o pai ia sempre buscá-los para almoçar e ia levá-los e os miúdos eram conhecidos precisamente por isso. E no espaço em que o pai estava a trabalhar, eu estava com os filhos e depois eles iam para a cama cedo e nós tínhamos na mesma a nossa privacidade, portanto... Porque a vida era feita realmente, eu costumo até dizer, eu tinha mais tempo na altura em que eles eram pequenos, isto é muito engraçado, a gestão do tempo era feita de outras maneira. Eu fazia tricot, camisolas para eles, eu é que fazia tudo, no Natal, nos anos, e eu tinha sempre tempo para ainda estar com o pai a ver televisão, uma coisa que hoje não consigo. Eles hoje já estão grandes e o pai hoje é capaz de estar no sofá mais tempo sozinho e eu a passar a ferro na cozinha e... Mas também não se chateia, também sabe e compreende. Mas é mesmo isso, dantes tinha e agora é difícil, embora eles nos roubassem um bocadinho... Ah, e depois tínhamos a vantagem de aos fins-de-semana também estarmos todos em grupo, nós passeávamos muito com os filhos, íamos a jardins, para a praia, e eles também vinham moidinhos, iam para a caminha e eu tinha sempre o meu bocadinho com ele, como eu digo, porque as coisas estavam sempre muito bem organizadas. Nunca nada... não, tenho até muitas saudades desse tempo (risos). Foi muito giro. Aliás, ele até é uma pessoa que o criticar, o falar, criticar entre aspas, que nós

FPE

PCP

OPA

FMQ

FIT

FPC

CRPCA

ERMNDI

PCE

FIT

CRPCA

nem gostamos de criticar, uso esta palavra porque é assim que me entende, muitas das vezes como esta sociedade está e ele próprio diz que realmente os pais não conhecem os filhos, os filhos não conhecem os pais e isso conosco, graças a Deus, não... Não sei se é por aí que eles também têm muita dificuldade em sair de casa porque depois é preocupante, depois há os padrões da mãe que eles, isto já falando dos filhos, mas é, que eles depois têm o padrão da mãe e do pai até para os namorados e para as namoradas e isso a mim preocupa-me imenso. A Joana é mais com o pai, aliás, ela ficou toda contente quando descobriu que o namorado dela também é Balança como o pai (risos) e os miúdos comigo. Há uma proximidade muito grande entre mim e eles e eles falam de tudo, ao nível de drogas, da sexualidade deles, ainda hoje com a idade que têm saem e eu pergunto-lhes se levam as coisinhas todas (risos) Sempre fui muito...e o pai não tanto, lá está, é difícil comunicar, ele é mais reservado, mas também está sempre presente, também é capaz de me vir perguntar a mim “Mas o que é que se passa?”. Pronto, são estas relações assim que existem.

FPR
CRE
FAR
FMQ
EPO
ORE
FMQO

E como é que tomavam as decisões em relações à educação dos filhos?

Bem, eu um bocadinho mais, não é? Olhe, até lhe vou dizer, eu talvez até um bocadinho mais autoritária, se é isso que se pode designar, não por mal mas pela situação e pela circunstância. Porquê? Porque como o meu marido é muito mais calado e muito mais reservado, está a ver a diferença. E agora está muito mais aberto, mesmo comigo. Eu sabia, nós entendíamos-nos, não era preciso falar, sempre tivemos essa relação mas no grupo de amigos era sempre muito mais fechado porque a educação que ele trouxe de pais, isto tem muito a ver, não é? Lá está, eu tenho esta abertura com os meus filhos porque tive esta abertura com os meus pais, tive esta abertura com os meus avós. Eu não fazia nada, eu não decidia nada, quando comecei a namorar com o meu marido, eu não fazia nada sem a minha avó saber para onde é que eu ia, que o meu marido tinha carro na altura, não havia telemóveis para já, e eu tinha imenso medo que me acontecesse qualquer coisa e ninguém sabia de mim. Eu transmiti isso sempre aos meus filhos, eles têm telemóvel mas eles dizem tudo, para onde vão, onde estão porque eu sempre lhes disse para me dizerem onde é que estão e o que é que fazem. Eles sempre disseram. De certeza que eles têm lá as intimidades deles, com certeza, e era também demais que me viessem cá contar o que é que fizeram com a namorada (risos). Mas, quer dizer, mas eu sei. A Joana também foi sempre assim. E o Vasco nesse aspecto é mais...mais reservado porque teve, e eu estava a falar na tal minha autoridade, porque ele teve uns pais que ainda hoje são muito fechados e não teve abertura e então isso foi-lhe transmitido também a ele desde miúdo, até à própria irmã dele. Sempre me fez muita confusão como é que as pessoas se fecham tanto e a falta de diálogo foi tão grande que ainda hoje é e isso a mim faz-me muita confusão porque, pronto, eu não sou assim, e então ele casou e trouxe isso com ele. Isto tem tudo uma explicação na vida, é a minha parte psicológica a funcionar. Há pessoas que nunca se conhecem nem a elas próprias mas eu, por acaso, sou muito curiosa e sempre tentei conhecer-me a mim (risos) e ainda me ando a conhecer, mas conhecer principalmente os outros, é muito giro. E então ele trouxe essa parte e eu, como estava com os filhos muito tempo, tinha eu que, pronto. E às vezes eu digo “Tu também és pai, diz qualquer coisa”. Ainda hoje não se manifesta muito mas, quer dizer, tenho o acompanhamento dele, eu se precisar ele está, ele está. Se eu disser “Olha, vê lá se tu dizes qualquer coisa porque eu já estou cansada.”, ele diz mas como são homens e não têm tanto jeito talvez, é só por aí, não é por... Lá está, eu costumo dizer, eu é que sou a mazinha, sou a boazinha mas também sou a mazinha porque se é

EA
ORE
OMA
PCE
SMO
FMQ
PM
EPO
ORE
SMO
PDEF
ECU
EACO
FDMO
PCAP
RCDO

preciso dar beijinhos, eu cá estou para dar beijinhos, se é preciso dar um raspanete, eu também estou. Mas isto é com todos porque isto até funciona assim ao nível dos pais, com os pais porque eu mesmo com os meus sogros sempre tive, então com a minha sogra sempre tive este tipo de relacionamento. Eu costumo dizer “Tanto te dou beijinhos como se for preciso também te dou tareia!” (risos), à minha sogra e ela sabe o que eu quero dizer porque tem de haver alguém que e ele é...é mole! (risos) É como se diz. Mas não é por que querer ser autoritária, tem que existir alguém e fui eu (risos). Eu sou a bengala da casa mas às vezes também é mau sermos porque eles todos têm encosto e eu vou-me encostar onde? Eles têm todos uma dependência muito grande de mim, os filhos e até o meu marido. O meu marido costuma dizer que só não se mete dentro de mim porque não consegue, agora imagina. Não sou eu, percebe? Você é psicóloga, ora veja, as pessoas às vezes dizem..., mas não é, faça o seu juízo, mas não é, que as pessoas dizem “Precisas de falar, precisas de te afirmar”. Eu? Eu só quero estar sossegadinha num cantinho a meditar e não me deixam! Mas sempre foi assim, percebe? Talvez não fosse assim sempre, vá, se isto tem a ver. Em crianças eu era muito ansiosa também. Eu era uma mãe que o meu marido ia... é assim, quando eu casei, ele ainda andava a estudar e quando a Joana nasceu, ela nasceu e ele andava a estudar à noite. Eu também era muito ansiosa. Os meus filhos foram nascendo e eu aí fiquei, eu era daquelas pessoas, o que me fez pessimamente por isso eu mudei radicalmente, portanto, eu era uma mãe de tal forma ansiosa que às vezes as pessoas dizem “Ah, tem a ver”. É capaz. Eu era daquelas pessoas que, isso foi horrível, que sofria antecipadamente, os meus filhos tinham 10 anos e eu imaginava os meus filhos aos 20, imaginava os maus filhos com a carta de condução, imaginava os meus filhos com drogas, aqueles medos, aquelas ansiedades, pronto. Não sei se aí de facto transmiti alguma coisa, agora que eu modifiquei totalmente de tal forma que a Joana disse ao namorado, eles namoram à seis anos e foi mais ou menos nessa altura que eu tive uma grande transformação pessoal, “Tu conhecestes agora a minha mãe mas a minha mãe não era nada disto”. Lá está, não era nada disto porque era ansiosa “Olha filha, não vás, tem cuidado”. Eu tinha muitos medos e não sei se transmiti alguma coisa... Já me perdi. Ah, aquilo de ser autoritária. Nunca tive necessidade de me afirmar, eu era é ansiosa, agora de me afirmar ou de querer mandar, de todo, eu acho que ninguém deve mandar em ninguém. Aliás, estou principalmente numa fase em que ninguém é de ninguém. As minha amigas dizem-me “Precisas de falar”, não preciso. Eu gosto de falar mas não preciso. Eu agora estou aqui a falar, não a conheço, mas se vier cá amanhã se calhar já não lhe falo assim. Eu preciso é de estar sossegada mas eu sou, como elas dizem, muito solicitada. Mas eu gosto de ajudar, acho que tenho esse dom. Eu digo muitas vezes ao Vasco “Oh Vasco, cresce!”. Ele é que tem uma grande dependência de mim. Houve uma altura em que eu tinha por ele, mais no início, mas aprendi muita coisa, lá está, por isso é que eu digo que estes caminhos ensinam-nos que a parte psicológica é fantástica, eu aprendi tanta coisa que eu digo “Eu não sou tua, tu não és meu, nós não pertencemos a ninguém. Oh pá, cresce, vive sem mim, não fiques com esse medo”, que ele tem a mania de dizer “Se tu morres, eu faço e acontece, eu vou para a terra, eu enfio-me lá na casa...” E eu “Por amor de Deus não faças isso, arranja outra gaja mas é!” (risos) Eu digo totalmente o contrário. Não sei o que é que eu tenho mas é isto. E depois há pessoas que não entendem e eu já deixei de explicar a amigos ou aos filhos, só nós é que entendemos, por isso é que somos um casal tão especial. Eu deixei de contar muita coisa porque sentia que às vezes as pessoas tinham, eu não gosto desta palavra, mas que tinham inveja e eu sentia isso na pele, então deixei. E nós agora estamos tão bem, tão bem, porque somos os dois, temos os filhos e temos as preocupações e eu sou uma pessoa muito activa porque tenho a casa, os filhos, o almoço para fazer, tenho dois cães e ainda tenho de pensar que o Universo me vai dar força para

SA

OPA

EL

PDFA

PDDOE

EMMA

CRPIN

PDFA

EP

OIF

PDDOE

ERMND

CRPIN

OIF

PDDOE

CRRES

AA

EAC

fazer isto e aquilo (risos), que eles ficam todos à minha espera e não fazem nada sem mim.

PDFA
PDDOE

E como é que gerem a vossa vida social, os amigos são os mesmos ou...?

Os mesmos. Houve uma altura que não, eu trazia os meus, quando casámos, ele... Eu trazia os meus, eu tinha os meus e ele tinha os dele, não é? Depois, quando casámos, houve ali uma altura que eu tinha, tinha um casal, uma amiga minha de infância, e ele não gostava muito dela. Quando casámos, primeiro do que ela... Mas eu sou uma pessoa com os pés muito assentes na terra e não sou influenciável, nunca fui, é um bem que eu tenho. E ele não gostava muito dela, embora nós partilhássemos muitas férias com eles e almoços, jantares, aquelas coisas naturais de casais. E ele não gostava dela até porque ela era um bocadinho leviana e queria, queria... Ele é que teve muito juízo mas eu também estava sempre por perto. “Ela não presta, ela não presta para ti”, já os meus avós diziam, mas eu nunca, eu tive de chegar a uma altura em que senti, e não foi por mim. Não me zanguei, pura e simplesmente deixei de contactar a pessoa. De contrário, que eu sou muito firme, isto já aconteceu umas duas ou três vezes não só com amigos, até mesmo com a minha própria família, se há pessoas que “Não faças, já fizeste demais e não ajudes tanto”, aqueles pontapés, e eu deixo, deixo, deixo. Eu tenho que sentir e só depois é que corto. Eu tenho de encontrar a altura certa e tem de sair de dentro e o meu marido a mesma coisa. E os nossos amigos, ele tem, portanto... não são muitos e cada um tem a sua vida, mas temos, temos para aí três casais, principalmente, mas é tudo em comum. Não somos de... Aliás, dantes, hoje já não é assim, as coisas são diferentes, mas, por exemplo, quando eu namorava com o meu marido, era impensável eu meter-me no carro com alguém, com outro homem, com um colega, o que hoje é tão banal. Eu não me choco, acho muito bem essa liberdade. Ah, eu tenho de lhe dizer e isto é importante, eu sou uma pessoa, e sempre fui, muito alegre, em miúda, eu tive uma infância muito bonita, eu não tenho nada de mal, nada que me marcasse pela negativa, desde criança, tive a separação dos meus pais mas fui eu que tive de os separar porque o meu pai é alcoólico e não havia nada a fazer, mas isso é outra coisa. Mas eu própria nunca tive nada de... Convivi muito com os meus avós e o meu pai ainda hoje vem cá e tudo, eu até trato dele se for necessário e o meu marido também porque o meu marido até aí, é que isso é muito importante no nosso relacionamento, eu costumo dizer e toda a vida foi assim, se um diz mata, o outro diz esfolia mas é tudo no bom sentido. Às vezes até dizia “Bolas, mas o que é que é isto? Nem há aqui um contra-senso?!”. Normalmente, num casal, por exemplo, o pai de alguém tem de ir para casa do casal, eu gosta mas o outro não gosta, aqui não. Se o meu pai precisar, ele está logo pronto e toda a vida foi assim. Nunca houve irritações ou zangas porque tu metes cá os teus ou eu meto cá os meus. Não, porque nós... Eu vou-lhe dizer outra coisa que eu costumo dizer sobre o casamento, não há segredos. É a coisa mais importante, é o amor e não haver segredos, ser tudo partilhado, ser tudo falado. Connosco sempre resultou assim. Eu não, eu sou incapaz de falar nos pais dele. Normalmente anda sempre tudo aí chateado por causa dos sogros, nas costas dele. O que eu tenho a dizer, digo-lhe “Realmente o teu pai ou a tua mãe ou a tua irmã...” e ele diz-me o mesmo. “Tens razão, realmente...” Até podemos não ter razão nenhuma, estar a falar nas costas das pessoas, mas é aquilo que a gente sente, está a perceber? Mas não há aquela coisa da “A tua família, a minha família”, não há, a gente diz o que tem a dizer. Sentimos e dizemos. E sempre foi assim e não há segredos. Eu não tenho um único segredo na minha vida, não tenho nada, nada, nada que o meu marido não saiba. E tenho a certeza absoluta que ele também não. Aí é que elas não gostam

AC

AROA

RCC

AC

PDCOE

ECF

EFD

PCCU
PDM

PCTR
PCP

PCTR

PCTR

quando eu digo “Tenho a certeza absoluta...” (risos) “Lá estás tu, como é que sabes?!” “Não tem, não teve, só me conheceu a mim. Quem de dera...”. Às vezes vamos ao supermercado e ele anda atrás de mim e não me deixa, e o amor e o carinho e não sei quê, e eu digo-lhe assim “Oh pá, tens aqui tantas gajas, olha para elas!” (risos) “Eu? Mesmo que quisesse elas não deixavam. Eu quero-te é a ti!” (risos). Isto é um exemplo, está a perceber como são as coisas? E eu estou para aqui a falar mas se ele não chega àquela hora, é logo “Olha, onde é que tu estás?” (risos). Percebe? Há aquela tal cumplicidade em tudo.

PCCF

RCPR

RCCT
PCCU

E o ter ficado em casa, foi uma decisão sua ou do casal?

Aí o ter ficado em casa, de início, foi uma decisão dos dois. Depois eu quis sair e ele não gostou muito, tenho que dizer a verdade. Não gostou porque o meu marido é muito ciumento. Era, já não é, mas era e muito possessivo. Essa parte aí também... Mas foi trabalhada por mim. Mas eu nunca admiti muito isso, realmente, porque... o mandar e ser obsessivo, isso não. Porque é assim, ele ainda tem um padrão antigo, atenção que ele não tem o padrão da vossa geração. Eu era muito alegre e ele era muito mais introvertido, por exemplo, íamos a um teatro ou a um cinema, eu adorava rir, rir, rir, ele não gostava, parecia mal. E aí nessa parte, com os anos, fomos andando, andando, e nós fomo-nos moldando, ou seja, eu hoje estou muito mais próxima dele e ele de mim, precisamente ao contrário, eu modifiquei-me nalgumas coisas e ele modificou-se. Portanto, ele é uma pessoa mais aberta. Em relação a eu estar em casa, ele nunca gostou que eu fosse trabalhar por conta de outrem, era sim senhora se abrissemos um negócio nosso, mas depois não foi calhando e... Eu penso que era um bocadinho isso porque, lá está, o padrão ainda existe. “Para quê? E onde há homens e mulheres é uma chatice.” E é (risos), tenho de confirmar porque é, e eu melhor do que ninguém sei. E eu fui-me modelando à situação. Mas não, a decisão de..., ele aí teve a sua cota parte de peso de eu não ter ido, teve. Lá está, estas coisas também são muito boas, se não isto era uma monotonia, uma chatice. Mas teve. E agora, que eu gostava muito de fazer qualquer coisa também, lá está, faço isto mas também gostava de sair para a rua e fazer uma coisa qualquer, inclusivamente até termos um negócio nosso porque isto está muito complicado, “Vê lá, conheces tanta gente nas lojas” “Agora? Agora não, filho. Agora estou velha. Que chatice.” (risos) “Não me deixaste, não quiseste naquela altura.” Mas pronto, foi um bocadinho... Estou para aqui a falar e se calhar os objectivos não são estes, que eu falo muito e vou buscar outras coisas. (risos)

PDCOE
OMMC
RCCT
RCDO

PDP

ERA

OMA

PDCOE

ERA
RCCT
PDM

RCV

E há alguma coisa que gostasse de acrescentar?

Bem, se o acrescentar servir para..., que não serve possivelmente, é que as pessoas quando querem casar ou juntar-se, se quiserem mesmo uma coisa a sério, terá que haver mesmo o amor, isto para finalizar a mensagem. É mesmo o amor que tem de prevalecer, mas é um amor puro porque não pode haver a ilusão porque, lá está, há muita gente que vai atrás de uma ilusão e a vida nem sempre é feita de ilusões e eu no meio do meu casamento tive coisas muito boas, muito facilitadas no início, e agora estou a vivê-las muito, muito, no aspecto...más, vá, a vida decresceu-me monetariamente, estou com dificuldades que nunca tive e nessas dificuldades é que se vê onde é que está realmente o amor. Aí está, quando nós casamos, e eu casei pela Igreja, é para o bem e para o mal, para a vida, para a morte, como diz o padre. É a tal história, terá que ser assim porque se não fosse assim, eu até venho de uma família muito... as famílias até eram humildes, as

PCA

MDF

PCCP

duas, vá, trabalhadoras, mas eu fui casar com o meu marido e eu, no meu casamento, tive quase 400 pessoas. Aquilo foi tudo assim uma coisa assim muito em grande, não é? Eu assustei-me um bocadinho. E as pessoas, na altura, da parte dele, até pensavam, porque o meu sogro já era construtor e já vinha toda a gente dos Bancos aos casamentos, se calhar pensavam “Esta, coitadinha, caiu aqui de pára-quedas e vem ao dinheiro.” É verdade, tenho que dizer isto. E agora viu-se que não (risos), ao fim destes anos todos. Portanto, aí está a ilusão porque se eu tive momentos muito bons na minha vida, e que nunca me faltou nada, e que nunca... eu também nunca fui uma mulher de excessos. Tivemos muitas viagens, muitas férias, momentos lindos com os nossos filhos e sozinhos. Não estamos agora numa fase tão boa monetariamente, que nos pode dar conforto como tivemos, mas estamos a superá-la muito bem, com uma energia muito boa. Inclusivamente, o meu marido emagreceu-me, para aí num ano, quase 10 quilos, andava para aí todo aflito porque o sistema nervoso afectou-o, e eu estou a engordá-lo, ele já engordou, que foi muito giro. É isso e “Vá, eu não te deixo ficar malquinho, e os pensamentos...” porque... Às vezes eu também estou em baixo e realmente tenho uma grande força, mas tem que haver a tal base e o tal amor e a tal franqueza porque se não há, se as pessoas se fecham e se as pessoas vão pelo pessimismo e pela falta de amor e pela falta de tudo, então não vão a lado nenhum. Não dá, não dá.

CREX

PCP

ONE

PCAP

PCA

PCHO

4-H

Nome: Vasco

Idade: 50 anos

Tempo Casamento: 26 anos

Tempo Namoro: 2 anos

Filhos: 3 (21, 24 e 25 anos)

Como é que se conheceram?

Bem, eu conhecia a minha mulher, pronto, por um acaso. Eu ia com uns amigos, com uns colegas do colégio, portanto eu tinha vinte...ora isto foi em 79...21, para aí uns 21 anos e estava a fazer o preparativos para, no dia a seguir, ir para Espanha, para Madrid. Então, andávamos lá a organizar as nossas coisas e há um que ia comigo para Espanha e que me diz “Olha, eu vou ter com umas amigas ali à Maternidade, que elas foram lá visitar uma colega, uma moça, e eu vou lá às 3 horas à saída e vou lá ter com elas. Se quiseres vir...” “Ok, está bem, vamos.” E pronto, lá fomos. Eu é que ia a conduzir o carro, é que levei o carro. Depois, apareceram as tais colegas dele, amigas dele, vizinhas lá de onde ele morava, portanto, umas delas era a Teresa, a minha futura mulher, e a outra era outra moça que o meu colega queria namorar, portanto andava todo entusiasmado com ela. (risos) Na altura eu namorava também, com outra rapariga, e, pronto, houve aquele encontro assim...assim breve, mas naquele dia aquilo houve logo uma química especial, uma coisa qualquer que houve logo ali e pronto. No dia a seguir fui para Espanha com ele e, no regresso, aquilo ficou sempre a... ficou logo ali a bater qualquer coisa, não sei. Isto foi... Portanto, o namoro que eu tinha com a outra rapariga começou também assim a patinar e, a pouco e pouco, começou a haver uma aproximação com ela e, pronto, ao fim de uns dois meses mais ou menos de eu a ter conhecido, começámos a namorar e, pronto, olhe, viemos andando.

CRPAF

E o que é que acha que os aproximou nessa altura?

Não sei... Houve ali uma atracção qualquer, não é?... Não consigo explicar bem o que é que é, é aquela... Deve ser assim que acontece à maior parte dos namoros ou dos... Houve ali qualquer química, qualquer coisa que me atraiu, aquela atracção. E, pronto, a partir daí desenvolveu-se uma relação, um sentimento e foi até hoje.

CRPAF

CRPB

ERC

E como é que foram esses primeiros tempos de namoro?

Ah, foi bom, foi bom. Foram felizes, foi muito bom. Fomo-nos conhecendo melhor, fomos gostando um do outro até que decidimos casar.

ERM CN
CA
CDC

E como é que tomaram essa decisão de se casar?

De casar? Eu na altura trabalhava com o meu pai e, portanto, havia possibilidades económicas na altura, não havia... e eu queria era... andámos dois anos a namorar e eu, pronto, queria ter a minha independência, queria estar sozinho, sem os pais, queria que assumíssemos a relação que estava mais do que consolidada nesse aspecto, e, então, decidimos casar. Tinha de ser. Eu, na altura, tive a possibilidade de ter uma casa logo, o meu pai deu-me uma casa. Então, foi assim.

CCF
CL
CCO
CI
PAFI

E como é que foram os primeiros tempos de casados?

Foi fácil, foi fácil. Não houve assim nenhum choque entre nós. Foi tudo natural, quer dizer, não houve nada assim que ficássemos espantados um com o outro fora do que estávamos habituados. Quer dizer, foi-se construindo a relação normalmente e, pronto, não tem nada de especial. Correu sempre bem, quer dizer, mais ou menos, há sempre um atrito ou outro, não é? Mas isso ultrapassou-se bem. Entretanto, começaram a aparecer os filhos e, olhe, é assim.

PCE
ERCS
CRB

E como é que foi tomar a decisão de ter filhos?

Na primeira, a Joana, nós tivemos a consciência de... não apareceu por, digamos, um acaso. E, quando eu soube, foi aquela reacção de saber que ia ser pai, de pensar como é que vai ser, daquela... Eu gostei muito, foi uma felicidade muito grande quando vi a miúda na Maternidade, a primeira vez que a vi, o primeiro impacto, quer dizer... Ainda hoje tenho gravado na memória a primeira sensação quando a vi, quer dizer, eu a olhar para ela, a espreitar, sei lá, deu-me a sensação de ver a minha cara nela, logo quando ela era pequenina. Quer dizer, houve ali logo uma sensação de continuidade, não sei. Foi uma sensação mesmo única.

PCPF
MNF
FE
FCO

E sente que o facto de terem filhos alterou a vossa vida de casal?

Quer dizer, alterar, pronto, os filhos prendem-nos sempre um bocado em termos de saídas, embora a gente nunca foi assim de grandes saídas, quer dizer, não foi por causa deles que começamos a sair menos. Ou seja, para mim não me fez grande diferença nesse aspecto. Nós sempre gostámos de andar... os dois sozinhos, quer dizer, nunca tivemos grande necessidade daqueles grandes convívios, daquelas grandes saídas, pronto. Portanto, nós fomo-nos sempre adaptando à situação dos filhos, foram aparecendo, foram crescendo, portanto, lidámos sempre bem com essa pseudo-prisão, que é uma prisão. Mas pronto, não nos afectou assim nada de especial.

FL
CRAS
FAD
FL

Quais é que considera que foram os momentos mais marcantes da vossa história?

Não estou a perceber... Momentos...?

Momentos mais determinantes, momentos que recorda mais intensamente.

Portanto, eu não tenho assim um momento que eu me recorde, assim um momento especial que me tenha marcado, não estou a ver. Isto... Pronto, nós estamos casados há 26 anos, não é? E acho que tem corrido, isto na minha opinião, tudo normal, não acho que tenha havido assim... especial, especial...um momento marcante... não estou a ver. Quer dizer, a nossa vida tem sido sempre, quanto a mim, tem corrido bem, penso eu, e não estou a ver assim uma coisa especial.

CRB

E o que é que considera que os une, que os tem mantido unidos?

Sei lá, o amor, não sei. Nós gostamos, sentimos sempre... Há um apego muito grande, uma atracção muito forte. Tenho a sensação de não conseguir viver sozinho, sem ela, digamos, e sinto da parte dela a mesma coisa. Quer dizer, há aqui uma cumplicidade muito grande sempre, nós sentimos que há uma coisa muito forte a unir-nos. Pronto, não sei explicar muito bem o que é que será mas penso que será o amor ou qualquer coisa assim. Mas que há uma coisa muito forte, há. Até hoje temos. Pronto, já tivemos as nossas zangas, tivemos aqueles dias mais coisinhas, andámos ali uns dias..., mas isso é normal nos casais, não é? Acho eu.

PCA
PCAF
CRRA
PCCU
PCA

RCB

E como é que costumam resolver essas situações?

Vão naturalmente, não sei. Aquilo vai... Nós podemos andar zangados, sei lá, três, quatro, cinco dias zangados, que não nos falamos, com aquela coisa ali, mas depois, não sei, há ali um clique qualquer, um momento em que, pronto... Normalmente ela é que cede, cede no aspecto de tomar a iniciativa de começar a falar porque eu, quer dizer, é aquele orgulho que eu tenho, que está ali, e eu não consigo tomar a iniciativa de acabar com aquela... Às vezes são mesmo parvoíces, mas pronto.

RCA

RCCO
RCO
RCDE

E foi sempre assim?

Sim, exacto, nunca houve grandes discussões, aquelas coisas de nos tratarmos mal uns aos outros, aquelas coisas não. Pronto, há é aqueles arrufos que, digamos, às vezes por coisas insignificantes, coisas que não têm nada de especial mas, pronto, cria-se ali aquele mal estar e depois estamos ali três ou quatro dias assim. Não sei, se calhar até é bom, ajuda a quebrar a rotina. E temos indo, vamos andando.

RCDE
RCA
PDM

E sente que houve alguma fase em que tivessem mais discussões?

Não, quer dizer, não sei. Não tenho... Isto também já são muitos anos, quer dizer, não

sei. No início, penso que talvez houvesse mais, mais pela juventude e as discussões eram um bocadinho mais aclaradas, não sei. Mas nunca fomos assim de grandes discussões, grandes zangas. Foram sempre coisas passageiras, não é? Penso que nada de grave, digamos, que não seja normal nas pessoas, na relação das pessoas. Quando duas pessoas estão uma com a outra, há sempre aqueles momentos, faz parte, penso eu. Mas nunca nada de especial.

ERMNC
ERRCC
RCB

E o que é que acha que os separa?

O feitio, pronto, cada um tem o seu feitio, a sua maneira de ser. Ela é mais... digamos, eu retraio-me um pouco talvez, não consigo às vezes expressar, dizer aquilo que quero. Se eu tenho algum problema por causa de certas situações ou pessoas, às vezes custa-me, sou capaz de engolir em seco, mas não consigo explodir e ter aquelas reacções espontâneas. Ela é mais, pronto, se houver uma coisa qualquer que ela ache que não está bem, ela é capaz, não tem problemas nenhuns, na altura, de pôr tudo em pratos limpos e aquelas coisas e eu nisso, pronto, tenho um feitio muito mais, não sei, muito mais reservado, mais... vou aguentando mais as situações. Portanto, ela é mais explosiva nessas coisas. É assim esse... Basicamente acho que é assim esse... Considero-me um bocadinho mais calmo, digamos, e ela, não digo nervosa, mas é...tem menos, não sei se é poder de encaixe, mas ela reage logo e eu tento levar sempre as coisas mais calmas, sem grandes discussões. Mas, pronto, acho que basicamente é isso, os feitios. E isso às vezes dá discussões, não é? E ela comenta, às vezes comentamos as coisas que nos vão acontecendo e ela, de vez em quando, começa a... porque é que eu não reajo ou porque é que eu não grito, porque isto não pode ser assim e não sei quê, “devias fazer assim, devias fazer assado, devias falar, devias dizer”, pronto, fica ali um bocado excitada, nervosa na altura naquela discussão mas depois, pronto, cá nela e admite que, pronto, eu tenho o meu feitio e ela tem o feitio dela e que não somos iguais e que temos de nos respeitar. É assim, não se pode, acho eu, que isto é difícil de nós conseguirmos, modificar assim muito a nossa maneira de encarar as situações.

PDP
ERE
EPA
OEX
ECA
PDNIO
RCE

E como é que costumam tomar as decisões?

Bem, nisso, vai-se falando. Qualquer assunto que tenha de ser resolvido vamos dando a nossa opinião um ao outro, vamos comentando o que é que fazemos, o que é que não fazemos, como é que havemos de fazer. É sempre em conjunto, quer dizer, não há nenhum que tome a iniciativa sem ligar à opinião do outro, digamos. Não, conversa-se sempre e não há assim aquelas iniciativas tomadas sem falar um com o outro, pronto, não temos assim... Também não temos assim grandes decisões para tomar, mas é sempre comentado entre os dois, é sempre conversado quando há qualquer coisa que se vai fazer, ouvimos sempre a opinião do outro.

PCDC
PCCO

E em relação aos filhos, por exemplo?

Sim, eu penso que a minha mulher é mais interventiva nesse aspecto, ela é que, digamos, conversa mais com eles, pronto, penso que ela nesse aspecto é que lidera essa situação, deles, da orientação deles, dos problemas disto e aquilo. Ela tem mais, sei lá, aquelas conversas em família com eles, ela é que toma normalmente essa iniciativa, digamos,

PDAS

essa parte cabe-lhe mais a ela. Ela é que tem mais protagonismo e ela é que tem... Sinto, pronto, que ela tem mais poder de conversação disto e daquilo, portanto, ela é que toma a iniciativa e começa a falar, a falar e eu, pronto, vou fazendo os comentários que acho que tenho de fazer. Mas ela é que normalmente tem mais essa preocupação de os ir orientando nisto ou naquilo, conselhos e mais isto ou aquilo.

FDM
OC

E sente que conseguiu conjugar a sua vida profissional com o casamento ou teve alguma dificuldade?

Não, nesse aspecto não. Consegui... Pronto, tive sempre... O meu trabalho... Hoje, actualmente, tenho um trabalho diferente do que quase sempre tive toda a vida, mas pronto, nunca houve dificuldades em conjugar as coisas ou ter ausências. Nunca senti que não conseguisse acompanhar. Felizmente, nesse aspecto tive sempre facilidades, pronto, trabalhar próximo, sempre com disponibilidade de tempo mesmo para qualquer problema que surgisse em qualquer altura. Sempre consegui acompanhá-los, portanto, nunca tive...nesse aspecto nunca houve problema nenhum, de eles terem dificuldades nisto ou naquilo. Estive sempre a acompanhá-los em tudo, quando eram mais novos ia buscá-los para os almoços, praticamente almocei sempre em casa também com eles, sempre tive essa preocupação. Almoçar e jantar, pronto, fiz sempre mais ou menos aquela vida familiar de acompanhamento, sempre presente. Também nunca fui muito absorvido pelo trabalho, nunca trouxe trabalho para casa, pronto, nunca tive de pô-los de parte por causa disso, não, felizmente não.

FMQ

FMQ

E como é que funcionam em relação aos amigos?

Os nossos amigos, quer dizer, também não temos, digamos, assim grande círculo de amigos, quer dizer. Temos alguns, já tivemos mais, outros que pensávamos que eram mais amigos do que de facto eram, pronto... Ela também não tem... Ela tem três ou quatro amigas mais coisas, que eu não acompanho com elas em certas alturas, mas não temos assim... É que nós andamos praticamente quase sempre juntos, eu não tenho um grupo de amigos com que vou confraternizar ou para os copos ou isso com eles. Eu não vou, portanto, ela também não vai. Sempre fomos muito, muito...digamos, muito agarrados, sempre estivemos os dois e não há essa coisa de ela estar de um lado e eu estar noutro. Então, normalmente, os meus amigos são os amigos dela.

ERIS

AS
PCP

AC

E foi sempre assim?

Foi, foi... Claro que ao princípio, quando eu não a conhecia, por exemplo, quando namorávamos, era diferente. Naquela fase andava sempre com ela mas, pronto, depois também tinha o meu grupo e íamos... Mas, pronto, desde que assumimos o casamento, eu modifiquei-me, alterei muito... dediquei-me. Casou, casou, então agora... Modifiquei-me até em muitos aspectos, mas pronto, não foi...aconteceu tudo naturalmente, não senti assim choques por acabar com aquelas noitadas com os amigos e aquelas brincadeiras. Isso acabou e não senti, digamos, pena nenhuma, não tive grandes problemas nesse aspecto.

EMMB

E como é que é a sua relação com o resto da família, pais, sogros...?

Nunca tivemos problemas, zangas e essas coisas, quer dizer, não estou zangado com ninguém. É uma relação normal. Também não temos assim grandes convívios, que eles também estão separados, os meus sogros, está um num lado, outro no outro. Mas, quer dizer, quando é preciso estamos com eles, não há problema. Está tudo...

SD

E no início, como é que foi o contacto com eles?

Foi bom, foi bom, tanto de uma parte como da outra. Foi tudo aceite normalmente, tanto de uma parte, como da outra. Não houve assim... Foi tudo bem integrado, sem grandes complicações. Bem, havia sempre aqueles comentários, às vezes o meu pai dizia “Vê lá...”, pronto, aquelas coisas e aqueles grandes conselhos disto ou daquilo. Mas não, eles acreditaram em mim e... pronto, que eu a tinha escolhido para minha mulher. E não houve cá pressões de nada, aquelas pressões do “Tens de fazer assim ou assado”, não, deram-me essa liberdade. Nunca senti nada de especial, foi tudo normalmente, calmamente, pacificamente.

CRPAE

CRPRE

E quais são as características da sua mulher que aprecia mais?

Para mim é a mulher perfeita. Tem tudo para... não vejo, digamos... Pronto, acho que é uma boa esposa, uma boa mãe, uma boa dona de casa, uma boa... Pronto, ela agora está em casa, ela não tem emprego, mas está... Para mim está tudo bem, embora ela abuse um bocado na entrega à casa, digamos, à lida da casa. Ela ocupa bastante o tempo dela às vezes e ela diz que é mesmo assim, que tem de ser, mas eu...pronto, tenho outra maneira de ver. Ela agarra-se muito à limpeza da casa, a isto àquilo, quer dizer, vive muito, absorve-se muito com a lida da casa, digamos. Pronto, e às vezes não há tempo para estarmos mais... estarmos um bocadinho a falar ou darmos uma volta, pronto. Não, está sempre presa ou por isto ou por aquilo, “Eu tenho isto para fazer”, passar ou lavar ou isto ou aquilo. Ela gosta da casa.

PCI
FMQO
OPR
PDPR

PDFM

E foi sempre assim?

Sim, sim, não, ela sempre foi... Pronto, penso que até nem era muito normal, digamos, mesmo na nossa geração, as raparigas jovens na altura serem já aquele tipo como eu tinha o exemplo da minha mãe, daquelas senhoras mais preocupadas com a casa e a casa. Pronto, e ela penso que é diferente, e é, da maioria das mulheres, na altura raparigas como ela, que não ligavam tanto a essas coisas. Não sei se foi isso também que me fez ver nela um exemplo que tinha em casa. Nós vivemos, quer dizer, os rapazes, penso eu, temos aquela ideia de ter alguém e já que vamos largar a nossa mãe e a casa, ter alguém que vá continuar a tomar conta de nós, não é? (risos) E eu nesse aspecto... correu-me bem, digamos assim (risos). Tenho sempre comidinha boa, como eu gosto, nunca houve problemas. Pronto, ela é completa para mim, boa cozinheira... Pronto, eu para ela também penso que ela não se sente mal comigo também. Eu também não sou de ela estar em casa e eu ir para os copos ou para aqui ou para ali e deixá-la, não. Estamos os dois ou vamos sair os dois ou estamos em casa os dois, pronto. Normalmente andamos sempre

PM

CRM
OPR
PCI

PCP

os dois.

Alguma vez pensou em separar-se?

Não, em separar-me não. Às vezes, e isso é normal, naquelas zangas, há ali momentos de isolamento e então uma pessoa começa com aquelas imaginações e começa a pensar “Mas porquê? Eu gosto dela...” e, sei lá, a cabeça não pára e a pessoa está naquele stress e “Mas então e separar?”. Só que aquilo é tudo esquecido logo e depois há o reencontro e passa tudo logo. Isto do separar não é por não gostar dela, é mais naquelas situações, pronto, não nos falamos, estamos ali um dia ou dois que andamos de costas voltadas, digamos. E penso, mas penso não é por não gostar dela. E depois começo “Vou-me embora”, mas vou-me embora para onde? (risos) E vou fazer o quê? Mas eu acho que isso não é nada de... Isso do separar é assim. Quando as pessoas não se zangam e andam sempre bem, aí é que começo a pensar que andam a fingir qualquer coisa e eu com ela, nós não fingimos nada, não andamos a representar nenhum papel, gostamos um do outro e pronto. E isto não acontece com muitos casais, que eu sei, não é? Estão juntos e tal, mas andam a fazer o papel, o chamado papel de casados, mas já não existe praticamente nada na relação. Penso que o nosso caso não é assim. Eu pelo menos, e acho que ela também, continuamos apaixonados, gostamos um do outro e, pronto, vamos andando até... olhe, até ao fim.

PCA
RCHR

RCA

RSDE

PCA
CRRES

PCA
ERC

E partilham planos para o futuro?

Olhe, isto de planos para o futuro... Presentemente estamos numa situação muito complicada e a nossa vida alterou-me muito... Pronto, eu comecei a trabalhar, quer dizer, a ser empregado há dois anos, que eu sempre fui dono da minha empresa, primeiro com o meu pai, desde miúdo. Só que isto complicou-se de há uns anos para cá, o negócio complicou-se e, pronto, nesse aspecto a nossa vida deu uma grande volta, não é? E, presentemente, estamos todos a sofrer porque nesse aspecto monetário, pronto, não há, isto está muito complicado, estamos sempre a pensar no que é que vamos fazer, no que é que havemos de fazer. Mas, pronto, isto nos negócios, a situação não está nada famosa. E então não sei, andamos aqui num impasse muito grande. Ela anda à procura também, ver se consegue arranjar um emprego qualquer para ela, que ela nunca foi empregada, esteve sempre em casa, mas isto alterou-se de tal maneira que ela também quer ajudar, ter um emprego, mas também não consegue. E então isto, não sei, está aqui um problema muito grande, mas não sei até onde é que nós vamos. As despesas são muitas, não é? Adquirimos, digamos, um certo nível de despesas que agora não conseguimos voltar para trás, reduzir, pronto, são fixas, basicamente com a casa. E, pronto, os rendimentos diminuíram muito, não é? Andamos a fazer uma ginástica muito grande e temos andado a pensar o que é que devemos fazer, temos várias soluções mas não está fácil sair desta situação. Não sei como é que a gente... como é que vamos resolver isto. Pronto, temos andado a ver, há várias soluções, vender a casa e comprar uma coisa mais pequena, pronto, para diminuir despesas e termos um fundo de maneio, digamos, um dinheiro para investir numa coisa qualquer, mas isto não está fácil, mesmo nada fácil. Pronto, estamos numa idade complicada, aos 50 anos a pessoa nem é muito velha nem é nova, quer dizer, fui apanhado a meio da ponte. Não sei... O que me está agora a dar cabo da cabeça, digamos, é isto, é esta situação.

MDF

CRFI

E como é que têm vivido essa situação como casal?

Temo-nos confortado um com o outro e temos... Pronto, ela tem aceitado bem esta situação, que isto, pronto... Nesse aspecto, felizmente, temos sido os dois muito unidos, estamos a sofrer os dois em conjunto. Estas situações às vezes podem dar origem a grandes problemas nos casais, desentendimentos, digamos, que podem mesmo dar origem à relação desintegrar-se e nós temos estado os dois a aceitar bem, a aceitar o que nos está a acontecer, pronto.

PCAP

PCP

CRRES

Sente que esta situação os aproximou?

Eu penso que sim também. Temos, digamos, eu penso que isto ainda nos está a unir mais um ao outro. Precisamos um do outro e estamo-nos a agarrar mais um ao outro, nesse aspecto acho que sim. Se um cair, vamos todos, quer dizer, não há um que queira abandonar o barco, portanto, estamos os dois e, olhe, vamos andando os dois lá para cima ou mais para baixo ainda, não sei. Mas pronto, presentemente, nenhum pensa em fugir, digamos, acho eu. Até onde não sei. O que nos aconteceu, eu pensava que era só aos outros que acontecia. Eu há três, quatro anos, nunca imaginava, pronto, que ia estar a passar pelo que estou a passar agora, não é? Nunca me passou isso pela cabeça há uns anos, pensava que isto só acontecia aos outros. Bem, mas tudo se há-de resolver...

ERMU

CRRA

Não sei se quer acrescentar alguma coisa sobre o seu casamento, sobre a sua experiência...

Pronto, o casamento é... Se as pessoas se amam, é muito bom, se se gosta... Eu, por mim, o que eu tenho a dizer sobre o casamento é que, até à data, foi bom, Continuo a ter, ainda ao fim destas anos todos, uma paixoneta muito grande pela minha mulher, temos os nossos filhos, a nossa vida familiar, pronto, nesse aspecto tudo bem. Portanto, eu não me posso queixar do casamento, não é? O que não é muito vulgar hoje em dia, haver assim casamentos que durem tanto tempo. Não é só o durar, é haver cumplicidade ainda, pronto, que há muitos casamentos que sabemos que as pessoas estão casadas, já são velhas e estão casadas, mas já deixaram de ser casal há muitos anos. E nós, nesse aspecto, consideramo-nos, penso eu, um casal apaixonado, sempre. É uma relação muito forte. Mas tenho pena, que havia coisas que eu gostava e não lhe posso, pronto, presentemente então é impossível, que eu gostava de ir com ela passear, fins-de-semana, viajarmos os dois, só que não há possibilidades financeiras neste momento. Se pudesse, gozávamos mais a vida, digamos, ter outras... dar-lhe outro... que ela merece, mas pronto. É só isso que eu tenho pena, de não poder, que ela merecia e nós merecíamos, penso eu. Mas pronto, vamos vivendo o dia-a-dia com amor, pronto, isso é a base do casamento e da relação. É assim.

PCA

ERC

PCCU

CRRES

PCA

Casal 5

5-M

Nome: Manuela

Idade: 48 anos

Tempo Casamento: 27 anos

Tempo Namoro: 1 ano e meio

Filhos: 2 (23 e 19 anos)

Como é que se conheceram?

Conhecemo-nos... Ora, nós conhecemo-nos em mil..., agora tinha de fazer contas, mas nós fazemos agora 28 anos de casados e namorámos ano e meio. Portanto, nós conhecemo-nos talvez em 77, agora não tenho muita certeza das datas, mas conhecemo-nos...Portanto, o meu marido tem uma diferença de sete anos e meio de mim, o que agora não é muito visível, mas há 28 anos... Portanto eu tinha 18 anos e ele tinha mais sete anos e meio e eu estava a estudar, estava a fazer o meu 7º anos, correspondente agora ao 11º, e ele já trabalhava. Se calhar já estou a responder a muitas perguntas! Corte-me a palavra, que eu falo imenso (risos)! Portanto, ele trabalhava perto do liceu onde eu estudava e aquilo tinha uma biblioteca, daí o conhecimento, e eu e uma amiga minha costumávamos ir estudar para essa biblioteca e depois íamos lanchar ao 7º andar e foi aí. Enfim, vimo-nos, a minha amiga apaixonou-se perdidamente pelo amigo dele, eu não me apaixonei coisa nenhuma por ninguém, só que depois as coisas aconteceram, começámos a conversar e, pronto. Depois namorámos ano e meio e casámos ao fim desse período. Conhecemo-nos nessa altura.

CRPA

ECM

E como é que foi esse início?

Olhe, foi assim, não foi fácil pelo seguinte, o meu marido, portanto, eu sou o segundo casamento e na altura ele estava em fase de...tinha-se separado há um ano sensivelmente, talvez não tanto, depois, quando começámos a namorar, para aí passados 6 meses, ele começou a tratar do divórcio. Não foi fácil, não para mim, mas em termos familiares. Eu sou filha única, vivia só com a minha mãe e a minha mãe queria um príncipe encantado, solteiro de preferência (risos). E não foi fácil porque houve uma reacção negativa da parte da minha mãe e eu tive que, enfim, tive de reagir e de bater o pé, coisa que eu não estava habituada a fazer. Depois, por outro lado, foi uma fase engraçada, a fase do namoro, porque também foi uma descoberta da minha parte, que isto, repare, vamo-nos reportar há 28 anos atrás, que isto não era como agora, além disso eu tinha uma mãe muito rígida, que achava que tinha de ser mãe e pai, aquela velha mistura do “Já que não tens o pai...”, que os meus pais separaram-se eu tinha 12 anos e ela achava que tinha o

CRPRE
PC

EPA

PR
EFD

dobro da responsabilidade. Eu até era uma miúda muito certinha, mas não tinha ordens para sair à noite, eu não saía à noite, o meu horário de entrada em casa era às 8 da noite, em dias de festa à meia-noite, era um bocadinho complicado. O meu marido, na altura, repare, eu tinha 18, ele teria 25 anos, estava num período pós-separação em que, enfim, teria talvez uma liberdade maior, mais experiências, e de certo modo eu era uma novidade porque também... Quer dizer, embora isto tenha sido há 28 anos, não era, e eu sei que não era pelas minhas amigas, muito normal com 18 ou 19 anos a mãe não deixar os filhos saírem à noite e eu não tinha ordem para sair à noite. Isto também, se calhar, entusiasmava-o, não sei, digo eu. Eu sinto que, na altura, mesmo quando depois conheci os amigos dele, era um bocadinho ave rara (risos). Pronto, mas foi uma fase engraçada porque, tirando essa parte mais negativa, que foi complicado lá em casa, e, pronto, eu depois estava a estudar e a minha mãe já pensava que eu não ia tirar o curso e que me tinha perdido e que namorava com um homem casado, que ele não era casado coisa nenhuma, mas enfim (risos), e então aquilo foi uma desgraça. E ainda por cima ele tinha uma filha. Tem uma filha aí com uns trinta, a Catarina deve ter aí uns 33 anos, 32 ou 33. E isto para a minha mãe foi uma coisa horrível. Pronto, mas isto é a parte mais negativa. Depois a parte positiva é porque realmente...pronto, estávamos apaixonados e dávamo-nos bem e para mim foi uma descoberta. Se por um lado, para ele, eu sinto que, às vezes quando falamos nisso, foi uma novidade porque não era... quer dizer, eu usava meias pelo joelho, também era muito menina na altura, portanto, já tinha tido alguns namorados mas nada de sério, portanto era assim uma descoberta também, da parte dele. Da minha parte, também porque ele sabia muito mais que eu, sei lá, nunca tinha namorado com um homem tão velho (risos), os meus namoricos tinham sido da minha idade, basicamente, mais ano menos ano, e, portanto, tudo era novidade. Depois claro que eu tinha de arranjar uns subterfúgios e às vezes ficava a dormir em casa de uma amiga minha e depois ia sair à noite, claro. E pronto, foi a descoberta, foi giro. Mas é engraçado porque toda a minha descoberta, entre aspas, da noite e das discotecas e não só, enfim, basicamente começou por ele.

E como é que tomaram a decisão de casar?

De casar? Pronto, é assim, a nossa fase de namoro foi sempre muito complicada, foi sempre com a minha mãe a..., enfim, a opor-se, mesmo depois de o conhecer não foi fácil, foi sempre...ainda hoje às vezes é complicado (risos). Tomámos porque, é assim, eu entretanto acabei o 7º ano, portanto, nós namorámos ano e meio, depois, quando eu o conheci, eu conheci-o talvez a meio do ano lectivo, depois acabei esse ano e depois nós tínhamos o ano propedêutico para nos candidatarmos à faculdade, candidatei-me mas não consegui entrar, e depois, é assim, ele tinha casa e eu continuava a não conseguir sair à noite, horrível (risos), já tinha um namorado assumido e não podia sair à noite, e, pronto, e depois tomámos a decisão, sei lá, tinha de ser, foi basicamente isso. Não é que não tivéssemos vontade de estar juntos, mas se calhar não teria precipitado. Não houve uma precipitação, digamos assim, mas ao fim e ao cabo não estávamos à espera de nada. Ele trabalhava, eu não trabalhava mas ia tirar o curso, só que, entretanto, naquele ano que não entrei para a faculdade e não ia fazer nada, então arranjei trabalho e não estávamos propriamente à espera de nada, tínhamos casa e casámos, foi assim.

E como é que foi com a sua mãe nessa fase?

Ela nunca aceitou. Pronto, acabou por se render, que não havia nada a fazer, não é? Não havia mesmo nada a fazer. Mas não foi fácil. No casamento, ela estava com um ar tristíssimo, portanto, foi um casamento como eu sempre desejei, normalíssimo, eu não me podia casar pela Igreja mas também não fazia tensões de o fazer, não tinha intenção de o fazer, mas não me podia casar pela Igreja porque o primeiro casamento dele tinha sido religioso. E foi assim um casamento triste para eles, para mim foi ótimo (risos), mas para a família..., foram poucas pessoas, portanto, foram só os meus sogros, a minha mãe e mais meia dúzia de pessoas, éramos 13. Para mim foi bom porque eu não queria um casamento grande nem seria importante para mim casar, mas pronto. Não queria um casamento grande, não queria festa, não queria nada, não fazia tensões de, enfim, ter esse tipo de festividade. Eu porque não queria, e a minha mãe e os meus sogros, nunca percebi muito bem, são pessoas com quem eu, quer dizer, relaciono-me mas não... enfim, há uma distância muito grande entre nós. Então, eu, portanto, deu-me jeito, que a minha mãe não queria estar a festejar nada com certeza, que se eu casasse com o tal príncipe encantado, ela faria questão que eu tivesse um grande casamento, portanto, foi assim. Não reagiu nem bem nem mal, assumiu que era assim, que não havia nada a fazer.

CREX

CAM

SD
SOR
PC

E sente que essas questões familiares afectavam a relação?

Não, nunca. Nunca afectaram a relação, nunca. Mas nunca mesmo porque eu acho que assumimos muito bem, ele que eu seria a mulher que ele queria e eu também, embora isto seja daquelas coisas que acho que toda a gente que vai viver junto acha que é o homem que quer, não é? Mas, até hoje... as coisas correm muito bem.

PCI
CRB

E como é que foram os primeiros tempos de casados?

Ah, foi ótimo porque eu aí pude fazer tudo e pude acompanhá-lo, porque eu ficava doente por pensar que ele, sei lá, deixava-me em casa às 8 horas e que depois ia sair e que, eventualmente, que ele sempre foi um homem muito requisitado, porque eventualmente encontraria outras namoradas e estaria com outras pessoas e eu achava aquilo uma coisa de outro mundo, portanto, a partir daí, eu passei a acompanhá-lo sempre, portanto foi muito, muito, muito positivo. E também porque eu, por até alguma incapacidade minha de rebelar, entre aspas, eu adoro a minha mãe, ela adora-me, não tem nada a ver, mas por alguma incapacidade minha de dizer, de bater o pé, só bati o pé quando ela não queria que eu namorasse e eu disse “Não, aqui eu vou namorar!”, e disse “Não, então eu vou sair de casa” e aí ela recuou, pronto, e aceitou, enfim, mas por alguma incapacidade minha também e algum sentimento de culpa que eu ainda hoje tenho, sei lá, porque os meus pais separaram-se e a minha mãe é uma pessoa fabulosa e trabalhou imenso e foi complicada a fase de separação deles e, enfim, ela ficou com imensas dívidas para pagar e ela trabalhou sempre imenso para que eu tivesse tudo e talvez este sentimento de culpa, que eu ainda hoje às vezes carrego... Ela fez tudo e ainda hoje continua a ajudar, que eu depois fiz o curso casada, os dois últimos anos já com a minha filha e tive realmente, só consegui porque tive uma ajuda muito grande da minha mãe, claro que do meu marido também, mas da minha mãe. E este sentimento de culpa... Mas o que é que me perguntou? Agora baralhei-me.

RCCT
PDCEOEPA
PA
CRPREECL
PA
EFDECL
PDF
PCAP
ECL

Estávamos a falar dos primeiros tempos de casados...

Ah, pronto. Estava eu a dizer, para mim foi a 200 por cento porque, para além de estar com a pessoa de quem eu gostava, foi uma descoberta porque podia sair à noite, porque não tinha de dar satisfações, não tinha hora para chegar a casa, porque ia com ele, não é? Portanto, foi realmente muito, muito, muito positivo. Houve um período, a seguir, talvez um ano, penso eu, em que passou um pouco aquela fase, não é do encantamento, que ainda hoje, às vezes, tenho períodos de encantamento, mas não é isso, de euforia, de pensar “Ah, que bom, agora já posso fazer tudo, já posso sair à noite”. Quer dizer, cansei-me, não é? Não era isso que eu queria (risos). E houve ali um período de alguma...de algum choque, de adaptação. Eu sou um bocadinho caprichosa...era! Um bocadinho mimada...isso ainda sou, mas era, e nem sempre as coisas às vezes corriam bem porque, sei lá, porque a fase da lua-de-mel acabou, porque acaba sempre, não é? Pronto, mas depois ultrapassámos dois ou três períodos, eu não posso dizer que foram difíceis, não posso, eu poderei dizer alguns dias mais difíceis, dias e não períodos, em que se questiona um bocado “Mas é isto que eu quero?” ou vice-versa. Chegámos a conversar “Mas é isto que nós queremos?”. Mas, no fundo, sabíamos que gostávamos um do outro, mas não sabíamos bem porque eu às vezes fazia umas birras e que, na maior parte das vezes, era por minha culpa e eu também, de certa forma. Se calhar, aquele período em que mostrava a namorada, e nesta altura a mulher, a toda a gente, porque era diferente, enfim, era jovem, muito jovem, e depois houve ali um esfriamento, não sei. Porque o primeiro ano foi realmente muito bom, muito bom e depois não posso dizer que foram anos difíceis, não, houve dias mais complicados em eu questionava “Se calhar foi precipitado, se calhar eu só queria...”, independentemente do gostar, que isso nunca esteve em causa. Mas ultrapassámos, portanto não... E depois, realmente, com o passar dos anos, houve uma consolidação e acho que agora temos mesmo a certeza de que vamos ficar juntos até ao fim, achamos nós (risos).

CA
CLCRPE
ERCIEMMB
ERA

ERES

RCHR
PCA
RCCU

ERES

CAM

ERE
CRFC

E sente que, nessa fase, tiveram de fazer acertos?

Alguns. Eu tive de passar, sobretudo, a ser menos caprichosa, menos mimada e ele teve que... porque, sei lá, ele estava habituado a sair sempre, o meu marido não tinha propriamente um horário, não tem, mas não tinha um horário muito rígido, tinha alguma flexibilidade, eu depois, no ano seguinte, entrei para a faculdade e estava a trabalhar e tinha de compensar as horas que faltava quando tinha aulas e se eu tinha aulas à tarde, tinha de estar no trabalho às 8 da manhã, e se eu me deitava às 4 da manhã, eu não aguentava e ele queria deitar-se na mesma às 4 da manhã e eu dizia “Não vou”, “Então vou eu” e a discussão era basicamente por causa disso. Até que ele percebeu que, realmente, assim não podia ser e acalmou também um pouco. Portanto, foi basicamente isso.

EMMC

PDPR

PDIN
OMMB

E depois como é que tomaram a decisão de terem filhos?

É assim, eu sempre quis ter filhos. Aliás, eu hoje tenho 48 anos e ainda acho que, se me sair o Totoloto, hei-de ter outro filho (risos). Gostaria de ter. Tenho dois filhos, tenho a Teresa com 23 e o Frederico com 19. Portanto, tivemos filhos 4 anos depois. A Teresa nasceu, exacto, tinha eu 24 e eu casei aos 20. O Zé já tinha uma filha, no entanto, o relacionamento...era normal, fins-de-semana, e eu queria muito ter filhos. Nunca houve, da parte dele, uma vontade... Não quer dizer que não houvesse, adora os filhos, a questão

PDPF

não é essa, foram muito bem-vindos e é espectacular com eles e sempre foi, não é? Mas... E quem cuidou da Teresa durante os dois anos que eu estive na faculdade basicamente era ele, que tinha mais oportunidade do que eu. Mas não houve, da parte dele... É assim, se eu lhe dissesse “Não vamos ter filhos”, teríamos ficado por aí. Não houve verdadeiramente da parte dele uma vontade expressa de, a minha sim. Depois, tomava a pílula, e depois decidi, independentemente de estar a meio do curso, decidi engravidar. Não foi fácil, não engravidei logo, talvez uns meses. Pronto, isto da Teresa. O Frederico nasceu passados 4 anos, já eu estava a dar aulas e aí foi mesmo, quer dizer, não foi bem por acidente porque eu não estava a tomar nada, mas não foi planeado. Portanto, foi assim.

FMQO
PCAP
PDPF

E como é que foi quando a filha nasceu?

Ah, foi maravilhoso porque eu sou muito maternal (risos). E depois tive uma sorte fabulosa com os meus filhos porque nunca perdi uma noite, nunca choraram, sempre se portaram muito bem, até hoje, são óptimos alunos, é tudo muito bem. Feitios, enfim, isso é que às vezes é mais complicado. Mas foi uma experiência, ou é, ainda, uma experiência muito boa. Depois, foi muito fácil porque, como eu digo, eu tenho uma vida muito sem história, percebe? Foi tudo...sei lá, nunca perdi uma noite, ouvia as minha amigas e a minha filha nunca chorou de noite, a minha filha com 15 dias mamava à meia-noite e depois outra vez às 7 da manhã, dormia a noite toda, e com um mês e meio mamava às 8 da noite e só acordava às 7 ou às 8 da manhã, e não queria colo (risos), até me irritava, que eu queria dar-lhe um bocadinho de colo e ela começava-se a mexer. Portanto, foi uma criança sempre muito saudável e o Frederico também, se bem que era um bocadito mais resmungão, mas nada de especial. E depois, como lhe digo, tive uma ajuda fabulosa, portanto, inicialmente com a Teresa, ela só foi para o colégio aos 3 anos, conseguimos ali gerir com uma empregada que eu tinha e com o meu horário, e tive realmente uma ajuda preciosa da minha mãe em termo do apoio, e também do meu marido. Com o Frederico já estava instalada como Professora e foi fácil também porque, para além de ele ser, são crianças muito saudáveis, sempre foram, muito pacíficos, muito calmos, quer dizer, eu a Teresa abanava-a porque achava que ela tinha morrido, porque nunca mais..., não chorava, não se mexia, dormia 5 horas e eu ia lá e abanava-a, o primeiro filho (risos). O Frederico foi um bocadinho mais... não foi difícil, mas era mais chorão e era o segundo filho e sabia que a irmã estava em casa e depois queria brincar, pronto. O Frederico esteve em casa até aos 3 anos também e foi muito fácil, também com uma empregada. Depois, eu não tenho bem a certeza, mas penso que foi quando o Frederico devia ter os seus 2 anitos, tive a dar aulas à noite e estive 7 anos a dar aulas à noite, o que foi muito bom, foi por opção, porque me deu para os acompanhar durante o dia, foi muito bom. Estive sempre, sempre a grande ajuda da minha mãe, embora ela trabalhe, trabalhasse e trabalhe, é uma pessoa ainda activa, mas em termos de fins-de-semana e até às vezes à noite, sempre esteve muito disponível. Nunca para nós irmos fazer viagens, nunca, nunca, nunca, isso nunca (risos). Quando íamos passar fins-de-semana, eles iam sempre connosco.

FMQ
FI

PAF
PCAP

FPR

PAF

POR

E em termos de relação, acha que houve alteração com o nascimento dos filhos?

Não, não. Não houve. Nem para melhor, nem para pior. Não houve aquele fortalecimento porque nasceu um filho, muito sinceramente não houve. Porque se calhar já havia, não sei, percebe? E também não houve aquilo que nós lemos nos livros, e às vezes não só nos livros, que acontece, de haver um arrefecimento porque eu dedico mais atenção aos meus filhos, nunca, nunca. Não houve uma alteração. Não houve uma consolidação. Eu tenho que ser real, tenho que ser verdadeira, eu não posso dizer que houve uma consolidação, percebe? Continuamos felizes (risos). Claro que desta vez não estávamos os dois sozinhos, mas com os miúdos porque, realmente, são miúdos que nunca nos causaram qualquer tipo de problema, nem em termos de saúde, nem de escola, nada, nem de comportamento, são realmente... Tenho uma amiga minha que diz que eles são uns E.T's, mas enfim... (risos). Portanto, não houve assim uma alteração significativa.

FI

E quem é que toma as decisões lá em casa?

Sou eu, sou eu, sempre. Tomo as decisões em relação a tudo. Não me pergunte porquê. O meu marido é uma pessoa que... eu, quando digo que é um artista, enfim, não é um artista mas é um pouco, uma pessoa muito criativa em termos dos desenhos e das coisas que faz mas não existe tempo, não há relógio, percebe? Esquece-se de pagar as contas, adormece de manhã (risos), portanto vive um pouco noutro mundo. Tem um espírito muito jovem, tem 55 anos, às vezes parece que tem 15, aparece-me lá com amigos com 18 ou com 20, tem numa paixão na vida dele, sem ser eu e os filhos, que é a música, e portanto sou eu que tomo as decisões. Eu penso que é porque... claro que conversamos, não é? Mas basicamente sou eu. O mundo corre e a vida corre consoante o lado em que estou. Se eu estou muito enervada ou muito irritada por causa do trabalho ou por nada ou porque estou adoentada, o ambiente em casa fica péssimo porque, pode não parecer, mas sou eu que conduzo. Mas não é... como é que eu hei-de explicar? Penso que será, não é que eu seja uma pessoa autoritária ou que queira tomar a mim, mas, sei lá. Vou-lhe só dizer, vamos imaginar, desde o início, ele não tem cartão de crédito, não tem cartão Multibanco, porque perde, porque deixa ficar, fica no Multibanco, percebe? Não paga as contas porque se esquece, não faz ideia se temos, claro que isto é um exagero, mas não faz ideia se temos 20 mil euros ou 50 mil, ou se temos 10 mil, ou se temos 5 mil, ou se não temos nada. Claro que isto é um exagero, mas percebe? Não, não tem. As decisões passam todas por mim. Os filhos, que têm um bom relacionamento com ele, estamos à mesa, eu dou muitas vezes este exemplo, e a Teresa diz-me assim “O pai pode-me ir levar amanhã?” e o pai está em frente a ela! E eu digo “Oh Teresa, pergunta ao pai” e o pai não está a ouvir, percebe? Está no mundo dele, ou está a ver o telejornal, ou não está, ou está a ouvir música, não está cá, pronto, enfim (risos).

PDAS

OCR

OAL

OIF

PDI

PDAS

EL

OIF

FMFO

OAL

PDI

E essa característica provoca atritos entre vocês?

Sim, estou cansada. Sinto que é tudo em cima de mim, muitas vezes. E peço-lhe, sei lá, não só nestas coisas como... Ele agora já vai tomando, já faz uns levantamentos no Banco, leva um papelinho todo escrito, que eu não tenho tempo e ele tem mais tempo disponível, pelo menos tem sempre hora de almoço. Finalmente, há uns dois meses ou três, vai ao supermercado porque também é assim, ele nunca me negou, percebe? Só que é assim, eu preciso disto para hoje mas ele, se não lhe apetecer ir hoje, vai amanhã. Mas

PDFA

OMP

PDAS

pronto, enfim, isto também é um pouco pela característica do homem, do ser masculino. Mas eu não posso dizer que ele não ajuda ou que não participa, mas... tem de ser muito empurrado. E depois, como nós vivemos numa pressão grande, a nossa vida toda... Eu quero jantar e digo “Zé, põe a mesa” e eu chego lá e ele não pôs a mesa, pôs a toalha, não pôs mais nada. Não é por mal, é porque entretanto foi ouvir uma música qualquer. Portanto, às vezes, e principalmente porque ninguém é de ferro, estou um bocado cansada e já me começa, às vezes, a aborrecer, mas vou ter de viver com este aborrecimento porque agora não o vou mudar (risos), portanto também não é grave.

RCDO

CRM
PDFA
PDI

RCDE

E quais são os momentos que considera que foram mais marcantes da vossa história?

As férias porque nós sempre, há 28 anos, passamos um mês de férias, não fazemos férias repartidas, e então passamos um mês inteirinho juntos. Até há 3 anos, para aí, era com os filhos, o que era fabuloso. Agora, claro, cada um tem a sua vida, eles vão e vêm, voltam, e estão uma semana ou 15 dias, ou não estão. Mas são as férias. Eu quando digo que são os momentos marcantes é porquê? Porque é engraçado, por nós próprios...eu, porque ele não é tanto destas coisas, podem-lhe ocorrer mas ele não as verbaliza, não é muito de falar, porque aquele mês que nós passamos há 28 anos, que nós passamos juntos o mês inteirinho de manhã à noite... Aliás, nós nunca tivemos separados mais de 3 dias ao longo destes dias todos porque, sei lá, porque não se proporcionou, porque ele não tem de sair para fora de Lisboa, eu também não tenho, teve só uma vez e, portanto, não sentimos necessidade de estar separados. E quando eu digo mais marcantes, digo-o em relação ao casamento porque estamos um mês juntos de manhã à noite e não nos aborrecemos, não sentimos monotonia porque nos divertimos imenso os dois sozinhos, ele tem algum sentido de humor, ou porque jogamos às cartas, ou porque vemos um filme ou vamos ao cinema, ou porque simplesmente estamos em casa, ele está a ouvir música e eu estou a fazer outra coisa qualquer. Mas as férias, porque temos tido oportunidade, mais marcantes, estamos a falar destes 28 anos, sobretudo quando tínhamos os miúdos, era muito giro porque fizemos sempre férias fora, normalmente em Portugal, num sítio que nós descobrimos há 20 anos no Alentejo, e era muito giro porque os miúdos andavam à vontade, é praia mas é campo também, o Frederico andava descalço, e víamo-los crescer e porque também era um local onde nós reencontrávamos amigos. Portanto, acho que sim, falamos muitas vezes nisso. Por acaso é giro, as nossas recordações, recordações não, os momentos em que estamos a recordar já, tem muito a ver com esses momentos de férias.

MMF

PCP

PCE
CRAS
OSH

Mas continuam a ir de férias?

Continuamos, mas diferente. Nós passávamos aquele mês sempre no mesmo sítio. E agora, nós entretanto fizemos casa na Serra, vai fazer 4 anos, e agora repartimos, fazemos 15 dias na praia, que acho que para o ano já nem vamos fazer porque os miúdos, enfim, já cada um está por si, e depois fazemos na nossa casa, onde estamos também muito bem, onde vamos aos fins-de-semana. Portanto, basicamente, é engraçado, os momentos mais marcantes são realmente os que passamos o dia todo juntos. Nunca tinha pensado nisso (risos).

MMF

E socialmente...?

Em termos de amigos? Olhe, é assim, temos vindo cada vez menos a sair e a estar com os amigos. Não é por nenhuma razão em especial, não é porque não gostemos de estar com as pessoas, mas é talvez mais por mim. Ando muito cansada, esta profissão é muito desgastante e eu envolvo-me muito nas coisas e trabalho imenso e este emprego, como sabe, dá cabo de nós e desgasta muito. Sempre saímos muito nos primeiros 4 anos, antes da Teresa nascer, saíamos quase todas as noites e recebíamos muitas vezes as pessoas em nossa casa. Depois da Teresa nascer, começámos a sair menos. Não, estou a mentir, primeiro saíamos imenso e depois começámos a receber as pessoas em casa porque não podíamos sair. Depois a Teresa começou a ficar mais crescida e a poder estar sozinha e às vezes saíamos, ou passávamos fins-de-semana com os amigos, mas aí levávamos os miúdos. Depois, à cerca talvez de 4 anos, vamos pôr assim, desde que temos a casa, porque é assim, durante a semana eu deito-me muito tarde porque fico em casa e não tenho paciência já para sair. E depois, o que é que se passa com os nossos amigos? Aqueles amigos do nosso período estão todos separados, acho que estão mesmo todos já (risos). Não quer dizer que as pessoas não possam estar, mas é mais complicado porque um foi para aqui ou foi para ali. Mas continuamos a ter pessoas com quem nos continuamos a dar com frequência, meia dúzia talvez, mas são todos mais novos que nós, pessoas dos empregos com quem temos uma relação extra. Portanto, durante a semana é complicado porque eu estou cansada. Depois, e isto tem tudo a ver com isso, os miúdos também vem cada um jantar à sua hora e depois são 10 horas e eu já estou cansada, quer dizer, já não saio. E agora há o problema dos fins-de-semana porque vamos para a nossa casa, para o sossego e não saímos, que aquilo também nem é numa aldeia, é numa terrinha. E então o que é que fazemos? Recebemos é muitos amigos lá ao fim-de-semana, normalmente temos sempre gente. Mas sim, não posso dizer que nos fechámos, mas muito menos. Alguns morreram já, não é? Muito menos do que inicialmente, mas não somos bichos do mato, de maneira nenhuma.

ERIS

FL

E esses amigos são comuns?

Não, não. É assim, eu ganhei amigos da parte dele e ele ganhou amigos da minha parte. Mais da parte dele, não sei porquê, pronto. É assim, o meu marido, antes de me conhecer, já tinha uma vida toda construída e eu não tinha. Quer dizer, tinha, mas é diferente, era quase um adolescente, portanto eu ganhei muito mais porque as minhas amizades seriam mais adolescentes e de escola, que depois se foram perdendo. Mas depois acabaram por se misturar. Ele não tem jantar de amigos só e eu não tenho jantares de amigas só. Ocasionalmente poderei ir jantar com uma amiga, mas não temos esse hábito. Até que não faz sentido para nós. Eu não consigo, e ele também não, isto não tem a ver com dependência, não faz é sentido para mim, como vivemos tudo juntos, não faz sentido para mim ir jantar com uma amiga minha e ele não estar. Até às vezes vou jantar com colegas mas estou ansiosa que ele me vá buscar porque quero estar com ele (risos). É assim.

CRPA

AC

PCP

RSAS

E como é que lidou com o primeiro casamento do seu marido?

Olhe, é assim, eu não lidei nem bem nem mal porque não há um relacionamento, ou seja, a ex-mulher do meu marido refez a vida dela mais do que uma vez, portanto houve um corte da parte deles. O divórcio não foi pacífico, não foi litigioso, mas não foi pacífico o

motivo que levou ao divórcio. Há a questão da filha que é um caso muito complicado porque a Rita tem sido o meu... Aliás, as nossas discussões, agora nunca mais há anos, mas eram precisamente por aí porque quando ele se separou, a Rita tinha 1 ano e eu, quando casámos, achei que, entretanto a miúda vivia com a mãe, ou não, acho que viveu sempre com os avós da parte da mãe, já não sei, que a mãe foi tendo sucessivos casamentos e foi tendo filhos, mais dois ou três, dois. Mas temos um caso complicadíssimo, que a miúda, que agora é mulher, ela sempre apresentou muitos problemas, e quando digo problemas direi do foro psíquico e intelectual, portanto, é uma rapariga que nunca conseguiu fazer o 9º ano. Eu e ele sempre tivemos um relacionamento, ela gosta imenso de mim e sempre tivemos um bom relacionamento, mas nunca foi muito desenvolvido porque eu estabeleci, achei que tinha de ser assim, que a Rita viria passar os fins-de-semana connosco e ela vinha. Só que as regras dela não são as nossas e quando os meus filhos nasceram, as coisas começaram a agudizar-se porque quando a Teresa, elas têm uma diferença de 7 anos... Isto até me fica mal dizer isto, mas a Teresa é uma miúda bem educada e a Rita não e chocavam. Eu dei, por exemplo, com a minha filha a fechar a porta do quarto à chave quando estava a irmã porque tinha dado por falta de algumas coisas. Portanto, a Rita, contrariamente àquilo que as pessoas possam pensar, tinha amor, da parte da mãe penso que não, da parte do pai tinha, embora... É assim, o Zé tem um problema ali com a filha que eu não consegui nunca desbloquear e levei 25 anos a tentar e agora desisti. É um problema não de não aceitação, quando estava, estava com a filha, fazia-lhe as vontades todas, era incapaz de lhe chamar a atenção e nós chocávamos porque ela estava em nossa casa e tinha que haver o mínimo de regras, mas não a procurava, nunca a procurou. E eu dizia “Zé, liga à Rita.” “Já ligo.” “Oh Zé, liga à Rita!” “Já ligo.” “Oh Zé, mas tens de ligar à Rita! Liga, que ficou combinado!”. Portanto, nunca consegui perceber, é ali um ponto que eu já desisti para nossa... Houve um período em que discutíamos imenso. Eu quis, eu e ele disse que sim mas nunca fez força para isso, eu quis que ela passasse para nós, já que ela não estava a viver com a mãe, teria sido mais fácil, mas os avós não quiseram, queriam continuar a ter o poder paternal. Depois fomo-nos afastando porque ela deixou de querer vir porque tinha regras, tinha que ter, e ela desenvolveu uma série de características que eu penso que são defesas, é muito complicado o relacionamento que ela tem com a mãe. A Rita é uma rapariga que tem esclerose múltipla, foi detectado há 5 anos, e neste momento está numa cadeira de rodas porque engravidou há 3 anos, foi-lhe dito que não podia ter o filho, que era um risco, e ela foi para a frente e foi uma situação muito complicada porque eu tentei, nós, eu continuo a dizer nós porque a avó quando há problemas telefona e depois eu vou para a frente porque tenho que ir e ele vai, percebe? Ele vai sempre atrás de mim, mas ele nunca toma a iniciativa, é avestruz, completamente (risos). E eu faz-me imensa impressão e às vezes digo-lhe “Como é que possível que tu te deites descansado?!”, às vezes digo assim umas coisas porque ele não é um bom pai, não é... para a Rita. Para os nossos é. E eu, durante estes anos todos, tentei, tentei... Eu não sou santa nem sou boazinha, repare, não é esse o papel que eu estou aqui a fazer, estou a dizer a verdade. Acho que sou uma boa pessoa, não sou má pessoa, e custa-me também, não é? Às vezes contra a vontade, tenho de ser sincera, incomodava-me, que a Rita não tomava banho, porque a Rita mexia nas coisas da Teresa, porque a Rita não sabia estar à mesa por mais que eu lhe ensinasse, e às vezes não me apetecia ter lá a miúda mas achava que tinha de ser. E tenho que ser sincera agora aqui consigo, é horrível mas tenho que dizer porque é verdade, e eu, embora fizesse força para que ele a fosse buscar, quando ela não vinha, bom, era um fim-de-semana ótimo. Eu estive com ela há 3 meses, talvez, mas é muito complicado e eu desisti, desisti que ele cumprisse as suas obrigações, que é mesmo verdade, de pai, não cumpre. Está bem que ela é uma

PDEF
ERMNCRCEV
PDEF

FMFO

RCEV
ERMNCFMFO
FMQO
RCCL
EBPRCEV
FMFO

mulher, tem 30 e tal anos, mas tem um problema que é muito grave e ele não cumpre. Depois tentei ser eu a substituir mas não tenho capacidade para isso porque não tenho e, então, passei a ser avestruz. Não tenho muito tempo livre mas arranjava para ir vê-la, mas começou a ser muito complicado porque eu tinha de ir sozinha, que ele não vai comigo e ela quer ver o pai e porque é muito doloroso. Quando ela teve a filha, ele foi obrigado a ir à maternidade, arrastado positivamente por mim porque o rapaz com quem ela se envolveu é um escroque, um crápula, é uma coisa pavorosa, eu já lho disse, porque de certa forma aproveitou-se da fragilidade dela e porque é um rapaz que não tinha emprego e assim ficou com casa, mesa e roupa lavada, é um pouco escabrosa a história. Eu disse-lhe isto. O meu marido não teve coragem de lhe dizer, o meu marido, mais uma vez, cabeça na areia, não fala. Ele fez sempre isto a vida toda, mesmo em relação a pequenas coisas, mesmo com os miúdos, os nossos, que é tudo bem “Oh pai, achas que eu posso ir não sei onde?”, ele não responde. Não responde pura e simplesmente! E os filhos “Oh mãe, o pai não responde!”. Portanto, ele tem tido a vida muito facilitada (risos). E então ele decidiu cortar porque diz que não pode encarar o fulano. Eu não tenho essa postura nem posso ter, não é? Mas ela não é minha filha e eu finalmente interiorizei que eu não posso fazer mais nada neste momento porque é um desgaste muito grande e desisti com algum sentimento de culpa, que tenho. Às vezes penso que vou lá e se ela me diz “Eu quero ver o meu pai”, o que é que eu lhe digo? Portanto, ele viu a neta uma vez quando ela nasceu, foi obrigado por mim, e não voltou a vê-la. É uma coisa horrível. A minha mãe usa isto para dizer “Como é que é possível tu gostares de um homem... Como é que é possível?! Que ele não é um bom pai.”. Mas eu não posso, eu tenho de separar as coisas, quer dizer... Mas é aqui uma situação muito complicada que eu optei por...acabou, não tenho mais nada a dizer. De vez em quando digo mas...

FMFO
FDMORCEV
ECL

POR

RCCL

E essa fase das discussões terminou?

Sim, isso terminou quando eu deixei de falar no assunto porque se não falar no assunto, não há discussões. (risos) Não ficou nada resolvido mas eu tive de mudar e acabar com isso. Não sei se isto está certo ou errado, mas eu estaria a prejudicar o relacionamento que tenho com a pessoa que amo há 28 anos e que somos felizes com uma situação que não vejo resolução e levaria a um desgaste. Eu tenho que ser sincera, quando a Rita estava em nossa casa, o ambiente era mau. Há uns meses disse-lhe para ele ligar à Rita, mas nunca mais o fiz, nem faço porque, pelo menos por agora, porque...aqui estou eu a ser avestruz, magoa-me, acho que... É assim, se eu conseguir dissociar, e eu consigo fazer esta separação, o homem que eu amo, que me faz feliz, que é um bom pai, que é um bom marido...É outra pessoa, que não me agrada e que eu acho que é mal formado. E eu, sei lá, acabou, aquele lado para mim não existe porque eu não consigo ser radical a achar que vivo há 28 anos com este homem pensando que ele é uma coisa e ele é outra, porque eu também não penso assim.

RCEV

RCCL

E como é a relação com os seus sogros?

(risos) Eu tenho contacto com os meus sogros. Eu quando digo que a nossa relação não é muito próxima é porque nunca percebi muito bem se eles me aceitaram bem ou não. Os meus sogros são já muito velhotes e ele é filho do casal, porque a minha sogra tem uma filha anterior ao casamento e o meu sogro tem um filho. Portanto, ele é idolatrado, sobretudo pela mãe. A minha sogra, quando casámos, dizia assim “Manuela, tens de

SOR

chamar o Zé todos os dias para ele ir para o emprego, que ele tem um problema com o sono, não se levanta, porque eu, quando ele andava na escola, eu chorava para ele se levantar da cama.” Portanto, repare, uma mãe que chora para levantar o filho da cama, quer dizer, quem tem de chorar é o filho (risos), se alguém tiver de chorar. E há ali uma adoração, uma fixação no filho, da parte dos meus sogros. E, da parte da minha sogra, há um ciúme muito grande que ela sente em relação a mim, não me pergunte porquê. Eu não sou fácil com ela porque nós chocamos desde o princípio. Se calhar eu também tenho ciúmes, não sei, no outro dia achei que se calhar sim, que parvoíce, agora que ela está velhota e precisa mais dele, também me irrita um bocado porque ele vai lá muitas vezes a casa e eu achava que ele não precisava de ir, que ela chama-o quando não precisa de o chamar. Portanto, se calhar também há, enfim. Mas eu nunca me dei mal nem bem. Havia uma relação, são os pais dele, vão lá a casa comer de vez em quando. Depois, no relacionamento com os meus filhos, eles nunca foram aqueles avós... A Rita, eles sempre a protegeram muito, se bem que nunca a foram buscar para tomarem conta dela. E quando eu fiquei grávida, os meus sogros disseram “Mas para quê? Vocês já tem uma filha”, “Não, não temos. O Zé é que tem uma.”. E quando eu fiquei grávida do Frederico, eles disseram “Então, o que é foi? Esqueceram-se?” e eu, que não sou nada rancorosa, com os meus filhos sou terrível, todas as mães são. Então, eu acho que os meus sogros não gostam, claro que gostam dos netos, não têm razão para não gostar, mas nunca houve uma aproximação. Há uma diferença muito grande da minha mãe, a minha sogra nunca trabalhou e mora relativamente perto e há 25 anos não estava velhota, e eu pedia-lhe um favor e ela não fazia, quer dizer... Depois cobram e acham que os netos não amigos deles. Os meus filhos não têm um relacionamento com os avós. Agora ela está numa situação fragilizada, tem 86 anos, ele 83 e estão velhotes, não doentes, felizmente não têm nenhuma doença real, mas ela acha que tem, é um bocadinho hipocondríaca. Agora estamos numa situação complicada, que eu também podia resolver mas não me apetece, lá está, aprendi com ele a ser avestruz, eu não era, é que há uns 2 anos, a minha sogra teve uma pneumonia e, como trabalhamos e não conseguíamos dar muito apoio, eu consegui convencê-los a terem uma empregada e o meu sogro teve uma atitude muito incorrecta comigo, que foi dizer-me que eu tinha arranjado a empregada para me descartar das minha responsabilidades, aquelas cenas de família horríveis. O meu marido não interferiu muito e eu fiquei muito zangada com ele. Portanto, ele tenta, neste momento, gerir a situação mas é complicado, que eu aqui sou um bocadinho má. Os meus sogros não gostam de mim, não sei porquê. Apesar de eu ser uma pessoa carinhosa, eu não consigo ser carinhosa com a minha sogra, não consigo, não consigo, percebe? Há ali um problema que nós temos grave de entendimento, desde o início, e então é uma pessoa que eu não posso dizer que não gosto, mas sinceramente que não tenho grande afecto. E vou gerindo, é a mãe do meu marido, vou gerindo, mas as relações não são fáceis. Neste momento, estou assim. Ele vai, dá-lhes o apoio, eu não dou porque estou um bocadinho zangada, se calhar faço mal, mas olhe.

SR

SR
PDROS

SRF

PDROS

SOR
ECN

E qual é a reacção do seu marido a essa situação?

Não reage. Tomara eu que ele falasse no assunto. Mas não. Eu achava que ele devia ter tido uma conversa com os pais no sentido de dizer que eles deviam ter mais atenção comigo porque eu não me portei mal, percebe? Quando a minha sogra esteve doente, fui lá, tratei dela, mudei-lhe a fralda, lavei-a, enfim, tudo bem e faria o mesmo agora se fosse preciso. Mas a ideia do meu marido é a seguinte, é horrível, quer dizer, temos esta discordância, é assim: ele acha que a idade que os pais têm os desculpa já de tudo e eu

PDROS

SNC

PDROS

não acho, pronto, e a partir daí está tudo dito. Mas conseguimos conviver facilmente com isto agora, porque eu não falo no assunto (pausa para atender o telemóvel). Pronto, e é assim, magoa-me um bocadinho. E depois é assim, às vezes acho que ele me vai culpar porque eu não sou carinhosa com os meus sogros, sei lá, não sou disponível. Não consigo, eu tenho um problema aqui grave, eu não consigo fingir. E eu tenho que dizer, é assim, eu não gosto da minha sogra, pronto, é horrível, eu não gosto. Veja se percebe, não lhe quero mal, mas não tenho afecto. Mas eu não sou uma pessoa má (risos). Tenho respeito pela idade dela, quando a vejo sou capaz de ter um gesto de carinho porque é uma pessoa de idade. E às vezes sinto que eu devia, podia ter outra atitude....mas não sou capaz. Quando eles iam lá a casa, de 15 em 15 dias, ou ao Sábado, O.K., agora, eles agora é mais complicado saírem de casa, eu não faço por lá ir porque não me apetece porque depois não tenho nada para dizer, é horrível. E então porto-me assim um bocadinho mal. Agora, isso afecta o nosso relacionamento? Já afectou, talvez no ano passado. No Verão do ano passado foi complicado... Porquê, porque é que afectou? Eu vou-lhe explicar, porque eu comecei a cobrar do meu marido, se calhar com algum ciúme, não sei, e comecei a achar que os pais tinham que me pedir desculpa porque se tinham portado mal comigo e estava sempre a falar no assunto. E então ele optou por ir lá, não é não me dizer nada, mas vai e diz “Vou à minha mãe”, que eu sou muito curiosa, não sou cusca mas sou muito curiosa porque falo muito, conto tudo, chego a casa e digo tudo o que fiz e ele não, é ao contrário, e eu sou uma pessoa de perguntar e depois comecei a achar que ele não me dizia e comecei a entrar um bocado em parafuso e ele aí ficou um bocado zangado. Foi uma situação muito complicada porque ele pôs-me um pouco em ultimato e disse-me “Ou aceitas...”. Vamos lá ver, ele não queria que eu aceitasse os pais no sentido...ou deixava de o chatear em relação aos pais, era basicamente isto, porque ele é assim e ele tem razão, as pessoas não estão aqui para serem chateadas. “Ou me deixas de chatear com isso ou então, se calhar, temos de ir cada um para o seu lado”. Isto foi horrível porque eu fiquei muito ofendida e achei que ele estava a preferir os pais a mim e porque achei aquilo uma coisa horrível. Isto foi sozinho porque ele nunca quer falar com os filhos ao pé, quer preservá-los de tudo, e foi horrível porque isto foi dito no carro, íamos a caminho do supermercado, e eu fiquei perfeitamente de rastos porque sempre achei, como acho agora, que vamos ficar juntos a vida toda e achei que o amor dele por mim não poderia fazer sentido, como é que era possível porque eu não tinha feito mal nenhum. Está a ver, isto também é um bocadinho capricho, analisando-me a mim própria, eu sou um bocadinho inflexível. Fiquei muito zangada, já não quis que ele fosse comigo ao supermercado e saí porta fora do carro, nunca mais. E chorei, chorei, chorei porque achei que o meu casamento tinha acabado. E depois, nesses momentos, só me lembro de disparates “E agora como é que eu vou dizer às pessoas e aos meus filhos?!”, que é uma parvoíce (risos), “E agora a casa?!”, que nós temos muito em conjunto, são 28 anos, o meu marido é uma pessoa que, eu também mas ele é mais, vai para os antiquários ou para a Feira da Ladra e temos coisas que têm uma história, que foi de quando fomos aqui ou ali, e naquele momento a única coisa que eu pensava era “E agora como é que nós fazemos? Mas é tudo dele?”, um disparate! E chorei, chorei, achei que o mundo tinha acabado naquele dia para mim. “E depois como é que é? As pessoas acham todas que nós somos o casal modelo!”. Não é que eu me preocupe com a opinião das pessoas, mas naquele momento estava preocupada. Depois lá nos encontramos e claro que não lhe passou nunca pela cabeça, ele diz estas coisas... Lá conversámos e claro que não é o que ele queria de maneira nenhuma, nem eu, e eu de vez em quando, eu sou horrível, digo-lhe “Pois, mas tu já te quiseste separar de mim por causa dos teus pais!” (risos). Quando ele percebeu que eu tinha levado aquilo a sério, ele ficou um bocadinho assustado e recuou. Mas não é fácil e tenho que pensar bem porque

RCCUO

EBP

SR

ECU

ECM

PDFC

RCU

PDROS

CRPI

CRFC

RSDI

EI

RSC

RSPI

RSPS

RSRA

CRE

RCAC

RCCU

RCCO

se calhar tenho que rever a minha atitude perante os meus sogros, até em prol dele. Só que é muito difícil porque tenho receio que ele, um dia mais tarde, me acuse de não ter sido amiga dos pais...mas eu também não sou inimiga! Mas custa-me imenso porque a minha sogra é uma pessoa que faz uma chantagem emocional tremenda, é uma coisa pavorosa, claro que tem qualidades, mas não temos um relacionamento bom. Mas não tem interferido porque ele tem sabido gerir, eu tenho sabido gerir. Mas agora nesta altura em que eles precisam do filho... É que a minha sogra tem outra filha, que se prontificou para vir tomar conta da mãe e veio, mas só esteve cá 4 meses porque a minha sogra pô-la na rua, porque ele quer é o filho e isto custa-me a engolir. Mas pronto, vamos gerindo.

RCAC

SC

SA

O que é que acha que os tem mantido unidos?

Olhe, nós temos exactamente a mesma forma de estar. É assim, somos perfeitamente despretensiosos. É assim, eu penso que terá... isto do amor...o sexo também. Temos uma vida sexual muito intensa e, quer dizer, eu nunca tive outra pessoa, às vezes digo “Não sei, não tenho termo de comparação!” (risos) “Mas O.K., por mim está bom assim.”. Temos uma vida sexual bastante activa e intensa, não existe monotonia, não, sentimos desejo ainda um pelo outro. Para além disso, que eu acho que isso também é importante, sobretudo, isto vai em primeiro lugar, a nossa maneira de estar, ou seja, não me preocupo nada com o carro, tenho um carro a cair de velho, é um electrodoméstico, percebe? E ele também não, não nos preocupamos nada. Fizemos as nossas opções em privilegiar os momentos que estamos em família. Quer dizer, temos o normal, ele agora está com uma crise no emprego e não ganha muito bem, mas não temos dificuldades porque temos a minha mãe, que é uma grande ajuda porque se não, não viveríamos com dificuldades, mas não poderia ter os meus filhos a estudarem no estrangeiro e terem a vida que têm. Felizmente, nem ele quer ter o carro xpto, nem eu. Isto é um exemplo. Sei lá, não ligo nenhuma à roupa, até devia ligar mais, ao cabelo, não ligo nenhuma, não me interessa nada, não vou para as compras, detesto. Às vezes até sou bastante negligente em relação a isso e ele também. Isto é muito pouco, mas dá para perceber a maneira de estar. Não vivemos para fora no sentido daquilo que temos, vivemos muito para dentro. E divertimo-nos imenso porque eu falo imenso, ele não fala tanto, ouve, mas ouve-me. Portanto, o que é que nos une? Eu penso que, basicamente, temos a mesma sensibilidade. Temos uma paixão comum, sem ser os filhos, claro, que é o cinema, a leitura, a música tem mais ele, eu não percebo tanto, mas pronto. Depois, falamos a mesma linguagem, em termos da educação que damos aos filhos nunca houve frissons, estamos sempre de acordo, apesar das decisões serem minhas, há um seguimento, nunca houve uma discordância em relação a isso e é muito importante. E acho que isto, basicamente.

PCFE

PCA

PCE

CRPA

PCAF

PCV

PCV

PDF

PCV

PCFE

CRAS

PCE

PCC

ECM

OBO

PCG

PDI

PCEF

FDMO

E foi sempre assim?

Eu era muito jovem quando o conheci, eu se calhar fui um bocadinho...não é influenciável, não é isso, O cinema, o sermos despretensiosos, sempre tivemos isso em comum, mas talvez tenhamos construído outras coisas. É como lhe digo, não é que eu aprendi tudo com ele, mas foi a primeira pessoa, não tive um relacionamento sexual com mais ninguém, aconteceu. Eu não gosto de dizer que aprendi com ele, mas foram-me dadas a conhecer coisas através dele e isso criou alguma dependência que eu sinto que tenho em relação a ele, agora um bocadinho menos. Eu não saí à noite sozinha, se eu chego a casa e não tenho lugar para arrumar o carro, eu toco e ele vai-me arrumar o

PCG

PCFE

ERCPC

CRPA

CRPO

CRDEO

EEMND

carro, percebe? Há alguma dependência da minha parte. Mas penso que fomos construindo. CRDEO

Não sei se quer acrescentar mais alguma coisa que ache importante...

Já falei tanto! (risos) É importante dizer que sou feliz, embora eu seja uma pessoa que... Às vezes desapaixono-me, sabe? É horrível. Tenho alturas, não é deixar de gostar dele, mas não estou apaixonada. Agora estou numa fase apaixonada. Mas repare, vamos fazer 28 anos de casados e quando o telefone toca e eu sei que é ele, às vezes ainda sinto aqui aquela dorzinha, aquela coisa na barriga. Quando o ouço meter a chave à porta, fico um bocado nervosa. Uma parvoíce mas sinto, é verdade. O meu marido está sempre igual, acho que ele me amou sempre, desde o princípio até agora. E sobretudo eu não sinto, e ele também não sente, já falámos sobre isso, eu não sinto qualquer rotina. Eu não sinto necessidade de ir passar férias conjugais, eu não sinto necessidade de ter um jantar só com as minha amigas, pelo contrário. Basicamente é isto.

ERCI
ERES

ERC
PCA
PCE
CRAS

5-H

Nome: José

Idade: 55 anos

Tempo Casamento: 27 anos

Tempo Namoro: 1 ano e meio

Filhos: 2 (23 e 19 anos)

Como é que se conheceram?

O local foi onde eu trabalhava, que tinha uma biblioteca e no último andar tinha um restaurante. Vimo-nos lá e, pronto, travámos conhecimento e não sei o quê e foi a partir daí. A partir daí (risos), já viu o resto do filme. São 25 anos... 25 ou 26. Eu não sou grande contador de histórias, sei lá, estava mais à espera de um questionário mais... A Manuela não me explicou bem o tipo de entrevista. Mas, de qualquer maneira, o que é que lhe posso dizer, conhecemo-nos e estamos cá (risos). Não é fácil, não é? Viver-se assim a dois não é fácil. É mito complicado porque traz... é a vida, traz coisas muito complicadas, situações, até feitiços, pontos de vista, valores morais e todas essas coisas que é difícil... Mas, pronto, eu, pelo meu lado, posso dizer que é mais ou menos sem dificuldades. Estou cá já...já é o segundo casamento.

PDP
PDV

E o que é que o motivou a iniciar a relação?

Ah, não sei... Sei lá, não sei. Possivelmente ela atraiu-me bastante. Digamos que andava..., pronto, devo ter achado “Agora deixa-me cá acalmar um bocadinho e agora tenho aqui uma pessoa com quem de certeza que vai ser bom.” Penso que foi isso assim. É que eu nessa altura, pronto, estava bem, mas estava solteirão, boa vida, tinha-me divorciado e andava naquela de solteirão. Era complicado, tinha vinte e tal anos, com casa, emprego, uma vida mais ou menos estável, guerra total. É que, ainda por cima, sou uma pessoa que não gosto de ficar em casa. Sei lá, gosto de ir ao cinema, sair, beber copos e não sei o quê e estar solteiro dá sempre azo a... não dá sempre mas, pronto, no meu caso dava sempre azo a grande festa. E depois, pronto, parti para ali, parti para outra. Começámos a namorar, acho que gostávamos um do outro e foi assim. Parti para outra.

CRPAF
CRPNC

EB

CRPE

E depois, como é que tomou a decisão de se casar?

Bem, isso do casamento foi uma coisa natural. Quando as pessoas querem viver juntas,

podem viver sem o casamento, mas casou-se. Não houve imposição e resolvemos juntos “Vamos casar”. Eu também já não me podia casar pela Igreja porque o primeiro casamento tinha sido pela Igreja. É união de facto, “vamos viver juntos, juntar os trapos”, foi mais ou menos isso.

CDC

E do namoro para casamento, acha que mudou alguma coisa?

Do namoro para o casamento? Não, assim nada de... Analisando, pronto, mudou. É uma vida de solteiro, é a diferença normal de uma vida de solteiro para uma vida a dois, não é? Muda tudo. Se é realmente a vida a dois, muda tudo. Muda, sei lá, não muda o comportamento, mas muda, olhe, a forma de funcionarmos, temos que ir para a frente com algumas coisas, organizar as coisas, sei lá. Não muda assim nada de... Os gostos eram sensivelmente os mesmos, o cinema, as saídas, e continuaram a ser, mas passaram a ser do casal. Até virem filhos e tal, fizemos assim uma vida um bocado do estilo daquele casal que sai à rua e anda aí por Lisboa, e vai ao Bairro Alto, e vai aqui e acolá.

ERAR

PCG

ERCPC

FL

E sente que tiveram de fazer acertos no início?

Não, nada de especial. Havia uma empatia grande, portanto, tudo foi facilitado por tudo ser assim, por estar..., por haver um bom entendimento, não é? Até ao nível dos gostos e de outras perspectivas de vida. Quando é assim, não é difícil, não é? (risos) O difícil é ser assim. Por isso é que se vêem as desgraças que se vêem, os casais a divorciarem-se e assim. Mas, pronto, houve outras coisas que tiveram de mudar, sei lá, arrumar a casa e tal (risos).

CRPEM

PCE

PCG

PCFE

CRRES

ERAR

Quais é que considera que foram os momentos mais marcantes da vossa história?

Não sei... Talvez o nascimento dos filhos. O resto foi sempre tudo mais dentro do normal. Agora os nascimento dos miúdos foi um momento marcante, sem dúvida.

MNF

O que é que se alterou depois do nascimento dos filhos?

Depois deles nascerem é complicadíssimo. Aí é que altera tudo. Aí é que as alterações são mesmo verdadeiras. É quando temos filhos que mudamos mesmo de vida. Até aí não. É só aí que há sempre grandes mudanças. Até lá não há assim razões para grandes mudanças. Com os filhos é que muda realmente tudo, horários, vida, opções.

ERAR

E na relação do casal, acha que alterou alguma coisa?

Não. Pode haver mais trabalho, menos tempo... A mim não se alterou assim nada de especial. Sei lá, quando os miúdos eram mais pequenos, andávamos mais cansados, dorme-se menos... (risos) Mas foi só isso.

ERMNDI

FIT

E como é a vossa vida social? É partilhada?

Sim, sim, isso partilhamos. Agora não saímos tanto mas é partilhada. As relações é que... Sei lá, são muitos anos, as pessoas mudam de vida, há pequenas mudanças na maneira de estar de alguns... Vai-se também alterando um pouco as amizades. Sei lá, o cansaço às vezes... Nós podemos andar a vida toda a conhecer pessoas. Uma pessoa pode fazer um amigo aos 60 anos ou aos 70, não é? Portanto, as coisas vão assim rodando, mas tudo normal, entram uns, saem outros. E depois, os amigos que vêm por um, acabam por ir para o todo, se merecerem (risos), se houver assim alguma coisa em comum.

AC
ERIS

ERCI

E momentos de crise do casal?

Não houve assim grande coisa. Não sei. Nós fizemos uma segunda casa e, inicialmente, ela não estava muito... contestou um bocado. E, pronto, agora já reconheceu que estava a ver mal o assunto. Pronto, e temos uma casa na serra, estilo “I have a dream” e ela gosta de ir para lá e tudo. É um sítio espectacular. Mas no início foi complicado, ainda discutimos bastante, como é que se faz, como é que não se faz, aquelas guerras de detalhes, empréstimos e coiso, como é que é, há, não há, mas tinha que ir para a frente. Mas ela lá está e é assim. Acho que não me lembro assim de outra altura do campeonato que nós discutimos assim tanto ou...

PDPJ
RCCO

ERMNO

E como é que resolvem essas crises, normalmente?

Então, resolve-se. Nós não podemos... Há sempre quem tem razão, sempre, nem que seja mais tarde, quando se conseguem ver as coisas com outra clareza. Se não tiver na altura, se aquele lado se aguentar, então vai ganhar. Mas passa depressa. Nunca estivemos mais de um dia ou dois assim. Mas nunca foi nada de... Nem me lembro (risos).

RCCP
RCRR
RCDE

E sente houve fases em que discutiam mais?

Não sei. Talvez mais agora do que no princípio. É que agora há decisões mais importantes e estamos noutra patamar, noutra estádio, não é? Já estamos muito à frente e os problemas são diferentes. Alguns são até mais complicados de se resolver, empregos e ordenados, filhos. Há altura complicadas em que temos de tomar decisões sobre estas coisas. Não é bem complicadas, são decisões que são muito... “Como é que é? Como é que se faz?”. Eu, por mim, está sempre quase tudo bem, isto em relação aos filhos. Uma pessoa educa-os e ensina-lhes como é. Se eles quiserem partir para outro lado ou partir para outra, eles têm de começar a assumir que estão a fazer a escolha deles. Havia um ditado que o meu pai me dizia sempre, não acho muito específico, mas acho curioso, que é assim: “Filho foste, pai serás e assim como fizeste, farás...”. É qualquer coisa assim, já não me lembro. Bem, mas o que ele queria dizer era “Ouviste, então o conselho está dado. Agora, se errares, não podes dizer que eu não te disseram ou que não te avisaram”. Mas, felizmente, os filhos nunca nos deram problemas, graças a Deus. E depois, sabe como é que é, um sabe, o outro não, o que não sabe acata, não é?

ERMCO

ERMPR

PM

FI

E há uma divisão de tarefas?

Bem, acabou por se criar, mais pelo ponto de vista de gestão, nada de... Sei lá, há as

coisas da casa, quem é que faz isto e quem faz aquilo, são as situações normais. Eu não sei cozinhar, não cozinho, mas se for preciso cozinho, não é? Alguma coisa há-de sair.

CRDT

E como é que são as relações com os outros membros da família, por exemplo, com os sogros?

São relações complicadas. São pontos de vista diferentes, são... Mas, pronto, toleram-se. Também são pessoas que não vivem connosco o dia-a-dia, vêm-se pontualmente no Natal ou não sei em quê, cada um tem a sua vida. A mãe dela é que está assim mais próxima mas também já está velhota, mas toleramo-nos um ao outro.

SCF
SD
SP

E foi assim desde o início?

Sim, conseguimos viver sem quezílias, sem... Ela sabe como é que eu sou, eu sei como ela é e vivemos. Mas ela é boa senhora. Não concordo com algumas coisas dela, mas... Eu quando discordo de determinados valores ou de determinadas situações, eu já estou na posição do “Está bem, pronto.”, porque não vale a pena estar a rebater porque às vezes são coisas difíceis de explicar e as pessoas de uma determinada idade não mudam, não mudam pura e simplesmente. Parece que já estão moldadas, já têm aquela formação e não mudam. Podem aprender, mas não mudam, não é?

SA
SCF

E o que é que acha que o une à sua mulher?

Então, é realmente sentirmo-nos bem um com o outro e, digamos, gostarmos um do outro. Então não é?

PCE
PCA

E o que é que gosta mais nela?

Não sei... É difícil estar a responder a isso. Ela há-de ter algumas coisas, mas é difícil estar agora aqui a dizer, a arranjar os termos. Não sei... É uma pessoa normal, muito conversadora, faladora, tem o defeito de ser professora porque eles falam muito, devem ter alguma doença porque falam demais (risos). Não, é uma pessoa normal, bom coração, sem histórias, pronto.

OC
OBP

E o que é que acha que os separa?

Como eu tinha dito ao início, a questão de estarmos juntos muitos anos nem sempre corresponde a que, quer dizer, uma pessoa esteja 25 anos bem, de felicidade e não sei o quê. Conheço milhares de casos que estiveram juntos 50 anos e nunca gostaram um do outro, ou nunca se toleraram, viveram, sobreviveram porque tudo isto nós somos sobreviventes, andamos cá, não é? Temos de sobreviver de alguma maneira. Aqui há tempos, havia um indivíduo que dizia que o amor nem sequer existia, o que existia era a sobrevivência. Eu não me estou a explicar bem, mas o que ele queria dizer era que a maior parte das uniões não estão, de maneira nenhuma, por amor. Em cem uniões, dez por cento é muito, está a mentir. O resto é porque têm que viver. Eventualmente pode

CRR

haver alguma atracção mas é mais por sobrevivência.

E como é que foi conjugar um primeiro casamento com um segundo?

É assim, na minha maneira de estar, a nossa vida é assim: Não se pode deixar nada para trás. Foi uma fase, fez, pronto, acabou, põe um ponto final. Fecha o livro, continua o livro, faz outro livro. Sei lá, não fica com... É assim a vida, casou, não funcionou, pronto, passa à frente, está a perceber? E até casava terceira ou quarta vez se fosse preciso, para uma pessoa se sentir bem, para viver bem, ser feliz, não é? Acabou, acabou, vai para o saco. Eu tenho uma maneira de falar assim um bocado... No outro dia disseram-me que eu tinha uma linguagem de fusão. (risos) Ainda me fartei de rir por causa disso. E é assim... Porque eu acho que estas coisas quando acabam porque tinham mesmo de acabar, depois não..., sei lá, não fica nada de... Tinha de acabar, está assumido, não é? Se não tinha de acabar ou houve alguma guerra, ou há alguma coisa pelo meio, ou alguma situação... Quando não é assim e acaba natural, morreu, pronto, passamos à frente. Não digo mais nada (risos). Estou a brincar.

RSI

Há alguma coisa que gostasse de acrescentar, que lhe pareça importante?

Não sei. Não, da vida do casal... Eu, às vezes, quando utilizo o termo “Casal”, digo “O Casal Ventoso” (risos). Acrescento sempre. O termo não é...sei lá, casal..., é assim um termo que tem muitas leituras. Não sei o que mais poderá querer dizer, mas quer dizer mais do que uma coisa. Um casario, não é? São dois e, para ajudar, ainda há mais termos em que utiliza a palavra “casal”. Mas o casal é isso, o casal são dois. O Casal Ventoso, ri-me tanto com esta (risos).

Casal 6**6-M**

Nome: Maria do Carmo

Idade: 65 anos

Tempo Casamento: 42 anos

Tempo Namoro: 6 ano

Filhos: 2 (42 e 38 anos)

Como é que se conheceram?

(risos) Nós somos da mesma terra. Lá isso... Conhecemo-nos na escola, desde miúdos, porque somos da mesma terra, andámos na escola os dois, ele um bocadinho mais à frente e eu mais atrás porque ele tem, o meu marido tem três anos e tal a mais do que eu, portanto, se ele estava na 4ª classe, eu estaria... a passar para a 3ª, mais ou menos. E depois, em moço, ele veio aqui para Lisboa. Entretanto, foi para a África do Sul, mas daí ele escreve-me logo, eu tinha 16 anos (risos) e eu aí disse-lhe que não, que não pensava em nada porque era muito novita, não é? Entretanto, aos 18, volta a escrever e ele estava já na Beira, nas nossa Africas, depois é que passou para a África do Sul, e daí começámos a escrever-nos, porque ele estava lá. Portanto, o nosso namoro foi um namoro muito chato, foi só por carta, só por carta, durante 6 anos e tal. Quando ele veio, depois da Beira passou para a África do Sul, esteve lá um ano ou dois talvez, e entretanto é que veio para casarmos. Portanto, namorámos pessoalmente dois meses, três. Foi isso.

CRPIO
CRPAB

CRPSE

E nessa altura das cartas já considerava que eram namorados?

Sim, sim, considerava porque eu gostava dele, não é? Porque eu conhecia-o lá da terra desde miúda e, se não gostasse dele... Porque eu, entretanto, eu tive mais rapazes mas estava sempre com a coisa neste (risos). Mas foi o único que eu namorei, nunca namorei outro rapaz. Às vezes é mau, a gente devia conhecer outro. Devia porque, se conhecesse outro, se eu namorasse outro, eu acho que eu talvez...eu não... quer dizer, a gente deixa-se pisar às vezes, na altura, que o tempo era outro, não é? Até que foi outro que agora não é, mas sempre a gente tinha outros conhecimentos. Eu às vezes digo assim..., e já lhe disse para ele (risos). Entretanto, ele veio então cá a Portugal, casámos, portanto, ele veio em Junho, Junho ou Julho? Agosto, Setembro, casámos em Setembro do mesmo ano. Depois ele esteve cá 6 meses e teve de ir novamente por Carta de Chamada, que na altura ainda havia Carta de Chamada, e quando ele lá chegou, mandou-me a Carta de Chamada. Já ia grávida da Sandra (risos). Portanto, eu fui em Maio do ano seguinte e ele foi talvez em Janeiro, que ele ainda passou o Natal comigo. Foi em 1960, não, 1965 que casámos e em 1966 nasceu a Sandra. Estivemos lá 14 anos. Entretanto nasceu a Susana. Mas o meu marido queria muito vir embora para Portugal, eu tinha só a Sandra, que ela

CRPE

CRPA
RCH
CRPAB
CRPSE
PDPJ

tem mais 3 anos e tal que a Susana, e então eu digo assim: “Ah, queres ir para Portugal? Mas eu quero ter outro filho”, que nós queríamos ter outro filho, “Mas quero que nasça aqui também, senão depois uma é sul-africana e a outra é portuguesa!”. E, entretanto, depois fiquei grávida da Susana, ela nasceu também. Depois estivemos lá mais uma temporada e depois viemos para cá com ela pequenina. A Susana tinha 6 meses e a Sandra, vá lá, 3 anitos e tal. Mas depois ele vinha para ver se arranjava aqui qualquer coisa, mas como não conseguiu arranjar, voltámos para a África do Sul, onde estivemos 14 anos. Depois viemos para aqui, estou aqui há 28 anos.

FIV
PCPF

E como é que foi a passagem do namoro para o casamento?

Foi uma grande mudança, uma grande mudança. Quer dizer, a gente conhecia-se pouco, está a perceber? Conhecia-se muito pouco... Mas lá se aguentou. Eu depois, quando cheguei lá à África do Sul, claro, aquilo tudo diferente e tudo novo, e ele não tinha assim muita paciência, porque ele é uma pessoa nervosa e ainda hoje é, quer sempre tudo muito rápido, muito coiso. Eu dantes ainda cedia a isso, a gora é que estou um bocadinho mais... Mas tive momentos felizes, outros momentos mais altos e baixos, como todos os casais têm, todos, todos os casais têm.

CRPSI
PDFA
OIP
ERRO
ERI

E como é que foi a adaptação? Sente que tiveram de fazer acertos ou...

A adaptação? Pois, não foi má. Eu tive problemas com o meu marido foi por causa da mãe dele, que ele era muito pela mãe e todos os problemas maiores que tive na minha vida foi por causa disso porque ele era sempre mãe, sempre a mãe, sempre, sempre a mãe, e isso...

PDROS

E sentiu isso em que fase?

Desde o início. Entretanto, depois, ele via, porque era o que eu lhe dizia “Tu não vês as coisas como elas são porque ela é tua mãe e eu não vou contra que tu sejas amigo da tua mãe, mas eu sou mulher, portanto, pões uma de cada lado. Eu sou a mãe das tuas filhas.”. Mas ele era só mãe, só mãe. Mas depois melhorou um bocadinho e a coisa foi passando (risos). E eu tive dias bastante bons na África do Sul, porque quando eu fui para a África do Sul, aquilo era uma terra maravilhosa. Estava eu, as minhas filhas e ele, e também estava lá o meu cunhado e uma sobrinha. Mas foram momentos bons, que aquela terra era maravilhosa quando eu lá estive, que eu até nem queria vir. Fizemos aqui a casa e eu não queria vir nada, não queria vir da África do Sul. Tive uma pena terrível. Mas depois adaptei-me aqui e pronto.

PDROS

PDPI
ERA

Quais é que acha que foram os momentos mais marcantes do seu casamento?

Ah, o nascimento das filhas. Isso trouxe bastante felicidade, isso trouxe, como a todos os casais. E é assim.

MNF

E como é que receberam a notícia de que iam ter uma filha?

Foi ainda aqui em Portugal que eu fiquei grávida, quando ele foi para trás. Ficámos satisfeitos, pois. Mas eu na altura não sabia se era menino, se era menina, até porque passei bastante mal para ela nascer. Não havia ecografias, não havia nada, já são 42 anos que a Sandra tem. Mas lá passou...

E foi planeada?

Sim, sim. Ele queria logo ter bebés, porque eu até era nova, eu tinha 24 anos, eu tinha tempo. Se fosse agora, a gente estaria mais um ano ou dois para ao menos eu ir livre. Mas já ia daqui com o enxoval feito (risos), que fiz cá muita coisa e já levava. Quando eu cheguei aqui à Embaixada para ir para a África do Sul, claro, viram-me assim de barriguinha, “Ah, está de barriguinha, já vai de bebé, portanto vai só pagar 1600 escudos e tem direito a 30 quilos por ir de bebé.”, porque eu tinha de levar mais a roupinha dela, as coisas dela. Mas eu não levei 30 quilos, não, não levei. E quando cheguei lá, claro, bastante feliz na altura que cheguei lá, ele estava à minha espera e eu sem perceber nada daquilo (risos).

PDPF
FL

E a segunda filha, também foi planeada?

Também foi planeada, sim senhor. Depois o meu marido queria vir da África do Sul e eu disse “Então vamos ter outro filho aqui porque não vai depois ir uma sul-africana e outra ser portuguesa”. E a Susana até é bastante contente. Elas gostavam muito de lá, a minha Sandra gostava de lá estar. E aí, pronto, a felicidade do grupo, as miúdas... Eu depois trabalhava, eu nunca trabalhei lá, fiquei sempre em casa a tratar delas porque lá as empregadas que havia eram pretas e ele dizia assim “Vais fazer alguma coisa e vais entregar as filhas a alguém?” “Não!”, eu nunca quis. Até porque eu fui uma pessoa que esteve lá 14 anos e nunca aprendi assim muito o inglês porque não estava a trabalhar, era só lidar com as miúdas e com ele, com o português. De maneira que percebo qualquer coisa e digo uma palavra ou outra e percebo, mas não sei falar, assim responder não sei. E aí, depois, ele ia trabalhar, eu tinha o meu carrinho, tirei a carta, tinha o carro, levava as filhas à escola, trazia-as...Foi bom, foi muito bom mesmo.

FIV

FAL

RSDIS
CRDEO

EMVP

E sente que houve mudanças na vida do casal depois do nascimento das filhas?

Sim, sim, felizes. E depois quando a Susana nasceu, foi outra menina mas ela teve lugar também.

FD

Mas acha que a disponibilidade que tinham um para o outro se alterou?

Ah, talvez. E talvez a vida fosse diferente daqui porque...sabe o que é o marido sair de casa às 7 e meia da manhã? As miúdas ficavam quase sempre comigo, mas era aquela alegria e aquela felicidade do pai chegar à noite. A Sandra era uma alegria quando o pai chegava à noite! “Oh mãe, eu tenho de ir pentear o meu cabelo, vem aí o pai!” E a Susana também, mas a Sandra era mais (risos). É.

ERM DI

E como é que era em relação aos amigos?

Sempre tivemos os mesmos amigos, que ainda hoje somos amigos, há 40 e tal anos. O meu marido já conhecia algumas pessoas lá, inclusivamente dois rapazes que andaram com ele na tropa e foram juntos para a África do Sul, de maneira que já os conhecia. E eu, quando cheguei, comecei-me lá a dar com eles e a lidarmos e ainda hoje somos amigos. Ainda há dois anos fomos com eles de férias, com um casal que ele andou com ele na tropa no mesmo ano, que também é lá de perto da nossa terra. De maneira que hoje ainda somos amigos, muito amigos mesmo. Deles e de outras pessoas mais que estão para cá, que nos visitamos. Mas estamos longe porque os outros amigos nossos foi tudo para a zona do Porto e nós ficámos aqui em Lisboa. Eu às vezes digo assim “Ai, que tanta pena eu tenho de estar longe de vocês!” (risos). Um outro casal, que também tem dois meninos, ele trabalhou com o meu marido, que o meu marido lá depois trabalhou por conta dele, de maneira que é uma alegria sempre que a gente vai lá ou que eles vêm aqui e estamos sempre a telefonar. Ainda hoje também nos damos. Há 40 e tal anos que a gente é amigos dele.

AC

RSDIS

E como é que foi quando voltaram?

Para voltar eu não queria. Ele só queria vir, só queria vir, mas eu não queria. Nem as minhas filhas queriam vir para cá. Quando chegámos aqui, elas para se ambientarem aqui foi muito difícil, choravam. Pelo menos a Susana, que era mais pequenina, tinha 9 anitos e a Sandra 13, era uma coisa para ir para a escola! Porque lá a escola, quando elas entraram para a escola e frequentaram a escola lá, aquilo era a África do Sul mesmo. Era uma disciplina, era uma regra, era uma educação na escola... Ai delas que fossem com os cabelos aqui na frente dos olhos! Tinham logo problemas de castigo. De maneira que quando chegaram aqui foi tudo muito diferente. A Susana pequenita “Oh mãe, a mãe é que me leva à escola” “Leva-te o pai, que o pai está em casa”, que ele ainda não trabalhava, “O pai leva-te. Não vês que a mãe tem de fazer isto já aqui?” “Não, não. Eu quero que a mãe me leve.”. E então lá tinha eu que ir levá-la à escola, já com 9 aninhos aqui, porque... A Sandra foi logo para o liceu e um dia fomos chamados lá, os pais, era uma reunião que havia e os pais tinham de estar presentes e então diz-nos uma professora assim: “Os senhores vêm da África do Sul...”, nesta altura, porque quando nós chegámos aqui, isto era uma rebaldaria as escolas, e diz assim para mim e para ele: “Trouxeram de lá a vossa filha. Olha, digo-lhe, foi uma pena, da disciplina que havia lá na África do Sul, porque aqui é a rebaldaria que os senhores vêm”, que aquilo parecia uma feira. E lá não, nós entrávamos dentro da escola e ali ninguém falava, não havia barulho nenhum, não havia nada, nada, nada. E a Sandra era a melhor aluna da turma dela na altura, que ela até recebeu um diploma. Uma vez fomos lá a uma festa e ela foi ao palco receber essa prenda, como a aluna que escrevia melhor na escola. A Susana não chegou a isso porque veio mais pequenina. Mas depois, quando chegámos aqui, tivemos essa reunião e a professora diz assim “Ai que pena os senhores virem da África do Sul e trazerem a sua filha. Sabe, ela veio a melhor da turma, mas daqui a pouco ela está ambientada a isto tudo como os outros que vocês aqui vêm”. E eu aí tive de chorar (risos), tive de chorar.

PDPJ

FAL

ERMDI

FAL

RCCUO

E nessa fase em que decidir vir para Portugal, houve conflitos com o seu marido?

Não, não. Só me dizia assim “Fica cá que eu vou” (risos). E eu, quando cheguei aqui, digo assim “Ai, minha rica terra África do Sul!” “Olha, queres voltar para trás? O bilhete ainda dá.”, porque o bilhete dava para ir e vir durante 6 meses (risos), “Se quiseses ir, voltas para trás que o bilhete ainda dá.”.

RCU
PDPJ

E como casal, mudou alguma coisa quando voltaram?

Depois aqui ainda tivemos umas pequenas coisitas derivado a eu sempre isto e aquilo e a África do Sul (risos). Mas depois a coisa também passou. Depois fui-me ambientando cá e gostando de estar cá. E pronto.

PDPJ
ERA

O que é que acha que a aproxima mais do seu marido?

Ah... Eu na altura foi tudo. Gostava dele todo.

CRPE

E actualmente?

Também. Sim, sim.

PCA

E o que é que acha que os afasta?

Eu acho que agora não há assim nada a afastar-nos... Eu agora digo-lhe assim: “Nós agora é que precisamos um do outro porque estamos a ficar velhotes.” (risos) “Tu precisas de mim, eu preciso de ti”. Eu digo-lhe muitas vezes assim: “Mas olha que tu precisas mais de mim porque eu faço-te mais falta a ti do que tu me fazes a mim!” (risos). E ele ri-se. “Eu não faço? Não?” “Eu faço-te mais”, e ele ri-se. (risos)

ERMU
ERMD
CRI
PDDOE

E no início, o que é que os afastava?

Não havia assim nada...porque ele foi sempre uma pessoa que, quer dizer, nunca me faltou com nada em casa, dentro dos possíveis. Não havia assim nada que afastasse.

CRPC

E como é que foi, para o casal, a fase da reforma do seu marido?

Quer dizer, é mais... está sempre em casa, não é? Mas ele vai muitas vezes ao trabalho, muitas vezes mesmo, vai lá quase até todos os dias porque ele tem um pequeno estabelecimento, que ele até queria passar aquilo mas a vida está muito difícil. Então, entretanto, tem lá um primo dele que lhe olha por aquilo. Mas ele daqui a pouco vai fazer 69 anos, também já está na fase de parar um bocadinho. Mas está sempre dentro daquilo porque aquilo é dele. Vai lá sempre levar coisas que precisa, vai ver as coisas... Ainda hoje à tarde... hoje não, ontem, que hoje foi comigo às compras e disse-me assim “Hoje devia lá ir outra vez, que há lá umas coisas que não me estão a agradar.” (risos). E eu digo assim: “Então e não passas um dia sem ir?”. De modo que raro é o dia que lá não vá, por isso não faz muita diferente. Depois que viemos da África do Sul, quer dizer, ia

ERMDI

PDPR

para lá trabalhar, teve já várias coisas, mas vinha sempre almoçar a casa e lá estava uma semana de manhã, outra semana da parte da tarde, almoçava e ia. Geralmente ele esteve sempre muito em casa desde que viemos, por isso já não estranho muito. Até estava mais tempo em casa aqui do que lá na África do Sul.

ERMDI

E o que é que acha que os faz estar juntos estes anos?

Não sei (risos). Nunca tivemos razões para a gente se separar. Portanto, há 42, vai já fazer 43 para o ano que vem, nunca tivemos nada.

RSIC

E como é que era a relação do seu marido com os seus pais?

Era boa, muito boa. Ele gostava muito dos meus pais e os meus pais gostavam muito dele. Aceitaram sempre tudo, sempre, sempre. O meu pai gostava muito do meu marido, muito, e a minha mãe também, muito mesmo.

CRPAE

E a sua relação com os seus sogros?

Err... Eu também gostava da minha sogra, só que havia assim estas pequenas coisas... Mas isso passou, passou.

SA

E como é que resolveram isso?

Depois ela foi para um lar, já bastante malzita, porque eu não podia tratar dela, que ela tinha já bastantes problemas de saúde, e depois já melhorou assim um bocadinho e a coisa passou... É assim, e já estão 43 anos (risos).

ERRC

E como é que, geralmente, resolvem os conflitos?

Falando, falando.

RCAC

E como é que tomam as decisões cá em casa, por exemplo, com as filhas?

Comigo as filhas foram sempre mais... Ainda hoje, se ligam, falam com pai mas é logo “Chame a mãe” (risos).

FAL

E estiveram sempre de acordo em relação à educação delas?

Sim... embora a criação delas aqui já foi diferente do que agora estamos. A Sandra veio com 13 anos, a Susana com 9, e o meu marido era assim um bocadito para o duro quando elas começaram a querer sair, está a perceber? E eu às vezes... às vezes custava-me as miúdas quererem ir aqui ou ali, que até nem vinham tarde nem nada, mas ele era

FMFO
PDEF

assim um bocadito... de não deixar. E, claro, eu não podia dizer “Deixa-as ir”, não é? Às vezes lá dizia “Então, deixa-as ir, também vai a Ritinha”, que é uma prima minha, e lá iam. Mas era “Têm que cá estar às tantas horas!” (risos). E mesmo com a Sandra a namorar, ele às vezes chateava-se com ela vir tarde, já para casar. “Já viste? Já cá devia estar!” “Oh homem, então mas ela disse que vinha às tantas horas!”. E a Sandra era assim: “A mãe espere por mim, que eu venho às tantas horas” e eu ficava aqui. Mas ele às vezes, se adormecia, (risos) a coisa passava, mas se acordava, “Ela ainda não chegou?!” (risos). E eu dizia-lhe: “Mas ainda não é tarde.” “Lá estás tu!”. Mas depois lá passava. É assim.

RCEV
FALF

E em relação às coisas da casa?

Isso sou eu, sou, sou. O meu marido não tem assim muito gosto. Eu é que vejo as coisas e quero fazer e mudei a cozinha, na altura que se pode, não é? Porque é preciso é dinheiro para as coisas (risos). E ele “Ah, agora não...” “É agora porque senão este dinheiro desaparece” e lá mudei a cozinha. Entretanto, na altura não tínhamos dinheiro para pôr o chão da cozinha igual ao daqui. Mas, um dia, de noite, pus-me a pensar que ficava bem se pusesse o chão da marquise igual ao da cozinha e aquilo estava-me na cabeça e disse assim “Vou comprar o chão para um dia pormos na cozinha. Agora não porque é mais despesa, mas ele é barato.”, isto há uns 6 anos. Então ele “Lá estás tu com as tuas ideias!”. E eu falei com as miúdas: “Vejam lá se um dia não fica bem aqui o chão igual ao da cozinha? O pai está a dizer não e não sei o quê”. Digo eu para ele: “Olha, vou comprá-lo, deixo-o ali na garagem e um dia manda-se pôr” (risos). Ele não é muito de... Não, não. Gosta das coisas e depois de as ver gosta delas, mas sou eu a decidir. Escolhi a cozinha, modifiquei-a. Eu, a Sandra e a Susana é que destinámos. Tirei armários de uma parede e pus na outra, fechei a janela que ia para a marquise. Eu disse-lhe assim “Olha, Fernando, fecha-se a janela, que eu e as miúdas já estivemos a fazer o desenho da cozinha, e põem-se os armários aqui” e ele era assim “Vais pôr aqui os armários? Mas tem algum jeito, onde a gente passa?” “Por amor de Deus, Fernando, então se o armário ficar aqui neste canto, não passas aqui?” (risos). Eu é que destinei, eu e as miúdas é que escolhemos aquilo, e ele depois gostou. Mesmo as pessoas que vinham cá a casa gostavam, de minha família. A minha mãe, coitadita, já morreu, mas a minha irmã que morava aqui, a minha irmã mais velha, que agora foi morar lá para a minha terra depois de se reformar. De maneira que estas coisas assim decido eu.

PDGC

FAL

PDGC
FAL
RCCO
PAL

E como é que foi quando as filhas saíram de casa?

Ai, foi bastante...quer dizer, foi com bastante pena. Pena não, saudade, saudades, saudades. O que é estão perto e não me largam (risos). E o meu marido teve muito a ideia de ir para a minha terra também, Jesus, queria lá comprar um terreno e fazer uma cãs lá. Foi agora, há pouco tempo, quer dizer, há uns já atrás. E eu sempre a dizer não, não, não. Não queria sair daqui e deixar as filhas. E depois vieram os netos, o Diogo já tem 9 anos, e eu nunca quis, nunca quis. Ele às vezes diz assim “As minha ideias que tinha, nunca fiz aquilo que quis” e eu calo-me, às vezes, não digo nada (risos). Não queria ir para a terra, não queria deixar as filhas aqui e ir para lá. Já lá não há ninguém na minha aldeia, porque ele queria ir mesmo para a minha aldeia, mas a minha aldeia nunca desenvolveu muito e as pessoas boas que havia lá está tudo a acabar, tudo. Só tenho um tio lá. Faleceu a minha mãe, faleceu o meu pai, faleceu a mãe dele, também já tinha uma

RSDIS

PDPJ

RCCUO
RCEV

idadezinha, já foi há 4 anos.

E o seu sogro?

O meu sogro conheci-o no Brasil, que ele nunca viveu com a minha sogra. Separara-se quando eles eram pequenos. Por isso ele foi sempre assim um pouco contra o pai porque não ajudou a criar os filhos, eles eram pequenitos quando ele foi para o Brasil. Mas eu conheci-o lá. Não, eu ainda o conheci aqui, uma vez que ele foi à minha terra. Mas um dia, à vinda da África do Sul, ele quis fazer esta viagem, dar a volta, e fomos ao Brasil, depois à América, de América viemos para aqui e daqui outra vez para a África do Sul, porque vivíamos lá. E então fizemos este passeio lindíssimo e estivemos no Brasil com o pai dele e com uma meia-irmã. Já tudo faleceu. Hoje só uma tia e um sobrinho, filho dessa meia-irmã, que até veio cá há uns tempos e gostámos imenso de o ver. Isto já foi há 30 anos.

OFD

E quando as filhas saíram de casa, acha que houve mudança na vossa relação de casal?

Err.. aproximámo-nos mais porque depois... claro, saiu a Sandra primeiro, não é? Depois a Susana saiu ainda há pouco, há uns... A Susana não casou, mas está bem, está a viver com um rapazinho, compraram casa juntos. Penso estar bem, embora também tenha as suas coisas, que isso não há nenhum de nós que não as tenha. Ela está à espera de bebé. Também é um menino, também é outro rapazito (risos), três netos! Se viesse uma menina era giro! Até já foi buscar as roupinhas que eram dos sobrinhos. Mas ela tem passado mal, coitadita, e tem de não fazer força e de ter um bocado de repouso, mas ela é tão frenética, tão nervosa para fazer as coisas, que ela não descansa o que precisa. Mas ela agora diz que tem andado melhor.

ERMU

E como é que foi quando souberam que iam ser avós?

Ah, foi uma alegria muito grande. Do primeiro, do Diogo então! E do Pedro também, que eu gostava que a Sandra tivesse outro bebé, que eu disse “Um só não vale nada, é pouco”. Ainda hoje é o bijou, o Diogo. Gosto muito do Pedro, mas o Diogo foi o primeiro, eu criei-o com a outra avó, uma semana numa, outra semana noutra. Depois não pude fazer o mesmo ao Pedro porque fui operada à coluna e eu não posso pegar assim nele. Mas ainda cá vem muitas vezes.

NI

NF

NPX

E alguma vez pensou em ter mais filhos?

Eu? Não, só dois. O meu marido queria mais, mas eu, como fui operada das duas e não sei o quê, operada, cesariana, mas disse sempre que dois chegava.

PDPF

Quer acrescentar alguma coisa que ache importante?

O dia do casamento, pois, foi importante, foi feliz porque gostávamos um do outro, não é? E aquela ansiedade dele vir a casámos três meses depois. Mas pessoalmente, pessoalmente, só namorámos esses três meses, foi muito pouco tempo. Depois casámos e ficámos na casa da minha mãe até ele ir, e eu fiquei, e depois fui. Nem pusemos casa cá porque ele era para ir, não é? Tinha tudo preparado para ir. Só que eu não pude ir com ele, ele ainda tentou fazer as coisas para eu ir com ele mas não pude, teve de ir a mandar-me uma carta de chamada. Mas foi rápido, então, se ele foi no princípio de Janeiro, mais ou menos, eu sei que ele passou cá o Natal, as festas, e eu fui em Maio, por isso foi rápido. E aí eu estava ansiosa para ir, claro. Ele tinha partido e eu estava ansiosa para ir (risos).

MC
CA
RSAS
CAM

RSAS

E como é que foi o reencontro?

Foi bom... Foi um dos mais marcantes. Foi, sim senhora. Quando eu cheguei lá, e, claro, a primeira vez que andei de avião, vi aquilo tudo diferente e vejo-o a ele com duas senhoras amigas, que eram já vizinhas e mulheres... uma era uma senhora onde ele esteve hospedado antes de vir para casarmos, ainda em solteiro, outra senhora amiga também, que ele trabalhava com o marido dela. Claro que eu não conhecia, não é? Mas parece que ainda estou a ver quando as vi a elas e o vi a ele... Parece que ainda estou a ver o dia marcante, talvez um dos mais felizes. Foi este, o nascimento das filhas, há assim momentos... Também temos aborrecimentos, mas passam, passam.

MRE
AD

MNF

6-H

Nome: Fernando

Idade: 68 anos

Tempo Casamento: 42 anos

Tempo Namoro: 6 ano

Filhos: 2 (42 e 38 anos)

Como é que se conheceram?

(risos) Nós somos da mesma terra, não sei se ela já lhe contou, e ela era muito jeitosa quando era novita, que eu sou mais velho do ela três anos, e via nela uma moça muito jeitosa, muito sossegada e tal e, pronto, pedi-lhe em namoro. Agora não, agora é do género “Queres namorar comigo?”. Antigamente era uma cena mais... E, pronto, começámos a namorar. Eu estava ainda na tropa ainda, em Moçambique, quando ela aceitou o namoro, depois eu escrevi de Moçambique e tal... já lhe tinha falado antes. E, pronto, depois acabou a tropa, continuámos a namorar por cartas. Depois fui para a África do Sul, eu sozinho, solteiro, sozinho mais os amigos, e depois, enfim, juntei algumas coroas e resolvi casar. E, passados três meses, estive aqui três meses casado, depois fui para lá para tratar dos papéis para a minha mulher ir e a minha mulher foi e, pronto, lá nasceram as miúdas.

CRPAF

OSS
CRPI

CRPSE

E o que é o que o levou a tomar essa decisão de se casar?

O que é que me levou? Ah.... Porque um homem sozinho é um bocado chato, sabe? Chega à noite e não tem carinho, não tem conforto e já estava um bocado chateado também, aborrecido, porque nos fins-de-semana eu era um “globetrotter”, hoje estava aqui, amanhã estava ali, está a perceber? E já estava cansado daquela vida. Então disse assim “Está na altura de assentar arraiais, juntar dinheiro e ir-me casar, trazer a mulher para ao pé de mim” e foi isso que eu fiz, foi isso que eu fiz. Casei ainda muito novinho, 25 anos, 25 ou 26. Era muito novinho, Ah, agora não, agora era muito mais tarde. Isso agora mulheres há aí aos pontapés! (risos) Naquela altura não. Estive no estrangeiro na tropa, em Moçambique, a maior parte do tempo foi no mato, era raro a gente ver uma branca, havia lá mulheres a trabalhar, uma aqui outra acolá... Enfim...sofre-se um bocado. Lavagem de roupa, as mulheres têm outro cuidado que os homens não têm. De forma que tudo isto se revelou... E gosto do sossego, do conforto, do carinho e tal. E,

CNA

CNC

CAM

CTD
CNA

pronto, isto faz com a gente se case. Eu casei-me muito novo ainda, agora os pais têm de...agora não, agora é totalmente diferente. Há coisas que são modernas demais, digo eu. Ainda no outro dia vi que na América há lá um partido que querem que a virgindade da mulher até à data do casamento, não querem autorizar o casamento de gays. E acho que sim, acho que sim. Acho que está a ter muita, muita adesão, este partido. Agora um homem com um homem ou uma mulher com uma mulher?! Deus fez-nos o homem diferente da mulher e a mulher diferente do homem precisamente para se juntarem, não é? Agora homens com homens e mulheres com mulheres, eu também não vou muito à bola com isso. O que é que eu ia a dizer mais...?

CAM

ECS

E como é que foi a passagem do namoro para o casamento? Como é que foram esses primeiros tempos?

Os primeiros tempos? Então eu vim cá, eu vinha solteiro ainda, não é? Estive três meses, ainda namorámos ao pé um do outro, que dantes era só por carta (risos), nem telefone havia, quer dizer, havia telefone mas algum problema para se ligar e tal, então era só por carta. Estive cá três meses, preparámos o casamento e assim foi. Fui muito bem recebido pelos meus falecidos sogros, eu conhecia-os, somos da mesma aldeia, o pai dela trabalhou comigo, aliás, eu é que trabalhei com ele, e a mãe dela, a mãe da minha mulher também, éramos quase vizinhos, conhecíamos-nos uns dos outros, não é? E, pronto, eles sabiam muito bem quem eu era, eu sabia muito bem quem eles eram e foi assim.

CRPAE

E acha que nesses primeiros tempos tiveram de fazer adaptações um ao outro?

Não, foi fácil. A adaptação com a minha mulher... foi fácil, fácil. Foi sempre tudo para melhor, tudo para melhor. Ela faz muito bem comer, enfim, é uma mulher meiga, foi tudo muito fácil, tudo muito fácil com a minha mulher. Fazer o comer, a roupinha tudo sempre em condições e isso é importante num casal. Não fumava, eu fumava, mas ela não fumava, quer dizer, nós homens, eu homem olhava e digo assim “Olha esta mulher que fuma não gosto” (risos), e no entanto tenho duas filhas que, volta e meia, já as vi a fumar. Elas deviam-se de mim, não é? A mais nova agora não fuma, mas a mais velha ainda fuma os seus cigarros. Mas, olhe, a vida é assim. E que mais?

PCE

OPR

OM

CRPC

PCI

FD

E como é que receberam a notícia de que iam ser pais?

Ai, sim, sim. A notícia deu-me logo a minha mulher. Não, pois, deu-me a minha mulher, ela ficou cá já grávida. Não, eu, quando fui, eu sabia que ia ser pai se coisas fossem correr bem, e correram, graças a Deus. Eu estava era desejoso que o tempo passasse e que a minha mulher fosse e que nascesse...nós ainda não sabíamos o que era, não é? Se era um menino ou uma menina. Agora já se sabe, ao fim de três ou quatro meses, já se sabe o que é, mas naquela altura não. Foi um parto difícil para a minha mulher, que a miúda era grande, a Sandra, e pronto. Teve de ser cesariana ao fim de quatro ou cinco dias de se estar a sofrer para ter o bebé. O médico era grego, era um bêbadozito, e eu um dia entrei pelo escritório adentro, quando eu ia ver da minha mulher, porque ele mandou para lá a mulher e as enfermeiras estavam a tratar do coiso. Eu via as enfermeiras a porem-se em cima da barriga da minha mulher, a minha mulher já não tinha forças. E eu entrei lá pelo escritório dentro “Oh Doutor, vá-me ver a minha mulher que isto assim não

RSAS

pode ser, então há quatro dias ou há cinco dias que está para ali e não tem bebê! Então como é que é?”. Foi logo a correr e tiveram de fazer cesariana e depois a minha mulher sofreu por causa das coisas do médicos, que a gente devia ter logo visto que a criança não nascia, mas depois... Depois pensámos na segunda, veio a segunda, mais nova, e correu tudo bem, até agora tem corrido tudo bem.

PCPF

E acha que a vossa vida a dois se alterou com o nascimento das filhas?

Não. Alterar em quê? Não. Quer dizer, altera, uma pessoa tem, pronto, outra responsabilidade, tem um filho, depois tem outro, e uma pessoa diz “Bem, agora tenho de trabalhar ainda mais um bocadinho. Se já trabalhava, agora tenho de trabalhar mais um pouco”, não é? E, pronto, altera sempre, altera sempre... E.... depois...altera, altera, faz-nos pensar mais no futuro, então, estamos a criar dois filhos, não é? A gente já pensa mais... E, pronto, correu sempre tudo mais ou menos bem até... Depois pensámos em vir embora para aqui, antes delas começarem a... a mais velha já tinha 14 anos ou coisa assim parecida, a mais pequenita tinha 8, e nós... eu, mais eu, que a minha mulher não estava assim muito inclinada em vir, quer dizer, comecei a pensar, a mais velha tinha 13 ou 14 anos na altura, “Bem, se eu vou ficar aqui mais tempo, fica uma mulherzinha, começa a namorar, casa-se e eu nunca mais saio daqui” e eu não gostava daquilo para o resto da minha vida, não gostava, não gostava. Gostava como país, era um país formidável, mas deixar lá o cabedal, não. E não era só isso, também tinha cá a minha mãe velhota, coitadinha, não tinha cá mais ninguém e eu preocupava-me muito, enfim, com a minha mãe, não é? E foi um dos motivos que me puxou mais a vir para cá. E pensar no futuro das miúdas, quer dizer, se viessem para aqui, quer dizer, se tivesse ficado lá, podiam vir solteiras e tal, mas também já podiam vir, quer dizer, começarem a namorar e casarem-se e nunca mais coiso e eu tinha de estar sempre a ir para cima, para cá e para lá e eu cortei o mal pela raiz “Não, vamos embora agora, vão estudar e depois lá também há homens”, cá, lá cá. E foi isso que aconteceu. E cá estamos. E agora tenho dois netos, qualquer dia espero bem que venha o terceiro, da mais nova, espero bem, Deus queira que corra bem, que a coisa tem andado assim um bocadinho complicada, de forma que... Que mais lhe hei-de dizer?

FRE

ERMPR

PDPJ

PPR

RCIM

Quais é que acha que foram os momentos mais marcantes do seu casamento?

De meu casamento... Foi isto assim. Cheguei cá, a minha mulher estava uma rapariga muito jeitosa (risos) e marcou-me. “Vou-me casar contigo”, pensava eu para comigo. E, pronto, a gente depois quando se realiza o casamento, enfim, é uma felicidade muito grande uma pessoa gostar um do outro. Depois... Eu nem sei mais o que lhe hei-de dizer, sinceramente, não sei mais.

MRE

CRPAF

MC

CA

E sente que houve uma fase em que tiveram mais crises?

Crises? Quando a minha mulher... não... quando estava de bebê, as coisas não correram assim muito bem. Depois, a minha filha mais velha, já tinha 2 anitos e tal, quase 3 anos, foi envenenada por engano no farmacêutico, isto foi uma coisa muito marcante para mim, salvou-se porque a minha mulher também foi inteligente quando sabia que quando se dá um remédio a uma criança tem de ser aos poucos, neste caso era uma colher de

MPSO

MDFA

OI

sopa que vinha lá escrito e ela achou que era muito e deu-lhe só uma colher de chá, porque se fosse uma colher de sopa, matava a miúda. Mesmo assim estive quatro ou cinco dias numa estufa de oxigénio! Foi, só que isso marcou-me muito, marcou muito. E agora tenho dois netitos e eu só me lembro de qualquer asneira que eles possam fazer, quer dizer, preocupo-me muito, sabe? E... e mais nada, e mais nada... E que mais?

NEF
NPR

E como é que tem sido em relação aos amigos? Têm os mesmos amigos ou...

Sim, sim, eu tem amigos que ainda hoje..., quer dizer, fui tropa com eles, já lá vão 40 anos e volta e meia... um está cá, ele e outro, outro está na África do Sul e, volta e meia, a gente combina e encontra-se e vamos todos jantar. Os amigos, continuei a ter os mesmos amigos que tinha, amigos de solteiro mas que, depois de casar, continuaram a ser amigos, não é?

Mas também são amigos da sua mulher?

Sim, sim. Quer dizer, eles não conheciam a minha mulher e vieram a conhecê-la, quando eu casei e levei a minha mulher, eu não levei, ela é foi lá ter, não é? Eu também conheci as mulheres deles mas conheci alguns deles ainda as mulheres solteiras e eu conheci-os solteiros e depois casaram. É assim, os amigos, agora cuidado com os amigos, não há aquela amizade como havia antigamente, em que uma pessoa diz isto e faz e cumpre, agora dizem uma coisa e logo já dizem outra, como diz o outro, se for preciso um rouba a mulher do outro. Eu não fazia isso, mais valia fugir, não é? É uma responsabilidade muito grande.

AC
AD

E como é que era a sua relação com os outros membros da família, os seus sogros...?

Boa, boa. Eu fui à América, estive com os meus sogros, fui lá fazer-lhes uma surpresa. Primeiro fizemos saber que ia só a minha mulher com as miúdas mas também ia porque a viagem era muito longa, era Rio de Janeiro, depois ficavam lá cinco dias, depois ir para lá e a miúda mais novita ainda era pequenita, e fiz saber que só ia a Maria do Carmo, só ia a minha mulher. E depois, quando lá cheguei, foi uma alegria! Eu aparecer, que eles foram lá esperar e tal e eu também apareci, também apareci. Mas eu com os meus sogros sempre... não tenho nada que dizer dos meus sogros, absolutamente nada, nada, nada. Foram sempre muito meus amigos e eu amigo deles, não é? Eu também muito amigo deles. E mais nada. O que é que lhe hei-de dizer mais (risos).

SD
SE

Voltando às filhas, como é que foi, como casal, em relação à educação das filhas?

À educação? Sempre tivemos de acordo. Portanto, a Sandra podia ter estudado mais ainda, podia ter estudado mais. Ainda lhe paguei, no liceu, pagava-lhe as explicações lá no liceu para ela coiso mas, enfim, começaram a namorar, pronto, chapéu. Não tiraram mais porque não estiveram para isso, percebe? Porque eu mesmo assim gastei muito dinheiro e ainda gastava mais para elas tirarem qualquer coisa mais. Mas, felizmente, a Sandra está muito bem, não tirou mais porque não quis, não é? E é assim.

PCEF
FD

Quando regressou a Portugal, acha que houve alguma mudança no casal?

Não, mudança não. Não, não houve, não houve mudança nenhuma. A mudança que houve foi para mim, foi para melhor porque, embora eu estivesse bem na África do Sul, que eu estava muito bem, foi para melhor porque estávamos aqui a família toda. Portanto, antes de eu vir mais a minha mulher, os meus sogros já cá estavam, que também estavam na América, já cá estavam. Enfim, a minha mãe depois estava cá, pois a minha mãe nunca saiu de cá, e foi sempre bom estar aqui ao pé da família. E eles vinham aqui muitas vezes. O meu sogro, enfim, veio lá da América muito doente, com uma cirrose no fígado, passou muito tempo em Coimbra, mesmo assim íamos lá vê-lo muitas vezes, íamos lá buscá-lo e levava-lo à terra, estava lá uns dias e eu podia nessa altura, estava lá uns dias também e vinha com eles para cima, para Coimbra. E foi assim. Foi bom, foi bom, a parte da família estar aqui toda. É um benefício viver ao pé da família, agora estar um aqui, outro além, é um bocado chato.

EVF

RSDIS

E como é que se adaptaram a viver em Portugal outra vez?

Adaptámo-nos bem, adaptámo-nos bem. Então, eu já conhecia isto! Eu saí daqui com 18 anos, quase 19, saí daqui e fui para tropa. Estive lá alguns meses na vida civil e fui para a tropa, em Moçambique. Eu conhecia isto muito bem, conhecia Lisboa, conhecia mas não conhecia muito bem aqui onde moro, agora é que conheço melhor, mas adaptei-me facilmente. É a minha língua... Quando as coisas estavam a correr bem, as miúdas, claro, estavam a crescer, lá na África do Sul, também me correu bem e já não tinha problemas de falar, já não tinha problemas da língua, que ainda foram uns anos que eu estive lá, desde 63 até... 17 anos. E, antes disso, em Moçambique, eu andei lá com um professor a aprender Inglês e depois, quando lá cheguei, ajudou-me um bocadinho. E é assim.

E como é que foi, para o casal, quando as filhas saíram de casa?

Ah, custa um bocadinho. Isso custa um bocadinho.

RSDIS

E sente que houve mudança na vossa relação?

Eu e a minha mulher? Não, não, não. Somos amigos um do outro, ela olha por mim se eu tiver algum problema e eu olho por ela, faço isto, faço aquilo, sei lá, vou ao médico com ela. Não, melhorou, melhorou. Na mesma. Sinto a falta das filhas, está certo, mas também estão aqui perto. Agora apareceram aí com os netitos, é uma alegria. A gente agora, hoje em dia, quer dizer, estamos a ver os netos mas estamos a ver as filhas quando eram pequeninas, está a ver? A gente agora parece que gosta mais dos netos do que propriamente das filhas, quer dizer, não se pode pôr a coisa aqui numa balança, mas a gente lembra-se mais delas estando a olhar para os netos, lembra-se mais das miúdas quando eram pequeninas.

PCAM

PCAP

RSDIS

NEF

E como é que foi para vocês saberem que iam ser avós?

A primeira vez? Eu desejava ser avô, eu desejava ser avô. O primeiro foi um menino, foi um rapazito. Enfim, é uma alegria muito grande, não é? Eu tive duas filhas, não é? A minha filha mais velha teve dois meninos, a mais nova também parece que é um menino, Deus queira que sim, portanto... Eu desejava era que viesse uma menina, não era? (risos)

NI

E como é que tomaram a decisão de ter duas filhas?

Eu gostava de ter mais filhos. Gostava, gostava. A minha mulher é que não. Não podia porque tinha feito três cesarianas, duas foi para a mais velha e para a mais nova e a terceira porque ela engravidou fora do sítio, não é? E esteve muito mal, ela esteve muito mal e foi operada de urgência porque se aquela bolinha de sangue rebentasse, estava feita e... é assim... Ah... não sei o que é que perguntou mais...

PDPF

MPSO

Estava a perguntar do número de filhos...

Ah, pois. Mas a minha mulher não. “Dois chegam, dois chegam” e... enfim. Mas eu gostava de ter mais um. Gostava de ter um rapazito, gostava de ter um filho rapaz. Claro que podia vir uma menina mas...criava-a na mesma, com certeza, mas gostava de ter mais um filho. A minha mulher é que não podia, ela já não podia. Ela sofreu um bocado para ter a primeira, depois na segunda já demos com um médico responsável, que quando chegou a hora já estava tudo preparadinho, fez cesariana, a criança nasceu e a minha mulher não sofreu nada, não sofreu nada. No primeiro, esteve ali uma data de dias a sofrer e depois tiveram de lhe cortar a barriga, quer dizer, tiveram de lhe fazer a cesariana para coiso. Foi um bocado complicado. E é assim. Mas gostava de ter mais um filho. Vêm agora os netos.

PDPF

FIS

MPSO

E como foi quando se reformou? Acha que mudou alguma coisa na relação?

Não, não. Eu tenho um estabelecimento e são dois empregados e eu vou lá quase todos os dias, hoje por acaso não fui lá, andei nas compras com a mulher, mas uma pessoa não gosta lá muito porque está mais velho (risos), não é? Está a perceber? Já está reformado. Mas... não, nem me lembro dessas coisas, nem me lembro. Faço de conta que tenho agora 40 anos ou 50.

EDE

E em relação a estar em casa mais tempo, acha que....

Eu não gosto muito de estar em casa. À tarde, gosto de sair ou ver um bocadinho de televisão ou se tenho qualquer coisa para me entreter lá em baixo, entretenho-me. E até ando um bocado desmazelado porque eu gostava muito de ler e agora não leio nada, estou um bocado desmazelado. Mas lê a minha mulher por mim (risos). E é assim, fico aqui por casa... quer dizer, e raro ficar aqui por casa porque vou lá sempre, há sempre coisas para tratar, isto e aquilo, e vou passando assim o tempo. Não me lembro, não me lembro, nem me quero lembrar que estou reformado. E ainda trabalho muito, que se estivesse à espera da reforma, morria aí com fome. Trabalhei muito aqui em Portugal, até aos 18 anos. Desde os 12 anos, que comecei a trabalhar com 12 anos. Depois fui para Moçambique, lá também os patrões não descontavam, aliás, foi só um patrão, depois fui

CRCI

EDE

para tropa. Mas aqui, quando meti a reforma, descobri que a casa onde trabalhei aqui não, nunca meteram descontos. Esses deputados que andam para aí são filhos desses, desses que andaram para aí a explorar. Às vezes apetecia-me dizer-lhes “Os senhores estão para aí a falar, mas os vossos pais é que exploraram os meus, por isso é que eles não me puderam dar educação.”. Mas, enfim, é assim a vida, é assim o mundo. Isto não está nada famoso, não está nada famoso, não. Vamos ver para o ano como é que vai ser, que ainda hoje estava a dar na televisão não sei quantas pessoas com fome, o que é um coisa fantástica. Puxa, tenho a impressão que nunca se passou tanta fome como agora. Quer dizer, eu, felizmente, não tenho coiso, mas lembro-me desses, coitados.

Voltando ao casamento, o que é que acha que tem em comum com a sua mulher, que os mantém juntos?

O que é que eu acho? (risos) Eu acho que... quer dizer, primeiro, a gente namora, foi por carta mas a gente a namorar vai-se conhecendo, não é? Os gostos, como é que é e como é que não é, e tal, a gente vai-se entendendo. E depois, no casamento, vai-se prolongando.

ERM CN
ERA

E quais são as características da sua mulher que aprecia mais?

Ah, é uma mulher que se preocupa comigo, se me vê doente, às vezes uma tosse ou coisa assim parecida, eu tive um princípio de um enfarte e... Não me falta com nada, tem sempre tudo impecável... a roupa, ao nível da roupa... Enfim, tudo, não há nada que não.... E ela também acompanha muito porque a minha mulher é um bocado doente, já cortou um peito, já foi operada à coluna, já foi operada à cervical, tiraram-lhe um bocadinho de osso aqui da anca e puseram-lhe aqui, ela foi doze vezes anestesiada. De forma que... não sei, acompanhamo-nos um ao outro, quer dizer, acho que é fundamental num casal a gente se acompanhar. Às vezes há falhas, às vezes posso-me zangar, mas é uma questão de horas ou... não é? Depois disso passa tudo.

PCAP
CRPC
OSF
MPSO
PCP
RCRR

E como é que costumam lidar com essas zangas?

Normalmente quando ficamos mais calmos, então a gente conversa, porque na altura que a gente se zanga por isto ou por aquilo, há um motivo, mas depois a gente começa a pensar, arrefece um bocadinho e tal e depois a gente conversa e, enfim, passa tudo. Mas aquelas zangas de violência, não. É só conversa, só falar. São coisas que, se os outros casais fossem assim, era uma maravilha. Agora, por tudo e por nada, até dão pancada um ao outro se for preciso. Os casais agora casam-se e depois, dois ou três meses ou uma semanas, já estão separados. Não sei, não sei qual é a ideia dessa malta toda. E tanto faz serem elas ou eles, elas como eles.

RCAC
CRE

Alguma vez pensou em separar-se?

Não, nunca pensei. Não, não. Eu tenho duas filhas, como sabe, estão casadas e nunca queria dar o mau exemplo aos maridos delas. Não havia motivo, mas... não havia motivo. Mas não, nunca... Pronto, a minha mulher nunca me deu motivos para me

RSIC
RSDS

separar dela, não é? E eu também a ela também não. Não sei (risos).

E o que é que acha que os afasta mais ou que provocam mais conflitos?

A minha mulher é um bocadinho teimosa. Se ela cismar que isto é verde, quem é que diz que isto é cinzento?! Já viu? (risos) Às vezes zango-me por causa disso, mas é raro. Mas eu sei que é assim, mas digo-lhe “Está bem, é verde”.

OT
RCEV

E acha que no início do casamento discutiam mais?

No início? Não, não, foi sempre... não tenho assim muitas coisas. A gente podia zangar-se hoje, mas depois amanhã logo já estávamos O. K., já estávamos, já não era nada com a gente, já não se sabia o que é que se tinha dito. Já tinha passado tudo e já não se sabia. E agora continua a mesma coisa. Mas a mulher era... (risos), ela pode dizer que eu sou teimoso, mas ela também é teimosa. A cisma, a cisma. Às vezes pode ter até razão, às vezes em certas coisas, mas eu às vezes também tenho. E é assim, a gente vai-se desculpando um ao outro, não é?

RCRR
OT
RCP

E como é que costumam tomar as decisões cá em casa?

Ah, cá em casa é a minha mulher, a mulher aqui dentro de casa. Coisas fora eu é que sei, eu é que tomo as decisões assim ao nível de negócio... A minha mulher, enfim, eu consulto-me com ela também, também a consulto e elas umas vezes está de acordo, outras vezes não está, mas geralmente a gente conversa um com o outro, disso e doutras coisas. E depois dá tudo certo.

CRDT

E foi sempre assim, essa divisão?

Sim, não, a minha mulher teve aí umas coisas que, por exemplo, se tenho ido por aquilo que eu coiso, eu estava melhor hoje... eu não estou mal, não posso dizer que estou mal, mas podia ajudar mais as filhas do que o que tenho ajudado, mas também elas não precisam muito, a mais nova precisa mais um pouco, se fosse pela minha cabeça. Mas pela cabeça da minha mulher, as coisas não correram muito bem, está a perceber? É só isso. Podia ter tomado umas certas decisões, e tomei, mas depois chegava aqui a casa, falava com a minha mulher “Já viste aquilo e tal...” “Ah, e tal, não...” e depois eu ia pela cabeça dela e depois arrependia-me. Se eu pensasse pela minha cabeça, por favor, não estava ali onde estou. Ando a trabalhar para o Estado, com o IVA e tal... Não ajudam nada as firmas, o Estado só vem sacar dinheiro. Mas, pronto, já está, já está. Qualquer dia também vendo aquilo, se aparecer um comprador, vendo, já chega. A minha reforma fica tem menos um rendimento, que fomos aplicando o dinheiro e agora...valeu a pena. Não é assim muito, mas dá para a gente viver os dois à vontade, percebe?

RCCUO
PDGC

E em relação a planos para o futuro, têm planos em comum...?

Sim. Por exemplo, olhe, eu gostava de fazer um estabelecimento na minha terra, gostava

de lá fazer uma casa, mas a mulher ir para lá... isso aborrece-a bastante. E ela é de lá, mas não quer ir para lá porque é muito frio e mais isto e mais aquilo, e é, é mais frio do que aqui. Mas pronto, eu já estou convencido que ficarei por aqui e um dia, se puder comprar lá um apartamento para quando lá for... Nós tínhamos lá casa dos meus antepassados e ainda lá está, onde eu fui criado, onde nasci e fui criado. A da minha mulher foi vendida e agora, quando vamos, ficamos em casa dos cunhados. Mas se não tivéssemos lá os cunhados, íamos para uma pensão, mas não é preciso isso. Mas um dia, até para as minhas filhas lá irem com os netitos, ter lá um apartamento... Não muito caro, uma coisa para se passar a noite. Sou capaz de um dia fazer isso.

PDPJ

RCC

Não sei se quer acrescentar alguma coisa que ache que seja importante sobre o casamento...

Não, não. Namoradas tive algumas (risos). Mas não, sobre o casamento... Posso dizer que fomos felizes até agora. Às vezes há certas coisitas, mas isso, como lhe disse, é agora mas depois, passado um bocado, passou e acabou. E pronto.

RCRR

Casal 7

7-M

Nome: Isabel

Idade: 68 anos

Tempo Casamento: 48 anos

Tempo Namoro: 6 anos

Filhos: 2 (42 e 34 anos)

Como é que se conheceram?

Conhecemo-nos éramos dois jovens, ele devia ter 14, eu 13, que nós temos um ano de diferença, ou ele 15 e eu 14. Éramos vizinhos. Isto foi assim aquele... porque o meu marido não tinha mãe, pronto, e vivia com o pai e eu claro que tinha a minha família, não é? E portanto aquilo... namoriscámos assim uns diazitos, mas eu não era assim aquilo que... se calhar não era aquilo que eu queria, pronto. Depois ele saiu dali, saiu do sítio porque o pai entretanto mudou-se, vivia ali desde muito pequeno, depois mudou-se e mais ou menos tivemos sempre contacto. Depois o meu marido com 16 anos ou 17 foi para a Índia, alistou-se como voluntário na Marinha e foi para a Índia e namorávamos por cartas. Quer dizer, a coisa por cartas funcionava, mas quando chegava cá a coisa já não funcionava porque eu, pronto, não gostava muito de... Pronto, por cartas até a coisa funcionou. Isto os anos foram passando, entretanto também namorisquei, ele também devia namoriscar, não é? Até que chegámos aos 20 anos... Ai, e depois, de vez em quando, ele tinha mais uma viagem que fazia, tornava a vir, tornávamos a namoriscar. Mas lá está, é a tal coisa, era assim mais cartas do que fisicamente. Os namoros antigamente eram muito diferentes, não é? Então começámos a... quando chegámos aos 20 anos, ia fazer talvez 21 e ele 22, até nascemos no mesmo mês e temos uma diferença de um ano e três dias. E então, pronto, ele... começámos a namorar a sério e ele até me disse assim “Olha, eu não vou falar com os teus pais”, que naquela altura falava-se com os pais, não é? “Eu não vou falar com os teus pais porque a gente já andamos nisto já há uns poucos anos e não merece a pena eu ir falar com os teus pais” (risos) e eu “Está bem, pode ser”. Eu depois vim de férias, íamos deixar de nos ver pelo menos um mês, que eu vinha de férias, e então ele disse-me “Ah, eu vou falar com o teu pai” e eu “Está bem”. Depois ele vai falar com o meu pai, foi ter com o meu pai ao emprego, o meu pai nesse mesmo dia levou-o lá a casa “Se quiseses, então vem comigo, pronto, vais lá” Foi na altura em que eu mais ou menos fazia anos e ele passados um dia ou dois levou-me uma prendazinha, uma taça grande com seis tacinhas pequenas (risos), que ainda existem por aí algumas, não sei já quantas mas existem! E depois, pronto, começámos a namorar com o consentimento dos meus pais. Ele ainda fez mais algumas viagens, uma vez esteve 26 ou 27 meses fora e quando veio, passados três meses, casámos. Foi assim, não houve aquele... sabe que antigamente as nossas mães eram muito repressivas, não é como agora que as pessoas começam a namorar e pronto, as pessoas tinham que ir... a

OFD

CRPAB

CRPSE

CRPFS

CRPSE

CRPAE

CRPSE

PR

flor de laranjeira tinha que ser merecida (risos). E claro, e foi e essas coisas. Pronto, casámos e já cá estamos há 43 anos, com altos, com baixos, com alguns baixos. Nunca tivemos discussões, que eu me lembre parece que só discutimos uma vez, talvez duas. Uma foi por causa do meu filho. O meu pai era demasiado agarrado ao neto e claro que ninguém podia tocar no meu filho, e acho o meu marido um dia... foi com a minha filha e o meu marido um dia acho que deu uma palmada na minha filha e o meu pai ficou muito exaltado e o meu marido disse-me “Se quiseses”, porque eu vivia com os meus pais, vivemos sempre com os meus pais, não por nossa vontade, mas pressionados. Nós ficámos a viver com os meus pais pressionados pela minha mãe porque a minha mãe não queria de maneira nenhuma que eu saísse de casa e então quando eu disse que quando a gente se casasse íamos tornar-nos independentes, íamos morar sozinhos, a minha mãe, nas minhas costas, falou com o meu marido para ficarmos todos e tal e o meu marido, como não tinha sido criado com a mãe, porque não tinha, sim senhora, achou muito bem. Muito bem, quer dizer, até à morte da minha mãe ficámos. Tivemos oito anos. Um dia eu arreliei-me com a minha mãe, muito, por causa de um irmão que tinha, que também já faleceu, que tinha ido para África e que regressou porque dizia que a mulher o tinha traído, era verdade, mas que depois não podia viver sem a mulher, tornou a ir e, quando veio a segunda vez, trouxe uma filha, que é a minha sobrinha. Depois já não foi mais. O meu irmão quando quis refazer a vida dele, eu entendi que se ele tinha trazido a filha, é porque não podia viver sem ela e, se refazia a vida dele, tinha que levar a filha. Porque eu tinha o João já com um ano, tinha a minha filha quase com 8, que eles têm 7 anos de diferença, e a miúda não tinha sido habituada connosco e, como tinha vindo de África, trazia uns hábitos muito esquisitos, de mandar, pensava ela que cá mandava como lá! E depois eu pus a minha mãe à vontade e disse-lhe que se o meu irmão vai embora, casa-se e refaz a vida dele e não levar a filha, eu vou-me embora. E a minha mãe disse-me para eu ir e eu fui. (risos) Só que ela depois arrependeu-se, no outro dia já não queria. Mas eu...como é que hei-de dizer...talvez foi na minha vida de 68 anos, talvez tenha sido das vezes em que eu tenha levado a minha avante. E fui. Depois estive 8 anos fora de casa, daqui, e quando voltei foi porque o meu pai me pediu muito e porque tinha o meu filho e o meu pai gostava muito dele. E depois tínhamos um problema na altura porque o dono da casa queria a casa e o meu pai disse-me “Vem para casa novamente”. Mas foi a única vez que eu me lembro que fiz assim um acto rebelde (risos). Que a minha mãe dominou-nos sempre, quer dizer, ao meu marido não, mas a mim dominou-me um bocadinho sempre. E, quer dizer, nós casámos e eu era demasiado romântica (risos). Sabe, na minha altura, eu tenho 68, comecei a ler muito cedo, com 10 anos já tinha lido todos os livros que o meu pai tinha em casa e depois comecei a ler aqueles livros assim da colecção azul. E então era assim romântica e achava que a vida era um romantismo e a vida não era nada disso e eu desiludia-me um bocadinho. E eu era uma pessoa, sou, que interiorizo muito as coisas e sou do género perdoo mas não esqueço. O meu marido...pronto, eu perdoo tudo. Ele não tem feito muitas coisas mas, por exemplo, na nossa casa líamos o Diário de Lisboa e líamos o Diário Popular, que o meu pai comprava o Diário Popular e ele comprava o Diário de Lisboa, e um dia ele diz-me “Só lêes o Diário Popular por causa das misses”. Quer dizer, eu achei aquilo...chocou-me muito. Eu achava que ele não tinha o direito de me dizer aquilo porque até havia palavras cruzadas no Diário de Lisboa que eu depois até comecei a gostar de fazer. Achei que ele não tinha o direito de me estar a dizer que eu gostava do Diário Popular por causa das misses! É porque para mim era muito mais atractivo a leitura do Diário Popular, porque o Diário de Lisboa era um diário muito mais tudo a preto e a capa do Diário Popular era muito mais cor-de-rosa. E eu era capaz de estar muito tempo sem falar, era capaz e ninguém dava por isso. Eu era capaz de estar a fazer a comida, pôr a comida, sentarmo-nos à mesa e

CRPSI
ERIPPS
PC

PDROP

ERAE

EPA

PC

ERO

CRD
ERN
RCP

PDFR

RCA
PDIO

ninguém sabia que eu estava..., não falava. Interiorizava muito. Hoje já não (risos), que hoje já estou muito mais... E, pronto, os anos iam passando, o meu marido depois saiu da Marinha quando a minha filha já tinha 2 anos, começou a estudar e a vida foi progredindo. Tirou o curso de Informática, que na altura, há 40 e tal anos, ainda não estava banalizado como está hoje. Era o começo, era o boom. Eu lembro-me de entrar na sala da empresa do meu marido e ser uma sala enorme, cheia de computadores. Ele teve a sorte de estudar e ter tirado o curso e essas coisas todas. E eu, que só tinha a 4ª classe, achava-me muito, muito, muito por baixo porque a minha mãe tinha tido a culpa. Naquela altura, quando a gente fazia a 4ª classe, era com Distinção e com Admissão ao Liceu e a minha mãe achava que as meninas não deviam ir para a “escola da malandrice”, palavras dela, e eu tive sempre muita sede de saber. E então quando a minha filha, quando nós depois nos mudámos daqui, a minha filha andava na 2ª classe, e o meu marido é uma jóia, é uma jóia de marido, eu própria compreendo que ele é uma jóia de marido porque se eu quiser fazer uma coisa, ele nunca diz que não, porque eu posso fazer aquilo que quiser, mas ele... Um dia destes é que eu me apercebi que o meu marido era arrogante. Foi há pouco tempo que eu me apercebi, estávamos a conversar todos pelo Natal, e eu apercebi-me que o meu marido tinha uns assombros de arrogância. Estávamos a falar em relação a um assunto qualquer e ele estava a falar da juventude dele e era anti-militarista, porque ele sempre foi criado à vontade e, quando foi para a tropa, ele não admitia que lhe quisessem impor regras e aquilo dava para o torto (risos). E então apercebi-me na maneira como ele falou que ele era arrogante e eu nunca me tinha apercebido disso. E as minhas coisas de estar sem falar muito tempo não era arrogância, era porque eu não admitia porque eu sempre gostei muito, não era liberdade, eu nunca gostei que me pressionassem. Eu fui pressionada pela minha mãe, eu fui pressionada, quer dizer, por todos! (risos) E isso era um escape. E eu, quando nós nos mudámos e a minha filha foi para o ciclo, eu fui também. A minha filha foi de manhã e eu fui à noite. E então fui, fizemos o 9º ano lá as duas, e depois cada uma foi para o seu liceu até ao 12º. Porque, uma, eu tinha sede de saber, outra, porque ele tinha-me chamado estúpida. (risos) Ele até podia nem ter dito aquilo por me considerar estúpida, mas o querer ver o Diário Popular era por causa das misses, aquilo para mim... É como lhe digo, eu perdoo mas não esqueço. E, quer dizer, tivemos sempre a nossa vida mais ou menos. Nunca discutimos porque eu não consentia, porque eu não dava abêbia a discussão. Nunca discutimos, fomos sempre um casal modelo. Nós saímos daqui, ele agora está reformado, nós saímos daqui os dois, vamos tomar um café, vimos, quer dizer, passamos os fins-de-semana juntos... Eu tenho um grupo de amigas, já há muitos anos, e reunimo-nos à 4ª feira em casa de uma delas, e o meu marido reformou-se e perdeu os contactos, vai de vez em quando à empresa e tal, mas... Nós, por exemplo, vamos almoçar, as amigas, e ele nunca disse “Tu não vais” ou “Não quero” ou qualquer coisa. Eu tanto posso andar de calças compridas como andar de saia por aqui, que ele até gosta. Ele gostava que eu fosse uma pessoa..., que me arranjasse, que me pintasse e assim, mas isso não está dentro do meu género, quer dizer, gosto de andar bem mas não gosto de andar assim muito arrebitada. Eu agora interiorizei muita coisa, muita coisa. Por exemplo, o meu filho... A praia complica-me com os nervos, aquele ir para a praia, ir para a praia. Estávamos de férias e, um dia, parece que foi das únicas vezes, as duas vezes, como eu lhe digo, que eu me passei, e eu disse-lhe “A tua sorte é eu depender economicamente de ti”. Porque depois os meus filhos nasceram e eu não tinha quem tomasse conta deles e isto há 42 anos, que é a idade que a minha filha tem, havia infantários mas teria de se andar à procura e a minha mãe não quis ficar com os meus filhos, e eu tive de ficar em casa para tomar conta dos meus filhos. Não sei se fiz mal, se fiz bem. Por acaso eu sei, hoje digo que fiz muito mal. E nesse dia eu já estava por aqui e

EMC

CRPA

PR
EVP

PCAP

OA

PC

EMVP

ERN
RCEV
CRE
ERMPOMMS
PCAP

PDNIO

RSDS

PRF
FL

disse-lhe à frente dos meus filhos, que a gente nem nunca discutiu à frente dos filhos, que nós nunca discutimos. E eu disse-lhe “Se eu não dependesse economicamente de ti, eu já tinha...ou tu já tinhas...já nos tínhamos separado” (risos) Naquele dia estava maldisposta, pronto. Depois olhando para estes 43 anos, foram, foram...foram bons. Há dois anos, comecei a andar num psicólogo e fez-me bem porque eu com o psicólogo conversei muita coisa e fez-me bem. Hoje se ele...nem ousa, porque se ele ousasse, eu hoje já lhe respondia e eu, naquela altura, nunca respondi. Qualquer coisa que se passasse, eu nunca dizia nada. Começava cá dentro e depois aquilo fervia, não é? E eu andava sempre em ebulição, em ebulição. Enquanto ele trabalhou, eu estava o dia todo livre, tinha a minha vida, os meus filhos andavam na escola, a minha filha já estava a trabalhar. E depois ele acabou por, quando se reformou, eu pensei assim “Isto agora vai ser o caos! Tu agora vens para casa, não me controlas, não me podes controlar porque eu não deixo”. Não, porque eu não podia. A minha mãe controlou-me toda a vida e eu toda a vida comi e calei porque, enfim, devia-lhe respeito, mas ele não me podia controlar. Então disse-lhe “Sabes para onde é que tu vais? Vais para a Academia”, porque eu já andava na Academia. E ele “Vou agora para a academia!” “Vais, vais. Eu vou-te pagar a inscrição e vais”. Estes dois quadros são pintados por ele. E ele foi e gostou e continua. Começou a pintar e começou a entusiasmar-se e é o hobbie dele, porque se não diga-me o que é que um homem habituado a trabalhar toda a vida, o que é que ele fazia em casa. Então eu encaminhei-o para a Academia e, pronto, eu posso ir almoçar, posso ir jantar, posso ir até dois dias se for preciso, agora já não, mas podia ir numa excursão com elas, que ele não se opunha. Ele nunca foi pessoa que se opôs a que eu fizesse alguma coisa. Mas só que tem aquele feitio, de vez em quando tem aquele feitio...tem aqueles rombos de não sei o quê (risos), estilo mandão. Porque até nem é, mas de vez em quando aquilo...talvez porque fez a Guerra Colonial, tem aqueles ares. Mas, quer dizer, se lhe for perguntar, eu até sou capaz de pensar que fui o amor da vida do meu marido, que fui, eu até me convenço que fui. Não é que na nossa vida íntima tivéssemos assim... Até que o meu marido já há 10 anos... 10? O meu pai morreu há 10 e o meu marido foi operado à próstata e sabe que, deve saber que... Mas apanhou-me num período em que eu não o ajudei. Não ajudei porque nesse período eu andei muito... Mais tarde, agora há pouco tempo, neste ano passado, é que nós falámos sobre isso, porque eu falei com o psicólogo, ele é formidável, falei com ele sobre isso. É que na altura, quando ele foi operado, eu parti uma perna, estive internada porque tive de ser operada, o meu pai já estava muito mal quando eu saí do hospital, entrou o meu pai e faleceu. Aquilo tudo foram coisas muito complicadas e eu, pronto, com o meu desgosto, com as minhas coisas, até me esqueci que ele também poderia estar a sentir-se minimizado como homem e eu não pensei nisso. Houve agora, aqui há uns anos atrás, que eu tenho um sobrinho que eu tomei conta dele com 3 meses, que o pai dele estava muito mal e faleceu, e ele, um dia tínhamos um casamento... O meu marido às vezes fere, não sei, lá está a tal arrogância, eu não sei se é premeditado, se é sem querer. E estávamos a falar do casamento, que eu até nem cheguei a ir porque a minha mãe deu-lhe uma trombose na véspera, e eu disse “Não me digas!”, que nós tomámos conta do menino, vestimos o menino, vai ao dentista, quer dizer, os cuidados de saúde são dados por nós, e o meu marido disse “Tem de se comprar roupa para o menino”. E eu naquele dia também estava assim um bocadinho para o maldisposta e disse “Então a mãe”, que é a minha sobrinha, “vem aqui três dias seguidos e cada dia traz-me um par de sapatos, anda sempre no cabeleireiro, então e não tem dinheiro para o menino?!”. E ele chamou-me mesquinha, e eu isso não lhe perdoei, que eu era mesquinha como a minha mãe (choro). Lá está, perdoo mas não esqueço. E eu senti-me tão... Eu achei que não era porque não sou, porque se eu tomei conta de uma criança com 3 meses, filho da minha sobrinha, por causa de quem eu me fui embora aqui

CRPI
RSDS
RCHRMP
RCEV
ERMC
RCEVMR
RCCT
PC
EPA
RCM

PCAP

OAU

PCSA
PDVS

MPSO

ERMC
MP

MPFA

PDFAO

OA

PDFR
ERN

de casa, e ela tinha o marido doente e a filha pequena e eu disse-lhe “Se quiseres eu tomo conta ou dela, ou dele” e ela disse-me “Então a tia fica-me com o bebé que tem 3 meses”, que tem hoje 15 anos. E eu achei que não era, porque se fosse outra dizia assim “Mas eu vou-me meter em trabalhos, ou ficar com uma criança de 3 meses?!”, que o criei, que todos os anos vai de férias comigo, todos os fins-de-semana vinha cá para casa? Eu achava que não era mesquinha e ele feriu-me e a maneira que ele teve de me ferir, que ele às vezes gosta de ferir um bocadinho, “Ah, és mesquinha como a tua mãe”. E isto são tudo coisas que eu mais tarde falei com o psicólogo, porque o meu médico de família aconselhou-me a ir a um psicólogo, e disse-lhe. E ele disse-me “Essas coisas têm de ser faladas. Vai falar com ele e diga-lhe”. E eu falei, já tinha passado o Natal. Foi um Natal tristíssimo por várias razões, uma porque já não tinha nem a minha mãe nem o meu pai (choro), outra porque ele entendeu nesse ano que havia...ainda neste ano lhe falei nisso e ele diz que não se lembra, pronto. O João queria um computador mas só tinha x de dinheiro e eu disse-lhe “Como vais fazer anos no fim do ano, eu dou-te já o dinheiro para o ecrã” e disse-lhe a ele “Eu dou-lhe agora, depois a gente...” “Está bem”. Quer dizer, depois veio o Natal, e eu, porque eu sou uma pessoa assim, não peço, eu faço, eu não gosto de depender de ninguém, e naquela altura achava que teria de ser ele a tomar a iniciativa porque toda a minha vida fui eu. Quer dizer, tenho uma casa fora de Lisboa, tenho várias coisas, sou eu que tomei sempre a iniciativa (choro) porque ele é deixa correr, faz tu. E ele disse “A gente tem de lhe pôr no banco” e eu logo aí comecei a andar...emparafusei tudo. Mas não lhe disse nada. Disse-lhe este ano e ele “Mas eu não dei?” e eu “Não, não deste” “Esqueci-me, pronto”. Esqueceu-se, passou. E então o psicólogo disse-me “Mas vai falar com ele, vai falar e expor-lhe todos os seus problemas”. Porque eu andava desorientada. Eu dizia “Não posso viver assim, já estou com 68 anos e eu não quero viver o resto da minha com isto tudo cá dentro à volta! Não posso porque a minha cabeça não dá, quer dizer, a minha cabeça só dá para...sei lá, algum disparate!” Mas ele até nem se apercebe das minhas coisas porque, lá está, era o romantismo, as pessoas hoje são mais práticas e o meu romantismo dava-me para isto. Então, estávamos na semana do Ano Novo, a seguir ao Natal e deu um programa na televisão que parece que foi mesmo, mesmo... era sobre as mulheres japonesas, não me esqueço, as mulheres japonesas que depois da reforma não têm hobbies, então dá-lhes para coleccionar peluches e mais não sei o quê porque os homens não lhes dão atenção, ou coisa assim. Então, eu apaguei a televisão e disse assim “Vou falar contigo” e comecei a desbobinar. Desbobinei, desbobinei, falei, falei, falei, e ele disse: “Olha, perdoa-me porque eu nunca pensei, não me apercebi”. Lá está, ele não se apercebe, as coisas passam-lhe ao largo. Eu disse-lhe “Eu não quero viver assim. Os anos que nos restam, eu não estou a viver. Eu prefiro...”, que eu já na minha cabeça dizia assim “Vou-me separar. Mas com esta idade? Bem, tenho a minha reforma, é pequena e tal, é capaz de não dar”. Isto a gente a falar, nós próprias. “Podemos fazer 15 dias eu estou cá, nos outros ele está cá”, era isto que eu interiorizava, meu não era capaz de falar. Mas então falei com ele e disse-lhe que não estava na disposição, pronto, que não queria viver assim o resto da minha vida. E ele ouviu tudo e no fim disse “Perdoa-me porque eu nunca me tinha apercebido, porque eu gosto de ti e nem me passa pela cabeça que tu possas querer uma separação.”.Falámos também de há 10 anos, da operação que ele tinha feito e eu disse-lhe “Tu desculpa-me que na altura, de facto, não fui aquilo que deveria ter sido para ti porque na altura andava cheia de desgostos”. Como também não me fazia falta, lá está, se fosse uma vida sexual muito activa, eu sentiria falta, mas não senti falta. Senti que andava desgostosa porque o meu pai tinha morrido e eu adorava o meu pai. Mas, pronto, falando nestes 43 anos, não discutimos, só duas vezes ou três, não trabalhava mas não era um pessoa que estivesse aflita com dinheiro, pronto, foi uma vida

OSA
MP

MPFA

RCDE

PDAS

PDIO
EROMCO
RCI
RCAC
RCCO
PDIO
RCHR
RSDSRCCO
PCSA
RCCPDVS
MPFA

que poderia ter sido melhor se eu também não fosse tão... não interiorizasse tanto. Se eu fosse uma pessoa mais aberta, se gostasse, se discutisse, se calhar eu tinha interiorizado tanto e a coisa tinha sido diferente.

RCCU

E depois de ter falado, acha que houve mudança?

Houve mudança, houve. Houve que ele tornou-se mais falador, que ele é uma pessoa que fala muito pouco. O meu marido é preciso estar a arrancar-lhe assim as coisas. Tornou-se mais falador, começou a aperceber-se melhor das coisas, daquilo que me poderia dar mais ou menos satisfação e, quer dizer, acho que ele tornou-se mais atento. Porque não era nós passarmos o fim-de-semana juntos, que nós passamos, passamos 24 horas mais 30 dias, mais 30 dias, mais 30 dias sempre juntos. Tanto que ele não sai sem mim, nunca me diz que vai almoçar com fulano, mas eu digo-lhe que vou almoçar com as minhas amigas, sem homens, só mulheres. Até ontem fui dançar um bocadinho, que já há uns tempos que não ia porque ando com a tensão muito alta. E ele disse-me “Vai, vai”. Quer dizer, ele não me proíbe de nada. É cavalheiro, abre a porta para a gente entrar, para a gente sair, só que ele não estava, como é que hei-de dizer? Havia muitas coisas que lhe passavam ao lado. Eu fiz-lhe ver a ele que seria tão ou mais inteligente que ele porque eu também lhe quis provar que eu era capaz de fazer muita coisa. Depois não me empreguei porque, claro, tinha os miúdos, e quando me quis empregar teria de entrar por baixo e ele achava que não estava bem ele estar lá dentro e eu entrar por baixo e estar à espera de passar e ele achou que não valia a pena. Tenho muita pena porque nem nunca fui uma boa dona de casa, quer dizer, fui sempre uma dona de casa frustrada porque não gostava dos serviços de casa, porque não gosto (risos). Há aquelas pessoas que se completam por terem sempre tudo limpinho, mas eu não, eu prefiro pagar porque eu não gosto dos trabalhos de casa, porque isso a mim não me realizava. Prefiro estar a ler ou a ouvir música do que isso. Isto cada qual... eu não tenho a culpa de ter nascido assim. E tive muita pena de nunca me ter empregado, porque se eu me tivesse empregado, tinha-me realizado e se calhar não seria...não tinha sido tão má para mim. No fundo eu fui má para mim, que ele não teve a culpa, eu é que tive a culpa de ser má para mim. Fui má porque qualquer coisinha para mim tomava uma proporção gigantesca. Mas no fim são 43 anos de casamento. Acho que ele nunca me foi infiel, eu também não, porque na minha família infidelidades eu já tinha assistido a muitas. Tinha um pai que era o máximo da infidelidade, mas ele tão bom, ele era tão engraçado (risos), eu gostava tanto dele que eu até perdoava. E fui uma pessoa que nunca tive ciúmes, nós nunca fomos um casal ciumentos um do outro. Ele trabalhava com mulheres, a minha filha chegou a trabalhar com o pai durante mais de 15 anos e nunca sentiu ou ouviu nenhum rumor que o pai pudesse... Nunca fomos infiéis um ao outro e acabámos por não estar nunca um sem o outro mas, lá está, se eu não tivesse o feitio que tenho, poderia ter sido mais feliz. Eu reconheço que fui a culpada de não ter sido mais feliz. É que era muito sensível, ninguém me podia dizer nada, como a história do jornal. Isso foi na minha juventude, o meu filho nem era nascido, e eu nunca me esqueci! Eu hoje sou capaz de não me lembrar das coisas mais recentes, mas as mais antigas ficaram, que é o que acontece às pessoas que vão para a idade. Mas, pronto, se houve momentos que eu fui infeliz, eu fui a culpada. Eu também nunca fui assim muito alegre, não tenho o feitio do meu pai. E se me vir na rua, eu não paro a conversar, se for preciso viro a cara para não cumprimentar. Mas se estivermos num grupo, pode-se dizer quase que eu sou a rainha da festa porque tenho sempre uma graça, tenho sempre... já o meu pai era a mesma coisa, tenho assim um dito apropriado à ocasião, intuitivamente isso sai-me. Mas com ele isso já não

MCO
OMCO
ERE
OMATPCP
PDDOE
AE
PCAP
OCV

RCCP

FL

RCCU

PCF
PMC

PCCF

PCF
PCP
RCCU
ESV

RCCU

ESO
PM

acontece... Às vezes... E agora até me sai mais, desde o ano passado para cá. Já não amuo tanto porque acho que já estou numa idade em que não merece a pena amuar, acho que já não tenho idade para amuos. E sinto-me mais liberta. Acho que perdi muitos anos da minha vida quando podia ter sido mais feliz, quando o podia ter educado a ele. Eu é que não soube educá-lo porque tinha aqueles preconceitos, o romantismo e achava que os homens é que tinham o dever de adivinhar os desejos das mulheres e os pensamentos e, na vida real, não é isso. A juventude agora não é nada disso. As pessoas divorciam-se com o maior dos à vontades e naquele tempo não, éramos mais... Porque a minha mãe era uma castradora, coitadinha, toda a vida me castrou, até há 3 anos, quando ela faleceu. Mesmo quando eu fui estudar, era porque eu não estava cá em casa. Quando eu saí de casa, eu fui fazer aquilo que eu queria, aquilo que ela não me tinha deixado fazer quando eu era pequena. Fui para a natação, aprendi a nadar, que era coisas que eu gostava de ter feito quando era nova e não fiz e ele nunca me disse para eu não fazer. Fui para a natação, fui aprender a trabalhar com um computador, fui fazer uma série de coisas que eu gostaria de ter feito na altura própria e que fiz agora. Eu fui sempre assim, nas mãos na minha mãe fui um bocadinho... e com ele não fui. Mas eu não soube viver a vida, Mas sou feliz, quer dizer, eu digo que sou feliz, sou feliz, pronto. De há uns tempos para cá, as coisas correm melhor porque eu consegui falar com ele, que eu nunca tinha conseguido abrir o meu coração, que eu nunca tinha conseguido ter uma conversa franca. Há coisas que a gente não fala mesmo por orgulho e eu acho que eu sempre fui muito orgulhosa e nunca quis mostrar aos outros, ao meu grupo de amigas, que eu nunca disse às minhas amigas que estava zangada porque não falava, nem nunca falei da minha vida privada. E hoje, naturalmente, sou capaz de... estou a falar consigo. Acho que foi depois de ter ido ao psicólogo e sou capaz de falar da minha vida íntima, não sexual, isso não. Às minhas amigas nem pensar, não falava nada que estava zangada ou isso. Podia dizer que não era bem aquilo, mas não contava, não era capaz. E hoje já falo com mais tranquilidade. E já estou mais velha, que as coisas são assim mesmo. E continuamos a ir ao café, que as pessoas aqui no prédio olham e dizem “Um casal que andam sempre juntos”. Uma vez, estávamos a ir ali ao banco e, lá está, eu não esqueço. E ele ia a tirar a mão do bolso do casaco e eu ia-lhe a dar o braço, porque ele às vezes também é um bocadinho estúpido (risos), e ele disse “Tira a mão” porque ele queria levar a mão ao casaco. Eu digo-lhe, eu nunca mais dei o braço ao meu marido. Magoou-me e ninguém me pode magoar porque eu sou muito orgulhosa e ele nunca soube porque é que eu nunca mais lhe dei o braço. Ele apercebeu-se que eu não lhe dava o braço, mas também nunca me perguntou porquê, e como ele nunca perguntou, eu nunca lhe disse. E depois ele tinha medo de me dar o braço, porque depois ele também tem medo de mim (risos), tem medo da minha reacção. E aqui há um ano, lá está, ele começou a pôr-me a mão assim por cima do ombro e a dar-me a mão. Está a ver, eu é que me prejudiquei. Eu não tive a culpa de ter nascido assim. Eu não tive a culpa de ler muitos romances que não deveria ter lido (risos), se calhar, em que havia sempre o herói. Eu, quando saí da 4ª classe, já tinha lido muita coisa e o meu filho é a mesma coisa, que o meu filho tem muito de mim. A minha filha já não é tão... a minha filha é mais o pai. A minha filha, quer dizer, tem um óptimo marido, que eu às vezes olho para eles e vejo que o meu genro adivinha o que a minha filha quer. O meu genro, por exemplo, volta não volta oferece-lhe um perfume daqueles caros, um livrinho e são coisas que o meu marido nunca teve essa sensibilidade. E eu gostava que tivessem sido assim sensíveis comigo, que me tivessem feito chegar ao coração e ele não, quer dizer, era terra a terra. E eu olho para o meu genro e vejo que ele adora a minha filha, que ele gostava dela ainda ela namorava o namorado anterior, e ele parece que esteve à espera que eles se zangassem para avançar. E ele é uma pessoa cheia de meiguices. Eles moram por cima de mim e se

ERMC

EMC

RCCU

ERO

PDONI

CRD

PR

ERAE

EMVP

RCCU

MCO

EO

CRPI

MP

EMC

CRE

PDRJ

RCA

EO

PDIO

RCEV

ERMAC

RCCU

RCDP

ERO

FE

PDONI

o meu genro não nos vê durante 3 dias, vem logo cá saber se estamos bem. E o meu marido nunca foi dessas coisas. E eu como era romântica e a minha filha não é tanto, quer dizer... (risos). O marido é um doce para ela e o meu não, quer dizer... Mas as minha amigas é a mesma coisa. Nenhuma tem assim aquele... Só há uma que diz que é muito feliz, que tem um marido que é um namorado e mais não sei quantos. Mas, de resto, todas têm os seus problemas. Mas, pronto, eu tenho a certeza que o meu marido lhe vai dizer que gosta muito de mim e que eu sou excepcional, quase que lhe garanto que ele acha que eu sou. E eu até me preocupei com ele, preocupei-me em incentiva-lo a ter uma ocupação quando se reformou. Porque eu preocupo-me, só que não consegui... Há aquelas pessoas que dizem “O meu marido é muito bom porque não tem amantes, porque me mantém, porque não me falta” e há pessoas que para elas isso..., as da minha geração, claro, acham que são muito felizes. Mas eu não era isso que eu queria, queria outras coisas. Apesar de ter um marido que, quando era solteiro, era boémio. Mas no dia em que se casou, imediatamente cortou com tudo. Ele saiu da Marinha, empregou-se e foi uma pessoa que cortou. De vez em quando ele vai à empresa ver os colegas, conviveu com muita mulher, todas gostaram dele como colega, mas, quer dizer, nunca me deu assim um desgosto que eu dissesse assim “Desconfio que tu...”. Se calhar eu era muito confiante, mas acho que não. Eu nunca fui ciumenta, é a tal coisa. A minha mãe era um poço de ciúmes e isso talvez, a mim, me tivesse feito mal. E a vida que tive, que eu tenho, para muitas pessoas seria o céu. Para mim não foi porque eu fui sempre muito complicada. Mas estou casada há 43 anos e na minha família ninguém pensava... Mas há dois anos eu pensava para mim que não queria esta vida. Eu sou uma pessoa que sempre dormi pouco e estava na cama sempre a pensar “Agora digo-te isto, tu dizes-me aquilo, eu depois respondo-te isto”, quer dizer, eu fazia o filme. Isto dava cabo de mim. Há pouco tempo estive aí muito doente porque seria talvez toda esta coisa de não dormir que me deve ter feito muito mal.

FR
ACO
PCSA
OAD
PCAP
AA
PDONI
OMMB
PCCF
PMC
AA

Mas acha que havia algum motivo nessa altura para pensar nisso?

Havia, havia, porque não havia diálogo, e não haver diálogo num casal é muito triste. Eu cheguei... eu posso dizê-lo, eu cheguei a dormir meses e meses no sofá da sala. Não ia para a cama, não dormia na cama. Entretanto a minha mãe já tinha falecido, nós arranjámos o quarto da minha mãe, e eu continuava a dormir na sala. E depois aquilo torna-se num hábito, que no início a pessoa luta, luta. E ele um dia disse-me “Se não vieres dormir para o quarto...”, que ele depois apercebeu-se que eu não ia para o quarto porque eu não queria dormir com ele, porque estava ferida por ele me ter chamado mesquinha como a minha mãe. A minha mãe era um bocado mesquinha. Quer dizer, a minha mãe teve uma vida de sofrimento muito grande porque era muito ciumenta e o meu pai, enfim, era um homem muito bonito e era uma pessoa que encantava as pessoas, tinha um dom com ele que toda a gente gostava de conversar com ele. E a minha mãe era uma pessoa mais tristonha e, pronto, tinha ciúmes do meu pai. E eu como via tanta coisa, eu própria interiorizei que nunca havia de ter ciúmes de ninguém. E não tenho, não tenho, pronto, não tenho a culpa de não ter.

PDFC
RCS
RCU
PMC

E foi sempre assim, desde o início?

Sim, desde já de nova. Eu lembro-me que o meu pai uma vez, só me bateu uma vez, deu-me uma palmada e eu estive uma quantidade de dias que não falei com o meu pai. É que

isto foi sempre assim, já vem de trás. Sempre fui orgulhosa, ou parva, que tanto pode ser uma coisa como a outra. Mas sempre fui assim, desde jovem. Agora, aos 67 anos, é que pensei que não posso continuar assim. Por isso é que pensei em separar-me para ver se encontrava paz de espírito. Hoje tenho mais paz de espírito e se as coisas não correrem como deveriam correr, eu sou capaz de lhe dizer. Porque eu ficava calada. E eu não tenho a culpa de ser assim porque eu já era assim quando era nova. E, pronto, namorei com ele 4 anos, a sério 4 anos, mas comecei a namorar com ele tinha 14. Mas era aquele género, enquanto estás lá fora está tudo muito bem, mas quando chegares eu já não quero nada contigo (risos). Se me perguntar se foi o amor da minha vida... não sei porque eu não tive mais amores. Tive um amor platónico, foi platónico, durante muito tempo. Pessoas que gostassem de mim, tive quem gostasse de mim, porque eu tive quem gostasse de mim. Tive um filho de uma amiga minha, de uma amiga que já era da idade dos meus pais, que gostava e era um ciúme e eu acho que aquilo não tinha razão de ser. Ciúmes para mim não dá. Eu lembro-me do meu marido estar fora e ele vir ter comigo, andou-se a esconder e tal, até que um dia fez-se encontrar quando eu estava a sair do emprego. Eu estava com uma saia azul escura e com uma camisa assim com umas alcinhas branca, assim um bocado transparente e ele encontrou-me e diz-me assim “Ah, tu não achas que essa blusa é demasiado transparente?” e eu “Não”. E depois um dia disse-lhe “Olha lá, tu vens-me buscar todos os dias, o que é que tu queres? Eu namoro, tu sabes que eu namoro. Se não namorasse, era capaz de namorar contigo, se o meu namorado cá estivesse, eu era capaz de me zangar com ele e ia namorar contigo. Mas ele está lá fora e não me passa pela cabeça deixar uma pessoa em tempos de guerra, que isso era um trauma!” E, pronto, fiz-lhe ver a ele. Porque eu também tive quem gostasse de mim, além do meu marido. E ele também teve quem gostasse dele, não é? Mas se me perguntar se eu casei apaixonadamente, como era o caso da minha mãe que adorava o meu pai, só via o meu pai, até depois de morrer, que a minha mãe morreu depois do meu pai. O meu irmão ainda morreu depois do meu pai e a minha mãe parece que nem sentiu tanto a morte do meu irmão como sentiu a morte do meu pai. A minha era obcecada e eu não. Quer dizer, fomos sempre levando aquilo na...

O que é que acha que a levou a tomar a decisão de se casar?

Casar? Olhe (risos), vou-lhe dizer, naquela altura casava-se muito cedo, não era como agora que só se casam aos 30. A miúda aqui de cima tinha 29 e a mãe já andava preocupada porque ela nunca mais se casava (risos). Mas naquela altura as pessoas casavam-se cedo, 18 ou 20 anos, mais ou menos. E eu achava que ia fazer 21 anos e que tinha que..., pronto, que o nosso namoro tinha que ser a sério para me casar. Não quer dizer que não gostasse dele, que eu gostava, mas não era assim aquele amor como eu via, as pessoas românticas adoravam-se, eram capazes de se deixar matar. E eu, naquela altura, tinha 21 anos e comecei a pensar “Eu já namorei tanta vez contigo por cartas e tal...” E havia outra coisa, a minha mãe também era esquisita em relação aos namorados, que eu, se quisesse namorar, a minha mãe era esquisita. A minha mãe punha e dispunha. E com o meu marido, como ele esteve sempre por fora e tal, a minha mãe nunca foi contra, pronto.

Quem é que tomou a iniciativa do casamento?

Foi ele. Ele chegou e quis casar. Ai, eu nem nunca tomava a iniciativa! (risos). De

maneira nenhuma, eu nunca tomei a iniciativa em nada. Eu só tomei iniciativas já depois de ser velha (risos). Ele veio ter comigo, ele é que foi falar com o meu pai, porque antigamente era assim, primeiro tinha de se falar com os pais, não é? Quando ele chegou disse “A gente podia casar-se daqui por 6 meses e tal...” “Daqui a 6 meses? Está bem.” E depois ele disse “Seis meses? Então e se fossem três?” “Pronto, está bem. Vamos falar com os meus pais”. E, pronto casámos. Ele tomou a iniciativa porque ele queria-se casar porque..., pronto, a família... tinha tias, tinha tios, mas era tudo afastado, mas não tinha mãe porque o meu sogro nunca mais casou, e ele também se sentia... Ele encontrou na nossa casa uma família normal, pai, mãe e essas coisas todas. E, pronto, nunca, nunca, nos anos em que nós fomos casados e que vivemos com eles... Porque quando saí, naqueles 8 anos, fui em quem tomou a iniciativa. Ele chegou a casa e eu disse-lhe “Eu não fico mais tempo nenhum nesta casa, nós vamos embora” e ele disse “Está bem, tu fazes aquilo que quiseres”. Até nisso ele disse-me para fazer aquilo que eu quisesse, apoiou-me. Quando voltei, ele também me apoiou. Pronto, quer dizer, ele na minha casa encontrou carinho, os meus pais gostavam muito dele e ele gostava muito dos meus pais, ele sentiu muito a morte dos meus pais, porque, pronto, dedicou-se também. Os tempos eram diferentes, as raparigas namoravam um rapaz e eram enganadas, porque se dizia “enganar”, que ninguém enganava ninguém, não é? (risos) Mas naquela altura as coisas eram diferentes. Resolvemos casar, casámos, pronto. Eu não queria ficar a viver com os meus pais, eles endrominaram-no. A minha mãe endrominou-o e ele disse “Ah, está bem”. Ele nem sequer sabia a minha opinião, porque a minha opinião eu já a tinha dito à minha mãe “Eu caso-me e vou-me embora. Caso-me e arranjo uma casa”. Mas a minha mãe aproveitou a minha ausência e foi falar com ele. Eu fiquei possessa! Mas o que é que eu havia de fazer? Ele já tinha dito que sim, pronto, está feito, está feito.

EPA

CNO

PCAP
CNOPC
PDIO

E como foram os primeiros tempos de casamento?

Olhe, os primeiros tempos foi assim: ao fim de 8 dias de estarmos casados, ele desapareceu porque foi para o mar e não pode avisar porque tinha tido férias. Andei louquinha à procura dele até conseguir descobrir que ele tinha embarcado. Mas, lá está, logo aí começou o desencanto porque eu era muito sensível e ninguém me podia dizer nada. Nunca ninguém me ofereceu uma flor, que eu se calhar adoraria, e ele tratava-me por Belinha e tudo, mas não era aquilo que eu estava à espera. O casamento desiludiu-me porque não era aquilo que eu pensava que era um casamento. Eu pensava que um casamento era uma coisa linda, bonita...desiludi-me, pronto. Fui para o casamento a pensar que era outra coisa, que nós nunca tínhamos tido até contactos físicos, a não ser um beijinho roubado ou assim, porque a minha mãe, a gente estava a namorar e a minha mãe estava no meio dos dois. Era o normal naquele tempo. A minha mãe ficava ao meio a fazer de jarra (risos). Quer dizer, nunca foi... Eu não estava preparada para me casar. Tinha 24 anos mas não estava preparada. A minha mãe nunca conversou comigo, olhe, ia assim... E as coisas não eram como eu pensava que eram e eu tive logo de tomar as rédeas do barco porque o meu marido nessa altura estava na Marinha, o ordenado era pouco, e então, como era pouco, ele vinha todo para a casa. Nós tirávamos para as despesas e não ficava nenhum para nós irmos ao cinema. Quer dizer, o casamento desencantou-me, não era aquilo que eu estava à espera. Eu se calhar pedi de mais e eu pensava que era tudo cor-de-rosa e as coisas não foram cor-de-rosa. Depois, passado uns tempos, fiquei grávida da minha filha, a minha filha nasceu e eu nessa altura trabalhava porque fazia falta o dinheiro para nós comermos e depois para a vida da casa, para nós

ERD
ESV

CRD

CRPSI
PR

ERD

podermos viver decentemente. Depois, nessa altura, a minha mãe teve um acidente e o meu marido foi impecável, porque o meu marido é impecável em certas coisas, percebe? Disseram ao meu pai que a minha mãe tinha morrido e deram a roupa ao meu pai. A minha mãe não morreu, esteve no hospital muito tempo. Entretanto a minha filha nasceu, nós fomos mostrar a minha filha à minha mãe, passados uns tempos a minha mãe foi para casa. O meu marido era uma pessoa que levava a minha mãe ao colo à casa de banho, o meu marido descia três andares com a minha mãe para a levar ao médico, o meu marido foi sempre uma pessoa prestável. Só que o meu marido, comigo...ou eu não lhe soube transmitir o que precisava, ou ele também não foi sensível porque ele também não viu na casa dele, não viu porque ele vivia com o pai, que a mãe morreu quando ele tinha 7 anos, e se calhar ele também não teve um vida familiar que o ajudasse a ter um comportamento diferente. Eu, mal ou bem, eu tive um modelo. Era uma mãe ciumenta, castradora, mas, pronto, tinha um modelo. Mas, pronto, isto foram 40 anos de lutas interiores que as pessoas nem se aperceberam.

PNC
OP
PDFC
OPS
RCDO
PM
PDIO

E quando teve a sua filha, sente que houve mudança na relação?

O meu marido queria um menino, nasceu-lhe uma menina, e depois ele gostava muito da menina. Não, quer dizer, ele gostava muito mas o meu marido delegou sempre tudo em mim. Eu é que tratei da educação dos meus filhos, se calhar foram mal educados, mas eu é que fui a culpada também. Se calhar podia ter educado muito melhor os meus filhos, o meu filho principalmente, mas pronto. Eu é que entendi que eles deviam ter ido para o colégio e foram para o colégio. Eu é que tomava as decisões todas e ele não dizia que não, desde o momento que não se chateasse. Eu é que tomei a decisão, já há alguns anos, entendi que deveria ter uma casa na província, eu é que tomei a iniciativa. Mas, lá está, depois há uma série de erros dentro daquela casa porque eu queria assim, mas ele dizia que queria assim, e depois o mestre de obras dizia que era assim e ele ia por aquilo que o mestre de obras dizia e ninguém ligava nenhuma àquilo que eu queria (risos). Então foi uma série de erros. E eu depois, para não me estar a chatear dizia “Façam aquilo que vocês quiserem!” e já não ligava nenhuma. Porque eu só ia até onde ele queria. Quando a minha filha nasceu, quer dizer, o meu marido gosta dos filhos e dos netos, mas a nossa vida continuava...aquela vidinha, não é? Aquela vidinha assim...insonsa. Começámos a ir de férias todos os anos porque eu disse que a gente ia de férias. Passámos a ir de férias e as coisas eram decididas por mim. Aquilo que não o chateasse a ele, era tudo decidido por mim, sempre. Quando a minha filha casou, teve dois filhos, tenho dois netos, e eu fiquei a tomar conta deles. Aquilo começou a fazer-me confusão à cabeça porque, lá está, eu sentia-me presa e eu nunca gostei de me sentir presa, que me impusessem coisas. Um dia, que nós somos sócios do Círculo dos Leitores, eu vi que precisavam de sócios para dar assistência a outros sócios. E eu fui, não pela necessidade financeira, mas porque estava presa, está por aqui. Tinha a minha mãe, tinha-o a ele em casa, que ele esteve no fundo de desemprego antes da reforma, tinha os dois miúdos e eu disse “Eu já não posso. Eu sufoco”. E eu passei a estar das 7 e meia às 9 e meia na rua. E aquilo nem dava para os gastos! Mas eu estava doida. Assim que os meus netos foram para o Infantário, eu desisti logo porque, quer dizer, respirei mais fundo. Eu, apesar de não trabalhar, eu gostei sempre de ter a minha liberdade, de dizer “Vou comer um bolo” ou “Vou comprar uns sapatos”, porque eu tenho dinheiro. E mesmo naquela altura, quando ele se reformou, eu fui sempre de férias. Mas o meu marido não é uma pessoa que tome iniciativas. As iniciativas têm de ser tomadas por mim. É isso é que me chateia, é isso é

FDO
FDMO
FMFS
PDAS
CRIN
PDAS
NPC
NP
PDFA
PDAS

que me mete raiva, porque aquela alminha, uma pessoa tão vivida, que ele foi tão vivido enquanto foi novo, até se casar, e agora é um atado, não tem actividade, pronto.

OMD

E o que é que considera que têm em comum, interesses, gostos...?

Não temos muita coisa em comum (risos). Eu sempre gostei muito de me cultivar. Por exemplo, eu tenho ali as palavras cruzadas, eu tenho ali os meus CD's, eu gosto muito de ouvir ópera e o meu marido, quer dizer, ele agora pinta e restaura, coisas que eu já fiz mas agora deixei porque tive um problema aqui no olho e fui operada. As coisas em comum que a gente faz...irmos de férias, é irmos ao café. Se eu quiser ir ver um espectáculo, por exemplo, de ballet, como no ano passado, não fui com ele, fui com as minhas amigas, porque ele isso não. Não vamos a um espectáculo de música, não vamos a lado nenhum. Mas, lá está, porque ele agora...mas também quando ele era novo a gente também não fazia nada assim... Tirando as férias, nós não tínhamos interesses comuns nenhuns. Ele nunca compra um livro, eu é que compro. Depois ele até é capaz de ler, mas eu é que vou comprar. Eu gostei sempre muito de saber mais, de estar um bocadinho à frente e ele era ambiciosa ao nível do trabalho. A minha filha é ambiciosa ao nível de bem-estar, trabalho e essas coisas todas, o meu filho é mais...mesmo que não tenha dinheiro, deixa andar. Quando ele era miúdo, eu ia muito com ele a exposições, no intervalo da aula de música, ver exposições de pintura e essas coisas todas, coisas que eu nunca faria com o meu marido, porque ele não tem a sede de saber e de querer como eu tinha, como eu às vezes, agora não, fui perdendo, mas era aquela sede de ver, de querer, do gostar, e ele não tinha, era só trabalho, trabalho. Os nossos interesses não eram comuns. A minha filha é mais o pai. Tem um marido que é um romântico, um doce, mas ela é mais o pai. O meu filho, apesar de a gente andar sempre em guerra um com o outro, o meu filho é mais eu. Ele tem sede de saber, de gostar, tanto pode falar sobre ténis, como automobilismo, como pintura, como música. E o meu marido não. Pronto, fala-se lá sobre umas coisitas e tal. Eu leio o jornal de ponta a ponta, ele também lê. Eu hoje até sou capaz de comentar uma notícia com ele, que há uns tempos atrás até nem comentava, não é? Mas eu sou capaz de manter uma conversa com uma pessoa normal e ele é uma pessoa mais calada. Ele não me completou, pronto. Eu gostava de ter tido uma pessoa, não tive, pronto, que fosse uma pessoa de iniciativas e o meu marido não, é amorfo, e eu gostava de ter tido um marido que fizesse loucuras e eu acompanhava-o nas loucuras (risos), mas não foi. Ele não foi louco, pronto, era pacato. É como lhe digo, para muitas pessoas o meu marido teria sido o marido ideal porque desde o momento que não saísse, era o marido ideal para a época. Para mim também, porque é o meu marido já há 43 anos. Não tenho nada...nunca olhou para mais ninguém, mas não foi um marido que eu dissesse assim "Completo-me". Não. A gente tem de viver com aquilo que tem, ele viveu comigo e eu vivi com ele, mais nada. Não somos almas gémeas, mas eu até adivinho aquilo que ele vai para dizer, tanto que ele às vezes diz "Bolas, nem me deixaste falar. Já disste aquilo que eu ia a dizer" (risos). Mas, pronto, não fomos de maneira nenhuma almas gémeas. Tenho uma amiga que está casada há 50 e tal anos e que me diz que o marido é o namorado dela. Ele também é o meu namorado porque estamos casados, mas não é aquela loucura. Não posso dizer que fui um modelo de mulher porque ele, por vezes, também não foi o modelo de marido. Mas, quer dizer, damo-nos bem, como vê aguentámo-nos estes anos todos. Só uma vez é que lhe disse à frente dos meus filhos, mas pronto, isso até atribui ao ar do mar, que quando abri a boca, disse todo o que ia cá dentro. Mas isto já foi há 30 e tal anos. Mas, pronto, depois até fiquei mais aliviada (risos) Agora, pronto, é um casamento simpático, sem grandes

PDI

PCPC

PDI

PCPC

PDIL

EVP

OAP

FE

ERMC

ERE

CRIN

PDONI

OAM

AA

CRIN

PCE

CRD

ACO

PDNIO

PDONI

PCE

CRR

CRIN

acessos de paixão. Ele hoje até conversa mais. Às vezes vamos ao café, as minhas amigas chegam e sentam-se ou eu vou para ao pé delas. Todos os anos vamos lá para cima, para a quinta de uma amiga minha, e ele agora também já vai porque já vão os maridos. Antes dele estar reformado, eu fazia essas coisas sozinha. Mas ele nunca disse para irmos. No ano passado, quando fomos de férias, eu digo-lhe, foram dos dias mais tristes da minha vida porque andávamos cada um para o seu lado. Isto porque ele era do género, eu é que tinha de falar, mas até onde ele queria. Era assim (risos). E quando eu falava mais do que ele achava que eu devia falar, ficava todo carrancudo. A minha filha até me diz “Oh mãe, tu és a diplomata da família”, que eu às vezes até posso estar chateada mas nunca sou incorrecta nem indelicada para ninguém. Mas o meu marido às vezes, pronto, não fala. E essas férias foram os oito dias mais mal empregues que eu tive na minha vida. Ele andava para um lado e eu andava para o outro. Eu já não andava bem, aquilo já andava... Tanto que depois, passado mês e tal, eu falei com ele. Porque nós andávamos... Eu ia para a praia, corria a praia para baixo e para cima, falava comigo mesma, e ele ia para o café. Podia dizer-me para irmos ao Casino ou não sei o quê. Não, eu é que tinha de tomar a iniciativa se quisesse ir aqui ou ali. E depois tínhamos um casal ao nosso lado, na mesma mesa, que ele se deu duas palavras ao casal, foi muito. E eu, como também andava chateada, também já nem ligava nenhuma, já nem falava. Mas também, quer dizer, ele achava que eu só podia dizer o que ele queria, mas eu também nunca disse nada que não devesse dizer, mas ele entendia que não e depois ficava maldisposto (risos).

OMCO

ERMP

RCS

PDNIO

RCAO

RCS

RCA

RCAO

7-H

Nome: Rodrigo

Idade: 68 anos

Tempo Casamento: 48 anos

Tempo Namoro: 6 anos

Filhos: 2 (42 e 34 anos)

Como é que se conheceram?

Vamos lá ver... A gente já se conhece desde miúdos, talvez tivéssemos mais ou menos uns 10 anos. Portanto, ela morava numa vila, eu também lá morava, e depois a gente encontrava-se diariamente e tal, às vezes conversávamos... Depois começámos a simpatizar um com o outro, éramos amigos e tal, mas não era namoro, era uma amizade. Depois, entretanto, eu fui para a Marinha e estivemos uma temporada sem nos ver. Até que mais tarde, eu estive no estrangeiro várias vezes, mas num regresso voltamo-nos a encontrar, começámos novamente a conversar e tal, até que deu em namoro. (risos) Isto é muito rápido, muito breve! E depois...ah...eu não estou assim muito recordado... Depois, como eu estava na Marinha e viajava bastante, quer dizer, tínhamos umas ausências muito grandes e quando nos encontrávamos era aquela ansiedade, quer dizer, parecia que estávamos noivos sem coiso, quer dizer, a coisa fortalecia-se nesse aspecto. Até que, pronto, chegou a uma altura em que estava numa comissão em Moçambique e estivemos talvez quase...até nunca mais nos encontrámos porque por causa do Regime eu tentei ir para a Austrália e aquela coisa, depois estive preso por causa disso e, quer dizer, se eu tenho conseguido ir para a Austrália, a gente talvez nunca mais se visse nessa altura, não é? Pois, e foi assim, eu cheguei a Portugal e resolvi, resolvemos casar e em 1964 casámos.

CRPS
CRPAM

CRPSE
CRPFP

E o que é que o levou a tomar essa decisão de casar?

De casar? Bem eu tinha, além de gostar muito da mulher, e ainda hoje gosto, porque eu nessa altura era muito... não tinha mãe e pai também já não tinha e depois... portanto, estava praticamente sozinho, vivia em quartos, mas gostava daquela vida, não é? E depois cheguei a uma altura em que pensei “Bem, isto...não posso continuar nesta vida”. Portanto, passava as noites na galdérice e nas boites, naquele tempo era as boites. Até que chega a uma altura em realmente pensei que a minha solução era casar-me porque não estava a levar uma vida muito...muita galdérice. E assim foi, casámos. Foi mais necessidade minha de resolver o meu problema e, pronto, concordámos que íamos casar e assim aconteceu.

CA
PCA
CNA
CNC

E como é que foi a passagem do namoro para o casamento?

Olhe, ainda no outro dia a minha mulher recordou isso, já não me recordo com quem é que foi. Cortei radicalmente com a vida que levava. Nunca mais perdi uma noite. Para já não foi uma jura, mas pronto, eu era um viciado da noite, portanto, o dia para mim era a noite, passava a noite nos bares e naquela coisa. E depois, quando casei, cortei realmente com isso. Ao princípio tinha um certo receio que continuasse com aquele vício e aquela coisa, mas não, felizmente nada disso aconteceu. Pronto, casado, continuei a Marinha nessa altura, ainda estava na Marinha. Isto a gente casou em 64 e eu saí em 67, portanto ainda lá estive 2 anos e tal. E, pronto, cortei realmente com aquela vida de vadiagem que levava e sinto-me bem e senti-me bem e pronto. Essa altura permitiu-me também começar a estudar porque por causa da vida que levava não consegui, não tinha tempo para isso. Portanto, comecei a estudar, tirei o curso, depois especializei-me até que, pronto, resolvi a minha vida nessa altura e a coisa modificou-se totalmente. Sempre nos demos bem. Às vezes há assim umas furiázitas e tal, mas no cômputo geral damo-nos muito bem. Tivemos os filhos e tal e foi uma alegria.

EMMB

EMVP

PCE
RCDE

Quais é que acha que foram os momentos mais marcantes da vossa história?

O nascimento dos filhos. No nascimento da minha filha, nós morávamos ali perto do Hospital, e com o nascimento da minha filha mais agarrado fiquei à casa. E foi uma alegria estar todos os dias, todos os dias com a minha filha. Realmente foi uma transformação na minha vida, aquela coisa de ter nascido a minha filha e depois, mais tarde, veio o meu filho e depois mudei de casa e começámos a viver sozinhos. Pronto, foi óptimo. Eu dava-me muito bem com a vizinhança, havia uma simpatia muito grande com aquelas pessoas e morava ali, as pessoas conheciam-me e eu sabia quem eram as pessoas, dava-me muito bem. Quer dizer, eu sentia-me bem casado e com uma filha. Realmente foi uma coisa extraordinária. E depois a tal ponto que ainda comecei, ainda fiz alguma viagem ou duas, mas já não tinha vontade de viajar, já não queria estar ausente. Aqueles tempos realmente marcaram-me bastante, foi muito bom. Eu nunca lhe contei isso, mas agora estava a falar no assunto e pus-me a pensar que aquele tempo realmente foi mesmo muito bom para mim. Tinha dificuldades, portanto na Marinha ganhava-se muito pouco e eu já tinha metido vários requerimentos para me vir embora, para organizar a minha vida civil, não é? Mas como estava a haver a guerra nas Colónias, eles não deixavam, na altura, sair ninguém. Eu tive muita dificuldade em sair, até fui castigado na altura por insistir nos requerimentos para dar baixa das Forças Armadas. Mas depois lá consegui com os pedidos e lá me vim embora e realmente optei pela vida civil e só fiquei a ganhar com isso (risos). Agora foi reformar-me e gerir o passado e o presente. É isso.

MNF
FCT
EMCS

ERAE

EMCS
EN

MR

E quando nasceu a sua filha, achas que houve mudança na relação do casal?

Ah...quer dizer, provocou mudança....sim. Quer dizer, isto é mesmo assim, a vida do casal, isto com o andar do tempo, há coisas que começam a ficar de certo modo...um bocado saturadas. Há coisas que... Há casais que não têm esse problema porque têm uma vida assim..., além da vida do casal, saem à noite, têm uma vida totalmente diferente

ERS

daquela que eu tive e eu realmente tive uma vida muito, muito activa com as noite e essas coisas e, de repente, cortei de tal maneira... E depois comecei também a ser castigado por isso porque o corte foi muito brusco. Depois deixei de sair à noite, deixei de ter passeios, deixei de ter os amigos e coiso e depois fiquei confinado a ter as conversas à noite com a mulher e não havia mais ninguém em casa. Pronto, e a pessoa começa-se a saturar um bocado. Já não é o mesmo, não é? Mas dei-me sempre bem, bem com a minha mulher e até hoje nunca houve assim problemas que caísse no divórcio ou qualquer coisa, nada disso.

EMMB
ERISCRIN
PCE

Alguma vez pôs essa hipótese?

Não, não, da minha parte não. Há uns tempo tivemos uma zanga porque, quando estava a trabalhar, passava muitas noites no emprego e às vezes a minha mulher até ia lá para ao pé de mim passar também a noite. Portanto, eu era responsável pelo departamento e aquilo houve uma transição de uma empresa de fora para a empresa onde eu trabalhava e para adaptar os programas, houve necessidade de perder algumas noites lá. E a minha mulher não estava habituada a isso. Quando comecei a perder as noites, começou da parte dela e também da minha parte a haver o processo de..., quer dizer, nervosos e tal e a minha mulher, não sei, nunca mo disse, mas se calhar desconfiava que eu tinha assim alguém ou outra mulher. Mas, pronto, nada disso aconteceu. Mas havia assim certo atritos. Nessa altura, não sei, já não estou bem recordado, mas parece que a minha mulher acabou por falar em divórcio. Não estou bem recordado se aconteceu. Mas estivemos assim um bocado assim afastados. Mas depois a coisa resolveu-se e ela compreendeu porque eu, pronto, tenho um trabalho muito desgastante mas eu disse que tinha que cumprir com aquele trabalho porque também era um ganha-pão, não é? E foi assim. Depois...agora já depois de estar reformado, dediquei-me também à pintura, ao restauro e sinto-me bem (risos), quer dizer, sinto-me bem agora.

RCCT

PDFC
PDCOERCHR
RCDE
RCS
RCCO
MR

E está reformado há quanto tempo?

Estou desde 98.

E sente que houve transformações na relação com a sua reforma?

Sim, sim. A vida que eu tinha quando trabalhava...é totalmente diferente. Agora reformado é totalmente diferente, não é? Ao princípio custou-me um bocado, custou-me até bastante. Eu não sabia o que é que havia de fazer, então andava um bocado às aranhas. Depois, a minha mulher andava metida aí nas pinturas de quadros numa academia de terceira idade e falou-me nisso, que me fazia bem e tal se fosse para lá e eu disse “Está bem”. Lá me inscrevi e, pronto, até hoje. Já há uns anos que estou nessa academia e fazemos vários trabalhos. Estou a fazer pintura, fiz já pintura de azulejos, agora estou a restaurar peças de arte e coisas assim. E, pronto, é isto. O meu dia-a-dia, se não for este trabalho, tenho que ir com os netos ou buscar os netos.

EDE

PCAP
ERCPC

NPC

E como é que foi ser avô?

(risos) Quer dizer, ser avô ao princípio meteu-me um bocado de confusão. Chamarem-me avô, as pessoas não estão habituadas a isso, não é? E depois os parabéns, “Eh, parabéns, é avô!” e eu comecei a gostar. A princípio não estava assim muito convencido, mas depois...quer dizer, não estava convencido, não estava era habituado àquilo, não é? E depois comecei a gostar e hoje é uma delícia. Esta coisa com os netos, principalmente... A minha neta é assim um bocado mais fechada, mas o meu neto é o cúmulo. É o mais velho, ele tem 9 e ela tem 7. Mas aquilo é uma maravilha. Até o tio, o meu filho, gosta muito do sobrinho, que realmente o tipo é maravilha. Gosto bastante deles. E, pronto, vou buscá-los. Eles, além da escola, têm natação, ela vai para o ballet, e depois os dois têm judo. Quer dizer, eu não concordo muito com isto porque não dão muito descanso às crianças. Acho que é demasiado, que eles devem ter tempo para brincar e fazerem os trabalhos de casa e aquela coisa toda e depois deitam-se muito tarde. Eu realmente não concordo com isso mas, pronto, os pais é que sabem, não é? E é assim. Eu sou muito breve a falar das coisas (risos). Assim, a falar dos dois, sou muito breve a falar nas coisas porque, realmente, as coisas passam-me um bocadinho ao lado e não penso muito assim no passado. Às vezes faço um esforço enorme para me lembrar das coisas do passado. Pronto, é evidente que um passado que é muito grande... O que me recordo mais é, por exemplo, quando andava a viajar. Isso é que me recordo. Tenho muitas saudades e uma pessoa quando tem saudades recorda-se de tudo aquilo que passou, para o bem e para o mal. Quer dizer, a minha primeira grande viagem foi para a Índia e recordo no dia 12 de 1955, tinha eu 17 anos, estava a chegar à Índia. E então essa é uma imagem...que foi de madrugada, o dia estava a começar a nascer e eu a ver o sol a nascer e a aproximar-me da Índia, de terra. Quer dizer, são imagens maravilhosas que eu tenho por coisas que desconhecíamos, o modo de viver do Oriente, que são coisas totalmente diferentes da Europa, não é? E recordo-me bastante dessas coisas. Recordo-me, por exemplo, da minha viagem, que foi aqui perto, foi a Gibraltar. Essa foi a primeira. E fui lá duas vezes. Da segunda vez que fui lá tinham passado 50 anos, foi há pouco tempo. E depois, com as pessoas com quem ia, com uns amigos e tal e com umas amigas da minha mulher, e eu comecei a olhar para aquilo e era uma coisa totalmente diferente e eu disse para eles “Estive aqui há 50 anos” e ficaram assim espantados a olhar para mim. Em 1955, também, ou 1956, poucos anos após a guerra, quer dizer, ainda havia feridas da guerra, aquilo era um forte, uma base militar inglesa e tudo aquilo era militar e as coisas ainda estavam todas montadas. E então, quando eu contei isto às pessoas, as pessoas rodearam-me logo para ouvir a conversa e tal, coisas boas.

EDE

NPC

NRF

EAL

EEQ

EN

E continuou a fazer viagens casado, mesmo depois de sair da Marinha?

Sim, sim. Já tenho ido mais a minha mulher, temos passeado. Não assim muito, mas vamos assim a muitos passeios porque a gente vai a sítios que gostamos de ver e às vezes calha ser mesmo bom. Porque não é preciso ir muito longe, às vezes basta ir ali a uma terra ao lado para ficarmos satisfeitos, não é? Depois disso tenho viajado muito cá por Portugal, nuns passeios e tal, até mesmo pela academia, a gente temos grupos e tal e organizamo-nos e fazemos assim umas viagens, jantares, almoços, essas coisas. Já temos ido a Espanha, essas coisas mais normais, à Galiza ou isso. A minha mulher já tem ido aos Açores mas eu não fui porque já estive bastantes vezes nos Açores e na Madeira e, pronto, a minha mulher não conhecia aquilo.

PCPC

E o que é que acha que têm em comum, que os une?

(...) A gente, quer dizer, há uma certa cumplicidade entre os dois e o que nos une mais é também o respeito e a amizade. Portanto, temos tido coisas muito positivas e aquelas menos positivas a gente tenta ultrapassar isso. Mas, no fundo, a gente tem, muito discretamente, temos passado a nossa vida razoavelmente bem, quer dizer, não há dúvida nenhuma. Os nossos filhos sabem isso e, quer dizer, e entendem que realmente a gente é um casal, não digo um casal modelo, mas um casal que se dá bem. Cá no prédio, ou onde a gente tem morado, nunca houve nada que nos importasse. Calhou, podia não ser nada assim. Mas une-nos provavelmente mais o respeito e a amizade que nós temos um pelo outro. Depois eu digo, quer dizer, todos os casais ao fim de 40 e tal anos de coiso, não tem sido só coisas belas, coisas positivas, há sempre...acontece às vezes...mas a gente ultrapassa tudo com muita facilidade. Não tivemos assim muitos dias em que estivéssemos zangados, nem nada disso. Eu até nem gosto de falar nisto porque eu nunca falo nestas coisas (risos). Não gosto muito de falar nisto, em coisas que se tenham passado entre os dois. Há coisas que eu nunca contei a ninguém. Às vezes pessoas de família perguntam se estamos chateados e tal e eu digo “Não, não estou chateado”. Mas às vezes acontece estar mesmo chateado por alguns motivos e tal e eu nunca conto, guardo para mim. Eu, nesse aspecto, sou muito introvertido. Nesse aspecto e em muitos, sou uma pessoa reservada que gosta de estar atenta às coisas mas não dar assim muitas opiniões. Quer dizer, quando eu estava a trabalhar, eu dei algumas aulas e eu tinha dificuldade em estar a falar durante muito tempo. Se as pessoas diziam que não percebiam, eu já não falava mais. Depois, após as aulas, vinham perguntar as coisas. Bem, não foi muitas vezes. Às vezes havia necessidade de actualizar alguns projectos e eu tinha que falar sobre isso para uma sala e pronto, havia pontos positivos. Mas eu não era uma pessoa que estava ali a fazer show, nada disso.

PCCU
PCR
PCAM

FAR
PCE

PCR
PCAM

RCRR

CRPI

ERE
EAT

E como é que resolvem os problemas do casal?

Normalmente as iniciativas partem mais de mim. A minha mulher é assim muito mais reservada e não gosta de dar o braço a torcer (risos). E a coisa parte mais de mim e acontece que às vezes falava assim da coisa como quem não quer nada e a coisa pegava. Não me recordo da gente estar assim muito tempo. Sinceramente não me recordo porque não houve assim coisas graves, que eu considere graves, não houve. A iniciativa é minha. Quando eu tinha muita razão, a iniciativa era da minha mulher, mas normalmente a iniciativa era minha.

RCI
OO

RCRR
RCDE

E quem é que normalmente toma as decisões cá em casa?

Normalmente quem toma as decisões é a minha mulher. Porque eu também sou um bocado comodista e, pronto, nesse aspecto não gosto de ter trabalho e penso que a minha mulher, em termos de organização, é espectacular e então não interfiro. Porque, realmente, aquilo que ela faz eu considero que é um bom trabalho. E, pronto, cá em casa, a administração da casa e tudo o que é essas coisas da luz, da água, tudo... eu só penso que sou administrador do carro, o resto é tudo... (risos). Temos outra casa e quase todos os fins-de-semana, agora por acaso já há muito tempo que a gente não tem lá ido, nem passamos lá o Natal nem nada, e aí sim, quer dizer, todas as coisas que acontecem ou que é necessário fazer na casa, sou eu é que tomo a iniciativa. Essa parte aí, alguns trabalhos, pinturas e coiso, portanto, eu tomo a iniciativa dos trabalhos de casa. Tenho lá

PDAD
ECD
OR

CRDT

muitas coisas e, pronto, essa parte aí, realmente eu tomo a iniciativa, a não ser coisas dentro de casa, isso é a minha mulher. Mas a parte do jardim normalmente sou eu.

CRDT

E como é que tem sido o seu relacionamento com os outros membros da família, os seus sogros...?

Eu com os meus sogros... Eu dei-me muito bem com o meu sogro, muito bem mesmo. E estivemos uma temporada que não nos falávamos. Não nos falávamos, já nem me recordo porque é que foi. Com a minha sogra já não era tanto, a gente nunca ligou muito bem. Quer dizer, eu respeitava-a, e “senhora” e tal, nós falávamos bem mas... devido mais também ao feitio dela. Devido ao feitio dela porque era uma pessoa que não sabia ler nem escrever e tinha muita dificuldade em compreender algumas coisas que eu pudesse dizer, portanto, eu fazia com que ela se apercebesse das coisas. havia realmente muita dificuldade e ela não aceitava algumas decisões, algumas verdades e depois irritava-se e irritava os outros e tal e, pronto, até com o marido ela tinha problemas. Mas com o meu sogro foi...passámos tempos sempre muito bem, muito bem mesmo. E tive pena dos dois terem morrido, ainda não foi há muito tempo. Mas com ele, realmente, tive bastante pena de ele se ir embora. É assim...

SA
SCF

MPFA

E acha que houve mudança no casamento com a morte dos seus sogros?

Não. Quer dizer, há sempre uma mudança, mas a gente não... Há sempre uma mudança, quer dizer, a falta do pai dela ou...há mudanças no dia-a-dia cá em casa, portanto, são menos pessoas que estão à mesa, são menos pessoas que nos atravessam pelo corredor, quer dizer, há sempre mudança. E depois há aquela coisa de começarmos cada vez mais isolados, mais sozinhos. Já viveram aqui seis pessoas nesta casa e agora moram duas, não é? Tudo isso são mudanças que vão marcando, não é? Hoje, quando estão mais pessoas, as conversas começam-se a generalizar e tal e conversa-se sobre muita coisa e com nós dois já não é bem assim, a conversa já se limita ao “Como é que passaste na academia?” “As tuas amigas...”, porque a minha mulher sai todos os dias para a academia, tem reuniões com as amigas e depois eu pergunto como é que passou ou isto ou aquilo e tal. Quer dizer, e estas perguntas e as respostas que dão praticamente são sempre iguais, são sempre as mesmas: “Então, fulano não sei o quê”. Chega a uma altura em que a gente ou pergunta e ouve, ou não pergunta, quer dizer... E passamos o tempo quase sempre calados porque já não há necessidade de conversar, as coisas já estão automatizadas, o mecanismo é outro, não é? E vemos a televisão e tal. Procuramos sair, ir até ao shopping realmente para ter outras conversas e muitas vezes a gente aceita ir para determinados passeios, passeios que às vezes a gente até vê que aquilo não tem assim muito interesse, mas vamos exactamente para poder conversar com outras pessoas e não sei o quê. Porque a gente não tem o hábito...Por exemplo, cá no prédio, passamos semanas e semanas e não vemos as pessoas, a gente não conversa com os vizinhos, não temos o hábito. Há pessoas que têm o hábito de conversar com os vizinhos, vão para casa dos vizinhos, que isso é muito bom. A gente dá-se muito bem aqui com as duas vizinhas do lado, mas não passa disso, aqui do hall da entrada. Quer dizer, nem entramos na casa das pessoas, nem nada. Isso é mau, é mau e gostaria que fosse diferente mas eu também não sei como é que hei-de ultrapassar isto. Não fui habituado nem ia dizer às pessoas “Entra. A partir de agora vamos começar a fazer isto ou aquilo”, isso não acontece assim, não é? Bem, o bocado em que a gente tem mais convívio é quando

ERIS

CRIN

CRAU

AL

estamos na academia, conversamos com as pessoas e tal. A minha mulher nesse aspecto tem mais sorte, porque a minha mulher conversa muito bem, está sempre a conversar, gosta de fazer amizades e essas coisas todas. Ela é assim, conversa, conversa, conversa e portanto tem as reuniões com as amigas e depois lá no Canto, nos ensaios e naquela coisa toda é uma multidão. Para mim é uma multidão (risos). Eu não sou assim, não sou assim nem tenho possibilidades, quer dizer, os amigos do emprego desapareceram-me, já não os vejo, às vezes um telefonema ou qualquer coisa, mas... Ao princípio a gente ainda fazia uns almoços e tal, juntávamo-nos todos e íamos mas, claro, a gente sabia que isso ia acabar, não é? Faltamos hoje, faltamos amanhã e depois a coisa esquece-se, nunca mais é para sempre. É o que está a acontecer. Quando vamos lá para a outra casa, aí também...O meu pai era de lá, o meu pai nasceu lá e tenho algumas propriedades e tal e resolvemos lá construir aquela casa. Mas eu, quando vou para lá, passo a vida toda, que é a minha satisfação a trabalhar, a fazer sempre coisas, a tratar do jardim ou das árvores. Aquilo é pequenino mas dá para me entreter porque aquilo é um terreninho à volta da casa. E também, na rua onde eu estou, só existe lá uma vizinha que começou agora lá a morar, que a gente já se conhecia há muito tempo, mas ela não estava lá e agora está a morar lá porque também se reformou. De vez em quando conversamos, mas é coisa de um minuto ou dois. De resto, também não converso com ninguém. A minha mulher às vezes vem ao café ter com uma prima minha e é capaz de estar o dia todo, a manhã toda a conversar e aquela coisa toda e eu, quer dizer, não fico lá, todos os dias de manhã, Sábados e Domingos, vou à cidade, que fica a 12 km de lá, e passo o tempo no café, leio o jornal e tal. E isto é a vida de um reformado (risos)

OC
OSO

EMMS

PDI

MR

E a sua mulher também gosta de ir para essa casa?

Gosta, gosta, ela gosta muito, até gosta mais do que eu. Ela gosta mais do que eu porque, diz ela e é verdade, sente que descansa, vai para lá, descansa. Ela faz muito pouco lá e descansa bastante porque aquilo é um ambiente bastante agradável, principalmente a partir a Primavera. No Inverno não gosto muito daquilo, é um sítio muito frio, mas de Primavera e Verão, aquilo realmente é uma delícia. A gente tem lá feito..., convidamos às vezes amigos da família, quer dizer, o meu genro e a minha filha convidam também colegas deles e tal, fazemos lá uns almoços, umas coisas. Passa-se lá um dia muito bom. E, pronto, a minha mulher não gosta muito nessas alturas porque é ela que tem de trabalhar mas, fora isso, ela gosta bastante. Gostamos mesmo bastante daquele lugar. Nunca lá passei férias, já há tantos anos... Ainda hoje perguntamos um ao outro porque é que nunca passamos férias lá. É só fins-de-semana e o máximo que a gente lá possa ter passado, nem sei se passámos, foi uma semana. E a gente diz “Se a gente gosta tanto da terra, porque é que não passamos lá férias?!”. Mas há uma coisa, que eu já passo férias em Setembro na praia, no mesmo sítio, isto já há 36 anos, que é a idade do meu filho. Isto porque, quando eu comecei a ir para lá, a minha mulher estava grávida do meu filho. E vai a família toda, em Setembro a gente encontra-se lá todos, junta-se a família. Quando começámos a ir para lá, a minha filha e o meu filho eram pequeninos, tinham primos também daquela idade, que agora já casaram, já têm filhos, e continuam a ir. Alguns já morreram, claro, os mais velhos naquela altura. Agora, a seguir, a quem toca é a mim e coiso. Quer dizer, os pais, que era o meu sogro e tal, esses já morreram. Realmente é giro, a gente já conhece toda a gente (risos).

PCG

EDE

Não sei se quer acrescentar alguma coisa que ache importante...

Não. Eu estou com uma dificuldade em lembrar-me das coisas. Podia lembrar-me assim de mais coisas, mas não vejo assim nada de... É como eu já lhe disse, eu estar a falar assim da minha vida particular, eu tenho alguma resistência. Pode haver coisas que até sejam importantes, mas que se calhar não quero falar.... A gente tem assim um bocado de pudor.

ERE

ANEXO C

Sequências de discurso

Casal 1

1-M

Como é que se conheceram?

- Estudo
- A cunhada era muito “apaixonada pelos irmão”
- “Amor quase à primeira vista”
- Estudos
- Primeira saída; Casamento passados 9 meses
- Pais conservadores; origens
- Ajuda financeira dos pais; ordenado baixo do marido
- Preços naquela altura
- “O primeiro ano passou-se num instante
- Curso
- Tolerância; “Amor a sério”; Inter-ajuda
- Estudos marido
- Episódio acidente (insegurança “Podia ter-me acontecido alguma coisa”; Crítica ao marido por não ter resolvido a situação)
- Percurso escolar; opções profissionais
- Dificuldade em conjugar vida profissional/maternidade
- Problemas empregadas
- Ajuda marido
- Ajuda sogra
- Conselhos aos internos
- Deixou tudo e foi para Inglaterra (sogra substituiu-a)
- Crítica à sogra por ser muito presente
- Críticas marido por se demitir e falta de apoio afectivo: 1ª crise do casal
- 7 anos: falta de diálogo. Solução: Hotel, com caderno, sozinhos a discutirem (filhos com sogros ou pais)
- Segredo do seu casamento: honestidade, comemorações, demonstrações de afectividade, estarem sozinhos
- Crítica casais que estão sempre com os amigos
- Vontade de resolver problemas; “As mulheres têm de se humilhar muitas vezes”; incapacidade do marido dar o braço a torcer; Máxima transgeracional: “Nunca te deites com o teu marido zangada”; toma iniciativa e não vê retribuição “Os homens são todos iguais”
- Conversas com amigas; dificuldade em falar com elas
- Família do marido; planos para o Natal (Crítica ao formato da entrevista)
- Brandura com os filhos; Crítica ao marido por não se impor
- Culpa pela situação profissional do filho
- Caracterização dos filhos (dependente vs independente); estimulam a relação com os amigos “como o pai”
- Sente-se trocada pelos amigos do marido
- Sente-se mais só desde a reforma (tal como a cunhada)
- Face às actividades do marido, arranja as suas próprias actividades
- Antes: partilhavam tudo

- Problema computador; inquérito rádio; receio pelo filho
- Necessidade de ir ao ginásio e quer que o filho também vá
- Crítica à sociedade: degradação das relações interpessoais; apoio emocional aos doentes
- Choque com casamento do filho
- Ser avó: “renascer”; aconteceu numa fase de “difícil aceitação, intolerância, impaciência, stress”/ Ser sogra “recepção de uma nova filha” (Confusão entre nora e neta)
- Nora: querida, companheira, dá apoio, enfrenta o marido
- Crítica à timidez da ex-namorada do outro filho
- Neta; plano de reforma; divisão reforma/relação com doentes

Quando casou acha que houve alguma alteração na relação?

- Referência a nunca terem dormido juntos; experiências anteriores do marido; nunca tinha tido um namorado
- “Como é que vou casar com este indivíduo?”, sentiu-se trocada pelos amigos; coisas que teria de abdicar; necessidade de negociar; estava apaixonada
- Referência à entrevista do marido e amou dele por ela ter estado com o filho
- Crítica ao cansaço dele
- Referência à vida sexual no passado (experiência, mudança)
- Responsabilidade “mãe da irmã”. Descrição da infância (colégio, ficar com a irmã, responsabilidade dada pelo pai, supervisão dos namoros da irmã, aulas, não convivia com rapazes, controlo do pai)
- Protecção da irmã – protecção dos filhos. Crítica ao marido por apontar os erros dos filhos
- Relação com a Igreja; preocupação com educação moral
- Culpa pela situação profissional do filho; problemas deste, ajuda da nora
- Dificuldades da sua profissão

E como foi quando os filhos nasceram? Houve alterações?

- Filhos desejados, ansiedade ao pensar que estava grávida
- Ciúmes, depressão pós-parto (medo de não ser capaz)
- Dificuldades no período de abstinência
- Partilha de tarefas; crítica ao marido por não mudar fraldas
- Marido como pai “afectuoso, dedicado, muito companheiro, partilhavam as tarefas”
- Experiências negativas com infantários: pai resolve-lhe o problema
- Crítica ao marido “Não impôs regras aos filhos”

Quais os momentos mais marcantes da vida de casal?

- Nascimento da neta
- Casamento do filho
- Reforma do marido – aspecto negativo “Não estou a conseguir dar a volta”
- Neta: ajuda-a a dar a volta
- Doença da mãe: dificuldades, responsabilidade, não delega na irmã

- Mudança de casa: teve de se impor, Crítica ao marido por não se preocupar com o conforto dos filhos
- Conflito com o marido por causa da sogra; conflito directo com a sogra, culpa pela reacção da sogra, elogios à sogra, deterioração da relação
- Alegria de planear a casa, uniu-os “como se casássemos outra vez” (vitória sobre a sogra?)

E sentiu que isso resolveu...

- Morte da sogra, últimos tempos, sensação de que o marido cresceu a seguir, crítica à sogra proteger demais o marido; Crítica ao filho ser dependente (conselho); culpabilização da sogra pelo filho ser dependente
- Alegria de mudar, planear a casa nova
- Morte do seu pai (“ficámos órfãos”); Morte da sogra
- Crítica à sogra por não ter ajudado a comprar a casa; elogio porque tinha intenção de ajudar

Como é que tomam as decisões?

- Necessidade de partilha nas decisões para não haver ruptura
- Avisa o marido quando vai sair; Crítica por não haver partilha da parte dele
- Ideia de que o casamento deve ser “os dois um”; necessidade de negociar sempre
- Necessidade de se negociar com os filhos; elogio à educação da neta, culpa por não ter estado presente na educação dos filhos, conflito actual profissão vs estar com a neta; perfeccionismo no trabalho, justificação de não ter ganho mais dinheiro (“dei aos meus filhos o que pude”)
- Elogio ao marido no planeamento de férias e viagens
- Crítica ao marido no planeamento dos fins-de-semana (golfe e doença da sua mãe)

1-H

Como é que se conheceram?

- Estudos; episódio café com a irmã; “Contacto por estudo” “Conhecimento como colegas” “Encontro casual”
- Casamento “Foi uma coisa rápida”
- Estudos; trabalho da mulher no 25 de Abril; o seu trabalho

E como foi a passagem do namoro para o casamento?

- Estudos da mulher; ajuda dos pais, aluguer casa, nascimentos filhos, negócio venda da casa (datas)
- “vida mais ou menos estável”; referência ao casamento do filho; preocupação com a vida profissional do outro filho; referência às idades com que se casaram

E como viveram o nascimento dos filhos?

- 25 de Abril no 1º aniversário do filho; vida profissional dos dois
- Sorte pela ajuda da sua mãe, da sogra e da empregada
- Colégio dos filhos

Como receberam a notícia de que iam ser pais?

- Planeamento cuidado do 1º filho, 2º desejado mas espontâneo
- Abortos anteriores por receio de efeitos secundários de um medicamento (sabe que a mulher não vai falar sobre isto)

E houve alterações na relação do casal depois do nascimento dos filhos?

- Não muito; preocupações com saúde dos filhos; médicos da família
- Atritos devido à educação dos filhos; culpabilização da mulher pela situação profissional do filho, percurso profissional do filho, nascimento neta

E como foi ser avô?

- Acompanhamento da neta; elogios à neta; neta como forma de se entreter na reforma

E quais é que considera os momentos mais marcantes do seu casamento?

- Problemas actuais com família da mulher (partilhas)

- Crítica à mulher por ser “benemérita demais” e por ter de ser ele a resolver os seus problemas
- Afastamento da família da mulher; Natais com a família dele
- Morte dos pais de ambos

E como é que lidaram com essas questões?

- A questão da família da mulher é em conjunto
- Crítica à mulher trazer a vida profissional para casa e viver demasiado os problemas profissionais
- Crítica às relações profissionais da mulher; comparação com as suas porque “estou ao mesmo nível que ela”; responsabilidades
- Crítica às relações entre as mulheres (excluindo a irmã, que é do Norte)
- Importância dos amigos, planos actuais com os amigos

E que mudanças houve com a sua reforma?

- “Uma maravilha”; está mais impaciente com a neta porque era muito activo
- Atritos com a família por causa de desarrumações
- Referência a ter trabalhado com o pai e já ser arrumado e meticoloso
- Sente que abusam porque não é capaz de não arrumar
- Tarefas da empregada

E o que mudou na relação com a sua reforma?

- Sente o abuso; Mantém a sua “vida privada” e o seu “espaço”; não partilha novos interesses da mulher; ela critica-o pelos seus interesses
- Deixou de ir ao golfe nos fins-de-semana
- Descrição de um dia de golfe; cansaço
- Trabalho esporádico

O que acha que vos une?

- Amor, gostarem um do outro
- Ajuda-a
- Filhos, neta, casa, ambiente, amigos, família
- Saídas a dois; referência a um curso que está a tirar
- Viagens
- Não partilha os interesses dela
- Ritual de cinema e jantar às 6^{as} feiras; cansaço
- Fins-de-semana na aldeia com a neta

E sempre partilharam esses interesses? Como era no início?

- Interesse nos filhos e vida profissional
- tem mais liberdade que ela

- Interesses comuns eram: família, casa, melhorar as condições de vida; valorização profissional
- Viagens de trabalho em que iam os dois

E sente que tiveram de fazer acertos no início?

- Adaptação mútua e contínua
- Hoje discussões passam mais rápido; referência a um amigo com quem cortou relações
- Importância amizades; disponibilidade para os amigos; “coisas que ela não sabe”, viagens sem a mulher, “meterem-se com as miúdas”; convívio, grupos actuais de amigos, actividades com os amigos

E esses amigos são comuns ao casal?

- “Só homens”, mas esporadicamente partilham
- “Estávamos a falar do quê? Das coisas que nos aproximam?”

E que separam, e nos acertos que têm de ser feitos.

- Reforma: Necessidade de conciliar vida familiar e lazer
- Projectos pessoais

Como é que se definem como casal?

- “Vamos sobrevivendo”; “Casal normal”, “36 anos de casados...já há poucos”
- Elogio ao bom carácter da mulher, facilitador de aceitar as coisas más
- Crítica por a mulher se exaltar; Não liga, não valoriza
- Saídas a dois como bons momentos
- Crítica por a mulher ser permissiva e protectora do filho
- Preocupações com o filho (ocupações, não ter namorada); Referência a ex-namorada do filho “Mulheres há muitas. Vai-te é divertir com os teus amigos e depois arranjas outra rapariga”; preocupação com vida profissional do filho
- Percurso profissional; traumas da Guerra, Problema de adaptação ao emprego (tratar patrão por “Sua Excelência”); Viagens de trabalho.
- Vida profissional da mulher no 25 de Abril; situação actual; crítica por viver demais os problemas profissionais; Crítica à falta de firmeza da mulher com os subalternos.

O que é que os motivou a tomarem a decisão de se casar?

- Idade; querer organizar a vida; situação profissional; gostarem um do outro; ajuda dos pais; tornar-se independente dos pais; a vida em comum
- Referência aos dias de hoje, das pessoas não se casarem e juntarem-se; divórcios

Alguma vez pensou em separar-se?

- Momentaneamente; Nunca houve grandes problemas porque “sabia disfarçar”

Casal 2

2-M

Como é que se conheceram?

- Vinda do marido a Lisboa (dificuldade em lembrar-se)
- Acampamento na terra dos pais

E como foi a passagem para o namoro?

- Acampamento; diferenças idades; simpatia
- Faculdade; Amigo comum; Mudança curso marido: Conhecimento
- Aulas: começaram a andar juntos

E como foram esses primeiros tempos de namoro?

- Actividades políticas; proximidade ideologias políticas
- Namoro e activismo político

E acha que esse foi o primeiro aspecto que reparou que tinham em comum?

- Atracção; Primeiro contacto físico (manifestação)
- Actividades políticas: risco
- Namoro; Casamento

E o que é que os levou a tomar a decisão de casar?

- Ideia viverem juntos; Vontade dos pais; Época contestação casamentos
- Casamento informal, civil; pressão família casamento religioso
- Posição crítica em relação à Igreja

E depois do casamento, sente que houve alteração na relação?

- Alteração
- Mentiras aos pais; culpabilidade; casamento: deixar de mentir
- Estudos; Sempre se deram bem

Mas sente que tiveram de fazer adaptações?

- Descoberta; primeiras discussões (arrumações)
- Divisão tarefas; Desculpabilização do outro; Irritação
- Convívio fácil

E quais é que acha que são os momentos mais marcantes da vossa história?

- Fugir à polícia
- Começarem a viver juntos sem pressões
- Nascimento filhos; Investimento
- Casaram cedo: autonomia financeira; ajuda pais
- Planeamento filhos, investimento: já não estudavam, estabilidade do casal
- Gravidez (marido engravidou com ela): união;
- Parto (marido ajudou a nascer): vinculação marido-filhos

E considera que houve mudança na relação com o nascimento dos filhos?

- Mudança: limitação
- Levavam os filhos quando podiam; deixavam com avós; preocupação
- Mudança

Mesmo em termos de casal?

- Filhos com acrescento; preservação casal; retoma vida sexual
- Vida sexual durante a gravidez
- Necessidade esclarecer as coisas, marido não (desculpabilização): sentia-se a falar sozinha
- Marido mais comunicativo; moldagem; marido usa linguagem do corpo; conhecimento

E houve mais aspectos em que sente que tiveram de fazer esses acertos?

- Pessoas diferentes; respeitar maneiras de ser
- É voluntariosa, tem ideias; Ele realista, sensato: completam-se; Moldagem
- Capacidade de antecipar as coisas, arrisca; Marido racional: aprender a respeitar o tempo do outro, frustração; nunca pôs a relação em causa (Amor)
- É “muito melga”; marido precisa de menos tempo, ganhou confiança nela.

E sente que essa aprendizagem foi contínua ou houve fases em que tiveram de aprender mais?

- Aprendizagem contínua; Colher benefícios desse esforço

E em termos de projectos para o futuro?

- Sintonia.
- Mais rápida a desejar mudanças
- Apoio profissional
- Projectos comuns; filhos
- Pais conservadores, generosos; sogros não tão generosos – É mais de facilitar que o marido. Acaba por concordar.

E em relação à educação dos filhos?

- Acertos; Desacordos
- Marido ríspido como o sogro; Ela é mais compreensiva
- Não chamam a atenção do outro à frente dos filhos
- Filho desorganizado – desacordo na forma de chamar a atenção
- Filho parecido com ela: pega-se mais com o pai
- Personalidades diferentes

E como é que é a vossa vida social, têm os mesmos amigos ou...?

- Amigos separados e amigos comuns. Coisas sempre correram bem

E em relação às famílias um do outro?

- Difícil; Maior proximidade com os seus pais
- Mãe controladora, vitimiza-se – dificuldade marido em percebê-la
- Morte do pai (melhor feitio que a mãe): Mãe mais manipuladora.
- Filhos iam para casa da sua mãe; Mãe teve dificuldade em lidar com morte do pai; Necessidade proteger filho e pô-lo no Infantário
- Dificuldade em lidar com situação; Culpabilização; Cobrança da sua mãe
- Pouca sintonia marido-mãe: magoava-a
- Sogros distantes; Sogra pouco afectiva, autónoma; Sogro mais afectivo (Morte)
- Distância como razão de não haver conflitos

E como foi esse contacto no início?

- Marido frequentava casa dos pais; notícia casamento “normal”
- Pais não acharam graça ao namoro (escondia namoro); Actividades políticas
- Mãe tinha fantasias de ela casar com filho de amigos: desilusão
- Sogros não conheciam; foi um “baque”; sogra também teria fantasias porque filho não ia viver ao pé de si: compreensão em relação à sogra (comparação com os seus filhos)

Quais é que considera que são os aspecto que os unem?

- Dão-se bem; Pontos comuns; Pessoas tranquilas; mesmos valores
- Hoje: diferentes visões políticas
- Vêm vida da mesma maneira; temperamentos jogam bem; divertimento quando sozinhos
- Bom relacionamento sexual; projectos; Respeito; Aceitação
- Hoje: valoriza coisas diferentes

E acha que foi havendo alteração no modo como reagem aos momentos de conflito?

- Sim; Amuava; Marido passava mais rápido

E como é que costumam resolver esses conflitos hoje em dia?

- Falam, clarificação
- Divergência voto (era pior se fosse na altura em que se casaram)

E o que é que considera que os separa?

- Não sabe
- Políticas – Não é determinante
- Tolerância, aceitação das diferenças

Algumas vez pôs a hipótese de se separar?

- Não
- Necessidade esclarecimento, sentia que falava sozinha: ameaça separação (mas não queria)
- Análise: Maior tolerância e aceitante
- Pena que o marido não fizesse análise (não correu bem)
- Ajuda da Análise em relação aos pais e facilitadora da relação com marido

Não sei se quer acrescentar alguma coisa sobre o seu casamento que considere importante...

- Não
- Dependências membros outros casais
- Incerteza futuro “pode acontecer muita coisa”: não se acomodar, investimento

E sempre teve essa noção?

- Sim
- Incerteza futuro (deformação profissional)
- Investir, Sedução, Criatividade

1-H

Como é que se conheceram?

- Grupo de amigos; acampamento (não se lembra bem)
- Faculdade: conheceu mulher
- Conhecimento Verão; Namoro; Casamento.

E como foi essa fase do namoro?

- Amizade; saídas; ideologias políticas; actividades políticas
- Manifestação: Primeiro contacto físico; namoro; estarem juntos hoje

E como tomaram a decisão do casamento?

- Hipótese viver juntos
- Encontros às escondidas pais
- Decisão casamento: conservadorismo pais dela; não queria saber da opinião dos seus pais.

E como foi essa passagem do namoro para o casamento?

- Sem alterações; Idades (novos); Maturidade
- Discussão divisão tarefas; Casamentos que correm menos bem
- Encaixaram bem, pouco dinheiro: não mudaram estilo de vida.

Mas sente que tiveram de fazer alguns acertos?

- Sim, diferença de morar com pais
- Alterações, cedências; preservação individualidade

Sente que ainda têm de fazer esses acertos hoje em dia?

- Mais no início
- Gostam um do outro: aprender a viver com o que não gostam
- Discussões, interesses diferentes (futebol)
- Filhos gostam de futebol; saída de casa de um dos filhos
- Desacordos: mudar de casa: adaptação da mulher
- Filho comprou casa; novamente ideia de mudar de casa: cedência

Quais é que acha que foram os momentos mais marcantes da vossa relação?

- Início relação
- Decisão e nascimento dos filhos
- Actualmente, preparação para saída dos filhos (mudanças)

Como foi a decisão de terem filhos?

- Em conjunto; Curso: recordação mulher grávida

E como receberam a notícia da gravidez?

- Momento marcante; espera sem ansiedade; primeira tentativa; felicidade

Depois do nascimento, acha que houve alterações na relação?

- Alteração rotinas
- Dificuldade em acordar; divisão de tarefas: alimentação, não fraldas
- Divisão de tarefas com filhos e educação

E como casal, sente que houve alguma alteração nessa altura?

- Gestão do tempo
- Nascimento filho; ficou em casa uns meses, casa da mãe dela até infantário
- Mudanças; Mulher não conduzia: necessidade gestão do tempo; viviam fora de Lisboa
- Sem perturbar vida do casal; adaptação ao nascimento do filho
- Nascimento segundo filho; viviam em Lisboa

Também foi planeado o segundo filho?

- Sim; diferença de idades

E sente que houve menos mudanças?

- Não sabe
- Às vezes mais trabalho; menos mudanças; Experiência do primeiro

Tendo os dois a mesma profissão, alguma vez trabalharam juntos?

- Não; área diferentes
- Mulher visitou-o poucas vezes no local de trabalho

E em casa, conseguem separar o trabalho da família?

- Conversas; Diferentes: mais reservado, ela mais faladora
- Falam mais do trabalho dela

E como é que está a ser vivida a situação de um dos filhos ter saído de casa?

- Normalidade; alteração rotinas;
- Menos gente, silêncio, trabalha em casa
- Não sentem obrigação de falar

E como é que fazem os projectos para o futuro?

- Dificuldade deixar trabalho; projectos para quando isso acontecer

O que considera que os une como casal?

- Sentem-se bem; tolerantes;
- Namorada filho perguntou qual era o segredo; dificuldade em responder
- Dão-se bem; Coisas que não gostam um no outro; Mulher amua

E que tipo de coisas acha que os separam?

- Não sabe quando aconteceu a última vez; menos frequente hoje
- Mulher mais sensível; não reagir como ela queria; fica chateada e não percebe porquê

E alguma vez pensaram em separar-se?

- Não; Acha que a mulher também não

E como é a vossa vida social? Partilham os mesmos amigos, cada um tem os seus...

- Alguns não comuns, a maior parte comuns
- Amigos de infância tornaram-se amigos da mulher
- Amigos da mulher que não conhece ou achou uma chatice

E em relação à família um do outro, como é que é o relacionamento?

- Mulher filha única; morte do pai dela
- Natal com sogros ou com pais

- Morte do pai, vinda da família dele cá – relação distante

E foi assim desde o início?

- Sem atritos; pessoas diferentes; aceitação

Não sei se quer acrescentar alguma coisa que ache importante?

- Não

Casal 3

3-M

Como é que se conheceram?

- Moravam perto
- 15 anos: namorico às escondidas da mãe “Antigamente era muito diferente”
- 18 anos: marido começou a ir a casa dela
- Ultramar: namoro por correspondência
- “Não era nada como agora”
- Regresso do marido, Casamento
- Entendem-se bem
- Crises – “Não há ninguém que não as tenha”
- Amor
- A paixão não dura a vida toda
- Grande amizade
- Estrutura do casal: querer bem um ao outro
- Conhecem-se muito bem (adivinham pensamentos um do outro)
- Aborrecimentos (como todas as pessoas) – da boca para fora, não passam para o outro dia. Ex: Marido chegar chateado com o trabalho.
- E ela quem quebra o silêncio; não é de amuar (crítica ao marido por não ser assim)
- Pena de só ter uma filha (por causa do tamanho da casa)
- Apoio da mãe na educação da filha
- Problemas de saúde da mãe; Culpabilização da mãe por só ter uma filha
- Marido ser contra infantários: desculpabilização do marido (ambivalência)

Mas considera que foi uma opção dos dois?

- Culpabilização do marido por só ter uma filha
- Boa filha, agarrada aos pais, vivem em função uns dos outros
- Discussões com a filha
- Queria ter tido outro filho

Quando houve essa passagem o namoro para o casamento, acha que houve mudança na relação?

- Para melhor
- Até aí não se conheciam bem
- Namoro por carta (guarda-as)
- “Não era como agora” – casou virgem
- Obedecia aos pais; eles é que mandavam
- Ao nível sexual não se conheciam; acha que se entendem bem e são felizes
- Antes saía mais – tem saudades
- Hoje: mais ansiosa (devido à perda de familiares e idade)
- Tiveram e têm uma vida feliz
- Ordenado, emprego – vida financeira fácil
- Bom relacionamento com os seus pais e sogros

E como era o relacionamento do seu marido com os seus pais, que estavam mais próximos?

- Amigo
- Mãe teve um AVC – Mudança, mais revoltada
- Pena da mãe e do pai: passavam os fins-de-semana com eles
- Acha que o marido estava saturado mas nunca o disse
- Crítica à mãe por ser ríspida com o pai – aborrecia-a e marido não tinha paciência
- Amiga dos sogros – apoio à sogra quando esta adoeceu
- Bom entendimento com pais dele e dela (“Tomara muitos casais”)
- Educação que tiveram: obediência aos pais (Hoje miúdos são autoritários)
- Marido teve pena dos seus pais
- Sofreu com falecimento dos sogros (choro)
- Crises do casal – normalização
- Saldo positivo

E o que é que a levou a tomar a decisão de se casar?

- Gostavam um do outro
- Uso na família – seria um desgosto para os pais se não o fizesse
- Casamento civil; casamento pela Igreja – Viver juntos
- Nem sequer punha a hipótese de não casar e viverem juntos
- Comparação com hoje: namoro da filha; também se casou, mas tinha outra intimidade
- Casamento – educação
- Ajuda financeira dos pais
- “Naquela altura, namorávamos, era para casar” – finalidade

E o que é que gostava no seu marido?

- Não era o seu ideal mas apaixonou-se e quis casar
- Divergência: ele é mais introvertido; ela é mais de deitar para fora, sem rancores
- Ideal da adolescência (descrição física) – importância do interior apesar de “Não somos nenhum monstro”
- Gostar, amizade, amor, paixão
- Gostos semelhantes – gostam de estar sozinhos (bom sinal); Crítica aos casais que só estão juntos por estarem sempre com outras pessoas
- Basta-lhes estarem um com o outro – gostos idêntico, tipo “Alma gémea”

E foram sempre assim, essas afinidades?

- Convivência e oportunidade de fazerem certas coisas
- Foi-se adquirindo na vida conjugal

E depois do casamento, sente que tiveram de fazer acertos?

- Foi natural

- Mudança tarefas: aprendeu a cozinhar (marido não a critica, não é muito exigente)
- Questão financeira: partilha do ordenado do marido sem problemas; gosta de ter a sua pensão (independência)
- Estava muito habituada a estar com os pais, mas adaptou-se
- Adaptou-se à tarefas de casa e estar a trabalhar
- Apoio empregada e mãe
- Melhorou: estava mais limitada com os pais
- Outras possibilidades financeiras com o casamento
- Primeiros anos de casamento: acompanhava marido em viagens de trabalho (depois não por causa da empresa)
- Gostam da presença um do outro (bom sinal)

Quais é que acha que foram os momentos mais marcantes da vossa vida de casal?

- Regresso do marido do Ultramar – custou muito, não sabia se voltava
- Casamento
- Nascimento da filha
- Operação do marido (há 20 anos) – receio; marido mau doente, pessimista
- Quando o marido ia de viagem, ia para casa dos pais com a filha (proximidade do trabalho)
- Quando marido adoeceu foi para casa dos sogros
- Nesta altura: depressão do marido
- Operações dela: marido emagreceu; preocupação com ela; apoio marido
- Morte familiares

E sente que esses momentos provocaram alguma mudança na relação?

- Não

Nem o nascimento da filha?

- Não houve alterações na intimidade ou relacionamento
- Há homens que sentem que passam para segundo plano – Problemas por dormir com a filha ou esta dormir na cama deles (comparação com filha e neto)
- Não sentiu mudança (negação?)
- Paixão do marido pela filha
- Eram muito jovens
- Homens em segundo plano – “Só se for estúpido é que não percebe” (crítica ao marido?)

E como é que tomam as decisões lá em casa?

- Tem mais iniciativa (marido concorda quase sempre)
- Nunca houve divergência em relação à filha
- Toma mais iniciativas porque é mulher e pela educação rígida que teve. Amadureceu cedo: responsável, sensata; ajuizada

- É mais de mudanças; Crítica ao marido por ser rotineiro, por não reagir no emprego; Equilíbrio alcançado

E como foi ser avó?

- Alegria, felicidade (pena de só ter uma filha)
- Paixão pelo neto maior que pela filha (por causa da idade)
- Preocupação (marido critica-a por não descontrair) com neto
- Angustiada pela morte dos pais
- Acha que cuida melhor do neto que a filha (tem outra idade); Discussões com a filha por esta achar que ela o mima demais; comparação comportamento neto com todos ou só com os avós (“porta-se melhor só connosco”); “Sou mais que mãe dele”
- Relação muito próxima com o neto; Tomou conta dele os primeiros 3 anos; Sente autoridade para dar a sua opinião, mesmo que caia mal; Crítica à filha pela educação do neto
- Tornou-se mais sensível e sentimental com a idade
- Sogra desabafava com ela por sogro não falar muito; Crítica ao marido por não falar muito em casa e falar no emprego (ciúme); Aconselhou sogra a tomar iniciativa mas hoje acha que devem ser eles a tomá-la
- Reformou-se para tomar conta do neto
- Relação próxima do marido com o neto (brincadeira)
- Refila mais com o neto (marido “parte boa)

E acha que com a Carla também houve essa divisão de papéis?

- Marido: paciência para brincar
- Ela: bem-estar (alimentação, banho, dormir) e regras
- Menor disponibilidade de tempo com a filha
- Mais exigente com a filha que o marido
- Bom relacionamento marido com a filha
- Sábados: tarefas domésticas; marido passeava com a filha

E como é que reagiram à saída da Carla de casa?

- Custou
- Relação próxima e diária com a filha
- Gostam do genro
- Família pequena mas unida (Casal, seus pais e filha)
- Arrependimento por só ter uma filha
- Todos muito chegados; situação de doença, apoio mãe do genro com o neto
- Dão-se bem com os pais do genro: respeito, harmonia
- Há dias em que se irrita com marido e filha “Toda a gente tem os seus dias”

Alguma vez pensou em separar-se?

- Nunca

- Alturas mais stressada, mais triste (há 4 anos) – Morte dos pais
- Desgaste por tomar conta do neto – muito activo, mau para dormir – cansaço, desespero
- Marido quando aborrecido com o trabalho – pouco compreensivo
- Ameaça que vai para fora um mês sozinha; marido reage com humor
- Marido muito agarrado a ela
- Ferve em pouca água, é nervosa
- Marido: gosta de coisinhas, todo muito arrumado, muito limpo, mesa muito bem posta, muito pela família, ler, conforto, sossego (Crítica?)
- Marido gosta do que ela faz
- Outro tipo de mulheres achavam que ele era um esquisito (metódico, orientado, equilibrado) – crítica
- Ela gostava de ter mudança (Crítica à rotina do marido). Alcançaram o equilíbrio (ela pensa melhor e dá-lhe razão)

3-H

Como é que se conheceram?

- Há “uma vida”
- Amizade; Namoro “de janela”, sem intimidade: empatia forte; compromisso; sem liberdade; respeito mútuo; objectivo delineado; sem profundidade
- Férias do Ultramar: solidificação
- Regresso Ultramar: casamento. “Conhecíamos-nos bem”

E quem tomou a iniciativa do casamento?

- Parceria; sem imposições; “as coisas aconteceram”

E o que é que o motivou a tomar essa decisão?

- Já se conheciam bem; gostos comuns; objectivos comuns; gostavam um do outro
- Sem influência; facilitado por os pais já se conhecerem

E como é que viveram esse tempo que esteve no Ultramar?

- Muito mal, choro por nostalgia pelos pais e pela mulher
- Correspondência todos os dias (ainda guarda as cartas escondidas da filha e neto)

E como é que foi, depois, o reencontro?

- “Estonteante”; “Gravado na memória”
- Medo de não regressar; perda de amigos
- Felicidade por regressar à vida normal, reencontrar a mulher
- Fala com ela como não fala com ninguém (entendimento)

E depois, como foi passar do namoro para o casamento? Houve alterações?

- Já se conheciam
- Primeiros tempos: tirar partido da vida em conjunto; chegava a casa e era uma festa
- Passados uns meses: rotina, já não é aquela loucura, esbate-se
- Fica compromisso de amizade e amor e respeito
- Hoje: Basta um olhar para saber o que ela quer – “Sósia do sexo oposto”

E sente que tiveram de fazer adaptações um ao outro nessa fase?

- Nunca teve nenhuma contrariedade
- Arrufos; opiniões distintas; Problemas têm a ver com coisas sem importância (Ex: decoração da casa)

- Aos 15 anos de casados: relacionamentos mais cinzentos de 2 ou 3 dias
- Normalmente, ela é quem cede
- “Quem é que não tem problemas?”
- Aos 30 anos de idade: mais desentendimentos por mais stress e rotina; mais trabalho; filha pequena; stress da mulher por causa do trabalho – menos paciência e tolerância
- Sucesso do casamento: tolerância (recordação da frase do pai sobre isso)
- É uma pessoa tolerante e que respeita a opinião de cada um
- Gostar é fundamental

E quais é que considera que foram os momentos mais marcantes da sua história de casal?

- Nascimento da filha
- Notícia que a mulher estava grávida
- Fins-de-semana a dois, passeios a dois (encara como quando era novo) – ambiciona estar a sós com a mulher.

E quando a sua filha nasceu, sente que houve alteração na relação?

- Nunca se incomodou por a filha ir dormir para a sua cama ou a mulher ir dormir com a filha.
- Dificuldade da filha em lidar com o problema do neto não dormir na sua cama.
- Crítica à filha “tudo na vida tem o seu tempo”

E como é que tem gerido a vossa vida de casal com os amigos ou com os outros familiares?

- Tem gerido bem a vida com a família.
- Morte dos pais recente (quatro ou cinco anos).
- É sentimental; choro fácil: choro pela morte do pai.
- É dedicado à família alargada e aos amigos; evita diálogos ríspidos ou ácidos “não gosto de estar aborrecido com ninguém.”
- Pontos de honra de amizade (Ultramar, trabalho); dedica-se muito às pessoas; humildade, simplicidade, voluntariedade – facilidade em amizades.

E como é que conjugou essas amizades com o casamento?

- Sempre conseguiu conjugar
- Trazia trabalho para casa mas não descurava o acompanhamento da filha
- Passeios com a filha ao sábado, mulher limpezas da casa
- Passeios com a filha “Fomos sempre muito próximos”.
- Boa gestão do tempo

E tempo para o casal, foi conseguindo ter?

- Não muito. Boa gestão; não ter hobbies; não é de cafés

E como foi ser avô?

- “Ponto mais importante”; gratificante; neto excedeu expectativas
- Quando era pai tinha outras actividades; ia viajar de ânimo leve
- Reforma em breve; não quer viajar
- Projectos para a reforma
- Proximidade com o neto, actividades
- Crítica à filha e genro pela educação do neto
- Férias com a filha, genro e neto

E como é que projecta a sua reforma em termos de casal?

- Ajudar a filha com o neto
- Tirar partido da casa de férias (terra dos pais dele)

E sente que a sua mulher partilha esses projectos?

- “Partilha absolutamente”, casa na terra dela
- Pais já se conheciam
- Recordações de quando se conheceram
- Casamento, nascimento da filha

E como tomaram a decisão de ter filhos?

- Conjunta. Decidiram não ter durante dois anos para gozar a vida..
- Gostava de ter tido outro filho.
- Pensei em adoptar mas depois foi avô

O facto de não terem tido mais filhos foi uma decisão conjunta ou...?

- Culpabilização da sogra; não queria o filho numa creche
- Qualidades da sogra
- Desejo de ter outro filho; mãe dele queria que tivessem mais filhos
- Desejo que o neto tivesse um irmão

O que considera que os une?

- Respeito, gostar, amor, tolerância

E o que acha que os separa?

- Nada forte. Não vê nada.

Nunca pensou em separar-se?

- Gosta de estar com a mulher; geração com valores de família; nunca teve razões
- Sucesso do casamento: Respeito e tolerância
- Projectos em comum: Casa de férias, gostam de paz, família e amigos

Sente que houve sempre essa partilha de interesses?

- Quase sempre
- Amizade, namoro, casamento, filha (coisas que os uniram)
- Hoje dão valor à vida de família e neto
- Preocupa-se menos com o aspecto físico da mulher
- Preocupam-se com quem os rodeia (pais, sogros) – “temos o mesmo nível de ligação à família”

E como era a sua relação com os seus sogros?

- Óptima. Pais já os conheciam. Bem aceite pelos sogros. Coincidência de serem da mesma terra
- Solidez do casamento (comparação)
- Problemas de saúde da mulher como aspecto negativo – Vê-se atrapalhado porque não sabe cozinhar
- Aprendeu a viver com os problemas de saúde dela.

Casal 4

4-M

Como é que se conheceram?

- Através de um amigo comum; não sabe datas
- Maternidade; marido namorava – amor à primeira vista
- Alma gémea
- Relacionamento bonito, amizade, amor, especial

E como é que decidiram começar a namorar?

- Marido diz que foi “conquista de 25 de Abril”
- Primeiros encontros; namoro dos amigos
- Namoro prejudicou os estudos
- Chateava-se por que ele dizia que não porque namorava com outra
- Viajem do marido a Espanha; Primeiro beijo – Oficializaram
- Marido ficou mal disposto
- Marido não queria namorar mais “ou casamos já ou deixo-te”
- Marido teve muitas namoradas (ela guarda as cartas delas)

E como é que foram os primeiros tempos de casamento?

- Dois miúdos; foi bom e continua a ser
- Agora vida mais complicada, problemas fora da relação – Ultrapassam
- Amor sincero
- Eram muito maduros quando se casaram, responsabilidade
- Ajuda financeira dos pais
- Filhos – Nascimento; dedicou-se às crianças
- Sente-se bem no casamento: Compreensão, amor e cumplicidade até hoje

E quando passou do namoro para o casamento sente que houve alterações na relação?

- Negativas não
- Objectivo era ter casa, gostar um do outro, casar (diferente de agora)
- Crítica aos tempos de hoje – Filhos ainda em casa
- Relação especial “Será toda a gente assim?”
- Nunca teve problemas; nunca sentiu falta de pais ou avós – foi criada pelos avós, mimada, nunca quis ir para casa dos pais
- Afecto, amor – base do casamento
- Nunca estranhou nada

Não sentiu que tivessem de fazer adaptações um ao outro no início?

- Ela é muito especial (ele não o vai dizer)
- Os dois são um – dificuldade dos outros entenderem; filhos têm orgulho da sua relação
- Há zangas e chatices – Prevalece a parte boa
- Nunca dormiu zangada – Zangam-se por coisas mesquinhas mas resolvem logo
- Actualmente: Fase difícil, já nem discutem

Como é que costuma resolver essas questões?

- Marido especial em feitio (defeitos como toda a gente)

- Marido muito sensível, não discute – quando era mais nova gostava de o abanar “mas porque é que não reages?”
- Quando achava que era culpada pedia desculpa “beijinho, abraço”
- Não gosta de resolver problemas na cama – casais que o fazem
- Nunca discutiram à frente dos filhos ou de outras pessoas; férias com os sogros disfarçavam
- Não se chateia desde o Reiki
- Marido pessoal espiritual – especial
- Casal à parte (não sabe se a entrevista vai servir) – falam e comunicam muito (e com os filhos também)
- Marido menos comunicativo, reservado, escreve; ela tem o dom da palavra, fala pelo marido “isso também é chato” – faz de boa e de má

E sente que houve alguma fase em que tivessem mais conflitos?

- Marido não vai dizer o mesmo
- Sogros excepcionais; sogra ansiosa com o filho
- Anos no meio do casamento: sogra não fazia por mal, gosta dos sogros, invadiam a sua privacidade (almoços aos fins-de-semana)
- Há sete anos: depressão – sentia-se dividida; ele compreendeu-a, amor sobrevive a tudo
- Diz à filha: não sabe como suportou, marido não queria magoar os pais (trabalho com o pai) – sogros compravam-nos, perda de independência, férias sozinha
- Dinheiro acabou, começou a ter paz
- Nessa fase dominou-se, poder do amor, não havia discussões
- Às vezes dava um grito, mas não se deitava zangada; bloqueio
- Outra fase mais difícil: actualmente
- Esquece facilmente
- Depressão porque se agarrou ao passado – Estudo de Reiki ajudaram-na, aprendeu a olhar para o futuro, amor sobreviveu
- Não acredita em coisas eternas “ninguém é de ninguém”
- Não se lembre de crise dos sete anos
- Actualmente: Há amor, ternura, conhecimento, afectos diferentes, preocupações diferentes um com o outro
- Filhos pequenos: menos tempo para eles; filhos grande: preocupações com o futuro deles
- Hoje têm mais tempo: caminhadas a dois; deixaram de fumar (cumplicidade)
- Deixar de fumar, gravidez, reiki – resultou pela cumplicidade e não queria atraindo-lo
- Transmissão de pensamentos

Quais é que acha que foram, os momentos mais marcantes da vossa relação, positivos e negativos?

- Nascimento dos filhos (marido assistiu ao parto dos rapazes) – apoio
- Pai presente, brincadeira com os filhos, atenção em casa “bom filho, bom marido, bom pai”
- Marido único, especial, sem intenção do mal
- Marido teimoso, muito calado, prejudica-se
- Situação actual: estavam bem e perderam tudo – duvidas se o merecem ou não

Como é que tomaram a decisão de ter filhos?

- Objectivo era casar e ter filhos (antigamente era assim)

- Decisão em conjunto
- Filho desejado, outros não tanto
- Aos 40 anos – queria outra filha – marido ofereceu-lhe um boneco
- Decisões conjuntas: casar, ter filhos, mudar de casa – sem desacordo
- Fase em que marido esteve dividido com os pais – Não é capaz de dizer não a nada nem ninguém (não era por serem os pais), ela teve de compreender
- Excepcionais pelo tempo de casamento; outros familiares casados há muitos anos (tios, sogros) – pais dela separados

E sente que houve mudança com o nascimento dos filhos?

- A gravidez; medo de ter menos tempo
- Não notou ciúmes do marido com os filhos (outros casais têm) – são todos unidos
- Filhos pequenos “menos tempo”, marido trabalhava, almoçava em casa, crianças deitavam-se cedo (hoje não é assim, tinham a sua privacidade – melhor gestão do tempo)
- Crítica aos dias de hoje – filhos almoçavam em casa
- Hoje marido está mais tempo sozinho no sofá – compreende
- Fins-de-semana: passeios em família – saudades desses tempos
- Crítica a sociedade
- Dificuldade filhos saírem de casa – padrão dos pais (namorado da filha – signo do pai)
- Proximidade com os filhos; marido menos comunicativo (pergunta-lhe o que é que se passa)

E como é que tomavam as decisões em relação à educação dos filhos?

- Ela mais autoritária, marido mais calado
- Hoje marido mais aberto; mais fechado por causa da educação do seu pai (Ela tem mais abertura porque a teve com os seus pais e avós)
- Necessidade de saber sempre onde estão os filhos (preserva a intimidade dos filhos)
- Sogros fechados; falta de diálogo
- Tente conhecer-se e aos outros
- Mais tempo com os filhos, marido não se manifesta mas acompanha “tu também és pai, diz qualquer coisa”, desculpabilização porque é homem – tem de ser boa e má com os filhos
- É boa e má com a sogra – marido é mole com ela
- É a bengala de casa (a quem é que se vai encostar?); marido e filhos muito dependentes dela (marido diz que só não se mete dentro dela porque não consegue) – amigas dizem que ela precisa de falar, de se afirmar – foi sempre assim
- Era uma criança ansiosa, era uma mãe muito ansiosa (sofria por antecipação os problemas dos filhos) – transformação há seis anos (reiki)
- Não quer ser autoritária, precisa de sossego, muito solicitada
- “Vasco, cresce” – marido muito dependente, marido tem medo que ela morra, ela diz para arranjar outra - relação especial que ninguém entende (inveja)
- Não fazem nada sem ela – É activa: casa, filhos, almoço, cães

E como é que gerem a vossa vida social, os amigos são os mesmos ou...?

- Amigos comuns
- No início cada um tinha os seus
- Marido não gostava de uma amiga dela por ser leviana (ela não é influenciável), avós também não – cortou relação
- Quando namorava não entrava no carro de outro homem – gosta da liberdade de hoje

- Infância bonita: separação dos pais por o pai ser alcoólico, convívio com avós e pai (ela e o marido tratavam dele se fosse preciso)
- Um diz mata o outro esfola – “bolas, mas o que é isto? nem há aqui um contra-senso?”
- Nunca houve problemas por sogros ou pais estarem lá em casa
- Não têm segredos, é tudo partilhado – não lhe esconde problemas com sogros ou cunhada, sabem tudo um do outro
- Sabe que ele nunca a traía. Provoca-o para ele olhar para outras mulheres; preocupa-se se ele se atrasa – cumplicidade

E o ter ficado em casa, foi uma decisão sua ou do casal?

- No início: dos dois
- Depois ela quis sair mas ele era ciumento; possessivo; obsessivo; queria mandar – ela não aceitava – desculpabilização por se reger pelo padrão antigo
- Ela era alegre, ele introvertido, ela ria e ele não gostava, parecia mal – foram-se moldando (hoje ele é mais aberto)
- Ele não queria que ela trabalhasse por contra de outrem, só se fosse um negócio dela “onde há homens e mulheres é uma chatice” – ela concorda
- Estas coisas são boas se não era uma monotonia
- Agora ele quer que ela trabalhe e ela não Queridos pais,

E há alguma coisa a acrescentar?

- Amor puro como base, sem ilusão
- Casamento facilitado no início, hoje é mais difícil monetariamente – casou para o bem e para o mal
- Ela era de família humilde, ele não – Grande casamentos, pessoas pensavam que ela se casava por dinheiro
- Nunca foi de excessos; estão a superar bem esta fase
- Marido emagreceu e agora ela está a engordá-lo; não o deixa enlouquecer – Às vezes vai-se abaixo mas tem muita força
- Base é amor e franqueza

4-H

Como é que se conheceram?

- Datas; Viagem para Espanha; Ida à maternidade;
- Namorava com outra rapariga; “Química especial”
- Ida para Espanha
- Problemas no namoro com a outra; aproximação - namoro

E o que é que acha que os aproximou nessa altura?

- Atracção
- Não sabe explicar (“acontece à maior parte dos namoros”)
- Química; Atracção; sentimento até hoje

E como é que foram esses primeiros tempos de namoro?

- Bons, Felizes
- Conheceram-se melhor; gostaram um do outro – Decisão casamento

E como é que tomaram a decisão de casar?

- Trabalho com o pai – possibilidades económicas
- Queria independência; estar sozinho sem pais; assumir relação
- Possibilidade de ter casa (pai deu-lhe uma casa)

E como é que foram os primeiros tempos de casados?

- Fácil, sem choque; natural; sem surpresas; “Nada de especial”
- Construção gradual da relação
- “Um atrito ou outro” – ultrapassou-se
- Filhos

E como foi tomar a decisão de ter filhos?

- Filha planeada
- Reacção a saber que ia ser pai “Como é que vai ser?”
- Felicidade com o nascimento
- Impacto na primeira vez que viu a filha “Sensação de ver a sua cara na dela” (continuidade); sensação única

E sente que o facto de terem filhos alterou a vossa vida de casal?

- Filhos prendem em saídas (Não faz grande diferença)
- Saídas a dois (não sente necessidade de estar com outros)
- Adaptação aos filhos – “pseudo-prisão”
- Não afectou nada de especial

Quais é que considera que foram os momentos mais marcantes da vossa história?

- Não percebe a pergunta

Momentos mais determinantes, que se recorda mais intensamente.

- Não está a ver
- Está tudo a correr normal

E o que considera que os une, que os tem mantido unidos?

- Amor; Apego grande; Atracção
- Não consegue viver sem ela (e ela sem ele)
- Cumplicidade
- Zangas (normal nos casais)

E como é que costumam resolver essas situações?

- Naturalmente
- Dias zangados sem falar
- É ela quem toma a iniciativa (é orgulhoso e não consegue)
- Zangas por parvoíces

E foi sempre assim?

- Nunca grandes discussões, arrufos
- Quebra a rotina

E sente que houve alguma fase em que tivessem mais discussões?

- No início devido à juventude, discussões mais acaloradas (normal nas pessoas)

E o que acha que os separa?

- Feitio, maneiras de ser
- É mais retraído; dificuldade em expressar-se; reservado – Ela mais explosiva
- Ele é mais calmo; ela nervosa – Provoca discussões
- Ela critica-o pela sua passividade e exalta-se
- Tem de aceitar as diferenças e não pode mudar maneiras de ser

E como é que costumam tomar as decisões?

- Conversam; em conjunto; “ouvem a opinião do outro”
- Não têm grandes decisões para tomar

E em relação aos filhos, por exemplo?

- Ela é mais interventiva, conversa mais, maior protagonismo (maior poder de conversação)

E sente que conseguiu conjugar a sua vida profissional com o casamento ou teve alguma dificuldade?

- Mudança de trabalho
- Facilidade em conjugar; acompanhamento da família (almoços em casa, presente)
- Nunca foi muito absorvido pelo trabalho

E como é que funcionam em relação aos amigos?

- Não têm muitos (desilusão com alguns)
- Ela tem algumas amigas
- Estão sempre juntos (ele não tem grupo de amigos e ela não vai ter com as amigas)
- São muito agarrados
- Amigos comuns

E foi sempre assim?

- Namoro: tinha o seu grupo de amigos separado
- Casamento: mudança – dedicou-se (facilidade em acabar com as “noitadas”)

E como é a sua relação com o resto da família, pais, sogros...?

- Sem problemas; não está zangado com ninguém
- Sem grandes convívios (sogros estão separados)

E no início, como foi o contacto com eles?

- Bom, aceitaram-se
- Comentários do seu pai “Vê lá...” – aceitaram a sua escolha, acreditaram nele
- Sem pressões dos pais

E quais são as características da sua mulher que aprecia mais?

- Mulher perfeita, boa esposa, boa mãe, boa dona de casa
- Ela não trabalha
- Exagero na entrega à casa – falta de tempo para os dois

E foi sempre assim?

- Sempre, não era normal para a sua geração
- Comparação com a sua mãe “Não sei se foi isso, também me fez ver nela um exemplo que tinha em casa” – procurava alguém para tomar conta de si, já que ia deixar a mãe
- Cozinhados
- Ela está bem com ele: ele não é de sair para os copos e deixá-la
- Estão sempre os dois

Alguma vez pensou em separar-se?

- Não
- Zangas: pensa como era se se separasse – esquecido, reencontro
- Pensa não por não gostar; “Vou-me embora para onde?” (risos)
- Pessoas que não se zangam andam a fingir – não fingem, gostam um do outro, estão apaixonados (até ao fim)

E partilham planos para o futuro?

- Situação actual complicada; vida alterou-se – complicações financeiras (mudança profissão)
- Não sabe como vai ser o futuro – andam sempre a pensar nisso
- Ela procura emprego – não consegue
- Despesas altas; problema da idade

E como é que têm vivido essa situação como casal?

- Confortado um com o outro
- Ela aceitou
- Muito unidos; Sofrem em conjunto
- Situação pode dar origem a problemas no casal mas eles aceitam

Sente que esta situação os aproximou?

- Estão mais unidos
- Nenhum pensa em fugir presentemente
- Foi surpreendido pela situação

Não sei se quer acrescentar mais alguma coisa sobre o seu casamento, sobre a sua experiência...

- Amor, ser bom, gostar, paixão pela mulher
- Filhos; vida familiar
- Raridade dos casamentos que duram tantos anos
- Cumplicidade; casal apaixonado
- Tem pena de não ter possibilidades para viajar, gozarem mais a vida – Ela merece
- Amor é a base do casamento e da relação

Casal 5

5-M

Como é que se conheceram?

- Datas (incerteza)
- Diferença de idades: mais visível no passado
- Ela estudava; ele trabalhava; local de trabalho do marido
- Amiga apaixonou-se pelo amigo dele
- “As coisas aconteceram”; namoro, casamento

E como é que foi esse início?

- Difícil; segundo casamento do marido: fase de separação, divórcio
- Dificuldades familiares: filha única, não era ideal da mãe (reacção negativa); reacção (não estava habituada)
- Namoro: descoberta
- Mãe rígida (substituta pai); separação pais (12 anos): responsabilidade
- Responsável; não podia sair à noite
- Marido: liberdade, experiências; ela era novidade para ele
- Comparação amigas: pouca liberdade – entusiasmava marido (era uma “ave rara” ao pé dos amigos dele)
- Receio mãe por causa dos estudos, “homem casado”, filha do marido (parte negativa)
- Apaixonados, entendimento, descoberta (parte positiva)
- Para ele: novidade, menina, descoberta; para ela: experiência marido, novidade
- Subterfúgios para sair à noite; descoberta da noite e das discotecas

E como é que tomaram a decisão de casar?

- Namoro complicado, oposição da mãe (ainda hoje)
- Não entrou na faculdade; ele tinha casa, não podia sair: decisão casar (podia ter sido mais tarde); tinham trabalho, casa

E como é que foi com a sua mãe nessa fase?

- Não aceitou, rendeu-se, triste no casamento
- Casamento ideal (normal): não podia ser pela Igreja mas também não queria
- Casamento triste para família, óptimo para ela, pouca gente
- Distância sogros
- Desilusão mãe; se ele fosse ideal, casamento maior

E sente que essas questões familiares afectavam a relação?

- Nunca; eram ideais um para o outro (como toda a gente pensa)
- Correu bem

E como é que foram os primeiros tempos de casados?

- Liberdade, podia acompanhá-lo (ciúme)
- Incapacidade de se rebelar, adora mãe; ameaça sair de casa quando mãe não queria que namorasse
- Sentimento de culpa: separação pais, mãe trabalhadora
- Ajuda mãe com filha (estava a estudar)
- Perdeu-se no discurso

Estávamos a falar dos primeiro tempos de casados...

- Estar com quem gostava; descoberta da noite
- Passado um ano: passou euforia; momentos de encantamento; cansou-se de sair
- Período de choque, adaptação; era mimada e caprichosa
- Fim lua-de-mel
- Dias que se questionaram se era aquilo que queriam; birras dela (culpada)
- Desencanto do marido: mostrava namorada jovem aos outros
- Hipótese precipitação; consolidação; certeza que vão ficar juntos

E sente que, nessa fase, tiveram de fazer acertos?

- Menos caprichosa e mimada
- Marido boémio, sem horários; ela trabalhava e estudava: discussão hora de deitar (marido acalmou)

E depois como é que tomaram a decisão de terem filhos?

- Sempre quis; gostava de ter mais filhos
- Filhos 4 anos depois do casamento
- Marido já tinha uma filha (relacionamento normal, fins-de-semana)
- Queria filhos, marido não, adora filhos, bem-vindos, apoio filha (marido só quis porque ela queria)
- Decisão; dificuldade de engravidar: filha planeada; filho não planeado

E como é que foi quando a filha nasceu?

- Muito maternal; sorte com filhos (problemas só com feitos)
- Fácil em comparação com amigas; filhos não choravam nem queriam colo: irritação; crianças saudáveis
- Ajuda da mãe e marido
- Filhos pacíficos e calmos (abanava filha com medo que tivesse morrido)
- Conjugação trabalho e filhos
- Mãe disponível para ajudar (sem ser para o casal ir de férias)

E em termos de relação, acha que houve alteração com o nascimento dos filhos?

- Não, nem fortalecimento nem arrefecimento: continuaram felizes
- Sozinhos com os filhos
- Filhos ideais: admiração amigas

E quem é que toma as decisões lá em casa?

- Toma sempre decisões
- Marido “artista”: criativo e sem horários, não para contas, vive noutro mundo; espírito jovem; paixão pela música
- Não é autoritária; marido não sabe nada do dinheiro
- Marido demite-se dos filhos, “está no mundo dele”

E essa característica provoca atritos entre vocês?

- Cansaço, sobrecarga; marido melhor, tem mais disponibilidade que ela; mais participativo; nunca lhe disse que não, mas não pode contar com ele (desculpabilização por ser homem); tem de o empurrar, cansada, não o muda

E quais são os momentos que considera que foram mais marcantes da vossa história?

- Férias com filhos, agora sozinhos: juntos de manhã à noite (marido não verbaliza)
- Só se separaram 3 dias: não sentem necessidade
- Férias: não se aborrecem, divertem-se (ele tem sentido de humor)
- Férias com filhos; reencontro amigos

Mas continuam a ir de férias?

- Diferente: casa na serra
- Vão deixar de ir à praia: autonomia filhos

E socialmente...?

- Menos saídas: cansaço pela profissão; saíam muito nos 4 primeiros anos
- Nascimento filha: receber amigos em casa; filha crescida: saídas, fins-de-semana
- Não tem paciência para sair desde que tem casa na serra; amigos separados
- Fins-de-semana: casa da serra, sossego, recebem amigos; não se fecham

E esses amigos são comuns?

- Das duas partes (mais amigos dele); marido já tinha vida construída; quase adolescente, foi perdendo amizades
- Actualmente: amigos comuns (não quer estar sozinha com amigas, ansiosa que ele a vá buscar)

E como é que lidou com o primeiro casamento do seu marido?

- Sem relacionamento; discussões por causa da filha dele; desvalorização ex-mulher
- Problemas filha dele: mal educada; fins de semana
- Marido com filha dele: desistiu, ele não a procurava – discussões
- Ele não quis poder paternal
- Problemas saúde filha dele, gravidez: ele só a vê quando ela vai – Não é bom pai, mas é para os filhos dela
- Hábitos filha marido, não gostava quando ia lá para casa
- Desistiu que marido cumprisse obrigações; forçou marido a ir ver filha à maternidade
- Marido demite-se dos filhos comuns: “tem a vida facilitada”
- Desistência, sentimento de culpa
- Mãe diz-lhe que ele não é bom pai: tem de separar as coisas

E essa fase das discussões terminou?

- Desistência para não prejudicar relação
- Clivagem homem que ama/pessoa mal formada (este lado não existe)

E como é a relação com os seus sogros?

- (risos) Pouco próxima, não sabe se é aceite
- Marido idolatrado pela mãe; sogra ciúmes de si: choque
- Ciúmes da sogra: irrita-se por marido ir ver sogra muitas vezes
- Não são bons avós: não ligam a filha do marido; quando disse que estava grávida disseram que ela já tinha uma filha
- Comparação com sua mãe
- Sogros cobram aos netos; sogra hipocondríaca; conflito com sogro (marido não interveio)

- Sogros não gostam dela, não consegue ser carinhosa com sogra; não os apoia

E qual é a reacção do seu marido a essa situação?

- Não reage, gostava que ele falasse com pais
- Tratou da sogra quando estava doente
- Marido desculpa sogros com idade; não falam no assunto; medo que marido a culpe por não ser carinhosa com eles; não gosta da sogra
- Afectou relação: falava muito no assunto, controlo, marido fez-lhe ultimato: sentiu que ele preferia os pais, desilusão (inflexível), achou que casamento tinha acabado; preocupações, pessoas acham que são casal modelo
- Conversa, marido recuou; tem de rever atitude com sogros; sogra faz chantagem

O que é que acha que os tem mantido unidos?

- Forma de estar: despretensiosos; amor, sexo (sem termo de comparação); privilegiar momentos em família
- Dificuldade profissionais marido; apoio financeiro mãe
- Negligentes com aspecto físico; divertem-se; mesma sensibilidade; paixão cinema e literatura (ele música); educação dos filhos sem discordâncias

E foi sempre assim?

- Cinema e forma de estar sim; construíram outras (era muito jovem)
- Aprendizagem, primeira relação sexual, dependência dele (agora menos)

Não sei se quer acrescentar mais alguma coisa que ache importante...

- Feliz; às vezes desapaixona-se (fase apaixonada); emoção quando ele lhe telefona
- Marido sempre igual (amou-a sempre)
- Não sente rotina; não sente necessidade de férias conjugais ou estar só com amigos

5-H

Como é que se conheceram?

- Biblioteca; conhecimento; “já viu o resto do filme”
- Crítica à entrevista (estava à espera de questionário, não é bom contador de histórias)
- Não é fácil: vida, situações, feitos, pontos de vista, valores
- Mais ou menos sem dificuldade
- Segundo casamento

E o que é que o motivou a iniciar a relação?

- Atracção; queria acalmar (vida de solteiro: boémio)
- Gostaram um do outro: namoro

E depois, como é que tomou a decisão de se casar?

- Natural, queriam viver juntos, sem imposições
- Casamento civil

E do namoro para casamento, acha que mudou alguma coisa?

- Mudança vida solteiro para vida a dois; muda tudo; não muda comportamento; muda forma de funcionar e organizar coisas; gostos iguais
- Saíam até nascerem filhos

E sente que tiveram de fazer acertos no início?

- Nada de especial; empatia, bom entendimento
- Referência divórcio outros casais
- Mudança: arrumar casa

Quais é que considera que foram os momentos mais marcantes da vossa história?

- Nascimento filhos
- Resto foi normal

O que é que se alterou depois do nascimento dos filhos?

- Tudo: horários, vida, opções

E na relação do casal, acha que alterou alguma coisa?

- Mais trabalho, menos tempo
- Quando são pequenos: cansaço, dormem menos

E como é a vossa vida social? É partilhada?

- Partilhada
- Agora não saem tanto; alterações amizades (pessoas mudam); cansaço
- Amigos vêm e vão

E momentos de crise do casal?

- Construção segunda casa: mulher contestou (agora concorda)
- Início: discussões, guerras de detalhes

E como é que resolvem essas crises, normalmente?

- Vêm as coisas com outra clareza; passa depressa

E sente houve fases em que discutiam mais?

- Mais agora que no princípio; discussões importantes; problemas diferentes
- Filhos: educou-os, agora fazem as suas escolhas
- Referência a um ditado do pai (não se lembra bem)
- Filhos não deram problemas
- O que não sabe aprende com o outro

E há uma divisão de tarefas?

- Divisão por gestão
- Não cozinha (só se for preciso)

E como é que são as relações com os outros membros da família, por exemplo, com os sogros?

- Complicada; diferentes pontos de vista; toleram-se (vêm-se pontualmente)
- Sogra mais próxima: toleram-se

E foi assim desde o início?

- Viver sem quezílias, conhecem-se
- “boa senhora”
- Discorda em valores e situações; dificuldade em mudar pessoa de idade

E o que é que acha que o une à sua mulher?

- Sentem-se bem; gostam um do outro

E o que é que gosta mais nela?

- Não sabe, pessoa normal
- Conversadora, faladora (crítica), bom coração, sem histórias

E o que é que acha que os separa?

- Não estão sempre bem
- Referência a casais juntos há 50 anos sem gostar; sobrevivem

E como é que foi conjugar um primeiro casamento com um segundo?

- Não deixar nada para trás; “passa à frente”
- Casava-se as vezes necessárias para ser feliz (maneira de falar particular)
- Acabou, foi natural

Há alguma coisa que gostasse de acrescentar, que lhe pareça importante?

- Brincadeira com termo “Casal” (várias leituras)
- “Casal são dois”

Casal 6

6-M

Como é que se conheceram?

- São da mesma terra; escola; diferença de idades
- Percurso marido; iniciativa marido; recusa
- Iniciativa marido; namoro por carta; namoro pessoalmente

E nessa altura das cartas já considerava que eram namorados?

- Amor; Conhecimento
- Único namorado; insatisfação; humilhação
- Regresso marido; casamento; ida para África do Sul
- Gravidez, segunda filha; regresso

E como foi a passagem do namoro para o casamento?

- Mudança; pouco conhecimento
- Chegada à África do Sul; falta de apoio; marido impaciente
- Mudança: já não cede; relação intermitente

E como é que foi a adaptação? Sente que tiveram de fazer acertos ou...

- Problemas com sogra (centralização do marido)

E sentiu isso em que fase?

- Desde o início; rivalidade com sogra; marido escolheu a mãe
- Melhorou; tempos África do Sul
- Não queria voltar; adaptação

Quais é que acha que foram os momentos mais marcantes do seu casamento?

- Nascimento filhas

E como é que receberam a notícia de que iam ter uma filha?

- Gravidez; incerteza sexo; incerteza estado de saúde

E foi planeada?

- Marido queria; era nova (teria esperado)
- Enxoval; viagem; reencontro; não percebia nada

E a segunda filha, também foi planeada?

- Marido queria voltar; decisão sozinha
- Filhas gostavam mais de estar lá; dedicação às filhas; não trabalhou
- Não percebia língua; tirou carta

E sente que houve mudanças na vida do casal depois do nascimento das filhas?

- Felizes; segunda filha menina

Mas acha que a disponibilidade que tinham um para o outro se alterou?

- Vida diferente; marido saía cedo
- Ansiedade filhas regresso pai

E como é que era em relação aos amigos?

- Constantes; amigos do marido passaram a ser dela
- Férias com amigos; amigos distantes; pena de estar longe

E como é que foi quando voltaram?

- Não queria; marido queria; filhas não queriam
- Dificuldade adaptação filhas; filhas preferiam que ela as levasse à escola

E nessa fase em que decidir vir para Portugal, houve conflitos com o seu marido?

- Marido disse-lhe para ela voltar sozinha

E como casal, mudou alguma coisa quando voltaram?

- Insistência África do Sul; adaptação

O que é que acha que a aproxima mais do seu marido?

- Tudo

E o que é que acha que os afasta?

- Nada; estão a ficar velhos: necessidade
- Assimetria da necessidade

E no início, o que é que os afastava?

- Nada; nunca lhe faltou com nada

E como é que foi, para o casal, a fase da reforma do seu marido?

- Estar em casa; vai para o trabalho; idade marido
- Inconstância emprego marido
- Comparação com África do Sul: está mais tempo em casa

E o que é que acha que os faz estar juntos estes anos?

- Não há motivos para se separar

E como é que era a relação do seu marido com os seus pais?

- Boa; aceitação pais

E a sua relação com os seus sogros?

- Ambivalência

E como é que resolveram isso?

- Doença sogra; morte

E como é que, geralmente, resolvem os conflitos?

- Falando

E como é que tomam as decisões cá em casa, por exemplo, com as filhas?

- Filhas mais ligadas a ela

E estiveram sempre de acordo em relação à educação delas?

- Marido mais rígido com saídas filhas
- Protecção filhas

E em relação às coisas da casa?

- Divergências; decisões sozinha; apoio filhas
- Aprovação da sua família

E como é que foi quando as filhas saíram de casa?

- Pena; saudades; está perto
- Ideia do marido de irem para a terra – recusa; frustração marido; aldeia diferente
- Morte familiares

E o seu sogro?

- Separação sogros; culpabilização marido – pai
- Viagem; morte sogro e cunhada

E quando as filhas saíram de casa, acha que houve mudança na vossa relação de casal?

- Aproximação; saída das filhas
- Situação actual filhas; netos; problemas gravidez filha

E como é que foi quando souberam que iam ser avós?

- Alegria; comparação primeiro/segundo neto; problemas saúde

E alguma vez pensou em ter mais filhos?

- Não; marido queria; problemas gravidez anterior

Quer acrescentar alguma coisa que ache importante?

- Dia do casamento; ansiedade; namoro rápido
- Casamento; morar com mãe; ida do marido; ansiedade

E como é que foi o reencontro?

- Marcante; viagem; diferença; marido com amigas
- Nascimento filhas
- Aborrecimentos passageiros

6-H

Como é que se conheceram?

- São da mesma terra; mulher jeitosa; diferença idades
- Pedido de namoro – comparação actualmente
- Namoro à distância; percurso; decisão casamento
- Casamento; nascimento filhas

E o que é o que o levou a tomar essa decisão de se casar?

- Solidão, necessidade carinho/conforto, necessidade estabilidade
- Casou novo – comparação; poucas mulheres; tarefas domésticas
- Actualmente: conservadorismo

E como é que foi a passagem do namoro para o casamento? Como é que foram esses primeiros tempos?

- Regresso; namoro pessoalmente
- Aceitação sogros; como conheceu os sogros

E acha que nesses primeiros tempos tiveram de fazer adaptações um ao outro?

- Fácil; mulher prendada (comida, roupa), meiga, não fumava
- Filha fuma

E como é que receberam a notícia de que iam ser pais?

- Mulher disse; sabia que ia correr bem; ansiedade; incerteza sexo
- Parto difícil; incompetência médico; necessidade de intervir
- Segunda filha

E acha que a vossa vida a dois se alterou com o nascimento das filhas?

- Não; responsabilidade, trabalho, preocupação futuro
- Regresso a Portugal: futuro filhas; preocupação mãe
- Netos; gravidez filha (preocupação)

Quais é que acha que foram os momentos mais marcantes do seu casamento?

- Regresso; decisão casamento
- Casamento: amor

E sente que houve uma fase em que tiveram mais crises?

- Gravidez; acidente filha – preocupação com netos

E como é que tem sido em relação aos amigos? Têm os mesmos amigos ou...

- Constantes

Mas também são amigos da sua mulher?

- Conheceram-se; conheceu mulheres amigos
- Comparação amizades actuais
- Traição; responsabilidade

E como é que era a sua relação com os outros membros da família, os seus sogros...?

- Surpresa sogros; amizade

Voltando às filhas, como é que foi, como casal, em relação à educação das filhas?

- Acordo, filha podia ter estudado mais (dinheiro) – namoro filha

Quando regressou a Portugal, acha que houve alguma mudança no casal?

- Não, só para si; família reunida (sogros, mãe)
- Doença sogro

E como é que se adaptaram a viver em Portugal outra vez?

- Conhecimento, língua

E como é que foi, para o casal, quando as filhas saíram de casa?

- Custou

E sente que houve mudança na vossa relação?

- Não; amizade, cuidados um com o outro, sente falta das filhas
- Netos – filhas pequenas

E como é que foi para vocês saberem que iam ser avós?

- Desejo; neto ideal (rapaz)

E como é que tomaram a decisão de ter duas filhas?

- Desejo mais filhos; recusa mulher (desculpabilização: saúde)
- Perde-se no discurso

Estava a perguntar do número de filhos...

- Desejo rapaz; problemas gravidez anterior
- Netos

E como foi quando se reformou? Acha que mudou alguma coisa na relação?

- Continua a trabalhar; ajuda mulher
- Estar mais velho: negação

E em relação a estar em casa mais tempo, acha que....

- Não gosta; gostava de ler: desmazelado (mulher lê por si)
- Negação reforma
- Crítica sistema de reforma; percurso profissional; crítica Governo

Voltando ao casamento, o que é que acha que tem em comum com a sua mulher, que os mantém juntos?

- Namoro; conhecimento; adaptação gostos
- Casamento como prolongamento do namoro

E quais são as características da sua mulher que aprecia mais?

- Preocupação; problemas de saúde
- Tarefas domésticas (roupa)
- Doença mulher: acompanhamento
- Zangas passageiras

E como é que costumam lidar com essas zangas?

- Mais calmos conversam; não são violentos; exemplo
- Comparação outros casais

Alguma vez pensou em separar-se?

- Exemplo para os genros; não há motivo

E o que é que acha que os afasta mais ou que provocam mais conflitos?

- Mulher teimosa; cedência

E acha que no início do casamento discutiam mais?

- Zangas passageiras
- Teimosia mulher; desculpam-se

E como é que costumam tomar as decisões cá em casa?

- Mulher dentro; Ele fora (consulta-a)

E foi sempre assim, essa divisão?

- Ajuda filhas; culpabilização mulher por maus conselhos em negócios
- Crítica impostos

E em relação a planos para o futuro, têm planos em comum...?

- Diferenças; mulher não gosta da terra; cedência
- Casas da infância; plano comprar apartamento para férias

Não sei se quer acrescentar alguma coisa que ache que seja importante sobre o casamento...

- Teve namoradas
- Felicidade no casamento; problemas passageiros

Casal 7

7-M

Como é que se conheceram?

- Idade; vizinhos; marido não tinha mãe
- “Namorisco”; dúvida se queria aquilo
- Marido mudou de casa; contacto; marido saiu do país; namoro por cartas (namoro funcionava melhor por cartas do que em presença); comparação namoros actuais
- Namoro a sério (20 anos); marido não queria falar com pais dela; marido falou com pais dela antes de separação de 1 mês; recorda prenda que lhe deu; consentimento pais
- Separação; casamento
- Mãe repressiva (comparação actualmente); virgindade
- Casamento com altos e baixos, sem discussões
- Discussão por causa do filho, pai agarrado ao neto, confusão de discurso, marido deu palmada na filha e discutiu com pai dela
- Viveram com pais dela; pressão mãe (falou com marido e ele aceitou por não ter mãe); zanga com mãe por causa do irmão e sobrinha; saiu de casa (rebelou-se poucas vezes)
- Pai pediu para regressar por causa do neto; domínio mãe (não sobre marido)
- Romântica (ler romances), desilusão; perdoa mas não esquece (perdoa tudo ao marido)
- Discussão com marido sobre “Diário Popular”, amuo; hoje mais aberta
- Percurso profissional marido; não estou mais por causa da mãe; sede de saber
- Marido permissivo; marido arrogante; discussão sobre imposição de regras; pressionada por todos
- Foi estudar com filha porque marido lhe tinha chamado estúpida
- Sem discussão, casal modelo, actividades juntos, marido permissivo (não é ideal dele)
- Hipótese separação: dependência económica; mãe não quis ficar com netos: teve de ficar com filhos (arrependimento); nunca discutem à frente dos filhos
- Psicoterapia: hoje já lhe respondia
- Medo reforma marido: encaminhou-o para Academia (liberdade); marido permissivo; marido mandão; amor da vida dele
- Pai morreu e marido foi operado à próstata (não o apoiou) – falaram agora por causa da psicoterapia
- Exemplo da arrogância do marido (sobrinho): chamou-lhe mesquinha como a mãe (sádico); psicoterapia
- Natal triste (morte pais): problemas marido com filho (esquecimento)
- Programa TV: conversa; hipótese separação; pedido desculpa mútuo
- Falta de apoio ao marido; vida sexual pouco activa; morte do pai; poucas discussões; vida podia ter sido melhor

E depois de ter falado, acha que houve mudança?

- Sim; marido mais falador e atento; sempre juntos (dependência marido dela); marido permissivo e cavalheiro
- Competição de inteligência; má dona de casa
- Fidelidade; pai infiel (perdoava-o); nunca foi ciumenta; emprego marido
- Sensível; não tem feitiço do pai; “rainha da festa” como pai; menos amuos: romantismo (comparação actualmente)
- Mãe castradora até morrer: libertação quando saiu de casa
- Conversa com marido; orgulho; maior abertura com amigas (psicoterapia)

- Casal exemplar; rejeição marido; amuo; romantismo (comparação com filhos, rivalidade filha; comparação amigas)
- Marido admirador; preocupação com ele; desilusão marido (era boémio e parou de o ser); convivência marido com mulheres, não tinha ciúmes, mãe ciumenta
- Insuficiente; ruminação; problemas saúde

Mas acha que havia algum motivo nessa altura para pensar nisso?

- Não havia diálogo; dormiam separados (mesmo depois de morte da mãe); ultimato marido; marido chamou-lhe mesquinha
- Mãe sofrimento por causa das infidelidades do pai; não tem ciúmes

E foi sempre assim, desde o início?

- Palmada do pai: orgulho; hipótese separação; diálogo (actualmente)
- Namoro nova; não teve mais amores; outros pretendentes; não namorou com outro porque não quis deixar marido em tempos de guerra; não casou apaixonada com a mãe

O que é que acha que a levou a tomar a decisão de se casar?

- Idade (casava-se cedo); gostava dele mas não era amor romântico; aprovação mãe

Quem é que tomou a iniciativa do casamento?

- Iniciativa marido (nunca tomou decisões); marido encontrou uma família normal
- Decisão sair de casa dos pais e regresso: apoio marido; entendimento marido e pais
- Manipulação da mãe ao marido para viverem lá em casa

E como foram os primeiros tempos de casamento?

- Desencanto (ausência marido); não lhe ofereceu flores, namoro sem intimidade (mãe não a preparou)
- Nascimento filha; emprego; acidente mãe (marido tratava dela)
- Marido pouco sensível com ela (falta de exmplo); exemplo pais dela

E quando teve a sua filha, sente que houve mudança na relação?

- Queria menino; delegou nela; tomou as decisões todas (educação filhos, casa)
- Vida insonsa; decisão férias
- Tomar conta netos: prisão; emprego; marido sem iniciativa e mais dependente

E o que é que considera que têm em comum, interesses, gostos...?

- Pouco (diferenças interesses); férias e idas ao café; gostava de se cultivar e marido ambicioso profissionalmente (filha como pai e filho como ela)
- Mais diálogo; marido não a completou (sem iniciativa e amorfo); marido ideal para a época, fiel; adivinha pensamento dele
- Comparação amigas; não foi modelo de mulher
- Só falou uma vez à frente dos filhos
- Casamento simpático e sem paixão
- Marido mais comunicativo; partilha actividades
- Marido carrancudo por ela falar demais: separação

7-H

Como é que se conheceram?

- Moravam na mesma vila; simpatia; amizade
- Separação quando foi para a Marinha; reencontro: namoro
- Ausência grandes; ansiedade quando se encontravam
- Tentativa de sair do país (não conseguiu): casamento

E o que é que o levou a tomar essa decisão de casar?

- Gostava dela (ainda hoje gosta); não tinha pais; necessidade acalmar (menos boémio): decidiram casar

E como é que foi a passagem do namoro para o casamento?

- Cortou com a vida que levava (casamento); percurso profissional (curso)
- Entendimento, alguma “furiasitas”; filhos: alegria

Quais é que acha que foram os momentos mais marcantes da vossa história?

- Nascimento filhos: nascimento filha – mais agarrado à casa; nascimento filho: foram viver sozinhos (gostava da vizinhança); não tinha vontade de viajar; bons tempos
- Saída da Marinha
- Reforma: “gerir presente e passado”

E quando nasceu a sua filha, achas que houve mudança na relação do casal?

- Sim, relação mais saturada (comparação com casais que saem mais); mudança brusca de vida; isolamento

Alguma vez pôs essa hipótese?

- Zanga; mulher acompanhava-o no trabalho (ciúme): mulher falou em divórcio
- Afastamento; mulher compreendeu
- Reforma: actividade (sente-se bem)

E sente que houve transformações na relação com a sua reforma?

- Vida diferente (custou ao início); mulher falou-lhe na Academia
- Actividade; buscar netos

E como é que foi ser avô?

- Fez-lhe confusão ao início; elogio netos
- Excesso actividades netos (crítica à filha)
- Alheado e esquecido
- Recordações viagens (saúde)

E continuou a fazer viagens casado, mesmo depois de sair da Marinha?

- Passeios com mulher

E o que é que acha que têm em comum, que os une?

- Cumplicidade, respeito, amizade
- Filhos admiradores da relação; entendimento; ultrapassam facilmente dificuldades
- Não gosta de falar nos momentos maus (reservado); dificuldade em falar em público

E como é que resolvem os problemas do casal?

- Toma iniciativas; mulher orgulhosa
- Discussões passageiras, pouco graves

E quem é que normalmente toma as decisões cá em casa?

- Mulher toma decisões (comodista)
- Mulher: administração casa; ele: administração carro
- Casa de férias: toma decisões

E como é que tem sido o seu relacionamento com os outros membros da família, os seus sogros...?

- Entendimento com sogro (estiveram uns tempos sem se falar)
- Pouco entendimento com sogra (respeitava-a): feitio sogra
- Pena da morte dos sogros

E acha que houve mudança no casamento com a morte dos seus sogros?

- Falta do sogro; mudança dia-a-dia (mais isolados; limitação conversas)
- Menos diálogo; automatismo
- Ver TV, ir ao shopping, passeios para puderem estar com outras pessoas
- Não têm hábito de falar com vizinhos (tem pena)
- Mulher conversa bem, sociável
- Amigas mulher; afastamento dos amigos
- Casa de férias: terra do pai; jardinagem; poucos vizinhos: mulher vai para o café com prima e ele vai à cidade

E a sua mulher também gosta de ir para essa casa?

- Gosta mais do que ele
- Reuniões família (mulher não gosta porque tem mais trabalho)
- Só vão fins-de-semana (hábitos férias praia com filhos e netos)
- Morte familiares (é o mais velho)

Não sei se quer acrescentar alguma coisa que ache importante...

- Dificuldade em lembrar-se
- Resistência em falar da vida particular (pudor)

ANEXO D

Contra-transferências

Casal 1

1-M

A entrevista teve lugar na casa do casal, após a entrevista com o marido.

Antes da gravação e no final, Helena desculpou-se várias vezes por motivos como a decoração da sala ou ter o cabelo molhado, o que denotou alguma insegurança e preocupação em relação à opinião que eu iria ter dela. Durante a própria entrevista, houve ainda alguma preocupação em corresponder às minhas expectativas em relação ao que seria esperado das suas respostas.

Ao longo de toda a entrevista, Helena mostrou-se um pouco ansiosa com a situação devido à sua constante agitação motora, mexendo várias vezes no cabelo, no colar ou no microfone. Esta agitação parou assim que o microfone foi desligado.

O seu discurso foi sempre muito pausado e sem grandes oscilações emotivas.

1-H

A entrevista teve lugar na casa do casal, antes da entrevista com a sua mulher.

José mostrou-se, desde logo, bastante simpático, extrovertido e muito interessado em participar neste trabalho.

Ao longo de toda a entrevista, manteve um tom de discurso ligeiro e animado, por vezes um pouco sedutor ou com alguma procura de cumplicidade.

Mas, de uma forma geral, José manteve-se num registo muito factual, distante e pouco emotivo, muitas vezes afastando-se do tema do casal e centrando-se em temas mais individuais como a vida profissional ou social. É de salientar que o seu discurso foi mais emotivo quando José falou acerca das suas preocupações em relação aos seus filhos ou da experiência de ser avô.

Casal 2

2-M

A entrevista decorreu no local de trabalho de Cristina, durante um intervalo seu, um dia após a entrevista com o seu marido. Apesar de ser num intervalo, Cristina não colocou qualquer limitação temporal.

Cristina apresentou-se com uma atitude afável e calorosa. Mostrou-se descontraída e participativa durante toda a entrevista.

Dada a sua profissão (Psicóloga), Cristina adoptou uma atitude de cumplicidade para comigo e usou no seu discurso, durante a entrevista, termos próprios da Psicologia. Cristina revelou ainda preocupação em explicar bem as razões dos seus comportamentos ou das suas emoções, numa atitude de constante análise e racionalização.

2-H

A entrevista decorreu no local de trabalho do Rui, ao final do dia, antes da entrevista com a sua mulher.

Rui recebeu-me com uma atitude pouco emotiva e de distanciamento.

No início da entrevista, Rui pareceu-me ansioso com a situação dada a sua agitação motora e a gaguez e alguma confusão de discurso nas primeiras respostas. Com o decorrer da entrevista, Rui foi-me parecendo mais descontraído.

No entanto, durante toda a entrevista, Rui manteve um tom apressado nas suas respostas e limitando-se a responder às perguntas que lhe iam sendo colocadas, sem as desenvolver. A temática das suas respostas foi predominantemente factual.

Casal 3

3-M

A entrevista teve lugar em casa da filha do casal, antes da entrevista com o marido.

Logo após ter explicado os objectivos da entrevista e de ter ligado o gravador, mas ainda antes de ter feito a primeira pergunta, Gabriela tomou a iniciativa de começar a falar acerca da morte dos seus pais. Assim, desde logo, Gabriela pareceu-me muito ansiosa e deprimida, aproveitando talvez o facto de eu ser psicóloga para puder expor o seu sofrimento.

Quando o assunto passou a ser o casamento, Gabriela tornou-se menos emotiva, apesar de manter um tom de voz frágil e instável. No entanto, sempre que voltava a falar dos pais, retomava o tom choroso inicial.

Durante a entrevista, pareceu-me que Gabriela estava a falar de assuntos que não eram discutidos com o marido, revelando alguma impaciência e algum cansaço em relação à sua personalidade e à rotina do seu casamento. Notei ainda que me quis mostrar o quanto estava sobrecarregada por toda a família, numa atitude de alguma “vitimização”.

Em toda a entrevista, a figura do marido surgiu como passiva e apagada, enfatizando a sua relação com os seus pais.

É de salientar ainda a maneira crítica e até agressiva com que se referiu à sua filha como mãe do seu neto, ao longo de toda a entrevista, numa atitude de clara rivalidade com esta.

3-H

A entrevista realizou-se em casa da sua filha, após a entrevista com a sua mulher.

Durante a entrevista, Alberto manteve um tom afável, caloroso e emotivo. Mesmo quando o seu discurso se tornava mais factual, Alberto enfatizou sempre as suas emoções e o facto de ser uma pessoa sensível e sentimental. No entanto, pareceu-me que Alberto se tornava mais emotivo quando falava dos outros membros da sua família, em especial pais e neto, do que propriamente do seu casamento, onde mantinha um discurso mais factual e racional.

Na sua descrição do seu casamento, senti que Alberto procurava tornar-me numa admiradora desta relação de sucesso. No entanto, pareceu-me que Alberto considera que este sucesso se devia a si próprio e não aos dois membros do casal. De facto, ao longo de toda a entrevista, a sua mulher pareceu-me bastante ausente do seu discurso.

De uma modo geral, pareceu-me que esta entrevista se desenvolveu num registo narcísico e racional no que diz respeito ao casamento propriamente dito.

Casal 4

4-M

Teresa recebeu-me no seu local de trabalho, antes da entrevista com o seu marido. Começou por explicar a sua actividade, comparando-a à Psicologia com o intuito de criar cumplicidade comigo.

Na situação da entrevista, Teresa mostrou-se à vontade e animada com a situação. Nas suas intervenções, mostrou-se curiosa acerca das minhas expectativas das suas respostas. No seu conteúdo, Teresa pareceu-me querer tornar-me numa admiradora da sua relação, referindo-se a esta como “especial”. O seu discurso, no entanto, por vezes tornou-se de difícil compreensão dadas as suas várias contradições ou ideias inacabadas e que não eram depois retomadas.

A entrevista decorreu ainda num registo pouco emotivo, situando-se num registo predominantemente ideal.

4-H

A entrevista com Vasco decorrer após a entrevista com a sua mulher, no local de trabalho desta.

Vasco apresentou-se como uma pessoa reservada e pouco comunicativa e que se sentia pouco à vontade com aquela situação. Quando viu o microfone, Vasco reagiu com nervosismo, não conseguindo abstrair-se da sua presença no decorrer da entrevista. O seu discurso foi muito hesitante, com grandes momentos de silêncio e respostas pouco desenvolvidas. No entanto, o seu discurso foi sendo cada vez mais emotivo, havendo alguma comoção quando falou das dificuldades financeiras presentes.

Quando a entrevista terminou e o microfone foi desligado, Vasco alterou o seu tom de voz e revelou-se ser uma pessoa mais comunicativa e extrovertida do que aquilo que foi na entrevista.

Casal 5

5-M

A entrevista realizou-se ao fim do dia no seu local de trabalho, sendo a primeira entrevista realizada a este casal.

Manuela iniciou a entrevista com grande entusiasmo, parecendo gostar de estar na posição de entrevistada. No seu discurso, revelou abertura, tanto ao nível factual como emocional, procurando ser honesta nas suas respostas e tentando interpretá-las em simultâneo, numa atitude que me pareceu ser uma tentativa de controlo das minhas interpretações posteriores.

Em toda a entrevista sobressai o carácter infantilizado e sedutor de Manuela, não só pelo conteúdo das suas respostas, mas também pelas palavras escolhidas e pelo próprio tom de voz, sempre muito suave. Foi ainda notória a necessidade constante de Manuela de que eu a compreendesse e, acima de tudo, que mantivesse uma boa imagem dela, pedindo-me frequentemente que eu não a considerasse “má pessoa”.

As suas referências ao marido parecem estar sempre ligadas a um sentimento de admiração (ou veneração) em relação a este e desculpabilização dos seus aspectos mais negativos. No decorrer da entrevista, houve uma interrupção para Manuela atender um telefonema do marido, em que aproveitou para servir de intermediária entre nós para agendarmos a sua entrevista. Nesta conversa, pareceu-me que Manuela estaria a usar um tom ainda mais infantil e sedutor para convencer o marido a fazê-lo. No entanto, acabou por ser ela própria a decidir a data e a hora, o que foi revelador de que seria habitualmente ela quem tomava as decisões em relação a ambos.

É de salientar também as constantes referências à sua mãe, num discurso ambivalente, e a quase total ausência de referência ao seu pai. Após a entrevista, e já estando o gravador desligado, Manuela sentiu necessidade de me explicar o porquê desta ausência, dizendo-me que o pai era alcoólico, que neste momento já tinha outra mulher e que o contacto com ele era cada vez mais esporádico por vontade de ambos e, sobretudo, por sentir que não seria “justo” para a sua mãe manter este contacto.

5-H

A entrevista realizou-se em casa do próprio, três dias após a entrevista da sua mulher.

Assim que me recebeu em sua casa, José avisou-me logo que o seu tempo estava limitado pois queria assistir a um jogo de futebol. Sugeri que nos encontrássemos noutro dia em que tivesse mais disponibilidade. No entanto, José insistiu que a entrevista se realizasse nesse momento, visto que brevemente não teria outro dia livre e que ainda faltava algum tempo para o jogo começar.

Assim que lhe expliquei como se iria processar a entrevista, José criticou o seu formato, dizendo que esperava um questionário, o que foi revelador de que não teria falado com a sua mulher acerca do que se iria passar. Mas senti esta crítica como uma recusa,

pensando se José teria realmente vontade de participar ou se o faria apenas para agradar à sua mulher.

Durante a entrevista, José mostrou-se sempre impaciente, tanto pelo sua postura corporal (esteve sempre a bater com a mão na mesa ou com o pé no chão), como pelas suas respostas curtas e vagas, tanto no plano factual, como no emocional. Nas suas respostas, pareceu-me que José manteve em grande distanciamento entre os dois planos, chegando, nas últimas respostas, a colocar com sujeito as relações em geral e não a sua em particular.

De um modo geral, José manteve uma atitude de humor, que eu senti como sedutora mas, simultaneamente, com alguma hostilidade perante a situação de estar a ser entrevistado.

Casal 6

6-M

A entrevista realizou-se em casa da própria, antes da do marido.

De uma forma geral, durante a entrevista, Maria do Carmo manteve-se descontraída e bem disposta, respondendo às questões com algum humor. No entanto, é de salientar o tom superficial da maioria das respostas, mantendo-se num registo mais factual perante o casamento e a relação.

Em relação a sentimentos e a acontecimentos importantes na vida do casal, Maria do Carmo limitou-se a dar algumas pistas sobre estes, não sendo muito clara. Fiquei com a impressão que havia muita resistência por parte de Maria do Carmo em falar sobre assuntos que dissessem respeito às áreas mais íntimas do casal, sentindo-me talvez como uma intrusa que não deveria ter acesso a essas informações. Senti mesmo algumas das respostas que me deu como recusas às próprias questões.

Deste modo, considero que, nesta entrevista, podem ter ficado por esclarecer algumas áreas que seriam importantes para perceber o modo como Maria do Carmo sente e vivencia o seu casamento.

No final da entrevista, Maria do Carmo fez questão em mostrar-me algumas fotografias da sua família, nomeadamente das suas filhas e dos seus netos, como se me quisesse mostrar que, apesar de ter referido alguns aspectos negativos do seu casamento e da sua vida, também havia aspectos positivos, numa atitude que senti como reparadora e indicadora de alguma culpabilidade.

6-H

Esta entrevista realizou-se na casa do próprio, após a entrevista com a sua mulher.

Num primeiro contacto, Fernando demonstrou ser bastante afável e caloroso no modo como me recebeu. Durante toda a entrevista, Fernando esteve descontraído, apesar de ter demonstrado alguma impaciência visto que, várias vezes, no final de uma resposta, perguntava-me “E mais?”, tomando para si o controlo do ritmo de toda a entrevista.

No decorrer desta entrevista, deparei-me com várias dificuldades. A primeira diz respeito ao próprio sotaque de Fernando que, por vezes, dificultava o entendimento pleno da sua resposta, só sendo possível percebê-la aquando da sua transcrição. Outra dificuldade com que me deparei foi o facto de Fernando não parecer disponível, nas suas respostas, para falar acerca do seu casamento e da sua relação com a sua mulher. Especialmente nas primeiras respostas, perante um pergunta feita sobre “eles”, Fernando respondia-me com um “Eu”, o que, inicialmente me fez questionar acerca da inteligibilidade das minhas perguntas e, mais tarde, me fez pôr a hipótese de que Fernando não seria capaz de se considerar como parte de um casal e de incluir a sua mulher na sua história de vida. Perante esta dificuldade, senti necessidade de experimentar várias estratégias de perguntas, para tentar perceber onde é que localizava o seu casamento e a sua mulher. Houve, no entanto, uma mudança quando lhe coloquei a questão directa de “E quais são as características da sua mulher que aprecia mais?”

visto que, a partir desta pergunta, Fernando deixou de falar em “eu” e passou a falar em “nós”.

De um modo geral, esta entrevista realizou-se no registo do factual perante o casamento e a relação, tornando-se apenas mais emotivo quando o assunto incluía as filhas ou os netos.

Finalmente, saliento ainda o tom provocatório que senti nalgumas respostas, nomeadamente na final quando me diz, a rir “namoradas tive algumas”, em que não senti abertura da sua parte para clarificar esta afirmação, ou nas constantes comparações com as gerações mais novas, na qual me incluía.

Casal 7

7-M

Isabel recebeu-me em sua casa, antes da entrevista com o seu marido.

Durante a entrevista, Isabel manteve um tom bastante emotivo, sendo bastante expressiva, por vezes até um pouco teatral. No entanto, é de salientar a constante oscilação entre um tom animado e de divertimento e um tom mais depressivo e com algum choro.

Isabel mostrou-se bastante participativa e à vontade com a situação, o que poderá estar relacionado com o facto de ter estado em psicoterapia e desta ter sido uma experiência que considera positiva.

No entanto, por vezes, o seu discurso tornava-se confuso e repetitivo, o que tornou esta entrevista bastante longa.

7-H

A entrevista com o Rodrigo ocorreu em casa deste, logo após a entrevista com a sua mulher.

Rodrigo apresentou-se desde logo como reservado e estando pouco à vontade com a situação de ser entrevistado. Assim que liguei o microfone, notei algum nervosismo da sua parte devido à sua agitação motora e ao facto de não parar de olhar para o microfone.

A entrevista centrou-se muito nos aspectos factuais da relação e foi pobre em termos afectivos. Rodrigo mostrou-se ainda pouco à vontade em falar de aspectos mais íntimos do casal, referindo de forma explícita esta dificuldade em relação aos amigos e familiares, que eu senti como sendo uma forma de me impor limites.

Ao longo de toda a entrevista, Rodrigo manteve um tom pausado e sem oscilações emotivas.

Quando desliguei o microfone, o seu tom tornou-se mais animado e afável, o que confirma a ideia da falta de à vontade que estava a sentir durante a situação de entrevista.

ANEXO E

Descrição Categorias

Caracterização da Relação: Passado (CRP)

Refere-se descrição da relação que é feita pelos membros do casal numa fase considerada inicial pelos mesmos. Inclui o início da relação, a época anterior ao início da relação, a época do namoro ou qualquer outro momento assim considerado.

Divide-se em subcategorias que indicam:

- **Aproximação** dos membros do casal, assim considerada pelos mesmos
 - Subcategorias que indicam aproximação por motivos **impulsivos**;
 - Subcategorias que indicam aproximação por motivos **construídos** ou pensados;
 - Subcategorias que indicam aproximação por motivos **exteriores** ao casal;
- **Afastamento** dos membros do casal, assim considerado pelos mesmos
 - Subcategorias que indicam afastamento por motivos **internos** do casal;
 - Subcategorias que indicam afastamento por motivos **exteriores** ao casal;

Subcategorias:

- **Ambivalência (CRPAB)** – Refere-se aos sentimentos de precipitação, dúvida ou rejeição dos membros do casal num momento anterior ou inicial da relação. (ex.: "*se calhar não era aquilo que eu queria*" - 7M)
- **Amizade (CRPAM)** – Refere-se ao sentimento ou à relação de amizade estabelecida entre os membros do casal num momento anterior ou inicial da relação. (ex.: "*era uma amizade*" – 3H)
- **Aprovação Exterior (CRPAE)** – Inclui qualquer referência que indique aceitação ou consentimento por parte dos pais ou sogros da sua relação com o outro membro do casal. (ex.: "*Fui muito bem recebido pelos meus sogros*" – 6H)
- **Assimetria (CRPA)** – Inclui qualquer referência que indique a constatação da existência de assimetria entre os dois membros do casal, em diversos domínios, num momento anterior ou inicial da relação. (ex.: "*ele sabia muito mais que eu*" – 5M)
- **Atracção Física (CRPAF)** – Inclui qualquer referência positiva ao aspecto físico do outro ou ao sentimento de atracção/química entre os membros do casal no início da relação. ("*houve logo uma química especial*" – 4H)
- **Banalização (CRPB)** – Inclui qualquer referência feita pelos membros do casal à normalidade do início da sua relação. (ex.: "*deve ser assim que acontece à maior parte dos namoros*" – 4H)
- **Centralização Filhos (CRPCF)** – Diz respeito ao facto do casal se centralizar nos filhos numa fase inicial do casamento. (ex.: "*no início, nós vivíamos mais para os filhos*" – 1H)

- **Compromisso (CRPC)** – Refere-se ao sentimento de compromisso sentido por um membro do casal em relação ao outro, no início da relação. (ex.: *"ele está fora e não me passa pela cabeça deixar uma pessoa em tempos de guerra"* – 7M)
- **Dificuldades Financeiras (CRPDF)** – Diz respeito à dificuldades financeiras sentidas pelo casal numa fase inicial da sua vida em conjunto. (ex.: *"o meu marido (...) ganhava pouco"* – 1M)
- **Empatia (CRPEM)** – Refere-se ao sentimento de empatia entre os membros do casal quando se conheceram ou iniciaram a relação. (ex.: *"já havia uma empatia forte entre nós"* – 3H)
- **Encantamento (CRPE)** – Inclui qualquer referência a um estado de encantamento ou idealização dos membros do casal, incluindo sentimentos como o amor e a paixão, no momento em que se conheceram ou num momento inicial da relação. (ex.: *"uma faísca, um amor quase à primeira vista"* – 1M)
- **Entendimento (CRPEN)** – Inclui qualquer referência ao bom entendimento existente entre os membros do casal no início da relação ou numa fase inicial da vida em conjunto (ex.: *"dávamo-nos bem "* – 5M)
- **Fortalecimento com a Presença (CRPFP)** – Refere-se ao fortalecimento dos sentimentos pelo outro ou da relação que ocorrem na sua presença, sentido no início da relação. (ex.: *"a coisa fortalecia-se nesse aspecto"* – 7H)
- **Fortalecimento com a Separação (CRPFS)** – Refere-se ao fortalecimento dos sentimentos pelo outro ou da relação que ocorrem na sua ausência, sentido no início da relação (*"por cartas funcionava, mas quando chegava cá a coisa já não funcionava"* – 7M)
- **Iniciativa (CRPI)** – Refere-se à sua própria iniciativa para travar conhecimento ou iniciar a relação com o outro membro do casal. (ex.: *"pedi-lhe em namoro"* – 6H)
- **Iniciativa do Outro (CRPIO)** – Refere-se à iniciativa do outro membro do casal para travar conhecimento ou iniciar a relação. (ex.: *"ele aproveitou logo a deixa e convidou-me para ir tomar chá"* – 1M)
- **Interesses Comuns (CRPIC)** – Refere-se à constatação da existência de interesses comuns entre os membros do casal na época em que se conheceram ou que iniciaram a relação. (ex.: *"tínhamos alguns interesses políticos similares"* – 2H)
- **Maturidade (CRPM)** – Diz respeito à constatação dos membros do casal serem maduros no início da relação. (ex.: *"Éramos muito maduros"* – 4M)
- **Necessidade de Contenção (CRPNC)** – Inclui referências à necessidade de um dos membros do casal de levar uma vida mais calma como motivo para iniciar a relação com o outro. (ex.: *"deixa-me cá acalmar um bocadinho"* – 5H)
- **Objectivos (CRPOB)** – Refere-se à concordância de objectivos dos membros do casal no início da relação. (ex.: *"já havia ali um objectivo"* – 3H)

- **Oportunidades (CRPO)** – Relaciona-se com o facto de um dos membros do casal sentir que o início relação lhe permitiu ter novas experiências, sentidas como enriquecedoras. (ex.: "*a minha descoberta (...) da noite, das discotecas*" – 5M)

- **Reprovação Exterior (CRPRE)** - Inclui qualquer referência que indique a não aceitação por parte dos pais ou sogros da sua relação com o outro membro do casal ou a necessidade de estar com o outro sem o conhecimento dos pais ou sogros. (ex.: "*Houve uma reacção negativa da parte da minha mãe*" – 5M)

- **Respeito (CRPRS)** – Refere-se ao sentimento de respeito entre os membros do casal num momento anterior ou inicial da relação. (ex.: "*um respeito mútuo*" – 3H)

- **Sem intimidade (CRPSI)** – Inclui qualquer referência à falta de conhecimento do outro ou à falta de intimidade física entre os membros do casal durante a fase do namoro ou na fase inicial da vida em conjunto. (ex.: "*os namorados não tinham dormido os dois*" – 1M)

- **Separação (CRPSE)** – Inclui qualquer referência feita aos momentos de separação dos membros do casal ou da manutenção da relação à distância, logo após se terem conhecido ou numa fase inicial da relação. (ex.: "*namorávamos por cartas*" – 7M)

- **Simpatia (CRPS)** – Refere-se ao sentimento de simpatia entre os membros do casal quando se conheceram ou iniciaram a relação. (ex.: "*simpatizar um com o outro*" – 7H)

- **Vontade Mútua (CRPV)** – Inclui qualquer referência que seja indicadora de que havia vontade de ambos os membros do casal em iniciar a relação. (ex.: "*é isto que queremos*" – 3H)

Caracterização da Relação: Presente (CR)

Refere-se à forma como a relação actual é descrita pelos membros do casal.

Divide-se em subcategorias que indicam aspectos:

- **Positivos** da relação, assim considerados pelos membros do casal
 - Subcategorias que indicam **indiferenciação** entre os dois membros do casal;
 - Subcategorias que indicam a **diferenciação** entre os dois membros do casal;
- **Negativos** da relação, assim considerados pelos membros do casal
 - Subcategorias motivadas por características da **relação**;
 - Subcategorias motivadas pela existência de **diferenças individuais** entre os membros do casal.

Subcategorias:

- **Automatismo (CRAU)** – Refere-se à existência actual de dinâmicas do casal automáticas. (ex.: "*as coisas já estão automatizadas*" – 7H)
- **Auto-Suficientes (CRAS)** – Inclui qualquer referência ao facto de serem suficientes um para o outro ou ao isolamento voluntário do casal devido à valorização dos momentos que estão a sós. (ex.: "*podemos estar perfeitamente os dois sozinhos (...) não nos aborrecemos*" – 2M)
- **Banalização (CRB)** – Inclui qualquer referência à normalidade da relação. (ex.: "*acho que tem corrido (...) tudo normal*" – 4H)
- **Confusão de identidade (CRCI)** – Ocorre quando um dos membros do casal se confunde com o outro, como se fossem a mesma pessoa. (ex.: "*mas a minha mulher lê por mim*" – 6H)
- **Dependência Eu-»Outro (CRDEO)** – Refere-se ao sentimento de dependência que um dos membros do casal afirma ter em relação ao outro, não sendo considerado como ponto de divergência entre os dois. (ex.: "*isso criou alguma dependência que eu sinto que tenho em relação a ele*" – 5M)
- **Desidealização (CRD)** – Inclui qualquer referência ao facto da sua relação não corresponder ao seu ideal de relação. (ex.: "*não era assim aquele amor como eu via (...) eram capazes de se deixar matar*" – 7M)
- **Destino (CRDE)** – Refere-se à crença de que a relação já estava destinada a acontecer ou de que os membros do casal estavam destinados a ficar juntos. (ex.: "*Mas estava escrito que era assim*" – 3H)
- **Divisão de Tarefas (CRDT)** – Diz respeito à uma dinâmica do casal que inclui a divisão clara de tarefas ou de papéis. (ex.: "*o pai era muito mais a parte lúdica e eu era mais a parte da exigência*" – 3M)

- **Exemplar (CRE)** – Crença dos membros do casal de que a sua relação serve ou poderá servir como modelo para os outros. (ex.: "*se os outros fossem assim, era uma maravilha*" – 6H)
- **Insuficiente (CRIN)** – Crença dos membros do casal de que a relação estabelecida com o outro é insatisfatória ou de que o outro não o completa. (ex.: "*Ele não me completou*" – 7M)
- **Interdependência (CRI)** – Necessidade de ambos os membros do casal de apoio do outro. (ex.: "*Tu precisas de mim, eu preciso de ti*" – 6M)
- **Maternalização (CRM)** – Inclui qualquer referência que indique que a relação estabelecida entre os membros do casal se assemelha à relação mãe-filho, referida por quem maternaliza e por quem é maternalizado. (ex.: "*ter alguém que vá continuar a tomar conta de nós*" – 4H)
- **Necessidade Cedências (CRNC)** – Inclui referências à necessidade dos membros do casal de ceder e de negociar, como forma de manter a relação. (ex.: "*há algumas cedências que se têm de fazer*" – 2H)
- **Preservação Imagem (CRPI)** – Necessidade dos membros do casal em manter uma boa imagem sua perante os outros ou de esconder as suas divergências e conflitos dos outros. (ex.: "*a gente nem nunca discutiu à frente dos filhos*" – 7M)
- **Preservação Individualidade (CRPIN)** – Necessidade dos membros do casal em manter a sua independência do outro ou a sua individualidade na relação. (ex.: "*não perdendo a minha individualidade*" – 2H)
- **Prestação de Cuidados (CRPC)** – Inclui as referências à prestação de cuidados de um dos membros do casal ao outro, como parte integrante da relação. (ex.: "*Fazer o comer, a roupinha tudo sempre em condições e isso é importante num casal*" – 6H)
- **Relação Anaclítica (CRRRA)** Relação entre os membros do casal, que pode incluir ou não os filhos, baseada na necessidade do outro como determinante do seu bem estar e da sua sobrevivência. (ex.: "*se um cair, vamos todos*" – 4H)
- **Relação em Espelho (CRRE)** – Refere-se à semelhança entre os membros do casal percebidas por estes. (ex.: "*É um sóia do sexo oposto*" – 3H)
- **Relação Especial (CRRES)** – Inclui qualquer referência que indique idealização da relação pelos membros do casal e a sua percepção desta como sendo única. (ex.: "*nós somos mesmo um casal muito à parte*" – 4M)
- **Resistentes (CRR)** – Caracterização da relação pelos membros do casal como sendo resistente ou sobrevivente perante as dificuldades a que foi sujeita. (ex.: "*temos aguentado muita coisa*" – 1H)
- **Simetria (CRS)** – Referência à equivalência percebida entre os dois membros do casal. (ex.: "*Eu também estava ao mesmo nível dela*" – 1H)

Caracterização da Relação: Futuro(CRF)

Refere-se à forma como os membros do casal projectam a sua relação no futuro.

Divide-se em subcategorias que indicam:

- **Afastamento** dos membros do casal;
- **Aproximação** dos membros do casal.

Subcategorias:

- **Continuidade (CRFC)** – Projecção da existência da relação no futuro pelos membros do casal. (ex.: "*temos mesmo a certeza de que vamos ficar juntos até ao fim*" – 5M)
- **Incerteza (CRFI)** – Receio dos membros do casal de que a relação possa não continuar a existir no futuro ou incerteza de como é que esta será no futuro. (ex.: "*Para o futuro a gente não sabe*" – 3M)

O Casamento (C)

Inclui todas as referências feitas pelos membros do casal ao momento em deram início a uma vivência em conjunto, que pode ou não incluir a cerimónia do casamento.

Divide-se em subcategorias que dizem respeito a:

- **Motivos** que levaram a decisão de viver juntos, casar ou realizar a cerimónia do casamento:
 - Motivos **racionais**;
 - Motivos **afectivos**;
 - Motivos **impostos** pelo outro ou por terceiros;
- **Condições** em que a decisão de viver juntos ou de casar foi tomada ou posta em prática:
 - Condições **facilitadoras** da união;
 - Condições **dificultadoras** da união;
- **Avaliação** feita pelos membros do casal do facto de se ter casado ou junto:
 - Avaliação **positiva** da união;
 - Avaliação **negativa** da união.

Subcategorias:

- **Ambivalência (CAM)** – Referência dos membros do casal a sentimentos de dúvida, arrependimento ou de precipitação da decisão de casar ou viver juntos. (ex.: *“Se calhar foi precipitado...”* – 5M)
- **Amor (CA)** – Inclui todas as referências que indicam que o amor, a paixão ou o gostar motivaram a decisão de casar ou viver juntos. (ex.: *“eu estava muito apaixonada e sei que ele também”* – 1M)
- **Aprovação Exterior (CAE)** – Referências que indicam a aceitação da decisão de casar ou viver juntos dos pais ou dos sogros e o apoio destes como condição facilitadora da união. (ex.: *“tivemos a ajuda dos pais e casamos”* – 1H)
- **Condições Financeiras (CCF)** – Diz respeito às condições financeiras do casal que possibilitaram a tomada de decisão de casar ou viver juntos. (ex.: *“havia possibilidades económicas na altura”* – 4H)
- **Conhecimento Mútuo (CCM)** – Referência ao facto de os membros do casal já se conhecerem como factor que possibilitou a tomada de decisão de casar ou viver juntos (ex.: *“já nos conhecíamos suficientemente bem”* – 3H)
- **Consolidação (CCO)** – Referência à solidez da relação, considerada pelos membros do casal, como factor que possibilitou a tomada de decisão de casar ou viver junto. (ex.: *“a relação estava mais do que consolidada”* – 4H)
- **Costume (CC)** – Inclui todas as referências que indicam que o facto de se casarem ou de terem optado por uma cerimónia foi motivado pela existência desse costume nas suas famílias ou na sociedade da época. (ex.: *“era um uso que estava na família”* – 3M)
- **Decisão Conjunta (CDC)** – Inclui todas as referências que indicam que a decisão de casar ou viver juntos foi tomada por ambos os membros do casal. (ex.: *“foi uma parceria”* – 3H)
- **Finalidade (CF)** – Refere-se ao facto do casamento ser considerado pelos membros do casal ou pelos outros como um objectivo da relação. (ex.: *“naquela altura, namorávamos, era para casar”* – 3M)
- **Imperioso (CI)** – Diz respeito ao sentimento de urgência em casar ou viver juntos sentido ou percebido pelos membros do casal. (ex.: *“o meu marido não tinha paciência para namorar muito tempo”* – 4M)
- **Libertação (CL)** – Inclui todas as referências que indicam que o facto de se casarem ou irem viver juntos foi motivado pela necessidade de autonomia dos pais. (ex.: *“queria ter a minha independência (...) sem os pais”* – 4H)
- **Maturidade (CM)** – Refere-se ao factos dos membros do casal se considerarem maduros como factor que possibilitou a tomada de decisão de casar ou viver juntos. (ex.: *“éramos suficientemente maduros”* – 2H)

- **Necessidade de Contenção (CNC)** - Inclui referências à necessidade de um dos membros do casal de levar uma vida mais calma, organizada ou estável como determinante para a tomada de decisão de casar ou viver juntos. (ex.: *"já estava cansado daquela vida (...) está na altura de assentar arraiais"* – 6H)

- **Necessidade do Outro (CNO)** – Referência ao facto da vontade ou das necessidades do outro terem sido determinantes para a tomada de decisão de casar ou viver juntos. (ex.: *"Ele encontrou na nossa casa uma família normal, pai, mãe"* – 7M)

- **Necessidades Afectivas (CNA)** – Referência às suas necessidades de afectos ou ao facto de se sentir só como motivo para a tomada de decisão de casar ou viver junto. (ex.: *"estava praticamente sozinho"* – 7H)

- **Oportunidades (CO)** – Referência ao facto do casamento ou a saída de casa dos pais ter possibilitado a um membro novas experiências, sentidas como enriquecedoras. (ex.: *"melhorei até no aspecto de com os meus pais eu estava muito mais limitada"* – 3M)

- **Pontos Comuns (CPC)** – Inclui todas as referências a pontos de contacto entre os membros do casal que possibilitaram a tomada de decisão de casar ou viver juntos. (ex.: *"já tínhamos gostos comuns, objectivos comuns"* – 3H)

- **Reprovação Exterior (CREX)** - Referências que indicam a não aceitação da decisão de casar ou viver juntos dos pais ou dos sogros e a falta de apoio destes como condição dificultadora da união. (ex.: *"foi assim um casamento triste para eles"* – 5M)

- **Tarefas domésticas (CTD)** – Referência à necessidade de um dos membros do casal de ter alguém para executar as tarefas domésticas como motivo da tomada de decisão de casar ou viver junto. (ex.: *"Lavagem de roupa, as mulheres têm outro cuidado"* – 6H)

- **Vontade Outros (CVO)** – Inclui todas as referências à satisfação da vontade dos pais ou dos sogros como determinante na tomada de decisão de realizar a cerimónia do casamento. (ex.: *"resolvemos casar por causa do conservadorismo (...) dos pais dela"* – 2H)

Pontos de Contacto (PC)

Refere-se à identificação feita pelos membros do casal dos aspectos comuns e/ou considerados por estes como responsáveis pela manutenção da relação.

Divide-se em subcategorias que dizem respeito a:

- **Aspectos afectivos** que promovem a união do casal;
- **Características pessoais** partilhadas pelos membros do casal ou que promovem a sua união;
- Aspectos que promovem a união do casal relacionados com a **vivência**:
 - **Interna** do casal
 - **Externa** ao casal

Subcategorias:

- **Amizade (PCAM)** – Refere-se ao sentimento ou à relação de amizade estabelecida entre os membros do casal, responsável pela manutenção da relação. (ex.: "*Somos amigos um do outro*" – 6H)
- **Amor (PCA)** – Inclui que referência que indique sentimentos como o amor, a paixão ou o gostar como responsáveis pela manutenção da relação. (ex.: "*Une-nos o amor*" – 1H)
- **Apoio (PCAP)** – Inclui qualquer referência ao apoio afectivo, à ajuda ou interajuda que ocorre entre os membros do casal. (ex.: "*temo-nos apoiado muito*" – 2M)
- **Apoio Eu-»Outro (PCAEO)** – Refere-se ao apoio afectivo ou à ajuda referido como exclusiva de si ao outro membro do casal. (ex.: "*eu ajudo-a muito*" – 1H)
- **Atração Física (PCAF)** – Refere-se à atracção física ou ao desejo sexual sentido pelos membros do casal como responsável pela manutenção da relação. (ex.: "*sentimos desejo ainda um pelo outro*" – 5M)
- **Complementares (PCC)** – Refere-se às características pessoais diferentes dos membros do casal que são consideradas por estes como complementares entre ambos. (ex.: "*maneiras de ser um bocadinho diferentes mas que se encaixam uma na outra*" – 2H)
- **Compromisso (PCCP)** – Refere-se ao compromisso actual que está estabelecido entre os membros do casal e que é considerado como factor de união entre ambos. (ex.: "*então vou atraí-lo-á-lo?!*" – 4M)
- **Comunicação (PCCO)** – Refere-se ao diálogo entre os membros do casal como responsável pela manutenção da relação. (ex.: "*comunicamos muito um com o outro*" – 4M)

- **Confiança (PCCF)** – Diz respeito ao sentimento de confiança na fidelidade do outro membro do casal ou ausência de ciúme no casal. (ex.: *"nós nunca fomos um casal ciumentos um do outro"* – 7M)
- **Cumplicidade (PCCU)** – Diz respeito à identificação dos membros do casal da existência de cumplicidade entre ambos. (ex.: *"há aqui uma cumplicidade muito grande sempre"* – 4H)
- **Decisões Conjuntas (PCDC)** – Diz respeito à participação conjunta dos membros do casal no processo de tomada de decisão. (ex.: *"não há nenhum que tome a iniciativa sem ligar à opinião do outro"* – 4H)
- **Demonstrações Afectividade (PCDA)** – Refere-se às atitudes reveladores de afectos, sentidas pelos membros do casal como responsáveis pela manutenção da relação. (ex.: *"as demonstrações de carinho e de afectividade"* – 1M)
- **Educação Filhos (PCEF)** – Inclui qualquer referência que indique concordância entre os membros do casal nas questões relacionadas com a educação dos filhos comuns. (ex.: *"falamos a mesma linguagem, em termos da educação que damos aos filhos"* – 5M)
- **Entendimento (PCE)** – Refere-se ao bom entendimento existente entre os membros do casal, incluindo entendimento na vivência em conjunto, adaptação fácil a situações de mudança, vida sexual satisfatória ou compreensão mútua. (ex.: *"funcionarmos muito bem a todos os níveis"* – 2H)
- **Fidelidade (PCF)** – Refere-se ao reconhecimento de que os membros do casal são fieis entre si. (ex.: *"Acho que ele nunca me foi infiel, eu também não"* – 7M)
- **Forma de Estar (PCFE)** – Diz respeito à semelhança na forma de ver ou de estar na vida percebida pelos membros do casal. (ex.: *"nós temos exactamente a mesma forma de estar"* – 5M)
- **Gostos (PCG)** – Diz respeito à semelhança de gostos e interesses percebida pelos membros do casal. (ex.: *"os gostos são os mesmos"* – 3M)
- **História (PCH)** – Refere-se aos momentos da história do casal que são considerados por estes como responsáveis pela manutenção e união do casal. (ex.: *"tivemos a Carla...agora o neto e são coisas que nos unem"* – 3H)
- **Honestidade (PCHO)** – Inclui qualquer referência que indique honestidade ou franqueza entre os membros do casal. (ex.: *"por muita honestidade"* – 1M)
- **Ideais (PCI)** – Diz respeito à concordância entre as características de um membro do casal e as características do homem/mulher idealizados pelo outro. (ex.: *"Para mim é a mulher perfeita"* – 4H)
- **Investimento (PCIN)** – Refere-se às atitudes dos membros do casal que visam promover a melhoria ou a manutenção da relação. (ex.: *"investir (...) tanto em mim como (...) nos aspectos da sedução, da criatividade"* – 2M)

- **Partilha (PCP)** – Inclui qualquer referência à partilha de experiências ou de bens entre os membros do casal, considerada como factor de união do mesmo. (ex.: "*o Rui foi uma pessoa que engravidou comigo e isso foi muito bom*" – 2M)
- **Planeamento Familiar (PCPF)** – Diz respeito à concordância entre os membros do casal em questões de planeamento familiar como o número de filhos ou a altura ideal para tê-los. (ex.: "*nós queríamos ter outro filho*" – 6M)
- **Preservação Casal (PCPC)** – Diz respeito às atitudes dos membros do casal que visam preservar a intimidade e privacidade do casal ou promover os momentos vividos a dois. (ex.: "*ambiciona estar com a mulher a sós*" – 3H)
- **Projectos (PCPR)** – Refere-se à concordância entre os membros do casal em relação à elaboração de projectos passados, presentes ou futuros. (ex.: "*os projectos têm sido comuns*" – 3M)
- **Respeito (PCR)** – Refere-se ao respeito existente entre os membros do casal, considerado por estes como factor de união entre si. (ex.: "*o que nos une é também o respeito*" – 7H)
- **Ser Amado (PCSA)** – Refere-se ao sentimento de ser amado pelo outro membro do casal como sendo factor responsável pela manutenção da relação. (ex.: "*fui o amor da vida do meu marido*" – 7M)
- **Tolerância (PCT)** – Refere-se à tolerância ou à aceitação das diferenças existentes entre os membros do casal, considerada por estes como responsável pela manutenção da relação. (ex.: "*muita tolerância*" – 1M)
- **Transparência (PCTR)** – Diz respeito ao reconhecimento da ausência de segredos entre os membros do casal, considerada como factor de união. (ex.: "*é tudo limpinho e transparente entre nós*" – 3H)
- **Valores (PCV)** – Refere-se à concordância entre os membros do casal de valores e prioridades. (ex.: "*damos quase valor às mesmas coisas*" – 3M)

Pontos de Divergência (PD)

Refere-se à identificação feita pelos membros do casal dos aspectos não comuns e considerados por estes como motivadores de conflitos e/ou afastamento entre o casal.

Divide-se em subcategorias que dizem respeito a:

- **Aspectos afectivos** que provocam o afastamento e/ou conflitos no casal;
- **Características pessoais** não partilhadas pelos membros do casal que provocam o seu afastamento e/ou conflitos entre si;
- Aspectos que provocam afastamento e/ou conflitos no do casal relacionados com a **vivência**:
 - **Interna** do casal
 - **Externa** ao casal

Subcategorias:

- **Assimetria (PDAS)** – Inclui qualquer referência que indique o reconhecimento de diferenças actuais entre os membros do casal em termos de papéis na relação ou no processo de tomada de decisões. (ex.: *"tomei sempre a iniciativa (choro) porque ele é deixa correr, faz tu"* – 7M)
- **Ciúmes Eu-»Outro (PDCEO)** – Refere-se ao sentimento de ciúme ou insegurança em relação ao outro membro do casal. (ex.: *"ele sempre foi um homem muito requisitado (...)encontraria outras namoradas"* – 5M)
- **Ciúmes Outro-»Eu (PDCOE)** – Refere-se ao reconhecimento de sentimentos de ciúme, insegurança ou desconfiança de si por parte do outro membro do casal. (ex.: *"desconfiava que eu tinha assim alguém ou outra mulher"* – 7H)
- **Dependência Outro-»Eu (PDDOE)** – Refere-se ao reconhecimento da dependência que o outro membro do casal tem em relação a si e que é considerada como prejudicial à relação. (ex.: *"eu acho que ele é muito agarrado a mim"* – 3M)
- **Desvalorização Relação (PDDR)** – Inclui qualquer referência indicadora da pouca importância que a relação tem para um dos membros do casal. (ex.: *"mulheres há muitas, vai-te é divertir com os amigos"* – 1H)
- **Educação Filhos (PDEF)** – Refere-se à discordância entre os membros do casal em relação às questões que dizem respeito à educação dos filhos comuns ou não comuns do casal e à existência de conflitos devido a essa discordância. (ex.: *"nós entrávamos muito em divergência"* – 1M)
- **Falha de Comunicação (PDFC)** – Inclui qualquer referência indicadoras de falta de diálogo ou problemas de comunicação entre os membros do casal. (ex.: *"a grande coisa que nos falta é diálogo"* – 1M)

- **Falta de Apoio (PDFA)** – Refere-se ao reconhecimento de falta de ajuda ou de apoio afectivo por parte do outro membro do casal. (ex.: *"e eu vou-me encostar onde?"* – 4M)
- **Falta de Apoio ao Outro (PDFAO)** – Refere-se ao reconhecimento de falta de ajuda ou de apoio afectivo de si ao outro membro do casal. (ex.: *"até me esqueci que ele poderia estar a sentir-se minimizado como homem"* – 7M)
- **Falta de Reconhecimento (PDFR)** – Refere-se ao sentimento de desvalorização de si ou de falta de reconhecimento das suas qualidades por parte do outro membro do casal. (ex.: *"Mas custa porque não vê retribuição"* – 1M)
- **Falta Momentos Casal (PDFM)** – Diz respeito à falta de momentos a dois e/ou de disponibilidade para estes momentos sentida por si ou pelo outro membro do casal. (ex.: *"não havia o tempo de que havia necessidade"* – 3H)
- **Gestão da Casa (PDGT)** – Inclui qualquer referência às questões relacionadas com a gestão da casa, incluindo a gestão do dinheiro e a execução ou divisão das tarefas domésticas, consideradas pelos membros do casal como discordantes e/ou motivadoras de conflitos entre si. (ex.: *"os nossos problemas são os problemas da casa"* – 3H)
- **Ignorada pelo Outro (PDIO)** – Inclui qualquer referência que indique a falta de interesse do outro membro do casal em relação a si e às suas questões. (ex.: *"eu sentia que estava um bocado ali a falar sozinha"* – 2M)
- **Individualismo (PDI)** – Refere-se a valorização dos aspectos individuais de um dos membros do casal, em detrimento da relação ou do outro, e que é considerada como motivadora de conflitos ou de afastamento entre si. (ex.: *"ele iria puxar sempre para ele e não tanto para mim"* – 1M)
- **Monotonia (PDM)** – Diz respeito ao reconhecimento dos membros do casal da existência de rotinas ou monotonia na relação, considerada como prejudicial à mesma. (ex.: *"há uma rotina que se cria"* – 3H)
- **Não Ideal do Outro (PDNIO)** – Reconhecimento da não correspondência entre as suas características individuais e as características do ideal de homem ou mulher do outro membro do casal. (ex.: *"eu reagir de uma forma e ela achar que eu devia ter reagido de outra"* – 2H)
- **Outro Não Ser Ideal (PDONI)** - Reconhecimento da não correspondência entre as características individuais do outro membro do casal e as características do seu ideal de homem ou mulher. (ex.: *"não foi aquele nosso ideal"* – 3M)
- **Personalidade (PDP)** – Refere-se ao reconhecimento das diferenças de características de personalidade dos membros do casal consideradas como motivadoras de conflitos ou de afastamento entre si. (ex.: *"tem a ver com as nossas personalidades diferentes"* – 2M)
- **Planeamento Familiar (PDPF)** - Diz respeito à discordância entre os membros do casal em questões de planeamento familiar como o número de filhos ou a altura ideal para tê-los. (ex.: *"eu gostava de ter mais filhos (...) A minha ,mulher é que não"* – 6H)

- **Prioridades (PDPR)** – Diz respeito ao estabelecimento de outras prioridades, por si ou pelo outro membro do casal, em detrimento da relação e sentido pelo casal como prejudicial a esta. (ex.: "*até traz os problemas cá para casa e até trabalho*" – 1H)

- **Projectos (PDPJ)** – Refere-se à discordância entre os membros do casal em relação à elaboração de projectos passados, presentes ou futuros. (ex.: "*Ele só queria vir, só queria vir, mas eu não queria*" – 6M)

- **Rejeição (PDRJ)** – Refere-se ao sentimento de ser rejeitada pelo outro membro do casal. (ex.: "*ia-lhe a dar o braço (...) e ele disse 'Tira a mão'*" – 7M)

- **Relação Outro e Pais (PDROP)** – Inclui qualquer referência às relações entre os seus pais e o outro membro do casal, sentidas como motivadoras de conflitos ou de afastamento entre si. (ex.: "*magoava também o facto de não haver grande ligação*" – 2M)

- **Relação Outro e Sogros (PDROS)** - Inclui qualquer referência às relações entre os seus sogros e o outro membro do casal, sentidas como motivadoras de conflitos ou de afastamento entre si. (ex.: "*foi por causa da mãe dele, que ele era muito pela mãe*" – 6M)

- **Ritmos Diferentes (PDRT)** – Reconhecimento da diferença de ritmo individual entre os membros do casal como motivadora de conflitos. (ex.: "*irritava-me um bocado porque eu já estava a ver (...) ele depois acaba por chegar lá*" – 2M)

- **Valores (PDV)** - Refere-se à discordância existente entre os membros do casal em relação a valores morais ou a ideologias, responsável por conflitos ou afastamento entre si. (ex.: "*Há coisas que nos separam, por exemplo, em relação às políticas*" – 2M)

- **Vida Sexual Insatisfatória (PDVS)** – Inclui qualquer referência que indique insatisfação de um dos membros do casal com a frequência ou intensidade da vida sexual comum. (ex.: "*se fosse uma vida sexual muito activa, eu sentiria falta, mas não senti falta*" – 7M)

Reacção ao Conflito (RC)

Refere-se à identificação dos mecanismos que são postos em prática pelos membros do casal numa situação de conflito entre ambos .

Divide-se em subcategorias que conduzem a:

- **Resolução do conflito** que ocorre entre o casal;
- **Não resolução** do conflito que ocorre entre o casal:
 - Mecanismos de **controlo** da situação ou do outro perante o conflito;
 - Mecanismos que denotam **impulsividade** perante o conflito;
 - Mecanismos que denotam **passividade** perante o conflito;
 - Mecanismos de **distorção** da realidade como forma de lidar com o conflito.

Subcategorias:

- **Amuo (RCA)** – Inclui todas as referências que indiquem redução ou eliminação de comunicação ou contacto entre os membros do casal, por vontade própria ou de ambos, despoletada por sentimentos de rancor perante o conflito. (ex.: "*amuamos*" – 4M)
- **Amuo Outro (RCAO)** - Inclui todas as referências que indiquem redução ou eliminação de comunicação ou contacto entre os membros do casal, por vontade outro, despoletada por sentimentos de rancor perante o conflito. (ex.: "*é capaz de estar umas horas ou um dia sem falar comigo*" – 2H)
- **Análise Conflito (RCAC)** – Inclui qualquer referência que indiquem ponderação, esclarecimento ou diálogo por parte de um ou de ambos os membros do casal e que tenha como objectivo a resolução do conflito. (ex.: "*tentar entender o porquê*" – 4M)
- **Banalização (RCB)** – Inclui qualquer referência feita pelos membros do casal à normalidade da situação de conflito, por comparação com os outros casais. (ex.: "*há crises, não há ninguém que não tenha*" – 3M)
- **Cedência (RCC)** – Inclui qualquer referência à cedência de um ou de ambos os membros do casal perante uma situação de divergência ou conflito e que tenha como objectivo a resolução do mesmo. (ex.: "*quer da minha parte, quer da parte da minha mulher, houve cedências*" – 2H)
- **Cedência do Outro (RCCO)** - Inclui qualquer referência à cedência do outro membro do casal perante uma situação de divergência ou conflito e que tenha como objectivo a resolução do mesmo. (ex.: "*normalmente é ela que cede*" – 3H)
- **Clivagem (RCCL)** – Refere-se à separação e isolamento, por parte de um dos membros do casal, do conjunto das características positivas e negativas do outro, como forma de lidar com o conflito entre ambos. (ex.: "*eu consigo fazer esta separação, o homem que eu amo(...)que não me agrada*" – 5M)

- **Competição (RCCP)** – Inclui qualquer referência que indique que a reacção do casal ao conflito é sentida como uma competição entre os seus membros. (ex.: *"se aquele lado se aguentar, então vai ganhar"* – 5H)
- **Comunicação Corporal (RCCC)** – Refere-se à utilização da linguagem corporal e ao contacto físico entre os membros do casal, como forma deste reagir a uma situação de conflito. (ex.: *"beijinho, um abraço"* – 4M)
- **Controlo (RCCT)** – Diz respeito ao controlo exercido por um dos membros do casal sobre o outro, por motivos de insegurança ou desconfiança. (ex.: *"eu quis sair e ele não gostou muito"* – 4M)
- **Culpabilização (RCCU)** – Inclui qualquer referência à culpabilização própria feita por um dos membros do casal perante uma situação de conflito entre ambos. (ex.: *"eu sentia que era eu a culpada"* – 4M)
- **Culpabilização do Outro (RCCUO)** – Inclui qualquer referência à culpabilização do outro, por parte de um dos membros do casal, perante uma situação de conflito entre ambos. (ex.: *"eu ia pela cabeça dela e depois arrepentia-me"* – 6H)
- **Depressão (RCD)** – Diz respeito à depressão de um dos membros do casal perante uma situação de conflito entre ambos. (ex.: *"a minha depressão também começou aí"* – 4M)
- **Desculpabilização do Outro (RCDO)** – Inclui qualquer referência feita por um dos membros do casal com o intuito de desculpabilizar o outro perante uma situação de conflito entre ambos. (ex.: *"não é para estar a acusar o meu marido porque quase todos são iguais"* – 1M)
- **Desculpabilização Própria (RCDP)** - Inclui qualquer referência feita por um dos membros do casal com o intuito de se desculpabilizar perante uma situação de conflito com o outro. (ex.: *"eu não tenho a culpa de ser assim"* – 7M)
- **Desvalorização (RCDE)** – Inclui qualquer referência que indique a pouca importância que o conflito tem para os membros do casal. (ex.: *"nunca foi nada de...Nem me lembro"* -5H)
- **Evitamento (RCEV)** – Inclui qualquer referência a atitudes dos membros do casal perante o conflito com o objectivo de evitar o confronto. (ex.: *"Evito diálogos mais ríspidos...não gosto de ter de estar aborrecido"* – 3H)
- **Exaltação (RCE)** – Inclui qualquer referência que indique reacções ao conflito exaltadas por parte dos membros do casal. (ex.: *"às vezes exalto-me um bocadinho"* – 3M)
- **Exclusão do Outro (RCEO)** – Refere-se à exclusão ou sentimento de exclusão de um dos membros do casal como reacção ao conflito, que inclui exclusão do processo de tomada de decisões ou de partilha de experiências. (ex.: *"acabo por tomar a decisão mas sem conhecimento"* – 1M)

- **Hipótese Ruptura (RCHR)** – Refere-se à ponderação da hipótese de separação ou divórcio por parte de um ou de ambos os membros do casal, como reacção ao conflito entre ambos. (ex.: "*Mas então e separar?*" – 4H)
- **Humilhação (RCH)** – Refere-se à necessidade sentida por um dos membros do casal de ser humilhado pelo outro como forma de lidar com o conflito. (ex.: "*as mulheres têm que se humilhar muitas vezes*" – 1M)
- **Imposição (RCIM)** – Refere-se à imposição da vontade de um dos membros do casal sobre o outro como forma de lidar com o conflito entre ambos. (ex.: "*cortei o mal pela raiz. 'Não, vamos embora agora'*" – 6H)
- **Iniciativa (RCI)** – Ocorre quando um dos membros do casal toma a iniciativa de resolução do conflito entre ambos. (ex.: "*Normalmente as iniciativas partem mais de mim*" – 7H)
- **Manipulação (RCM)** – Inclui qualquer referência às atitudes de um dos membros do casal que têm como objectivo a manipulação do outro de acordo com a sua vontade. (ex.: "*encaminhei-o para a Academia e, pronto, eu posso ir almoçar*" – 7M)
- **Orgulho (RCO)** – Refere-se às reacções ao conflito que são determinadas pelo orgulho de um ou de ambos os membros do casal. (ex.: "*é aquele orgulho que eu tenho e eu não consigo tomar a iniciativa*" – 4H)
- **Perdão (RCP)** – Ocorre quando a resolução do conflito implica a aceitação ou o perdão entre os membros do casal. (ex.: "*A gente vai-se desculpando um ao outro*" – 6H)
- **Persistência (RCPE)** – Refere-se à persistência na análise ou resolução do conflito, considerada exagerada pelos membros do casal. (ex.: "*fazia com que eu às vezes fosse muito melga*" – 2M)
- **Provocação (RCPR)** – Refere-se à atitude de provocação do outro membro do casal como reacção a situações de divergência, conflito ou insegurança perante o outro. (ex.: "*eu até que gostava de abanar*" – 4M)
- **Resolução Rápida (RCRR)** – Refere-se às reacções dos membros do casal ao conflito que procuram precipitar a resolução do mesmo ou a constatação de rapidez ou facilidade do casal em resolvê-lo. (ex.: "*Mas passa depressa*" – 5H)
- **Separação (RCSE)** – Diz respeito às reacções de separação ou afastamento entre os membros do casal perante o conflito. (ex.: "*cheguei a dormir meses e meses no sofá da sala*" – 7M)
- **Transformação no Oposto (RCTO)** – Refere-se à transformação de aspectos negativos em positivos, por parte dos membros do casal, numa situação de conflito ou divergência entre si. (ex.: "*isso são as pessoas que, por se gostarem tanto...*" – 3H)
- **Ultimato/Chantagem (RCU)** – Refere-se às ameaças de separação por parte de um dos membros do casal, com o objectivo de exercer a sua vontade sobre o outro numa

situação de conflito. (ex.: *“Ou me deixas de chatear com isso ou então, se calhar, temos de ir cada um para o seu lado”* – 5M)

- **Vingança (RCV)** – Refere-se a atitudes de vingança de um dos membros casal como consequência de conflitos ou divergências anteriores. (ex.: *"Agora? Agora não (...) Não me deixaste, não quiseste naquela altura"* – 4M)

Reacção à Separação (RS)

Refere-se à identificação dos mecanismos que são postos em prática pelos membros do casal numa situação de separação .

Divide-se em subcategorias que indicam o uso de :

- Mecanismos de natureza **racional** face à separação;
- Mecanismos de natureza **emotiva** face à separação;
- Mecanismos de **dependência** face à separação;
- Mecanismos de **distorção** da realidade face à separação.

Subcategorias:

- **Angústia de Separação (RSAS)** – Inclui qualquer referência que indique sentimentos de angústia ou ansiedade dos membros do casal face a situações de separação do outro. (ex.: *"estou ansiosa que ele me vá buscar porque quero estar com ele"* – 5M)

- **Cedências (RSCE)** – Refere-se à necessidade do casal de fazer cedências em relação à vontade do outro como forma de prevenir situações de separação. (ex.: *"fui a coisas que não me interessavam muito só para lhe fazer companhia"* – 1M)

- **Choro (RSC)** – Diz respeito à reacção de choro de um dos membros do casal perante situações de separação do outro ou de outros significativos para si. (ex.: *"E chorei, chorei, chorei"* – 5M)

- **Defesas contra a Separação (RSDS)** – Diz respeito aos motivos que um dos membros do casal aponta com o objectivo de prevenir situações de separação. (ex.: *"nunca queria dar o mau exemplo aos maridos delas"* – 6H)

- **Dependência (RSDE)** – Diz respeito à referência de um dos membros do casal a situações de dependência em relação ao outro ou a outro significativos para si com o objectivo de prevenir situações de separação. (ex.: *"mas vou-me embora para onde? E vou fazer o quê?"* – 4H)

- **Depressão (RSD)** – Refere-se à reacção depressiva de um dos membros do casal perante a separação do outro ou de outros significativos para si. (ex.: *"quando o meu filho casou (...) deu para ficar deprimida"* – 1M)

- **Desilusão (RSDI)** – Refere-se ao sentimento de desilusão com a relação ou com o outro, por parte de um dos membros do casal, face a situações de separação do outro. (ex.: *"que vamos ficar juntos a vida toda e achei que o amor dele por mim não poderia fazer sentido"* – 5M)

- **Dificuldade Separação (RSDIS)** – Inclui qualquer referência que indique a dificuldade de um ou de ambos os membros do casal se separarem de outros significativos para eles. (ex.: *"mal a gente o pôs naquele [infantário] e a pessoa sai de lá com o coração apertadinho"* – 1M)

- **Inconcebível (RSIC)** – Diz respeito à incapacidade dos membros do casal de conceber a hipótese de se separar do outro. (ex.: "*eu nunca pus essa hipótese*" – 2H)
- **Isolamento (RSI)** – Ocorre quando os membros do casal sentem necessidade de resolver e isolar uma situação de separação passada da situação actual. (ex.: "*Não se pode deixar nada para trás*" – 5H)
- **Libertação (RSL)** – Ocorre quando uma situação de separação do outro representa para um dos membros do casal uma forma de libertação de uma situação actual sentida como negativa. (ex.: "*um sítio qualquer onde não visse ninguém, onde estivesse sozinha em paz e sossego*" – 3M)
- **Preocupação com a Sobrevivência (RSPS)** – Diz respeito à activação da preocupação de sobrevivência de um dos membros do casal numa situação de separação do outro. (ex.: "*Mas é tudo dele?*" – 5M)
- **Preservação da Imagem (RSPI)** – Diz respeito à activação da preocupação de um dos membros do casal com a imagem que os outros têm do mesmo, numa situação de separação do outro. (ex.: "*E agora como é que eu vou dizer às pessoas e aos meus filhos?!*" – 5M)
- **Relação Anaclítica (RSRA)** - Diz respeito à referência à necessidade sentido por um dos membros do casal do outro ou outros significativos para si em situações de separação e em que o seu bem estar e sobrevivência são sentidos como dependentes da presença destes. (ex.: "*parece que foi um bocado de mim que desapareceu também*" – 3M)

Marcos da Relação (M)

Refere-se aos momentos da relação e da vida identificados pelos membros do casal como sendo significativos ou provocadores de mudança positiva ou negativa em si próprios ou na relação.

Divide-se em subcategorias que representam:

- Momentos marcantes e **internos** da história da relação;
- Momentos marcantes e **externos** à história da relação:
 - Momentos de ambos os membros **do casal** mas externos à relação;
 - Momentos **individuais** dos membros do casal;
 - Momentos que implicam **terceiros**.

Subcategorias:

- **Casamento (MC)** – Refere-se ao momento em que se realizou a cerimónia do casamento. (ex.: "*O dia do casamento, pois, foi importante*" – 6M)
- **Conflitos com Familiares (MCF)** – Refere-se aos conflitos entre os membros do casal e outros familiares e que foram sentidos como marcantes na história da relação. (ex.: "*temos um momento (...) negativo (...) por causa das partilhas*" – 1H)
- **Conversa (MCO)** – Diz respeito ao reconhecimento de uma conversa entre os membros do casal como determinante para a evolução da relação. (ex.: "*as coisas correm melhor porque eu consegui falar com ele*" – 7M)
- **Dificuldades Financeiras (MDF)** – Refere-se ao reconhecimento das dificuldades financeiras do casal como significativas para a relação. (ex.: "*a nossa vida alterou-se muito*" – 4H)
- **Doenças Familiares (MDFA)** – Inclui qualquer referência a problemas de saúde de outros familiares do casal, como pais ou filhos, que sejam sentidas pelos membros do casal como determinantes para a relação e para si. (ex.: "*foi envenenada (...) isto foi uma coisa muito marcante*" – 6H)
- **Gravidez (MG)** – Refere-se ao reconhecimento feito pelos membros do casal do período de gravidez como significativo para a relação. (ex.: "*E também o período da gravidez*" – 2M)
- **Início (MI)** – Inclui qualquer referência ao momento em que a relação teve início, como sendo um momento determinante para o casal. (ex.: "*quando começámos a andar um com o outro*" – 2H)
- **Momentos a Sós (MMS)** – Diz respeito aos momentos que o casal passa a sós e que é sentido pelos seus membros como determinante para a relação. (ex.: "*É um fim-de-semana a dois, um passeio a dois*" – 3H)

- **Momentos em Família (MMF)** - Diz respeito aos momentos que o casal passa com a restante família e que é sentido pelos seus membros como determinante para a relação. (ex.: *"As férias (...) nós passamos juntos um mês inteirinho de manhã à noite"* – 5M)
- **Mudança de Casa (MMC)** – Diz respeito à mudança de residência do casal, sentida como determinante na evolução da relação. (ex.: *"começou a acontecer (...) desde que vim (...) para esta casa"* – 4M)
- **Nascimento Filhos (MNF)** – Refere-se ao reconhecimento do momento em que os filhos do casal nasceram como marcante da relação. (ex.: *"Foi o nascimento dos nossos filhos"* – 2M)
- **Netos (MN)** - Refere-se ao reconhecimento feito pelos membros do casal do momento em que os netos nasceram como marcante da relação. (ex.: *"Mudança para melhoria foi o nascimento da neta"* – 1M)
- **Notícia Gravidez (MNG)** – Diz respeito ao reconhecimento feito pelos membros do casal do momento em que souberam que iam ser pais como marcante para si e/ou para a relação. (ex.: *"ela a anunciar-me que estava grávida da minha filha"* – 3H)
- **Perda Familiares (MPFA)** – Refere-se à morte de familiares significativos, como pais ou sogros, sentido pelos membros do casal como um momento marcante para si e/ou para a relação. (ex.: *"sobretudo depois da morte do meu pai"* – 2M)
- **Problemas Saúde (MPS)** – Refere-se aos problemas de saúde de um membro do casal sentidos pelo próprio como momentos significativos para si e/ou para a relação. (ex.: *"fui ser operada de urgência, também foi um período"* – 3M)
- **Problemas Saúde do Outro (MPSO)** – Refere-se aos problemas de saúde de um membro do casal sentidos pelo outro como momentos significativos da relação. (ex.: *"uma operação à coluna"* – 3M)
- **Psicoterapia (MP)** - Diz respeito ao reconhecimento do facto de um dos membros do casal estar a fazer uma psicoterapia como determinante para si e para a evolução da relação. (ex.: *"comecei a andar num psicólogo e fez-me bem"* – 7M)
- **Reencontro (MRE)** – Referência ao momento do reencontro entre os membros do casal, após uma situação de separação, como significativo da relação. (ex.: *"o reencontro é qualquer coisa fora do normal"* – 3H)
- **Reforma (MR)** – Refere-se ao momento da reforma ou ao período posterior à reforma de um dos membros do casal sentido como significativo para si e/ou para a relação. (ex.: *"com a reforma do meu marido, considero que foi uma mudança"* – 1M)
- **Saída dos Filhos (MSF)** – Refere-se ao momento de saídas dos filhos do casal de casa ou ao período anterior à sua saída como significativo para si e/ou para a relação. (ex.: *"Também o facto dos filhos casarem"* – 1M)

- **Viver Juntos (MVJ)** – Refere-se ao momento em que o casal iniciou a sua vida em conjunto, antes da cerimónia do casamento. (ex.: "*Foi depois o começarmos a viver juntos*" – 2M)

Como Evoluiu (ER)

Diz respeito descrição que os membros do casal fazem de como a sua relação evoluiu e do que evoluiu na relação.

Divide-se em subcategorias que dizem respeito a:

- **Ritmo** da evolução da relação:

- Ritmo **constante**;
- Ritmo **gradual**;
- Ritmo **variável**;

- Evolução dos **afectos** do casal:

- Evolução que promoveu a **aproximação** dos membros do casal;
- Evolução que provocou o **afastamento** dos membros do casal;
- Evolução que teve um efeito **neutro** nos membros do casal;

- Evolução do próprio **relacionamento** entre os membros do casal:

- Evolução que promoveu a **aproximação** dos membros do casal;
- Evolução que provocou o **afastamento** dos membros do casal;
- Evolução que teve um efeito **neutro** nos membros do casal;

- Evolução da **vivência** dos membros do casal:

- Evolução que promoveu a **aproximação** dos membros do casal;
- Evolução que provocou o **afastamento** dos membros do casal;
- Evolução que teve um efeito **neutro** nos membros do casal;

Subcategorias:

- **Adaptação (ERA)** – Inclui qualquer referência a fases ou ao movimento de adaptação dos membros do casal entre si ou do casal a novas situações. (ex.: "*fomo-nos sempre adaptando à situação*" – 4H)

- **Afastamento (ERAF)** – Refere-se ao movimento de afastamento entre os membros do casal, reconhecido pelos mesmos. (ex.: "*origina que as pessoas se afastem, mesmo entre os casais*" – 1M)

- **Afastamento Pontos de Contacto (ERAPC)** – Diz respeito ao reconhecimento de alterações em pontos do casal que inicialmente seriam pontos de contacto e que se tornaram em pontos de divergência entre si. (ex.: "*em termos de ideologia, hoje em dia, temos visões diferentes*" – 2M)

- **Agravamento Conflito (ERAC)** – Refere-se a identificação de momentos em que houve um agravamento do conflito entre os membros do casal. (ex.: "*a pouca empatia*"

que havia da parte do Rui em relação à minha mãe, sobretudo depois da morte do meu pai" – 2M)

- **Alteração Rotinas (ERAR)** – Inclui qualquer referência a fases ou ao movimento de alterações na vivência em termos de rotinas ou modos de funcionamento dos membros do casal (ex.: *"há grandes mudanças nas rotinas"* – 2H)

- **Autonomia Exterior (ERAE)** – Inclui qualquer referência a fases ou ao movimento de autonomização do casal em relação aos pais ou aos sogros. (ex.: *"mudei de casa e começámos a viver sozinhos (...) foi óptimo"* – 7H)

- **Cíclico (ERCI)** – Refere-se ao reconhecimento feito pelos membros do casal de um movimento cíclico no modo como a relação evoluiu. (ex.: *"as coisas vão assim rodando"* – 5H)

- **Constância (ERC)** – Refere-se à identificação de aspectos do casal que se mantiveram constantes ao longo da sua evolução ou o reconhecimento da estabilidade da própria relação. (ex.: *"continuamos apaixonados"* – 4H)

- **Construção (ERCS)** – Refere-se à descrição da evolução da relação como um processo de construção da mesma levado a cabo pelos membros do casal. (ex.: *"foi-se construindo a relação"* – 4H)

- **Construção de Pontos Comuns (ERCPC)** – Diz respeito ao movimento em que pontos de divergência dos membros do casal se tornaram comuns ou em que o casal construiu novos pontos de contacto. (ex.: *"os gostos (...) passaram a ser do casal"* – 5H)

- **Continuidade (ERCO)** – Refere-se à identificação feita pelos membros do casal de mudanças contínuas que ocorrem ao longo da evolução da relação. (ex.: *"acho que foi fluindo"* – 3M)

- **Desencanto (ERD)** – Inclui qualquer referência a fases ou ao movimento de desidealização da relação ou do outro por um dos membros do casal. (ex.: *"logo aí começou o desencanto"* – 7M)

- **Esfriamento (ERES)** - Inclui qualquer referência a fases ou ao movimento de abrandamento da intensidade dos afectos entre os membros do casal. (ex.: *"e depois houve ali um esfriamento"* – 5M)

- **Estabilização (ERE)** – Refere-se ao reconhecimento feita pelos membros do casal do momento em que a relação entre si terá estabilizado em termos de adaptação um ao outro, de resolução de conflitos ou de consolidação de sentimentos. (ex.: *"já estávamos mais estabilizados como casal"* – 2M)

- **Fases (ERF)** - Refere-se à identificação feita pelos membros do casal de que a evolução da relação se processa por etapas ou fases. (ex.: *"cada etapa tem as suas dificuldades"* – 4M)

- **Ganho de Confiança (ERGC)** – Diz respeito ao aumento de confiança de um membro do casal no outro, que ocorre ao longo da evolução da relação. (ex.: *"foi ganhando alguma confiança"* – 2M)
- **Intermitência (ERI)** - Refere-se à identificação feita pelos membros do casal de que a evolução da relação se processa através da alternância entre fases positivas e fases negativas. (ex.: *"tivemos altos e baixos"* – 1M)
- **Isolamento Social (ERIS)** – Inclui qualquer referência a fases ou ao movimento de isolamento social do casal ou dos seus membros. (ex.: *"temos vindo cada vez menos a sair e estar com os amigos"* – 5M)
- **Maior Comunicação (ERMC)** – Diz respeito ao aumento de diálogo entre os membros do casal. (ex.: *"hoje já lhe respondia e eu, naquela altura, nunca respondi"* – 7M)
- **Maior Conhecimento (ERMCN)** – Refere-se ao aumento de conhecimento e compreensão dos membros do casal entre si. (ex.: *"fomo-nos conhecendo"* – 4H)
- **Maior Dependência (ERMD)** – Refere-se ao aumento do sentimento de dependência entre os membros do casal. (ex.: *"Nós agora é que precisamos um do outro"* – 6M)
- **Maior Disponibilidade (ERMDI)** Diz respeito ao reconhecimento de fases em que houve ou há um aumento da disponibilidade de um ou de ambos os membros do casal para o outro ou para a família. (ex.: *"Até estava mais tempo em casa aqui do que na África do Sul"* – 6M)
- **Maior Maturidade (ERMM)** – Refere-se ao reconhecimento de que os membros do casal se tornaram mais maduros. (ex.: *"maior maturidade"* – 3H)
- **Maior Partilha (ERMP)** – Refere-se ao aumento de actividades partilhadas pelos membros do casal ou de acompanhamento entre si. (ex.: *"Antes dele estar reformado, eu fazia essas coisas sozinha"* – 7M)
- **Maior Sobrecarga (ERMS)** – Refere-se ao reconhecimento feito por um membro do casal de que houve um incremento das suas tarefas a partir de um determinado momento. (ex.: *"Como estou mais tempo em casa, ainda abusam"* – 1H)
- **Maior Tolerância (ERMT)** – Diz respeito ao reconhecimento do aumento da tolerância e da aceitação das diferenças entre os membros do casal. (ex.: *"fomos aprendendo (...) a perceber o outro e a aceitá-lo tal como ele é"* – 2M)
- **Maior União (ERMU)** – Inclui qualquer referência a fases ou ao movimento de aproximação entre os membros do casal. (ex.: *"ainda nos está a unir mais um ao outro"* – 4H)
- **Mais Atitudes Carinhosas (ERMAC)** – Refere-se ao aumento de demonstrações físicas de afectos entre os membros do casal. (ex.: *"E aqui há um ano, lá está, ele começou a pôr-me a mão assim por cima do ombro"* – 7M)

- **Mais Conflitos (ERMCO)** – Inclui qualquer referência a fases em que aumentou o número de conflitos entre os membros do casal ou à evolução da relação neste sentido. (ex.: *"Talvez mais agora do que no princípio"* – 5H)
- **Menor Dependência (ERMND)** - Refere-se à diminuição do sentimento de dependência entre si e o outro membro do casal. (ex.: *"houve uma altura em que eu tive por ele [dependência], mais no início"* – 5M)
- **Menor Disponibilidade (ERMNDI)** - Diz respeito ao reconhecimento de fases em que houve ou há uma diminuição da disponibilidade de um ou de ambos os membros do casal para o outro ou para a família. (ex.: *"Pode haver mais trabalho, menos tempo"* – 5H)
- **Menor Partilha (ERMNP)** - Refere-se à diminuição de actividades partilhadas pelos membros do casal ou de acompanhamento entre si. (ex.: *"Porque nós partilhávamos quase tudo (...) resolvi começar a ir aos concertos sozinha"* – 1M)
- **Menor Tolerância (ERMNT)** - Diz respeito ao reconhecimento da diminuição da tolerância e da aceitação das diferenças entre os membros do casal. (ex.: *"estivesse numa fase (...) de difícil aceitação, a tolerância a ser menor"* – 1M)
- **Menos Conflitos (ERMNC)** - Inclui qualquer referência a fases em que diminuiu o número de conflitos entre os membros do casal ou à evolução da relação neste sentido. (ex.: *"acontece agora com muito menos frequência"* – 2H)
- **Mudança de Afectos (ERMA)** – Refere-se ao reconhecimento de alterações nos afectos do casal. (ex.: *"ternura, aquele conhecimento (...) Agora há uns afectos diferentes"* – 4M)
- **Mudança Preocupações (ERMPR)** - Refere-se ao reconhecimento de alterações nas preocupações entre os membros do casal. (ex.: *"há preocupações diferentes um com o outro"* – 4M)
- **Reacção mais Contida ao Conflito (ERRCC)** – Diz respeito à alteração percebida pelos membros do casal modo como reagem ao conflito, no sentido de uma maior contenção na reacção. (ex.: *"No início (...) as discussões eram um bocadinho mais aclaradas"* – 4H)
- **Resolução Conflito (ERRC)** – Refere-se à evolução da relação no sentido da resolução dos conflitos existentes entre os membros do casal. (ex.: *"Depois ela foi para o lar (...) e depois já melhorou assim um bocadinho"* – 6M)
- **Responsabilização do Outro (ERRO)** - Diz respeito à alteração percebida pelos membros do casal modo como reagem ao conflito, no sentido de uma maior responsabilização do outro. (ex.: *"Eu dantes ainda cedia a isso, agora é que estou um bocadinho mais..."* – 6M)
- **Saturação (ERS)** – Diz respeito ao reconhecimento feito pelos membros do casal do movimento de saturação da relação ao longo da sua evolução. (ex.: *"há coisas que começam a ficar de certo modo...um bocado saturadas"* – 7H)

Papel dos Filhos (F)

Refere-se às funções e interferências atribuídas pelos membros do casal aos seus filhos em diferentes domínios.

Subdivide-se em subcategorias que se referem a:

- Filhos como **reveladores** das características dos membros do casal:
 - **Aspectos positivos** dos membros do casal;
 - **Aspectos negativos** dos membros do casal;
 - **Aspectos neutros** dos membros do casal;
- **Interferência** dos filhos na **vivência** do casal:
 - como **facilitadores** da vivência do casal;
 - como **dificultadores** da vivência do casal;
 - como **neutros** para a vivência do casal;
- **Interferência** dos filhos no **conflito** entre os membros do casal:
- Filhos no **plano ideal** dos membros do casal:
 - **Correspondência** entre os filhos reais e os filhos idealizados pelos membros do casal;
 - **Não correspondência** entre os filhos reais e os filhos idealizados pelos membros do casal.

Subcategorias:

- **Acrescento (FA)** – Refere-se ao facto dos membros do casal reconhecerem que o casal permanece preservado e que os seus filhos são um acrescento ao mesmo. (ex.: "*os nossos filhos iam ser um acrescento muito grande à nossa vida*" – 2M)
- **Adaptação (FAD)** – Diz respeito à necessidade dos membros do casal adaptarem-se a adaptarem a sua vivência ao nascimento dos filhos. (ex.: "*tivemos que nos adaptar com o nascimento do primeiro*" – 2H)
- **Admiradores Relação (FAR)** – Inclui qualquer referência que indique que os filhos são considerados pelos membros do casal como admiradores das qualidades da sua relação. (ex.: "*eles todos têm muito orgulho*" – 4M)
- **Aliado dos Filhos (FALF)** – Ocorre quando um membro do casal reconhece tomar partido dos filhos e intervir nesse sentido numa situação de conflito entre estes e o outro membro do casal. (ex.: "*Oh homem, então mas ela disse que vinha às tantas horas!*" – 6M)
- **Aliados (FAL)** – Inclui qualquer referência que indique cumplicidade entre um dos membros do casal e os seus filhos ou o apoio e a intervenção destes numa situação de

conflito entre si e o outro membro do casal. (ex.: *"Nem as minhas filhas queriam vir para cá"* – 6M)

- **Comparação (FC)** – Refere-se ao reconhecimento feito pelos membros do casal das diferenças existentes entre as características da relação e a vivência próprias da sua geração e as da geração dos seus filhos. (ex.: *"mas lembro-me do meu tempo que era completamente oposto"* – 3H)

- **Contentores (FCT)** – Refere-se à atribuição aos seus filhos de uma função contentora dos membros do casal, no sentido de se tornarem mais presentes na vida familiar. (ex.: *"já não tinha vontade de viajar, já não queria estar ausente"* – 7H)

- **Continuidade (FCO)** – Refere-se à percepção pelos membros do casal dos seus filhos como um prolongamento de si e das suas características. (ex.: *"houve ali logo uma sensação de continuidade"* – 4H)

- **Demissão (FDM)** – Diz respeito ao reconhecimento feito por um membro do casal da sua demissão das tarefas relacionadas com a educação dos filhos ou prestação de cuidados a estes. (ex.: *"essa parte cabe-lhe mais a ela"* – 4H)

- **Demissão do Outro (FDMO)** – Diz respeito ao reconhecimento feito por um membro do casal da demissão do outros das tarefas relacionadas com a educação dos filhos ou prestação de cuidados a estes. (ex.: *"delegou sempre tudo em mim"* – 7M)

- **Desilusão (FD)** – Refere-se ao reconhecimento de um membro do casal das discrepâncias existentes entre as características do filho real e as características do filho idealizado por si. (*"foi outra menina mas ela teve lugar também"* – 6M)

- **Desilusão do Outro (FDO)** - Refere-se ao reconhecimento de um membro do casal das discrepâncias existentes entre as características do filho real e as características do filho idealizado pelo outro. (ex.: *"O meu marido queria um menino, nasceu-lhe uma menina"* – 7M)

- **Espelho (FE)** – Diz respeito à percepção das semelhanças entre as características dos seus filhos e as suas características dos membros do casal, sem referência à sua natureza. (ex.: *"deu-me a sensação de ver a minha cara nela"* – 4H)

- **Ideais (FI)** - Refere-se ao reconhecimento dos membros do casal da correspondência existente entre as características do filho real e as características do filho idealizado por eles. (ex.: *"nós até programámos para que fosse rapaz"* – 1H)

- **Impeditivo da Intimidade (FII)** – Inclui qualquer referência dos membros do casal que indique a interferência dos filhos como impeditivos dos seus momentos de intimidade. (ex.: *"lá vinha ela meter-se na cama connosco"* – 3M)

- **Imposição Vontade (FIV)** – Diz respeito à utilização dos filhos por um dos membros do casal para exercer a sua vontade sobre o outro numa situação de divergência ou conflito com este. (ex.: *"Ah, queres ir para Portugal? Mas eu quero ter outro filho"* – 6M)

- **Insuficiente (FIS)** – Refere-se ao reconhecimento dos membros do casal do seu filho como insuficiente, expressa no desejo de terem tido mais filhos. (ex.: *"gostava de ter mais um filho"* – 6H)
- **Interferência Temporal (FIT)** - Inclui qualquer referência dos membros do casal que indique a interferência dos filhos no sentido de diminuir a sua disponibilidade para a relação. (ex.: *"isso [filhos] também nos tirou um bocadinho de tempo para nós"* – 4M)
- **Limitador (FL)** - Inclui qualquer referência dos membros do casal que indique a interferência dos filhos no sentido de limitar as suas experiências e opções. (ex.: *"eu tive de ficar em casa para tomar conta dos meus filhos"* – 7M)
- **Menor Tolerância (FMT)** – Refere-se à redução da tolerância entre os membros do casal devida à interferência dos filhos na vida do casal. (ex.: *"a paciência e a tolerância reduzem-se"* – 3H)
- **Mostrar Falhas Casal (FMFC)** - Diz respeito ao reconhecimento das características negativas dos seus filhos devido à acção do casal. (ex.: *"eu acho que nós fomos muito brandos com os nossos filhos"* – 1M)
- **Mostrar Falhas do Outro (FMFO)** – Diz respeito à identificação de um dos membros do casal de característica negativas no outro, que se revelam na interacção com os filhos. (ex.: *"o meu marido nunca se impôs muito como pai"* – 1M)
- **Mostrar Falhas Suas (FMS)** – Diz respeito ao reconhecimento de um dos membros do casal das suas características negativas, que se revelam na interacção com os filhos. (ex.: *"Se calhar podia ter educado muito melhor os meus filhos"* – 7M)
- **Mostrar Qualidades (FMQ)** - Diz respeito ao reconhecimento de um dos membros do casal das suas características positivas, que se revelam na interacção com os filhos. (ex.: *"eu tenho esta abertura com os meus filhos"* – 4M)
- **Mostrar Qualidades Outro (FMQO)** - Diz respeito à identificação de um dos membros do casal de característica positivas no outro, que se revelam na interacção com os filhos. (ex.: *"é espectacular com eles"* – 5M)
- **Objectivo (FO)** – Inclui qualquer referência que indique o reconhecimento dos membros do casal de que ter filhos era um objectivo seu. (ex.: *"o objectivo era casar e ter filhos"* – 4M)
- **Parte do Casamento (FPC)** – Refere-se ao reconhecimento dos membros do casal de que os filhos integram o seu conceito de casamento. (ex.: *"os filhos (...) estão englobados no casamento"* – 4M)
- **Perda (FPE)** - Inclui qualquer referência dos membros do casal que indique a interferência dos filhos no sentido de uma mudança negativa da vida sem filhos para a vida com filhos. (ex.: *"sem filho (...) tempos muito felizes e que recordo com uma certa saudade"* – 3M)

- **Preocupação (FPR)** – Inclui qualquer referência que indique sentimentos de preocupação ou receio dos membros do casal com os filhos. (ex.: "*Tinha muitos medos*" – 4M)
- **Proximidade (FPX)** – Inclui qualquer referência dos membros do casal que indique proximidade presente ou passada destes com os seus filhos. (ex.: "*Fomos sempre muito próximos*" – 3H)
- **Responsabilidade (FRE)** - Inclui qualquer referência dos membros do casal que indique sentimentos de responsabilidade acrescida relacionados com o nascimento dos filhos. (ex.: "*uma pessoa tem, pronto, outra responsabilidade*" – 6H)
- **Rivalidade (FR)** – Inclui qualquer referência de um membro do casal indicadora da existência de sentimentos de ciúme ou de disputa entre si e os filhos em relação em relação ao outro. (ex.: "*é capaz de haver uma certa ciumeira do casal*" – 1M)
- **Rivalidade do Outro (FRO)** – Inclui qualquer referência de um membro do casal indicadora de sentimentos de ciúme ou de disputa entre o outro e os filhos em relação a si. (ex.: "*o nascimento dos filhos parece que passam para segundo lugar [os maridos]*" – 3M)

Papel dos Netos (N)

Refere-se às funções e interferências atribuídas pelos membros do casal aos seus netos em diferentes domínios.

Subdivide-se em subcategorias que se referem a:

- Netos percebidos como **equivalentes aos filhos** pelos membros do casal;
- **Interferência pessoal** dos netos nos membros do casal;
- **Interferência** dos netos na **vivência** do casal;
- **Interferência** dos netos na **relação** do casal.

Subcategorias:

- **Admirador de Si (NAS)** - Inclui qualquer referência que indique que os netos são considerados por um membro do casal como admiradores das suas. (ex.: "*Ele é uma paixão pelo avô*" – 3H)
- **Espelho dos Filhos (NEF)** – Diz respeito ao reconhecimento dos membros do casal das semelhanças existentes entre os netos e os seus filhos. (ex.: "*estamos a ver os netos mas estamos a ver as filhas quando eram pequeninas*" – 6H)
- **Filho (NF)** – Inclui qualquer referência que indique que os membros do casal percebem ou interagem com os netos como se estes fossem seus filhos. (ex.: "*eu criei-o*" – 6M)
- **Ideal (NI)** - Inclui qualquer referência dos membros do casal que indique a correspondência existente entre as características neto real e as características do neto ou filho idealizado por eles. (ex.: "*O primeiro foi um menino (...) gostava de ter um filho rapaz*" – 6H)
- **Preocupação (NPR)** - Inclui qualquer referência que indique sentimentos de preocupação ou receio dos membros do casal com os netos. (ex.: "*Eu vivo numa preocupação*" – 3M)
- **Prestação Cuidados (NPC)** – Refere-se à prestação de cuidados dos membros do casal aos seus netos. (ex.: "*eu fiquei a tomar conta deles*" – 7M)
- **Prisão (NP)** - Inclui qualquer referência dos membros do casal que indique a interferência dos netos no sentido de limitar as suas experiências e opções. (ex.: "*Sentia-me presa*" – 7M)
- **Proximidade (NPX)** - Inclui qualquer referência dos membros do casal que indique proximidade presente ou passada destes com os seus netos. (ex.: "*temos uma relação muito chegada*" – 3M)

- **Reparador (NR)** – Refere-se à percepção dos membros do casal do nascimento ou presença do neto como reparador ou atenuante de angústias internas ou de conflitos na relação. (ex.: *"é como se fosse um renascer (...) nós vamo-nos unir"* – 1M)
- **Rivalidade com Filha (NRF)** – Inclui qualquer referência dos membros do casal a situações de desacordo ou de competição com a filha em relação à educação ou à prestação de cuidados ao neto. (ex.: *"parece que a comida que eu faço, faço melhor"* – 3M)
- **Rivalidade com Outro (NRO)** - – Inclui qualquer referência de um membro do casal a situações de desacordo ou de disputa com o outro relação à educação ou à prestação de cuidados ao neto. (ex.: *"Pois, contigo é só o bem bom, é a parte boa, mas comigo é que é..."* – 3M)

Papel dos Pais (P)

Refere-se às funções e interferências atribuídas pelos membros do casal aos seus pais, pai e mãe ou só um dos pais, em diferentes domínios.

Subdivide-se em subcategorias que se referem a:

- **Interferência individual** dos pais nos membros do casal:

- Interferência **positiva** nos membros do casal;
- Interferência **negativa** nos membros do casal;

- **Interferência** dos pais na **vivência** do casal:

- no sentido **facilitador** da vivência do casal;
- no sentido **dificultador** da vivência do casal;
- efeito **neutro** na vivência do casal;

- **Interferência** dos pais na **relação** do casal:

- apenas considerado pelos membros do casal como **dificultador** da relação.

Subcategorias:

- **Aliados (PAL)** - Inclui qualquer referência que indique cumplicidade entre um dos membros do casal e os seus pais ou o apoio e a intervenção destes numa situação de conflito entre si e o outro membro do casal. (ex.: *"Mesmo as pessoas que vinham cá a casa gostavam, da minha família. A minha mãe"* – 6M)

- **Ambivalência (PA)** – Refere-se à identificação de um membro do casal de sentimentos contraditórios em relação aos seus pais ou a um deles. (ex.: *"a minha ambivalência às vezes em relação a ela"* – 2M)

- **Apoio Filhos (PAF)** – Refere-se ao reconhecimento de um membro do casal do apoio e dos cuidados prestados pelos seus pais aos filhos do casal. (ex.: *"só consegui porque tive uma grande ajuda da minha mãe"* – 5M)

- **Apoio Financeiro (PAFI)** – Refere-se ao reconhecimento de um membro do casal da ajuda financeira prestada pelos seus pais ao casal. (ex.: *"tivemos a ajuda dos nossos pais"* – 1H)

- **Conservadores (PCO)** – Diz respeito ao conservadorismo identificado por um membro do casal nos seus pais. (ex.: *"os meus pais um bocadinho conservadores"* – 1M)

- **Controladores (PC)** – Inclui qualquer referência de um membro do casal que indique atitudes de manipulação e controlo de si ou do casal, da parte dos seus pais, com o

objectivo de impor a sua vontade. (ex.: *"a minha mãe (...) uma pessoa um bocadinho controladora (...) um bocadinho de se vitimizar"* – 2M)

- **Dependência Financeira (PDF)** – Diz respeito ao reconhecimento de um membro do casal da dependência financeira actual ou passada do casal em relação aos seus pais. (ex.: *"temos a minha mãe, que é uma grande ajuda porque se não"* – 5M)

- **Distantes (PD)** – Refere-se à percepção de um membro do casal da distância existente entre si e os seus pais. (ex.: *"não é uma relação muito próxima porque estamos distantes fisicamente"* – 2H)

- **Modelo (PM)** – Diz respeito ao reconhecimento de um membro do casal do papel de modelo de identificação que os seus pais têm ou tiveram para si ou para o seu ideal do outro. (ex.: *"eu tinha o exemplo da minha mãe"* – 4H)

- **Modelo por Contraste (PMC)** - Diz respeito ao reconhecimento de um membro do casal do papel de modelo de identificação por contraste que os seus pais têm ou tiveram para si. (ex.: *"interiorizei que nunca havia de ter ciúmes de ninguém"* – 7M)

- **Necessidade de Cuidados (PNC)** – Diz respeito à referência feita por um membro do casal a situações em que os seus pais necessitaram de cuidados seus ou do outro. (ex.: *"O meu marido (...) levava a minha mãe ao colo à casa de banho"* – 7M)

- **Opositores à Relação (POR)** – Inclui qualquer referência de um membro do casal que indique o desacordo actual ou passado dos seus pais no que respeita à sua relação com o outro. (ex.: *"ainda hoje às vezes é complicado"* – 5M)

- **Preocupação (PPR)** - Inclui qualquer referência de um membro do casal que indique sentimentos de preocupação actual ou passada com os seus pais. (ex.: *"também tinha cá a minha mãe velhota (...) foi um dos motivos que me puxou mais a vir"* – 6H)

- **Presentes (PPS)** - Refere-se à percepção de um membro do casal da presença assídua dos seus pais na vida do casal ou a proximidade existente entre o casal e os seus pais. (ex.: *"a relação sempre foi maior com os meus pais"* – 2M)

- **Prestadores de Cuidados (PPC)** - Diz respeito à referência feita por um membro do casal a situações em que o outro ou o próprio necessitaram de cuidados dos seus pais. (ex.: *"a minha mãe é que cuidava dele [marido]"* – 3M)

- **Prisão (PP)** - Inclui qualquer referência de um membro do casal que indique que o acompanhamento ou a prestação de cuidados aos seus pais é sentido como limitador da sua vivência ou da vivência do casal. (ex.: *"tenho de estar perto dela [mãe]"* – 1M)

- **Rejeitante Filhos (PRF)** - Refere-se ao reconhecimento de um membro do casal da falta apoio ou de cuidados prestados pelos seus pais aos filhos do casal ou à não aceitação destes dos seus filhos planeados. (ex.: *"tomar conta de outro neto que não"* – 3M)

- **Repressão (PR)** – Diz respeito ao reconhecimento de um dos membros do casal de atitudes repressivas por parte dos pais, responsáveis pela limitação das suas experiências ou conhecimentos. (ex.: "*as nossas mães eram muito repressivas*" – 7M)

- **Tóxico (PT)** – Diz respeito ao reconhecimento de um dos membros do casal do efeito negativa que os seus pais poderiam ter sobre os seus filhos e à necessidade de protegê-los desse efeito. (ex.: "*não podia passar o tempo todo a chorar (...) tinha de proteger o meu filho*" – 2M)

Papel dos Sogros (S)

Refere-se às funções e interferências atribuídas pelos membros do casal aos seus sogros, ambos ou a um deles, em diferentes domínios.

Subdivide-se em subcategorias que se referem a:

- **Interferência individual** dos sogros nos membros do casal:

- Interferência **positiva** nos membros do casal;
- Interferência **negativa** nos membros do casal;

- **Interferência** dos sogros na **vivência** do casal:

- no sentido **facilitador** da vivência do casal;
- no sentido **dificultador** da vivência do casal;
- efeito **neutro** na vivência do casal;

- **Interferência** dos sogros na **relação** do casal:

- apenas considerado pelos membros do casal como **dificultador** da relação.

Subcategorias:

- **Ambivalência (SA)** – Refere-se à identificação de um membro do casal de sentimentos contraditórios em relação aos seus sogros ou a um deles. (ex.: *"tanto te dou beijinhos como se for preciso também te dou tareia"* – 4M)

- **Apoio Filhos (SAF)** – Refere-se ao reconhecimento de um membro do casal do apoio ou dos cuidados prestados pelos seus sogros aos filhos do casal. (ex.: *"ela ajudou-me imenso a criar a Carla"* – 3H)

- **Apoio Financeiro (SAFI)** – Refere-se ao reconhecimento de um membro do casal da ajuda financeira prestada pelos seus sogros ao casal. (ex.: *"os pais ajudaram metade cada um dos pais"* – 3M)

- **Conflito (SCF)** – Inclui qualquer referência de um membro do casal que indique a existência de conflitos ou divergências entre si e os seus sogros. (ex.: *"são relações complicadas"* – 5H)

- **Conservadores (SCO)** – Diz respeito ao conservadorismo identificado por um membro do casal nos seus sogros. (ex.: *"com uns pais muito conservadores"* – 2H)

- **Controladores (SC)** – Inclui qualquer referência de um membro do casal que indique atitudes de manipulação e controlo de si, do outro ou do casal, da parte dos seus sogros, com o objectivo de impor a sua vontade. (ex.: *"a minha sogra é uma pessoa que faz uma chantagem emocional"* – 5M)

- **Dependência Financeira (SDF)** – Diz respeito ao reconhecimento de um membro do casal da dependência financeira actual ou passada do casal em relação aos seus sogros. (ex.: *"porque ajudavam, porque estava a trabalhar com o pai"* – 4M)
- **Distantes (SD)** – Refere-se à percepção de um membro do casal da distância existente entre si e os seus sogros. (ex.: *"também não temos assim grandes convívios"* – 4H)
- **Entendimento (SE)** - Inclui qualquer referência de um membro do casal que indique a existência de um bom entendimento entre si e os seu sogros. (ex.: *"Foram sempre muito meus amigos e eu amigo deles"* – 6H)
- **Falta de Apoio Financeiro (SFA)** - Refere-se ao reconhecimentos de um membro do casal da falta apoio financeiro prestada pelos seus sogros ao casal, apesar das suas possibilidades. (ex.: *"sabia que ela tinha dinheiro e nunca nos quis emprestar"* – 1M)
- **Intrusivos (SI)** - Refere-se à percepção de um membro do casal da presença excessiva e sentida como intrusiva e impeditiva da intimidade dos seus sogros na vivência do casal. (ex.: *"cortavam-nos um bocado a nossa privacidade"* – 4M)
- **Modelo do Outro (SMO)** – Diz respeito ao reconhecimento de um membro do casal do papel de modelo de identificação que os seus sogros têm ou tiveram para o outro. (ex.: *"o Rui é mais no sentido da família de origem"* – 2M)
- **Necessidade de Cuidados (SNC)** – Diz respeito à referência feita por um membro do casal a situações em que os seus sogros necessitaram dos seus cuidados. (ex.: *"quando a minha sogra adoecia, cheguei a meter baixa por mais do que uma vez"* – 3M)
- **Opositores à Relação (SOR)** – Inclui qualquer referência de um membro do casal que indique o desacordo actual ou passado dos seus sogros no que respeita à relação do outro consigo. (ex.: *"nunca percebi muito bem se eles me aceitaram bem ou não"* – 5M)
- **Proximidade (SP)** - Refere-se à percepção de um membro do casal da proximidade existente entre o casal e os seus sogros. (ex.: *"sempre estiveram connosco"* – 2H)
- **Rejeitante Filhos (SRF)** - Refere-se ao reconhecimentos de um membro do casal da falta apoio ou de cuidados prestados pelos seus sogros aos filhos do casal ou à não aceitação destes dos seus filhos planeados. (ex.: *"foi ela em parte que fez com que eu não tivesse outro filho"* – 3H)
- **Rivalidade (SR)** - Inclui qualquer referência de um membro do casal indicadora da existência de sentimentos de ciúme ou de disputa entre si e os sogros em relação em relação ao outro. (ex.: *"disse ao seu filho que até já tinha ciúmes de si"* – 1M)
- **Tolerância (ST)** – Refere-se ao reconhecimento e necessidade de aceitação por parte de um membro do casal das diferenças entre si e os seus sogros. (ex.: *"as pessoas são diferentes e têm de se aceitar como diferentes"* – 2H)

Papel dos Amigos (A)

Refere-se às funções e interferências na relação atribuídas pelos membros do casal aos seus amigos, do próprio, do outro ou comuns.

Subdivide-se em subcategorias que indicam:

- que os amigos são vistos pelos membros do casal como **ameaçadores** à relação;
- que os amigos são vistos pelos membros do casal como **não** sendo **ameaçadores** à relação;
- que os amigos são vistos pelos membros do casal como **reveladores** das características da relação.

Subcategorias:

- **Admiradores (AA)** – Inclui qualquer referência que indique que os amigos são considerados pelos membros do casal como admiradores das qualidades da sua relação. (ex.: "*as pessoas (...) tinham inveja*" – 4M)
- **Comparação (ACO)** – Diz respeito ao facto dos membros do casal utilizarem o exemplo das relações dos seus amigos como ponto de comparação com a sua relação. (ex.: "*Mas as minha amigas é a mesma coisa. Nenhuma tem assim aquele...*" – 7M)
- **Comuns (AC)** – Refere-se ao reconhecimento da existência de amigos comuns a ambos os membros do casal. (ex.: "*os meus amigos são os amigos dela*" – 4H)
- **Desconfiança (AD)** – Refere-se ao facto de um membro do casal reconhecer sentimentos de falta de confiança em relação aos seus amigos ou aos amigos do outro. (ex.: "*se for preciso um rouba a mulher do outro*" – 6H)
- **Desvalorização Amigos Outro (ADAO)** - Refere-se ao facto de um membro do casal não reconhecer ou desvalorizar as qualidades dos amigos do outro. (ex.: "*as amizades não são tão profundas nos médicos*" – 1H)
- **Exclusão (AE)** – Diz respeito à exclusão de um dos membros do casal do grupo de amigos do outro ou ao sentimento de um membro do casal de ser excluído do grupo de amigos do outro. (ex.: "*vou almoçar com as minhas amigas, sem homens, só mulheres*" – 7M)
- **Libertação (AL)** – Inclui qualquer referência que indique sentimentos de liberdade dos membros do casal quando estão com os seus amigos. (ex.: "*vamos exactamente para poder conversar com outras pessoas*" – 7H)
- **Preservação da Privacidade (APP)** – Inclui qualquer referência que indique a necessidade dos membros do casal de não partilhar informações acerca da sua intimidade e da do casal, nas suas conversas com os seus amigos. (ex.: "*não tenho muitas amigas sob o ponto de vista íntimo (...) problemas íntimos*" – 1M)

- **Rivalidade (AR)** - Inclui qualquer referência indicadora da existência de sentimentos de ciúme ou de disputa entre um membro do casal e os amigos do outro. (ex.: "*me sinto preterida pelos amigos*" – 1M)
- **Rivalidade do Outro (ARO)** – Inclui qualquer referência indicadora da existência de sentimentos de ciúme ou de disputa entre o outro membro do casal e os seus amigos. (ex.: "*Uma amiga minha de infância, e ele [marido] não gostava muito dela*" – 4M)
- **Separados (AS)** - Refere-se ao reconhecimento da existência de amigos Próprios de cada membros do casal. (ex.: "*Ela tem três ou quatro amigas, que eu não acompanho com elas*" – 4H)

Como Sou (E)

Diz respeito descrição que os membros do casal fazem si próprios ou àquilo que revelaram ser pela descrição das suas experiências ou pelo seu comportamento durante a entrevista.

Subdivide-se em subcategorias que denotam:

- **Rigidez** de carácter:

- Característica **facilitadora** da relação com o outro membro do casal;
- Característica **dificultadora** da relação com o outro membro do casal;

- **Sociabilidade**:

- Característica **facilitadora** da relação com o outro membro do casal;
- Característica **dificultadora** da relação com o outro membro do casal;

- **Passividade**:

- Característica **facilitadora** da relação com o outro membro do casal;
- Característica **dificultadora** da relação com o outro membro do casal;

- **Afectividade**:

- Característica **facilitadora** da relação com o outro membro do casal;
- Característica **dificultadora** da relação com o outro membro do casal;

- **Actividade** e iniciativa:

- Característica **facilitadora** da relação com o outro membro do casal;
- Característica **dificultadora** da relação com o outro membro do casal;

- **Idealização de si**:

- Apenas considerada, pelos membros do casal, como característica **facilitadora** da relação com o outro;

- **Desvalorização de si**:

Subcategorias:

- **Activa (ECA)** – Diz respeito ao reconhecimento de ser uma pessoa activa e capaz de tomar iniciativas. (ex.: "*sou uma pessoa muito activa*" – 4M)

- **Alheado (EAL)** – Refere-se ao facto de se sentir alheado da vida familiar e do casal. (ex.: "*as coisas passam-me um bocadinho ao lado*" – 7H)

- **Atento (EAT)** – Refere-se à tentativa ou ao desejo de se manter atento à vida familiar ou do casal. (ex.: "*sou uma pessoa (...) que gosta de estar atenta às coisas*" – 7H)
- **Auto-conhecimento (EACO)** – Refere-se à tentativa ou ao desejo de se conhecer a si própria. (ex.: "*sempre tentei conhecer-me a mim*" – 4M)
- **Autoritária (EA)** – Diz respeito ao reconhecimento de ser uma pessoa autoritária. (ex.: "*eu talvez até um bocadinho mais autoritária*" – 4M)
- **Aventureira (EAV)** – Diz respeito ao reconhecimento de ser uma pessoa aventureira e capaz de arriscar. (ex.: "*eu arrisco mais*" – 2M)
- **Boa Pessoa (EBP)** – Diz respeito ao reconhecimento de si como uma boa pessoa para os outros. (ex.: "*Acho que sou uma boa pessoa*" – 5M)
- **Boémio (EB)** – Caracterização de si como uma pessoa que gosta de sair à noite. (ex.: "*sou uma pessoa que não gosto de ficar em casa (...) sair, beber copos*" – 5H)
- **Calmo (ECA)** – Caracterização de si como uma pessoa calma. (ex.: "*considero-me um bocadinho mais calmo*" – 3H)
- **Carinhosa (ECN)** – Diz respeito ao reconhecimento de personalidade e atitudes carinhosas. (ex.: "*uma pessoa carinhosa*" – 5M)
- **Cautelosa (EC)** – Diz respeito ao reconhecimento de receio de arriscar ou passar por novas experiências. (ex.: "*Nunca fui assim de grandes aventuras*" – 3M)
- **Comodista (ECD)** – Caracterização de si como uma pessoa comodista. (ex.: "*sou um bocado comodista*" – 7H)
- **Compulsivo (ECO)** – Referência a situações que denotam traços compulsivos de personalidade. (ex.: "*digo assim 'Pronto, eu hoje não vou arrumar nada', mas depois não sou capaz*" – 1H)
- **Comunicativa (ECM)** – Refere-se ao reconhecimento da sua facilidade em comunicar com os outros, ao facto de ser faladora. (ex.: "*eu sou muito faladora*" – 2M)
- **Conservador (ECS)** – Referência a situações ou a opiniões que denotam conservadorismo. (ex.: "*a virgindade da mulher (...) não querem autorizar o casamento gay. E acho que sim*" – 6H)
- **Criança Feliz (ECF)** – Referência à sua infância como um período positivo. (ex.: "*eu tive uma infância muito bonita*" – 4M)
- **Criativa (ECR)** – Referências que indicam ser uma pessoa criativa. (ex.: "*tenho muitas ideias*" – 2M)
- **Culpabilização (ECL)** – Diz respeito ao reconhecimento de sentimentos de culpa relacionados com situações externas ao casal. (ex.: "*algum sentimento de culpa*" – 5M)

- **Curiosa (ECU)** – Refere-se ao reconhecimento de ser uma pessoa curiosa. (ex.: "*sou muito curiosa*" – 4M)
- **Dificuldade Envelhecimento (EDE)** – Referências que denotam negação, preocupação ou dificuldades em lidar com o envelhecimento. (ex.: "*Faço de conta que tenho agora 40 anos ou 50*" – 6H)
- **Especial (EES)** – Caracterização de si como uma pessoa com características únicas e especiais. (ex.: "*Eu sou muito especial nessas coisas*" – 4M)
- **Esquecido (EEQ)** – Referências que denotam dificuldades de memória. (ex.: "*faço um esforço enorme para me lembrar das coisas do passado*" – 7H)
- **Extrovertida (EE)** – Caracterização de si como uma pessoa extrovertida. (ex.: "*eu sou uma pessoa mais extrovertida*" – 3M)
- **Família Destruída (EFD)** – Referências à família de origem que denotam problemáticas destruturação da mesma. (ex.: "*tive de os separar porque o meu pai era alcoólico*" – 4M)
- **Fraca (EF)** – Diz respeito ao reconhecimento da sua fraqueza num determinado domínio. (ex.: "*Há pessoas mais forte e eu, nesse aspecto, não sou assim muito*" – 3M)
- **Humildade (EH)** – Caracterização de si como uma pessoa humilde. (ex.: "*humildade, modéstia à parte*" – 3H)
- **Inflexível (EI)** – Caracterização de si como sendo uma pessoa inflexível com os outros. (ex.: "*eu sou um bocadinho inflexível*" – 5M)
- **Insegura (EIS)** – Diz respeito ao reconhecimento de sentimentos de insegurança para lidar com determinadas situações. (ex.: "*pensar que não tinha capacidade (...) para criar filhos*" – 1M)
- **Líder (EL)** – Reconhecimento do seu papel de liderança da família. (ex.: "*sou eu que conduzo*" – 5M)
- **Maternal (EM)** – Comentários e referências a situações que denotam atitudes maternas em relação aos outros exteriores ao casal. (ex.: "*eu era quase a mãe da minha irmã*" – 1M)
- **Maturidade Precoce (EMP)** – Refere-se à descrição de si como tendo amadurecido precocemente. (ex.: "*amadureci bastante cedo*" – 3M)
- **Mediana (EME)** - Referência a si como sendo uma aluna mediana. (ex.: "*Nunca fui uma aluna muito, muito brilhante (...) era a mediania*" – 1M)
- **Necessidade de Mudança (ENM)** – Referências que denotam necessidade de mudanças na vida. (ex.: "*talvez um bocadinho mais de mudanças*" – 3M)

- **Nostálgico (EN)** – Referências que denotam sentimentos de nostalgia e valorização do passado. (ex.: "*pus-me a pensar que aquele tempo foi realmente muito bom para mim*" – 7H)
- **Obsessivo (EOB)** – Referências que denotam a existência de traços obsessivos de personalidade. (ex.: "*Sempre fui uma pessoa muito metódica, muito arrumadinho*" – 1H)
- **Orgulhosa (EO)** – Caracterização de si como uma pessoa orgulhosa. (ex.: "*sempre fui muito orgulhosa*" – 7M)
- **Paciente (EPC)** – Referência que denotam ser uma pessoa paciente. (ex.: "*Tenho muita paciência*" – 3H)
- **Passivo (EPA)** – Referências a situações que denotam passividade perante os conflitos com os outros externos ao casal. (ex.: "*sou capaz de engolir em seco*" – 4H)
- **Preocupada (EPR)** – Caracterização de si como uma pessoa preocupada. (ex.: "*sou uma pessoa um bocado preocupada*" – 3M)
- **Prestadora de Cuidados (EPC)** – Refere-se ao reconhecimento da sua apetência como prestadora de cuidados dos outros exteriores ao casal. (ex.: "*eu sou muito das regras e do bem-estar*" – 3M)
- **Prestável (EP)** – Caracterização de si como uma pessoa prestável ou voluntariosa. (ex.: "*eu gosto de ajudar, acho que tenho esse dom*" – 4M)
- **Protectora (EPO)** – Referências que denotam ser uma pessoa preocupada com a segurança de outros exteriores ao casal. (ex.: "*eles dizem tudo, para onde vão, onde estão*" – 4M)
- **Rancorosa (ERN)** – Referências que denotam ser uma pessoa rancorosa e com dificuldades em esquecer situações de conflito com outros. (ex.: "*perdoe mas não esqueço*" – 7M)
- **Reservado (ERE)** – Caracterização de si como sendo uma pessoa reservada e com dificuldades em expressar os seus sentimentos. (ex.: "*sou uma pessoa reservada*" – 7H)
- **Responsável (ER)** – Caracterização de si como sendo uma pessoa responsável. (ex.: "*eu já era muito responsável*" – 1M)
- **Romântica (ERO)** – Caracterização de si como uma pessoa romântica ou com tendência para a idealização. (ex.: "*eu era demasiado romântica*" – 7M)
- **Sensata (ES)** – Caracterização de si como uma pessoa sensata. (ex.: "*muito sensata e que era ajuizada*" – 3M)
- **Sensível (ESV)** – Caracterização de si como uma pessoa sensível e susceptível a sentir-se ofendida pelos outros. (ex.: "*era muito sensível*" – 7M)

- **Sentimental (ESE)** – Caracterização de si como sendo uma pessoa sentimental. (ex.: "*sou uma pessoa muito sentimental*" – 3H)
- **Sociável (ESO)** – Referência que indicam ser uma pessoa sociável. (ex.: "*eu sou a rainha da festa*" – 7M)
- **Tolerante (ET)** – Caracterização de si com sendo uma pessoa tolerante. (ex.: "*sou uma pessoa extremamente tolerante*" – 3H)
- **Valorização Amizade (EVA)** – Referências que denotam a grande importância que a amizade tem para si. (ex.: "*Sou muito amigo do meu amigo*" – 3H)
- **Valorização Família (EVF)** - Referências que denotam a grande importância que a família tem para si. (ex.: "*É um benefício viver ao pé da família*" – 6H)
- **Valorização Moralidade (EVM)** – Referências que denotam a grande importância que a estruturação moral dos outros tem para si. (ex.: "*moralmente eles são bem estruturados*" – 1M)
- **Valorização Pessoal (EVP)** – Referência que indicam ser uma pessoa preocupada com a sua valorização. (ex.: "*eu tive sempre muita sede de saber*" – 7M)

Como Mudei (EM)

Diz respeito identificação feita pelos membros do casal das características da sua personalidade ou da sua vivência pessoal que se alteraram ao longo da relação com o outro.

Divide-se em subcategorias que indicam:

- **Crescimento** pessoal;
- Mudança no sentido de uma maior **fragilidade**;
- Mudança no sentido do seu **isolamento** do que é exterior ao casal.

Subcategorias:

- **Maior Liberdade (EML)** – Referências que indicam mudança na vivência no sentido de ter maior disponibilidade para realizar as suas actividades pessoais. (ex.: *"Agora eu já tenho mais liberdade [reforma]"* – 1H)
- **Mais Ansiosa (EMA)** – Reconhecimento de mudança no sentido de se sentir mais ansiosa. (ex.: *"vai ficando um bocadinho mais ansiosa"* – 3M)
- **Mais Caseiro (EMCS)** - Referências que indicam mudança na vivência no sentido da redução de saídas em benefício do tempo que está em casa. (ex.: *"com o nascimento da minha filha, mais agarrado fiquei à casa"* – 7H)
- **Mais Comunicativa (EMC)** – Referências que indicam mudança no sentido de ter maior facilidade em comunicar aspectos da sua intimidade com os outros. (ex.: *"Depois de ter ido ao psicólogo (...) sou capaz de falar da minha vida íntima"* – 7M)
- **Mais Deprimida (EMD)** - Referências que indicam mudança no sentido de se ter tornado numa pessoa mais deprimida. (ex.: *"de há 4 anos para cá, até me fui muito a baixo, muito, fisicamente, mentalmente"* – 3M)
- **Mais Sentimental (EMS)** - Reconhecimento de mudança no sentido de se ter tornado numa pessoa mais sentimental. (ex.: *"tornamo-nos muito mais (...) sentimentais com a idade"* – 3M)
- **Menor Ansiedade (EMMA)** – Reconhecimento de mudança no sentido de se ter tornado numa pessoa menos ansiosa. (ex.: *"não era nada disto porque era ansiosa"* – 4M)
- **Menos Boémia (EMMB)** – Reconhecimento de mudança no sentido de ter deixado de ter interesse em sair à noite. (ex.: *"cansei-me [de sair à noite]"* – 5M)
- **Menos Caprichosa (EMMC)** - Reconhecimento de mudança no sentido de se ter tornado numa pessoa menos caprichosa. (ex.: *"menos caprichosa"* – 5M)

- **Menos Sociável (EMMS)** – Referências que indicam mudança na vivência no sentido de se ter tornado numa pessoa menos sociável e isolada dos amigos. (ex.: "*a princípio a gente ainda fazia uns almoços (...) isso ia acabar*" – 7H)
- **Valorização Pessoal (EMVP)** – Referência a actividades que provocaram mudanças em si no sentido da sua valorização. (ex.: "*achei que devia ter algum tempo para mim, para zelar pela minha saúde*" – 1M)

Como o Outro é (O)

Diz respeito à percepção que os membros do casal tem das características do outro .

Subdivide-se em subcategorias que denotam:

- **Rigidez** de carácter:

- Característica **facilitadora** da relação com o outro membro do casal;
- Característica **dificultadora** da relação com o outro membro do casal;

- **Afectividade**:

- Característica **facilitadora** da relação com o outro membro do casal;
- Característica **dificultadora** da relação com o outro membro do casal;

- **Passividade**:

- Característica **facilitadora** da relação com o outro membro do casal;
- Característica **dificultadora** da relação com o outro membro do casal;

- **Actividade** e iniciativa;

- **Sociabilidade**;

- **Idealização** das características do outro;

- Apenas considerada, pelos membros do casal, como característica **facilitadora** da relação com o outro;

- Outro considerado como **valorizante** de si:

- Apenas considerada, pelos membros do casal, como característica **facilitadora** da relação com o outro;

- **Fragilidade**:

- Apenas considerada, pelos membros do casal, como característica **dificultadora** da relação com o outro;

Subcategorias:

- **Admirador (OAD)** – Referências que indicam o reconhecimento do outro como admirador de si. (ex.: "*o meu marido lhe vai dizer que (...) eu sou excepcional*" – 7M)

- **Afectuoso (OAF)** – Refere-se ao reconhecimento do outro como sendo afectuoso. (ex.: "*muitíssimo afectuoso*" – 1M)

- **Agressivo (OAG)** – Diz respeito ao reconhecimento de atitudes agressivas no outro. (ex.: "*o meu marido, às vezes, é um bocadinho agressivo*" – 1M)
- **Alheado (OAL)** – Referências que indicam o reconhecimento do outro como sendo uma pessoa alheada à vida familiar ou conjugal. (ex.: "*Está no mundo dele*" – 5M)
- **Ambicioso Profissionalmente (OAP)** – Refere-se ao reconhecimento do outro como ambicioso nas questões relacionadas com a sua vida profissional. (ex.: "*ele era ambicioso ao nível do trabalho*" – 7M)
- **Amorfo (OAM)** – Descrição do outro como sendo uma pessoa amorfa. (ex.: "é amorfo" – 7M)
- **Arrogante (OA)** – Reconhecimento de traços de arrogância no outro. (ex.: "*apercebi que o meu marido era arrogante*" – 7M)
- **Autoritário (OAU)** – Referências que indicam o reconhecimento de traços de autoritarismo no outro. (ex.: "*estilo mandão*" – 7M)
- **Boa Pessoa (OBP)** – Refere-se ao reconhecimento do outro como sendo uma pessoa com bom carácter ou bom coração. (ex.: "*ela também é uma pessoa com bom carácter*" – 1H)
- **Bom Ouvinte (OBO)** – Refere-se ao reconhecimento da capacidade do outro para ouvi-lo. (ex.: "*ouve, mas ouve*" – 5M)
- **Cavalheiro (OCV)** – Descrição do outro como sendo cavalheiro consigo e com os outros. (ex.: "*É cavalheiro*" – 7M)
- **Comunicativa (OC)** – Reconhecimento da capacidade do outro para comunicar ou do facto do outro ser falador. (ex.: "*a minha mulher conversa muito bem*" – 7H)
- **Criativo (OCR)** – Descrição do outro como sendo uma pessoa criativa. (ex.: "*uma pessoa muito criativa*" – 5M)
- **Desculpabilizante (ODC)** – Referências que indicam o reconhecimento do efeito do outro como desculpabilizante de si. (ex.: "*faz-me aligeirar a vida*" – 1M)
- **Equilibrado (OE)** – Reconhecimento do outro como sendo uma pessoa com uma personalidade equilibrada. (ex.: "*Ele é um bocadinho mais equilibrado*" – 3M)
- **Especial (OES)** – Descrição do outro como sendo uma pessoa única e especial para si. (ex.: "*O meu marido é também uma pessoa muito especial para mim*" – 4M)
- **Espiritual (OEP)** – Reconhecimento do outro como sendo uma pessoa espiritual. (ex.: "*ele também é uma pessoa muito espiritual*" – 4M)
- **Explosiva (OEX)** – Refere-se ao reconhecimento do outro como sendo mais explosiva na manifestação dos seus afectos. (ex.: "*ela é mais explosiva*" – 4H)

- **Família Destruída (OFD)** – Referências que indicam que a família de origem do outro é ou foi uma família destruída. (ex.: *"foi sempre assim um pouco contra o pai porque não ajudou a criar os filhos"* – 6M)
- **Impaciente (OIP)** – Referências que indicam o reconhecimento do outro como sendo uma pessoa impaciente. (ex.: *"ele é uma pessoa nervosa (...) quer sempre tudo muito rápido"* – 6M)
- **Incompetente (OIC)** – Referências que indicam o reconhecimento de incompetência profissional no outro. (ex.: *"ele já trabalhava nos seguros e o indivíduo que nos bateu sem sequer acabou por pagar"* – 1M)
- **Infantil (OIF)** – Referências que indicam o reconhecimento de traços de infantilidade no outro. (ex.: *"tem 55, às vezes parece que tem 15"* – 5M)
- **Inteligente (OI)** – Descrição do outro como sendo uma pessoa capaz de atitudes inteligentes. (ex.: *"salvou-se porque a minha mulher também foi inteligente"* – 6H)
- **Masoquista (OMQ)** – Descrição do outro como sendo uma pessoa masoquista. (ex.: *"és masoquista."* – 4M)
- **Meiga (OM)** – Descrição do outro como sendo uma pessoa meiga no contacto consigo e com os outros. (ex.: *"é uma mulher meiga"* – 6H)
- **Nervoso (ONE)** – Referências que indicam o reconhecimento de nervosismo e ansiedade no outro. (ex.: *"emagreceu-me (...) porque o sistema nervoso afectou-o"* – 4M)
- **Nostálgico (ON)** – Referências que denotam sentimentos de nostalgia e valorização do passado por parte do outro. (ex.: *"somos um bocado assim agarrados (...) às recordações"* – 3M)
- **Obsessivo (OOB)** – Referências que indicam o reconhecimento de traços de personalidade obsessivos no outro. (ex.: *"é todo muito arrumado, muito limpo, gosta da mesa muito bem posta"* – 3M)
- **Orgulhosa (OO)** – Caracterização do outro como sendo uma pessoa orgulhosa em situações de conflito. (ex.: *"não gosta de dar o braço a torcer"* – 7H)
- **Passivo (OPA)** – Referência que sugerem o reconhecimento de passividade no outro na relação consigo e/ou com os outros. (ex.: *"não é capaz de dizer não a nada nem a ninguém"* – 4M)
- **Pouco Exigente (OPEX)** – Caracterização do outro como sendo uma pessoa pouco exigente consigo e com os outros. (ex.: *"não é uma pessoa (...) muito exigente nesse aspecto"* – 3M)

- **Pouco Sensível (OPS)** – Diz respeito ao reconhecimento no outro de atitudes que revelam pouca sensibilidade em relação a si ou aos outros. (ex.: "*ele também não foi sensível*" – 7H)
- **Prendada (OPR)** – Refere-se ao reconhecimento das capacidades do outro para a execução das tarefas domésticas. (ex.: "*boa dona de casa*" – 4H)
- **Prestável (OP)** – Refere-se ao reconhecimento da disponibilidade e capacidade do outro para ajudá-lo a si ou aos outros. (ex.: "*sempre foi uma pessoa prestável*" – 7M)
- **Reservado (ORE)** – Referências que indicam reconhecimento de dificuldades de comunicação ou expressão de emoções do outro ou do facto de comunicar pouco consigo e com os outros. (ex.: "*ele é uma pessoa que fala muito pouco*" – 7M)
- **Rigorosa (OR)** – Referências que indicam o reconhecimento da capacidade de rigor do outro. (ex.: "*Ela é capaz de ser mais certa nestas coisas que eu*" – 1H)
- **Rotineiro (ORO)** – Descrição do outro como sendo uma pessoa rotineira. (ex.: "*um bocadinho mais rotineira que eu*" – 3M)
- **Sádico (OSA)** - Referências que indicam o reconhecimento de sadismo nas atitudes do outro em relação a si ou aos outros. (ex.: "*ele às vezes gosta de ferir um bocadinho*" - 7M)
- **Saúde Frágil (OSF)** – Reconhecimento da fragilidade da saúde do outro. (ex.: "*a minha mulher é um bocado doente*" – 6H)
- **Sensato (OS)** - Descrição do outro como sendo uma pessoa sensata. (ex.: "*mais sensata*" – 2M)
- **Sensível (OSI)** - Caracterização do outro como sendo uma pessoa sensível e susceptível de se sentir ofendido por si ou pelos outros. (ex.: "*ele é muito sensível*" – 4M)
- **Sentido de Humor (OSH)** – Reconhecimento de sentido de humor no outro. (ex.: "*ele tem algum sentido de humor*" – 5M)
- **Sentimental (OSE)** – Refere-se ao reconhecimento do outro como sendo uma pessoa sentimental. (ex.: "*um bocado assim agarrados a sentimentalismos*" – 3M)
- **Sociável (OSO)** – Referências que indicam o reconhecimento da capacidade e vontade do outro de se relacionar com os outros exteriores ao casal. (ex.: "*gosta de fazer amizades*" – 7H)
- **Sossegada (OSS)** – Caracterização do outro como sendo uma pessoa sossegada. (ex.: "*muito sossegada*" – 6H)
- **Teimosa (OT)** – Refere-se ao reconhecimento de teimosia no outro. (ex.: "*A minha mulher é um bocadinho teimosa*" – 6H)

Como Mudou (OM)

Diz respeito identificação feita pelos membros do casal das características da personalidade do outro ou da sua vivência pessoal que se alteraram ao longo da relação.

Divide-se em subcategorias que indicam:

- Mudança no sentido da **autonomia** do outro em relação a si ou a outros;
- Mudança na **vivência** do outro:
 - Mudança **positiva** para a relação;
 - Mudança **negativa** para a relação;
- Mudança no sentido do seu **isolamento** do outro em relação ao que é exterior ao casal.

Subcategorias:

- **Crescimento (OMC)** – Reconhecimento da mudança no outro no sentido do crescimento pessoal. (ex.: *"foi um crescer para ele [a morte da mãe]"* – 1M)
- **Maior Abertura (OMA)** – Reconhecimento da mudança no outro no sentido de se ter tornado numa pessoa mais aberta na comunicação consigo e com os outros. (ex.: *"agora está muito mais aberto"* – 4M)
- **Mais Atento (OMAT)** – Reconhecimento da mudança no outro no sentido de se ter tornado numa pessoa mais atenta a si e à família. (ex.: *"ele tornou-se mais atento"* – 7M)
- **Mais Comunicativo (OMCO)** – Referências que indicam o reconhecimento do aumento da capacidade de comunicação do outro. (ex.: *"ele agora também é mais comunicativo"* – 2M)
- **Mais Dependente (OMD)** - Referências que indicam o reconhecimento do aumento da dependência do outro em relação a si ou aos outros. (ex.: *"ele foi tão vivido (...) até se casar e agora é um atado"* – 7M)
- **Menos Sociável (OMMS)** - Referências que indicam o reconhecimento da mudança do outro no sentido de se ter tornado numa pessoa menos sociável. (ex.: *"o meu marido reformou-se e perdeu os contactos"* – 7M)
- **Mais Participativo (OMP)** – Refere-se ao reconhecimento de um aumento da participação do outro nas tarefas da vida do casal. (ex.: *"Ele agora já vai tomando, já faz uns levantamentos no Banco..."* – 5M)
- **Mais rápido (OMR)** - Refere-se ao reconhecimento de um aumento do ritmo individual do outro. (ex.: *"se calhar já não precisa de tanto tempo como precisava"* – 2M)

- **Menos Boémio (OMMB)** - Refere-se ao reconhecimento da diminuição ou extinção de saídas à noite do outro. (ex.: *"no dia em que se casou, imediatamente cortou com tudo"* – 7M)

- **Menos Ciumento (OMMC)** - Referências que indicam o reconhecimento da diminuição ou extinção de sentimento de ciúme de si por parte do outro. (ex.: *"era, já não é, mas era muito possessivo"* – 4M)

- **Menos Paciente (OMMPA)** – Referências que indicam o reconhecimento da mudança do outro no sentido de se ter tornado menos paciente com os outros. (ex.: *"faltava um bocadinho às vezes a paciência, pronto, mais até nestes últimos anos"* – 3M)

- **Menos Pessimista (OMMP)** - Refere-se ao reconhecimento da mudança do outro no sentido de se ter tornado numa pessoa menos pessimista. (ex.: *"já foi mais pessimista"* – 3M)

ANEXO F

Exemplo tabela de análise casal (Casal 6)
(tabelas completas em Anexo H)

ANEXO G

Resumo tabela de análise comparativa homens e mulheres
(tabela completa em Anexo I)

Categorias	Subcategorias			Latente	M	O.	H	O.
Relação								
Caracterização Relação								
Passado	Encantamento	Impulsivos	Aproximação		"eu gostava dele"	2		
	Atracção física					"ela era muito jeitosa"	2	
	Iniciativa					"pedi-lhe em namoro"	1	
	Iniciativa do Outro	Construídos			"mas daí ele escreveu-me logo"	1		
	Aprovação exterior	Exterior			"Aceitaram sempre tudo"	1	"Fui muito bem recebido pelos meus sogros"	1
	Ambivalência	Interiores	Afastamento		"disse-lhe que não, que não pensava em nada"	2		
	Assimetria				"foi o único que eu namorei"	1		
	Sem Intimidade				"a gente conhecia-se pouco"	1		
	Separação	Exterior			"foi um namoro muito chato, foi só por carta"	2	"continuámos a namorar por cartas"	1
	Presente	Interdependência	Indiferenciação	Positivos		"Tu precisas de mim, eu preciso de ti"	1	
Confusão de identidade		anaclítica				"mas a minha mulher lê por mim"	1	
Exemplar		idealização				"se os outros fossem assim, era uma maravilha"	1	
Prestação de cuidados		Diferenciação	Maternal		"Nunca me faltou com nada em casa"	1	"Fazer o comer, a roupinha tudo sempre em condições"	2
Divisão de tarefas			Complementaridade		"estas coisas assim decido eu"	1	"cá em casa é a minha mulher (...) eu é que tomo decisões ao nível dos negócios"	1
Dependência Eu-»Outro		Diferenças Individuais	Negativos		"Nunca aprendi assim muito o inglês (...) era só lidar com as miúdas e com ele"	1		
Futuro								
O Casamento	Necessidade contenção	Racionais	Motivos				"já estava cansado daquela vida (...) está na altura de assentar"	1
	Tarefas domésticas					"Lavagem de roupa, as mulheres têm outro cuidado"	1	
	Necessidades Afectivas	Afectivos		Dependência			"não tem carinho, não tem conforto"	2
	Amor				"gostávamos um do outro"	1	"gostávamos um do outro"	1
	Ambivalência	Negativa	Avaliação		"só namorámos três meses, foi muito pouco tempo"	1	"era muito novinho"	2

Pontos de Contacto	Amor	Afectivos			"Também [gosto]. Sim, sim"	1		
	Amizade						"Somos amigos um do outro"	1
	Ideais	Características Pessoais					"não fumava (...) "Olha esta mulher que fuma não gosto""	1
	Entendimento	Interna	Vivência				"foi tudo muito fácil (...) com a minha mulher"	1
	Apoio						"ela olha por mim se eu tiver algum problema e eu olho por ela"	2
	Partilha						"acompanhamo-nos um ao outro"	1
	Educação filhos	Externa					"Sempre estivemos de acordo"	1
	Planeamento familiar				"nós queríamos ter outro filho"	1	"Depois pensámos na segunda"	1

Pontos de Divergência	Falta de apoio	Interna	Vivência		"aquilo tudo diferente e tudo novo e ele não tinha assim muita paciência"	1		
	Dependência Outro-»Eu			Identificação Projectiva	"eu faço-te mais falta a ti do que tu me fazes a mim"	1		
	Relação Outro e Sogros	Externa		Rivalidade	"foi por causa da mãe dele, que ele era muito pela mãe"	2		
	Prioridades				"Então e não passas um dia sem ir?"	1		
	Educação filhos			Opiniões Opostas	"custava-me as miúdas quererem ir (...) mas ele era (...) de não deixar"	1		
	Projectos			Desejos Opostos	"Ele só queria vir, só queria vir, mas eu não queria"	5	"pensámos em vir embora (...) a minha mulher não estava assim muito inclinada em vir"	2
	Planeamento familiar			Desejos Opostos	"Ele queria logo ter bebés (...) eu tinha tempo"	2	"eu gostava de ter mais filhos (...) A minha ,mulher é que não"	2
	Gestão da casa			Controlo/ Identificação Projectiva	"ele "Ah, agora não" "É agora porque senão este dinheiro desaparece"	2	"Podia ter tomado certas decisões (...) mas depois chegava a casa"	1

Reacção ao Conflito	Cedência do Outro		"e depois ele gostou"	1		
---------------------	-------------------	--	-----------------------	---	--	--

Cedência	Resolução Conflito				"eu já estou convencido que ficarei por aqui"	1	
Perdão					"A gente vai-se desculpando um ao outro"	1	
Análise Conflito				"Falandor, falando"	1	"então a gente conversa"	1
Ultimato	Controlo	Não Resolução		"Fica cá que eu vou" [marido]	1		
Imposição					"cortei o mal pela raiz "Não, vamos embora agora""	1	
Resolução rápida	Impulsividade				"posso-me zangar, mas é uma questão de horas (...) Depois disso passa tudo"	3	
Humilhação	Passividade			"a gente deixa-se pisar às vezes"	1		
Culpabilização do Outro				"eu nunca quis (...) "As minhas ideias que tinha, nunca fiz aquilo que quis" [marido]"	2	"eu ia pela cabeça dela e depois arrependia-me"	1
Evitamento				"eu calo-me, às vezes, não digo nada"	2	"Mas eu sei que é assim, mas digo-lhe "Está bem, é verde""	1

Reacção à Separação	Defesas contra a separação	Racional	Identificação projectiva			"nunca queria dar o mau exemplo aos maridos delas"	1
	Angústia de Separação	Emotivo		"aquela ansiedade dele vir (...) eu estava ansiosa por ir"	2	"estava era desejoso que o tempo passasse e que a minha mulher fosse"	1
	Inconcebível	Dependência		"nunca tivemos razões para a gente se separar"	1	"não havia motivo"	1
	Dificuldade Separação			"Vais entregar as filhas a alguém?" "Não!", eu nunca quis"	3	"sinto a falta das minha filhas"	3

Marcos Casamento	Casamento	Internos			"O dia do casamento, pois, foi importante"	1	"quando se realiza o casamento, enfim, é uma felicidade"	1
	Reencontro				"Foi um dos mais marcantes"	1	"Chegei cá, a minha mulher estava uma rapariga muito jeitosa"	1
	Problemas Saúde do Outro	Individuais	Externos				"quando estava de bebé, as coisas não correram assim muito bem"	4
	Nascimento filhas	Terceiros			"o nascimento das filhas"	2		
	Doença Familiares						"foi envenenada (...) isto foi uma coisa muito marcante"	1

Como evoluiu	Adaptação	Gradual	Ritmo		"Fui-me ambientando cá"	2	"a gente vai-se entendendo"	1
---------------------	-----------	---------	-------	--	-------------------------	---	-----------------------------	---

	Intermitente	Variável			"altos e baixos"	1		
	Maior dependência	Aproximação	Relacionamento	Idade	"Nós agora é que precisamos um do outro"	1		
	Resolução conflito			Relação Outro Sogros	"Depois ela foi para o lar (...) e depois já melhorou"	1		
	Maior união			Saída Filhos	"aproximámo-nos mais"	2		
	Maior conhecimento						"a gente a namorar vai-se conhecendo"	1
	Responsabilização do Outro	Neutro	Vivência		"Eu dantes ainda cedia a isso, agora é que estou um bocadinho mais..."	1		
	Maior disponibilidade	Aproximação		Mudança País	"Até estava mais tempo em casa aqui do que na África do Sul"	3		
	Mudança Preocupações	Neutro		Nascimento Filhos			"faz-nos pensar mais no futuro"	1

Papel dos filhos	Mostrar Falhas Outro	Aspectos Negativos	Reveladores		"o meu marido era assim um bocadito para o duro"	1		
	Limitador	Dificultador	Interferência Vivência		"a gente estaria mais um ano ou dois para ao menos eu ir livre"	1		
	Responsabilidade	Neutro				"uma pessoa tem, pronto, outra responsabilidade "		1
	Aliadas	Interferência Conflito		Projecção/ Rivalidade	"Nem as minhas filhas queriam vir para cá"	5		
	Aliada das filhas				"então mas ela disse que vinha às tantas horas!"	1		
	Imposição vontade			competição	"Ah, queres ir para Portugal? Mas eu quero ter outro filho"	2		
	Desilusão	Não Correspondência	Plano Ideal	Desejo filho rapaz	"foi outra menina mas ela teve lugar também"	1	"a Sandra podia ter estudado mais"	2
	Insuficiente					"gostava de ter mais um filho"		1

Papel netos	Filhos	Equivalentes a Filhos			"eu criei-o"	1		
	Espelho das filhas						"estamos a ver os netos mas estamos a ver as filhas"	2
	Preocupação						"preocupo-me muito"	1
	Ideal			Possibilidade e reparação	"eu gostava que a Sandra tivesse outro bebé"	1	"O primeiro foi um menino (...) gostava de ter um filho rapaz"	1
	Proximidade	Interferência Vivência			"Mas ainda cá vêm muitas vezes"	1		
Papel Pais	Preocupação	Dificultador	Interferência Vivência				"tinha cá a minha mãe velhota"	1

	Aliados	Difícultador	Interferência Relação		"pessoas que vinham cá a casa gostavam, da minha família. A minha mãe"	1		
--	---------	--------------	--------------------------	--	--	---	--	--

Papel sogros	Entendimento	Positiva	Interferência Individual			"muito meus amigos e eu amigo deles"	1
	Ambivalência	Negativa			"gostava da minha sogra, só que havia assim estas pequenas coisas"	1	
	Distantes	Neutro	Interferência Vivência			"Eu fui à América, estive com os meus sogros"	1

Papel amigos	Desconfiança		Ameaçadores	Do Outro/Própri os (Ciúme)	"vejo-o a ele com duas senhoras amigas (...) eu não conhecia"	1	"se for preciso um rouba a mulher do outro"	1
	Comuns		Não Ameaçadores		"os mesmos amigos"	1	"vieram a conhecê-la"	1

Eu

Como sou	Valorização família	Facilitador		Necessidade integração		"É um benefício viver ao pé da família"	1
	Conservador	Dificultador		Rigidez			"a virgindade da mulher (...) não querem autorizar o casamento gay. E acho que sim"
	Dificuldade envelhecimento	Desvalorização		Negação			"Faço de conta que tenho agora 40 anos ou 50"

Como mudei	Valorização Pessoal	Crescimento			"tinha o meu carrinho, tirei a carta"	1		
------------	------------------------	-------------	--	--	---	---	--	--

Outro

Como é	Inteligente	Facilitador	Rigidez			"salvou-se porque a minha mulher também foi inteligente"	1
	Teimosa	Difícultador				"é um bocadinho teimosa"	2
	Meiga	Facilitador	Afectividade			"é uma mulher meiga"	1
	Impaciente	Difícultador			"ele é uma pessoa nervosa (...) quer sempre tudo muito rápido"	1	
	Sossegada	Facilitador	Passividade			"muito sossegada"	1
	Prendada	Facilitador	Actividade			"Ela faz muito bem comer"	1
	Família destruturada	Difícultador	Fragilidade		"foi (...) contra o pai porque não ajudou a criar os filhos"	1	
	Saúde frágil					"é um bocado doente"	1

Como mudou								
------------	--	--	--	--	--	--	--	--

Caracterização Relação: Passado			
Aproximação	Impulsivos	21%	18%
	Construídos	15%	36%
	Exteriores	6%	8%
Afastamento	Interiores	32%	10%
	Exteriores	26%	28%

Caracterização Relação: Presente			
Positivos	Indiferenciação	49%	55%
	Diferenciação	16%	21%
Negativos	Relação	19%	16%
	Diferenças Individuais	16%	8%

Caracterização Relação: Futuro		
Afastamento	60%	50%
Aproximação	40%	50%

O Casamento			
Motivos	Racionais	15%	29%
	Afectivos	24%	24%
	Impostos	21%	6%
Condições	Facilitadoras	9%	29%
	Dificultadoras	9%	
Avaliação	Positiva	3%	
	Negativa	18%	9%

Pontos de Contacto			
Afectivos		19%	20%
Características Pessoais		15%	9%
Vivência	Interna	61%	54%
	Externa	5%	14%

Pontos de Divergência			
Afectivos		5%	3%
Características Pessoais		24%	31%
Vivência	Interna	39%	26%
	Externa	33%	41%

Reacção ao Conflito			
Resolução Conflito		18%	25%
Não resolução	Controlo	11%	5%
	Impulsividade	14%	16%
	Passividade	54%	52%
	Distorção	2%	2%
Como evoluiu			

Reacção à Separação		
Racional	14%	20%
Emotivo	31%	20%
Dependência	53%	53%
Distorção	3%	7%

Marcos da Relação	
-------------------	--

Ritmo	Constante	9%	9%
	Gradual	13%	16%
	Variável	11%	2%
Afectos	Aproximação	2%	
	Afastamento	4%	2%
	Neutro	1%	
Relacionamento	Aproximação	34%	25%
	Afastamento	12%	11%
	Neutro	2%	
Vivência	Aproximação	6%	2%
	Afastamento	1%	5%
	Neutro	6%	27%

Internos		19%	19%
Externos	Do Casal	13%	8%
	Individuais	21%	31%
	Terceiros	47%	42%

Papel Filhos			
Reveladores	Aspectos Positivos	14%	16%
	Aspectos Negativos	16%	
	Neutros	9%	10%
Interferência Vivência	Facilitadores	3%	3%
	Dificultadores	23%	35%
	Neutros	1%	6%
Interferência Conflito		21%	6%
Plano Ideal	Correspondência	5%	6%
	Não Correspondência	7%	16%

Papel Netos		
Equivalentes a Filhos	47%	64%
Interferência Pessoal	20%	9%
Interferência Vivência	27%	27%
Interferência Relação	7%	

Papel Amigos		
Ameaçadores	35%	60%
Não Ameaçadores	20%	40%
Reveladores	45%	

Papel Pais			
Interferência	Positiva	8%	44%

Papel Sogros			
Interferência	Positiva	2%	6%

Individual	Negativa	24%	
Interferência Vivência	Facilitador	14%	33%
	Dificultador	10%	11%
	Neutro	5%	11%
Interferência Relação	Dificultador	37%	

Individual	Negativa	27%	35%
Interferência Vivência	Facilitador	9%	18%
	Dificultador	11%	6%
	Neutro	9%	29%
Interferência Relação	Dificultador	42%	6%

Como Sou			
Rigidez	Facilitador	10%	9%
	Dificultador	9%	22%
Sociabilidade	Facilitador	11%	9%
	Dificultador		19%
Passividade	Facilitador	1%	3%
	Dificultador	8%	22%
Afectividade	Facilitador	12%	13%
	Dificultador	2%	
Actividade	Facilitador	12%	3%
	Dificultador	7%	3%
Idealização	Facilitador	7%	3%
Desvalorização		20%	16%

Como o Outro é			
Rigidez	Facilitador	6%	13%
	Dificultador	29%	13%
Afectividade	Facilitadores	5%	17%
	Dificultadores	5%	4%
Passividade	Facilitador	3%	4%
	Dificultador	21%	
Actividade		2%	13%
Sociabilidade		5%	21%
Idealização	Facilitador	5%	4%
Valorizante	Facilitador	5%	
Fragilidade	Dificultador	17%	13%

Como mudei		
Crescimento	69%	22%
Fragilidade	23%	
Isolamento	8%	78%

Como mudou			
Autonomia	Positivo	6%	
	Negativo	6%	
Vivência	Positivo	63%	
	Negativo	6%	
Isolamento		19%	

Categorias	Subcategorias	Agrupamentos	Latente	M	O.	H	O.	
Relação								
Caracterização Relação								
Passado	Encantamento	Impulsivo	Aproximação		"uma faísca, um amor quase à primeira vista"	1		
	Iniciativa do Outro	Construídos			"ele aproveitou logo a deixa e convidou-me para ir tomar chá"	1		
	Objectivos					"tentar melhorar sempre as condições de vida"	1	
	Centralização filhos	Exteriores	Afastamento				"no início, nós vivíamos mais para os filhos"	1
	Dificuldades financeira				"o meu marido (...) ganhava pouco"	1	"foi difícil porque ela ainda estava a estudar"	1
	Sem intimidade	Interiores			"os namorados não tinham dormido os dois"	2		
	Assimetria				"eu era virgem (...) o meu marido já tinha tido algumas experiências de namoro"	1		
Presente	Desidealização	Relação	Negativo		"Deixamos de ser um só, que é um bocadinho isso que eu acho que o casamento deve ser"	1		
	Necessidade cedências	Diferenças Individuais			"temos de estar sempre, sempre a negociar"	2		
	Maternalização				"demito-me (...) que é para ele sentir essa importância"	1		

	Simetria	Indiferenciação	Positivo	Competição		"Eu também estava ao mesmo nível dela"	1
	Relação Especial					"um casal já com 35 anos (...) Já há poucos"	1
	Resistentes					"temos aguentado muita coisa"	2
	Divisão de Tarefas	Diferenciação			"houve uma partilha grande de tarefas"	2	

Futuro							
---------------	--	--	--	--	--	--	--

O Casamento	Amor	Afectivos	Motivos		"eu estava muito apaixonada e sei que ele também"	1	"gostávamos um do outro"	1
	Necessidade contenção	Racionais					"queria organizar a minha vida"	1
	Costume	Impostos		(Cerimónia)			"na altura as pessoas não viviam em comum"	1
	Condições financeiras	Facilitadoras	Condições				"já tinha mais ou menos o emprego estável"	1
	Aprovação Exterior				"eles não me puseram resistência"	1	"tivemos a ajuda dos pais e casamos"	1
	Ambivalência	Negativa	Avaliação		"Como é que eu vou casar com este indivíduo?"	2	"Foi uma coisa rápida"	1

Pontos de Contacto	Demonstrações afectividade	Afectivos		"as demonstrações de carinho e de afectividade"	1		
	Amor			"um amor a sério, e acho que isso se mantém"	1	"Une-nos o amor"	1
	Honestidade	Características Pessoais			"por muita honestidade"	1	
	Tolerância				"muita tolerância"	1	

Apoio	Interna	Vivência		"interajudávamo-nos bastante"	3		
Investimento				"quando há vontade sempre a sério de que as coisas não se desorganizem"	1		
Apoio Eu-» Outro						"eu ajudo-a muito"	1
Partilha						"eu tento acompanhar, ela também tentou acompanhar-me sempre"	1
Preservação Casal				"saíamos também um bocadinho os dois"	2	"normalmente saímos muito, vamos ver museus..."	1
História	Externa					"O que nos une é os filhos, é a neta, (...) é os amigos, é a família"	1
Planeamento familiar						"quisemos sempre ter dois filhos"	2

Pontos de Divergência	Falta de Reconhecimento	Afectivos	Insatisfação/frustração	"Mas custa porque não vê retribuição"	1		
	Desvalorização Relação	Características Pessoais	Negação de dependência			"mulheres há muitas, vai-te é divertir com os amigos"	1
	Interesses			"Viúva do golfe (...) sinto-me realmente um bocadinho viúva"	5	"Ela agora está mais virada para a música, mas eu não estou muito virado para essas coisas"	2

Individualismo				"ele iria puxar sempre para ele e não tanto para mim"	1	"gosto de ter sempre o meu lugar, (...) a minha vida privada (...) o meu espaço"	2
Falha de Comunicação	Interna	Vivência		"a grande coisa que nos falta é diálogo"	1		
Ignorada pelo Outro				"faz de conta que não ouviu"	4		
Vida sexual insatisfatória			Insatisfação sexual	"está muito cansado, depois diz que não lhe apetece (...) e eu estou nisto"	1		
Falta momentos Casal				"e estarmos os dois sozinhos"	1	"e depois vêm cansados, já não querem fazer nada"	1
Relação Outro e Sogros	Externa	Vivência		"o meu marido (...) demitia-se (...) porque a mãe estava"	2		
Prioridades				"deixei tudo e fui um mês"	2	"até traz os problemas cá para casa e até trabalho"	2
Educação dos Filhos				"nós entrávamos muito em divergência"	1	"há sempre aqueles atritos (...) vai para a escola (...) para onde é que há-de ir"	1

Reacção conflito	Análise Conflito	Resolução Conflito		"agarrávamos num caderno (...) discutia a sério e tentava ver o que estava desequilibrado"	1		
	Iniciativa			"nós é que temos de ir dizer e ir dar um beijinho"	2		

Perdão						"aceitando as coisas menos boas que poderão surgir"	1
Comunicação corporal	Impulsividade	Não Resolução		"toma uma atitude assim muito carinhosa"	2		
Exaltação						"ela, às vezes, exalta-se um bocado"	1
Resolução rápida			Agir	"adoptei esta máxima (...) nunca te deites com o teu marido zangada"	1	"as coisas passam e pronto"	1
Humilhação			"as mulheres têm que se humilhar muitas vezes"	1			
Desculpabilização do Outro	Passividade			"não é para estar a acusar o meu marido porque quase todos são iguais"	4		
Amuo Outro				"ele estava um bocadinho amuado"	1		
Desvalorização						"mas entra por aqui e sai por aqui, não ligo nenhuma"	3
Exclusão do Outro				"acabo por tomar a decisão mas sem conhecimento"	1	"eu também sabia disfarçar bem"	2

Reacção à separação	Cedências	Racional		"fui a coisas que não me interessavam muito só para lhe fazer companhia"	1	"se bem que às vezes (...) já esteja um bocado cansado, mas enfim, mas lá faço"	1
	Depressão	Emotivo		"quando o meu filho casou (...) deu para ficar deprimida"	2		

	Dificuldade separação	Dependência		"mal a gente o pôs naquele [infantário] e a pessoa sai de lá com o coração apertadinho"	3		
--	-----------------------	-------------	--	---	---	--	--

Marcos da Relação	Mudança de casa	Do Casal	Externos		"E fizemos a opção grande de mudar (...) para esta casa"	2			
	Reforma	Individuais			"com a reforma do meu marido, considero que foi uma mudança"	1	"reformei-me"	2	
	Netos	Terceiros			"Mudança para melhoria foi o nascimento da neta"	1			
	Saída dos filhos				"Também o facto dos filhos casarem"	2			
	Doença Familiares				"O facto da minha mãe estar doente também tem sido muito determinante"	1			
	Conflitos com Familiares						"temos um momento (...) negativo (...) por causa das partilhas"	1	
	Perda familiares				"o meu pai morreu a seguir, depois a minha sogra"	2	"a morte das pessoas, dos pais"	1	

Como evoluiu	Intermitência	Variável	Ritmo		"tivemos altos e baixos"	1		
	Fases				"tivemos algumas fases"	1		
	Constância	Constante					"a nossa vida tem decorrido (...) mais ou menos estável"	1

Maior união	Aproximação	Relacionamento	Mudança casa (vitória sobre rival) e Neta	"o planejar a casa foi como se casássemos outra vez, uniu-nos"	2		
Afastamento	Afastamento		Interesses Reforma	"origina que as pessoas se afastem, mesmo entre os casais"	3		
Menor partilha			Interesses	"Porque nós partilhávamos quase tudo (...) resolvi começar a ir aos concertos sozinha""	1	"a Lena gosta agora, meteu-se nestas coisas de música"	1
Menor Tolerância			Saída filhos / Reforma	"estivesse numa fase (...) de difícil aceitação, a tolerância a ser menor"	1	"enervo-me um bocado, às vezes perco aqui a paciência"	1
Maior sobrecarga	Afastamento	Vivência	Reforma			"Como estou mais tempo em casa, ainda abusam"	2
Isolamento Social	Neutro			"As pessoas já não têm com quem falar"	2		

Papel dos filhos	Mostrar qualidades do Outro	Aspectos Positivos	Reveladores		"um pai dedicado"	1		
	Mostrar as falhas Casal	Aspectos Negativos		Culpabilização	"eu acho que nós fomos muito brandos com os nossos filhos"	1		
	Mostrar Falhas Suas			Culpabilização	"pensar que não tinha capacidade , se calhar, para criar filhos"	1		
	Mostrar Falhas Outro				"o meu marido nunca se impôs muito como pai"	3		
	Espelho	Neutros			"Mas os dois (...) estimulavam a relação dos amigos"	2		

	Preocupação	Dificultadores	Interferência Vivência		"eu própria também estava muito assustada"	1	"agora só falta o Ricardo, que é a nossa maior preocupação"	3
	Aliados	Interferência Conflito		Substituição	"Oh filho, devias ter outros interesses, exercício físico (...) no outro [ginásio] onde vou"	1		
	Rivalidade				"é capaz de haver uma certa ciúmeira do casal"	1	"Ela anda sempre à volta do Ricardo"	1
	Ideais	Correspondência	Plano Ideal		"felizmente eles também nunca desviaram muito"	1	"nós até programámos para que fosse rapaz"	1
	Desilusão	Não Correspondência			"tínhamos de estimular os nossos filhos a serem auto-suficientes (...) pedia-me ajuda em muita coisa"	2		

Papel netos	Reparador	Interferência Pessoal			"é como se fosse um renascer (...) nós vamos unir"	2		
	Prestação de Cuidados	Interferência Vivência					"às terças feiras, vou lá buscá-la"	1

Papel Pais	Modelo	Positiva	Interferência Individual		"Adoptei esta máxima (...) a minha mãe disse-me assim"	1		
	Apoio financeiro	Facilitador	Interferência Vivência		"que me ajudavam (...) nalgum dinheiro"	1	"tivemos a ajuda dos nossos pais"	1
	Apoio filhos				"ou os meus pais"	1	"Tivemos sempre a sorte de ou era a minha mãe"	1

	Prisão	Difícultador			"tenho de estar perto dela [mãe] (...) porque eu não estou cá"	1		
	Controlador	Difícultador	Interferência Relação		"o meu pai (...) ia-me ver à saída do liceu para ver se eu tinha ou não algum namorado"	1		
	Conservadores				"os meus pais um bocadinho conservadores"	1		

Papel sogros	Ambivalência	Negativa	Interferência Individual		"ela era muito querida (...) embora, a partir de certa altura"	3		
	Apoio Financeiro	Facilitador	Interferência Vivência	Ambivalência	"ela deve ter hesitado (...) sentiu que eu achava que aquilo era importante"	1		
	Apoio Filhos				"A minha sogra (...) deu uma certa ajuda"	2	"tivemos sempre a sorte (...) ou a minha sogra"	1
	Falta de Apoio Financeiro	Difícultador		Ambivalência	"sabia que ela tinha dinheiro e nunca nos quis emprestar"	1		
	Intrusiva	Difícultador	Interferência Relação	Rivalidade	"presente, muito presente"	3		
	Rivalidade				"disse ao seu filho que até já tinha ciúmes de si"	2		

Papel dos Amigos	Preservação privacidade			Próprios	"não tenho muitas amigas sob o ponto de vista íntimo (...) problemas íntimos"	1		
-------------------------	-------------------------	--	--	----------	---	---	--	--

	Rivalidade	Ameaçadores	Do Outro	"me sinto preterida pelos amigos"	2		
	Desvalorização		Do Outro			"as amizades não são tão profundas nos médicos (...) como na minha"	2
	Exclusão		Comuns	"nem as mulheres vão"	1	"Não, é só homens"	1
	Comparação	Reveladores	Próprios	"eu sei que quase todos são iguais (...) tenho conversado (...) com amigas"	2		

Eu

Como sou	Responsável	Facilitador	Rigidez		"eu já era muito responsável"	1		
	Valorização moralidade				"moralmente eles são bem estruturados"	2		
	Obsessivo	Dificultador					"Sempre fui uma pessoa muito metódica, muito arrumadinho"	1
	Compulsivo						"digo assim "Pronto, eu hoje não vou arrumar nada", mas depois não sou capaz"	1
	Sociável	Facilitador	Sociabilidade				"sou uma pessoa realmente aberta para cobiadas"	1
	Maternal	Facilitador	Afectividade		"eu era quase a mãe da minha irmã"	7		
	Mediana				"Nunca fui uma aluna muito, muito brilhante (...) era a mediania"	1		

	Culpabilização	Desvalorização		"com os meus filhos tentei mas acho que não consegui"	6		
	Insegura			"pensar que não tinha capacidade (...) para criar filhos"	2		

Como Mudei	Valorização Pessoal	Crescimento	(Individualização)	"achei que devia ter algum tempo para mim, para zelar pela minha saúde"	1		
	Maior liberdade		Reforma			"Agora eu já tenho mais liberdade [reforma]"	1

Outro

Como é	Rigorosa	Facilitador	Rigidez			"Ela é capaz de ser mais certa nestas coisas que eu"	1
	Afectuoso	Facilitador	Afectividade		"muitíssimo afectuoso"	1	
	Boa Pessoa					"ela também é uma pessoa com bom carácter"	2
	Agressivo	Difícultador			"o meu marido, às vezes, é um bocadinho agressivo"	1	
	Desculpabilizante	Facilitador	Valorizante		"faz-me aligeirar a vida"	1	
	Incompetente	Difícultador	Fragilidade	Desvalorização profissional	"ele já trabalhava nos seguros e o indivíduo que nos bateu sem sequer acabou por pagar"	1	"ela é incapaz de fazer uma coisa dessas"

Como mudou	Crescimento	Positivo	Autonomia	Perda familiares	"foi um crescer para ele [a morte da mãe]"	1	
-------------------	-------------	----------	-----------	------------------	--	---	--

Categorias	Subcategorias	Agrupamentos	Latente	M	O.	H	O.	
Relação								
Caracterização Relação								
Passado	Atracção física	Impulsivos	Aproximação		"houve uma atracção grande"	1		
	Simpatia	Construídos			"eu simpatizei com ele"	1		
	Amizade					"éramos só amigos"	1	
	Interesses Comuns				"houve logo uma proximidade muito grande em termos ideológicos"	2	"tínhamos alguns interesses políticos similares"	1
	Dificuldades financeiras	Exteriores	Afastamento			"não tínhamos dinheiro"	1	
	Reprovação exterior			Desafio/ Culpabilidade	"os meus pais não acharam muita graça quando eu comecei a namorar com o Rui"	2	"ela ficava lá (...) tinha de ir para casa de uma amiga"	1
Presente	Preservação imagem	Indiferenciação	Positivos		"quando houvesse que chamar a atenção um do outro (...) não falávamos à frente dos filhos"	1		
	Auto-suficientes			Narcísico	"podemos estar perfeitamente os dois sozinhos (...) não nos aborrecemos"	1		
	Exemplar					"a namorada de um dos meus filhos (...) perguntava qual é segredo"	1	

	Divisão de tarefas	Diferenciação	Negativos	Complementaridad e		"sempre dividimos as tarefas"	2
	Preservação individualidade					"não perdendo a minha individualidade"	1
	Necessidade cedências	Diferenças Individuais				"há algumas cedências que se têm de fazer"	1

Futuro	Incerteza	Afastamento		"Agora é assim, depois não sei"	2		
---------------	------------------	-------------	--	------------------------------------	---	--	--

O Casamento	Libertação	Racionais	Motivos		"podermos estar à vontade e não haver pressão de ninguém"	1	"com uns pais conservadores, e era sempre muito complicado"	1
	Vontade Outros	Impostos		(Cerimónia)	"estariamos disponíveis para ir viver juntos sem nos casarmos mas (...) os pais"	1	"resolvemos casar por causa do conservadorismo (...) dos pais dela"	1
	Condições financeiras	Facilitadoras	Condições		"o que ganhávamos já nos permitia ter alguma autonomia em relação aos pais"	1		
	Maturidade						"eramos suficientemente maduros"	1
	Reprovação exterior	Dificultadoras			"pensava casar (...) ela caiu um bocadinho das nuvens"	1		

Pontos de Contacto	Amor	Afectivos			"gostava muito dele"	1	"Eu gosto muito da minha mulher, a minha mulher gosta muito de mim"	1
	Valores				"temos os mesmos valores"	1		

	Complementares	Características Pessoais			"em termos de temperamento, acho que nós jogamos bem"	2	"maneiras de ser um bocadinho diferentes mas que se encaixam uma na outra"	1
	Investimento	Interna	Vivência		"investir (...) tanto em mim como (...) nos aspectos da sedução, da criatividade"	4		
	Partilha			Simbiótico	"o Rui foi uma pessoa que engravidou comigo e isso foi muito bom"	2		
	Preservação casal			filhos ameaça	"os nossos filhos iam ser um acrescento (...) mas nós iamos continuar a existir como casal"	1		
	Apoio				"temo-nos apoiado muito"	1		
	Entendimento				"o convívio sempre foi fácil"	6	"funcionarmos muito bem a todos os níveis"	4
	Tolerância				"foi respeitar o tempo do outro e a maneira de ser do outro"	3	"sermos tolerantes, sermos flexíveis"	2
	Projectos	Externa		"os projectos têm sido comuns"	2			
	Planeamento familiar			"fazia-nos muito sentido naquela altura"	1	"foi uma decisão em conjunto, programada"	2	
Pontos de Divergência	Ritmos diferentes			"irritava-me um bocado porque eu já estava a ver (...) ele depois acaba por chegar lá"	3			

Personalidade	Características Pessoais		"tem a ver com as nossas personalidades diferentes"	3		
Valores			"Há coisas que nos separam, por exemplo, em relação às políticas"	1		
Interesses					"Eu gosto muito de ver futebol (...) a minha mulher não gosta"	1
Não ser Ideal do Outro		Controlo			"eu reagir de uma forma e ela achar que eu devia ter reagido de outra"	1
Ignorada pelo Outro	Interna	Vivência		"eu sentia que estava um bocado ali a falar sozinha"	2	
Falha de Comunicação					"já aconteceu não perceber porque é que ela está chateada"	1
Assimetria					"falamos muito mais sobre as coisas do hospital do que do meu trabalho"	1
Educação filhos	Externa			"na maneira, no dia-a-dia, havia sempre desacordos"	3	
Relação Outro e Pais				"magoava também o facto de não haver grande ligação"	2	
Projectos					"a minha mulher falava em mudar de casa (...) eu achei que não queria mudar"	1

	Gestão da Casa				"as primeiras pegas, das arrumações"	1	"discutíamos (...) dividir as tarefas de casa e esse tipo de coisas"	1
--	----------------	--	--	--	--------------------------------------	---	--	---

Reacção ao Conflito	Cedência	Resolução do Conflito					"quer da minha parte, quer da parte da minha mulher, houve cedências"	1
	Análise conflito			Controlo	"preciso muito de esclarecer as coisas e de ter as coisas muito claras na minha cabeça"	5	"pensámos bem as coisas"	2
	Cedência do Outro				"acaba por concordar"	1	"e a minha mulher adormeceu essa pretensão"	2
	Persistência	Controlo	Não Resolução		"fazia com que eu às vezes fosse muito melga"	1		
	Ultimato			Controlo	"Mas eu assim não quero viver" (...) não me queria ir embora"	1		
	Exaltação	Impulsividade			"claro que me irritava muito"	3		
	Comunicação Corporal				"há uma linguagem muito do corpo (...) dá uma festa"	1		
	Amuo	Passividade			"eu ficava muito amuada"	1		
	Desculpabilização do Outro				"Mas os homens (...) têm uma visão (...) do trabalho doméstico"	2		
	Amuo do Outro						"é capaz de estar umas horas ou um dia sem falar comigo"	1

	Banalização				"e esse tipo de coisas que são banalidades"	1
--	-------------	--	--	--	---	---

Reacção à Separação	Inconcebível	Dependência	Plano ideal		"eu nunca pus essa hipótese"	1
----------------------------	--------------	-------------	-------------	--	------------------------------	---

Marcos da Relação	Viver juntos	Internos		Libertação	"Foi depois o começarmos a viver juntos"	1		
	Início				"a primeira vez que nós demos (...) a mão"	2	"quando começámos a andar um com o outro"	2
	Gravidez	Do Casal	Externos		"E também o período da gravidez"	1	"foi um momento muito marcante (...) irmos ter um filho"	1
	Psicoterapia	Individuais			"eu fiz análise durante dez anos (...) foi muito facilitador da nossa relação"	1		
	Perda Familiares	Terceiros			"sobretudo depois da morte do meu pai"	2		
	Saída dos filhos					"estamos a preparar para deixar de ter filhos em casa"		1
	Nascimento filhos				"Foi o nascimento dos nossos filhos"	1	"em que nasceram os nossos filhos"	1

Como evoluiu	Estabilização	Constante	Ritmo		"já estávamos mais estabilizados como casal"	2		
	Continuidade	Gradual			"estamos sempre a crescer e a mudar"	1		
	Adaptação				"a gente vai moldando"	3	"têm de se ajustar um ao outro"	5

Fases	Variável			"quando nós estamos nestas fases"	1		
Ganho de confiança	Aproximação	Relacionamento	Experiências	"foi ganhando alguma confiança"	1		
Maior tolerância			Psicoterapia	"fomos aprendendo (...) a perceber o outro e a aceitá-lo tal como ele é"	4		
Menos conflitos						"acontece agora com muito menos frequência"	2
Maior conhecimento				"com o tempo também vou percebendo"	6	"conhecemo-nos bem"	1
Afastamento Pontos de Contacto	Afastamento		(Desilusão)	"em termos de ideologia, hoje em dia, temos visões diferentes"	1		
Agravamento Conflito			Perda familiares	"a pouca empatia que havia da parte do Rui em relação à minha mãe, sobretudo depois da morte do meu pai"	1		
Alteração rotinas	Neutro	Vivência	Nascimento/ saída Filhos			"há grandes mudanças nas rotinas"	3

Papel dos filhos	Mostrar Qualidades (Suas)	Aspectos Positivos	Reveladores		"mas mais compreensiva em relação às coisas deles"	2		
	Mostrar Falhas (do Outro)	Aspectos Negativos			"ele bastante mais ríspido, às vezes rígido e ríspido"	3		
	Espelho	Neutros			"o mais velho é mais parecido comigo, é mais emotivo, mais impulsivo"	1		

Acrescento	Facilitadores	Interferência Vivência		"os nossos filhos iam ser um acrescento muito grande à nossa vida"	1		
Limitador	Dificultadores			"o nascimento de uma criança limita muito"	1		
Preocupação				"saber que o bebé ficou e que está bem"	1		
Adaptação						"tivemos que nos adaptar com o nascimento do primeiro"	1

Papel Pais	Modelo	Positiva	Interferência Individual		"generosos [pais] (...) Isto fez com que (...) eu estou sempre pronta"	1		
	Ambivalência	Negativa			"a minha ambivalência às vezes em relação a ela"	2		
	Apoio Filhos	Facilitador	Interferência Vivência		"deixar com os avós"	1		
	Apoio financeiro				"sempre foram muito generosos (...) em relação a dar e facilitar as coisas"	1		
	Tóxica	Dificultador			"não podia passar o tempo todo a chorar (...) tinha de proteger o meu filho"	1		
	Presentes	Neutro			"a relação sempre foi maior com os meus pais"	1		
	Distantes						"não é uma relação muito próxima porque estamos distantes fisicamente"	1

	Conservadores				"os meus pais, sempre embora muito conservadores"	1		
	Controladores	Dificultador	Interferência Relação		"a minha mãe (...) uma pessoa um bocadinho controladora (...) um bocadinho de se vitimizar"	4		

Papel sogros	Modelo do Outro	Negativa	Interferência Individual		"o Rui é mais no sentido da família de origem"	2		
	Tolerância	Negativa					"as pessoas são diferentes e têm de se aceitar como diferentes"	1
	Apoio Filhos	Facilitador	Interferência na Vivência				"o nosso filho ia para casa da mãe dela"	1
	Falta de apoio financeiro	Dificultador			"não tão de facilitar"	1		
	Distantes	Neutro			"mas eu não sei se estivesse perto..."	1		
	Proximidade						"sempre estiveram connosco"	1
	Controladores	Dificultador	Interferência Relação		"provavelmente também tinha lá as fantasias dela"	1		
	Rivalidade				"a partir do momento em que veio [Rui], não pôs mais a hipótese de ir lá para cima"	1		
	Conservadores				"igualmente conservadoras"	1	"com uns pais muito conservadores"	1

Papel amigos	Desvalorização	Ameaçadores	Do Outro (Rivalidade)			"se calhar já jantei com essas pessoas e achei uma chatice"	1
---------------------	----------------	-------------	--------------------------	--	--	---	---

Eu

Como sou	Reservado	Dificultador	Rigidez			"eu sou um bocadinho mais reservado"	1
	Comunicativa				"eu sou muito faladora"	1	
	Prestável	Facilitador	Sociabilidade		"Eu sou uma pessoa mais voluntariosa"	1	
	Criativa				"tenho muitas ideias"	1	
	Aventureira	Facilitador	Actividade		"eu arrisco mais"	1	

Como mudei							
-------------------	--	--	--	--	--	--	--

Outro

Como é	Reservado	Dificultador	Rigidez		"é mais contido, mais reservado"	1		
	Sensato	Facilitador			"mais sensata"	2		
	Comunicativa	Sociabilidade					"ela de facto fala"	1

Como mudou	Mais rápido	Vivência		"se calhar já não precisa de tanto tempo como precisava"	1	
	Mais Comunicativo			"ele agora também é mais comunicativo"	1	

Categorias	Subcategorias	Agrupamentos	Latente	M	O.	H	O.	
Relação								
Caracterização Relação								
Passado	Encantamento	Impulsivo	Aproximação		"o grande amor do início e a paixão"	2		
	Amizade	Construídos					"era uma amizade"	2
	Empatia						"já havia uma empatia forte entre nós"	1
	Respeito						"um respeito mútuo"	1
	Objectivos						"já havia ali um objectivo"	1
	Vontade mútua						"é isto que queremos"	1
	Iniciativa do outro						"há uma janela que se abre e há uma pessoa que espreita"	1
	Aprovação Exterior	Exteriores					"foi simpático para eles nós... [namoro]"	1
	Sem intimidade	Interiores	Afastamento		"eu casei-me virgem"	3	"sem haver assim uma intimidade profunda"	2
	Dificuldades financeiras	Exteriores			"Era muito pouco"	1		
	Reprovação Exterior				"a minha mãe me ia buscar, pronto, ele ia-se embora e escondia-se"	1	"pequenas fugas que fazíamos"	1
	Separação				"Parte do namoro até foi por correspondência"	3	"estive no Ultramar e vim cá passar férias"	3
	Presente			Relação anaclítica				"ele foi-se abaixo, fomos todos naquela altura"

	Auto-suficientes	Indiferenciação	Positivos		"basta-nos a presença de um e de outro e irmos para aqui ou para acolá só os dois"	2		
	Destino					"Mas estava escrito que era assim"	1	
	Exemplar					"gostava que todas as pessoas (...) tivessem realmente a solidez que temos"	1	
	Relação em espelho				"Não quer dizer que seja aquela coisa que dizem de alma gémea, mas anda por aí"	1	"É um sósia do sexo oposto"	2
	Relação Especial				"tomara muitos casais de agora haver o entendimento (...) como nós tivemos"	1	"isto é salutar, não é?"	1
	Preservação Individualidade	Diferenciação			"a gente gosta sempre de ter a sua independência"	1		
	Divisão de Tarefas				"o pai era muito mais a parte lúdica e eu era mais a parte da exigência"	1	"Sábado era o meu dia para dedicar à Carla (...) o dia da mãe fazer as limpezas"	1
	Dependência Eu-»Outro	Diferenças Individuais	Negativos	Oralidade			"atira-a para a cama 2 ou 3 dias e aí eu me vejo um bocado atrapalhado...fazer comida"	1

Futuro	Incerteza	Afastamento		"Para o futuro a gente não sabe"	1		
--------	-----------	-------------	--	----------------------------------	---	--	--

	Continuidade	Aproximação				"se Deus me der saúde, posso pôr isto no futuro"	1
--	--------------	-------------	--	--	--	--	---

O Casamento	Finalidade	Racionais	Motivos		"naquela altura, namorávamos, era para casar"	1		
	Decisão conjunta						"foi uma parceria"	1
	Pontos comuns						"já tínhamos gostos comuns, objectivos comuns"	1
	Amor	Afectivos			"Porque gostávamos um do outro"	2	"gostávamos imenso um do outro"	1
	Costume	Impostos			"era um uso que estava na família"	1		
	Conhecimento mútuo	Facilitadoras	Condições	Racional			"já nos conhecíamos suficientemente bem"	3
	Consolidação						"bases bastante sólidas para avançarmos"	1
	Aprovação Exterior						"havia liberdade de acção quer da parte dos pais dela, quer da parte dos meus"	1
	Oportunidades	Positiva	Avaliação		"melhorei até no aspecto de com os meus pais eu estava muito mais limitada"	1		

Pontos de Contacto	Amizade	Afectivos		"e uma grande amizade"	2	"fica sempre o compromisso da amizade"	1
	Amor			"acho que há amor"	2	"e do amor"	3
	Gostos	Características Pessoais		"os gostos são os mesmos"	4	"Gostamos praticamente das mesmas coisas"	1

Características pessoais				"damos quase valor às mesmas coisas"	1	"Temos o mesmo nível de ligação à família"	3
Apoio	Interna	Vivência		"Mas sempre me acompanhou"	1		
Respeito						"e do respeito"	7
Tolerância						"o sucesso do meu casamento (...) acho que é a tolerância"	6
Transparência						"é tudo limpinho e transparente entre nós"	2
Entendimento			Indiferenciação	"quase que adivinho o pensamento, e ele a mesma coisa"	7	"Basta-me olhar para ela, ou ela para mim"	3
Partilha				"dinheiro tanto é dele como é meu"	3	"que partilha todo o dia-a-dia"	1
Preservação Casal				"o casal gosta da presença do outro e se quer que o outro vá"	1	"ambiciona estar com a mulher a sós"	2
Educação Filhos			Externa		"Nunca houve divergências"	1	
Projectos						"Ela partilha absolutamente"	2
História						"tivemos a Carla...agora o neto e são coisas que nos unem"	1
Planeamento familiar						"Foi uma decisão em conjunto"	1

Pontos de Divergência	Outro não ser Ideal	Características Pessoais		"não foi aquele nosso ideal"	2		
	Personalidade			"uma divergência que haverá entre nós, na nossa maneira de ser"	1		

Dependência Outro-» Eu	Interna	Vivência		"eu acho que ele é muito agarrado a mim"	3				
Ignorada pelo Outro				"às vezes também não compreendia certas coisas"	1				
Falha de comunicação				"nunca me disse abertamente (...) mas eu notava"	1				
Assimetria				"eu tomo muito mais iniciativa das coisas do que o meu marido"	1				
Falta de Momentos Casal						"não havia o tempo de que havia necessidade"	1		
Monotonia					"Mas para quê mudar, não está tão bem assim?" e eu "Não, não está, que eu estou cansada!"	1	"há uma rotina que se cria"	1	
Planeamento familiar	Externa				"Ai, ter outro filho para o pôr num infantário, não quero e não sei quê"	3			
Gestão da Casa							"os nossos problemas são os problemas da casa"	1	
Prioridades			Rivalidade	"quando te reformares, ver se conversas mais"	3	"Eu trabalhava muitíssimo"	3		

Reacção aos Conflitos	Iniciativa	Resolução Conflito		"sou pessoa de quebrar muito o silêncio"	1		
	Cedência do Outro					"normalmente é ela que cede"	1
	Resolução rápida	Impulsividade		"aquilo não vão para outro dia"	4		

Exaltação	Impulsividade	Não Resolução		"às vezes exalto-me um bocadinho"	2		
Amor Outro	Passividade			"ele às vezes não é tanto assim [não amar]"	1		
Evitamento					"Evito diálogos mais ríspidos...não gosto de ter de estar aborrecido"		1
Desvalorização				"se dizem alguma coisa é da boca para fora e aquilo não passa dali"	1	"...coisas sem importância"	2
Banalização				"há crises, não há ninguém que não tenha"	5	"Mas quem é que não tem problemas...?"	3
Transformação no oposto	Distorção		Negação			"isso são as pessoas que, por se gostarem tanto..."	1

Reacção à separação	Defesas contra a separação	Racional	Plano ideal			na valores de família que estão lá considerados"	1
	Libertação	Emotivo	Plano ideal	"um sítio qualquer onde não visse ninguém, onde estivesse sozinha em paz e sossego"	1		
	Depressão			"ainda ando um bocadinho em depressão"	3		
	Choro					"dei comigo muitas vezes a chorar sozinho"	2
	Dependência		Plano ideal	"sempre um elo muito... muito ligados, férias juntos, sempre tudo juntos"	5		

	Relação anaclítica	Dependência		"parece que foi um bocado de mim que desapareceu também"	1		
	Dificuldade separação		Paranoíde	"eu só mudei de casa, é quase como se vivêssemos juntos"	5	"Eu tive sempre um medo terrível aos infantários e às creches"	2

Marcos Casamento	Casamento	Internos			"foi o casamento"	1		
	Reencontro				"foi a grande alegria que tive quando o meu marido veio do Ultramar"	1	"o reencontro é qualquer coisa fora do normal"	1
	Momentos a sós	Do Casal	Externos				"É um fim-de-semana a dois, um passeio a dois"	1
	Problemas saúde Outro	Individuais			"uma operação à coluna"	1		
	Problemas saúde				"fui ser operada de urgência, também foi um período"	1		
	Notícia gravidez							"...ela a anunciar-me que estava grávida da minha filha"
	Nascimento filha	Terceiros			"foi o nascimento da Carla"	1	"...o nascimento da minha filha..."	1
	Perda familiares				"perda das famílias"	6	"perdi-os num espaço temporal de seis meses"	1

Como evoluiu	Estabilização	Constante	Ritmo		"mas encontrámos o equilíbrio"	2	"equilibrar os pensamentos e as formas de ser e de estar"	1
	Adaptação	Gradual			"vim para minha casa e adaptei-me"	1		
	Continuidade				"acho que foi fluindo"	2	"esbate-se, gradualmente"	1

	Fases	Variável				"naquela fase até aos quinze anos de casados"	1
	Esfriamento	Afastamento	Afectos		"a paixão não dura a toda a vida"	1 "já não há aquela loucura...a pessoa recentemente casada"	1
	Maior maturidade	Aproximação	Relacionamento			"maior maturidade"	1
	Menos conflitos					"aconteceu naquela fase até aos 15 anos de casados. Depois não."	1
	Maior conhecimento				"até ali nós também não nos conhecíamos"	2 "hoje (...) eu sei o que é que ela quer, o que ela me quer dizer"	1
	Menor Dependência	Afastamento				"Já sei viver assim"	1
	Responsabilização do outro	Neutro			"não ter a mesma reacção, achar que eles também têm de ter a mesma iniciativa"	1	
	Isolamento Social	Neutro	Vivência		"saía até mais do que saio agora"	1	
	Alteração Rotinas					"não tínhamos a vida tão pacífica e tranquila (...) como temos hoje"	1
	Mudança preocupações			Netos		"hoje não estou preocupado se a minha mulher não foi ao cabeleireiro (...) se o meu neto"	2
Papel dos filhos	Mostrar Qualidades	Aspectos Positivos				"nunca descurei o facto de acompanhar a Carla de perto"	1

Comparação	Neutros	Reveladores		"A minha filha já vai na segunda (...) nós na nossa geração somos muito agarrados às coisas"	3	"mas lembro-me do meu tempo que era completamente oposto"	1
Impeditivo da intimidade	Dificultadores	Interferência Vivência	Negação	"lá vinha ela meter-se na cama connosco"	1	"passámos semanas (...) meses (...) em que a minha mulher vinha para a cama às 4 da manhã"	1
Perda				"sem filho (...) tempos muito felizes e que recordo com uma certa saudade"	1	"haveria um tempo sem filhos (...) para gozarmos um pouco a nossa vida"	1
Proximidade	Neutros					"Fomos sempre muito próximos"	1
Rivalidade do Outro	Interferência Conflito		Identificação projectiva	"o nascimento dos filhos parece que passam para segundo lugar"	3		
Rivalidade				"O meu marido era uma paixão pela filha"	3		
Menor tolerância						"a paciência e a tolerância reduzem-se"	1
Insuficiente	Não Correspondência	Plano Ideal		"se fosse agora, era capaz de não ficar só com um filho"	2	"gostava de ter tido outro filho"	2

Papel netos	Preocupação	Equivalentes a Filhos		"Eu vivo numa preocupação"	1		
	Filho		Rivalidade com filha	"eu acho que eu parece que cuida sempre melhor do menino"	2	"andei com vontade de ficar com uma criança (...) depois veio o Zé Pedro"	1
	Rivalidade com filha			"parece que a comida que eu faço, faço melhor"	2	"gritam demasiado"	1

	Reparador	Interferência Pessoal		"o Zé Pedro (...) fazia-me atenuar um bocadinho"	1		
	Admirador de Si					"Ele é uma paixão pelo avô"	1
	Proximidade	Interferência Vivência		"temos uma relação muito chegada"	1		
	Rivalidade com Outro	Interferência Relação		Pois, contigo é só o bem bom, é a parte boa, mas comigo é que é..."	1		

Papel Pais	Modelo	Positiva	Interferência Individual				"O meu falecido pai já dizia"	2
	Apoio Filhos	Facilitador	Interferência Vivência		"a minha mãe ficou-me com a Carla até aos 4 anos"	1		
	Prestadores de cuidados				"a minha mãe é que cuidava dele [marido]"	1		
	Apoio financeiro				"os pais ajudaram metade cada um dos pais"	1		
	Rejeitante Filhos	Difícultador			"tomar conta de outro neto que não"	1		
	Prisão			Projecção	"ele às vezes gostaria mais de ter outra liberdade"	1		
	Presentes	Neutro			" e aos fins-de-semana ia sempre connosco sair e passear"	1		
	Controladores	Difícultador	Interferência Relação		"eles é que mandavam"	4		
	Rivalidade do Outro				"o meu marido já lhe faltava um bocadinho às vezes a paciência"	1		

Papel sogros	Entendimento	Positiva	Interferência Individual		"um relacionamento muito bom com os (...) meus sogros"	1		
	Modelo do Outro	Negativa			"[sogro] era uma pessoa que conversava pouco... O meu marido também"	1		
	Apoio financeiro	Facilitador	Interferência Vivência		"os pais ajudaram metade cada um dos pais"	1		
	Apoio Filhos					"ela ajudou-me imenso a criar a Carla"	1	
	Necessidade de cuidados	Dificultador			"quando a minha sogra adoecia, cheguei a meter baixa por mais do que uma vez"	1		
	Rejeitante Filhos					"foi ela em parte que fez com que eu não tivesse outro filho"	1	

Papel dos Amigos								
------------------	--	--	--	--	--	--	--	--

Eu

Como sou	Cautelosa	Facilitador	Rigidez		"Nunca fui assim de grandes aventuras"	1		
	Maturidade precoce				"amadureci bastante cedo"	1		
	Responsável				"E responsável"	1		
	Sensata				"muito sensata e que era ajuizada"	1		
	Valorização Família						"Gosto muito da família, dedico-me à família"	1
	Humilde						"humildade, modéstia à parte"	1

Extrovertida	Facilitador	Sociabilidade		"eu sou uma pessoa mais extrovertida"	2		
Prestável						"porque sou prestável"	2
Valorização Amizade	Dificultador					"Sou muito amigo do meu amigo"	5
Preocupada	Facilitador	Passividade		"sou uma pessoa um bocado preocupada"	1		
Nostálgica	Dificultador			"Eu sou muito agarrada às coisas"	2		
Paciente	Facilitador	Afectividade				"Tenho muita paciência"	2
Tolerante			Responsável pelo sucesso do casamento			"sou uma pessoa extremamente tolerante"	1
Sentimental				"se eu não fosse uma pessoa tão sentimental"	1	"sou uma pessoa muito sentimental"	1
Activa	Facilitador	Actividade		"eu sou mais de iniciativa"	2		
Prestadora de Cuidados				"eu sou muito das regras e do bem-estar"	1		
Necessidade mudança	Dificultador			"talvez um bocadinho mais de mudanças"	4		
Especial	Facilitador	Idealização	narcísico			"diga-me quantos avós, eu não conheço nenhum"	1
Fraca	Desvalorização			"Há pessoas mais forte e eu, nesse aspecto, não sou assim muito"	1		

Como Mudei	Mais deprimida		Perda familiares	"de há 4 anos para cá, até me fui muito a baixo, muito, fisicamente, mentalmente"	1		
-------------------	----------------	--	------------------	---	---	--	--

	Mais sentimental	Fragilidade		"tornamo-nos muito mais (...) sentimentais com a idade"	1		
	Mais ansiosa			"vai ficando um bocadinho mais ansiosa"	2		

Outro

Como é	Equilibrado	Facilitador	Rigidez		"Ele é um bocadinho mais equilibrado"	2		
	Reservado			Rivalidade emprego	"não é uma pessoas de conversar muito"	4		
	Obsessivo	Dificultador			"é todo muito arrumado, muito limpo, gosta da mesa muito bem posta"	1		
	Sentimental	Facilitador	Afectividade		"um bocado assim agarrados a sentimentalismos"	1		
	Nostálgico	Facilitador	Passividade		"somos um bocado assim agarrados (...) às recordações"	1		
	Pouco exigente				"não é uma pessoa (...) muito exigente nesse aspecto"	1		
	Passivo	Dificultador			"ele concorda"	3		
	Rotineiro				"um bocadinho mais rotineira que eu"	2		
	Especial	Facilitador	Idealização				"não se faz com ninguém, é com ela"	1
	Saúde frágil	Dificultador	Fragilidade				"É pena é que ela, às vezes, tenho os problemas de saúde"	1

Como mudou	Menos pessimista	Positivo			"já foi mais pessimista"	1		
------------	------------------	----------	--	--	--------------------------	---	--	--

	Menos paciente	Negativo	Vivência		"faltava um bocadinho às vezes a paciência, pronto, mais até nestes últimos anos"	1		
--	----------------	----------	----------	--	---	---	--	--

Categorias	Subcategorias	Agrupamentos	Latente	M	O.	H	O.	
Relação								
Caracterização Relação								
Passado	Encantamento	Impulsivos	Aproximação	Narcísico, pré-edipiano	"foi mesmo tipo amor à primeira vista."	1		
	Atração Física					"houve logo uma química especial"	2	
	Iniciativa do Outro	Construídos		Narcisismo	"ele diz que foi uma conquista"	1		
	Maturidade				"Éramos muito maduros"	1		
	Aprovação exterior	Exteriores				"Foi tudo aceite normalmente"	1	
	Assimetria	Interiores	Afastamento	Ciúme	"ele teve muitas namoradas"	1		
	Ambivalência				"o nosso princípio de casamento (...) foi tudo tão rápido"	2		
	Banalização					"deve ser assim que acontece à maior parte dos namoros"	1	
	Reprovação exterior	Exteriores				"às vezes o meu pai dizia "Vê lá..."	1	

Presente	Preservação imagem	Indiferenciação		Conluio paranóide	"chateávamo-nos...mas nunca ninguém dava por isso"	1		
	Relação em Espelho			Idealização	"eu acho que sou alma gémea dele"	1		
	Exemplar			Exibicionismo	"têm o padrão da mãe e do pai"	1		

	Relação especial	Maternalização	Positivos	Idealização	"nós somos mesmo um casal muito à parte"	6	"e isto não acontece com muitos casais"	3
	Relação anaclítica				"nós os dois somos um"	1	"se um cair, vamos todos"	2
	Auto-suficientes				"nunca senti (...) falta de mãe, de pai, ou de avós"	1	"Nós sempre gostámos de andar...os dois sozinhos"	1
	Preservação Individualidade	Diferenciação	Negativos		"Ninguém é de ninguém"	4		
	Banalização	Relação					"acho que tem corrido (...) tudo normal"	3
	Maternalização	Diferenças Individuais		Desvalorização do outro	"e eu estou a engordá-lo"	3	"ter alguém que vá continuar a tomar conta de nós"	1

Futuro	Incerteza	Afastamento				"Não sei como é que (...) vamos resolver isto"	1
---------------	-----------	-------------	--	--	--	--	---

O Casamento	Decisão conjunta	Racionais	Motivos				"decidimos casar"	1
	Libertação						"queria ter a minha independência (...) sem os pais"	1
	Amor	Afectivos			"a pessoa gostar um do outro e casar"	1	"fomos gostando um do outro"	1
	Imperioso				"o meu marido não tinha paciência para namorar muito tempo"	1	"tinha de ser"	1
	Necessidade do Outro	Impostos			"e ele disse "Ou casamos já ou deixo-te""	1		
	Condições financeiras	Facilitadoras	Condições				"havia possibilidades económicas na altura"	1
	Consolidação						"a relação estava mais do que consolidada"	1

	Reprovação exterior	Dificultadoras		"Esta, coitada, (...) vem ao dinheiro"	1		
Pontos de Contacto	Amizade	Afectivos			"a nossa amizade"	1	
	Atracção Física					"uma atracção muito forte"	1
	Amor				"a base principal do nosso casamento(...)é o amor"	12	"o amor" 7
	Honestidade	Características Pessoais			"a tal franqueza"	1	
	Ideais			Idealização do Outro	"Portanto, não encontro [defeitos]"	2	" Para mim é a mulher perfeita" 1
	Compromisso	Interna	Vivência		"então vou atraí-lo?!"	2	
	Preservação Casal				"nós tínhamos na mesma a nossa privacidade"	2	
	Transparência				"não haver segredos"	3	
	Confiança			Ciúme	"Tenho a certeza absoluta."	1	
	Decisões conjuntas				"foi sempre tudo muito em conjunto"	2	"não há nenhum que tome a iniciativa sem ligar à opinião do outro" 1
	Cumplicidade				"muita cumplicidade"	6	"há aqui uma cumplicidade muito grande sempre" 2
	Comunicação				"comunicamos muito um com o outro"	1	"conversa-se sempre" 1
	Partilha			Necessidade controlo	"tudo partilhado"	5	"sempre estivemos os dois" 2
	Entendimento				"eu nunca estranhei nada"	5	"Foi fácil. Não houve assim nenhum choque entre nós" 1

	Apoio			"deu-me muito apoio"	3	"Temo-nos confortado um com o outro"	1
	Planeamento familiar	Externa		Positivo	2	"não apareceu, digamos, por um acaso"	1

Pontos de Divergência	Ciúmes Outro-»Eu	Afectivos			"não gostou porque o meu marido é muito ciumento"	3		
	Não ser Ideal do Outro	Características Pessoais					"porque é que eu não reajo ou porque é que eu não grito"	1
	Personalidade				"Aí está uma grande diferença entre mim e ele"	1	"cada um tem o seu feitio, a sua maneira de ser"	1
	Dependência Outro -»Eu	Interna	Vivência		"às vezes também é chato"	5		
	Falta de Apoio				"e eu vou-me encostar onde?"	3		
	Falta Momentos Casal						"não há tempo para estarmos um bocadinho mais"	1
	Assimetria						"a minha mulher é mais interventiva"	1
	Monotonia				"Bolas, mas o que é isto? Nem há aqui um contra-senso?!"	2	"ajuda a quebrar a rotina"	1
	Planeamento Familiar				"até aos 40 anos eu dizia que ainda havia de ser outra vez mãe"	1		
	Relação Outro e Sogros			Traição	"mas ele não queria ficar mal com os pais"	3		

	Educação filhos			"sempre me fez confusão como é que as pessoas se fecham tanto"	1		
	Prioridades					"ela abusa um bocado na entrega a casa"	1

Reacção ao Conflito	Análise Conflito	Resolução Conflito			"tentar entender o porquê"	1			
	Cedência			Falsa cedência	"Olha, desculpa, provoqueei a situação"	2			
	Cedência do Outro				"ele chegou à conclusão que eu estava certa"	1	"Normalmente ela é que cede"	1	
	Controlo	Controlo		Exteriores	"eu quis sair e ele não gostou muito"	4			
	Vingança				"Agora? Agora não (...) Não me deixaste, não quiseste naquela altura"	1			
	Provocação				"eu até que gostava de abanar"	2			
	Comunicação corporal				"beijinho, um abraço"	1			
	Resolução rápida			Impulsividade	Necessidade controlo	"nunca me deitava zangada(...) tinha sempre de resolver a situação"	2		
	Exaltação					"també era capaz de, pronto, dar um grito"	1	"fica ali um bocado excitada, nervosa na altura daquela discussão"	1
	Evitamento			Não Resolução		"é que nem se chega já a discussões nem nada"	3		
	Culpabilização					"eu sentia que era eu a culpada"	1		

	Desculpabilização do Outro	Passividade		Preservação do outro	"atenção que ele não tem o padrão da vossa geração"	3		
	Depressão				"a minha depressão também começou aí"	2		
	Banalização						"mas isso é normal nos casais"	1
	Orgulho						"é aquele orgulho que eu tenho e eu não consigo tomar a iniciativa"	1
	Hipótese Ruptura			Narcísico			"Mas então e separar?"	1
	Desvalorização				"coisinhas mesquinhas"	2	"às vezes são mesmo parvoíces"	2
	Amuo				"amuamos"	2	"três, quatro, cinco dias, que não nos falamos"	3

Reacção à Separação	Dependência	Dependência	Plano Ideal			"mas vou-me embora para onde? E vou fazer o quê?"	1
----------------------------	-------------	-------------	-------------	--	--	---	---

Marcos Casamento	Mudança de Casa	Do Casal	Externos		"começou a acontecer (...)desde que vim (...) para esta casa"	1		
	Dificuldades financeiras				"a vida decresceu-me monetariamente"	3	"a nossa vida alterou-se muito"	1
	Nascimento Filhos	Terceiros			"para mim é o nascimento dos meus filhos"	2	"Ainda hoje tenho gravado na minha memória"	1

Como evoluiu	Constância	Constante			"houve sempre muita compreensão (...) e até hoje."	3	"continuamos apaixonados"	3
---------------------	------------	-----------	--	--	--	---	---------------------------	---

Construção	Gradual	Ritmo				"foi-se construindo a relação"	1
Adaptação				"fomo-nos moldando"	2	"fomo-nos sempre adaptando à situação"	1
Fases	Variável				"cada etapa tem as suas dificuldades"	3	
Mudança afectos	Neutro	Afectos		"ternura, aquele conhecimento (...) Agora há uns afectos diferentes"	1		
Reacção mais contida ao conflito	Aproximação	Relacionamento				"No início (...) as discussões eram um bocadinho mais aclaradas"	1
Maior União			Dificuldades Financeiras			"ainda nos está a unir mais um ao outro"	1
Maior conhecimento				"Agora (...) aquele conhecimento"	1	"fomo-nos conhecendo"	1
Menos conflitos			Dificuldades Financeiras	"ele começou a acabar e eu tive paz"	2	"No início penso que talvez houvesse mais"	1
Menor Dependência	Afastamento		(Desilusão)	"houve uma altura em que eu tive por ele [dependência], mais no início"	1		
Autonomia Exterior	Aproximação	Vivência	Dificuldades Financeiras	"depois ele começou a acabar e eu comecei a ter paz"	1		
Menor disponibilidade	Afastamento			"eu tinha mais tempo na altura em que eles eram pequenos"	1		
Mudança preocupações	Neutro			"há preocupações diferentes um com o outro"	2		

	Isolamento Social						"Já tivemos mais [amigos]"	1
Papel dos filhos	Admiradores Relação	Aspectos Positivos	Reveladores	Idealização	"eles todos têm muito orgulho"	2		
	Mostrar Qualidades				"eu tenho esta abertura com os meus filhos"	3	"aquela vida familiar de acompanhamento, sempre presente"	2
	Mostrar Qualidades do Outro				"ele sempre foi um pai muito presente"	2	"boa mãe"	1
	Espelho	Neutros					"deu-me a sensação de ver a minha cara nela"	1
	Continuidade						"houve ali logo uma sensação de continuidade"	1
	Parte do Casamento	Facilitadores	Interferência Vivência	Mantém relação	"os filhos (...) estão englobados no casamento"	2		
	Preocupações	Dificultadores			"Tinha muitos medos"	2		
	Interferência Temporal			Rivalidade	"isso [filhos] também nos tirou um bocadinho de tempo para nós"	3		
	Perda				"quando estava grávida (...) e dizer "Ah, vai acabar agora""	2		
	Demissão do Outro				"Tu também és pai, diz qualquer coisa"	1		
	Limitador							"os filhos prendem-nos um bocado em termos de saídas"
	Demissão						"essa parte cabe-lhe mais a ela"	1

	Responsabilidade	Neutros			"tivemos uma responsabilidade muito grande"	1		
	Aliados	Interferência Conflito			"à Joana especialmente, não sei se também é por ser mulher"	2		
	Objectivo	Correspondência	Plano Ideal		"o objectivo era casar e ter filhos"	2		

Papel dos Pais	Modelos	Positiva	Interferência Individual		"eu tenho esta abertura com os meus filhos porque tive esta abertura com os meus pais"	1	"eu tinha o exemplo da minha mãe"	1
	Apoio financeiro	Facilitador	Interferência Vivência				"o meu pai deu-me uma casa"	1

Papel dos Sogros	Ambivalência	Negativa	Interferência Individual		"tanto te dou beijinhos como se for preciso também te dou tareia"	2		
	Modelo do Outro	Negativa			"porque ele teve uns pais que ainda hoje são muito fechados"	2		
	Dependência financeira	Neutro	Interferência Vivência		"porque ajudavam, porque estava a trabalhar com o pai"	2		
	Distantes						"também não temos assim grandes convívios"	1
	Controladores	Dificultador	Interferência Relacão		"o poder do dinheiro faz muitas coisa"	1		
	Rivalidade				"eu estava um bocado dividida"	2		

	Intrusivos				"cortavam-nos um bocado a nossa privacidade"	2		
--	------------	--	--	--	--	---	--	--

Papel dos Amigos	Rivalidade Outro-»Amigos	Ameaçadores		" Uma amiga minha de infância, e ele [marido] não gostava muito dela"	1		
	Separados					"Ela tem três ou quatro amigas, que eu não acompanho com elas"	1
	Comuns	Não Ameaçadores		"é tudo em comum"	2	"os meus amigos são os amigos dela"	1
	Admiradores	Reveladores		"as pessoas (...) tinham inveja"	2		

Eu

Como sou	Líder	Facilitador	Rigidez	Narcisismo	"eu sou a bengala da casa"	1		
	Autoritária	Dificultador		Controladora	"eu talvez até um bocadinho mais autoritária"	1		
	Reservado						"eu retraio-me um pouco (...) não consigo explodir"	1
	Comunicativa	Facilitador	Sociabilidade		"tenho mais o poder (...) de falar, gosto de falar"	1		
	Prestável				"eu gosto de ajudar, acho que tenho esse dom"	1		
	Calmo	Facilitador	Passividade				"considero-me um bocadinho mais calmo"	1
	Passivo	Dificultador					"sou capaz de engolir em seco"	1

Activa	Facilitador	Actividade		"sou uma pessoa muito activa"	1		
Protectora			Controladora	"eles dizem tudo, para onde vão, onde estão"	2		
Auto-conhecimento				"sempre tentei conhecer-me a mim"	1		
Curiosa	Dificultador			"sou muito curiosa"	1		
Especial	Facilitador	Idealização	Idealização de Si	"Eu sou muito especial nessas coisas"	1		
Criança feliz			Idealização Infância	"eu tive uma infância muito bonita"	1		
Família destruturada	Desvalorização		Controladora	"tive de os separar porque o meu pai era alcoólico"	2		

Como Mudei	Menor Ansiedade	Crescimento		"não era nda disto porque era ansiosa"	1		
	Menos boémio	Isolamento	Casamento			"acabar com aquelas noitadas com os amigos"	1

Outro

Como é	Reservado	Difícultador	Rigidez		"muito calado"	5		
	Teimoso				"talvez um bocadinho de teimosia"	1		
	Espiritual	Facilitador	Afectividade		"ele também é uma pessoa muito espiritual"	1		
	Explosiva	Difícultador					"ela é mais explosiva"	1
	Passivo	Difícultador	Passividade		"não é capaz de dizer não a nada nem a ninguém"	6		
	Prendada	Facilitador	Actividade				"boa dona de casa"	2
	Comunicativa	Facilitador	Sociabilidade				"ela tem mais poder de conversação"	1

	Especial	Facilitador	Idealização	Idealização do Outro	"O meu marido é também uma pessoa muito especial para mim"	3		
	Nervoso	Dificultador	Fragilidade	Oralidade	"emagreceu-me (...) porque o sistema nervoso afectou-o"	2		
	Sensível				"ele é muito sensível"	1		
	Masoquista				"és masoquista."	1		
	Infantil				"Oh Vasco, cresce!"	2		

Como Mudou	Maior abertura	Positivo	Vivência		"agora está muito mais aberto"	2		
	Menos ciumento				"era, já não é, mas era muito possessivo"	1		

Agrupamentos	Subcategorias	n.s.	o.	o. %	Subcategorias	n.s.	
Caracterização Relação: Passado							
Aproximação	Impulsivos	Atracção física	3	5	21%	Atracção física	3
		Encantamento	5	10		Encantamento	1
						Iniciativa	1
	Construídos	Compromisso	1	1	15%	Amizade	3
		Entendimento	1	2		Empatia	2
		Fortalecimento com a separação	1	2		Fortalecimento com a presença	1
		Iniciativa do Outro	1	2		Iniciativa do outro	1
		Interesses Comuns	1	2		Interesses Comuns	1
		Maturidade	1	1		Objectivos	2
		Simpatia	1	1		Respeito	1
						Simpatia	1
						Vontade mútua	1
Exteriores	Aprovação Exterior	2	2	6%	Aprovação exterior	3	
	Oportunidades	1	2				
Afastamento	Interiores	Ambivalência	3	5	32%	Banalização	1
		Assimetria	5	10		Necessidade contenção	1
		Sem intimidade	4	8		Sem intimidade	1
	Exteriores	Dificuldades financeiras	2	2	26%	Centralização filhos	1
		Reprovação Exterior	3	9		Dificuldades financeiras	2
		Separação	3	8		Reprovação exterior	3
				Separação		3	

Caracterização Relação: Presente							
Positivos	Indiferenciação	Auto-suficientes	4	7	49%	Auto-suficientes	1
		Exemplar	3	4		Confusão de identidade	1
		Interdependência	1	1		Destino	1
		Preservação imagem	4	5		Exemplar	3
		Relação anaclítica	2	4		Preservação imagem	1
		Relação em Espelho	2	2		Realação Anaclítica	1
		Relação Especial	2	7		Relação em espelho	1
		Resistentes	1	1		Relação Especial	4
						Resistentes	2
						Simetria	1
	Diferenciação	Divisão de Tarefas	3	4	16%	Divisão de tarefas	4
		Preservação Individualidade	2	5		Preservação individualidade	1
		Prestação de cuidados	1	1		Prestação de cuidados	1
Negativos	Relação	Banalização	1	1	19%	Automatismo	1
		Desidealização	2	7		Banalização	1
		Insuficiente	1	4		Insuficiente	1
	Diferenças Individuais	Dependência Eu-»Outro	2	3	16%	Dependência Eu-»Outro	1
		Maternalização	3	5		Maternalização	1
		Necessidade cedências	1	2		Necessidade Cedências	1

Caracterização Relação: Futuro						
Afastamento	Incerteza	2	3	60%	Incerteza	1
Aproximação	Continuidade	1	2	40%	Continuidade	1

O Casamento							
Motivos	Racionais	Decisão conjunta	1	1	15%	Decisão conjunta	3
		Finalidade	1	1		Libertação	2
		Libertação	2	3		Necessidade Contenção	3
						Pontos comuns	1
						Tarefas domésticas	1
	Afectivos	Amor	6	7	24%	Amor	5
		Imperioso	1	1		Imperioso	1
						Necessidades afectivas	2
	Impostos	Costume	2	2	21%	Costume	1
		Necessidade do Outro	2	4		Vontade Outros	1
		Vontade Outros	1	1			
Condições	Facilitadoras	Aprovação exterior	2	2	9%	Aprovação Exterior	2
		Condições financeiras	1	1		Condições financeiras	2
						Conhecimento mútuo	1
						Consolidação	2
						Maturidade	1
	Dificultadoras	Reprovação Exterior	3	3	9%		
Avaliação	Positiva	Oportunidades	1	1	3%		
	Negativa	Ambivalência	3	6	18%	Ambivalência	2

Pontos de Contacto								
Afectivos		Amizade	2	3	19%	Amizade	3	
		Amor	6	21		Amor	6	
		Atracção Física	1	1		Atracção Física	1	
		Demonstrações afectividade	1	1				
		Ser amado	1	3				
Características Pessoais		Complementares	2	3	15%	Complementares	1	
		Forma de estar	1	3		Forma de estar	1	
		Gostos	2	6		Gostos	3	
		Honestidade	2	2		Ideais	2	
		Ideais	2	3		Valores	1	
		Valores	3	5				
Vivência	Interna	Apoio	6	17	61%	Apoio	3	
		Compromisso	1	2		Apoio Eu-» Outro	1	
		Comunicação	1	1		Comunicação	1	
		Confiança	2	3		Cumplicidade	2	
		Cumplicidade	1	6		Entendimento	6	
		Entendimento	5	25		Partilha	4	
		Fidelidade	1	2		Preservação Casal	3	
		Investimento	2	5		Tolerância	2	
		Partilha	5	14		Transparência	1	
		Preservação casal	5	8		Respeito	1	
		Projectos	1	2				
		Tolerância	2	4				
		Transparência	1	3				

	Externa	Decisões conjuntas	1	2	5%	Decisões conjuntas	1
		Educação filhos	2	2		Educação dos Filhos	1
		Planeamento familiar	3	4		História	2
						Planeamento familiar	5
						Projectos	1

Pontos de Divergência							
Afectivos		Cíume Eu-»Outro	1	1	5%	Cíumes Outro -» Eu	1
		Cíumes Outro-»Eu	1	3			
		Falta de Reconhecimento	2	3			
Características Pessoais		Individualismo	2	2	24%	Desvalorização Relação	1
		Interesses	3	12		Individualismo	1
		Não ser Ideal do outro	1	3		Interesses	3
		Outro não ser Ideal	2	7		Não Ideal do Outro	2
		Personalidade	3	5		Personalidade	2
		Ritmos diferentes	1	3		Valores	1
		Valores	1	1			
Vivência	Interna	Assimetria	3	10	39%	Assimetria	3
		Dependência Outro -»Eu	4	10		Falha de Comunicação	2
		Falha de Comunicação	4	5		Falta momentos Casal	3
		Falta de Apoio	4	7		Monotonia	2
		Falta de Apoio ao Outro	1	1			
		Falta momentos Casal	1	1			
		Ignorada pelo Outro	4	13			
		Monotonia	2	3			
		Rejeição	1	1			

vivência	Vida sexual insatisfatória		3	3			
	Externa	Educação filhos	5	8	33%	Educação dos Filhos	1
		Gestão da casa	2	3		Gestão da casa	3
		Planeamento familiar	4	8		Planeamento familiar	2
		Prioridades	4	7		Prioridades	3
		Projectos	1	5		Projectos	3
		Relação Outro e Pais	2	3			
		Relação Outro e Sogros	4	12			

Reacção ao Conflito							
Resolução Conflito		Análise Conflito	6	11	18%	Análise conflito	2
		Cedência	2	3		Cedência	2
		Cedência do Outro	5	6		Cedência do Outro	5
		Iniciativa	3	4		Iniciativa	1
		Perdão	1	1		Perdão	2
	Controlo	Competição	1	2	11%	Competição	1
		Controlo	3	6		Controlo	1
		Manipulação	1	1		Imposição	1
		Persistência	1	1			
		Ultimato/ Chantagem	4	4			
		Vingança	1	1			
	Impulsividade	Comunicação Corporal	4	4	14%	Exaltação	2
		Exaltação	3	6		Resolução Rápida	4
		Provocação	1	2			
		Resolução rápida	3	7			

Não resolução	Passividade	Amuo	3	6	54%	Amuo	1
		Amuo Outro	3	4		Amuo do Outro	1
		Banalização	1	5		Banalização	3
		Culpabilização	3	10		Culpabilização do Outro	1
		Culpabilização do Outro	2	3		Desvalorização	5
		Depressão	1	2		Evitamento	2
		Desculpabilização do Outro	5	11		Exclusão do Outro	1
		Desculpabilização Própria	1	2		Hipótese de ruptura	2
		Desvalorização	4	5		Orgulho	1
		Evitamento	4	15		Separação	1
		Exclusão do Outro	1	1			
		Hipótese Ruptura	2	5			
		Humilhação	2	2			
		Separação	1	3			
	Distorção	Clivagem	1	3	2%	Tranformação no oposto	1

Reacção à Separação						
Racional	Cedências	1	1	14%	Cedências	1
	Defesa contra a Separação	1	3		Defesas contra a separação	2
	Preocupação com sobrevivência	1	1			
Emotivo	Angústia separação	2	3	31%	Angústia de Separação	1
	Choro	1	1		Choro	1
	Depressão	2	5			
	Desilusão	1	1			
	Libertação	1	1			

Dependência	Dependência	1	5	53%	Dependência	1
	Dificuldade Separação	3	11		Dificuldade Separação	2
	Inconcebível	1	1		Inconcebível	2
	Relação anaclítica	2	2			
Distorção	Preservação da imagem	1	1	3%	Isolamento	1

Marcos da Relação							
Internos		Casamento	2	2	19%	Casamento	1
		Conversa	1	3		Início	1
		Início	1	2		Momentos a sós	1
		Reencontro	2	2		Reencontro	2
		Viver juntos	1	1			
Externos	Do Casal	Dificuldades financeiras	1	3	13%	Dificuldades financeiras	1
		Gravidez	1	1		Gravidez	1
		Mudança de casa	2	3			
	Individuais	Problemas saúde	1	1	21%	Notícia gravidez	1
		Problemas saúde Outro	2	3		Problemas de Saúde do Outro	1
		Psicoterapia	2	5		Reforma	1
		Reforma	2	2			
	Terceiros	Doença Familiares	1	1	47%	Conflitos com Familiares	1
		Momentos em Família	1	2		Doença familiares	1
		Nascimento Filhos	4	6		Nascimento filhos	5
		Netos	1	1		Perda familiares	2

		Perda familiares	4	13		Saída dos filhos	1
		Saída dos Filhos	1	2			

Como evoluiu							
Ritmo	Constante	Constância	2	4	9%	Constância	2
		Estabilização	3	5		Estabilização	1
	Gradual	Adaptação	5	9	13%	Adaptação	3
		Continuidade	2	3		Construção	1
						Continuidade	1
	Variável	Intermitência	3	3	11%	Cíclico	1
		Cíclico	1	2		Fases	1
		Fases	3	5			
Afectos	Aproximação	Mais atitudes carinhosas	1	1	2%		
	Afastamento	Esfriamento	2	4	4%	Esfriamento	1
	Neutro	Mudança afectos	1	1	1%		
	Aproximação	Construção de Pontos Comuns	1	1	34%	Construção de Pontos Comuns	2
		Ganho de confiança	1	1		Maior conhecimento	4
		Maior comunicação	1	5		Maior maturidade	1
		Maior conhecimento	3	9		Maior União	1
		Maior dependência	1	1		Menos conflitos	4
		Maior Partilha	1	2		Reacção mais contida ao conflito	1
		Maior tolerância	1	4			

Relacionament		Maior união	2	4			
		Menos conflitos	2	4			
		Resolução conflito	1	1			
	Afastamento	Afastamento	1	3	12%	Mais conflitos	1
		Afastamento Pontos de Contacto	1	1		Menor Dependência	1
		Agravamento Conflito	1	1		Menor partilha	1
		Desencanto	1	2		Menor tolerância	1
		Menor dependência	2	2		Saturação	1
		Menor partilha	1	1			
		Menor tolerância	1	1			
	Neutro	Responsabilização do outro	2	2	2%		

Vivência	Aproximação	Autonomia Exterior	2	3	6%	Autonomia exterior	1
		Maior Disponibilidade	1	3			
	Afastamento	Menor disponibilidade	1	1	1%	Maior sobrecarga	1
						Menor Disponibilidade	1
	Neutro	Isolamento Social	3	4	6%	Alteração rotinas	3
		Mudança preocupações	1	2		Isolamento Social	3
							Mudança preocupações

Papel Filhos							
	Aspectos Positivos	Admiradores Relação	1	2	14%	Admiradores da relação	1
		Mostrar Qualidades	3	6		Mostrar Qualidades	2
		Mostrar qualidades do Outro	3	5		Mostrar Qualidades Outro	1

Reveladores								
	Aspectos Negativos	Mostrar as falhas (casal)	1	1	16%			
		Mostrar Falhas do Outro	4	12				
		Mostrar Falhas suas	2	2				
	Neutros	Comparação	1	3	9%	Comparação	1	
		Espelho	3	5		Continuidade	1	
				Espelho		1		
Interferência Vivência	Facilitadores	Acrescento	1	1	3%	Contentores	1	
		Parte do Casamento	1	2				
	Dificultadores	Demissão do Outro	3	4	23%	Adaptação	1	
		Impeditivo da intimidade	1	1		Demissão	1	
		Interferência Temporal	1	3		Impeditivo da intimidade	1	
		Limitador	4	5		Interferência temporal	1	
		Perda	2	3		Limitador	2	
		Preocupação	4	5		Perda	1	
						Preocupação	1	
	Neutros	Responsabilidade	1	1	1%	Proximidade	1	
						Responsabilidade	1	
	Interferência Conflito		Aliado dos filhos	1	1	21%	Menor tolerância	1
		Aliados	3	8	Rivalidade		1	
		Imposição vontade	1	2				
		Rivalidade	3	5				
		Rivalidade do Outro	1	3				

Plano Ideal	Correspondência	Ideais	2	3	5%	Ideais	2
		Objectivo	1	2			
	Não Correspondência	Desilusão	2	3	7%	Desilusão	1
		Desilusão do Outro	1	1		Insuficientes	2
		Insuficiente	1	2			

Papel Netos						
Equivalentes a Filhos	Filho	2	3	47%	Espelho dos filhos	1
	Ideal	1	1		Filho	1
	Preocupação	1	1		Ideal	1
	Rivalidade com filha	1	2		Preocupação	1
						Rivalidade com filha
Interferência Pessoal	Reparador	2	3	20%	Admirador de Si	1
Interferência Vivência	Prestação cuidados	1	1	27%	Prestação de Cuidados	2
	Prisão	1	1			
	Proximidade	2	2			
Interferência Relação	Rivalidade com Outro	1	1	7%		

Papel Pais							
Interferência Individual	Positiva	Modelo	4	5	8%	Modelo	3
	Negativa	Ambivalência	2	4	24%		
		Modelo por contraste	1	3			

		Repressão	2	8			
Interferência Vivência	Facilitador	Apoio Filhos	4	5	14%	Apoio filhos	1
		Apoio Financeiro	3	3		Apoio financeiro	2
		Prestadores de cuidados	1	1			
	Difícultador	Necessidade de Cuidados	1	1	10%	Preocupação	1
		Prisão	2	2			
		Rejeitante Filhos	2	2			
		Tóxico	1	1			
	Neutro	Dependência financeira	1	2	5%	Distantes	1
		Presentes	3	3			
Interferência Relação	Difícultador	Aliados	1	1	37%		
		Conservadores	2	2			
		Controladores	5	16			
		Opositores à relação	1	3			
		Rivalidade do Outro	1	1			

Papel Sogros							
Interferência Individual	Positiva	Entendimento	1	1	2%	Entendimento	1
	Negativa	Ambivalência	4	7	27%	Ambivalência	2
		Modelo do Outro	3	5		Conflito	2
						Tolerância	1
	Facilitador	Apoio Filhos	1	2	9%	Apoio Filhos	3

Interferência Vivência	Facilitador	Apoio Financeiro	2	2	9%		
	Dificultador	Falta de Apoio Financeiro	2	2	11%	Rejeitante Filhos	1
		Necessidade de cuidados	2	2			
		Rejeitantes Filhos	1	1			
	Neutro	Dependência financeira	1	2	9%	Distantes	3
Distantes		2	2	Proximidade		2	
Interferência Relação	Dificultador	Conservadores	1	1	42%	Conservadores	1
		Controladores	3	3			
		Intrusivos	2	5			
		Opositores à relação	1	2			
		Rivalidade	4	8			

Papel Amigos						
Ameaçadores	Desconfiança	1	1	70%	Desconfiança	1
	Exclusão	2	2		Desvalorização Amigos Outro	2
	Preservação privacidade	1	1		Exclusão	1
	Rivalidade	1	2		Separados	1
	Rivalidade Outro-»Amigos	1	1			
Não Ameaçadores	Comuns	3	4	20%	Comuns	3
					Libertação	1
Reveladores	Admiradores	2	5	45%		
	Comparação	2	4			

Como Sou							
Rigidez	Facilitador	Cautelosa	1	1	10%	Humilde	1
		Líder	2	2		Valorização família	2
		Maturidade precoce	1	1			
		Responsável	2	2			
		Sensata	1	1			
		Valorização moralidade	1	2			
	Dificultador	Autoritária	1	1	9%	Compulsivo	1
		Inflexível	1	1		Conservador	1
		Orgulhosa	1	3		Obsessivo	1
		Rancorosa	1	3		Reservado	3
	Sociabilidade	Facilitador	Comunicativa	3	5	11%	Prestável
Extrovertida			1	2	Sociável		1
Prestável			2	2			
Sociável			1	1			
Dificultador						Boémio	1
						Valorização Amizade	1
Passividade	Facilitador	Preocupada	1	1	1%	Calmo	1
	Dificultador	Nostálgica	1	2	8%	Alheado	1
		Passiva	2	5		Comodista	1
						Esquecido	1
						Nostálgico	1
						Passivo	1

Afectividade	Facilitador	Boa Pessoa	1	2	12%	Paciente	1
		Carinhosa	1	1		Sentimental	1
		Maternal	1	7		Tolerante	1
		Sentimental	1	1			
	Difícultador	Sensível	1	2	2%		
Actividade	Facilitador	Activa	2	3	12%	Atento	1
		Auto-conhecimento	1	1			
		Aventureira	1	1			
		Criativa	1	1			
		Prestadora de Cuidados	1	1			
		Protectora	1	2			
		Valorização pessoal	1	2			
		Difícultador	Curiosa	2	2	7%	Desvalorização Relação
	Necessidade mudança		1	4			
Idealização	Facilitador	Criança feliz	1	1	7%	Especial	1
		Especial	1	1			
		Romântica	1	4			
Desvalorização		Culpabilização	2	10	20%	Dificuldade Envelhecimento	2
		Família destruturada	2	4			
		Fraca	1	1			
		Insegura	1	2			
		Mediana	1	1			

Como mudei						
Crescimento	Mais comunicativa	1	3	69%	Maior liberdade	1
	Menor Ansiedade	1	1		Valorização Pessoal	1
	Menos caprichosa	1	1			
	Valorização Pessoal	3	4			
Fragilidade	Mais ansiosa	1	1	23%		
	Mais deprimida	1	1			
	Mais sentimental	1	1			
Isolamento	Menos boémia	1	1	8%	Mais caseiro	1
					Menos boêmio	2
					Menos sociável	1

Como o Outro é							
Rigidez	Facilitador	Equilibrado	1	2	6%	Inteligente	1
		Sensato	1	2		Rigorosa	2
	Dificultador	Ambicioso profissionalmente	1	1	29%	Orgulhosa	1
		Arrogante	1	2		Teimosa	1
		Autoritário	1	1			
		Obsessivo	1	1			
		Pouco sensível	1	1			
		Reservado	4	12			
		Teimoso	1	1			
		Afectuoso	1	1		Boa Pessoa	3

Afectividade	Facilitadores	Espiritual	1	1	5%	Meiga	1
		Sentimental	1	1			
	Dificultadores	Agressivo	1	1	5%	Explosiva	1
		Impaciente	1	1			
		Sádico	1	1			
Passividade	Facilitador	Nostálgico	1	1	3%	Sossegada	1
		Pouco exigente	1	1			
	Dificultador	Alheado	1	2	21%		
		Amorfo	1	1			
		Passivo	1	9			
		Rotineiro	1	2			
Actividade		Criativo	1	1	2%	Prendada	2
Sociabilidade		Bom ouvinte	1	1	5%	Comunicativa	4
		Prestável	1	1		Sociável	1
		Sentido de humor	1	1			
Idealização	Facilitador	Especial	1	3	5%	Especial	1
Valorizante	Facilitador	Admirador	1	1	5%		
		Cavalheiro	1	1			
		Desculpabilizante	1	1			
		Família destruturada	2	2		Incompetente	1

Fragilidade	Dificultador	Incompetente	1	1	17%	Saúde frágil	2
		Infantil	2	4			
		Masoquista	1	1			
		Nervoso	1	2			
		Sensível	1	1			

Como mudou							
Autonomia	Positivo	Crescimento	1	1	6%		
	Negativo	Mais dependente	1	1	6%		
Vivência	Positivo	Maior abertura	1	2	63%		
		Mais atento	1	1			
		Mais comunicativo	2	3			
		Mais participativo	1	1			
		Mais rápido	1	1			
		Menos ciumento	1	1			
		Menos pessimista	1	1			
	Negativo	Menos paciente	1	1	6%		
Isolamento		Menos boémio	2	2	19%		
		Menos sociável	1	1			

o.	o.%
5	18%
1	
1	
4	36%
2	
1	
1	
1	
2	
1	
1	
1	
3	8%
1	10%
1	
2	
1	28%
2	
3	
5	

Legenda:
n.s.- Número de Sujeitos
o - Número de Ocorrências
o.% - Percentagem de Ocorrências

Totais Ocorrências	
Mulheres	72
Homens	39

1	55%
1	
1	
3	
1	
2	
2	
6	
3	
1	
5	21%
1	
2	
1	16%
3	
2	
1	8%
1	
1	

Totais Ocorrências	
Mulheres	63
Homens	38

1	50%
1	50%

Totais Ocorrências	
Mulheres	5
Homens	2

3	29%
2	
3	
1	
1	
5	24%
1	
3	
1	6%
1	
2	29%
2	
3	
2	
1	
3	9%

Totais Ocorrências	
Mulheres	34
Homens	33

4	20%
14	
1	
1	9%
1	
4	
2	
3	
4	54%
1	
1	
3	
13	
5	
4	
8	
2	
9	

Totais Ocorrências	
Mulheres	151
Homens	93

1	14%
1	
2	
7	
2	

1	3%
1	31%
1	
4	
2	
2	
2	
3	26%
2	
3	
2	

Totais Ocorrências	
Mulheres	140
Homens	39

1	41%
3	
2	
6	
4	

3	25%
2	
6	
1	
2	
1	5%
1	
1	
2	16%
7	

Totais Ocorrências	
Mulheres	136
Homens	56

3	52%
1	
5	
1	
11	
2	
2	
2	
1	
1	
1	2%

1	20%
2	
1	20%
2	

Totais Ocorrências	
Mulheres	36
Homens	15

1	53%
5	
2	
1	7%

1	19%
1	
1	
2	
1	8%
1	
1	31%
4	
3	
1	42%
1	
5	
3	

Totais Ocorrências	
Mulheres	53
Homens	26

1	

4	9%
1	
7	16%
1	
1	
1	2%
1	
1	2%
2	25%
4	
1	
1	
5	
1	

Totais Ocorrências	
Mulheres	95
Homens	56

2	11%
1	
1	
1	
1	

--	--

1	2%

--

2	5%
1	

7	27%
4	
4	

1	16%
3	
1	

Totais Ocorrências	
Mulheres	91
Homens	31

1	10%
1	
1	
1	3%
1	35%
1	
1	
1	
3	
1	
3	
1	6%
1	
1	6%
1	

2	6%
2	16%
3	

2	64%
1	
1	
1	
2	
1	9%
3	27%

4	44%

Totais Ocorrências	
Mulheres	15
Homens	11

Totais Ocorrências	
Mulheres	63
Homens	9

1	33%
2	
1	11%
1	11%

1	6%
2	35%
3	
1	
3	18%

Totais Ocorrências	
Mulheres	45
Homens	17

1	6%
3	29%
2	
1	6%

1	60%
3	
1	
1	
3	40%
1	

Totais Ocorrências	
Mulheres	20
Homens	10

1	9%
2	
1	22%
1	
1	
4	
2	9%
1	
1	19%
5	
1	3%
2	22%
1	
1	
2	
1	

Totais Ocorrências	
Mulheres	89
Homens	32

2	13%
1	
1	
1	3%
1	3%
1	3%
5	16%

1	22%
1	
2	78%
3	
2	

Totais Ocorrências	
Mulheres	13
Homens	9

1	13%
2	
1	13%
2	
3	17%

Totais Ocorrências	
Mulheres	66
Homens	24

1	17%
1	4%
1	4%
3	13%
4	21%
1	
1	4%
1	13%

2	10%

Totais Ocorrências	
Mulheres	16
Homens	0